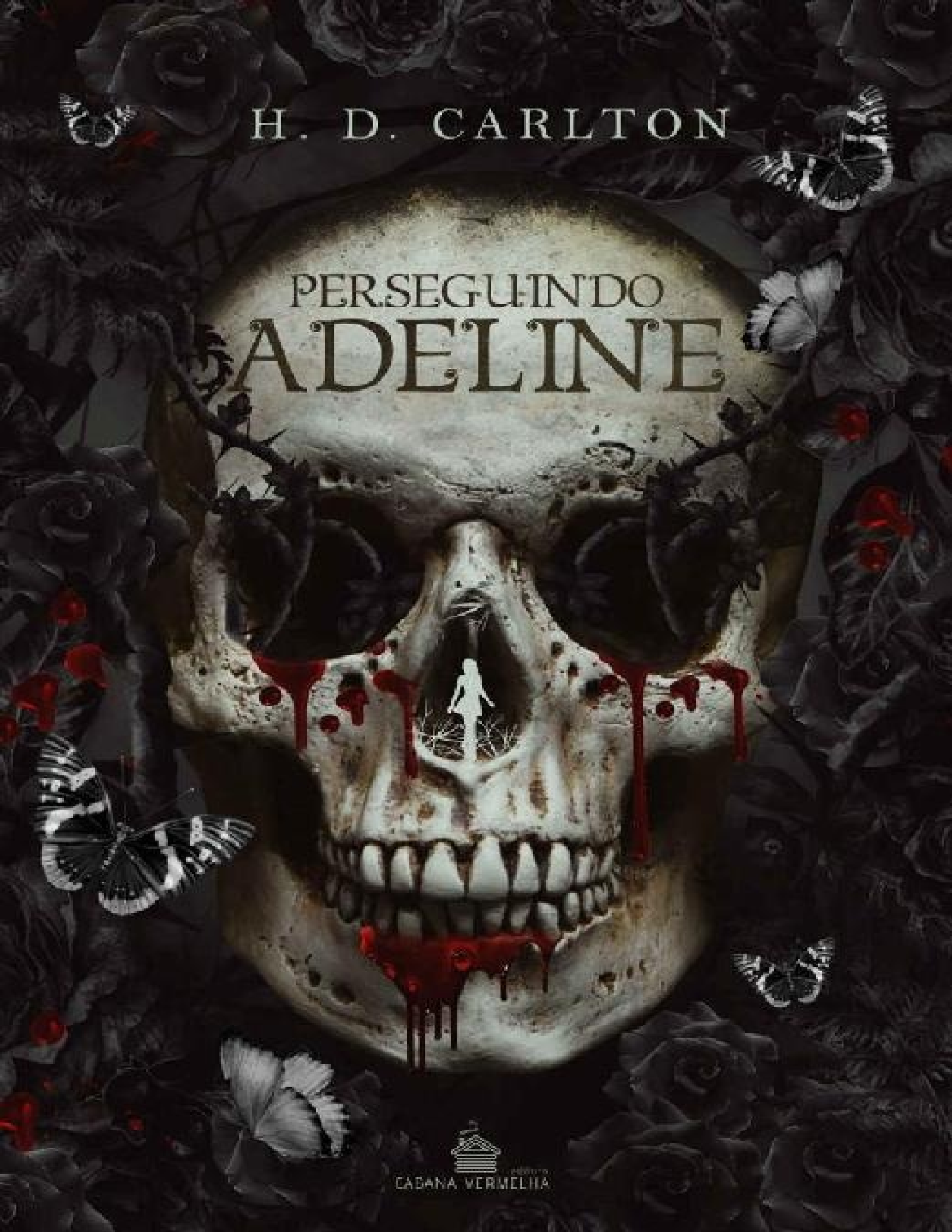

H. D. CARLTON
PERSEGUINDO
ADELINE
CASA NA VERMELHA

Table of Contents

PARTE I
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
PARTE II
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
EPÍLOGO
AGRADECIMENTOS
SOBRE A AUTORA

H. D. CARLTON

PERSEGUINDO ADELINE

TRADUÇÃO LUDMILA FUKUNAGA

2023

COPYRIGHT © 2022 HD CARLTON
COPYRIGHT © 2023 EDITORA CABANA VERMELHA
Todos os direitos reservados.
TÍTULO ORIGINAL: HUNTING ADELINE
Direitos de Publicação em acordo com Weaver Literary Agency

DIRETORA EDITORIAL
Elaine Cardoso

EDITORA
Mari Vieira

TRADUÇÃO
Ludmila Fukunaga

PREPARAÇÃO e COTEJO
Sophia Teixeira

REVISÃO
Bah Pinheiro

CAPA
Anael Medeiros

DIAGRAMAÇÃO
Kaique Martins

Esta obra foi revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo o uso da internet, sem permissão expressa do autor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

SUMÁRIO

PARTE I
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
PARTE II
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
EPÍLOGO
AGRADECIMENTOS
SOBRE A AUTORA

SINOPSE

O DIAMANTE

A morte caminha ao meu lado, mas o ceifeiro não é páreo para mim. Estou presa em um mundo cheio de monstros vestidos de homens, e que não são o que parecem. Mas não vão me segurar para sempre. Já não reconheço a pessoa em que me tornei, e estou lutando para encontrar o caminho de volta para a besta que me persegue durante a noite. Eles me chamam de diamante, mas o que fizeram foi criar um anjo da morte.

O CAÇADOR

Eu nasci um predador, com uma crueldade enraizada em meus ossos. Quando o que é meu é roubado durante a noite, como um diamante escondido dentro de uma fortaleza, percebo que já não consigo conter a besta. Derramarei sangue pelo chão enquanto despedaço este mundo para encontrá-la e trazê-la de volta para onde pertence. Ninguém escapará da minha ira, sobretudo aqueles que me traíram.

Atenção: Esta é a segunda e última parte da duologia. Você deve ler primeiro "Assombrando Adeline".

Gatilhos: Este livro termina em um cliffhanger. Os conteúdos são muito sombrios, com situações de gatilho, como CNC e consentimento duvidoso entre os personagens principais, violência, tráfico de pessoas, perseguição, tráfico infantil e situações sexuais explícitas.

Há também fetiches específicos, como jogo com armas, sonofilia, bondage e humilhação.

Para minha ansiedade,
Porque você realmente me testou neste livro e eu dei um chute na sua bunda mesmo assim.

NOTA IMPORTANTE:

Como alguns de vocês devem saber, o primeiro livro deste dueto, Assombrando Adeline, foi banido devido aos avisos. Mas eles são muito necessários e estão disponíveis no meu site.

Este livro contém situações de gatilho muito sombrias, particularmente uma de sete letras que começa com E e termina com O, embora NÃO entre os personagens principais. Está criativo o suficiente, ‘Zon? Essas cenas podem estar bastante detalhadas então, *por favor,* prossiga com cautela. Há também violência gráfica, agressão sexual, situações sexuais explícitas, tráfico humano, TEPT (Transtorno de estresse pós-traumático) e excentricidades muito particulares, como jogos com sangue, jogo com faca, humilhação e sonofilia.

Este livro é **significativamente** mais sombrio do que o primeiro. Por favor, leve esses avisos a sério.
Sua saúde mental importa.

NOTA DA AUTORA:

Se está esperando um reencontro rápido, este livro não é para você.
Não se preocupe, isso não torna a história menos apimentada.

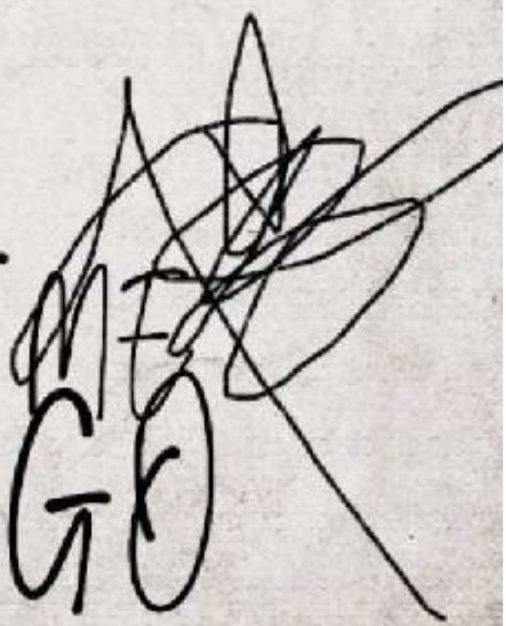
Playlist

Story of the Year- Miracle
Sophie Simmons- Black Mirror
Klergy- No Rest for the Wicked
gavn!- Crazy
Bad Omens- The Death of Peace of Mind
A.A. Bondy- Skull & Bones
Echos- Saints
Jacqui Siu- Danger
Young Summer- Will It Ever Be the Same
MJ Cole & Freya Ridings- Waking Up
Skillet- Monster
Zero 9:36- Tragedy
Skylar Grey (feat. Eminem)- Kill for You
Aaron Camper- Hypnotizing
Gavin Haley- Sad Season
Glimmer of Blooms- Can’t Get You Out of My Head
Ghostly Kisses- Spellbound
Echos- Guest Room
Red- Let It Burn

PARTE I

Let me go. Let me go. Let me go.
Pleasepleaseplease PLEASE

PLEASE PLEASE
PLEASE
FUCKING LET ME GO



CAPÍTULO 1
O DIAMANTE



Olfato. O primeiro dos meus sentidos a reaparecer. Eu gostaria que fosse qualquer outro, porque sou de imediato dominada pelo odor corporal, colônia forte e o que só pode ser descrito como o fedor do mal encarnado.

E, então, meu sexto sentido se desperta, sussurrando notas de advertência e urgência.

Estou em perigo.

Essas notas se transformam em uma música cheia de gritos e barulhos altos, enchendo meu corpo com um pânico angustiante. A adrenalina chega a seu pico, e mal tenho consciência o suficiente para permanecer o mais quieta possível.

Lentamente, abrindo meus olhos grudados por uma crosta de sangue, sou saudada pela escuridão completa. Leva um segundo para processar que há uma venda amarrada em volta da minha cabeça.

Então, o feliz entorpecimento em que acordei some, e perco o fôlego quando uma dor desmedida toma conta, engolindo meu corpo em absoluta agonia.

Deus, é assim que é estar viva? Isso não pode ser o pós-morte. Estaria em paz se fosse. Posso ter me apaixonado por um *stalker*, mas não vou me conformar se não tiver conquistado um lugar no céu.

Eu mereci essa merda.

Colocando meu cérebro para funcionar, tento pensar além da dor e lembrar o que diabos aconteceu comigo. Lembro-me vagamente de mensagens de texto de Daya me pedindo para ir até sua casa. O desespero que senti por ela não atender minhas ligações. Entrar no carro, faróis, pânico, uma batida por trás e, depois, nada.

E agora estou aqui… onde quer que seja. Mas não em algum lugar seguro.

Meu Deus, era mesmo Daya me mandando mensagens? Aconteceu alguma coisa com ela também?

A possibilidade envia outra onda de pânico através de mim. Cenários passam

pela minha mente até que eu me torne um emaranhado de ansiedade e agonia. Ela pode estar ferida ou em apuros.

Porra, *eu* estou ferida e em apuros, e não tenho ideia de como diabos vou sair dessa.

Minha respiração acelera ainda mais, e meu coração bate tão forte que fisicamente dói em meu peito. É preciso a pouca força que me resta para ficar em silêncio.

Onde diabos estou?

Onde está Zade?

Vozes baixas e monótonas são as próximas coisas que noto, abafadas pelo zumbido nos meus ouvidos, mas cada vez mais altas. Eu me concentro, tentando ouvir sobre a batida do meu coração e sobre a dor enchendo meu corpo como se fosse um balão de água.

De alguma forma, a agonia tem uma voz também, e é alta pra caralho.

— Z procurará por ela — um homem diz em tom baixo. — Mas ficaremos sossegados assim que chegarmos ao Garrison's e largarmos a van. Vamos levá-la até lá rapidamente.

Uma memória em particular me bate na cabeça, *flashes* de ser arrastada para fora do meu carro e a dor residual de vidro e metal cortando minha pele. Isso explica o porquê minhas costas estão pegando fogo.

Fui sequestrada, porra – *obviamente*. Deve ter sido obra da Society. Zade disse que eles me marcaram, e sei que ele tinha guardas do lado de fora do Casarão Parsons. Devem ter usado Daya para me atrair, o que significa que há uma grande chance de ela também ter sido levada.

Porra, eu sou uma idiota.

Nem parei para pensar que poderia ser uma armadilha quando Daya não atendeu ao telefone. Estive tão empenhada em alcançá-la, caso estivesse machucada ou em apuros, que nem considerei ligar para Zade. Ele não só poderia ter me salvado, mas também poderia ter salvado Daya.

Fecho os olhos enquanto um soluço sobe pela minha garganta. Uma lágrima escorre através dos meus cílios e meu peito treme com o esforço, tentando não desmoronar. Tudo isso foi culpa minha, porra.

Zade me avisara inúmeras vezes de que estavam atrás de mim e, na primeira armadilha que armaram, caí direto.

Você é tão idiota, Addie. Uma idiota de merda.

— Você realmente acha que seremos capazes de escondê-la dele? É a porra do Z, cara — responde outro homem, este com um leve sotaque hispânico.

— Estamos apenas dando à Society o que pediram. De qual você tem mais medo? Deles ou do Z?

Porra, *era* a maldita Society. Eu já sabia, mas ouvir a confirmação envia uma nova dose de adrenalina para o meu corpo.

Não sei por que fui jogada nessa merda, mas precisam me tirar dessa salada fodida de depravação; não pertenço aqui. Pertenço a uma salada cheia de frutas e legumes. Coisas saudáveis que não me jogam para fora da estrada e me escravizam.

O segundo homem murmura:

— Prefiro não ter que escolher, porra.

O próximo som é o de uma mão batendo no ombro ou nas costas de alguém como que para tranquilizá-lo.

— Pena que você não tem escolha, Rio. Não importa. Essa garota aqui vale milhões. Quero dizer, temos um diamante aqui. Apenas imagine, cara, a garota de Z, a primeira e única, em um palco de leilão. Você sabe quantos inimigos ele tem? As pessoas vão espumar pela boca para fazê-la de brinquedinho. Vou receber minha parte de Max, e a Society vai compensá-lo, tenho certeza. Viveremos da forma mais extravagante, porra. — Ele solta uma gargalhada de hiena. — Poderei comprar a porra de uma ilha particular quando o dinheiro entrar!

Uma injeção de raiva circula em mim ante as palavras insensíveis do homem, falando como se eu fosse uma casa à venda.

— Sua ideia de conforto deve ser diferente da minha. Teremos que nos esconder junto com ela. Pelo menos, enquanto Z estiver vivo — responde o segundo homem, Rio. Seu nome soa familiar, e acho que me lembro vagamente de alguém gritá-lo depois de me tirar da estrada.

— Não se preocupe, cara. Vamos ter uma vantagem com o ritual acontecendo esta noite, e tenho certeza de que a Society eliminará Z, de uma forma ou de outra. Eles vão nos proteger.

Um bufo zombeteiro é a única resposta que o primeiro homem recebe.

Jesus Cristo, eu realmente estou em apuros. Lágrimas brotam nos cantos dos meus olhos e, por mais que eu tente, sua conversa depreciativa não as impede de transbordar como rios e passar pela venda.

Mal consigo controlar o soluço que ainda ameaça se libertar, arranhando seu caminho até o interior dos meus dentes.

Respire fundo, Addie. O que Zade te ensinou?

Levam vários segundos para reunir meus pensamentos, mas, eventualmente,

sua voz vem à tona.

Deixe provas.

Cerrando os dentes contra a dor, agarro os fios do meu cabelo lentamente e os puxo até que se soltem. As alfinetadas agudas nem se comparam à dor no resto do meu corpo.

Mantenho meus movimentos mínimos e lentos. Com a venda, não tenho ideia se me enxergam. Um movimento pelo canto do olho pode alertá-los.

Mexo os dedos até que os fios se soltem e caiam.

Assim que puxo mais cabelo, o carro passa violentamente por uma lombada, e não consigo evitar que o ganido escape.

A dupla não falava naquele momento, mas pareceu como se uma sala lotada tivesse caído em silêncio mortal em questão de segundos.

— Bem-vinda à terra dos vivos, querida — um dos homens fala como se cantasse. É o primeiro cara, o que havia se referido a mim como um “diamante”.

— Para onde estão me levando? — pergunto, minha voz rouca e áspera.

— Para o seu novo lar… bem, lar temporário — ele corrige. — Quem pagar mais, vai te dar um lar para sempre. — Ele ri como se eu fosse um cachorro prestes a ser adotado por uma família amorosa.

— Ótimo — resmungo. — Parece que eu tirei a sorte grande.

Um deles ri sem graça, mas, desta vez, soa como Rio.

— Se agarre ao senso de humor, garotinha. Vai precisar dele aonde está indo.

Antes que possa abrir a boca para responder, sinto uma picada no braço, seguida por uma sensação de queimação que se espalha por minhas veias.

Eu puxo o ar. E, por acaso, é o último suspiro que dou antes que a escuridão tome conta.



— Seus sinais vitais estão instáveis e sua pressão sanguínea está caindo. Precisamos colocar uma IV.

Eu me mexo; a voz desconhecida distorcida sob o zumbido em meus ouvidos.

A agonia queima cada centímetro do meu corpo, mas parece que estou debaixo d'água, lutando para chegar à superfície, só que nadando para longe, porque sei que a dor só vai se intensificar. Estou envolta em uma mortalha de fogo, chamas lambendo minhas terminações nervosas e, quanto mais perto chego da consciência, mais brilhante é o clarão.

Há uma pequena picada no meu braço, seguida por vozes abafadas vindas de

diferentes direções.

— Ombro deslocado, traumatismo craniano, lacerações por todo o corpo. — A voz do homem desaparece, antes de voltar com um grito áspero que percorre minha espinha.

— Droga, Rio, este não é um maldito hospital onde tenho o equipamento de que preciso. Pelo que eu sei, ela pode estar com hemorragia interna neste momento.

— Vamos, cara, ela estava bem há pouco — responde outro, uma nota de preocupação em seu tom. Companheiro de Rio, eu acho.

— *Bem*? Não tenho como saber que tipo de dano ela sofreu. É evidente que ela bateu a cabeça. Pode estar com hemorragia e morrer em segundos. Você vai me encontrar um scanner de tomografia computadorizada? — Ao se deparar com o silêncio, um murmúrio de "Foi o que pensei" se segue.

A escuridão lambe a borda da minha consciência, ameaçando me arrastar de volta. Eu gemo, e dedos apalpam e abrem meus olhos. Uma luz brilhante pisca neles, porém eu mal noto.

— Senhorita, pode me dizer onde dói?

A luz é substituída por um homem mais velho, seu rosto se amontoando sobre mim. Sua imagem está embaçada, mas posso distinguir tufos de cabelos grisalhos, um bigode espesso e olhos azul-claros.

Separo meus lábios, mas minha língua gruda no céu da boca.

Deus, o que me injetaram? Seja o que for, me deixa desorientada e tonta.

— Sei que você está com muita dor agora, mas preciso que me diga onde dói.

Tudo. Tudo dói, porra.

— Meu… ombro — resmungo finalmente. — Minha cabeça.

— Qualquer outro lugar? Seu peito ou estômago?

— Costas — suspiro, lembrando-me mais uma vez de ser arrastada para fora do carro. Sinto como se minhas costas tivessem sido desfiadas com um ralador de queijo.

— Isso é tudo? — ele pressiona.

Concordo com a cabeça, as incessantes perguntas são exaustivas. Um milhão de outros lugares também doem, mas minha energia se esgotou e estou muito cansada.

—Vou colocar você sob anestesia e te consertar, ok?

Meus arredores ficam mais nítidos e as feições do homem se definem. Junto com outro homem atrás dele, que balança os pés e nos observa.

Hora de dormir, princesa.

Olhos escuros insondáveis e um sorriso malicioso – Rio. Foi ele quem me arrastou para fora do carro. *Flashes* dessa conversa me escapam, mas sei que havia mais do que isso. Não consigo pensar para além do implacável martelar em meu crânio.

Assim que meus olhos começam a focar, minha visão turva mais uma vez, e minhas pálpebras ficam pesadas. Não consigo lutar contra o profundo puxão para que eu apenas feche os olhos.

Não quero lutar contra isso. Não quando vai me levar para longe da dor.



Addie, querida, preciso que lute por mim, está bem? Preciso que você sobreviva até eu chegar a você.

— O quão danificada ela está?

A pergunta me tira do poço sem fundo em que eu flutuava, onde apenas uma ilusão da voz de Zade vive. Não é real – sua voz não está ali de verdade. Mas parece tão real. Tão reconfortante, que luto para ficar onde posso ouvi-lo.

— O que você acha? Você a tirou da estrada.

Além da resposta raivosa, há uma onda de dor surda pulsando por todo o meu corpo. Ouço um suspiro, e então o homem mais velho continua:

— Ela terá algumas cicatrizes pelas costas, causadas pelo vidro. Você tem sorte por eles estarem relativamente limpos, então as cicatrizes não serão tão terríveis.

— Isso vai diminuir o valor dela — uma voz murmura, muito baixa para discernir de quem é.

— Cale a boca, você será pago independentemente disso. Por que se importa, porra?

— Hum, talvez porque seu estúpido erro está arriscando minha *vida*? Jesus, Rio, eu sabia que ela estava machucada, mas não *tão* mal assim!

O que quer que Rio fosse dizer, é cortado pela voz desconhecida – aquela que deve ser do médico.

— Ela tem trinta pontos entre as duas lacerações maiores porque foi arrastada por metal afiado e vidro. Não tinha como você não supor que causaria danos permanentes — diz ele, claramente tomando o lado do companheiro de Rio.

— *Caramba,* Rio. Você percebe que isso pode sair da porra do meu bolso, certo? Eu pedi para me ajudar, não para você foder tudo para mim.

— Como diabos você esperava que eu a tirasse, hein? Levantasse o carro

como se eu fosse a porra do Super-Homem e o virasse para que eu pudesse carregá-la nos braços como um herói? — Rio cospe as palavras.

Meu peito aperta. A aspereza de seu tom é como o arranhar de pregos em um quadro-negro. Acordei com *aquela* maldita voz muitas vezes agora. E, todas às vezes, é um lembrete gritante de que fui puxada para um pesadelo e ainda não encontrei a saída.

— Se você não tivesse batido no carro com tanta força, nada disso estaria acontecendo, seu merda.

— Se *você* não estivesse tão drogado e gritando no meu ouvido, você teria sido a porra do motorista como *deveria*.

— Senhores, vamos respirar fundo. Ela está acordada. Sua pressão arterial está subindo.

Minha respiração para, mas não me incomodo em fingir. Lentamente, abro os olhos para ver três homens ao meu redor, olhando para mim como se eu fosse um rato de laboratório em um experimento.

Um experimento horrível pra caralho.

Meus olhos colidem com um par escuro primeiro. Quase preto e sem vida pela falta de calor. Tatuagens cobrem sua pele marrom-clara, as folhas de louro em ambos os lados de sua garganta são as primeiras a prender minha atenção. Ele veste uma jaqueta de couro com zíper, mas a tintura preta percorre suas mãos e cada um de seus dedos, indicando que provavelmente está coberto por ela. Tem feições angulares distintas, sobrancelhas grossas arqueadas, juntamente com uma cicatriz que marca a lateral de seu cabelo preto cortado rente, completando sua aparência quase selvagem. Seria atraente se não parecesse que preferiria me ver morta.

Meu olhar se move para o homem ao seu lado; ele tem aparência suja, com cicatrizes no rosto pelo aparente uso de drogas. Um tufo de cabelo oleoso é coberto por um boné virado para trás, uma camisa suja e calças grandes demais. Eu o reconheço como o outro homem que me sequestrou.

Finalmente, olho para o terceiro homem, que suponho ser o médico. Cabelos grisalhos, olhos azuis, bigode espesso e rugas que perturbam a expressão suave em seu rosto. Seu olhar é mais tranquilo, combinando com o tenor em que ele fala. Mas algo está errado com ele. Uma vibração profunda e penetrante que não consigo identificar.

Desvio o olhar, um tremor frio se instalando profundamente no âmago dos meus ossos. A dor surda e latejante fica mais aguda, mas ainda não tão potente em comparação com quando acordei naquela van. Quaisquer que sejam os

analgésicos injetados no meu sistema, devem estar perdendo o efeito, e não sou orgulhosa o suficiente para não implorar por mais.

Todos os meus músculos doem tão profundamente que sinto como se uma casca dura tivesse se moldado ao redor dos ossos. Estou incrivelmente rígida, e cada movimento dói.

Respirando através das dores, olho ao redor. Estou em um quarto lúgubre e branco. É… estéril aqui. Não é limpo como um hospital, que é onde esperava estar, mas tampouco estamos em uma masmorra.

Não sei por que eu sequer esperava isso.

Paredes brancas sujas, piso de concreto e armários prateados se alinham em quase todas as paredes da sala. Ao lado da maca, há uma grande mesa de metal com uma tigela e vários instrumentos dispostos sobre um pano ensanguentado.

Diferentes tipos de aparelhos estão distribuídos por toda a sala. Embora eu não reconheça a maioria deles, o dispositivo de bipe ao meu lado monitorando meus sinais vitais é familiar, assim como o IV que se conecta diretamente ao meu braço.

O médico pega um copo de isopor da mesa ao lado da minha cama e me entrega.

— Beba devagar — instrui ele.

Trêmula, pego a xícara e tomo um gole. A água fria parece despejar gelo em uma queimadura. Aliviando dolorosamente.

Cobertores brancos e ásperos me cobrem até a cintura e, ao olhar para baixo, percebo que visto apenas um avental azul-claro.

De alguma forma, essa é a pior parte. Eles podem ver a evidência do quão frio está aqui.

Percebendo onde meus olhos se fixam, o médico fala:

— Peço desculpas por sua roupa. Tive que cortá-las para que eu pudesse tratá-la adequadamente e avaliar o dano que você sofreu.

— Você pode agradecer ao Rio por isso — o homem sujo murmura baixinho. Alto o suficiente para eu perceber para além do medo quase constante girando continuamente na minha corrente sanguínea.

— Cale a boca, Rick — retruca Rio, seu sotaque se acentuando com a fúria. — Ou eu mesmo vou te matar e, ao contrário do seu precioso diamante, ninguém vai sentir sua falta.

Isso… isso é um terror diferente de tudo o que já senti antes. Não é nada como o medo que Zade invocava em mim e, definitivamente, não é a emoção barata que ganho de casas mal-assombradas e filmes de terror. É assim que você se

sente quando está bem e verdadeiramente fodido.

O monitor trai meu corpo, o bipe aumenta até que o médico o olhe com preocupação.

Eu mal me lembro dos eventos depois que fizeram meu carro capotar. No entanto, me recordo vagamente do rosto de Rio pairando sobre mim depois de me arrastar para fora do carro, sua boca se movendo, mas suas palavras me escapavam. Todas, exceto quatro:

Hora de dormir, princesa.

— Onde estou? — sussurro e então tusso, limpando um pouco do catarro da minha garganta.

— Na porra do Hotel Ritz-Carlton, princesa. Onde você acha? — Rio estala, suas feições ainda tensas pela raiva.

Rick o encara com uma expressão acusatória no rosto marcado de varíola, mas, por sua vez, mantém a boca fechada, claramente levando a ameaça de Rio a sério.

É óbvio que Rio fodeu tudo, e há uma parte de mim que torce para que o matem por isso.

— Meu nome é Dr. Garrison — o homem de cabelos grisalhos se apresenta, deliberadamente parando na frente de Rio. Engolindo, permaneço em silêncio. Se o idiota espera que eu lhe dê meu nome como se estivéssemos em uma porra de uma entrevista, então ele pode enfiar o suporte intravenoso em sua bunda.

— Como está se sentindo? — pergunta ele, aproximando-se. Eu me irrito e, antes que possa lhe dizer exatamente o que estou sentindo, ele se antecipa, parecendo prever minha resposta espertinha. — Imagino que uma dor de cabeça. Alguma náusea?

Aperto os lábios. Provavelmente foi melhor ele se desviar do interrogatório. Minha boca só me mataria se eu deixasse a língua solta.

Não vou me safar como fiz com Zade – embora eu considere “me safar” relativo. Mesmo quando ele começou a se fazer presente e a me aterrorizar completamente, sempre houve uma estranha sensação de segurança em empurrar seus limites; como se, no fundo, eu soubesse que Zade nunca me machucaria de verdade. Algo que só faz sentido agora, que conseguiu se infiltrar na minha vida.

O homem é incrivelmente perigoso… para todos, menos para mim. Ainda quando tinha uma arma carregada apontada em minha direção e a usava para mais do que apenas armamento.

Mas esses homens? Não apenas me machucariam, como me matariam.

— Náusea — corto, minha voz ainda rouca. Dr. Garrison começa a mexer na

IV, substituindo a bolsa de fluido vazia por uma nova. Espero que seja morfina.

Dreno o resto da água em meu copo, mas isso faz pouco para aquiescer a secura perpétua na garganta. Não importa quantas vezes eu lamba meus lábios rachados, parece nunca haver umidade suficiente.

— Você tem uma concussão muito desagradável. O que significa que teremos que monitorá-la de perto. Quero garantir que você não tenha mais danos. — Ele lança ao par um olhar de reprovação, e tenho a sensação de que é algo sobre o qual já discutiram.

Minha boca se move no piloto automático, abrindo e se preparando para lhe dizer para não perder seu tempo, já que os outros dois garantirão que meu corpo aguente muito mais danos.

Sentindo minha intenção, Rio interrompe:

— Eu te desafio. — Sua voz é severa e ameaçadora, chamando minha atenção. — Sua boceta ainda funcionará de qualquer maneira, mesmo se você tiver danos cerebrais.

Minha boca se fecha e desvio meu olhar de volta para o Dr. Garrison. Seus lábios estão pressionados em uma linha branca, aparentemente não impressionado com as palavras grosseiras de Rio.

Cala a boca, Addie. Nós acabamos de passar por isso, idiota.

— Você experimentou um trauma extenso e, apesar do que qualquer um diz — ele dirige um olhar desagradável a Rio —, nós precisamos de você em ótima forma.

Precisam que eu esteja em boas condições para que valha alguma coisa. Mas não discuto, não quando isso me beneficia. Curar significa ganhar energia para fugir.

Lambendo os lábios, pergunto:

— Que dia é hoje?

— Você realmente acha que isso é importante? — rebate Rick. — Não pode fazer perguntas.

Eu me esforço para não responder. Meus lábios tremem com o desejo de ofendê-los. Mas consigo me conter.

— É quinta-feira — Dr. Garrison responde de qualquer maneira, ignorando o olhar maldoso do homem sujo.

Quinta-feira…

Já se passaram cinco dias desde o acidente de carro.

Zade deve estar procurando por mim neste momento. Muito possivelmente fora de si e em fúria… Jesus, ele provavelmente vai matar um monte de gente.

Não, ele *definitivamente* vai. E, quando um sorriso começa a se formar, eu sei que o homem me corrompeu de verdade.

— Algo engraçado? — pergunta Rick. Reprimo o sorriso e balanço a cabeça, mas tudo o que consigo pensar é que, mesmo que eu morra, todos eles morrerão. E o seu fim vai ser muito pior que o meu.

À medida que se enraízam as fantasias sobre todas as maneiras pelas quais Zade causará estragos, minhas pálpebras começam a ficar pesadas, e a fadiga vence a pequena explosão de adrenalina que corria pelo meu corpo.

Os três homens me observam com atenção e, mesmo em meu estado de concussão e fratura, não preciso de um cientista para me dizer que, seja o que for com que me drogou, não é morfina.

Meus olhos pousam em Rio, e minhas pálpebras se fecham involuntariamente antes que eu as force a abrir. Seus lábios se curvam para os lados, diversão mordaz girando naqueles poços escuros.

— Hora de dormir, princesa.

8 de junho de 2008

O que eu fiz para merecer essa merda? Eu tenho 20 anos. 20 ANOS. E agora eu vou morrer. Jesus.

E tudo em que posso pensar é no que vai acontecer com minha irmãzinha. Minha mãe não conseguiria tomar conta dela nem que a sua vida dependesse disso.

Porra. Porra, minha irmã também vai morrer.

Saber disso me machuca mais do que as coisas que esse homem me fez. Mais do que Francesca me fez.

É apenas físico. Eles não têm o poder de me quebrar psicologicamente porque eu já estou quebrada pra caralho.

MOLLY

CAPÍTULO 2
O CAÇADOR



Não é muito frequente que as pessoas me surpreendam.

Espero o pior de todos, até mesmo de mim. *Especialmente* de mim.

Mas quando a voz é registrada através da névoa de agonia nublando minha cabeça, tudo o que posso sentir é espanto e a pressão fria do metal na parte de trás do meu crânio.

— Que bom que você conseguiu descobrir isso, Jason Scott. Agora, vamos ver essas mãos, caso contrário, esta única bala vai encontrar o seu caminho em ambas as suas cabeças.

O sentimento exato é refletido no rosto de Jay quando suas feições se suavizam e os olhos se arregalam, sua voz saturada de total perplexidade enquanto ele murmura:

— *Você?*

— Sim. Eu.

Filha… da puta.

Minha mente acelera, girando por cada encontro com ela e tentando descobrir como diabos deixei isso passar – não percebi que ela era um lobo em pele de cordeiro.

Ela desempenhou seu papel muito bem.

— Isso realmente machuca meus sentimentos, você sabe — digo com os dentes cerrados, o músculo da minha mandíbula pulsando.

— Tenho certeza de que você vai superar isso.

O grito torturado de um homem ecoa de algum lugar à minha esquerda, a fumaça pesada o escondendo.

Uma bomba explodiu em algum lugar, me jogando de volta no altar de pedra que usavam para seus rituais de sacrifício. Não tenho ideia de que porra de dano me causou, mas, se a dor crescente em todo o meu corpo é algum sinal, preciso ir a um hospital.

E não preciso de uma cartomante para me informar que conseguir ajuda não está no meu futuro próximo.

A caverna artificial subterrânea em que estamos ainda está repleta de caos, lamentos de agonia e terror ecoando nas paredes de pedra, piorando o latejar no meu crânio.

Este inferno é onde a Society sacrifica crianças. Algum tipo de iniciação para serem acolhidos em um clube que lhes fornece um amplo número de inocentes para estuprar e assassinar.

Vídeos vazados surgiram na *dark web*, o primeiro há nove meses. Desde então, tenho trabalhado dia e noite para presenciar esse ritual.

E eu finalmente consegui.

Mas, evidentemente, a Society me viu chegando e se preparou para isso.

Dan – o homem que me colocou aqui dentro – mencionou que eles haviam pegado o culpado por vazar os vídeos.

Estava distraído demais para perceber a armadilha, quando outro vídeo apareceu na web em seguida. Um vídeo liberado intencionalmente, sabendo que eu o veria e encontraria meu caminho para o clube. Eles me atraíram para que pudessem me tirar de cena.

— Você me custou uma garotinha, *Z* — a cadela diz atrás de mim.

— Parece que você sabia que era uma possibilidade — respondo, um pouco sem fôlego. Dói até mesmo para respirar, e a dor se intensifica a cada segundo.

A garotinha no altar que me foi oferecida e a três outros homens foi tirada daqui – espero que antes da explosão. Confiei sua segurança a um dos meus homens, Michael, e ainda não tive notícias dele.

— Vocês dois… de pé. Vocês vêm comigo.

— Posso estar um pouco fodido no momento, mas não espere que eu não te mate na primeira chance que tiver — aviso, quase gemendo quando minhas costas têm um espasmo. Porra, mais do que tudo, eu gostaria que essa merda fosse como nos filmes, em que ser explodido por uma bomba e logo depois proceder para salvar o mundo fosse possível.

— Você não vai fazer isso, Z. Quer saber por quê?

Congelo, uma sensação de apreensão já se formando na boca do estômago. É como se a boca de *Tubarão* acabasse de se abrir e meu coração fosse o nadador desavisado prestes a ser engolido inteiro. É melhor que ela não diga o que diabos eu acho que vai, ou vou perder a cabeça.

Minha voz está mortalmente calma quando digo:

— Juro, por tudo o que é sagrado: vou te destruir se tocar na minha garota.

Seu silêncio como resposta fala por si, e tudo fica preto. Minha visão se apaga, e um tsunami de raiva me atinge. Cerro os punhos, lutando para recuperar o controle de mim mesmo.

— Zade.

A urgência range os dentes para a minha paciência, gritando para eu me levantar e encontrar minha ratinha. Preciso chegar até ela agora, antes que a levem para longe demais.

— *Zade.*

Quem sabe quão longe já a levaram, ou o quanto a machucaram…

Meu corpo trava com o pensamento, imagens do que podem estar fazendo com ela percorrendo minha mente. Se eles a tocarem…

— Porra, ZADE! Olhe para mim, cara.

A voz de Jay é finalmente registrada, mas não consigo vê-lo. Eu não consigo ver *nada*.

A arma é pressionada à minha cabeça com mais força, como um aviso. Não me lembro de me mover, mas estou de joelhos neste instante, minha coluna ereta ao olhar para frente. Não vejo nada além de uma imagem minha rasgando o corpo da cadela em pedaços, membro por membro, com meus malditos dentes.

— Fique deitado — ela sibila atrás de mim.

— Deixe-me… porra, ele vai fazer algo estúpido. — Jay sai correndo, a voz em pânico. Na lateral da minha cabeça, dor de um punho voando na têmpora explode. Minha visão volta rapidamente, o rosto do meu braço direito surgindo, seus olhos castanhos a centímetros de distância.

— Se controle, porra — ele brada com os dentes cerrados. A veia em sua têmpora pulsa, suor escorrendo por seu rosto vermelho.

Minha mão está enrolada em torno do cano pressionado firmemente na minha cabeça, a segundos de tirá-lo da posse dela.

— Deixe pra lá — Jay ordena bruscamente. — Você tem sorte de não ter uma maldita bala na cabeça neste exato momento. Ainda não tem como matá-la.

— Eu gostaria de ver você tentar — ela cospe, me cutucando com a arma. Apertando a minha mandíbula, eu a solto e descanso as mãos nos joelhos. Meus músculos estão vibrando tão intensamente, tão rápido; meu corpo parece estar parado. Mas posso sentir cada tremor enquanto ela continua: — Você pode achar que é poderoso, mas qualquer pedacinho de poder que tenha é insignificante comparado aos meus. Posso fazer você desaparecer, e ninguém jamais saberá que existiu.

Rosno, na iminência de demonstrar o quão errada está, mas, por enquanto,

mantenho meus dentes colados. Jay está certo. Ela tem uma arma na minha cabeça e pode acabar com minha vida em questão de segundos. Uma bala é mais rápida do que eu, e não tenho dúvidas de que ela cumpriria a ameaça e mataria Jay em seguida.

Fechando os olhos, inalo profundamente e me levo a um lugar assustador a que raramente tive que ir. A dormência se espalha e a tranquilidade substitui a raiva incandescente. Minha mente fica em silêncio e, ao reabrir os olhos, Jay endireita sua coluna.

O que quer que ele veja o enerva.

Preciso sair dessa situação para encontrar Addie. Só então, ficarei mais do que feliz em mostrar a essa filha da puta exatamente do que sou capaz. Este mundo vai arder pra caralho, e vou segurar seu rosto no fogo e vê-la derreter na minha ira.

— Você a pegou? — pergunto. Sei que sim, mas preciso ouvir a confirmação de sua boca de qualquer maneira.

Sinto seu hálito quente em meu ouvido, seguido por sua voz suave e zombeteira.

— Sim. Eu a peguei e vou vendê-la apenas para aqueles com os desejos mais doentios. E você não pode fazer nada quanto a isso.

Uma coisa que passei a detestar desde que formei a *Z* é ter uma imaginação incrivelmente vívida. Neste campo de trabalho, é uma maldição. Sempre que vejo um novo vídeo postado na *dark web* ou recebo informações em uma nova rede, os primeiros pensamentos que vêm à mente são todas as coisas depravadas e doentias que estão sendo feitas a essas mulheres e crianças.

Minha própria mente me tortura com essas imagens. E, mais tarde, serei atormentado por elas, exceto que será minha garota que estarão machucando.

Mas agora? Estou feliz pra caralho por isso.

Porque, neste exato momento, gosto de todas as maneiras como imagino matar Claire Seinburg.

— Então — eu começo, grunhindo quando uma pontada particularmente dolorosa surge nas minhas costas —, Mark nunca foi seu agressor, não é?

Ela ri.

— Ah, ele era. Simplesmente não sabia o que cada vez que colocava as mãos em mim significava para ele. O idiota nunca descobriu que era eu quem puxava todas as cordas. Ele era muito estúpido.

Ela anda em volta de Jay e eu, a arma ainda apontada para a minha cabeça enquanto seus lábios vermelhos se estreitam em um rosnado. A cor que mancha

sua boca rivaliza com a de seu cabelo. Um vermelho tão brilhante, que se emoldura em torno de seu rosto e dos ombros cobertos com a túnica. Durante o ritual, era ela a pessoa misteriosa sob o capuz, oferecendo uma faca que sabia muito bem que eu nunca usaria naquela garotinha. Em vez disso, essa mesma faca foi para a garganta de outro.

— Essa é a melhor coisa sobre a espécie masculina. Vocês estão todos tão preocupados com seus próprios problemas que nunca pensaram que poderia ser uma mulher no comando. Nunca suspeitaram da esposa mansa e abusada porque todos vocês supunham que eu era *fraca*.

Solto uma risada seca.

— Errado. Eu não suspeitei da esposa abusada apenas porque não conseguia imaginar uma vítima ativamente vitimizando outras mulheres e crianças inocentes.

Ela sorri maliciosamente e se curva sobre sua cintura, nivelando os olhos verdes aos meus.

— E não consigo imaginar um homem que coloque sua vida em risco para salvar essas vítimas forçando uma mulher inocente a ter um relacionamento.

Ela me avalia de perto enquanto a encaro, procurando alguma emoção. Apenas lhe dou uma: inclino a cabeça para trás e rio.

— Você tem me espionado, Claire? — pergunto com alegria, encontrando seu olhar mais uma vez.

Seus lábios se curvam ainda mais.

— Somos todos hipócritas, *Z* — ela diz, ignorando minha provocação e se endireitando. — A única diferença entre você e eu é que escolhi lucrar com os homens patéticos deste mundo. Eles nunca vão parar de abusar daqueles que consideram mais fracos. E nunca vão parar de estuprá-los e matá-los. Então, decidi que, se esse é o mundo em que vamos viver, até parece que não ganharei algo com isso.

Aliso meu rosto, apenas cerrando os dentes quando a pontada nas minhas costas piora.

Porra. Realmente preciso de um hospital.

Mas preciso muito mais de Addie.

— Você poderia fazer tanto bem com seu status — Jay bufa, desgosto, torcendo suas feições. — Você tem um poder imenso. E escolhe se alimentar do patriarcado em vez de *mudá-lo.*

Ela rosna, chicoteando a arma para ele e pressionando-a contra sua têmpora. Jay endurece, mas não se acovarda. Meus músculos travam, a dor latejante

desaparecendo enquanto observo o dedo dela dançar sobre o gatilho.

Se ela o puxar… vou esmagar sua garganta sob minha bota antes que a bala termine de passar pelo cérebro de Jay.

— Você está errado. — Ela olha para mim. — Digamos que tenha destruído todas as redes, Z. Digamos que tenha realizado o que se propôs a fazer. Você honestamente acredita, por um segundo, que vai *ficar* assim? Ah! No segundo em que a poeira baixar, o mal reconstruirá seu império; desta vez, mais forte e melhor do que antes. — Ela olha para Jay e para mim como se estivéssemos delirando.

— Você *nunca vai* se livrar do mal. Nunca.

Ela não está errada, mas isso não significa que eu não possa reduzir consideravelmente essa fossa de almas podres e criar um vácuo de poder. Não tenho ilusões sobre ser capaz de apagar completamente o tráfico humano durante a minha vida. Mas esse nunca foi a porra do objetivo. Salvar essas garotas – essas crianças – e dar a tantas delas quanto eu puder uma segunda chance de vida *é* o objetivo.

Meu plano sempre foi desmantelar o obscuro controle do governo sobre as pessoas e sua participação no comércio de peles. Isso, por si só, fará uma diferença significativa no mundo.

Será uma batalha contínua por muito tempo depois que eu me for. O sol explodirá e a Terra se deteriorará antes que um mundo perfeito exista. Os humanos vão se matar antes que isso aconteça.

Mas *Z*? *Z* não vai a lugar algum, mesmo quando eu estiver enterrado a dois metros de profundidade. Vou criar uma geração para assumir o posto, e eles farão o mesmo.

Claire olha por cima do ombro e noto um homem com um capuz sobre a cabeça se aproximando. Só consigo distinguir seu gênero porque ele tem o porte da Torre Eiffel invertida. Ombros maciços e largos esticam a túnica, suas costuras quase estourando, para então se afinarem dramaticamente em pernas de frango.

O idiota pulou os treinos de perna com tanta frequência que nem consegue mais vê-las por serem finas demais.

— O carro está pronto — anuncia, sua voz mais profunda do que a Fossa das Marianas.

Claire me encara, abaixando sua arma enquanto o homem se aproxima, e balança seu dedo indicador para cima e para baixo.

— Em pé — ela estala, seu tom afiado. — Agora.

Soltando uma respiração controlada, eu me forço a me mover, cerrando os dentes pelas dores no corpo.

Grunhindo, eu me levanto completamente e direciono meu olhar para a cobra ruiva diante de mim. Ela é corajosa o suficiente para encontrar meu olhar de frente, sem um pingo de medo. Tenho certeza de que está acostumada com homens encarando, naturalmente intimidadores. Mas Claire nunca lidou com um homem como eu.

— O que você acha que vai fazer comigo? — desafio, olhando para ela com a condescendência de quem olha para uma criança pequena que acredita que pode ganhar uma queda de braço contra você. — Sou muito para administrar, Claire.

Seus lábios se curvam em um sorriso secreto, despreocupada ao se aproximar, em uma exibição para me mostrar que não tem medo.

— Patrick aqui vai levar você para nossa sala de interrogatório. Vamos fazer algumas perguntas. — Ela dá um tapinha na minha bochecha, devolvendo a condescendência. — Você será útil e nos dará todas as informações de que precisamos. Como sua organização opera e a tecnologia ilegal que usa, assim como todas as informações que você coletou em seus anos como terrorista. E então, vou fazê-lo assistir à sua namoradinha com o novo mestre antes que eu mesma te mate.

Estico meus lábios em um sorriso feroz, exibindo os dentes enquanto me inclino e mostro a ela exatamente por que deveria estar com muito medo.

— Melhor ter certeza de que essas cordas estão bem apertadas — rosno. Seus olhos se arregalam nos cantos, uma pitada de medo aparece e some tão rápido quanto um relâmpago. A cadela pode ser fria, mas isso não a torna imune ao meu fogo.

— Mostre o caminho — encorajo, gesticulando à minha frente. Claire me olha de cima a baixo, uma carranca se formando em seu rosto diante do meu tom de superioridade. Está acostumada às pessoas choramingando a seus pés e se curvando aos seus comandos como metal sob uma tocha.

Ela ainda aprenderá que eu nunca fui apenas um homem.

Com uma fungada, ela se vira e vai embora, fazendo questão de ficar de costas para provar seu ponto. Nunca precisei ter medo para matar, mas não me importo de ensinar. Addie pode atestar isso.

O olhar de Jay queima a lateral do meu rosto, pânico irradiando de seus olhos castanhos. Ele não precisa dizer as palavras; sua expressão diz tudo.

Nós vamos morrer.

Não se eu puder evitar. Tenho muito a perder e que vale muito mais que minha

própria vida.

Seu companheiro de pernas de galinha, Patrick, nos permite passar antes que ele siga atrás de nós.

— Tente não olhar para a minha bunda — falo lentamente.

Ele rosna e me empurra para frente com uma mão grande, sua arma posicionada ameaçadoramente na outra. Giro a cabeça devagar para vê-lo por cima do ombro, olhos selvagens e um sorriso que não consigo sentir em meu rosto.

— Cale a boca e ande — retruca ele, mas sua voz o trai, vacilando na última palavra. Como deve ser difícil fingir bravura sob o olhar de um monstro hediondo com um sorriso malicioso.

A fumaça está começando a se dissipar. Corpos estão espalhados pela caverna, um oceano de sangue encharcando a rocha. Seguindo Claire, meu pé chuta um braço decepado e o membro rola diretamente para uma cabeça decapitada, o rosto do homem congelado de terror.

Os uivos de dor desaparecem lentamente à medida que a mortalidade cresce, e não posso deixar de me maravilhar com o fato de que a Society sacrificou a vida de seus próprios membros apenas para garantir que eu fosse pego. Isso diz muito.

Não sou apenas uma ameaça, sou catastrófico.

Claire nos leva até a porta pela qual desapareceu depois de me entregar a faca. Da rápida varredura da sala, eu não havia visto nenhum dos meus próprios homens, mas não significa que não estejam misturados e, possivelmente, mortos.

Meu peito se aperta, esperando que não seja o caso. Eles compreendem os riscos, mas suas mortes seriam outra responsabilidade sobre meus ombros.

Nós a seguimos por um corredor mal iluminado, uma réplica exata daquele por onde entrei na caverna. Tiras de luzes LED se alinham em ambos os lados, emitindo um brilho sinistro sobre as paredes e azulejos pretos.

Este corredor se inclina para cima, agora que viemos do subsolo. Parece que estou escalando uma montanha, pela forma como meu corpo dói.

Jay caminha com rigidez ao meu lado, periodicamente me olhando com medo e ansiedade. É claro que ele nunca esteve em uma situação perigosa como essa antes. Ele está sempre atrás do computador, nunca na linha de frente. Não sei como tranquilizá-lo. Nunca fui de mentir e, embora esteja confiante de que nos tirarei vivos dessa, não posso garantir.

Em questão de minutos, Claire abre a porta, nos dirigindo para um beco escuro, mal iluminado pelo luar e por um poste. O suor escorrendo pelas laterais

do meu rosto é instantaneamente resfriado pelo ar gélido de Seattle.

Claire não perde tempo e nos leva em direção a uma van preta comum que espera na saída para a rua, suas janelas tão escuras que não se poderia enxergar através delas, mesmo que seu rosto estivesse esmagado contra o vidro. Totalmente ilegal, mas a placa impedirá que sejam parados por isso. Só precisariam checar o nome de Claire no sistema e partir para o próximo ou ignorar.

Quanto mais nos aproximamos do veículo, mais Jay endurece.

Eu me inclino mais perto de seu ouvido.

— Basta pensar em Claire como sua fada madrinha, e esta é a carruagem de abóbora que vai levar você para a sua princesa.

— Ou príncipe — corrige Jay com os dentes cerrados. Ele sua profusamente e seus olhos estão dilatados. — Eu tampouco me importaria.

Dou de ombros.

— Contanto que você ainda me torne o tio Z.

Ele zomba, olhando para mim como se eu tivesse pirado.

— Você realmente acha que eu vou ter filhos depois de lidar com essa merda todos os dias?

Outra vez dou de ombros, franzindo os lábios.

— Por que não? Tio Z vai mantê-los seguros. Posso ser o guarda-costas particular. Eles podem não gostar, mas eu vou ser.

Ele balança a cabeça, o mais ínfimo dos sorrisos aparecendo em seus lábios, entendendo exatamente o que estou fazendo.

Estou lhe dando um futuro. Pintando um quadro dele sobrevivendo e encontrando a felicidade, quer decida criar mini *gremlins* ou não.

Ao deixarmos o meio-fio e nos aproximarmos da van preta, as portas duplas traseiras se abrem. Claire se vira e acena com a cabeça em direção ao interior escuro, indicando para entrarmos.

Dando-lhe uma piscadela, adentro as profundezas da van com Jay logo atrás, sua bufada irritada nos seguindo.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu diria para não antagonizarem o sequestrador. Na verdade, sabendo que Addie está exatamente na mesma situação agora, eu bateria na sua bunda se soubesse que ela estava sendo imprudente. A coisa mais inteligente a se fazer é manter a porra da boca fechada e obedecer às ordens até encontrar uma saída.

Mas colocar Z na traseira de uma van nunca será o mesmo que colocar um civil inocente. Por enquanto, posso confiar no fato de que não matarão Addie.

Ela vale muito. E, observando a situação exposta diante de mim, estou ainda mais confiante de que Claire não vai ganhar esta rodada.

Ela pode ser esperta, mas não foi esperta o suficiente para me apagar. Isso poderia ter dado a ela uma chance real.

Eu me sento no banco de metal frio, cerrando os dentes contra a dor, e pouso o meu olhar feroz em Claire novamente, que permanece do lado de fora, me encarando com um leve sorriso. Seus cachos ruivos brilham sob o poste e, por um momento, ela parece inocente. Parece uma mulher que sofreu anos de abuso em todas as formas, e que só quer viver uma vida em paz.

Mas a miragem se despedaça e tudo o que vejo é uma mulher que se tornou tudo o que odeia.

Ela lança um olhar carregado de advertência na minha direção; então fecha as portas, acionando luzes de LED para iluminar ambas as extremidades do chão.

Jay se acomoda no banco à minha frente, imediatamente colocando o cinto de segurança preso à parede da van, enquanto Patrick se senta ao meu lado. Tão perto, que está praticamente sentado no meu colo.

Meus olhos vão para ele, uma expressão vazia em meu rosto.

— Você não quer entrar em uma luta de espadas comigo, Patrick. Prometo que vou ganhar — digo impassível, olhando para baixo, entre suas pernas.

Jay sussurra para eu calar a boca, mas não desvio o olhar de onde sinto seus olhos escondidos dentro do capuz escuro.

— Você não sabe quando ficar de boca fechada, não é?

— O que eu disse? — pergunto, fingindo inocência. — Pensei que era essa a sua intenção, pelo jeito como está sentado no meu colo.

— Vai ser difícil começar uma luta de espadas se você não tem uma digna de menção — retruca ele, seu tom tingido de malícia.

Arqueio uma sobrancelha, não impressionado com sua ameaça.

— Mesmo com uma motosserra, leva tempo para cortar um tronco de árvore. Você estará morto antes de chegar tão longe.

— Continue falando — dispara, me desafiando.

Sorrio, mas mantenho a boca fechada. Se Jay não estivesse aqui, eu continuaria a antagonizá-lo. Seria meu objetivo ele me atacar e, esperançosamente, apontar uma arma para mim. Apresentando, assim, a oportunidade perfeita para desarmá-lo e matá-lo.

Mas é possível que ele aponte a arma para Jay, e não vou arriscar sua vida no lugar da minha, então vou esperar minha chance, por enquanto. Patrick vai morrer. E muito em breve.

O motor ganha vida, o metal vibra sob minha bunda. O veículo avança, fazendo nós três balançarmos pesadamente para o lado, pressionando ainda mais Patrick sobre mim.

Olhamos um para o outro e, devagar, ele desliza alguns centímetros para longe.

É isso o que pensei, porra.

Agora que o imbecil se retirou do meu pescoço, consigo realmente pensar.

Mas leva apenas alguns segundos para meus pensamentos enlouquecerem: o espaço amortecido no qual forcei minha mente a desaparecer e aquela raiva sombria ressurgem.

Levaram minha ratinha.

Fecho os olhos e abaixo a cabeça, lutando para recuperar o controle sobre meu temperamento. A frágil camada de determinação que contém minha ansiedade e raiva assassina está rachando. Meus pensamentos desesperados são muito violentos e, assim como uma pessoa de pé sobre gelo fino, eventualmente vai quebrar sob a pressão.

Mas não posso deixar. Ainda não.

Preciso me concentrar em nos tirar daqui, e já será difícil o suficiente com meu corpo gritando de dor.

Há a opção de atacar e matar Patrick, mas isso não vai parar o veículo, especialmente se me ouvirem tentando escapar. A única alternativa seria disparar a arma até que eu atingisse o motorista, o que poderia nos enviar para um acidente e matar a todos nós. Ou Jay e eu poderíamos tentar cair e rolar para fora, exceto que meu corpo está muito machucado para suportar isso.

Exalando pelo nariz, levanto a cabeça para encontrar Jay já me observando, sobrancelhas franzidas em preocupação. Seu cabelo preto está emaranhado pelo suor na testa, e ele treme como uma folha. Ele definitivamente não está apto para uma vida de mercenário.

Porra, é isso!

O pânico de Jay e minha agonia nos fizeram esquecer uma ferramenta muito valiosa. Ainda há chips bluetooth em nossos ouvidos. São minúsculos e transparentes, dispositivos ilegais imperceptíveis, a menos que realmente os procure. Tão imperceptíveis, que Claire nem pensou em verificar.

Os dispositivos em nossos ouvidos são ativados por um pequeno botão ou um comando de voz. Mas isso significa que Jay ou eu temos que usar a palavra *ligar*.

Fixo meu olhar em Patrick.

— Então, poderei usar meu direito a ligar para alguém quando chegarmos lá?

Ele resmunga.

— Engraçadinho.

Silêncio.

Porra, provavelmente foi danificado pela explosão. Explica por que meus homens não tentaram nos resgatar. Lanço um olhar para Jay, e ele assente, uma gota de suor pingando da ponta de seu nariz.

— Vamos, cara, minha avó está doente. Ela provavelmente está se perguntando onde estou. — Eu encaro Jay novamente. — Você não prometeu ao seu irmão que o levaria ao *Chuck E. Cheese* hoje à noite?

Jay trabalha para manter o rosto neutro, mas essa é outra razão pela qual ele fica atrás da tela. O garoto não sabe interpretar um papel.

— Sim, uh… eu provavelmente deveria, uh, *ligar para Baron* e dizer que não posso ir.

Torne isso um pouco mais óbvio, Jay, meu senhor…

Baron, na verdade, não é irmão de Jay, mas um dos meus homens que poderia nos ajudar.

Um pequeno sorriso satisfeito começa a se formar nos lábios de Jay, mas ele o interrompe. A ligação deve ter sido bem-sucedida, o que significa que Baron nos ouve e esperamos que nos rastreie, assim que perceber que algo está errado.

Depois de alguns momentos, Jay continua:

— Provavelmente, é importante que ele saiba que somos *reféns*, certo?

Oh, meu Deus.

— Eu preferiria que ele nunca soubesse o que aconteceu com você e vivesse o resto da vida imaginando — retruca Patrick, alheio à atuação terrível de Jay.

Então, ele se vira para mim.

— Você pode continuar jogando seus jogos, mas não vai rir em breve.

— Quão breve? — eu rebato.

Não consigo ver seu rosto, mas posso sentir a confusão que irradia do buraco negro em seu capuz.

— Minha avó está esperando.

Seu punho cerrado é meu único aviso antes que ele o envie para minha bochecha.

Minha cabeça vira para o lado, e a dor floresce em todo o meu crânio. O soco seria tolerável em um dia típico, mas, considerando que acabei de passar por uma explosão, parece que outra bomba foi detonada dentro da minha cabeça.

Meus instintos disparam, e meus punhos se fecham com a necessidade de

bater nele de volta. A besta dentro do meu peito está se debatendo e se enfurecendo, e o autocontrole precário cede um pouco mais.

Addie. Isso é pela Addie.

Por pouco, consigo me conter. Preciso dar tempo aos nossos homens para chegarem a nós, embora eu saiba que não vai demorar muito.

— *Jesus*, um homem não pode ligar para a porra da avó? Cuzão.

Ele sacode os ombros e se vira, e eu me afundo ainda mais no banco. Ele pode pensar que é porque estou com medo, mas, na realidade, estou a dois segundos de acabar prematuramente com a sua vida.

Enquanto esperamos, tento relaxar, mantendo a raiva fervente sob controle. Isso dura uns impressionantes dez minutos antes de eu ser arremessado pela segunda vez hoje.

Algo pesado bate na van por trás, enviando Patrick e eu voando para fora do banco e contra a parede que separa a frente da parte de trás.

Jay é empurrado para o lado, mas o cinto de segurança mantém o sortudo filho da puta ancorado.

Eu gemo, a dor queimando em várias partes diferentes do meu corpo enquanto rolo de costas e tento respirar. Não consigo nem dizer quais partes doem mais – porra, *tudo* dói.

Claire grita do banco da frente, cuspindo exigências para controlar o veículo ao motorista. A van continua a desviar de um lado para o outro, o motorista incapaz de recuperar o controle.

Outra batida e a van dá uma guinada para o lado e bate em algo sólido. Patrick colide em mim, palavrões saindo da minha boca ao deslizarmos em direção a Jay. Minhas costas se chocam à parede quando paramos, o gigante esmagado contra mim. Meus ouvidos zumbem com o impacto, e leva vários segundos para meus olhos focarem. Patrick pode ser grotescamente desproporcional, mas ainda é pesado pra caralho.

— Jay, me diga que é quem eu acho que é — grito, aproveitando o caos e envolvendo meu braço em volta do pescoço de Patrick em um aperto de ferro. Suas mãos voam para o meu braço, agarrando-me enquanto esmago sua traqueia. Ele luta, e aperto minha mandíbula ao lutar para mantê-lo quieto.

Estou fraco, com uma dor insuportável, e meus músculos estão afrouxando.

— Claro que sim. — Ele ofega, suor escorrendo pelo rosto pálido.

— Bom — murmuro antes de agarrar a cabeça de Patrick e torcê-la para o lado, quebrando seu pescoço e matando-o instantaneamente. — Isso é pela minha avó, idiota.

— Mano, nenhuma de suas avós ainda está viva.

10 de junho de 2008

Eles me drogaram. Eu só sei que dia é hoje porque os pedófilos vêm no dia 20. E Francesca disse que eu tenho 10 dias para me acalmar. Conter minha desobediência ou o que quer seja. É a última palavra de que me lembro antes de enfiarem uma agulha no meu braço. Se pensam que isso me impediria de escapar… Bem, ADIVINHA SÓ, FRANCESCA: eu vou escapar dessa merda de lugar.

Vou voltar para a minha irmã.

E nos tirar desse maldito estado cheio de pedófilos.

Fodam-se todos vocês.

MOLLY

CAPÍTULO 3
O CAÇADOR



Claire grita da frente para o motorista continuar dirigindo, mas o motor desliga.

Chuto o cadáver de Patrick de cima de mim e fico de pé, suor cobrindo minha pele. Estou a dois segundos de desmaiar. Meu corpo está começando a se desligar do trauma físico, mas ainda não posso permiti-lo.

Jay rapidamente desafivela o cinto e se levanta.

— Vamos, eles estão esperando por nós — insiste ele, notando o estado de estresse em que estou.

— Eu preciso cuidar da Claire — digo, mas essa intenção morre no segundo em que abrimos as portas da van. Outros carros já pararam na beira da estrada, pessoas saindo de seus veículos para nos verificar.

Porra.

Não posso matar uma mulher na frente de civis, por mais tentado que esteja.

Assim que Jay e eu rastejamos para fora, Claire surge do lado do passageiro, um olhar selvagem em seu rosto.

— Não se *atreva* — ela sibila por entre os dentes. O batom vermelho os manchou, dando a ela uma aparência selvagem.

— Ou o quê?

Quando não responde, dou uma piscadela apenas para fazê-la ficar com raiva, e sigo para a enorme van militar esperando por mim.

— Ei, cara, você está bem? — pergunta um transeunte.

— Sim, tudo bem. Obrigado por parar — digo por cima do ombro. Os faróis brilhantes de seu carro destacam o olhar incrédulo em seu rosto enquanto me observa subir pelas portas abertas.

O rosto de Michael me cumprimenta, e quase suspiro de alívio. Se ele está vivo, isso significa que a garotinha que salvamos do ritual também está.

Ele se inclina para frente e me ajuda a entrar, presumivelmente percebendo a agonia estampada em meu rosto. Posso sentir minhas cicatrizes repuxando, incapaz de esconder a angústia no momento. Minha cara de pôquer rachou.

Estou pronto para deixar Jesus assumir o comando. No segundo em que desmorono no banco, Michael bate uma vez na porta e decolamos.

— Precisamos levá-lo para um hospital — diz Jay, olhando para mim com preocupação. — Uma bomba detonou e Zade estava ao alcance da explosão.

— Por que diabos eles detonaram uma bomba? — pergunta Miguel.

— Meu palpite é que foi uma bomba de autodestruição, implantada especificamente para destruir todas as evidências e qualquer pessoa lá dentro. Geralmente, são usadas em locais com informações ultrassecretas para o caso de ter um infiltrado ou serem comprometidos.

Eu grunho.

— Teremos que verificar quem foi atingido pela explosão e nos certificar de que nenhum dos nossos foi morto.

Jay acena com a cabeça, e volto minha atenção para Michael.

— Você tirou a garotinha com segurança?

— Sim — confirma ele. — Está com Ruby, e a caminho para receber tratamento.

Concordo com a cabeça, um pouco da pressão deixando meus ombros, porém não o suficiente. É como se o Empire State Building estivesse apoiado neles, e apenas uma quantia insignificante do peso fosse aliviada.

Ainda estão com Addie, e a raiva se agita sob a superfície constantemente. Vou queimar a porra do mundo inteiro até encontrá-la, e não me importo com quem se ferir.



— Sabemos alguma coisa sobre quem estava envolvido no sequestro dela? — pergunto, a voz tensa de fúria, clicando no vídeo no meu laptop. Acabei de assistir às imagens de vigilância do acidente de carro de Addie, capturadas por várias câmeras de iluminação pública. Observá-la sendo arrastada do carro, nocauteada e, em seguida, levada para a van me faz tremer de raiva.

Jay já está trabalhando para rastreá-la através de câmeras de segurança e de rua, mas não parece suficiente.

Estou internado no hospital há apenas algumas horas, e a segundos de sair.

Felizmente, não sofri nenhum dano grave. Minhas costas inteiras estão pretas

e azuis de quando fui lançado ao altar, mas não houve sangramento interno como eu temia.

Tive sorte de não quebrar minhas malditas costas, mas quase cheguei perto.

— Sua foto foi postada em um fórum na *dark web* um dia antes de ela ser levada. O usuário era anônimo, claro, mas o anúncio dizia que se alguém trouxesse Addie viva, receberia uma recompensa enorme.

— Quanto?

Mas nem preciso que ele responda. Localizei o anúncio original, já deletado, mas nada é verdadeiramente apagado da internet. Clico no anúncio e o rosto de Addie aparece. Lindos olhos castanhos invulgarmente claros, cabelos castanho-avermelhados e uma leve camada de sardas salpicando seu nariz e bochechas.

Meu coração aperta diante do seu rosto sorridente – é a mesma foto que usaram como autora do lado de fora da livraria, e a mesma que instantaneamente me atraiu para ela. E continua tendo o mesmo efeito em mim, como naquela ocasião.

O preço está listado logo abaixo, com letras vermelhas em negrito.

Doze milhões de dólares.

Trocados para quem está pagando, mas uma quantidade incrível para os menores peixes do lago. Uma quantia que alguém teria que trabalhar duro para gastar em vida.

— Porra — murmuro, apertando a ponte do meu nariz entre os dedos. Uma enxaqueca massiva está florescendo e a inquietação invade meus sentidos. Quero arrancar minha própria pele, se significar que Addie estará esperando por mim do outro lado.

Os lábios de Jay estão tensos.

— Eu sei quem respondeu ao anúncio e quem foi o responsável pelo sequestro dela.

Deixo minha mão cair e me volto para o meu braço-direito, esperando que ele solte a proverbial bomba. O pavor toma conta de mim, e tenho a sensação de que este realmente pode ter sucesso em me matar.

— Max — ele diz baixinho.

Meus olhos se fecham, e meu controle finalmente se rompe, escorregando pelos meus dedos como areia em uma ampulheta. Era apenas uma questão de tempo, e o último grão acabou de cair.

A escuridão corrói cada célula do meu corpo até que não haja mais luz dentro de mim.

Vermelho consome minha visão, e entro em movimento. Meu laptop é lançado

ao outro lado do quarto do hospital, o estrondo da colisão com o equipamento e com a parede sendo engolido pelo rugido que rasga minha garganta.

Convulsiono com a força do intenso lamento que sai dos meus lábios, tão longo e triste, que se reduz a um grito silencioso. Arfando, mais um grito estrondoso explode de mim quando pego a mesa de cabeceira e a lanço em seguida.

Sem enxergar nada, jogo o suporte IV, que chicoteia em direção a uma janela e quase a estilhaça com a força, a picada da agulha ao ser arrancada de minha pele imperceptível.

Logo, minha audição se torna como se eu estivesse debaixo d'água e todo som fosse diluído. A maré chega a mim, puxando-me em suas garras e me enviando em espiral para o poço obscuro de desespero.

Minhas mãos agarram mais equipamentos, que colidem com o azulejo enquanto a angústia rasga meu peito.

É minha culpa.

É tudo a porra da minha culpa.

Assim que me levanto, gritos abafados surgem, e sinto vários pares de mãos agarrando meu corpo de uma só vez e me empurrando de volta para baixo. Luto contra seu domínio, continuando a rugir, mas minha cegueira age contra mim.

Correias circundam meus pulsos e peito, me aprisionando na cama do hospital.

Mas estou longe demais.

Apesar das mãos frenéticas tentando me segurar sob as amarras, minhas pernas balançam para fora da cama e eu me levanto, lutando contra o peso que ameaça me levar de volta para baixo.

— Meu *Deus,* Zade!

Meu peito arfa e minha visão fica irregular, permitindo-me apenas fragmentos do ambiente embaçado. Quatro enfermeiras assustadas e Jay me contendo, olhos arregalados e rostos pálidos enquanto me coloco diante deles com uma cama de quase 100 quilos amarrada às minhas costas.

Eu sou…

Não sou mais um homem, sou apenas uma besta sucumbindo ao instinto primitivo. Eu sou aniquilação.

— Senhor, por favor, acalme-se! — uma das enfermeiras implora, estridentemente, seus olhos verdes quase pretos de medo. Eu ofego, meu peito dói pela falta de oxigênio e pela alça amarrada contra meu peito.

Eu não posso, eu não posso. Ela se foi por minha causa.

Como eu vou *viver* com isso, porra?

Balanço a cabeça, minha energia se esgotando gradativamente. As palavras me escapam e tropeço, lutando para me endireitar.

— Solte-o — Jay exige com brusquidão, já apontando para o que está preso em volta do meu peito. Ele espera até que uma das enfermeiras os solte das minhas mãos antes de soltar a fivela. A cama cai ao chão com um estrondo ensurdecedor.

Os seguranças entram correndo na sala, escorregando pelos ladrilhos desordenados ao absorverem a absoluta carnificina.

Jay se põe na minha frente e grita:

— Pare de agir como um maldito lunático e se recomponha! Destruir um hospital não vai salvá-la!

Minha visão clareia e os destroços se tornam aparentes.

Merda.

Aquela fúria potente ainda está presente, esguichando pelos meus poros, mas consigo mantê-la sob controle. O suficiente para que apenas ferva.

— Que diabos… — um segurança diz, seu rosto jovem pintado com total descrença.

— Ele está bem. — Uma enfermeira bufa. É uma mulher mais velha com cabelo loiro curto e grandes óculos de aro de metal que ocupam metade de seu rosto.

Ela se aproxima como um crocodilo com a boca aberta, sua mão firme enquanto ela agarra meu braço e o ergue.

Um pequeno rastro de sangue, decorrente de um rasgo de não mais do que um centímetro na minha pele, escorre pelo meu braço de onde o IV foi arrancado.

— Essa… essa é uma ferida feia, senhor. É melhor você se sentar para que eu possa tratá-lo antes que desmaie e morra onde está — ela ordena, sua voz severa ao apontar para a cama entortada.

É apenas um arranhão, e nós dois sabemos disso, mas eu me sento assim mesmo. Observo-a pegar um curativo de um armário e começar a limpar o sangue.

Alguns dos guardas questionam Jay e uma das enfermeiras, enquanto os outros dois saem correndo do quarto, vermelhos e trêmulos. Não consigo sentir um pingo de culpa.

Não quando há um buraco no meu peito, onde Addie uma vez se instalou.

— Gostaria de falar sobre isso? — ela pergunta baixinho, enxugando o sangue com um pedaço de gaze.

— Não — eu murmuro.

— Bem… — Ela ri, colocando um pequeno band-aid no meu braço em seguida. Há dinossauros nele, e tudo que posso fazer é olhar. Se não me sentisse tão vazio, riria do quanto é patético.

— Você pode me dizer ou contar à polícia. Eu sei que você é um homem grande e corpulento, e se esforçou para provar essa parte, e os policiais provavelmente não o assustam, mas prefiro que você não passe o resto do seu tempo neste hospital algemado a uma cama.

Eu me detenho.

— Vou me levantar de novo e sair com a cama pendurada.

Ela me olha e, então, uma risada desliza por seus lábios rosados.

— Justo. Você está com o coração partido?

Ergo uma sobrancelha e, embora ela tenha que se esforçar para engolir, não cede. Suavizo meu rosto e suspiro. Neste momento, aprecio sua franqueza.

— Algo como isso. — Eu fungo, virando o braço para olhar para o band-aid novamente. Tem T-Rexes verdes, bocas abertas em um rugido. Imagino que eu não parecia muito diferente há menos de dois minutos.

— Ela foi levada. Sequestrada.

A enfermeira suspira, baixinho e suave, mas para mim parece um grito, de tão vazio que estou.

— É minha culpa. Eu não… — Paro, decidindo que é melhor não lhe dizer que não matei um homem como eu deveria, há um tempo. — Preciso trazê-la de volta.

Ela solta um suspiro trêmulo e se endireita.

— Vou me certificar de que nenhuma acusação seja feita para que você possa salvá-la. — Ela aponta para o band-aid. — Talvez não haja mais ferimentos com risco de vida, sim?

Eu a abençoo com um sorriso tenso e asseguro:

— Eu vou pagar pelos danos.

— Isso seria estimado — diz ela.

Concordo com a cabeça e volto minha atenção para o chão. O azulejo branco fica borrado quando sinto sua presença ir embora, substituída pela de Jay.

— Eu sei onde ele está — ele murmura.

Olho para ele, assassinato em meus olhos. Ele aperta os lábios, sabendo que não vou sossegar.

— Deixe seu corpo se curar, cara. Você será inútil de qualquer outra forma. Vamos pegá-lo e descobrir para onde a levaram assim que você não estiver mais

quebrado. Você pode ser capaz de se mover agora, mas os próximos dias serão difíceis, ainda mais agora que andou com uma grande cama nas costas. Suas costas estão *muito* machucadas, devo acrescentar.

— Quanto mais eu esperar, é mais provável que ela desapareça. Sofra ou tenha coisas inimagináveis acontecendo com ela — argumento, com os dentes cerrados. O músculo do meu maxilar quase rasga minha carne com a força com que que o pressiono.

Ele se inclina e coloca as mãos nos meus ombros, abaixando o queixo até encontrar meus olhos. Eu o observo, desejando voltar a ser incapaz de ouvir ou ver qualquer coisa.

Jay é estupidamente corajoso e não recua.

— Eu te prometo, cara, vou colocar a equipe para procurar por ela. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para a encontrarmos. — A intensidade em suas palavras e seu olhar alivia minha ansiedade tanto quanto possível, ou seja, a nível microscópico.

Nunca serei capaz de relaxar, de não sentir minhas entranhas se contorcendo e o pânico rói meu coração até que não haja mais nada.

Sei que meu corpo vai desistir de mim, mas nada – e quero dizer *nada mesmo* – vai me impedir de encontrá-la.

Cerrando os punhos, concordo. Não tenho planos de ficar neste hospital. De ficar parado. Mas discutir não vai mudar nada neste momento.

Preciso descansar. Muito. Porque, no segundo em que abrir meus olhos, não vou fechá-los até que a cabeça de Max esteja em minhas mãos.



— Você não pode simplesmente arrombar a porta à toa, Zade.

— À merda que não posso — rosno, olhando carrancudo para Jay enquanto ele meticulosamente pinta suas unhas de roxo berinjela, no assento ao lado da minha cama de hospital.

É o quinto dia, e estou com o rosto verde de ansiedade e frustração. Fiz cinco tentativas de fuga nos primeiros dois dias, mas continuaram nocauteando minha bunda com drogas até o ponto em que perdi completamente o tempo. Parei de tentar fugir porque preferia ser *semiútil* atrás de um computador do que estar morto para o mundo e não fazer nada.

A única outra razão pela qual cedi foi estar fisicamente incapaz de até mesmo apertar minhas nádegas sem que minha visão ficasse preta de dor.

Posso não ter sofrido nenhum ferimento com risco de morte, mas meu corpo, com certeza, age como se estivesse.

Jay amaldiçoa baixinho ao deixar cair um pingo de esmalte na pele, colocando a língua para fora enquanto limpa a tinta cuidadosamente.

Meu novo computador está no meu colo, a câmera mostrando Max e os gêmeos, Landon e Luke, descansando em seu escritório, bebendo uísque caro e provavelmente rindo do grande depósito que acabou de chegar à sua conta bancária.

Doze milhões de dólares. O preço para sequestrar Addie.

— Você sabe que ele não fez isso sozinho — Jay me lembra, e então levanta as mãos para se maravilhar com seu trabalho.

Suspiro, as veias em minhas mãos estourando quando eu as aperto com força.

— Eu sei — digo, fervendo de raiva.

Max e os gêmeos estavam em um clube quando Addie foi sequestrada. O que significa que ele sabia onde encontrá-la e contratou homens para fazer o trabalho. E isso significa que quem ele contratou provavelmente receberá uma parte de sua recompensa. Um trabalho como esse não viria sem um preço alto e, embora Max tenha dinheiro, não tem tanto assim. Não até hoje, pelo menos.

Agora, estamos esperando que ele transfira qualquer quantia em dinheiro para os lacaios a quem prometeu. Então, poderemos rastrear o dinheiro e confirmar suas identidades com base nas informações da conta.

Se tivermos sorte, Max é tão burro quanto parece e não esconde seus rastros bem o suficiente.

Jay vai cuidar dessa parte, enquanto eu cuido de Max.

Eu poderia enviar outro mercenário tirar a informação dele com tortura, mas este método será muito mais rápido, e eu me recuso a deixar qualquer outra pessoa o tocar, exceto eu.

Só eu vou mostrar a Max como é a dor de verdade. Mesmo assim, ele sentirá apenas uma fração do que sinto sem Addie.

Eu rolo meu pescoço, gemendo quando estala. Ao olhar para baixo, um alerta aparece.

Três milhões de dólares acabaram de ser transferidos para uma conta *offshore*. Levo dois segundos para encontrar o nome ligado a ele.

Rick Boreman.

Pelo feed da câmera, Max desliga seu telefone e aplaude, brindando seu copo de uísque com os gêmeos.

Olho para Jay, revirando os olhos enquanto ele sopra suavemente suas unhas

úmidas. Ele vai lascar a tinta em dois segundos com a quantidade de digitação que faz, e é por isso que as cores mudam a cada dois dias. Ele é um roedor de unhas, e o esmalte ajuda a manter esse hábito sob controle, embora tenha sido praticamente inútil nos últimos cinco dias.

Por mais que ele esteja tentando parecer legal, a ausência de Addie o deixa atolado em ansiedade. Ele só a viu pela tela do computador, mas não precisava conhecê-la para saber que ela não merece isso, e se ela morresse… o mundo morreria com ela.

Por enquanto, vou começar com Max.

11 de junho de 2008

Quero morrer. A única coisa me mantendo viva é minha irmã. Eu não digo seu nome. Não aqui e não em voz alta.

Layla

Machuca até mesmo escrever seu nome. Eu olho para ele e sei que ela está muito longe de mim. Sofrendo como eu, só que de um jeito diferente. Ela tem só um ano. Ainda um bebê. Mamãe não cuida dela. Não a alimenta. Não troca a fralda. Não a ama.

Layla PRECISA de mim. E eu vou escapar daqui.

MOLLY

CAPÍTULO 4
O DIAMANTE



— Eu posso te salvar.

Algo me sacode, enviando novas ondas de dor através da minha consciência.

— Acorde, eu posso te salvar.

A voz penetra na névoa profunda que gira em meu cérebro. A escuridão me cerca, e parece que estou flutuando em uma galáxia sem estrelas, mas um calafrio serpenteia todo o meu corpo. Alertando-me sobre algo perigoso.

Uma mão está no meu braço, e ela me empurra mais uma vez.

— Não resta muito tempo. Eu preciso que você acorde. Vou te ajudar.

Uma fissura de luz atravessa a escuridão sem fim. Concentro-me na luz e, à medida que alguém continua a sacudir meu corpo, a rachadura se alarga até uma luz ofuscante perfurar meus olhos.

Eu gemo, clareza começando a despertar. O aperto firme no meu braço aumenta, e a voz que me desperta do sono se amplifica.

Sou sacudida mais uma vez, e o movimento brusco finalmente me acorda.

Meus olhos se abrem e, por razões que ainda não tenho certeza, meu coração está batendo fora do meu peito, batendo contra minha caixa torácica tão violentamente quanto a pessoa que me sacudia.

Um rosto velho e enrugado e olhos azul-claros entram em foco, a apenas alguns centímetros de distância dos meus. Recuo, piscando em pânico e confusão.

— O que está acontecendo? — Eu me engasgo com as palavras.

Em segundos, a realidade desaba sobre mim, e me lembro por que estou aqui. Com quem estou.

Estive em um acidente de carro. Saí da estrada. E, então, fui sequestrada e levada a um médico cuja prática é claramente ilegal.

Dr. Garrison.

O homem que está atualmente cara a cara comigo, olhando para mim com

urgência.

— Eu vou te ajudar. Por favor, levante-se.

O frio de gelar os ossos que penetrou o nevoeiro piora quando sua mão agarra a minha e me puxa para frente.

Grito em resposta, as dores no meu corpo piorando cada vez mais. Parece que um atiçador quente está esfaqueando cada uma das minhas terminações nervosas.

— Eu sei que dói, querida, mas temos que nos apressar antes que Rio volte.

Ele me puxa de novo gentilmente, e é então que percebo que o soro foi removido do meu braço.

Resisto e, em um esforço para parar, pergunto:

— Há q-quanto tempo estou apagada?

— Só por uma noite, querida. Agora, levante-se, por favor.

Deixando-me sem outra escolha, ele me ajuda a levantar, me empurrando para frente enquanto tenta me segurar com cuidado.

— Aonde vamos?

Estou quase frenética, e a confusão está atrapalhando meus pensamentos.

Sobretudo, não consigo descobrir por que diabos ele está me ajudando. Também não está metido nisso?

É então que ele olha para mim, um sorriso louco no rosto.

— Eu vou te levar para algum lugar seguro. Ninguém nunca vai te encontrar, eu prometo.

Uma pedra se forma na minha garganta, e eu me esforço para engolir quando minha situação se torna mais aparente.

Ninguém nunca vai te encontrar.

Ele pode estar me salvando de Rio e Rick, mas não significa que eu não precise ser salva *dele* também.

— Por que você está fazendo isso? — sussurro, meus olhos saltando pela sala, procurando uma solução para me tirar deste grande problema. Há apenas uma porta de saída que eu possa ver, e ele está me levando direto para ela.

Pelo que sei, ele vai me trancar em uma caixa e me alimentar por um buraco. A imagem me perturba tanto, que acho que prefiro arriscar com Rio e Rick.

— Tornei-me médico porque gosto de cuidar das pessoas. Mas os hospitais nunca me deixaram cuidar dos meus pacientes do jeito que eu queria.

Meu coração aperta, e ele me olha com recato, como um garotinho admitindo sua paixão pela garota mais bonita do ensino fundamental.

Sua mão lisa e fria desliza na minha, segurando-a como se estivesse prestes a

cair de joelhos e me pedir em casamento.

— Eu quero cuidar de você, querida. E… eu vou tratá-la melhor do que essas pessoas jamais o farão. Eu prometo que serei bom para você.

Minha boca se abre, mas nenhum som escapa.

Que porra ele espera que eu diga para isso?

Sim, por favor, leve-me para o seu covil assustador. Nada me faria mais feliz.

Quero que ele me deixe ir para *casa*. Não para os braços de outro idiota que vai me prender pelo resto da minha vida.

Dando um passo para trás, cuidadosamente tiro minha mão de seu aperto. Seu rosto muda de expressão, e a dor brilha em seus olhos azul-claros enquanto observa meus dedos escorregarem para longe dos dele. Ele age como se tivesse proposto de joelhos e eu tivesse acabado de rejeitá-lo.

— Eu… eu não tenho certeza se isso é uma boa ideia. Eles vão saber que foi você — digo, tentando argumentar.

Não quero rejeitá-lo de cara. Seu estado mental parece desequilibrado na melhor das hipóteses, e não tenho ideia do que esse homem é realmente capaz.

Ele balança a cabeça, agarra minha mão com bastante raiva, e me puxa. Reprimo outro grito enquanto ele explica com impaciência:

— Não se nos apressarmos. Eu tenho um plano; só preciso que você venha comigo.

Quando ele continua a me arrastar atrás de si, meus instintos de luta ou fuga entram em ação. A dor que se dane, puxo minha mão de seu aperto e me arrasto para trás.

— Não, eu não quero ir com você — falo rispidamente.

Seu rosto se transforma em um demônio rosnando, e a frieza que irradia dele se cristaliza. Este homem está morto por dentro. Não é mais do que um túmulo gelado e decadente.

Sinto uma explosão de dor atravessando minha bochecha antes de registrá-lo se movendo. Minha cabeça vira para o lado, e o fogo explode na lateral do meu rosto.

Eu suspiro, minha boca se abrindo enquanto seguro minha bochecha dolorida, sentindo algo molhado cobrir meus dedos. Ao puxar minha mão, encontro várias gotas de sangue manchando minha pele. Ele me deu um tapa com a porra da mão em que usa o anel. Um anel de *casamento.*

Um misto de desgosto e fúria azedam meu estômago, mas mantenho a boca fechada. Esta é uma situação muito precária, e não tenho mais o luxo de fazer ou dizer o que diabos eu quiser sem graves consequências. E, por mais que eu esteja

tentada a derrubar o velhote, mal consigo me mexer.

Merda, Addie. Pense.

Ele respira pesadamente, a fúria evidente no rosto corado. É como olhar nos olhos de um cadáver, o mal dentro dele a única coisa com vida.

— Eu te trataria como uma rainha. Você não desejaria mais *nada* — ele fala com veemência, cortando a mão no ar com raiva na sua última palavra.

Concordo com a cabeça.

— Ok — eu aplaco suavemente. — Mas você está me assustando tanto quanto eles.

Sua coluna se endireita, e vejo a raiva desbotar de seu olhar como se ele tivesse acabado de perceber que está agindo como um maldito lunático. Tão rapidamente, seu rosto passa de histeria para compreensão tímida.

— Você está certa, me desculpe — diz ele, dando um passo à frente. — Eu só… se eu vou tirá-la daqui em segurança, precisamos nos apressar, e você não está cooperando.

Fico tensa, mas me abstenho de recuar quando ele agarra minhas mãos como se pedindo desculpas.

— Me desculpe por ter batido em você, querida. Estou apenas tentando ajudá-la. Por favor, venha comigo. Prometo que vai ser feliz comigo.

O pânico e a adrenalina sobem a níveis perigosos, fazendo meu coração bater de forma dolorosa contra meu peito. É difícil pensar com ele olhando para mim tão *ansiosamente*, e meu corpo inteiro parece ter sido empurrado por um moedor de carne.

Mas esta pode ser a oportunidade perfeita para escapar se eu aproveitar bem a chance. Preciso sair fazendo o mínimo de barulho possível, para não alertar os gêmeos do terror, o que me deixa com duas opções. Acertar esse palhaço na cabeça e correr; ou deixar que ele me leve embora e encontrar uma saída diferente. De qualquer maneira, não ficarei aqui.

— Ok — eu sussurro, ofegante em meu peito apertado.

Ao me notar relaxando visivelmente, tão logo segue o exemplo, a vitória faiscando em suas piscinas geladas. Agarrando minha mão outra vez, ele me empurra para a porta com um sinal de saída vermelho piscando acima.

Olho ao redor, tremendo com o frio e a umidade do quarto. Tudo aqui é cinza e atenuado, e as luminárias zumbindo acima estão corroídas com poeira e carcaças de insetos. Não há nada que dê a este lugar… vida.

Jesus, como ele opera aqui? Parece que estamos em um necrotério, e não em um quarto de hospital. Eu odiaria morrer aqui, embora pareça que muitos

morreram.

Cheira à morte estéril.

Passamos pela mesa repleta de instrumentos, vários deles afiados. Se eu o esfaquear na jugular, ele não poderá gritar e estará morto em minutos. Então, posso disparar a correr como louca. Não tenho ideia do que diabos fazer quando sair daqui, mas espero que haja algum lugar onde eu possa encontrar ajuda.

Com um rápido olhar, noto que seu foco está adiante, concentrado em sua missão de me tomar para si. Pego o bisturi da mesa de metal, mas ele me ouve chegando e vira à direita quando tento enfiar a faca em seu pescoço, cortando sua nuca.

Sangue jorra em meu rosto, e eu me afasto em uma tentativa de evitar qualquer contato com meus olhos.

Ele grita alto, virando-se e me dando um tapa mais uma vez, me mandando direto para o chão implacável.

Caio desajeitadamente sobre meu cóccix e grito com o impacto. A agonia sobe pela minha espinha, tirando meu fôlego, e ele está em cima de mim antes que eu possa pensar no que fazer a seguir, muito menos respirar.

— Sua cadela! — grita, suas mãos se fechando em volta do meu pescoço e batendo minha cabeça no concreto.

Estrelas explodem em meus olhos, me impedindo de ver qualquer coisa por vários segundos. Parece que a parte de trás da minha cabeça está rachando, mas as mãos que apertam minha traqueia me tiram do poço da agonia.

Pânico toma conta de mim tão intensamente, que parece veneno em minhas veias. Agarro suas mãos, deixando arranhões sangrentos em seu rastro, mas não o detém. O rosto do Dr. Garrison se contorce em pura raiva, as pupilas dilatadas até ficarem quase pretas e seus dentes à mostra, exibindo cada dente amarelo e torto.

Eu me debato e luto, mas seu domínio não cede. E é então que minha vida passa diante dos meus olhos, como um rolo de filme antigo.

Minha mãe, me agraciando com um de seus raros sorrisos quando digo algo ridículo. Meu pai, descansando em sua cadeira e gritando com jogadores de futebol na TV, a maior emoção que ele já mostrou em toda a sua vida.

Daya, com a cabeça inclinada para trás e rindo alto de algo que eu disse ou fiz, exibindo o pequeno espaço entre os dentes da frente. Algo que ela sempre odiou, e eu sempre amei.

E então, Zade. A porra da bola de demolição em forma de homem que expôs um fogo tão ardente dentro de mim, que me faz desmoronar como cinzas diante

ele. No entanto, ele me fez sentir tão forte. Tão corajosa.

Ele me fez sentir *tão* malditamente amada e estimada.

Assim como um diamante.

Embora Zade nunca fosse me chamar de algo tão trivial e comum como um diamante. Ele me chamaria de “a joia mais rara do mundo”.

Deveria ter dito a ele que eu…

Logo que a escuridão domina minha visão, restando apenas um ponto de luz, suas mãos relaxam o aperto e algo úmido e quente inunda meu rosto. Instintivamente, abro a boca, ofegando desesperadamente por oxigênio enquanto meus pulmões se expandem.

O gosto de cobre invade minha língua, e sugo tão profundamente que meus olhos quase saltam da minha cabeça. Levo segundos para processar que apenas metade da cabeça do Dr. Garrison está suspensa sobre mim, um mero segundo antes de seu corpo cair sobre o meu.

Uma mistura de tosse e um grito borbulhante luta pelo domínio da minha garganta. Meus olhos se arregalam impossivelmente ainda mais quando a bagunça destroçada da cabeça do médico repousa sobre meu ombro, a poça de carmesim penetrando meu vestido. Quase convulsiono com o acesso de tosse que ainda toma minha garganta e com o redemoinho de emoções de estar presa sob um cadáver com sangue que para na minha boca.

Mais de sua massa cerebral está em mim, do que em sua cabeça. Ou o que resta dela.

— Pare de surtar, você está *bem*. — Rio paira sobre mim, me olhando com aborrecimento e um toque de raiva.

— Acostume-se com a visão de cadáveres, princesa. Você vai ver muitos deles aonde está indo.

Agarrando a nuca do colarinho do Dr. Garrison, ele o levanta e o suspende sobre meu rosto novamente. Imediatamente, sou encharcada com ainda mais fluidos corporais e massa cerebral. Mal fecho os olhos a tempo e cubro meu rosto enquanto Rio ri e arranca o corpo de cima de mim, arrastando-o para o canto da sala.

Finalmente, a pressão diminui e sou capaz de respirar sem tossir, mas, então, um gemido baixo escapa pelos meus lábios.

Meu corpo se enrola apertadamente até que eu fique como uma bola, tentando não pensar no sangue em minha boca, mas, mesmo assim, não conseguindo pensar em outra coisa.

Eu me engasgo, meu estômago se revoltando com o pensamento.

Algo duro cutuca meu ombro com grosseria, contendo minha ânsia de vômito. Ergo a cabeça o suficiente para enxergar a bota de Rio, e então começo a cuspir nela, vermelho puro salpicando o couro preto.

Dois coelhos com uma cajadada só: um *foda-se* e uma tentativa de livrar minha boca do sangue do Dr. Garrison.

Rio, no entanto, não parece incomodado com isso.

— Você vai ficar bem. O cara estava tentando sequestrar você.

— Assim como você. Então, está dizendo que merece o mesmo destino, certo? — eu sibilo, meu corpo começando a entrar em choque. Estou tremendo violentamente, e há uma dormência subindo pelos meus braços e pernas.

Fique calma, Addie.

Respire.

Apenas Respire.

Rio ri enquanto eu fecho os olhos e me esforço para não surtar.

Sua presença se aproxima. Sei que ele está agachado e pairando sobre mim. A respiração quente alcança minha orelha enquanto ele continua a rir.

— Você tem uma boca esperta, mas neste mundo, isso não é tão inteligente. Meu conselho? Cale-se até que as únicas palavras que você seja capaz de dizer sejam *sim, senhor.* Você vai durar muito mais tempo assim.

Uma lágrima escorre do meu olho e sinto o começo de um soluço se formando na base da minha garganta.

— Não é isso que eu quero? Não durar muito? Melhor do que sofrer para sempre, certo?

Ele suspira melancolicamente.

— Você tem razão. Vai morrer aqui de qualquer maneira. Acho que não é uma questão de quanto tempo dura, mas, sim, o quanto dói quando acaba.

Meu lábio treme. Ele suspira novamente, e a frustração volta ao seu tom.

— Vamos, levante-se. Precisamos nos mexer. — Ele se levanta e se afasta alguns metros, olhando de volta para mim. Esperando que eu o siga.

Atordoada, consigo me sentar. A dor começa a se instalar em meus ossos, tornando-se conhecida mais uma vez.

— Posso, pelo menos, tomar um banho primeiro?

Os olhos de Rio varrem meu corpo manchado de vermelho e ele sorri para mim.

— Claro, princesa. Você pode tomar banho. Mas não pode molhar esses pontos nas costas, então parece que vai precisar da minha ajuda.

Merda.



Olhos cravados na minha bunda eram mais toleráveis do que estar coberta pelas entranhas de um homem morto. Mantive minhas costas para ele enquanto riachos de sangue escorriam da minha pele. Quase vomitei ao ver pedaços e fragmentos de ossos girando em direção ao ralo.

Na maior parte do banho, permaneci fora da água e usei um pano limpo e sabão em barra para me limpar. Rio me orientou em algumas áreas, para evitar as minhas costas, mas não me tocou e, por isso, agradeci à Mulher-Diabo lá de cima.

O mais difícil foi lavar e enxaguar meu cabelo sem me curvar muito e dar a ele uma visão do que ele chamou de “fazedor de dinheiro”.

Cuzão maldito.

O chuveiro ficava em um pequeno apartamento pitoresco em um nível mais alto do prédio, muito melhor do que o quarto de hospital improvisado abaixo, mas tampouco melhor do que um apartamento barato na cidade de Nova York.

Suponho que é onde o Dr. Garrison dormia quando não estava operando pessoas trazidas de traficantes de pessoas. Ele usava uma aliança de casamento, embora eu não tenha visto nenhuma evidência indicando que uma mulher morasse aqui com ele.

Querido Deus, espero que ela não esteja acorrentada em algum lugar.

Neste momento, estou novamente no banco de trás de uma van com um saco escuro sobre minha cabeça, encharcada e tremendo como um motor velho, mesmo amarrada. O canalha não mencionou que não havia toalhas limpas e se divertiu ao me ver usar uma camisola hospitalar para me secar. Ainda mais quando tentei enrolar uma em volta do meu cabelo.

Ele não me deixou usá-la, afirmando que meu cabelo é bonito demais para ser embrulhado em uma feia camisola hospitalar azul, mas, realmente, acho que ele só gosta de ser um idiota.

O clique dos meus dentes batendo é engolido pelo hard rock que sai dos alto-falantes. Meu cabelo volumoso ainda está encharcado, e o aquecedor está baixo – não o suficiente para me manter aquecida. Se não fosse pela falta de contorção e levitação do corpo, pareceria que estou no meio de um exorcismo de tanto que estou tremendo.

Mas *parece* que estou. Tudo dói muito e, com cada tremor, a dor se intensifica.

Nunca estive tão miserável na porra da minha vida.

— Não se preocupe, diamante. Estamos quase na sua nova casa — Rick canta, o som rangendo contra meus nervos já desgastados. — Francesca vai te *amar*.

O tom sinistro em sua voz tensiona meu corpo ainda mais. Algo sobre a maneira como ele falou me faz sentir que tenho mais a temer dela do que de qualquer homem que apareça no caminho.

— Q-quem é ela?

Ele fica quieto por um momento, mas não é Rick quem responde.

— A pessoa que você mais vai querer impressionar — diz Rio, sua voz grave.

— Por quê?

— Porque ela determinará o quão miserável sua vida será até que seja vendida.

Minha cabeça cai para trás e aperto os olhos fechados. Faz apenas seis dias, e já me sinto derrotada. Estive fora por um período tão insignificante de tempo, e meu espírito já está fissurado.

Respiro fundo e expiro, devagar e regular.

Não vou desistir. Sei, com cada fibra do meu ser, que Zade vai fazer tudo ao seu alcance para me encontrar. Mas tampouco vou me sentar e esperar. Eu o encontrarei no meio do caminho, se puder.

Então, se vencer Francesca é o que eu preciso fazer, então o farei.

Sempre fui estupidamente corajosa – a ponto de ser mais idiota do que corajosa. E não vou parar agora.


Layla

CAPÍTULO 5
O DIAMANTE



Há um ponto de nossas vidas em que todos temos medo de morrer. Para alguns, isso acontece no primeiro momento em que entendemos completamente o que a morte significa – antes que a depressão, a ansiedade e outros problemas de saúde mental surjam.

Para outros, é antes de encontrarem algo em que acreditar – seja Deus ou algo espiritual.

E há aqueles que se debatem pela vida, apavorados com o dia em que darão seu último suspiro. Acho que alguns não têm tanto medo da morte em si, mas sim de como vão morrer.

Então, como *vou* morrer?

Será doloroso? Vou sofrer? Estarei apavorada?

Gigi sentiu todas essas coisas quando foi assassinada por um homem em quem confiava e, provavelmente, se importava bastante.

Quando ela começou um caso com seu *stalker*, Ronaldo, isso não apenas destruiu seu casamento, mas tirou sua vida. Porém não por seu *stalker* ou por seu marido, como seria de se esperar, mas pelo melhor amigo dele, Frank Seinburg.

Por muito tempo, estive convencida de que teria uma morte semelhante nas mãos do meu próprio *stalker*. Em vez disso, cedi ao seu sombrio escrutínio e me vi amando-o.

Tentei tanto fugir dele, e agora tudo o que quero fazer é correr *para* ele.

Durante o resto da viagem, fiquei em silêncio. Pelo menos verbalmente – meus dentes bateram o caminho todo e, eventualmente, um dos homens ficou irritado e aumentou o aquecedor do carro.

Uma quantidade imperceptível de tempo passa antes de pararmos, o medo se instalando profundamente em minhas entranhas. Endureço minha espinha e espero enquanto os dois homens saem da van, as portas batendo em uníssono.

Então, a porta à minha esquerda se abre, convidando uma brisa gelada a entrar.

Uma mão áspera e calejada envolve meu braço e puxa. Parece que o Ceifador está me segurando, me escoltando para a minha morte.

— Ai! — solto, à beira de gritar de tanto que dói me mover.

Ele me ignora e rosna:

— Vamos. — Essa é a voz de Rick.

Seu aperto no meu braço é desnecessariamente forte me arrastar para fora do veículo. Como se uma mulher que acabou de sofrer um grave acidente de carro e está cheia de ferimentos fosse dominá-lo e fugir.

Nem sei onde diabos estamos.

Uma rajada de vento gelado sopra, enviando outra onda de arrepios pelo meu corpo. Meus dentes começam a bater novamente, o frio se tornando quase insuportável.

O saco preto é arrancado da minha cabeça, e eu me encolho com a luz forte. Está cinzento lá fora, mas como não vejo a luz do dia há um bom tempo, meus olhos estão sensíveis.

Apertando os olhos, meu olhar salta imediatamente para a monstruosidade que se eleva diante de mim.

Rick abre o braço em direção à casa colonial de dois andares, apresentando a casa como se eu estivesse em um restaurante cinco estrelas e ele estivesse puxando a tampa da minha bandeja para revelar a melhor refeição que já comi. Nunca estive em um lugar tão chique, mas, pelos vídeos que vi na internet, parece um monte de porções infantis de espuma e palitos embrulhados em carne.

Então, não é atraente.

A casa não está tão degradada quanto eu pensei, mas ainda não está na sua melhor forma. Trepadeiras de musgo sobem pelos painéis brancos rachados, me lembrando um pouco do Casarão Parsons. Só não tão… bonita. Está descolorida, com tábuas nas janelas, uma varanda despencando e… *isso é fita adesiva?*

— Parece… convidativo — murmuro.

Olhando ao redor, noto que estamos no meio do nada, cercados por uma floresta densa. Parece que acabaram de colocar uma casa aleatória no meio de uma floresta. Um caminho de terra segue em meio a um emaranhado de árvores, e suspeito que seja a única maneira de entrar ou sair. A menos que eu queira me arriscar no meio da natureza.

— Vamos, está frio pra caralho — ordena Rick, me arrastando atrás de si. Rio caminha à nossa frente, lançando um olhar indecifrável por cima do ombro antes de me levar para a casa saída direto do desenho *Coragem, o Cão Covarde.* Apenas com o dobro do tamanho.

Mas imagino que a merda que acontece nesta casa seja cheia de horrores muito piores do que os que aquele cachorro roxo já vivenciou.

Adrenalina e medo rodopiam em meu estômago e, embora haja um peso em meu estômago, não é a sensação quente e inebriante a que estou acostumada. Isso é pavor.

A casa fica mais alta enquanto Rick me puxa pela entrada e me empurra para frente. Embora o ar esteja viciado e mofado, não se parece com um laboratório de metanfetamina, como eu esperava.

Esta casa parece ter vindo direto dos anos 1800, com uma abundância de madeira, papel de parede antigo e cantos e recantos estranhos que não fazem sentido. Estou em uma enorme sala de estar com sofás de couro marrom rachado, tapetes florais puídos e pinturas tortas nas paredes. A TV está empurrada em um canto, *Tom e Jerry* passando baixo, e uma teia de aranha pendurada acima dela.

A sujeira está grudada nas rachaduras e, todas as superfícies, cobertas de poeira. O piso de madeira escuro é instável e irregular, rangendo com a menor mudança de peso. Imagino que se este lugar fosse assombrado como o Casarão Parsons, nenhum fantasma passaria sem ser detectado.

À esquerda há uma sala de jantar, parafernália em todos os lugares. Latas de cerveja esmagadas, agulhas e cachimbos de crack espalhados pela mesa, junto com um espelho circular, um pequeno monte de cocaína sobre ele.

Hesitante, ando mais para dentro da casa, o poço de pavor crescendo cada vez mais, como a boca de um tubarão logo antes de devastar sua presa.

É difícil respirar aqui. Cheira levemente a mofo, e a casa inteira está envolta em mau agouro como um casaco de lã áspero. É grosso, desconfortável e sufocante.

— Bem-vinda à sua nova casa — declara Rio zombeteiramente. Ele está me observando dar uma olhada na casa e, embora tenham se passado apenas alguns segundos, há muito tempo estou inquieta sob o peso de seu olhar.

Antes que eu possa abrir a boca, três homens entram por uma porta bem adiante. Parece levar à cozinha, com base no vislumbre de uma geladeira do meu ponto de vista. Os homens barulhentos estavam no meio da risada, mas, no segundo em que me notaram, se aquietaram. Seus movimentos são lentos, à medida que se aproximam da mesa da cozinha, mais preocupados em me despedaçar do que em observar aonde estão indo.

— Esta é o diamante? — grita um dos homens, seus dentes tão pretos que parece que insetos infestaram sua boca.

Rick caminha em direção à mesa e toma um assento de forma dramática, orgulho irradiando de seu rosto.

Sorrindo largamente, ele diz:

— Você sabe que é! Max já depositou o cheque para que possamos fazer o que quisermos, rapazes.

Seus aplausos irrompem, e o olhar no rosto de Rio é quase assassino.

— Idiotas fodidos — murmura baixinho. Então, mais alto, ele o lembra: — Não, você *não pode* fazer o que quiser, seu *estúpido*, porque tem um grande alvo na cabeça em forma de Z.

Rick acena com a mão, despreocupado.

— Não se preocupe, Rio. Vamos nos esconder até que o filho da puta esteja morto e, *então*, poderemos fazer o que quisermos. Este pagamento é enorme e não só isso: vamos ter um gostinho dela também.

Eu me encolho sob seus olhares lascivos. Instintivamente, meus braços me envolvem com mais força, mas isso só provoca alguns grunhidos de diversão.

— Ah, não seja tímida, menina. Prometo que vou fazer você se sentir bem — um deles canta, seu cabelo preto espetado em várias direções pela grande quantidade de óleo. Engulo em seco, um nó se formando na minha garganta enquanto meu olhar se fixa em uma poça vermelha escura que eu não tinha notado antes na mesa.

Não consigo nem começar a imaginar o que poderia ser.

— O que, princesa, não somos bons o suficiente para você? — pergunta Rio. Olho para ele e noto o sorriso em seu rosto. Mas ele está tenso, o sorriso está tenso.

Nem processo sua fala; meus olhos se voltaram para a poça de sangue. Seguindo minha linha de visão, Rio se vira para ver o que observo. Ele solta uma gargalhada quando o vê.

— Quer apostar o que é? — Meu rosto se contorce em repulsa ao lhe atirar um olhar.

— Minha aposta é que alguma cadela tenha perdido a virgindade ali mesmo — Rick intervém, acendendo um cigarro com um sorriso.

Eu me enfureço, e a raiva sobe em meu peito.

— Você é doente —falo, minha voz aguada e carregada de tanto ódio.

Rick apenas ri e volta à conversa entre seus amigos. Assisto a um deles se injetar com uma agulha, quando sinto alguém chegando atrás de mim pela casa. Eu me assusto e me viro para encontrar outro homem, e quase perco a cabeça.

Há uma garota pendurada no seu ombro.

Minha boca se abre, e seus olhos castanhos pousam em mim.

—Algum problema? — ele rosna.

Estremeço, pânico crescendo enquanto os membros sem vida da garota balançam atrás dele. Não faço ideia se está viva ou morta. Esperaria que o homem não estivesse carregando uma porra de uma garota morta *dentro* de casa, mas, novamente, esses cuzões são do tipo que faz algo assim.

Balanço a cabeça, sem palavras enquanto caminha em minha direção. Ele fede a odor corporal, mas é de se esperar quando parece que se banha em óleo de motor.

Nunca fui boa em controlar minha boca, mas, em uma casa cheia de homens raivosos, a última coisa que quero é testar minha sorte. Então, fico em silêncio mesmo quando ele me olha de soslaio.

— Se ficar de boca aberta assim, não se surpreenda se alguém enfiar o pau nela.

Meus olhos se arregalam e meus dentes se batem. O homem ri do clique audível.

Meu coração acelera e dou alguns passos para trás. O medo percorre minhas veias, se instala no meu estômago e começa a corroer minhas entranhas como ácido.

— Jerry, o quarto dela está pronto. Correntes extras desta vez — um dos homens chama da mesa, apontando para a garota.

Meus olhos se arregalam ainda mais. Ela escapou ou algo assim? Tenho tantas perguntas, mas sei que é melhor não fazer qualquer uma delas. Estou aliviada em saber que ela não está morta, pelo menos. Caso contrário, acorrentar um cadáver seria… estremeço só de pensar.

O homem – ou Jerry – coloca a garota no ombro e vai embora sem dizer mais nada, lançando um último olhar mordaz na minha direção.

Prendendo meu lábio inferior entre os dentes, mordo com força enquanto o vejo se dirigir para a cozinha. Ele tem sorte de eu não latir para ele como um cachorro, como estou tentada a fazer. Qualquer coisa para que o idiota pense duas vezes antes de me olhar assim. Mas isso seria burrice, e *não posso* ser burra neste lugar.

A última coisa que vejo antes de ele desaparecer é a cabeça da garota se erguendo. Olhos castanho-escuros encontram os meus, através de mechas emaranhadas de cabelos loiros, cheios de fogo e gelo. O olhar congela meu coração, mas o sorriso assustador em seu rosto é o que o faz afundar até a boca do estômago.

Cristo, a expressão em seu rosto saiu direto de um pesadelo.

Minha boca se abre novamente, mas eles se vão antes que eu possa registrar o que aconteceu. Estou igualmente assustada por ela e *com* ela.

— Não se preocupe. Se você for uma boa garotinha e fizer o que mandarem, nós a manteremos consciente daqui em diante — diz Rio, puxando minha atenção de volta para ele.

Não tenho certeza se *quero* estar consciente.

Além disso, estou a dois segundos de lhe dizer que a garota precisa ser internada no manicômio.

Mas não o digo em voz alta, considerando que *estamos* em um maldito hospício.

Ele acena com a cabeça na direção em que Jerry e a garota desapareceram.

— Vamos lá. Francesca e Rocco devem estar de volta em algumas horas, e ela virá ao seu encontro. Mas, até lá, recebi ordens para lhe mostrar seu novo quarto.

Olho para trás, vislumbrando a porta ainda aberta e a van preta brilhante. Minhas sobrancelhas franzem, esperando que ela esteja danificada de quando bateram no meu carro e me tiraram da estrada. Em vez disso, esta é novo em folha, sem um arranhão à vista. Eles devem ter trocado no Dr. Garrison, o que faz meu estômago revirar.

Sei o suficiente sobre rastreamento para dizer que eles teriam facilitado incrivelmente para Zade encontrá-los em um veículo com um para-choque esmagado.

Mas então um sorriso se forma em meu rosto com a lembrança de que Zade está a caminho, e é mais do que capaz de me encontrar, estejam eles me transportando em uma porra de uma Ferrari ou de um Volkswagen dos anos 1980 que peida poluição toda vez que aceleram. Ele vai me encontrar.

É bem nesse momento que uma memória surge, e meu sorriso cai para uma morte dramática quando o horror toma conta.

Basta levá-la para a van, Rio. Max já está vai puto por termos fodido a van dele…

Meus olhos se arregalam e, quando me viro de volta, Rio está me olhando com olhos escuros, tensos e prontos para me atacar. Meu olhar vai para baixo, notando a arma em sua mão.

Ele provavelmente presumiu que eu estava prestes a fugir.

E não posso dizer que não considerei isso brevemente, mas não sou idiota o suficiente para pensar que chegaria a mais de um metro e meio sem que um deles me alcançasse. Ou uma de suas balas.

Estou ferida e mal consigo ficar de pé, e não tenho ideia de onde estão as chaves. Correr agora não seria sábio. E, se Zade estivesse aqui, ele me diria para esperar até o momento certo.

Não aja irracionalmente.

Não posso deixar que meu pânico e desespero governem minhas decisões. Não se eu quiser sair disso viva.

Lambendo os lábios, dou um passo à frente, indicando que não vou correr.

— Max enviou você?

— Ouviu isso? — Ele relaxa, despreocupado com meu questionamento, e balança a cabeça em direção à cozinha, sinalizando para que eu o siga. Isso meio que me faz querer chorar.

Limpando minha garganta, eu forço:

— Claro que sim.

Sigo atrás dele, a vontade de chorar se aprofundando ao fazer meu caminho para dentro da barriga da fera. Parece que uma corda elástica está amarrada à minha cintura, me puxando de volta para a saída e, quanto mais ando, mais forte ela se torna.

Ele me lança um olhar por cima do ombro.

— Garota, eu não sei o que você fez para irritar aquele homem, mas ele tem uma vingança preparada para você. Sua imagem está em toda a *dark we*b e com um preço alto pela sua cabeça. Max contratou Rick para te pegar e, como o cara é um completo *idiota*, ele me pediu para ajudar. Se não fosse pelo fato de que ele sabia onde você morava, não teríamos tido uma vantagem inicial e teríamos que lutar contra alguma competição para chegar até você.

Qualquer umidade na minha boca seca. Há um preço pela minha cabeça? Para que, porra?

Acho que não deveria estar surpresa porque… bem, por que mais eu estaria aqui?

A nova informação me distrai o suficiente para ver meus arredores através de um olhar confuso. Eu me agarro a todos os detalhes insignificantes, como os armários quebrados, a geladeira amarela e barulhenta e o oceano interminável de madeira marrom e papel de parede feio. Agora, ele está me levando em direção a degraus de madeira íngremes que rangem sob nosso peso.

— Rick trabalha para a Society?

Rio me olha por cima do ombro, sua sobrancelha levantada, aparentemente surpreso que eu saiba sobre eles.

— Não, ele é amigo de Rocco, que é irmão de Francesca. Ela trabalha para a

Society, e Rocco e seus amigos colhem os benefícios.

— Você trabalha para eles?

— Sim, embora eu responda à Francesca agora.

Lambo os lábios secos e pergunto:

— Então, quem colocou o preço na minha cabeça?

— Não importa quem. Só o porquê. Agora se apresse, eu tenho que dar uma mijada e, se você não se mover mais rápido, vou tirar as calças e pintar um quadro nesse seu lindo rosto.

A ameaça repugnante funciona e me tira do meu torpor. Dando-lhe um olhar desagradável, acelero o passo, apesar da forma como meus músculos gemem em resposta.

Terminar essa conversa é melhor, de qualquer maneira. Preciso me concentrar em cada detalhe desta casa. A começar pelo silêncio.

Enquanto ele me conduz por um longo corredor, várias portas de cada lado, percebo que não é o tipo de silêncio derivado do vazio, mas do tipo quando alguém está prendendo a respiração, rezando para que os passos continuem andando.

Engolindo nervosamente, meus olhos vasculham ao redor, tentando identificar qualquer detalhe gritante, mas um pavor de acelerar o coração deixa tudo confuso.

Como diabos eu deveria ficar calma e ser esperta para poder sair daqui, quando um milhão de alarmes estão soando na minha cabeça, me avisando que não *há* saída?

Há sempre uma saída, ratinha. Você apenas precisa encontrá-la

14 de junho de 2008

O abate é hoje. Francesca não apenas esteve nos preparando para nos tornarmos malditas escravas sexuais. Putinhas obedientes para os estupradores. Ela também esteve nos preparando para hoje. Quando seremos caçadas como passarinhos. Voando para longe apenas, para sermos abatidas.

BOOM. simples assim. A melhor parte? NÓS seremos as punidas por isso. Toda essa merda é projetada para falharmos.

Seja uma boa garotinha. Abra bem, baby. Afaste as pernas.

Quão flexível ela é? Vamos ver se você consegue tocar os dedos do pé.

Fodidos doentes. **Todos** eles. Eu espero que eles façam merda e acidentalmente me matem quando me baterem.

Eu ficaria agradecida.

MOLLY

CAPÍTULO 6
O CAÇADOR



Raiva.

Não é valorizada o suficiente. Não é *estudada* o suficiente.

As capacidades do corpo humano não estão mais limitadas às leis da física. A destruição absoluta que reside na ponta dos meus dedos poderia queimar cidades inteiras – reduzi-las a cinzas e brasas. Um simples toque de um palito de fósforo, ou um movimento do meu pulso, e até onde meus olhos podem ver seria consumido pelo mesmo fogo escuro que se assola dentro de mim.

Por enquanto, direciono a destruição para mim mesmo. Meu reflexo ferve, dominado por uma violência só vista através de telescópios. Nosso universo foi forjado em brutalidade, e agora o cosmos reside não em um, mas em dois olhos negros me encarando.

Sua maldita culpa.

Meu punho voa no espelho, quase quebrando-o inteiramente com um golpe. Pequenos fragmentos explodem com o impacto, chovendo na pia e no chão. Isso imita exatamente como minha alma se sente. Quebrada pra caralho.

Acabei de chegar do hospital e já estou aumentando a lista de lesões. Mas estou muito desorientado para me importar.

Rosnando, eu me afasto e enfio meu punho no espelho novamente. De novo e de novo, até que restem apenas alguns pedaços tortos.

Enfurecido, eu giro, procurando o maior caco que possa encontrar, e o pego do chão, ignorando as bordas irregulares cortando minha pele. E, então, pego um menor, com uma ponta afiada, antes de me levantar.

Segurando o grande pedaço diante de mim, eu o posiciono até que esteja no ângulo correto, servindo como meu novo espelho. Usando o pedaço menor, mergulho a ponta na minha pele e começo a esculpir.

Vou devagar, meus movimentos instáveis pelos tremores que atormentam meu corpo. O vidro desliza do meu aperto, tanto devido ao sangue que escorre dos

meus dedos quanto por onde as bordas mordem minha pele, e tenho que reajustar o agarre continuamente para criar mais cortes.

Mas a dor mal é registrada por estar barulhento pra caralho dentro da minha cabeça. Está obscurecida com fúria, e cada maldito órgão do meu corpo parece como se estivesse em um liquidificador.

Minha ratinha se foi.

Ela foi roubada de mim.

E o homem por trás disso é o mesmo que eu sabia que tinha desejo de vingança contra ela.

E eu o deixei vivo.

Porra, eu o deixei continuar vivendo, fervendo na raiva que eu causei.

Com o coração batendo rápido, afundo o vidro mais forte, vermelho brilhante borbulhando de onde corta minha pele.

Quando termino, deixo cair o fragmento, meu corpo inteiro vibrando.

Eu falhei com Addie.

E nunca vou me permitir esquecer.

Não com a rosa agora esculpida sobre meu coração.



Sangue cobre o solado das minhas botas, deixando um rastro escarlate atrás de mim ao me aproximar da casa de Max.

Ele finalmente contratou guardas.

Não fizeram muito bem, quando agora todos os seis corpos se espalham pelo chão. Com buracos de bala entre os olhos voltados para as estrelas, mas sem vê-las, eles foram apagados porque protegeram a pessoa errada.

Não me importo com o quão amados eles eram. Não dou a mínima se tinham famílias e se tinham esposas e filhos pequenos em casa, esperando ansiosamente sua chegada. Papai se foi, crianças.

Chuto a porta da frente, e conversas altas mudam para diferentes versões de *que porra é essa*.

A casa de Max é quase toda em conceito aberto, toda em preto e dourado com decoração medieval. Ele é um homem rico, mas nenhuma quantia poderia protegê-lo de mim.

De ambos os lados, duas grandes escadarias levam a uma varanda que circunda a casa em meia-lua. O homem do momento aparece na sacada, uma expressão selvagem em seus olhos enquanto mais dois guardas correm atrás

dele.

Seu cabelo louro-branco está despenteado, os fios eriçados e, quando me vê, aquele olhar se torna feroz, seus olhos arregalados de histeria.

Levanto uma sobrancelha.

— Você esfregou um balão na cabeça?

Ele pisca e, antes que qualquer um deles possa processar minha presença, ergo minha arma e tiro duas balas – uma para cada guarda.

Fácil demais.

Aparentemente, seu dinheiro não pode nem comprar guardas bons o suficiente para me entreter. Se fossem como eu, eu teria sido morto a tiros antes que uma sílaba pudesse sair da minha boca.

Os olhos de Max se arregalam quando seus homens caem ao chão, o sangue escorrendo rapidamente pelos trilhos e para os ladrilhos imaculados no térreo. Ele se vira para correr, mas minha voz o detém.

— Venha aqui, Max.

Lentamente, ele olha para mim, terror irradiando de seus olhos. Há um fedor especial nos homens que são confrontados com as consequências de suas ações.

Eles ficam petrificados, mas só porque sabem que vão morrer. E não importa no que acreditem, sabem muito bem que não há nenhuma chance de serem guiados através de portões perolados.

— O que quer que você acredite que eu…

— Não me insulte mais questionando meu conhecimento — interrompo, minha voz mortalmente calma. — Você é mais inteligente que isso, Maximilian.

Seus lábios se apertam em uma linha branca, mas ele tem bom senso suficiente para se virar e descer os degraus, alisando seu blazer amarrotado para restabelecer sua frágil fachada de confiança. Ele está lutando para manter uma expressão calma, com os punhos cerrados e trêmulos, e suor cobrindo a linha do cabelo.

Faz uma pausa no último degrau, parado diante de mim com o nariz empinado. Quer morrer de cabeça erguida.

Que ingênuo.

Ele vai se curvar aos meus pés, implorando por perdão e com os lábios pressionados tão fundo em minhas botas que seus dentes vão deixar marcas.

— Onde ela está? — eu pergunto, minha voz fria e desprovida de emoção.

Ele olha para mim, sua garganta se movendo ao tentar engolir.

— Não me disseram a localização.

— Mas você está em contato com os homens que a têm — contraponho. Ele

pisca, lambendo os lábios enquanto encontra a resposta adequada.

— O trato foi cumprido. Transferi a porcentagem de Rick e cortamos os laços.

Max transferiu dinheiro para uma conta, então pensei que apenas Rick Boreman tivesse recebido uma parte, embora ainda não tenha certeza do porquê. Na câmera de vigilância do acidente de carro de Addie, havia dois homens, e Rick não foi aquele a arrastá-la para fora de seu veículo capotado.

Franzo os lábios, as cicatrizes no meu rosto enrugando, aceno com a cabeça e caminho em direção a ele lentamente, como um guepardo cercando sua presa. Uma pitada de satisfação escorre para minha corrente sanguínea quando ele fica tenso, se solidificando sob meus olhos.

— E você está me dizendo que não tem como entrar em contato com nenhum deles?

Ele engole em seco e balança a cabeça.

— Rick desligou o telefone depois que a transferência foi concluída. Provavelmente para se esconder de você.

Eu murmuro, arrastando meus olhos para cima e para baixo em sua forma, notando a postura desajeitada e a forma como seus pés estão inclinados para dentro. Está a segundos de se mijar.

Não há a autoconfiança de estar em um lugar público, sabendo que o pior de seus pecados foi intimidar duas mulheres em um restaurante.

Ele foi um menino muito mau desta vez.

— Então, por que você fez isso, Max?

— Você matou meu pai, então o acordo foi cancelado — ele cospe, fúria piscando em suas írises. Me detenho, podendo apenas olhar para ele enquanto processo suas palavras.

Depois que matei Archie Talaverra, cortei suas mãos e as coloquei na porta de Addie como um lembrete de que ela é minha, e que ninguém mais deve tocá-la. Max descobriu e começou a culpá-la pela morte de Archie, então fiz um acordo com ele. Eu não mataria seu pai, e ele não tocaria em Addie. Foi preciso sequestrá-lo e gravar um vídeo para chegar ao ponto, mas ele manteve sua palavra. Até recentemente.

O engraçado é que nunca matei o seu pai.

— Como é?

Ele pisca, seu rosto gradualmente ficando vermelho.

— Você mata…

— Eu ouvi o que você disse, porra! — berro. — O que fez você pensar que fui eu?

Seu rosto se contorce.

— Porque você *disse* que iria — ele grita, dando um passo ameaçador em minha direção. Faço melhor e dou uma estocada em seu rosto, fazendo-o recuar e perder o equilíbrio.

Eu o pego pela gola de sua camisa e o puxo para perto.

— Explique, Max — rosno. — Porque eu não matei seu pai, porra. Se tivesse, teria matado vocês dois. Fizemos um maldito acordo e *eu* mantive minha palavra.

Ele balança a cabeça, cuspindo fogo.

— Você me enviou o vídeo decapitando meu pai, na sexta-feira. No vídeo, você disse: “Isto é por Adeline Reilly”.

O fogo enche minhas veias, cada uma delas se inchando pelo meu corpo.

— Foi a minha voz?

— O que… eu não sei, cara! Não tenho uma maldita gravação da sua voz para comparar. Era profunda como a sua, isso é tudo que eu sei.

Concordo com a cabeça, deixando-o ver em meus olhos o quanto ele fez merda. Não é preciso ser um gênio para descobrir quem realmente matou o seu pai.

— Você se deu ao trabalho de confirmar se era eu?

— Oh, que pena, cara, eu te ligo na próxima vez — retruca ele.

Sorrio selvagemente.

— Você está me dizendo que não, engenhoso Maximilian? Porque eu sou, e tenho muitos recursos para te fazer sofrer. Se vai se vingar de um assassinato, então é melhor ter a maldita certeza sobre quem realmente o cometeu.

Ele se atrapalha, sua boca aberta quando percebe que agiu sem pensar. Assistiu ao seu pai ter uma morte brutal, decidiu quem fez isso com base em uma única frase e enviou Addie para o matadouro.

Vermelho se infiltra em minha visão, e é preciso todo o meu esforço para mantê-lo sob controle. Para enxergar claramente, porque quero testemunhar cada porra de segundo da morte de Max.

— Quer saber quem matou seu pai, idiota? As mesmas pessoas para quem você vendeu Addie. A Society o matou para que você me traísse e depois mirasse em Addie. Você caiu na porra da armadilha e fez todo o trabalho sujo para eles.

Ele balança a cabeça.

— Como eles saberiam sobre nosso acordo e o que você fez com meu pai?

— Eu não sei, Max, seu pai abriu a porra da boca e contou para quem quisesse

ouvir? *Você* fez isso*?* Choramingou sobre como eu o sequestrei e o ameacei se você tocasse em Addie e Daya. Está me dizendo que nenhum dos dois saiu reclamando sobre isso com alguém que possui ouvidos?

Seus dentes estalam, confirmando minha presunção.

— Não é difícil descobrir sobre nossa rivalidade se você não cala a boca sobre isso — eu sibilo.

Ele resmunga enquanto eu o arrasto para a porta da frente, seus pés arrastando no azulejo e unhas arranhando minha mão em pânico. Planejo fazer isso muito devagar. Obtendo o máximo de informações que puder antes de mandá-lo para debaixo da terra.

— Espere, espere, foi um erro. Vamos resolver isso — gagueja ele, ao arrastá-lo pelas escadas da varanda em direção ao meu carro. —Vou trazê-la de volta!

Lanço um sorriso feroz.

— Não se preocupe, Max, eu pretendo resolver um monte de coisas com você. Ou melhor, arrancando-as *de* você.



O bisturi sangrento bate na bandeja de metal, e os gemidos de Max enchem o ar. Ele não achou engraçado quando comecei a tocar Bodies de Drowning Pool para abafar seus gritos incessantes.

Ri durante a música inteira, embora no momento não possa sentir nada além de chamas queimando em meu peito vazio.

Fios estão presos ao peito de Max, levando a uma máquina projetada para reiniciar um coração no segundo em que ele para. Eu o construí quando comecei neste negócio, embora, raras vezes seja usado agora. No começo, minha raiva contra os traficantes sexuais não era controlada. Mas, ao longo dos anos, descobri que, quanto mais rápido eles morrem, mais eu posso matar.

Já matei Max por asfixia duas vezes. No segundo em que seu coração para de bater, minha máquina o traz de volta à vida via eletricidade, e eu o torturo lentamente e, depois, o mato mais uma vez. Lava e repete.

Eu ainda nem tinha começado a fazer perguntas, com raiva demais para falar.

Agora, ele está puto. Tão perto da morte, apenas para acordar e ver o meu rosto sorridente, de novo e de novo. Ainda não sinto nada, no entanto.

— Rick Boreman é para quem você transferiu o dinheiro. Quem era o parceiro dele?

— R-Rio — ele responde. — Não sei o sobrenome.

Seu discurso é instável pelo estrago que o corpo suportou.

— Como você os conhece?

— Eu não re… realmente conheço. C-Connor e Rick eram amigos. Eu sabia que Rick tinha conexões, então peguei o número dele no telefone antigo de Connor.

— E como você sabia no que Rick está envolvido?

— Connor falou sobre a possibilidade de os Tala-la-verras entrarem para esse comércio, e ele mencionou que conexões para o fazer através de Rick. Eles nunca acabaram se envolvendo, então nada mais foi dito sobre Rick do que… do que isso.

Ergo uma sobrancelha. Os Talaverras se envolvendo no tráfico humano teria sido um desastre. Especialmente com Archie envolvido e seu status de playboy – ele teria condenado muitas garotas a esse destino. Suponha que eu tenha feito mais bem do que pensava inicialmente, matando todos eles.

— Para quem Rio e Rick trabalham?

Max balança a cabeça, sua boca se curvando em um sorriso.

— Rick não trabalha para ninguém. E-ele é apenas amigo das pessoas certas. Eu sabia onde sua namorada morava, e ele sabia como colocá-la nas mãos certas. Foi mutuamente benéfico.

Ele parece estar desmaiando, então bato em suas bochechas algumas vezes. Ele resmunga para mim, mas mantém os olhos abertos.

— E o Rio?

Outro sorriso.

— Quem mais? A Soc…

— Não seja estúpido, Max — interrompo, pegando uma tesoura e arrastando a ponta contra a teia de pele entre dois de seus dedos. Quando ele não me dá uma nova resposta, abro a tesoura e corto a carne delicada. Ele grita, mas o som não é suficientemente angustiante.

Ainda não.

— Quero os nomes. As pessoas a quem eles se reportam diretamente e para quem eles a levaram.

Ele se esforça para engolir; seu rosto se contrai de dor enquanto luta para responder.

— E-eu não sei, Z. Eu te disse, eu mal os conhecia! Apenas o que C-Connor nos contou sobre Rick, que não era nada além de ser amigo de um traficante. Quando vi o anúncio, pedi a sua ajuda, e isso foi tudo!

— Como eles sabiam como pegá-la?

Ele lambe os lábios, seus olhos vagando de exaustão novamente.

— Eu sabia que a casa dela estava cercada, então nós a tiramos. Luke sabe onde Daya mora, então… então ele fez uma visita a ela. Invadiu a casa, amarrou-a e usou seu telefone para atrair Addie para fora. Rick e Rio esperaram do lado de fora da garagem e a seguiram.

Permaneço parado, ficando quase cego de fúria ao saber que Daya poderia ter sido levada também. Ninguém fode com minha garota, e isso inclui seus amigos e familiares.

Addie se foi há sete dias e, nesse tempo, tudo em que pensei foi em encontrar Max. Nem me passou pela minha cabeça que Daya ainda não tinha procurado sua melhor amiga.

Para ser honesto, mal consigo pensar direito com todos os órgãos do meu corpo tomados pela constante agonia da sua partida.

— Onde está Daya?

Max ri, o som molhado e sem humor.

— Da última vez que ouvi, cara, Luke ainda a tinha. Revivendo s-sua memória favorita com ela, provavelmente.

Porra. Parece que Max vai ter que esperar para morrer de vez. Preciso matar seu amigo primeiro e tirar Daya dali.

— Hum. — Corto a pele entre o dedo mindinho e o anelar. Ele cerra os dentes, mas isso não impede que o grito escorregue pelas fendas de seus dentes.

— Caramba, porra! — ele explode, ofegante com a dor.

Vou mantê-lo vivo o suficiente para pegar Daya. Então, voltarei e terminarei o trabalho – permanentemente. Não tenho mais tempo a perder com ele.

— Quem era a pessoa com quem você falou quando respondeu ao anúncio? — pressiono.

— Eram anônimos. Você… você acha que eles se apresentam quando atendem o telefone? — ele estala. — Eu disse que sabia onde ela estava e quem me ajudaria. Eles me disseram que transfeririam o dinheiro quando Addie estivesse em sua posse. É-é isso!

Agarro sua outra mão e corto a pele entre o indicador e o dedo médio, puramente porque não gosto de sua atitude.

— Você sabe quantos homens se deitaram nesta mesma cadeira diante de você? — pergunto casualmente, olhando para seu rosto rasgado.

— N-não — ele grita, arrastando a nota em um lamento triste.

— Nem eu — dou de ombros —, perdi a conta. Mas o que lembro é que quebrei cada um deles.

Max fecha os olhos com força quando me inclino para frente, sem coragem suficiente para enfrentar seu algoz.

— Mas você é o primeiro a me quebrar antes, Max. Consigo admitir isso. Você me quebrou em pedacinhos quando tirou Addie de mim. Por sua causa, não sou mais um homem.

Endireito minha coluna.

— Sabe o que isso significa para você? Significa que não tenho mais humanidade em mim. Sem empatia. Sem culpa. Nada. Eu poderia fazer isso a porra do dia todo e, mesmo quando seu corpo cedesse, eu o traria de volta.

Lágrimas escorrem pelos cantos de seus olhos, mas não têm efeito sobre mim.

— Desculpe, cara. Foi um erro genuíno — ele geme. — Eu só fiz isso por causa do meu p-pai.

— Você apenas sequestrou uma garota e a vendeu para o comércio de peles, quer dizer? Você só condenou uma mulher inocente à tortura, trauma e estupro porque seu pai morreu? — Minha voz começa a falhar no final e aperto minha mandíbula, lutando para manter a pouca sanidade que me resta. Estou desmoronando, lágrimas se formando em minha visão.

Ele balança a cabeça e choraminga:

— Eu não sei o que você quer que eu diga.

Inspirando e expirando, aos poucos recupero o controle. Aceno, aceitando essa resposta pelo que ela é. Nós dois sabemos que não há absolutamente nada que ele possa dizer para reparar o que fez.

— Tudo o que precisava era um pouco de pesquisa, cara. Mesmo se você fosse impetuoso o suficiente para me ameaçar diretamente, isso teria salvado sua vida.

E minha alma.

Ele choraminga, não tendo nada a dizer. Então, pego a minisserra e a ligo. Seus olhos quase negros se arregalam, dilatados de terror.

Cortei o seu rosto bem, mas acho que há um uso muito melhor para ela.

— Você sabe o que possivelmente está sendo feito com Addie enquanto falamos? — questiono, a fivela de seu cinto ressoando sob o zumbido suave da lâmina.

Ele fecha os olhos novamente enquanto abro suas calças e as puxo para baixo. Enrugo meu nariz. Ele se mijou.

— P-por favor, cara — grita, soluços arranhando sua garganta. O ranho escorre de seu nariz e entra em sua boca, e tudo que vejo é um homem que só lamenta ter sido pego. Um homem que era arrogante e estúpido demais para

pensar que não sofreria as consequências de suas ações. — Não faça isso.

A caverna em meu peito se alarga, devorando o que restava de minha consciência.

Minha alma não tinha lugar dentro de um monstro.

Então, eu me livrei dela.

— Ela está sendo estuprada — digo a ele, minha voz se aprofundando com fúria desenfreada. Essas imagens me *assombram*. — Você pode imaginar por quantos homens?

Ele balança a cabeça, suas pernas tremendo enquanto eu puxo sua boxer, feliz por estar usando luvas grossas de náilon.

— É tudo o que eu posso pensar — sufoco em um sussurro. — Sou atormentado pela tortura que ela deve estar sofrendo. A dor e como ela provavelmente quer morrer.

E como eu quero morrer.

Eu o agarro entre as pernas, não vendo nada além de uma repetição de slides do tormento de Addie. Eu poderia serrar meus próprios dedos, e mal notaria.

Eles a estão machucando. Assustando-a. Fazendo-a chorar.

A lâmina corta a pele e os músculos, provocando um grito que os filmes de terror não conseguem imitar. Esse som só pode nascer do tipo de horror que poucos humanos realmente experimentam.

Parece música.

É o mesmo som que Addie está fazendo?

O sangue jorra, pintando Max e eu de carmesim. Ele suga uma respiração profunda, preparando-se para soltar outro grito que ninguém mais vai ouvir, mas então ele desmaia.

Mulherzinha.

Literalmente agora.

Desligo a lâmina, enrolo meus dedos em seus dentes inferiores e puxo para baixo, e deixo cair o pedaço de pele agora solto em sua garganta. Então, trabalho para cauterizar a ferida, evitando que ele sangre enquanto eu estiver fora.

Ainda não terminei com ele.



Não foi difícil rastrear onde Luke mora. O imbecil publica toda a sua vida nas redes sociais, de qualquer maneira. Exceto pelo fato de que está mantendo uma garota refém em sua casa. Eles sempre parecem esquecer esses detalhes.

Gritos indiscerníveis podem ser ouvidos através das portas de sua casa. Um estrondo alto se segue, e eu sorrio, já sabendo que vou encontrar Daya tornando a vida desse cara em um inferno.

Deslizo meu grampo no buraco da fechadura e o prendo, quebrando a fechadura. E, então, entro na casa como se estivesse entrando na minha hamburgueria favorita.

— Por que você sempre tem que se *mexer*? — Luke grita do corredor. Escorrego minha arma para as mãos e começo a girar o silenciador ao ir em direção ao tumulto. — Estou tentando cuidar de você!

Quando viro a esquina, me detenho.

Daya está amarrada a uma cadeira, tombada de lado, com os braços presos desconfortavelmente sob seu peso. Ela grita através da fita grudada em sua boca, a morte irradiando em seu olhar. Quando me vê, seus olhos se arregalam, e começa a se contorcer como se estivesse tentando fazer sua presença ser notada.

Não consigo vê-la mais com clareza que isso sendo que ela está bem na minha cara.

Percebendo a reação de Daya, Luke vira a cabeça, e seus próprios olhos se abrem antes que ele pegue sua arma. Atiro na parte de trás de seu joelho antes que ele dê um passo, não sentindo nada, mesmo quando ele cai ao chão com um grito de agonia.

— Acalme-se, Daya — digo, caminhando até ela. — Eu estou te vendo. Balançar como um verme em um anzol só vai deixar sua pele em carne viva ainda mais.

Ela bufa, esperando, impaciente, enquanto eu a levanto e a cadeira ao mesmo tempo, desamarro-a das cordas e ajudo a se levantar. Ela me dá uma olhada, notando os círculos escuros sob meus olhos e o vazio em meu olhar, e se envolve em torno de mim.

Eu pisco, congelando por um momento antes de passar um braço em volta dela. Imediatamente, irrompe em lágrimas, seus soluços vibrando no meu peito. Coloco uma mão na parte de trás de seu pescoço e aperto de forma tranquilizadora. É a única coisa que consigo pensar em fazer para que ela saiba que estou aqui e que está segura.

Minha garganta está muito apertada para falar, porque, por mais aliviado que esteja por Daya estar bem, sou incapaz de realmente senti-lo.

— Por favor, me diga que sabe onde ela está — ela implora, apertando meu moletom em seu agarre.

Suspiro, segurando-a pelos braços e a puxo com gentileza para longe. Ela não

parece melhor do que eu. Seus sábios olhos verdes estão injetados de tanto chorar, cabelos pretos e lisos desgrenhados, e hematomas marcam sua pele marrom-escura.

— Ainda não — sussurro, incapaz de falar as palavras decepcionantes mais alto. Seus olhos se fecham em derrota, mas ela acena com a cabeça.

— Nós vamos encontrá-la. Nós vamos.

— O que ele fez pra você? — pergunto, trazendo a conversa de volta para o parasita se arrastando no chão em direção à sua arma, que está em uma mesa de café a três metros dele. Eu me viro e atiro na arma, enviando-a derrapando pelo chão e sob seu sofá branco.

Aposto que nenhuma bunda jamais se sentou nessa coisa.

— Nada que eu não o tenha deixado fazer antes — murmura ela.

Inclino minha cabeça.

— Nós dois sabemos que desta vez não foi consensual.

Ela desvia o olhar, parecendo envergonhada.

— Você sabe que não pediu por nada disso, certo? — eu a lembro, sacudindo-a apenas o suficiente para enfatizar meu ponto. Ela acena com a cabeça, embora não pareça totalmente convencida.

— Max está na minha casa. Vamos cuidar do Luke aqui. Você pode até liberar um pouco da raiva reprimida, se quiser.

Vou me virar, mas ela me impede, sua mão apertada em volta do meu pulso.

— Não perca sua humanidade ainda, Zade. Addie é forte e vai sobreviver a isso.

Eu a encaro e me pergunto se consegue ver algo dentro de mim que eu não consigo.

— Eu já perdi.



Eu bato mais forte. Porra, eu preciso fazer isso com mais força.

Os gemidos de resposta enviam um tiro de prazer pela minha espinha.

E, toda vez que os ouço, só consigo pensar em Addie. Nunca consigo parar de pensar nela, mesmo quando a súplica segue os gritos. *Mais forte*.

— Por favor. — O apelo é sem fôlego. Mas não bom o suficiente.

— Por favor, o quê? — exijo através dos dentes cerrados, suor escorrendo pela minha têmpora pelo esforço.

Ainda *não é suficiente*.

Nunca será. Não até eu ter Addie de volta.

— Zade — Daya chama. — Por favor.

Olho para ela, meu martelo suspenso sobre o prego maciço alojado na perna de Luke. Ela parece um pouco enjoada, mas não consigo me importar agora.

Eu havia fixado um prego no seu antebraço nos últimos minutos, e enfiei o suficiente para passar pela carne e se alojar na mesa de madeira, mas é um prego enorme, e ainda há alguns centímetros para martelar.

Os gemidos de Luke são cheios de agonia, e seus apelos desesperados me fazem sentir tão bem quanto sou capaz.

Não o suficiente, porra.

Quero que ele grite tão alto até que seus gritos cessem e sua caixa de voz se estilhace completamente.

A mão de Daya descansa em meu braço, seu próprio apelo cortando o barulho na minha cabeça.

— Ele te machucou — digo categoricamente.

Ela concorda.

— Machucou. E agora estou pronta para confirmar.

Largo o martelo, a borracha pesada caindo dolorosamente sobre o braço dele antes de acertar a mesa. Seu grito de resposta vibra através de sua casa.

Não. É. Suficiente.

Limpo meu nariz e me afasto, as mãos tremendo com a necessidade de continuar batendo no prego até que sua cabeça se conecte com a carne.

Já faz mais de uma hora desde que arrastei Luke para a mesa da sala de jantar e comecei a conduzir minha tortura. Encontrei algumas ferramentas em sua garagem e decidi fazer bom uso delas, pois ele nunca mais terá a chance.

Daya limpa a garganta.

— Luke? Fique acordado, garoto. — Ouço a pele batendo e olho para trás, para vê-la batendo rudemente em sua bochecha. Sua cabeça pende, mais gemidos saindo da garganta.

— Por favor — ele sussurra, a voz rouca. Mas ele precisa ficar sem voz e, mesmo assim, não ficarei satisfeito.

— Sabe, tenho dito a mesma coisa para você por uma semana — diz Daya, sua voz embargada. Seus olhos se enchem de lágrimas, o que só atiça as chamas em meu peito.

Ela e Addie se amam ferozmente. E como Addie é minha família, isso faz de Daya minha família também.

É melhor eu fazer dele um exemplo, para que os outros saibam que nunca

mais devem foder com elas.

Não ajuda que ele tenha desempenhado um papel importante no sequestro da minha garota.

E isso… isso é simplesmente imperdoável. Insustentável.

Luke engole, mas as palavras falham por vários momentos.

— Não foi pessoal — resmunga ele. — Eu só estava fazendo o que Max me disse para fazer.

— Max disse para enfiar seu pau dentro de mim? — Daya contra-ataca, seu pequeno punho se curvando em uma bola apertada.

Espero que ela os use. Eu só a impediria para que pudesse dar alguns dos meus próprios socos antes de deixá-la acabar com sua vida miserável.

— Não, Daya, eu só… eu senti tanto a sua falta.

Daya fecha os olhos, uma lágrima escorrendo por seus cílios. Não tenho ideia se esses dois tiveram um relacionamento a mais do que apenas uma noite juntos, e nem é da minha conta. Mas não importa, porque o que quer que Luke tenha roubado de Daya, ela planeja pegar de volta.

— Não senti sua falta, Luke. Você sabe disso, certo? — retruca ela, seus olhos claros brilhando. Sua boca se abre, mas ela continua: — Sempre que pensava em você, era por desgosto. Eu deveria saber que você encontraria uma maneira de me surpreender e se tornaria muito pior do que eu pensava.

— O-olha, sinto muito pelo papel que desempenhei, mas você tem que entender que Max é louco. — Quando me aproximo dele, sem uma mortalha de compreensão, ele fica mais desesperado. — Sério, cara! Se eu não fizesse o que ele disse, ele me mataria!

— Ele disse para você abusar de Daya? Estuprá-la?

Ele se debate, a boca se abrindo e fechando enquanto procura a resposta certa. Ou melhor, a mentira certa.

Os olhos de Daya se fixam nele ao estender a mão para mim com expectativa. Não desvio o olhar de Luke enquanto pego uma faca da mesa ao meu lado e entrego para ela, sabendo o que está pedindo.

Ela não perde tempo. Não hesita um segundo. Apenas segura o cabo preto em um agarre apertado, o metal brilhando nas luzes da sala de jantar ao erguê-lo acima dele e mergulhá-lo em sua garganta. Metal afiado corta carne e osso, silenciando seus apelos.

Os olhos de Luke se arregalam em discos redondos, encarando seu ceifador com descrença. É sempre descrença. Como se não o vissem chegando. Ou, talvez, simplesmente não consigam aceitar o fato de que estão mesmo morrendo.

Homens assim, que viveram suas vidas de forma tão egoísta e sem consideração pela vida dos outros, são sempre os mais desesperados para viver para sempre.

Mas nunca entenderam que é isso que os torna tão fracos. São as pessoas que não respeitam a própria vida – pessoas como eu – *nós* somos as mais mortais.

O que me impede de levar as pessoas comigo quando eu morrer?

Nada.

Nem uma maldita coisa

16 de junho de 2008

Eu descobri um jeito de fugir. EU ACHEI, PORRA. Mas shh, eu não posso dizer. Ninguém nunca encontrará esse diário, mas escrever parece como se trouxesse má sorte. Estou tremendo, estou tão empolgada. Não me pegaram no Abate. Os cuzões estavam choramingando porque não tiverem um gostinho de mim. Eles acham que terão uma chance quando tentarem me comprar. **Mas eles nunca terão a chance**. Desenhei Layla e eu. Estaremos juntas logo. E, então, vamos desaparecer. **Para sempre**.

MOLLY

CAPÍTULO 7
O DIAMANTE



— Você traz produtos para a minha casa *assim?* — Uma mulher assobia acidamente, puxando minha atenção para cima. Estou de costas para um espelho de corpo inteiro, cabeça inclinada sobre o ombro e minha camisa levantada enquanto observo os pontos nas minhas costas. Contusões enormes mancham minha pele, transformando-a em uma cor feia.

Limpando a garganta, deixo cair minha camisa enorme e suja e me viro para encontrar seu olhar de frente.

Na minha frente está uma linda mulher, o rosto coberto de maquiagem e a pele encharcada de perfume cítrico. Um vestido justo adere às suas curvas e um par de saltos de tiras lhe confere uma altura agressiva

Sua roupa não é adequada para este clima, mas ela parece capaz de atravessar uma nevasca descalça e não piscar um olho. Ela parece estar só em seus trinta e poucos anos e, mesmo que seja bonita, parece cansada – desgastada. Andar ao lado do diabo faz isso com você.

Esta deve ser Francesca.

E agora, ela está olhando para mim, punhais sendo atirados de seus olhos castanho-dourados.

Merda. Aqui vamos nós.

Rio se mexe desconfortavelmente, mas não responde à sua pergunta indignada. E essa pequena ação me diz muito. Se você não tem uma razão válida para o seu erro, fique de boca fechada. Talvez, mesmo se fizer isso, ainda a mantenha fechada.

Seus olhos se estreitam e percorrem meu corpo enquanto ela caminha em minha direção, me verificando. Determinando quanto dinheiro eu poderia fazer, provavelmente.

Estou grata que Rio encontrou algumas roupas no quarto de outra garota, e que não estou mais usando o pijama do hospital. Imagino que a reação dela seria

muito pior do que é.

Ela está diante de mim, seu perfume forte fazendo cócegas no meu nariz. Fico em silêncio, observando-a apertar a camisa branca suja e levantá-la. Seu olhar se aguça quando ela vê os hematomas feios colorindo meu torso. Estão por toda parte, e tenho uma sensação doentia de que ela fará de encontrar cada um deles sua missão.

Ela então me circula, um suspiro agudo perfura o ar parado quando nota os dois grandes cortes nas minhas costas.

— O que você fez com ela? — ela rosna.

Rio mantém os olhos em suas botas pretas, manchas de sangue seco ainda nelas.

— Acidente de carro — ele responde.

— *Estúpido*. Vai levar semanas para cicatrizar. Quando os pontos podem ser tirados?

Ele finalmente olha para cima, seus olhos castanho-escuros girando com ódio, mas uma expressão de desculpas no rosto. Que é apenas dirigido para Francesca. Não está nem um pouco arrependido.

— Dr. Garrison disse que de quatro a seis semanas.

Ela sibila e deixa a camisa cair, dando a volta para me encarar.

— Ela está tomando anticoncepcional?

Minhas sobrancelhas se juntam e franzo a testa, me questionando por que ela está perguntando a *ele* e como diabos Rio saberia disso.

— Garrison disse que ela tem DIU.

Lágrimas começam a se formar, e é preciso esforço para mantê-las contidas. A vontade de vomitar por ter sido tão violada assim. Não fazia ideia de que ele tinha verificado isso, o que significa que o fez enquanto eu estava inconsciente.

Ela cantarola, satisfeita com o fato, e finalmente se dirige a mim de forma direta.

— Você sabe quem eu sou?

Leva alguns segundos para controlar minhas emoções, mas consigo engoli-las o suficiente para responder.

— Francesca — digo com confiança, inserindo o máximo possível de volume na minha voz. Ela não parece o tipo de pessoa que gostaria de resmungos.

Essa é a coisa boa em ser escritora, suponho. Construí e criei tantas personalidades imaginárias, que não é preciso muito para descobrir as da vida real.

Francesca, aqui, não tem paciência e não tolera insolência, preguiça ou

fraqueza. Ela exala força, e é isso o que espera em troca. Não deve ser confundido com desafio, é claro.

Ela levanta uma sobrancelha bem-cuidada na testa.

— Sim — diz ela. — Esse é o meu nome. Mas não foi isso que perguntei.

Franzo o cenho, minhas sobrancelhas juntas, sem saber como responder. Antes que eu possa descobrir, suas longas unhas de acrílico beliscam minhas bochechas. Inalo bruscamente, as garras cavando em minha pele quando ela puxa meu rosto para si, uma expressão calma, mas ameaçadora no seu rosto.

— Eu sou sua senhora. Você não vai falar, agir ou mesmo *pensar* sem minha permissão primeiro, você me entende?

— Sim — sussurro, embora o som saia distorcido entre os lábios apertados. Ela empurra meu rosto para longe com força, me fazendo perder o equilíbrio e cair de bunda. Um sopro de ar me escapa pelo impacto, seguido por um gemido, e fecho os olhos enquanto a dor sobe pela minha espinha.

Esses idiotas não querem o produto machucado e ensanguentado, mas não conseguem tirar suas malditas mãos de mim. Faz sentido pra caralho.

Não preciso ser especialista no comércio de peles para saber que ninguém quer comer uma maçã machucada. Querem maçãs bonitas e brilhantes para enfiar os dentes e rasgar, pedaço por pedaço.

Francesca funga, olhando para mim com desdém. Soltando uma respiração lenta, encontro seu olhar, trabalhando duro para manter até mesmo uma pitada de raiva longe dos meus olhos.

— Obediência é a primeira coisa que peço a você. Eu, pessoalmente, não gosto de administrar drogas para manter as meninas obedientes. Gosto de minhas meninas lúcidas e no controle, pois contribui para uma melhor experiência para nossos compradores. Ninguém quer uma prostituta viciada em drogas, que mal consegue manter os olhos retos e conduzir um pau corretamente. Isso significa que, se me desobedecer ou deixar de fazer o que eu instruo, será punida. Entendido?

Deixo meus olhos caírem antes que ela possa ver a emoção estampada neles como gordura em uma frigideira quente. Engolindo a pedra na minha garganta, eu me engasgo:

— Sim, senhora.

Ela faz um som de aversão.

— Nunca me chame assim. Me lembra minha mãe — retruca ela, murmurando a última parte.

— Como você gostaria que eu me dirigisse a você? — pergunto, encontrando

coragem para olhar para cima e encontrar seus olhos mais uma vez.

Sei como eu gostaria de *chamar* a vadia má.

Rio ri da porta, mas fica sóbrio quando Francesca lança um olhar aguçado por cima do ombro.

Ela transfere seu olhar estreito para mim, parecendo contemplar algo.

— Apenas me chame de Francesca — responde ela. — O Rio aqui vai implantar um dispositivo de rastreamento e tatuar sua identidade de escrava. Todo mundo recebe um, e só serão cobertos quando tiver seu mestre.

Meu coração murcha e morre no momento em que menciona o dispositivo de rastreamento. Não sei por que estou surpresa, mas isso envia uma nova dose de pânico para minha corrente sanguínea, torcendo meu intestino dolorosamente. Lágrimas começam a queimar a parte de trás dos meus olhos, a desesperança se aprofundando.

— Sim, Francesca — forço para fora, minhas costas curvadas pelas emoções que circulam por todo o meu corpo, tão potentes, que quase desintegram minha coluna e me fazem desmoronar no chão a seus pés.

Por temporário que seja, ela parece satisfeita e se dirige para a porta, parando para encarar Rio nos olhos e ordenar:

— Mantenha-a sedada. Vamos deixá-la se curar por uma semana, antes que ela seja obrigada a se aclimatar na casa e começar suas aulas. Você a quebrou, você a conserta; então será sua responsabilidade até novo aviso.

Seus lábios apertam, mas ele assente. Apesar de ter acabado de ser dito que vou ser marcada como gado, há uma pitada de alívio circulando por todo o meu corpo. No segundo em que ela desaparece, fechando a porta atrás de si, eu me levanto o mais rápido que meu corpo quebrado pode aguentar e me arrasto em direção à cama, me jogando sobre ela.

Um anjo e um demônio repousam sobre meus ombros; o suave me persuadindo a me enrolar em uma bola para que eu possa me quebrar em pedacinhos, enquanto o outro grita comigo para continuar lutando – para não quebrar como se toda a esperança estivesse perdida.

Fique firme, ratinha. Você vai sobreviver a isso. Você vai.

Enrijecendo minha espinha, forço as lágrimas de volta. Tenho pelo menos uma semana antes de ser empurrada para o cerne do que realmente significa ser traficada. Uma semana para ignorar as coisas horríveis que fazem com as meninas aqui.

Rio pega uma bolsa preta em cima da cômoda ao meu lado. Eu a havia notado ao entrar no quarto pela primeira vez e, desde então, a tenho tratado como um

saco cheio de cobras. Parece que eu não estava muito longe da realidade em pensar assim. A mordida de uma píton não seria diferente de ser permanentemente marcada.

Prendendo a respiração, observo-o de perto enquanto se aproxima de mim, seu peso comprimindo a borda do colchão irregular. Lentamente, ele abre o zíper, o som fragmenta meus nervos quando a bolsa se abre. Em seguida, ele pega uma pequena máquina de tatuagem, tinta e o que se assemelha a uma pistola de *piercing*, mas… não.

— Rastreador primeiro — anuncia ele, segurando o dispositivo de tortura. Pega um pequeno microchip da bolsa, o insere na arma, e então gira o dedo, sinalizando para eu me virar.

Apreensiva, eu me viro para longe dele, estremecendo quando sinto seus dedos roçarem minha nuca quando puxa meu cabelo para o lado.

— Vai doer — ele avisa, um segundo antes de uma dor aguda perfurar meu pescoço. Eu grito, estremecendo, dois segundos distante de girar e lhe dar um tapa. Minha visão embaça com as lágrimas, mas não posso dizer se é pela dor ou porque tenho um dispositivo de rastreamento dentro do corpo.

Eu me viro, lhe lançando um olhar desagradável para encobrir o fato de que estou à beira de chorar. Ele ignora, abrindo uma nova agulha e se preparando para a tatuagem.

— Onde vai ser?

— No pulso.

Recuo quando ele levanta as mãos em direção ao meu braço, tentando atrasá-lo.

— Você faz isso com frequência?

— Sim. Agora, que tal você tornar isso o mais indolor possível para nós dois e me deixar ver essa mãozinha bonita.

Apertando meus lábios, não resisto quando ele agarra meu pulso em um aperto surpreendentemente gentil, me persuadindo a deitar meu braço em sua coxa vestida de jeans. Lágrimas se acumulam na extensão das minhas pálpebras enquanto o zumbido da máquina de tatuagem vibra contra minha carne, seguido pela mordida da agulha.

— Você fez suas próprias tatuagens? — pergunto, embora não me importe de verdade. Estou procurando qualquer coisa para me distrair do que ele está fazendo.

— Não — ele responde.

— Quantas você tem?

Ele me olha.

— Muitas.

— Esta é a minha primeira — sussurro. — Alguma das suas tem significado?

Outro olhar, este saturado com um pouco mais de irritação.

— Algumas, sim — ele admite.

Fico quieta por um segundo.

— Mas nenhuma delas são marcas, são?

Desta vez, quando olha para mim, a emoção em seu olhar é indecifrável. Ele não responde, e considero isso uma resposta em si.

A tatuagem leva apenas alguns minutos, embora eu tenha certeza de que suas linhas são irregulares por causa do meu tremor.

Quando ele termina, a primeira lágrima cai, e rapidamente a enxugo. Se ele percebe, não demonstra.

Embalando suas ferramentas, ele se endireita e olha para mim. Não consigo ler a emoção em seus olhos, mas acho que não me importo, de qualquer maneira.

— Como você vai me sedar? — pergunto, pegando um fio solto no cobertor verde-militar. Meu pescoço e pulso queimam, e tudo o que quero é desaparecer.

Isso é ser fraca? Zade ficaria desapontado se soubesse que anseio cair em um poço de inconsciência em vez de sair daqui?

Você precisa estar com força total, eu me acalmo. Tenho certeza de que há muito que deveria fazer, independentemente do meu estado físico. Aprender padrões, ouvir qualquer coisa que possa me ajudar, mas estou muito cansada, e meu corpo está desligando de qualquer forma.

Ele dá de ombros, um brilho estranho refletido nos olhos escuros.

— Pílulas. Mas não é com isso que deve se preocupar.

Rio dá um passo em minha direção, suas botas ecoando no chão até que seus joelhos rocem o lençol branco. Ele se curva sobre a própria cintura, seus lábios mal roçando minha bochecha enquanto o hálito quente sopra a concha da minha orelha.

— É melhor torcer para que os homens daqui não venham para uma refeição fácil — sussurra, provocando um calafrio.

Minha garganta seca e trava com uma piscina de emoções. Principalmente nojo e raiva, mas também, terror. O cenário de homens se aproveitando do meu corpo enquanto estou desmaiada é doentio. Meu estômago revira em resposta, e é preciso todo o meu autocontrole para conter as lágrimas quentes em meus olhos.

— Francesca deixaria isso acontecer? — eu forço a sair, minha voz rouca e

tensa. Ele recua um centímetro, observando minha expressão de perto. Eu olho adiante, me recusando a encontrar seu olhar sem alma.

— Ela não saberia. — Ele faz uma pausa, um sorriso vicioso aparecendo nos cantos de seus lábios. — E nem você.

Mantenho minha compostura firmemente, o corpo tremendo quando meu controle ameaça escorregar. Outra lágrima desliza quando seu polegar roça meu lábio inferior, abrindo-o e colocando uma pílula branca na minha língua.

— Engole — ordena ele, baixinho. Eu o faço, apenas porque isso significa que não vou me lembrar de nada.

— Boa menina — elogia ele. *Foda-se.*

Então, ele passa levemente um dedo pela minha espinha, deixando arrepios em seu rastro.

— Não se preocupe, princesa, talvez eu esteja cuidando bem desses pontos quando eles vierem bisbilhotar — murmura ele, oferecendo um pingo de esperança ao qual me recuso a me agarrar.

Rosno, e o encaro através da visão turva.

— E você seria melhor que eles? — sussurro, questionando a sua moral. É tão obscura quanto vidro fosco.

Lentamente, ele endireita a coluna e me lança um sorriso enigmático.

— Acho que você nunca vai realmente saber, não é?

Virando-se, ele sai da sala. No segundo em que a porta se fecha, várias lágrimas escapam. E uma vez que começam, segue-se uma inundação. Eu me enrolo em uma bola e coloco a mão sobre minha boca quando um soluço se liberta.

Por uma quantidade indiscernível de tempo, desmorono, chorando até meus olhos incharem e eu não ter mais nenhuma lágrima. E então, aos poucos, respiro fundo até que eu me recomponha novamente. Está tudo uma bagunça, e algumas partes de mim foram alteradas, mas não estou mais em frangalhos, e isso é o melhor que posso fazer por enquanto.

Enxugando os olhos, solto um suspiro trêmulo e faço um inventário do meu novo quarto. A pílula está começando a fazer efeito e, com a minha festa de autopiedade, é difícil ficar acordada, mas não tenho um segundo para desperdiçar sem alguém respirando no meu pescoço.

Eles me designaram um quarto nos fundos da casa, embora de tamanho decente. É esparso, o espaço apertado é ocupado por um espelho, uma cama encaroçada com um travesseiro baixo e um cobertor áspero, uma mesa de cabeceira e uma cômoda.

Assim como o resto da casa, a madeira estala a cada passo, e tenho a sensação de que aprenderei a pisar nos pontos exatos que não fazem barulho.

Pelo lado positivo, há uma janela fechada com pregos que oferece uma visão perfeita da entrada, permitindo que eu veja quem entra e sai, e não tenho que dividir quarto com ninguém.

Antes de Francesca aparecer, Rio me informou que outras cinco garotas estão sendo preparadas para o leilão. O trabalho de Francesca é nos moldar em escravas sexuais adequadas. Ensinar-nos como nos comportar, como agir e o que não fazer.

Mas o que ela realmente faz é nos ensinar a sobreviver.

Não vejo a porra do ponto em nada disso.

Quanto mais complacentes, obedientes e agradáveis somos, menor a probabilidade de sermos abusadas desnecessariamente, afirma Rio. Mas não há dúvida de que os compradores terão um lado brutal e sádico, muito menos de que nós estaremos na ponta que o recebe, independentemente de quão perfeitas somos.

Querem que sintamos como se não houvesse escapatória, então vamos nos comportar e aceitar os dias bons e os ruins. Mas isso não é sobreviver; isso é se conformar.

É aceitar que vamos morrer aqui mesmo um dia. Nunca mais veremos nossa família ou entes queridos. Nunca experimentaremos a liberdade, o riso e a independência pelo resto de nossas vidas miseráveis. Nunca amaremos e seremos amadas de verdade.

Mas eu não vou aceitar.

Irei para casa – para o Casarão Parsons.

E para Zade.



Um rangido ao lado da minha cama me desperta de um sono profundo no qual estou mergulhada há anos. Acordo com um susto, suando frio, desorientada e confusa por não haver nada além da escuridão e do brilho suave e branco do luar espreitando pela janela, feixes claros sob as sombras.

Apenas o sussurro da minha respiração acelerada pode ser ouvido sobre as batidas no meu peito.

Levo vários segundos para lembrar onde estou. E, assim que lembro, os pelos da minha nuca se arrepiam.

Alguém está me observando.

Lentamente, eu me sento, meus olhos se ajustando à escuridão pressionando ao meu redor. Viro a cabeça para olhar pela janela, a chuva leve bate contra ela.

Um relâmpago inunda o velho quarto em um flash de luz brilhante, e aproveito o breve momento para dar uma boa olhada em volta.

Não há ninguém aqui; pelo menos, ninguém que eu possa ver.

Mas sinto o peso dos olhos em mim, queimando a lateral do meu rosto como um ferro quente deixado em um vestido de seda.

— Quem está aí? — sussurro. As palavras mal saem, minha garganta maltratada e seca.

Quando ninguém responde, olho para a mesinha de cabeceira e procuro as marcações na sua lateral. Há seis marcas de contagem, mas por estar tão escuro lá fora, deve ser depois da meia-noite. Estou no sétimo dia.

Antes de deixar a pílula tomar conta de mim no meu primeiro dia aqui, risquei uma linha na madeira barata e macia para marcá-los, prometendo atualizar a qualquer momento que despertasse do meu sono drogado.

Rio está sempre aqui quando acordo, pronto para me escoltar até o banheiro e enfiar sopa e água na minha garganta antes que eu seja nocauteada novamente. Ele coloca drogas na minha comida, e sei que posso recusar, mas qual é o sentido? Não vou sair daqui se estiver faminta e desidratada. E descobri que não me importo de beber o veneno.

Na segunda noite, ele me viu riscar uma linha na madeira, estava muito drogada para me importar e, por alguma razão insondável, ele começou a marcar para mim quando lhe disse que os dias ficavam borrados.

Ele não fala muito, nem mencionou nenhum homem tentando tirar proveito de mim. Se tentaram, certamente não conseguiram, considerando que eu sentiria a evidência. Duvido que qualquer um deles usaria lubrificante.

Concluindo, ou ele não quer me informar sobre sua boa ação, ou ninguém tentou; não sei.

Há outro rangido suave à minha esquerda. Meus olhos se movem na direção do distúrbio, bem no canto do meu quarto.

— Quem é você? — pergunto, embora as palavras não saiam melhores do que da primeira vez.

Prendo a respiração, esperando uma resposta. Vários segundos se passam, e então, mal ouço outro rangido baixo, como se alguém transferisse seu peso de um pé para o outro.

Algo que notei algum tempo depois da minha chegada foi que parte do gesso

está lascado, revelando a estrutura de madeira por baixo. Duas tábuas estão expostas, com um espaço amplo o suficiente entre elas para permitir a entrada de todos os tipos de insetos.

Isso fez minha pele arrepiar assim que notei, mas foi rapidamente esquecido quando Rio entrou com a sopa fumegante na mão.

— O que você quer? — pergunto.

Outro relâmpago, tão rápido que mal tenho tempo de processar o que meus olhos enxergam.

Ali – entre as duas tábuas de madeira – está um globo ocular. Bem aberto e olhando para mim atentamente. Tão repentinamente quanto veio, a luz se apaga, e o quarto está envolto em sombras mais uma vez.

Recuando de forma brusca, caio da cama para trás, aterrissando dolorosamente no meu cóccix. Quase não sinto a dor quando o pânico toma conta. Não sou nem mesmo capaz de gritar por ajuda, porque estou muito perdida em terror para fazer qualquer coisa além de chutar desesperadamente meus pés, me arrastando para a parede e para longe do olho.

Eu me pressiono contra a parede, peito arfando e coração acelerado. A chuva lá fora fica mais forte, gotas batendo na janela com uma ferocidade que rivaliza com a batida do meu coração.

Minhas unhas cravam na madeira quando outro rangido baixo rompe as batidas em meus ouvidos.

Alguém está ali. Pode me ver agora, escondida no canto do quarto?

Inspirando fundo, seguro o ar, esperando que algo aconteça. Parece que minha cabeça foi empurrada para uma guilhotina, presa naquele momento de antecipação de parar o coração para quando a lâmina cair.

Aguardo uma figura romper as tábuas, um demônio aterrorizante direto de um filme de terror, dobrado para trás de quatro, e rastejando em minha direção em uma velocidade antinatural.

Algo que eu gostaria de assistir por trás de uma tela – sã e salva.

Mas estou tudo, menos segura neste lugar.

Outro relâmpago, seguido por um estrondo de trovão.

Estremeço, esperando ver o olho ainda me encarando por entre a floresta, mas nada está lá.

Um ruído escapa da minha garganta, algo entre um chiado e uma risada.

Estou ficando louca. Tenho que estar.

Tremendo, fico de pé, meus joelhos quase batendo um no outro devido aos meus nervos à flor da pele. E é o suficiente para me distrair momentaneamente

da dor persistente em meu corpo.

Sou uma idiota. Alguém escondido nas paredes é simplesmente absurdo. Mas, então, meu sorriso se desfaz com um pensamento sóbrio.

Aquela garota de Satan's Affair costumava observar as pessoas de dentro das paredes das casas assombradas antes de matá-las. Mas não pode ser ela. A última vez que ouvi falar dela, ainda estava presa.

Não há ninguém nas paredes, Addie. Você está pensando bobagem.

Certo. Estou pensando bobagem.

Determinada a prová-lo para mim mesma, decido que a única maneira de saber, com certeza, é verificar. Na ponta dos pés, vou até aquele canto, rangidos altos enfatizando cada passo. Ainda não aprendi onde ficam os lugares silenciosos no chão – ainda não tive a oportunidade.

Seria menos aterrorizante se eu pudesse acender a luz, mas é muito arriscado. Não estou disposta a atrair atenção e prefiro me arriscar com o bisbilhoteiro. Esse é outro pensamento preocupante: perceber que me sinto mais segura com o monstro na parede do que com os que administram esta casa.

Mas, se eu for dormir de novo, com drogas ou não, preciso ter certeza de que não há ninguém escondido me observando dormir.

Outro flash e corro para investigar as profundezas atrás das tábuas de madeira.

Não há nada ali, pelo menos nada que eu possa ver. Não sou corajosa o suficiente para colocar meu olho diretamente contra as tábuas, mas é o suficiente para me satisfazer logo antes de ser mergulhada de volta pela escuridão.

Batendo a mão no meu peito, respiro e solto outra risada, entrecortada e desigual.

Ao voltar para a cama, piso em um local irregular, a madeira se movendo embaixo de mim. Congelo e olho para baixo. Mexendo meu pé, a madeira se move novamente e range em protesto.

Minha curiosidade é despertada, junto com uma faísca de excitação. Eu me agacho tão rápido quanto o corpo me permite, o que é reconhecidamente muito lento. Ao mesmo tempo em que estou me recuperando do acidente de carro, ainda estou dolorida pela falta de movimento.

Forçando minhas mãos na madeira, eu a deslizo o máximo possível até que haja uma lacuna.

Pego a borda da madeira, assobiando quando minha unha se dobra para trás dolorosamente, quase arrancando-a do meu dedo. O sangue brota, mas eu o ignoro, determinada a ver se há algo escondido no assoalho.

Finalmente, encontro apoio e consigo levantá-la alto o suficiente para colocar

meu dedo embaixo dele. Com cuidado, tiro a madeira e me deparo com um abismo obscuro.

Soltando um suspiro, enfio a mão no buraco e tateio ao redor, encolhendo-me quando meus dedos roçam carcaças de insetos e Deus sabe o que mais, mas meu desgosto se transforma em excitação quando esbarro em algo sólido.

Eu o agarro e quase grito quando vejo que é um diário.

Sem chance, porra.

Apenas encaro.

Encontrar o diário de Gigi dentro de uma parede no Casarão Parsons foi inacreditável. Algo que só acontece em filmes.

Mas encontrar outro diário, dentro do chão?

Impossível. Impossível pra caralho.

Mas a evidência está em minhas mãos. Um caderno de couro barato, nem de longe chique como o de Gigi. O material está rachado e faltam partes em algumas áreas, mas é a coisa mais bonita que já vi.

Com os olhos arregalados, abro o diário e quase grito quando encontro várias anotações escritas no seu interior.

Olho ao redor do quarto, quase como se estivesse procurando por outra pessoa para confirmar que estou vendo o que penso que estou.

Está escuro demais para enxergar qualquer coisa agora, então, eu o coloco de volta e reposiciono a madeira, prometendo a mim mesma lê-lo mais tarde, quando puder ver claramente. Então me levanto, excitada demais para reclamar da dor, e volto para a cama.

Meu coração está acelerado, em parte pela euforia de encontrar outro diário, e em parte pela descrença.

Mulher-Diabo? Se você fez isso… obrigada.

Eu me deito, me sentindo um pouco confortada por, agora, ter algo a que me agarrar enquanto encaro o que quer que esteja vindo para mim.

A tempestade furiosa lá fora me acalma de volta ao sono e, assim que estou voltando à consciência, passos rangem de dentro da parede, recuando lentamente.

18 de junho de 2008

HOJE É O DIA. Hoje, finalmente, vou escapar deste INFERNO. Dois dias antes do Julgamento. O que quer que isso seja. Eu não acho que Francesca já disse o que acontece no dia 20. Mas as preparações foram todas feitas para esse dia.

Eu vou ser vendida? Quem sabe. Conhecerei meu futuro mestre, que provavelmente quer que eu me ajoelhe no chão e o chame de papai.

Eu não vou mais estar aqui para executar essas fantasias doentias para pessoas perturbadas pra caralho.

Aonde devo ir com Layla em seguida?

Para as montanhas? Algum lugar frio e bonito como o Alaska, talvez.

Quem vai me levar até o Alaska? Ninguém, exceto os ursos.

MOLLY

CAPÍTULO 8
O DIAMANTE



— Você tem um cabelo tão bonito — uma voz suave e incomum diz atrás de mim.

Inalando bruscamente, eu me viro, assustada com a intrusão inesperada.

É ela.

A garota que Jerry carregava no ombro quando cheguei. A garota com fogo e gelo em seu olhar, e o mesmo sorriso assustador nos lábios que me mostra neste momento.

Longos cabelos loiros enrolados até a cintura e profundos olhos castanhos me encaram da porta. Ela está um pouco curvada e terrivelmente magra.

Estou de pé diante do espelho de corpo inteiro, tentando fazer uma trança francesa no meu cabelo. Rio me acordou rudemente esta manhã ao invadir o quarto, jogando em mim um par de calças *jogger* macias e uma camiseta, e exigindo que me preparasse antes de bater a porta atrás de si ao sair. Tenho até medo de perguntar para quê.

Meus sete dias de purgatório acabaram e só de pensar em estar acordada me dá náuseas.

Estava à espera de mais instruções, então, para não ficar parada, estou tentando arrumar meu cabelo de forma que não caia sobre o meu rosto.

— Uh, oi — digo, tentando me recompor.

Chego instantaneamente ao meu limite, tensa sob seu olhar investigativo. Há algo totalmente enervante sobre sua presença.

Ela se endireita e caminha mais para dentro do quarto, ficando a alguns centímetros próxima de mim.

— Quer minha ajuda?

Meu instinto é dizer não. Quero muito expulsá-la para que eu possa respirar novamente. Mas seria sábio fazer amizade com a garota assustadora em vez de

torná-la inimiga.

Então, aceno com a cabeça, mantendo meu olhar nela enquanto se aproxima de mim. Está usando um longo vestido branco quase transparente – as curvas de seu corpo e seus mamilos escuros aparentes. Mantenho meus olhos distantes, tentando dar a ela um pouco do respeito que tenho certeza de que não recebe dos homens nesta casa.

Hesitante, viro as costas para ela e a observo atentamente pelo espelho. Ela sorri mais largo, exibindo dentes tortos ao pegar meu cabelo. Pressiona toda a sua frente nas minhas costas, e uma sensação de mal-estar coagula no meu estômago quando sinto seus mamilos roçando contra mim.

Franzindo minhas sobrancelhas, eu me afasto, me sentindo estranha. Ela ri, mas não se aproxima.

Em vez de juntar meu cabelo, ela me acaricia. Escova os dedos contra meus fios castanho-acobreados, parecendo quase saborear a sensação.

Meu desconforto aumenta, mesmo quando ela finalmente junta todo o meu cabelo. Pelo menos, é gentil comigo, seus olhos atentos à tarefa.

— Qual o seu nome? — pergunta ela, passando a mão pelo meu cabelo para desfazer os nós.

— Addie — respondo. — O seu?

— Como você deixou seu cabelo tão macio? — ela pergunta, em vez de responder. Estreito meus olhos, não gostando de sua evasão.

— Na verdade, não mexo muito nele. Não uso secador e não uso tinta.

Ela cantarola, e arqueio uma sobrancelha.

— Seu nome — insisto.

Ela faz uma pausa e estende a mão pálida, e leva um segundo para eu perceber que ela está pedindo o elástico de cabelo. Soltando uma respiração pelo nariz, deslizo a faixa do meu pulso e coloco na palma da sua mão.

Mais alguns momentos de silêncio se passam, e não suavizo meu olhar, encarando seu rosto pelo do espelho, ainda esperando uma resposta.

— Sydney — ela responde finalmente, sua voz agradável quando começa a trançar os fios.

Parte de mim tem a sensação de que me fez esperar de propósito, como uma demonstração de poder. Nada do que faz é aparentemente vingativo ou cruel – na verdade, está sendo muito gentil ao trançar o meu cabelo –, mas o sentimento desencadeia meu sexto sentido de qualquer maneira.

Como quando alguém ri de algo que você disse, mas você sabe que está rindo *de* você, e não com você.

— Francesca quer que a encontremos no quarto da beleza.

Não faço a menor ideia do que seja o quarto da beleza. Então, quando Sydney termina de arrumar meu cabelo e faz sinal para segui-la, eu o faço sem questionar.

Ela me leva pelo corredor, uma fila de garotas andando na nossa frente e em direção a um quarto algumas portas depois do meu.

Entramos no que parece ser um salão de beleza, o apelido de Sydney agora faz sentido. Ela não está chamando o quarto de bonito, mas sim onde vamos *ficar* bonitas.

Uma longa arara de roupas se alinha em uma parede, com uma variedade de lingeries coloridas penduradas. Três penteadeiras estão montadas no lado oposto, cobertas de maquiagem e pincéis. Há alguns espelhos de corpo inteiro encostados em outra parede e várias sapateiras com uma variedade de saltos alinhados em cada fileira.

Engolindo em seco, sigo a liderança das meninas e fico com elas em linha reta, de frente para a porta. Suponho que estamos esperando por Francesca.

— O que… — começo.

— Shh — uma garota interrompe minha pergunta, o comando curto e severo. Sydney ri do meu outro lado, e eu fecho minha boca, olhando para aquela que está apenas sendo uma vaca, ou que acabou de me salvar de me ferir. De qualquer forma, vou arriscar e escutar o que disse.

Ela tem cabelos castanhos compridos, as pontas alcançando o bumbum, e olhos castanhos. Seu rosto está sério enquanto ela olha para a frente, mas não a observo o suficiente para decifrar a emoção girando em sua íris.

Ela está tensa, isso eu posso dizer. E não tenho certeza se é pelo que vai acontecer quando Francesca chegar, ou por outra coisa.

Ou, talvez, seja porque ela foi sequestrada e vendida para o tráfico de pessoas, e, não importa o que esteja acontecendo, é tudo muito ruim.

Momentos depois, os saltos ecoam alto na madeira enquanto Francesca sobe as escadas e percorre o corredor em nossa direção. Acho que esse som será um conforto nesta casa – sempre saberei onde Francesca está e se está vindo. Ela definitivamente não é o Gasparzinho, ou nenhum maldito fantasma, com aquelas monstruosidades nos pés.

Quantas bolhas teve que aguentar antes que seus pés ficassem calejados o suficiente para usá-las o dia todo, todos os dias?

Vinte? Trinta? Talvez um número estranho, como quarenta e dois.

Quando entra, seu olhar imediatamente encontra o meu. Eu o desvio no

mesmo instante, sem saber se ela consideraria um desafio se eu o sustentasse.

Ela passa por mim, seu perfume frutado permanecendo enquanto verifica cada uma de nós.

— Vocês todas parecem merda — ela comenta com malícia, e posso sentir o peso de seu olhar na lateral da minha cabeça.

Sim, porque foi minha *maldita culpa eu ter saído da estrada e ser arrastada para fora de um carro destruído. Cadela.*

Ela faz uma pausa na frente de uma garota com cabelos cor de fogo, levanta uma mecha laranja-queimado e olha para as pontas duplas com desgosto.

— Eu disse para cortar isso, não me faça pedir de novo ou Jerry terá outra noite com você — comenta ela, soltando o fio e seguindo em frente. A garota pisca, um lampejo de dor surge ali e desaparece, mas Francesca tem os olhos de águia focados em sua próxima vítima.

Uma garota com cabelo loiro-claro e pintas espalhadas no rosto e no pescoço. Francesca as observa atentamente.

— Nós já falamos sobre isso, Bethany. Sardas são uma coisa, mas pintas são inaceitáveis. — Minhas sobrancelhas franzem, imaginando como alguém teria algum controle sobre isso.

— Disseram-lhe para cuidar do pelo que brotava dessas coisas feias todos os dias. Por que estou vendo pelo?

A garota – Bethany – se mexe desconfortavelmente.

— Sinto muito, Francesca. Quando eu tive gripe…

Um tapa cortante interrompe suas palavras, o som ecoa em meus ouvidos. Bethany segura sua bochecha avermelhada, a boca aberta em choque.

— Você *ainda está* com gripe? — rosna Francesca.

Bethany balança a cabeça devagar.

— Não, senhora. Eu parei de ter febre ontem à noite.

Meus olhos quase saltam do meu rosto, mas eu me esforço para suavizar minha expressão. Este é provavelmente o primeiro dia em que ela se sente um pouco humana novamente.

— Rocco! — Francesca grita alto, fazendo com que nós seis nos assustemos. Todas nós parecemos endireitar as costas ao mesmo tempo.

Rio me falou dele, mas ainda não tive o desprazer de conhecê-lo. Se a tensão palpável no ar é algo a se considerar, ele é alguém a ser temido. Todos eles são, de verdade, mas, pela primeira vez desde que conheci essas garotas, posso sentir o gosto do medo.

Todas, exceto Sydney, aparentemente. Ela esconde suas risadinhas atrás de

uma mão e olha para a porta com alegria. Eu lhe lanço um olhar desagradável, mas ela não está prestando um pingo de atenção em mim.

Passos pesados sobem os degraus, cada baque aumentando a tensão. Quando ele entra, estamos todas paradas como se feitas de pedra, e Sydney está vibrando de empolgação.

Sua presença é pura maldade, e só sei que, quando este homem morrer, não vai para o inferno. Ele vai ficar na quarta dimensão, onde continuará a assombrar e aterrorizar os vivos.

Rocco é um homem grande com uma barriga ainda maior. O suor cobre sua pele enquanto ele examina nós seis. Definitivamente parece ser irmão de Francesca, ambos com narizes aduncos, pele bronzeada e olhos castanho-dourados.

Embora pareçam parentes, Francesca é linda, enquanto Rocco… não é.

A única beleza que já tocou este homem foi pelas mãos de uma mulher. Toques roubados, e vieram com um preço exorbitante que só ela pagou.

Francesca acena para Bethany.

— Ela não tem cuidado dessas coisas feias no rosto.

Os olhos de Rocco se voltam para a garota trêmula e, embora, ele não esteja olhando para mim, o poder por trás de seu olhar envia uma onda de terror pelo meu corpo. Bethany tenta manter o rosto em branco, mas seu corpo inteiro chacoalha com tanta força, que posso ouvir seus ossos colidindo.

O silêncio desce sobre o quarto, quando ele abre um canivete, então, o som afiado e metálico soa como um relâmpago.

Bethany pula, e eu não sou a única garota que se mexe desconfortavelmente.

— P-por favor, Roc…

— Não fale — retruca ele, sua voz enviando arrepios pela minha espinha. Não faço ideia do que ele vai fazer, mas tenho certeza de uma coisa: essa voz vai assombrar meus pesadelos pelo resto dos meus dias.

— Você não vale nada para nós se estiver feia — repreende, caminhando até ela e segurando seu rosto em sua palma carnuda. Ela choraminga quando ele aperta suas bochechas com força e empurra sua cabeça para o lado para que possa ter uma visão melhor de suas pintas.

Ela se arrepia, mas, de alguma forma, se força a não lutar contra ele como um cão raivoso. Ele coloca a ponta da lâmina sobre a sua pele e começa a cortar lentamente.

Eu suspiro e dou um passo à frente, ao meu lado, porém, a mão da garota de cabelos castanhos se estende e agarra a minha, apertando com tanta força que é

doloroso.

E, do meu outro lado, Sydney solta um *ohhh*, como se fosse uma irmã mais velha vendo a mais nova se meter em encrencas. Viro minha cabeça em direção a ela, a fúria irradiando de cada poro do meu corpo.

— O que há de errado com você? — assobio, mantendo a voz baixa.

Os olhos escuros de Sydney encontram os meus, e percebo que não são muito diferentes dos de Rocco. Mortos e frios.

— Tudo — ela responde suavemente.

Bethany grita enquanto Rocco continua esculpindo seu rosto, e eu não consigo me conter fisicamente.

— Você não a está deixando mais feia? — eu estalo. Bethany não é nada feia, mas sua lógica está invertida. Se uma pinta com alguns pelos é um problema tão grande, como cortar o seu rosto *resolve* o problema?

Estão marcando o rosto dela, pelo amor de Deus.

Rocco congela, e a cabeça de Francesca se vira para mim, raiva evidente através de sua maquiagem endurecida. Mas algo em sua expressão é o que me causa arrependimento instantâneo. Não porque ela está com raiva de mim por falar, não.

Porque ela não poderá me salvar.

Sydney ri alto ao meu lado e dá um passo gigante para longe. Claramente não querendo ser associada ao meu mau comportamento, embora a maneira como age seja repulsiva.

Mordo meu lábio, meus olhos despencando junto com o meu coração, que começa a bater violentamente à medida que o medo enche minhas veias e a adrenalina circula profundamente por todo o meu corpo, me fazendo sentir náuseas.

Fecho os olhos em resignação, me odiando pela falta de autocontrole. Isso não é como confrontar um *stalker* psicótico. Ele não é enigmático, nem vai testar o limite entre dor e prazer. Não há emoção doentia quando esse homem nojento me encara, provavelmente imaginando todas as piores maneiras como ele poderia me violar ou me matar.

Ele não é Zade.

Rocco libera Bethany, sangue escorrendo pelo rosto e manchando as pontas dos dedos dele. Ela treme, seu rosto contorcido de dor, gemidos escapando de seus lábios enquanto ela cambaleia por ter tido seu rosto cortado.

— O que você disse, diamante? — Rocco fala devagar, sua voz mergulhada em veneno. Aperto meus lábios, odiando que o apelido de Rick começa a pegar.

Milhares de pensamentos passam pela minha cabeça em questão de segundos. Diferentes cenários sobre como eu poderia sair ilesa disso. O que eu poderia dizer ou fazer para acalmar o tornado violento vindo em minha direção. Se ao menos isso impedisse que meu mundo desabasse completamente ao meu redor… Mas, no final, me dá um branco.

Olho para a garota de cabelos castanhos ao meu lado, e ela me encara como se eu fosse uma idiota. Eu *sou* uma idiota. Mas, caralho, eu não poderia assistir a uma garota ser mutilada por ter uma porra de uma pinta no rosto e ficar em silêncio.

Cuide de suas próprias costas, ratinha. Ninguém mais vai.

Minha boca secou e temo que minha língua murche e se desintegre por falta de umidade. Tudo foi redirecionado para os meus olhos, mas não ouso deixar as lágrimas caírem. Lambo os lábios, molhando-os o suficiente para que eu possa pronunciar as palavras, por inúteis que sejam.

— Nada, me desculpe. — Engasgo com elas, mantendo minha voz baixa e agradável. A atitude sem dúvida resultará em repercussões ainda piores e, embora eu tenha sucesso nesse departamento, não sou habilidosa em manter o tremor longe do meu tom. O medo.

— Garota estúpida — sibila Francesca, seus olhos estreitados e aquecidos. Rocco caminha em minha direção, seu andar lento e determinado ao abrir e fechar o canivete. Repetidas vezes, cada som metálico bombeando pavor em meu corpo.

Ele para a poucos centímetros de mim, sua barriga de cerveja roçando meu estômago e seu hálito fétido queimando minhas narinas. Jesus, ele cheira a suor e queijo deixado ao sol por uma semana. O pouco autocontrole que possuo é direcionado para não me encolher com o fedor.

— Olhe para mim — sussurra ele.

Eu o faço, levantando meus olhos para encontrar seu olhar frio e amortecido. Um som estridente e agudo se desenvolve em meus ouvidos ao olharmos um para o outro. Ele se forma profundamente no fundo da minha mente e se eleva em um crescente, até que mal posso ouvir qualquer som exceto esse.

É um aviso. Meu próprio corpo está soando um alarme, alertando-me dos sérios danos que estão vindo em minha direção. Assim como um alarme de tempestade, logo antes de um tornado mortal rasgar vidas em pedaços.

Sua palma grossa agarra minha garganta, seus lábios se curvando enquanto me levanta até sua altura, me suspendendo na ponta dos meus pés. Instintivamente, agarro sua mão e me certifico de que, se eu morrer aqui e agora e Zade encontrar

meu corpo, ele saberá exatamente quem foi o responsável com base na pele endurecida sob minhas unhas.

Rocco não vacila, apesar do quão profundamente minhas unhas cravam em sua pele. As bordas da minha visão escurecem quando meu corpo começa a ficar sem oxigênio, esvaindo-se dos meus pulmões enquanto estrelas explodem em meus olhos.

— Não a mate. Ela é valiosa — estala Francesca, embora sua voz soe distante, como se eu estivesse presa em um vórtice.

Rosnando, ele me gira e me joga no chão como uma embalagem de chiclete amassada.

Resmungo com o impacto, aterrissando desajeitadamente no meu pulso direito. Antes que eu possa me levantar, porém, ele está subindo em mim, seu peso sufocante.

Os instintos de sobrevivência imediatamente entram em ação, e minha luta ou fuga se ativa – ou seja, minha luta. Eu me torço sob ele e balanço meus cotovelos em direção à sua cabeça. Mas erro, uma tentativa fraca de nocautear um homem de mais de 100 quilos por cima de mim.

— Saia de cima de mim! — grito, empurrando meus quadris, desesperada para desalojá-lo. Tão desesperada, que me tornei raivosa. Arrancaria a carne dos meus próprios ossos com os dentes se isso significar sair debaixo dele. Eu faria qualquer coisa – absolutamente qualquer coisa – para escapar.

— Rocco — adverte Francesca, interrompendo o puro pânico que consumiu minha mente. — Ela precisa se curar.

— Ela precisa aprender o seu lugar. Não precisa doer — argumenta ele, sem fôlego de segurar meu corpo se debatendo. Ele está falhando, mas eu também estou. Estou fraca e ainda com dor, mas ele é muito mais forte.

Vai me vencer.

— Certo, diamante? Isso pode ser rápido e indolor. Uma pequena lição para ensiná-la a manter a porra da boca fechada.

Ele bate meu rosto no chão de madeira, sujeira e poeira o raspam quando ele puxa a minha calça. O tecido rasga, o som alto enviando outra onda de terror ao meu corpo, enquanto sua respiração excitada aumenta.

— Não! — grito quando ele rasga minha calcinha em seguida. Ele me ignora e desabotoa sua calça jeans, o som do zíper se abrindo é sua única resposta. Riachos de lágrimas escorrem pelo meu rosto ao sentir sua carne contra meu traseiro.

Tento me virar de novo, mas um soco na parte de trás da minha cabeça me

detém, meu mundo explode. A dor tem sido uma companheira constante nesta última semana, mas ela não está aqui agora. Parece que minha mente poderia correr uma milha, mas meu corpo não pode fisicamente impedir esse homem de me violar.

— Não bata nela! — Francesca estala, mais preocupada com ele estragando a mercadoria. Mas como, se eu já estarei podre quando ele terminar?

Em um impulso, ele se enterra dentro de mim, e eu grito. Alto e penetrante, o tom combinando com o zumbido estridente na minha cabeça.

— Maldição, Rocco, você não está usando camisinha! — Francesca grita, e há um sussurro suave em minha cabeça, imaginando como ela aguenta assistir a isso. Ficar ali, zangada por que o irmão não está usando camisinha enquanto estupra uma garota.

Ele resmunga e ri enquanto se empurra repetidamente para dentro de mim.

— É incrível pra caralho, também.

Não há nada que eu possa fazer para detê-lo, e a derrota cobre minha pele como óleo quente.

Tento rastejar para longe, minhas unhas cavando na madeira e me ancorando enquanto tento me arrastar para longe dele. Mas elas se dobram e quebram com a pressão, rasgando minha pele quando ele me puxa de volta para baixo, e eu apenas arranho o chão.

Ele entra em mim uma, duas vezes mais, antes de sair e terminar em cima de mim. Jatos de seu esperma jorram nas minhas costas, e não posso evitar o reflexo de vômito.

Ele rosna, sua palma colidindo com a lateral do meu rosto.

— Rocco! — Um salto bate na madeira em um acesso de raiva, as vibrações viajando para minhas mãos ensanguentadas.

— Puta desgraçada — ele murmura, ignorando-a. Eu me engasgo novamente, a sensação de sua essência penetrando minha carne é nauseante.

Francesca suspira, corre até mim e me agarra rudemente pelo braço.

— Levante-se — ela cospe, me forçando a ficar de pé. Estou com tanta raiva, tão perturbada com o que ele acabou de fazer, que reajo. Assim que estou de pé, me viro e mando meu punho voando em seu nariz. Ele uiva em resposta, preparando-se para me atacar, mas Francesca fica entre nós e o bloqueia.

— Fique calmo! Você já fez o suficiente — ela rosna, me arrastando para fora da sala. Ainda estou nua da cintura para baixo, com sangue entre as coxas. Meu corpo não aceitava o que ele estava fazendo, tornando a intrusão bruta e extremamente dolorosa.

Ela me empurra para meu quarto e me dá um tapa no rosto, me fazendo tropeçar. A porta bate, e então:

— Por que você fez isso, sua garota estúpida, *estúpida*?

Ela me dá mais um tapa, e meus ouvidos zumbem de dor. Aperto minha bochecha, continuando a me afastar dela enquanto me encosta na parede.

Você está machucando a maçã, Francesca.

Suas mãos seguram cada lado do meu rosto, e suas garras bem-cuidadas cravam em minhas bochechas avermelhadas.

Colocando seu rosto grudado ao meu, ela rosna baixinho:

— Você fica de boca fechada, está me ouvindo? Os homens desta casa farão de tudo para tornar sua vida um inferno até que você seja comprada. E você, com certeza, não *bate* neles!

Ela me sacode.

— Diga que você entendeu — ela meio sussurra, meio grita, mantendo a voz baixa.

— Eu entendi — sussurro, minhas bochechas quentes e molhadas das lágrimas constantes.

Francesca me solta com raiva, afastando-se e lançando um olhar acalorado por cima do ombro ao andar pelo quarto. Deslizo pela parede, incapaz de me segurar enquanto os soluços agitam meu corpo. Um rastro de sangue me segue, e percebo que Rocco rasgou os pontos nas minhas costas. Passando minhas mãos pelo meu cabelo, agarro os fios com força, querendo me acalmar.

Respire fundo, Addie. Respire fundo.

Apenas respire.

Respire, ratinha…

CAPÍTULO 9
O DIAMANTE



Parece que, quando minha vida vira de cabeça para baixo, sempre tenho um diário para me oferecer uma fuga.

Não sei como ela conseguiu um diário, mas encontro conforto nas palavras raivosas de Molly. Uma jovem que foi roubada de sua vida assim como eu. E preparada por Francesca, nada menos.

Meu queixo cai quando leio que Francesca vem fazendo isso há pelo menos treze anos. Quantas garotas ela viu serem estupradas, torturadas e vendidas para pessoas dementes? Quantas ela mesma machucou?

Meu estômago revira e minha garganta engrossa de nojo quando absorvo as palavras de uma garota quebrada. Ela estava cheia de vida em um mundo determinado a tirá-la dela e, a cada anotação, eu me apaixono mais por ela. Eu a sinto em cada traço da caneta, então passo meus dedos trêmulos sobre eles e me moldo às suas linhas retas.

Ela é tudo que eu quero ser.

Quando chego à última página, meu coração se parte e surgem milhões de perguntas. Tão rápido quanto encontrei algum tipo de conforto, agora estou desolada e vazia mais uma vez.

Lágrimas cobrem as bordas das minhas pálpebras enquanto viro as páginas, frenética e precisando de mais de suas palavras. Mas não encontro nada além de páginas em branco.

Ela já conseguiu sair? Voltou para Layla e a levou embora para uma nova vida? Uma vida melhor?

Fico exausta com todas as perguntas para as quais nunca terei as respostas. Pelo menos, não enquanto estiver presa aqui.

Derrotada, fecho o diário e consigo juntar energia suficiente para rolar para fora da cama e rastejar até a abertura. Lágrimas quentes caem quando coloco o diário de volta em seu esconderijo. E, ao colocar a tábua de madeira de volta,

tudo em que tentei não pensar volta para mim.

Quase caindo na pressa de voltar para a cama, eu me enrolo em uma bola, cerrando os punhos, minhas unhas quebradas doendo. Meu corpo inteiro estremece com as memórias massacrando qualquer aparência de paz que encontrei com Molly. Com tudo o que tenho, agarro-me firmemente aos soluços que rasgam minha garganta na tentativa de escapar.

Não vou deixá-las escapar.

Não deve ter se passado mais de meia hora desde que Francesca saiu do meu quarto e foi acalmar Rocco, que, pelo que parecia, entrou em fúria e começou a destruir a casa. Eu imediatamente arranquei minhas roupas sujas e vesti um novo conjunto, mas isso não fez nada para me acalmar enquanto o caos se seguiu sob o meu quarto. Foi quando me lembrei do diário sob as tábuas do assoalho e encontrei consolo em Molly.

Por uma quantidade indescritível de tempo, encaro a parede. Se meus olhos se desviarem para o chão de madeira empoeirado, tudo o que posso ver é uma imagem minha deitada no chão com Rocco montado sobre mim. Observo a profanação da minha alma, como uma experiência fora do corpo. De pé, sobre as aparições, incapaz de impedir que aconteça.

Desesperadamente, tento desviar meus pensamentos para qualquer outra coisa – Zade ou Daya –, mas o trem descarrila toda vez, me levando de volta ao quarto da beleza. Eles são apenas fantasmas assombrando os corredores do meu cérebro e sempre que eu os alcanço, apenas desaparecem.

Aperto meus olhos fechados, a frustração crescendo.

Eu deveria ter ouvido. Sim, isso é o que eu deveria ter feito. Permitir que uma garota fosse mutilada para me salvar.

Balançando a cabeça, bato a palma da mão na testa. Como vou viver com isso? Se sair daqui, como vou ficar bem, sabendo que permaneci parada enquanto coisas horríveis aconteciam com outras garotas, simplesmente para me salvar?

Elas ficaram paradas enquanto você era estuprada.

Ficaram. Eu as odeio por isso?

Não sei. Meio que sim. Há um pedaço de escuridão se desenrolando dentro de mim, e meio que quero matá-las também.

— Não — sussurro. Não posso esperar que todas estejam tão dispostas a se sacrificar. Não posso esperar que uma garota sendo abusada, assim como eu, tente salvar outra pessoa. *Tente.*

Porque esse é o maldito problema. Não *há* como salvá-las. Bethany ainda terá

aquela pinta cortada de sua pele. Todas aquelas garotas lá dentro ainda serão estupradas e torturadas, não importa quantas vezes eu interfira.

Somos todas apenas cordeiros esperando para sermos abatidas, e fazer com que me matem não vai impedir os lobos de terem um banquete.

Então, o que diabos eu devo fazer?

A voz de Zade sussurra em minha mente, e meu coração aperta dolorosamente.

Escolha suas batalhas. Seja esperta.

Mais fácil dizer do que fazer, porra.



Eu me assusto quando a porta do meu quarto se abre, cerca de dez minutos depois, a maçaneta se chocando a um buraco perfeitamente redondo na parede. Obviamente, há uma longa história dessa porta sendo escancarada.

Respirando pesadamente, vejo Rio entrar na sala, carregando um kit de primeiros socorros e parecendo calmo como sempre, apesar de ter chutado a porta.

— Já está causando problemas, princesa? — pergunta ele, casualmente.

Eu me recuso a responder, apertando meus lábios e olhando para ele com os olhos inchados. Ele levanta as sobrancelhas quando vê meu rosto, fazendo minhas bochechas queimarem de raiva. Por um momento, parece furioso, embora eu não possa dizer com quem.

Ele gira o dedo no ar, indicando que eu me vire.

—Tenho que limpar a bagunça que você fez — diz ele, seu rosto se suavizando em uma expressão ilegível. — Está com sangue em todos os lugares.

Bufando, rolo de bruços, tensionando ao sentir seus dedos roçando as costas da minha camiseta.

— Não é minha culp…

— Tudo é culpa sua aqui — ele interrompe, sua voz se aprofundando com a severidade. — Nunca se esqueça disso.

Ele remexe nos suprimentos, suspirando como se isso fosse um grande inconveniente para *ele*.

— Lamento muito interromper seu dia de tráfico de mulheres — murmuro, fervendo em minha fúria. Sua resposta é colocar uma almofada embebida em álcool nos meus pontos rasgados. A ardência é chocante, e eu assobio por entre os dentes, xingamentos na ponta da língua.

Maldito *cuzão*.

— Sua boca vai te colocar em situações piores ainda — ele me informa. — O que vai precisar acontecer para você aprender a lição? Matar uma garota?

Engolindo em seco, eu me engasgo.

— Sinto muito.

Uma risada alta e retumbante sai de sua garganta. Viro minha cabeça para ele, enfurecida quando seus ombros tremem de alegria. Seus olhos escuros brilham com a primeira emoção real que vi até agora. É quase tão aterrorizante quanto ele estar com raiva.

— Você está rindo de mim — digo com descrença.

— Garota, não sou eu quem você precisa temer. Prefiro muito mais essa sua boca.

— Você acabou de dizer…

— Você fala sem pensar, e é isso que precisa aprender a controlar — ele interrompe, o sorriso se desfazendo, mas os olhos ainda brilhando com diversão. — Por mais sexy que seja seu fogo, princesa, é a última coisa que você quer neste lugar.

Franzo meus lábios em nojo, baixando a cabeça de volta na cama enquanto ele retoma a limpeza das minhas costas.

— Não me chame de sexy — retruco, só porque ele está certo, e não tenho nada melhor a dizer.

— Z vai me matar por isso? — ele desafia alegremente, fingindo indiferença. No entanto, não foi assim que ele soou quando acordei naquela van e ouvi Rick e ele discutindo se a Society lhes ofereceria proteção contra a ira de Zade.

Dou de ombros.

— Ele vai te matar de qualquer maneira, então acho que não importa.

Ele fica quieto e, quando estou convencida de que não vai dizer nada, eu o ouço sussurrar:

— Eu sei.



Quando Rio está saindo, Francesca vem apressada pelo corredor, seus saltos ressoando no chão. Sua mão envolve o braço de Rio, parando-o na porta.

— As costas dela estão piores?

Ele balança a cabeça.

— Não, os machucados são superficiais. Ela vai ficar bem — ele responde,

embora suas últimas palavras pareçam ter um duplo sentido. Quando ela se afasta, ele dá uma piscadela por cima do ombro antes de sair, deixando-me confusa.

Ele é tão contraditório.

Francesca invade o quarto, parecendo exausta, com seus cabelos e olhos selvagens. Seu vestido está rasgado na gola, e eu me pergunto que tipo de acesso de raiva Rocco teve.

— Vá para o salão de beleza. Agora.

Seus passos abrasivos a levam de volta para fora do quarto. Saio da cama, esfregando meus olhos secos ao me apressar atrás dela. Rio cortou minhas unhas quebradas e as limpou para mim, mas ainda me sinto quebrada. Cada passo é um lembrete do que aconteceu naquela sala, e meu estômago se revira quando me aproximo. Preciso de toda a minha força para me concentrar na fila de garotas, e não no local onde perdi a cabeça.

Nenhuma delas me chama a atenção. Exceto Sydney.

Seu lábio inferior está encaixado confortavelmente sob os dentes tortos da frente enquanto segura um sorriso. Ela acha isso engraçado, e eu decido que Sydney, sim, eu *odeio*.

Ignorando a cadela psicopata, procuro por Bethany, e um nó se forma na minha garganta quando vejo uma ferida aberta sangrenta onde sua pinta costumava estar. Meu peito aperta, a confirmação parecendo facas afiadas roçando em minhas terminações nervosas.

Fui estuprada por nada.

Porra, eu sabia disso. Mas ainda parece que estou sendo fodida de novo.

Limpando a garganta, fico mais ereta, embaraço e vergonha queimando minhas bochechas. Não sei por quê. Não é como se ser estuprada fosse algo de que *eu* deveria me envergonhar. Talvez, seja porque eu me sinto burra pra caralho.

— Hoje era para ser a preparação para o Abate, mas você tinha que ir e causar transtorno — Francesca me alfineta.

Meu coração afunda como uma pedra na água, preocupada demais com suas palavras para me sentir envergonhada. Molly mencionou o Abate em seus relatos, mas não entrou em detalhes sobre o que era – apenas deu a entender que estava sendo caçada.

Lambendo meus lábios rachados, pergunto:

— O que é o Abate?

Francesca sorri.

— Significa caçar animais. Os homens vão caçar e você, minha querida, é a presa.

Meu peito aperta, mas, no fundo, eu já sabia a resposta. Só não quis acreditar. Suponho que não deveria estar surpresa por eles realmente caçarem mulheres como se fôssemos animais que serão baleados e expostos acima de uma lareira.

É puramente esporte. Rir e se divertir enquanto um monte de garotas corre para salvar suas vidas e o que… tentar evitar ser atingida pela porra de uma bala ou algo assim?

Tenho que lutar para conter a vontade de vomitar. Eu não quero ser caçada. E parece que isso é tudo o que minha vida tem sido nos últimos meses.

Francesca lança seu olhar para a fila.

— O evento acontecerá no final desta semana e tenho um cliente importante visitando: Xavier Delano. Ele é um dos maiores compradores do mercado e, se você tiver sorte, será selecionada para o leilão. Mas você *só* será selecionada se for considerada digna após o Abate.

Seus olhos glaciais me encontram, uma expressão abominável contorcendo suas feições.

— Exceto você. Você está repulsiva.

Engulo a réplica na ponta da minha língua e aceno com a cabeça em aceitação, como uma boa cativa. Não é como se eu quisesse ser selecionada de qualquer forma. Acho que deveria estar feliz por estar coberta de hematomas da cabeça aos pés.

Ela estala a língua, como se me achasse burra.

— Você ainda deverá participar do Abate.

Claro que vou, porra. O que é mais uma ferida?

— Além de Xavier, temos vários outros potenciais compradores vindo, também. Vocês devem causar a melhor impressão nesses homens. Não vou tolerar nenhuma insolência, entenderam? — No meio do discurso, seus olhos se desviam para as outras garotas, mas, ao terminar sua frase, seu olhar se fixa em mim.

Relaxo meus lábios em uma linha fina e aceno uma vez. As outras garotas também reconhecem seu pedido com um aceno de queixo.

— Quanto menos interesse tiverem em você, menor a probabilidade de sair da minha casa. E, sabe o que isso significa? Isso significa que eu não produzo as melhores garotas, e vou ficar com muita raiva se isso acontecer.

Como os dentes dela não estão podres pelas coisas vis que vomita o dia todo?

É preciso um esforço tremendo para manter meu rosto neutro, com a

turbulência rolando através de mim.

Ela se aproxima de mim lentamente.

— Vamos ensaiar alguns cenários. O que você faz quando um homem pede para se ajoelhar para ele?

— Fico de joelhos — respondo, minha voz rouca.

— E quando ele diz para você desabotoar as calças e colocar o pau dele para fora?

— Faço o que ele diz.

Ela balança a cabeça, me estudando de perto.

— E depois?

Mordo o pau dele.

Sei qual é a resposta óbvia. No entanto, também sei o que realmente excita homens controladores.

Poder.

— Espero que ele me dê permissão.

Surpresa pisca em sua íris, e odeio a reação que o olhar dela tem sobre mim. A última coisa que quero é deixar uma traficante sexual orgulhosa, mas, com toda a sinceridade, é exatamente o que preciso fazer. Só não quero *sentir* isso.

Durante nossas aulas de treinamento, Zade me ensinou muito sobre o tráfico humano e como eu poderia escapar dele, caso a Society viesse atrás de mim.

Faça com que confiem em você. Faça com que vejam você como um ser humano, não como um objeto a ser vendido.

Será que faria diferença se eles me vissem como um ser humano? Gente assim… não tem nenhuma compaixão pela humanidade. Não quando elas próprias dificilmente são humanas.

Ela funga.

— Bom.

E então, ela passa para a próxima garota, aquela com olhos castanhos e que me avisava para ficar de boca fechada.

— Jillian, como você se dirige a eles?

— “Sim, senhor” — ela responde instantaneamente, os olhos desfocados enquanto Francesca a encara. Nossa captora acena com a cabeça uma vez e segue em direção à garota de cabelo laranja ardente.

— Phoebe? Quando eles se dirigem a você, você os olha nos olhos?

— Não — ela responde com confiança.

— Por quê? — Francesca a testa.

— Porque é desrespeitoso.

Filhos da puta. Eles nos querem mansas e curvadas. Tristes garotinhas que não deveriam ter outros pensamentos, além de como agradar seu mestre.

Nojento pra caralho, isso é o que é.

Bethany é a próxima, mas ela não está tão composta quanto as outras duas garotas, Jillian e Phoebe. Obviamente foi mutilada depois que fui arrastada para fora da sala, mas quem pode dizer o que mais foi feito a ela?

Talvez, no meio do seu acesso de raiva, Rocco também a tenha estuprado.

Cerro os punhos, mas mantenho os pés colados no chão e a coluna travada e inflexível.

— Quando os homens não gostam de algo em seu corpo, como, digamos, uma pinta peluda, o que você faz, Bethany?

Seu lábio treme e posso ver a batalha para não quebrar em sua linguagem corporal. Ela leva um momento para se recompor, antes de responder:

— Certifica-se de que não haja pelo.

Francesca assente lentamente.

— Bom. — Ela olha para a ferida onde sua pinta costumava estar. — Espero, por Deus, que você não tenha mais nenhuma dessa onde eu não possa ver. Porque, se tiver, e eu descobrir que estão desleixadas, também serão cortadas.

Então, ela vira os olhos para a última garota da fila. É mais mansa que as outras, mais tímida. Cabelo castanho curto, encaracolado, óculos de aro de metal e lindos olhos de corça.

Mantém os olhos baixos, mesmo quando Francesca se dirige a ela.

— E quando você vai para o Abate, Gloria, qual é a única regra?

Ela lambe os lábios, olhando para Francesca, antes de soltá-los com rapidez novamente.

— N-não seja atingida — ela sussurra, sua voz aguda e baixa.

Minha testa franze.

— E o que acontece se você for?

Ela engole audivelmente quando começa a tremer violentamente.

— N-nós ser… — Ela para, se recompõe e força o resto da frase. As palavras são ditas tão rapidamente, que quase se fundem. — Seremos punidas.

— Bom — ela corta, e então se dirige para a porta, saindo para pegar algo do lado de fora da entrada. Meu coração cai quando volta com uma besta.

— Eu quero você fora da minha casa, Sydney, então você vai participar, mas se tentar escapar mais uma vez, eu mesma te matarei. Você não vale mais o incômodo.

Sydney se engasga, como se esta fosse a primeira vez que ouve isso, mas

tenho a sensação de que tem sido um problema desde que está nesta casa.

Ela canta:

— Só corro porque quero ficar com você.

— Bem, você não pode — ela retruca. — Este não é um maldito Holiday Inn. Agora que tenho o diamante em minha posse, não posso mais permitir que você me envergonhe. Você *será* vendida.

— O que ela tem a ver comigo? — argumenta Sidney.

—Ela é minha garota mais valiosa e, se perceberem que tenho uma maldita sanguessuga presa a mim que é incapaz de ser vendida, podem me considerar indigna e removê-la da minha casa!

Raiva pisca nos olhos da garota desequilibrada, e parece que ela está rapidamente descendo para um poço de histeria. Ao perceber meu olhar, ela rosna para mim, como se fosse minha culpa Francesca não permitir que permaneça.

Francesca se recompõe, os olhos apertados com a raiva persistente.

— Amanhã, vamos praticar — ela ordena, puxando minha atenção para longe da garota irritada. Seus olhos piscam para mim de forma acusadora. — E não me importa o quão especial você seja, não vou tolerar fracasso.

Como começam as erupções vulcânicas? Com a pressão. E ela fermenta dentro de mim. O magma ardente está subindo, engrossando com ódio, ficando mais denso com a sede de sangue.

Eventualmente, vou explodir pra caralho, e prometo queimar esta casa maldita inteira comigo.

Novembro de 2021

Eu não ia fazer isso a princípio. Mas decidi que, se Molly não conseguiu continuar a escrever a sua história, então eu escreveria a minha.
Parece estranho, mas também correto. E uma parte minha se sente como quando Gigi me guiou para este diário. Algo para me ajudar a manter a sanidade. Então, roubei um batom para honrá-la.
Tenho a forte sensação de que vou perder a minha sanidade aqui, de qualquer forma. Ou chegar muito perto disso.
A única coisa que sei é que eu preciso **sair** daqui. Mas preciso me curar primeiro, e há uma boa chance desse Abate piorar a situação. Ainda estou com os pontos nas costas, e a dor diminuiu só um pouco.
Mas eu não consigo fazer isso por muito tempo. Eu já posso sentir o peso de Rocco sobre mim, me pressionando para sempre. Como se eu andasse por aí com ele nos ombros.
Mas preciso aguentar. A única coisa que posso fazer é aguardar minha hora. E esperar. Estou certa de que Zade já está procurando por mim. E isso me faz sentir um pouco melhor, mesmo se eu morrer aqui.

CAPÍTULO 10
O CAÇADOR



—Tenho a localização da van — diz Jay, virando em sua cadeira. Acabo de entrar em seu escritório, voltando da casa de Daya.

Uma semana se passou desde que eu a tirei das garras de Luke e, desde então, ela tem ajudado. Eu a encarreguei de investigar Rio e Rick, enquanto Jay está focado em rastrear a van. Chegamos a um beco sem saída em Oregon. O veículo desapareceu das câmeras sem deixar rastro, e, a partir desse momento, estou enlouquecendo.

Já faz doze dias que ela se foi, e eu senti cada porra de segundo.

— Como você localizou?

— Finalmente encontrei uma imagem de satélite tirada ontem.

— Ande e fale — ordeno, girando e andando de volta para fora. — Qual é o endereço?

Ele recita o endereço enquanto se levanta da cadeira, seguido por uma maldição murmurada, um baque alto e um ou dois palavrões.

Olho para trás para vê-lo se esforçando para colocar um segundo sapato, pulando em um pé e quase batendo de cara na parede.

Balançando a cabeça, desço as escadas, deixando que descubra como ser um humano funcional novamente.

No momento em que abro a porta do meu Mustang, Jay está trancando a porta da frente e correndo para o carro.

Ele mora em uma casa modesta com seu irmão mais novo, Cameron, embora eu nunca saberia disso, se não fosse pelos gritos ocasionais que dá ao que quer que esteja jogando. Ou com quem esteja jogando.

Os pais de Jay e Cameron eram viciados em drogas e fugiram quando Jay tinha dezesseis anos e Cameron, sete. Felizmente, Jay é um gênio de verdade, e conseguiu manter o segredo bem guardado do Estado. Teve vários empregos para manter as contas pagas e seu irmão, em boa saúde.

Seis anos depois, Jay conseguiu a guarda legal de Cameron, e eles agora vivem luxuosamente. Cameron não tem conhecimento do que seu irmão faz para ganhar dinheiro e, no momento, é jovem demais para se importar. Eu acho que ele está preocupado demais em não morrer no *Call of Duty* para notar, e Jay está feliz em manter assim.

— Eu preciso chamar Michael para ficar de babá — diz ele, se jogando no banco do passageiro com um bufo. Seu telefone já está na mão, o polegar voando pelo teclado.

— Cara, ele tem treze anos.

Jay faz uma pausa para olhar para mim, um olhar seco em seu rosto.

— Exatamente, o que significa que vai ficar acordado até as seis da manhã, com um pacote de Doritos em uma mão e o pau na outra, enchendo a fatura do meu cartão de crédito com pornografia. — Inclino a cabeça de um lado para o outro, concordando. — Além disso, eu não me sinto confortável em deixá-lo sozinho — ele termina, calmamente.

Meu olhar vai para ele enquanto acelero para fora de sua garagem. Claire está determinada a me ferir, o que também coloca a vida dos meus funcionários e suas famílias em risco. Eu faço muitos inimigos e, por associação, meus funcionários também. Ninguém entra nesse trabalho sem saber disso, e é por isso que a maioria deles opta por não ter esposa e filhos. Obviamente, nem todos podem ou se isolam de seus entes queridos; fornecer proteção para qualquer pessoa diretamente impactada pela organização, portanto, é essencial.

— Eu entendo. Vou chamar alguns homens extras também. Nada vai acontecer ao seu irmão.

Jay acena com a cabeça, seus ombros relaxando um pouco. É a mesma coisa que eu disse para Addie, e falhei com ela.

Tiro um cigarro do maço e coloco na boca.

Eu não vou falhar novamente.



— Este é o local? — pergunto, minha voz tensa. —Tem certeza?

Estamos em algum lugar merda na cidade de Portland, Oregon. O endereço que Jay me indicou é um prédio de tijolos, de três andares, que parece ter sido construído em 1800 e abandonado antes da virada do século.

O edifício é ligeiramente torto, as janelas têm crostas e estão tomadas de sujeira, e o interior parece estar completamente escuro.

— É aqui — diz Jay, calmamente. — A van ainda está na esquina.

— Porra — amaldiçoo, apertando brevemente o volante até o couro gemer.

— Parece que ainda estão aqui — digo, abrindo a porta e saindo. — Vamos verificar a van em seguida.

Tiro a arma da parte de trás dos meus jeans e me aproximo da porta, rápida e silenciosamente, mantendo os olhos nos arredores o tempo todo.

— Jay, fique atrás de mim — ordeno. Ele ouve sem discutir, sua respiração acelerando quando me aproximo da porta de vidro. Não carrega nenhuma arma consigo, apenas seu laptop. Estou tentado a dar-lhe uma, mas tenho certeza de que ele causaria mais dano batendo na cabeça de alguém com o computador, em vez de disparar uma arma que não tem ideia de como usar.

Espio através do vidro, uma ruga se formando entre minhas sobrancelhas quando vejo a bagunça. Parece já ter sido um escritório administrativo. Mesas desordenadas preenchem o espaço, com itens aleatórios espalhados pelas superfícies; meu olhar passa por porta-retratos, canetas e papéis soltos.

Meus olhos examinam a área o melhor que posso, observando qualquer movimento e escutando qualquer ruído.

Quando não ouço ou vejo nada, agarro a maçaneta e puxo a porta, apertando a mandíbula ao descobrir que está aberta.

Addie não está aqui, mas eu já sabia disso. Assim como sei que algo ruim aconteceu neste lugar.

Silenciosamente, entro no prédio, Jay colado às minhas costas. A energia aqui é rançosa e pesada, cheia de poeira e decomposição.

— Que porra estavam fazendo ao trazê-la para cá? — Jay sussurra, observando a sala.

Eu balanço a cabeça, incapaz de responder verbalmente quando meu coração está batendo na minha garganta. Mas é exatamente isso que estou prestes a descobrir.

Não perdendo mais tempo, me apresso pelo espaço, verificando algumas salas, apenas para encontrá-las vazias. Na parte de trás, há uma escada com uma luz fraca brilhando além dos degraus, o único som é um zumbido baixo da lâmpada.

Olhando de volta para Jay, coloco o dedo em meus lábios, antes de subir as escadas cuidadosamente. Pelo que parece, não há nenhuma atividade, mas, se as luzes estão acesas, não vou correr riscos.

O zumbido fica mais alto à medida que me aproximo do topo e, com ele, vem um cheiro deplorável que queima minhas narinas.

Quase engasgo com o quão rançoso é, e ouço Jay tossir atrás de mim.

Bem, foda-se. Esse é um cheiro que conheço muito bem.

Alguém morreu aqui, e aposto com prazer que o corpo está apodrecendo no mesmo lugar onde tombou.

O patamar se abre para uma pequena área escura, onde um corredor se ramifica, fios de luz se estendendo da parte de trás em nossa direção. Adiante, parece haver uma segunda escada, levando ao último andar.

Apoiando-me à parede, faço sinal para Jay seguir minha liderança, e espio pela esquina e pelo corredor, os olhos se estreitando quando vislumbro uma sala aberta com o que parece ser um suporte de soro no canto.

Não enxergo muito mais do meu ponto de vista; tenho certeza, porém, de que não há ninguém aqui em cima. Nem ninguém *vivo,* de qualquer maneira.

— Vamos — sussurro, indo em direção à sala, rangendo os dentes enquanto o cheiro piora.

Assim que atravesso a entrada, paro de repente, fazendo com que Jay colida com minhas costas.

Há uma enorme poça de sangue seco no chão, um homem morto deitado bem no meio dela. Ele está inchado, bem no processo de decomposição.

— Jesus, porra — Jay murmura, enquanto nós dois observamos o estranho, desgosto curvando nossos rostos. Corpos mortos não me incomodam, mas sua podridão revira o estômago mais forte.

Imediatamente, noto pegadas secas e ensanguentadas saindo do cadáver em direção à porta em que estamos. Pegando meu telefone, acendo a luz e sigo as pegadas pelo corredor e em direção à segunda escada.

— Femininas — diz ele, confirmando meus pensamentos. Aproximo-me, tomando cuidado para não pisar no sangue. — Você acha que são de Addie?

— Provavelmente — murmuro. As pegadas são minúsculas e descalças. A menos que tenham levado outras mulheres junto com Addie, duvido que sejam de outra pessoa.

Analiso os cantos da sala, localizando várias câmeras apontando em direções diferentes.

— Câmeras — falo, dando um passo ao redor do sangue e mais para dentro da sala. Elas confirmarão a quem pertencem as impressões.

Meu coração bate forte ao notar o covil de Frankenstein. Várias máquinas estão montadas, uma longa mesa de metal com uma grande quantidade de instrumentos e uma cama com um cobertor colocado ao acaso sobre ela.

— Ele está morto há vários dias — observa Jay. — Tiro na cabeça. Por trás.

Eu o ouço tagarelar sobre a morte do cara enquanto examino cada centímetro

da sala.

— Vamos seguir as pegadas — murmuro, minha testa franzida enquanto tento decifrar o que poderia ter acontecido.

Seguindo logo atrás, Jay e eu voltamos pelo corredor e subimos a segunda escada. O patamar abre diretamente para um estúdio. À frente, toda a parede é em vidro, dando ao quarto uma luz natural incrível. Uma cama enorme está no meio da área à minha esquerda, com uma pequena cozinha à direita, pratos ainda na pia e, agora, atraindo moscas.

No canto posterior do apartamento, há uma divisória de azulejos brancos com um chuveiro atrás dela.

As pegadas levam até lá, e no canto há uma camisola de hospital ensanguentada, agora seca e amassada.

Eu encaro, tentando processar o que diabos aconteceu.

— De alguma forma… ela se envolveu na morte daquele homem. E, então, parece que subiu para cá e tomou banho — Jay conclui.

Concordo com a cabeça, chegando à mesma conclusão. A fúria se infiltra em minha visão, transformando tudo em vermelho.

— Ou ela, ou outra pessoa atirou nele por trás — suponho. — Provavelmente outra pessoa, se ela estava coberta de sangue e depois teve que tomar banho.

— Você acha que ela estava na frente dele? — Jay questiona curiosamente.

— Ou sob ele — grunho, mãos começando a tremer enquanto imagens de Addie sendo atacada pelo homem lá embaixo inundam minha cabeça. O que quer que estivesse tentando fazer a ela, era ruim o suficiente para que um traficante de pessoas tivesse que intervir e matá-lo por isso.

Minha mão voa para a parede mais próxima, quebrando-a. Como um robô com defeito, puxo de volta e atinjo-a uma segunda vez. E uma terceira, uma quarta, uma quinta, antes que as mãos de Jay envolvam meu braço e usem meu impulso para me arrastar para trás. Tropeço, e nós dois chegamos perto de cair com a força.

— Pare com isso, cara — ele dispara, suor acumulado na linha de seu cabelo.

Rosno e balanço a cabeça rudemente, como um leão se livrando de um golpe na cabeça. Meus dedos estão cortados, gotas de sangue pingando no chão de cimento.

—Vamos ter que limpar qualquer vestígio de seu sangue — murmura ele.

— Ela pode ter sido ferida — interrompo, ignorando-o. Estou pronto para voltar lá embaixo e dar uma surra em um homem morto. Torturá-lo das piores maneiras imagináveis, apesar de ele não ser capaz de sentir nada.

Porra. A vontade é tanta, que quero rasgar qualquer véu que separa os mortos dos vivos, alcançá-lo, arrancar sua alma de volta e fazê-lo desejar nunca ter tido uma.

Cada músculo do meu corpo está travado e cheio de tensão.

— Nós vamos encontrá-la.

— Hackeie as câmeras — estalo, correndo até a janela enorme e olhando para os fundos do prédio. Jay se senta na beirada da cama, olhando para ela brevemente, como se estivesse sentado em uma fossa de DNA, então abre seu laptop e começa a trabalhar.

Eu espio através da sujeira e encontro a van preta parada bem na saída do estacionamento, abandonada. Meus punhos cerram, notando o para-lama amassado e danos no lado do motorista do veículo.

Estou a dois segundos de perder a cabeça de novo e socar a janela, então me esforço para descomprimir, fechando os olhos e estalando o pescoço.

Mantenha a calma, entoo para mim mesmo. De novo e de novo, até recuperar o controle. Vi muita merda fodida na minha vida, mais do que a maioria poderia aguentar, mas o sequestro de Addie é a pior coisa que já experienciei. Não há mais controle. Com ela, porém, ele nunca realmente existiu.

Vou derramar gasolina e incendiar tudo em meu caminho de bom grado, se isso me levar de volta à minha ratinha.

— Zade, você não vai querer ver isso… mas você precisa.

CAPÍTULO 11
O CAÇADOR



Querido, o que eu te disse sobre surtar quando está com raiva?

Por que os resquícios da voz de minha mãe me atormentam agora? Destruição está nas pontas dos meus dedos, apenas esperando para ser liberada. Seria tão simples como acender um isqueiro, provocando uma pequena chama que levaria à obliteração.

— Zade? — A voz de Jay corta os sussurros de minha mãe, que desaparecem como fiapos de fumaça de cigarro.

Falando nisso, enfio a mão no bolso do moletom, pego um no maço e acendo.

A boca de Jay se abre, pairando sobre as palavras que honestamente não quero ouvir no momento.

— Não me diga para não fumar, e não me pergunte se estou bem — interrompo, a voz áspera de raiva.

Sua boca se fecha e ele acena com a cabeça, olhando para o vídeo de Addie lutando por sua vida, registrado sete dias atrás. As câmeras não têm áudio, então, embora eu não saiba o motivo do médico tentar sequestrá-la, não muda o fato de que tentou. Isso foi esclarecido por ele ao rapidamente urgi-la para fora da cama, e sua resistência durante todo o período.

Ela o emboscou com algum tipo de bisturi, e ele a atacou em retaliação. Apenas para a parte de trás de sua cabeça explodir enquanto estava sobre ela.

E mesmo que isso seja incrivelmente traumatizante, essa não é a parte que me deixa fervendo de raiva. É o cuzão que matou o médico, seguiu-a escada acima e assistiu à porra do seu banho.

Rio.

Daya fez sua pesquisa e, embora houvesse muito para encontrar sobre Rick Boreman, não há quase nada de Rio, além de ter nascido e crescido em Porto Rico, seus registros escolares e, em seguida, migrar para os Estados Unidos, aos dezoito anos. A partir daí, ela não conseguiu encontrar quase nada sobre ele.

Apenas o apartamento que aluga e duas multas por excesso de velocidade.

Eu não acredito nisso.

— Que estranho que esse cara tenha câmeras em seu quarto apenas voltadas para o chuveiro e a cama — murmura Jay, mais para si mesmo. Estou muito ocupado inalando um cigarro como se estivesse me dando vida, ao invés de tirar. Se eu assistir a esse vídeo de novo, serei capaz de sacar minha arma e atirar no monitor até que não seja nada além de cacos de plástico e metal.

Os dedos de Jay voam pelo teclado tão rápido, que acho que vejo lascas de seu esmalte roxo voando. O vídeo de quando Addie estava aqui desaparece e, em seu lugar, há gravações arquivadas que remontam a vários anos.

Quem quer que seja esse cara, ele pratica medicina ilegalmente há décadas. Várias vezes por mês, pessoas feridas são trazidas a ele – pessoas que parecem não fazer nada de bom.

Jogo meu cigarro no chão e o esmago sob a bota, soltando fumaça enquanto vejo Jay pular várias gravações. Assim que ergo minha bota para chutar a bituca, congelo e aperto a mandíbula, ouvindo a boca espertinha de Addie até mesmo agora.

Pare de bagunçar.

Este lugar será cinzas quando eu terminar, mas eu disse que pararia, então vou.

Pego a bituca, enfio no bolso e me forço a voltar o foco para a tela.

Vários clipes de mulheres tomando banho aparecem e, a cada vídeo que passa, meus dentes se apertam cada vez mais forte, até que cada osso do meu rosto ameace rachar.

Elas estão todas vestidas com camisolas hospitalares, antes e depois do banho, e muitas estão cobertas com bandagens ou gesso. Eram pacientes e estavam sendo gravadas sem saber, apenas para o prazer visual do médico.

O rosto de Jay está tenso em uma carranca, centenas de vídeos na tela. Mas, então, ele faz uma pausa, a hesitação permeando o ar.

— O quê? — pergunto, passando meus olhos sobre a tela para encontrar o que ele está vendo. Leva dois segundos, e meu coração para. — Dê play nos vídeos.

Jay balança a cabeça e resmunga:

— Você sabe o que acontece neles, Z. Você não tem…

— Droga, Jay, eu tenho que assisti-los. Você sabe que preciso, porra.

Ele suspira, concordando com os ombros baixos, e clica no vídeo. É como os rituais – eu não estava lá para salvá-las no momento, mas até parece que vou virar a cabeça para longe da dor delas agora.

No vídeo, o médico carrega uma mulher inconsciente para a própria cama, tendo acabado de chegar do segundo andar, onde ela provavelmente teve as feridas tratadas.

Ele a deita, tira sua camisola e, a seguir, suas próprias roupas. E, pelos próximos minutos, contamina seu corpo inconsciente. Nojo gira em meu estômago, ficando mais forte, junto de um redemoinho de raiva e o desejo cada vez mais profundo de ressuscitá-lo para que possa matá-lo eu mesmo.

À medida que Jay continua a passar os vídeos, percebemos que a mulher era provavelmente uma das centenas de pacientes de quem ele se aproveitou enquanto estavam inconscientes.

Pacientes que eram crianças, também.

— Acho que já vimos o suficiente. Não quero continuar olhando para essa merda — Jay diz, a voz tensa e irregular.

Cerrando os punhos, eu aceno:

— Procure quem é esse cara bem rápido.

Ele faz o que peço, e eu me afasto, já querendo outro cigarro.

— Dr. Jim Garrison — ele anuncia quinze minutos depois. — Anteriormente casado com Wilma Garrison. Ela morreu de ataque cardíaco em 2004. Há relatos de suas duas filhas de um casamento anterior de que teria sido um crime, mas ele cremou Wilma antes que a autópsia pudesse ser feita, e nada aconteceu. Em 2000, foi demitido de um hospital por negligência e comprou este prédio apenas alguns meses depois. Houve alguns processos contra ele, mas deve ter tido um bom advogado, porque se safou por falta de provas. Parece que esteve operando aqui, desde então.

Parece que ele é um doente fodido que estava fazendo mal aos pacientes, foi demitido por isso e criou seu próprio negócio para realizar todos os seus desejos sombrios. Muito provavelmente, matou sua esposa – talvez ela tenha descoberto o que ele fazia ou, talvez, ele simplesmente tenha se cansado dela.

— Volte para os vídeos de quando os pacientes foram trazidos. Quero ver se reconheço alguém.

Ele volta agradecido para a câmera no segundo andar, centenas de rostos diferentes trazendo pessoas feridas de diferentes idades. Na maioria das vezes, são mulheres e crianças, mas alguns homens aleatórios, também. Meu palpite é de tiroteios que deram errado.

Ele se depara com um vídeo do médico tratando o que parece ser uma menina de cinco anos com um ferimento de bala na coxa. Um homem gigantesco com cabelo castanho-claro amarrado em um coque e tatuagens subindo pelos braços e

pescoço está ao pé da cama, observando o médico trabalhar, com um olhar intenso no rosto.

Jay posiciona o dedo sobre uma tecla, pronto para passar para o próximo vídeo, mas coloco a mão em seu ombro, parando-o.

— Espere, eu quero assistir a este.

Há uma sensação inexplicável girando no meu interior de que preciso ver isso.

Eu me inclino para mais perto da tela, observando o homem tatuado e a garotinha que ele trouxe. Ele pode ser um traficante nesta área e, se garotinhas estão levando tiros, só posso imaginar as situações em que as crianças estão sendo colocadas.

O médico está frenético enquanto trabalha para estabilizar a criança, administra o que presumo ser anestesia e, em seguida, rapidamente realiza a cirurgia, o sangue jorrando da perna da menina quando ele extrai a bala. Parece que o médico grita, mas, depois de avançar, nós o vemos terminar com a garota e sair da sala. O tempo todo, o homem ficou parado como uma estátua, mal se movendo um centímetro.

Franzo a testa, focando na tela enquanto o homem dá a volta na cama, levanta a mão e gentilmente tira o cabelo da garota do seu rosto. Ela ainda está desmaiada da anestesia, então é impossível dizer como ela se sente em relação a ele.

Apertando minha mandíbula, encaro com intensidade, tentando interpretar sua ternura. Está vindo de um homem que tem um fetiche ou de alguém que a salvou? E como diabos a garotinha acabou com uma bala na perna?

Não tenho certeza do que é, mas algo sobre este vídeo parece… importante.

— Envie todos esses arquivos para mim, vamos entrar nas câmeras de segurança e ver se conseguimos encontrar o veículo em que eles foram embora.

Dou um tapinha nas costas de Jay antes de me voltar para as janelas sujas, um obrigado silencioso.

Está lidando com minha atitude como um campeão e, mesmo no meio da dor e da fúria, reconheço que estou sendo um idiota intolerável.

— Merda — Jay murmura, o som de seus dedos batendo no teclado ficando mais alto e mais intenso. Cerro os dentes, já suspeitando da resposta antes que ela saia de sua boca.

— Não há câmeras lá atrás. Nenhuma câmera apontada para o estacionamento de outros prédios, tampouco. Desculpe, cara. Eu não tenho nada.

Inclino a cabeça para trás, respirando profundamente pelo nariz enquanto o fogo escurecido lambe meus nervos. Addie saiu daqui há apenas uma semana,

mas é uma quantidade incrível de tempo no mundo do tráfico humano.

— Você enviou os arquivos? — pergunto. Nem mesmo reconheço minha própria voz.

— Sim — Jay confirma. Ouço farfalhar enquanto ele arruma seus pertences, sentindo a obliteração no horizonte.

— Saia daqui, Jay.

— Sim, considere-me fora.

— E, Jay?

Ele faz uma pausa.

— Sim?

— Configure câmeras que apontem para essas janelas. Apenas espere até depois de eu sair através delas — ordeno.

Ele hesita, mas finalmente concorda e sai.

Dou-lhe dois minutos para sair. Dois minutos de guerra furiosa na minha cabeça, borbulhando para a superfície e sangrando no chão onde estou, assim como o homem morto inchado abaixo.

Meu corpo se move no piloto automático. Desço para o quarto hospitalar e vasculho um armário, coletando cortinas, roupas e qualquer outra coisa inflamável, então as espalho por todo o prédio. Em seguida, pego líquidos à base de álcool e saturo o chão sujo com eles. Incêndios são mais comuns em hospitais do que a maioria imagina, e isso é perfeito para a destruição que pretendo causar.

A seguir, pego todos os lençóis que posso encontrar em seu estúdio e os amarro em uma corda extensa; depois, deixo de lado.

Respirando pesadamente, vou para um armário pesado em sua cozinha e esvazio o conteúdo. Arrastando-o para a janela enorme, eu o inclino de maneira confortável contra ela e dou um passo para trás.

Inspiro profundamente, reúno cada gota de ira, uso-a como combustível e chuto com todas as minhas forças. O armário estilhaça o vidro, teias de aranha atravessam toda a janela. Rosnando, chuto mais uma vez e, com um estalo alto, o armário voa através dela.

Pequenos cacos cortam minha pele, mas eu mal noto, assim como o estrondo ensurdecedor do armário caindo no chão não é registrado.

Voltando para o segundo andar, onde o médico jaz morto, visto luvas e uma máscara de seus suprimentos. O cheiro apunhala minhas narinas e meus olhos; a N95 não faz nada para filtrar o cheiro.

Colocando duas camadas de luvas, agarro o cadáver pela gola de sua camisa e o arrasto de volta para o estúdio, onde o doente maldito costumava levar

pacientes e estuprá-las enquanto estavam inconscientes.

Independentemente de suas atividades extracurriculares, o médico estava envolvido no comércio de pele, o que significa que isso não apenas enviará uma mensagem à Society, mas, também, a todos os traficantes que tiveram a infelicidade de pisar neste lugar.

Eles saberão que *Z* sabe.

O vômito revira em meu estômago devido ao odor pungente, ameaçando subir pela garganta ao arrastar o cadáver até a janela. Pego a última garrafa de álcool e despejo todo o conteúdo sobre ele.

Prendendo a respiração, agarro a corda feita de lençóis, amarro uma ponta em torno de seu torso sob os braços e a outra ponta, na estrutura da cama.

Então, eu o jogo pela porra da janela. As bordas da estrutura gritam contra o chão de cimento enquanto ela se arrasta alguns metros, antes de se estabilizar.

Satisfeito, arranco as luvas e a máscara, pego outro cigarro e o acendo, inalando profundamente ao me sentar na beirada da cama. Ponho o isqueiro sobre uma das cortinas no chão, o material explodindo em chamas que se espalham com rapidez.

E, então, desfruto do meu cigarro enquanto minha ira ganha vida diante dos meus olhos.

Meu cérebro está silencioso e barulhento ao mesmo tempo, repleto de ruído branco que abafa qualquer pensamento coerente. Sinto tudo e nada, e nunca fui tão perigoso.

Nunca fui mais letal.

Eu rio e gosto de ver o lugar queimando. Tantas coisas horríveis aconteceram aqui. Tantas vítimas – tantas mulheres e crianças foram trazidas para um reparo temporário, apenas para serem levadas para outro lugar e quebradas novamente.

Devagar, eu me levanto e faço meu caminho para fora da sala. Meu corpo registra fisicamente o calor, suor escorrendo na testa e na nuca. A fumaça enche meus pulmões e as chamas ardem minha pele.

No entanto, não consigo sentir nada.

Assim que saio do prédio, inalo o ar fresco e encontro um Jay frenético. Tusso algumas vezes, limpando meus pulmões o melhor que posso antes de dar outra tragada no cigarro.

— *Sério,* cara? Você está fumando enquanto queima um prédio? Você literalmente inalou uma tonelada de merda do fogo.

Ignorando-o, dou a volta para os fundos, onde o cadáver está pendurado na corda. A fumaça lambe as bordas da janela e os lençóis começam a queimar, mas

eu os deixei secos de propósito.

Levo o cigarro aos lábios e trago uma última vez antes de atirá-lo no médico, seu corpo instantaneamente inflamando.

Sorrio, fumaça saindo por entre meus dentes arreganhados.

Assim é melhor.

Um farol para que todos os filhos da puta em meu caminho saibam o que está por vir: uma fera que fez do fogo seu lar.

Essas chamas morrerão, mas as do Inferno são eternas.

Te vejo lá, filho da puta.

Satisfeito, viro as costas para o inferno que soprei à vida e vou embora.

Eu disse à minha ratinha que pararia de fazer bagunça, mas algo me diz que, só desta vez, ela não se importaria.

Novembro 2021

Ela me sabotou. Porra, é até difícil escrever uma carta agora de tanto que estou tremendo.

Eu estava indo tão bem nas práticas. Francesca me perseguia, e por um bom tempo, não conseguiu me encontrar. E, quando conseguiu, descobri que leva vários segundos para recarregar a besta.

Dezessete, para ser exata.

Eu estava sendo esperta. Cronometrando quanto tempo eu corria antes de me esconder. Enganando-a para disparar a besta e eu pudesse correr de novo. Ela não estava me acertando. Eu estava indo bem **pra caralho**.

Então, a merdinha da Sydney salta de trás de uma árvore, como se a cretina estivesse me esperando.

E, então, ela me dá uma rasteira, porra! Uma **rasteira**! Como uma criança no parquinho.

Quem faz isso, porra?

Pouso de cara no chão e, dois segundos depois, uma flecha me atinge na perna. Felizmente, estão usando de plástico para a prática, mas isso foge ao ponto.

Especialmente quando minha punição fará uma flecha nas costas parecer brincadeira de criança.

CAPÍTULO 12
O DIAMANTE



— Como é ser um fracasso? — uma voz sussurra atrás de mim.

Ela evoca arrepios na minha espinha instantaneamente. Eu me viro, seu rosto a centímetros do meu, fazendo-me recuar. Meu punho se curva, tentada a enviá-lo voando ao seu maldito nariz.

Eu estava de pé no meu quarto, prestes a desabotoar minha calça jeans e olhar para o estrago, quando ela se esgueirou por trás de mim.

— O que diabos há de errado com você? — falo. Ela apenas me encara com olhos escuros arregalados, um sorriso congelado em seu rosto assustador fodido.

Eu engulo em seco, desconfortável, e completamente constrangida.

— Eu acho que a melhor pergunta é o que *não está* errado comigo — ela retruca, rindo ao fazê-lo. Ela balança na ponta dos pés, seus olhos deslizando, para cima e para baixo, pelo meu corpo devastado.

Francesca nos levou para a parte de trás da floresta – um treino para o Abate. Ela e seus homens usaram flechas de plástico para nos rastrear, atirando em nós como se fôssemos cervos fugindo do estômago faminto de um caçador.

O objetivo era não ser atingida, e a queimação na parte de trás da minha coxa é um lembrete constante de como falhei epicamente. Cheguei tão perto de ter sucesso, mas então, Sydney aconteceu.

Ela estava esperando por mim e esticou o pé bem quando eu passei, as flechas de Francesca beliscando meus calcanhares. Plantei a cara na terra fria e, quando levantei, uma flecha estava rasgando o ar e perfurando a parte de trás da minha coxa.

Não perfurou a pele, mas posso dizer que vou acordar com um hematoma feio amanhã. No entanto, tenho certeza de que será engolida pelos outros quando receber minha punição.

— Que porra eu fiz para você? — estalo, jogando meus braços para os lados. Seu sorriso cresce, o brilho em seus olhos é prova do quão desequilibrada ela é.

— Estamos na mesma situação. Por que está agindo assim?

— Eu ouvi Francesca falando sobre você logo depois que você chegou. Disse que você era promissora e poderia ser a melhor garota se ela pudesse corrigir sua atitude. Então, ontem, você conseguiu ser estuprada, e eu vi o rosto dela. Eu a vi quase intervir. E ela nunca fez isso por mim ou por qualquer outra garota. Mas então… — ela levanta um dedo no ar —… então, você deu um soco em Rocco e quebrou o nariz dele. Ele queria puni-la por isso, e você sabe o que ela fez? Ela tomou a punição no seu lugar. Isso definitivamente nunca foi feito por nenhuma de nós.

Minhas sobrancelhas franzem, confusas sobre por que Francesca faria algo assim.

— Ela está te dando privilégios que não temos, pois acha que você é especial.

Bem, adivinhe, *diamante*, eu não acho que você é nem um pouco especial.

Realmente, não importa o que você pensa, não é, vadia?

Não tenho certeza se Francesca manterá sua confiança em mim já que falhei no teste de hoje, mas a determinação se consolida em meus ossos de qualquer maneira.

Se ela vê potencial em mim – se está indo tão longe a ponto de me proteger –, então há uma boa chance de eu conseguir que me veja como uma pessoa.

Somos vistas como gado. Produto para moldar com perfeição e, em seguida, vender pelo maior lance. No entanto, quanto mais ela me vê como algo além de apenas uma etiqueta de preço, mais ela vai se suavizar em relação a mim. Isso poderia significar baixar a sua guarda. Deixar escapar informações ou obter privilégios que poderiam ajudar na fuga.

Meus pensamentos correm com as possibilidades que podem importar para mim. Sei que não estarei isenta do horror que acompanha o tráfico de pessoas, mas, talvez consiga me salvar de um pouco disso.

Sydney compreende e, talvez com razão, não está satisfeita. Há um desequilíbrio de poder, e as outras garotas podem começar a sentir o mesmo.

— Todas deixaremos este lugar — eu a lembro. — Em breve, seremos entregues para quem pagar mais dinheiro, e como Francesca me trata não importará mais.

— Importa, sim — ela rosna. — Eu quero ficar aqui, e ela não vai me deixar, agora que você apareceu. Você a ouviu.

Aperto minha mandíbula. Sydney não quer ver o diamante brilhar porque isso significa que ela também deve fazê-lo. E brilharmos significa que somos boas o suficiente para sermos vendidas. Francesca se preocupa com uma coisa acima de

tudo: sua reputação. E há apenas uma coisa que Sydney quer mais do que tudo – não ser vendida –, e deve ser por isso que ela se comporta tão mal e causa problemas. Suas punições valem a pena, desde que Francesca nunca a veja como adequada para o leilão.

— Por que você quer tanto ficar aqui?

— Porque é meu *lar*. Não tenho nada fora desta casa, e prefiro estar aqui do que presa com algum velho gordo com um pau de minhoca. E *você* está arruinando isso!

Eu pisco. Representação interessante, mas não totalmente errada.

— Você também é estuprada aqui, Sydney — aponto.

Ela dá de ombros.

— Não é tão ruim. É com o que estou acostumada e confortável.

Outra piscada. Como alguém pode se acostumar a uma vida de estupros e espancamentos está além da minha concepção, mas ela deu a entender que não tem para onde ir. Isso me diz que uma vida fora desta casa para Sydney é sombria. Inexistente. Provavelmente, cheia de noites nas ruas e homens aleatórios.

E suponho que estar em uma casa com os monstros que conhece é mais seguro do que um homem que a comprou e acredita que a possui.

Os homens têm esse hábito engraçado de pensar que têm direito às mulheres, especialmente quando não as respeitam. Como se o respeito deles fosse um fator determinante de como as mulheres merecem ser tratadas.

Os homens desta casa, pelo menos, têm regras e limites sobre o que podem fazer conosco. Principalmente, no quesito de mutilar ou causar danos permanentes. Homens lá fora ou os que nos compram em um leilão… eles não têm regras.

— Então, é isso — digo. — Você vai continuar a me aterrorizar porque quer enganar o sistema quando nenhuma de nós tem essa opção. Talvez seja *você* quem pensa que elas são especiais e você, não.

Ela gargalha com um som agudo que tritura meus nervos a pó. E então, ela se vira e vai embora sem dizer uma palavra, lançando um olhar indecifrável por cima do ombro.

A pessoa por quem estamos brigando prefere nos ver despachadas para o maior lance, e ela não está apenas me fazendo falhar em um teste, está ativamente me infligindo trauma.

Abuso. Estupro. Coisas que nenhum ser humano deveria sofrer – especialmente em nome do ciúme ou mesquinhez.

— Você me sabotou, Sydney — falo, fazendo com que ela pare em seu caminho. — Não vou me esquecer disso.

Mantendo-se de costas, ela gira a cabeça para o lado, e sua mão desliza para cima e para baixo no batente da porta, como se estivesse brincando com o pensamento de como seus dedos estão com a madeira.

Finalmente, ela me olha por cima do ombro, um sorriso em seus lábios finos.

— Você vai ser muito divertida, diamante. — Ela pisca e se retira, andando pelo corredor antes de desaparecer em um quarto no final.

Eu a observo o caminho todo, e sei muito bem que ela pode sentir o calor queimando em suas costas.

A vadia provavelmente está se divertindo com isso, e o meu lado vingativo ficará feliz em fodê-la da pior maneira que puder.



Risos estridentes ressoam do andar de baixo, quase fazendo o chão vibrar sob meus joelhos. Francesca e Rocco são os únicos dois que realmente moram aqui, mas ele gosta de convidar seus amigos estupradores todos os dias para injetar grandes quantidades de drogas em suas veias e se divertirem com as garotas, quando permitido.

No entanto, suponho que Rio e Rick estejam praticamente morando aqui, agora que não podem ser vistos em público. Tenho rezado para Rick facilitar para mim e sair da casa de qualquer maneira, mas o idiota é muito preguiçoso e drogado, principalmente por ter um fluxo interminável de drogas chegando. Ele tem dinheiro para fazer sua droga ser entregue.

Independentemente disso, são todos detestáveis, incapazes de manter a boca fechada e não fazer comentários nojentos sempre que estamos por perto.

Porra, o que eu não daria para foder essa bunda apertada…

Você vê como se mexe? Imagine como seria fodê-la por trás.

Jesus, seus peitos são de morrer. Mal posso esperar para fodê-los.

Cada palavra azeda meu estômago mais e mais, torcendo minhas entranhas como um pano molhado, até que esteja enrolado em uma corda com nós. As palavras de Sydney são a única coisa que mantêm meus dentes colados.

Francesca tem grandes esperanças para mim, e preciso fazer tudo ao meu alcance para permanecer nessa luz, mesmo que signifique quebrar meus molares pela força de manter minha boca fechada.

O sono ainda gruda os meus olhos enquanto Francesca caminha diante de nós.

Ontem foi o treino do Abate, e passei a noite inteira esperando nosso castigo, mas nunca veio. Então, quando ela invadiu meu quarto ao raiar do dia, eu ainda nem tinha fechado os olhos.

— Etiqueta é importante — Francesca começa, andando de um lado para o outro na fila, seus saltos de doze centímetros combinando com as batidas do meu coração.

Está sempre pronta para desfilar na passarela, e me pergunto se ela se esforça tanto para deixar o exterior bonito porque seu interior é um cemitério de ossos e decadência. Ela deveria ter pensado em se tornar uma agente funerária por ser tão boa em vestir cadáveres.

Ela para diante de mim, e mantenho meus olhos fixos em seus pés. A ponta do sapato está um pouco arranhada. Imagino o quanto isso a incomoda.

— Olhe para mim.

Meus olhos instantaneamente encontram os dela, sem hesitação.

— Beije meu pé — ela ordena, tirando o sapato marcado. Parte de mim se pergunta se pode ouvir meus pensamentos e está me punindo por isso. No entanto, decido que provavelmente é a Mulher-Diabo lá no alto. *Ela*, sim, adora me punir.

Minha reação imediata é puro fogo. Minha boca trabalha para juntar saliva, pronta para cuspir em seu sapato, mas consigo me conter. Por muito pouco.

A hesitação percorre minha coluna, e é preciso força física para me dobrar para frente e fazer o que ela diz, colocando meus lábios suavemente em seu sapato sujo.

— Agora, lamba.

Meus lábios se contorcem, ameaçando se curvar em um rosnado, mas faço o que ela diz e, rapidamente, lambo, sujeira e Deus sabe o que mais se acumulando na minha língua.

Imagino que sua alma seja exatamente assim.

Aperto meus olhos fechados, me esforçando para recuperar o controle sobre os gritos na minha mente, antes de me levantar novamente, mantendo os olhos baixos. Se eu olhar para ela, verá a morte em meus olhos.

Como se sentisse isso, ela se curva sobre a cintura e enrola o dedo sob meu queixo, o metal frio de seu anel penetrando minha pele ao erguer minha cabeça.

— Eu sei que dói, mas hesite novamente e, em vez disso, seus dentes estarão beijando o chão.

Engolindo o vômito, aceno com a cabeça e sussurro:

— Desculpe.

Ela sorri lindamente e se endireita, satisfeita.

— Cada segundo que você hesita é mais um motivo para puni-la. Seu mestre esperará obediência. Zumbis sem mente, vocês serão.

Sydney ri, levanta os braços e geme como um zumbi de verdade. Meus olhos se arregalam, e nenhuma de nós pode conter o choque, olhando para ela como se fosse louca.

Bem, sem brincadeira, eu acho. A cadela *é* louca.

Francesca rosna, vai para cima dela e lhe dá um tapa no rosto, o som de carne batendo em carne ecoando na sala. Sua cabeça se inclina para o lado, fios de cabelo voando em seu rosto com a força. Perturbadoramente, Sydney espia Francesca através de seu cabelo, outra risada saindo de sua língua.

Francesca se dobra para ela.

— Se continuar rindo, Sydney, eu vou continuar deixando Rocco esticar sua bunda até que meu pé inteiro caiba.

Eu engulo em seco, olhando de volta para o chão. Ela é maluca pra caralho, e não posso deixar de sentir uma pontada de empatia.

Sydney era uma garota comum antes de ser roubada? Tinha uma vida normal, com emprego, amigos e saía aos fins de semana para encontrar um ficante?

Quem ela era, antes de morrer por dentro?



Após um dia inteiro de treinamento exaustivo sobre como servir nossos futuros mestres, o jantar é servido em nossos quartos. Não temos permissão para comer juntas, e imagino que seja porque não querem que nos tornemos amigas – unindo forças e planejando fugir juntas ou algo assim. Quanto mais solitária nos sentimos, mais desesperançosas ficamos.

Somos alimentadas com sopa e bolachas, uma refeição escassa, por ser algo que ela afirma que não vai nos engordar. Aparentemente, até traficantes sexuais são gordofóbicos e fazem *body shaming*. Não importa que não consigam uma boceta a menos que literalmente a roubem.

Acabo de comer quando parece que Francesca grita lá de baixo, o som enfurecido ecoando por toda a casa. Eu congelo, colocando minha tigela de sopa na mesinha de cabeceira lentamente quando passos ressoam na madeira, sem soar, porém, se ela estivesse de salto alto. Seus passos raivosos sobem as escadas e descem o corredor, meu coração bate mais rápido a cada passo em minha direção.

Minha porta se abre e ela invade meu quarto, a maçaneta da porta aprofundando a cratera na parede com a força.

Estremeço e pulo da cama, o coração disparado enquanto ela vem em minha direção e enfia o rosto no meu.

— Você estava indo tão bem — ela solta.

Minha boca se abre e balanço a cabeça, sem palavras; confusão e adrenalina guerreiam em meu cérebro.

— O qu…

— Não se faça de desentendida — ela sussurra, antes de me dar um tapa, fogo atravessando minha bochecha e um suspiro escapando.

Instintivamente, agarro minha bochecha, o choque me deixando totalmente paralisada.

Olho para ela assim que enfia um sapato na minha cara. Ou o que costumava ser um. São os mesmos que ela usava antes – os mesmos que me fez beijar e lamber – pretos com saltos agulha dourados. Só que, agora, a ponta dourada está rachada na base, mal se sustentando, e arranhões profundos marcam cada centímetro.

— Você fez isso — acusa ela. — Você fez isso com todos os meus malditos sapatos!

Balanço minha cabeça novamente, olhos arregalados e protestos caindo dos meus lábios.

— Eu não fiz, eu *juro*, Francesca. Eu não…

Outro tapa forte na mesma bochecha corta minha verdade. Seu peito arfa de raiva. O calor irradia dela em ondas, labaredas solares de fúria me açoitando enquanto ela ferve.

Lágrimas correm para meus olhos, e tremo com o esforço para evitar que caiam. Não quero mostrar um pingo de fraqueza. Ela as veria como sinal de culpa. Minha visão turva e xingamentos se acumulam na língua. Tenho que engolir várias vezes para forçá-las de volta pela garganta.

— Eu vi o seu olhar antes, *diamante*. Não finja que não estava planejando minha morte. Você é uma pirralha mimada e fazer *isso* — ela enfia o sapato na minha cara —, não vai lhe dar nenhuma vantagem.

— Fran…

— Cale-se! —grita, perdendo completamente a cabeça. Ela agarra meu cabelo e me atira ao chão, fogo correndo pelo meu couro cabeludo. Eu grito; o som rapidamente abafado quando empurra meu rosto no piso de madeira e começa a puxar minha calça.

Meus olhos se arregalam, e o pânico começa a dominar meus sentidos.

— Espere, espere, Francesca. Eu não fiz isso!

Ela não está ouvindo, porém.

— Esta será a *última* vez que você me desrespeita. Você me entendeu?! — ela grita, finalmente passando o material pelas minhas nádegas.

Eu me contorço, tentando rolar para fora de seu aperto, mas suas unhas arranham meus quadris e me forçam de volta para baixo. Ainda assim, não consigo parar de lutar, não quando ela tenta abrir minhas pernas.

— Pare! — grito, a visão escurecendo com pânico e uma série de lágrimas.

— Entre aqui — ela fala para alguém, mas eu não vejo quem. Apenas sinto o seu peso pressionando minha cabeça para baixo, meu corpo realmente começando a lutar.

— Espere, espere, *por favor, por favor*, eu não fiz isso! Eu não fiz isso — soluço, desesperada para fugir, mas incapaz. O peso pressiona minha cabeça, me impedindo de enxergar ou me mover, mas posso sentir tudo.

Oh, Deus, eu posso sentir tudo. O salto quebrado de seu sapato é empurrado para dentro de mim, e eu grito enquanto ele me rasga.

— Por favor, por favor, por favor — eu choro. Eu choro e choro e choro, mas ela não me ouve mais.

Suas mãos desaparecem, assim como o peso da pessoa sobre mim é afastado.

Francesca puxa minha cabeça para trás, me forçando a olhar para seu rosto contorcido, quase cuspindo de ira. Ela está de joelhos, olhos selvagens enquanto sussurra:

— Você *nunca mais* destrua as minhas coisas, ou vai sofrer muito pior do que isso. Juro, pela porra de Deus, que vou fazer você desejar estar morta. Estamos entendidas?

Soluços torturam minha garganta, saliva quase saindo da minha boca ao gritar:

— Eu não fiz isso!

Retrocedendo, ela me dá um tapa no rosto novamente, meus ouvidos zumbindo enquanto ela continua a me bater sem pensar, repetidamente, até que eu esteja sem fôlego com o ataque de dor.

— Sua puta inútil! — ela grita. Ergue minha cabeça mais uma vez, mas não consigo mais vê-la através dos rios que brotam dos meus olhos. Pedidos indiscerníveis passam pelos meus lábios, mas nem sei mais o que estou dizendo.

— Sabe o que acontece quando você se torna inútil? Acaba enterrada em uma cova anônima, onde ninguém nunca vai encontrá-la.

Finalmente, ela me solta, minha cabeça quase se colidindo com a madeira.

Imediatamente, meu corpo se enrola sobre si mesmo, o objeto estranho ainda dolorosamente alojado dentro de mim, mas não tenho forças para removê-lo.

Gemidos rasgam minha garganta, tão poderosos, que nenhum ruído é capaz de escapar, roubando minha respiração no processo. Francesca sai correndo do quarto, me abandonando para tremer violentamente e chorar pelo ataque.

Um peso volta a cair sobre mim, e meu corpo se agita inutilmente, punhos voando, mas sem fazer contato.

— Shhh — a voz sussurra. No momento em que registra que é de Sydney, luto com mais vontade, gritando para ela sair, mas é forte demais.

Ela está completamente agarrada às minhas costas, suas pernas circulando firmemente em volta da minha cintura e travadas no meu estômago, enquanto sua mão acaricia meu cabelo.

— Shh, está tudo bem — sussurra. — Estamos juntas a partir de agora.

A pouca energia que me resta se dissipa, e a única coisa que consigo fazer é soluçar.

Agarrando meu rosto quente e avermelhado, ela inclina meu queixo para cima. Apenas parcialmente, vejo seus grandes olhos castanhos e um sorriso gentil. Quase com reverência, acaricia meu cabelo e minhas bochechas, me olhando como se eu fosse um bem precioso.

— Bem-vinda ao lar — sussurra ela.

Novembro 2021

Sabe o que é engraçado sobre a dor? Não há realmente um momento em que cessa. Como um botão de liga e desliga. A dor enfraquece. **Lentamente**. Sempre de forma tão gradual, que você nem nota o momento em que desaparece completamente. É como se, em um instante a sentimos a dor, aprendemos a conviver com ela e, eventualmente, percebemos que de repente… se foi. ***Poof***.

Eu me perguntava quanto tempo levaria para a dor desaparecer enquanto Sydney me agarrava e não soltava. Então, quando o fez, era porque era hora da minha punição.

Outra injustiça, causada pela garota agarrada a mim.

Mas, claro, como poderíamos discernir injustiça quando estar aqui é uma injustiça em si mesma. Que seja…

Puxaram o salto ensanguentado para fora de mim e substituíram com coisas muito piores. Os amigos de Rocco tiveram uma boa noite.

Eles não sentiram dor. Mas **eu** senti.

Eu ainda sinto. euaindasintoeuaindasinto.

Sabe, acho que levará um bom tempo para a dor desaparecer. Simplesmente tenho essa maldita sensação.

CAPÍTULO 13
O CAÇADOR



— Eles negociam no mercado clandestino — Jay me diz. Assisto à filmagem da câmera do homem tatuado do vídeo – aquele que trouxe uma garotinha com um ferimento de bala ao hospital fajuto do Dr. Garrison. — Os traficantes de órgãos, para ser específico.

— Quem são “eles”? — pergunto, observando cuidadosamente o homem carregar a criança ferida para fora do hospital, gentilmente colocá-la no banco de trás de um Camaro vermelho e, então, acelerar. Ou ele não se importou em evitar a única câmera na frente do prédio, ou não estava ciente dela. Não importa, na verdade. Pegamos o número da placa.

Jay puxa uma foto. É do homem tatuado, com outros três homens. Com base na linguagem corporal, parecem muito confortáveis um com o outro.

— Estes aqui. Eles se autodenominam Irmandade do Basilisco. Amplamente conhecida no mercado clandestino por traficarem órgãos humanos. Ryker, Daire, Kace e Slade. Ninguém sabe seus sobrenomes verdadeiros.

Eu fecho os olhos, controlando meu temperamento. Tenho tido pouco autocontrole ultimamente.

— Antes que comece a rosnar e ir para uma matança, Tony, o Tigre, há boatos de que eles não são tão ruins quanto fazem parecer.

Lanço um olhar para Jay, mas ele me ignora. Sou mais assustador que Tony, o Tigre, e ele sabe disso.

— Por que você diz isso?

— Apenas alguns comentários em fóruns que encontrei em alguns *deep websites* — diz ele, encolhendo os ombros. — Não sei o que é, mas tenho a sensação de que esses rumores são verdadeiros.

Veremos.

— Independentemente disso, eles teriam conhecimento sobre as idas e vindas do comércio de peles — suponho.

Jay encontra meu olhar violento, um acordo mútuo passando entre nós silenciosamente.

Se Addie for negociada ou leiloada, eles poderão rastreá-la, o que significa que preciso conversar com a Irmandade do Basilisco.

— Dê-me um segundo, e entrarei em contato com eles — digo, me endireitando e gesticulando para Jay se mover para o lado. Ele resmunga algo sobre este ser *seu* computador, mas não ligo para ele.

Jay é ótimo no que faz… incrível, até.

Mas sou melhor.

Sento-me e abro vários programas. O primeiro é um software com reconhecimento facial. Ele fornece informação em cada câmera em que seu rosto tenha aparecido. Estou quase impressionado por muito poucos aparecerem.

O rosto de Ryker é o mais popular – o mesmo homem grande e de aparência raivosa que trouxe a garotinha ao médico. Ao contrário das imagens granuladas do hospital, esta câmera captura uma imagem clara dele.

Tem uma aparência interessante, com feições nítidas, cabelos longos que parecem sempre presos, olhos verde-acinzentados claros, barba por fazer e um piercing no nariz. É o tipo de rosto para o qual as mulheres cairiam de joelhos.

Os outros três certamente tampouco estão sofrendo por falta de boceta, embora sejam todos muito diferentes um do outro. Definitivamente, não são irmãos de verdade, embora eu tenha certeza de que ajam assim.

— Você vai se dar muito bem com eles — Jay diz, por cima do meu ombro. — Vocês todos estão em um ramo onde ser obscuro é fundamental, mas cada um se destaca como pirulitos no meio de pão mofado. Pirulitos muito gostosos também.

Sim, tanto faz. Eu não pedi para ser bonito.

Eu o ignoro e reduzo minha busca ao local mais recente em que foram vistos. Portland, Oregon. Cidade enorme, e um ótimo lugar para se esconder.

Além disso, uma localização privilegiada para o tráfico de pessoas. A prostituição corre solta lá – uma das formas de tráfico mais flagrantes e diretas que existe. A polícia passa mais tempo prendendo as garotas pelo crime do que tentando salvá-las.

América…

No vídeo, parece que fazem algum tipo de troca. Poderiam ser drogas, mas algo como cocaína ou heroína é brincadeira de criança quando se lida com órgãos humanos. Chame de intuição, mas nenhum deles emite a vibração de um viciado em drogas.

Vasculho diferentes programas até que finalmente consigo encontrar a câmera Nest de uma residência de duas semanas atrás. O Camaro vermelho entra na garagem e os quatro homens saem do carro.

Uma mulher mais velha sai pela porta da frente e acena com a mão animadamente. A Nest capta o áudio e, quando a voz dela surge, fica claro que o dono desta casa é da família, ou como se fosse.

Ela é barulhenta e energética ao cumprimentá-los, e os homens gravitam em sua direção como garotinhos fariam com a avó.

— Eu nunca vou superar o quão crescidos vocês estão! — ela exclama, abraçando Ryker primeiramente e, em seguida, os outros três.

— E aí, Mama T? — Daire diz, sorrindo para ela. Ele passa um braço ao redor da mulher e bagunça seu curto cabelo prateado com a outra mão. Dando-lhe um tapinha, ela o repreende amorosamente enquanto desaparecem para dentro da casa, suas vozes desaparecendo.

Fechando o programa, abro um navegador e procuro a rota mais rápida de volta a Portland. Parece que vou passar muito tempo por lá.

— Você está indo para a casa dela?

Viro a cabeça, percebendo Jay pelo canto do olho, desaprovação em seu rosto.

— Para onde mais eu iria?

— Você vai irritá-los.

— Eu não vou *machucá-la.* — Eu faço uma careta.

— Você acha que vão se importar? Sua presença será ameaça suficiente.

Giro minha cadeira completamente, arqueando a sobrancelha ao me inclinar para trás, e cruzo meus braços.

— Eu pareço assustado pra caralho?

Ele inclina a cabeça para trás e suspira de forma dramática.

— Nós sabemos que você é uma vadia má, Zade. Essa não é a questão. — Estendo a mão e soco sua coxa em resposta a ser chamado de vadia má, ganhando um gemido de *ui*.

— Não, o ponto é que esta é minha opção mais rápida. Eu lhes darei uma razão muito boa para virem até mim, e garantirei que cheguemos a um acordo mutuamente benéfico. Não tenho tempo para aprender os meandros do transporte de humanos. É complicado pra caralho, e meu foco principal nos últimos anos tem sido localizar os círculos uma vez que as meninas já tenham sido movidas. Addie pode ser vendida a qualquer hora, se já não foi, então preciso cobrir minhas bases. Enquanto tento descobrir onde ela está sendo mantida, preciso de alguém que entenda do negócio para ficar de olho se ou

quando ela for transportada.

Jay suspira, sentindo que vou fazer o que quero de qualquer forma.

— Está bem. Só não seja um idiota com ela.

Sorrio.

— Não se preocupe. As senhoras me amam.



— Saia da minha casa agora, seu filho da puta! — Teresa, também conhecida como Mama T, grita, apontando o dedo para mim. — Você acha que pode simplesmente entrar na minha casa? Quem você pensa que é?

Eu me inclino para trás no sofá, mexendo minha bunda até que eu esteja confortável.

— Um homem muito desesperado, Teresa Baker — digo, observando a casa. Ela tem uma casa muito aconchegante, e tudo está em seu devido lugar.

Paredes creme com sofás combinando, fotos de flores marrons espaçadas com perfeição, móveis de madeira correspondentes, as superfícies castanhas brilhando como se ela tivesse tirado o pó há menos de dois segundos, e uma gaiola branca pendurada no canto, um pequeno *Piu-piu* cantando.

Ela também tem um *Frajola*?

Ela zomba:

— O que diabos isso tem a ver comigo?

— Você conhece alguns homens com quem eu preciso conversar. Ryker soa familiar? Slade, Daire ou Kace, mesmo?

Seu rosto empalidece visivelmente, e seus finos lábios vermelhos se abrem enquanto ela busca por uma resposta.

Lento demais, Mama T.

— Chame-os. Traga-os aqui. Isso é tudo o que quero.

Ela bufa uma risada divertida.

— Você sabe que eles vão te matar, certo?

— Agora, por que eles fariam isso? Estamos nos divertindo muito.

Ela me lança um olhar, se senta em sua cadeira e tira o telefone do gancho. É provavelmente uma entre quinze pessoas no mundo que ainda tem telefone fixo.

Seus olhos verdes me perfuram como facas afiadas ao posicionar o telefone no ouvido. Sorrio largamente para ela de volta, temo, porém, que tenha saído um pouco selvagem.

— Venha aqui, agora. Traga seus irmãos — ela diz quando alguém atende,

olhando para mim com irritação.

— Não, não estou machucada — ela garante com rapidez. — Há um homem aqui para falar vocês quatro.

Ele deve concordar, porque ela desliga o telefone sem dizer mais nada. Ainda me lançando um olhar maligno, ela desliga o telefone um pouco agressiva, e um silêncio desconfortável desce.

Nada sobre Mama T é típico, nem fica tímida quando encontra meu olhar de frente. Apesar de estar na casa dos cinquenta, tem personalidade – tatuagens no pescoço, um piercing *Monroe*, um no nariz e batom vermelho-escuro.

— Minha garota foi sequestrada — digo a ela, esperando aplacar um pouco de sua raiva.

Honestamente, não tenho interesse em prejudicar uma senhora. Odeio deixá-la desconfortável, mas é um meio necessário para conseguir o que preciso. Prefiro que se sinta relaxada na minha presença, tanto quanto for capaz quando um homem de 1,90m, com cicatrizes por todo o corpo, entra em sua casa.

Ela me observa fixamente, esperando que eu continue.

— Ela foi levada por algumas pessoas muito más e poderosas. Poderia estar em qualquer lugar do mundo neste momento. Seus meninos têm uma habilidade refinada no que eu preciso para rastreá-la.

Ela apoia os cotovelos nos joelhos abertos, e parece enxergar além da minha carne e entrar na minha alma. Permaneço quieto. As pessoas me vendo por quem sou nunca me incomodou.

— Você é um homem poderoso e mau.

Dou de ombros.

— E, também, alguém com muito pouco tempo a perder. Estou muito confortável com a minha masculinidade para admitir quando preciso de ajuda.

Ela ergue as sobrancelhas finas e me dá um olhar que sugere que *pelo menos, tem isso a seu favor.*

Gostaria de me achar bonito também, mas vou deixar passar.

— O que te faz pensar que meus meninos vão te ajudar? Minha vida é sua moeda de troca?

— Claro que não — gorjeio, muito parecido com o chilrear do pássaro na gaiola. — Só um homem mais fraco machucaria uma mulher inocente para conseguir o que quer.

Ela ergue uma sobrancelha, não impressionada. Não posso deixar de sorrir com isso.

— Como você mesma disse, sou um homem poderoso e mau. Tenho conexões

e habilidades próprias. O que quer que eles precisem, posso fazer, uma vez que minha garota esteja sã e salva.

Acena com a cabeça, embora não pareça convencida. Não estou preocupado com o que vão me pedir. O que eu não souber, posso aprender. Quando chegar a hora de pagar, Addie estará ao meu lado, e terei todo o tempo do mundo para conseguir o que eles precisarem.

— Bem, eu não aprovo seus métodos, mas já fui casada e teria matado para ter uma fração do amor que você tem por sua namorada.

— Vamos, ainda há tempo. Você ainda pode encontrar o seu par perfeito.

Ela revira os olhos.

— Estou velha demais para essa merda. Tenho meus meninos, o que é o suficiente. Da próxima vez, você poderia bater? Quase me deu um maldito ataque cardíaco.

— Desculpe, Teresa — digo genuinamente, minha mão sobre o coração. Isso só me rende outro revirar de olhos.

— Me chame de Mama T.

Eu sorrio, feliz por ter sido aceito. Eu disse a Jay… as senhoras me amam.



Se a Irmandade do Basilisco não respeitasse Teresa, teriam arrombado a porta para chegar a mim. Em vez disso, correm para dentro, os quatro quase tropeçando um no outro para entrar.

Teresa já espera à porta, com as mãos levantadas em um gesto calmante.

— Agora, acalmem-se, rapazes. Ele não está aqui para me machucar.

Slade a agarra pelos braços e a gira ao redor, presumo que para verificar se está ferida. Ela se solta de seu aperto e o golpeia.

— Pare com isso, estou bem. Posso me cuidar sozinha.

Os olhos de Ryker imediatamente encontram os meus, sua busca não se detendo nem por um momento. Ele corre em minha direção, mas, antes que possa dar mais um passo, Teresa o segura pelo braço.

Sua cabeça se vira para ela em estado de choque, e ela o encara.

— Você está surdo, ou eu sou muda agora? O que foi que eu disse? Ele não está aqui para me machucar, então acalme-se.

Ryker me encara novamente, uma mistura de raiva e perplexidade no rosto.

Dou uma mordida no meu biscoito de chocolate e lhe dou um sorriso de lábios fechados ao mastigar.

Esses biscoitos são deliciosos pra caralho.

— Quem diabos é você? — Ryker exige, enquanto os outros três o cercam. Peitos inchados, queixos erguidos e mãos prontas para sacar suas armas de fogo.

Teresa revira os olhos e murmura baixinho, saindo de trás deles para se sentar em sua cadeira com um bufo irritado.

Meninos sempre serão meninos.

Lentamente, eu me levanto, limpando as migalhas das minhas mãos nos meus jeans.

— Z — é minha única resposta, e as sobrancelhas de Ryker arqueiam.

— Z — ele ecoa secamente, como se não acreditasse em mim.

— Foi o que eu disse.

— Como *o* Z? — Daire esclarece. Dois minúsculos piercings de diamante estão sobre uma espessa sobrancelha negra, brilhando quando ele franze a testa.

— Sim — digo. As apresentações são tão tediosas por muito poucos terem realmente visto meu rosto. Qualquer um poderia alegar ser eu, mas todos falhariam quando chegasse a hora de prová-lo.

Slade bufa, revirando os olhos escuros, que fazem um contraste interessante com as ondas de cabelo loiro-claro caindo sobre eles.

O único que não tem muito a dizer é Kace, que se afasta e me observa de perto. Se eu fosse um homem covarde, ficaria desconfortável.

— Digamos que eu me importe que você seja Z, por que você está aqui, na casa de Teresa?

— Bem, para chegar até vocês, é claro. Desculpem meus métodos indelicados, mas o tempo é essencial — respondo, abrindo um sorriso. Ryker rosna em resposta.

Melindroso.

— Dr. Garrison lhes soa familiar?

Segue-se um silêncio coletivo por alguns momentos e, então, Daire ri.

— Foi você, não foi? Quem o incendiou e sua casa?

— Claro que foi. Encontrei algumas imagens intrigantes com o rosto de Ryker. Intrigante o suficiente para eu investigar, e é como se o próprio Jesus tivesse me dado um presente. Diz-se por aí que vocês são comerciantes muito… particulares. E preciso disso no momento.

Ryker olha para Teresa, que nos observa com tédio absoluto em seu rosto.

Sentindo que Ryker sente a necessidade de manter segredos, ela acena com a mão.

— Estou indo. É minha hora da soneca.

Ele me olha antes de caminhar até uma mesa ao lado da cadeira de Teresa e pegar um recibo amassado e uma caneta. Ela resmunga quando ele começa a rabiscar, mas não o impede.

Endireitando-se, ele me entrega o pedaço de papel.

— Você nos pegou no meio de algo. Encontre-nos neste endereço em quatro horas. Não se atrase. Agora, saia.

Arqueio uma sobrancelha quando vejo creme para hemorroidas no recibo, mas logo decido que não é da minha conta o que está crescendo na bunda de Teresa.

— Vou chegar cedo — digo. — Tchau, Mama T.

— Boa sorte — ela diz. Eu aceno com a mão em reconhecimento, antes de abrir e fechar a porta da frente atrás de mim.

Não preciso de sorte, apenas da ajuda de quatro homens, que provavelmente serão dores de cabeça o suficiente para que *eu* precise do creme para hemorroidas em seguida.

CAPÍTULO 14
O DIAMANTE

Que menina boazinha, ratinha. Abra essa boca bonita e me prove…

Você foi travessa, ratinha. Você gosta quando eu te castigo, não é?

Eu poderia comer você por dias, e nunca seria o suficiente…

Porra, amor, estou viciado pra caralho…

Desperto e, por um belo segundo, pensei que estava de volta ao Casarão Parsons com Zade. Imagens de olhos de cores diferentes e um sorriso malicioso enchem a minha mente, mas o movimento súbito lança agulhas afiadas de dor por todo o meu crânio. As memórias se dissipam, o tenor profundo de Zade desaparece enquanto a pulsação maçante que irradia entre minhas pernas parece uma maldição lançada por uma bruxa má – uma maldição que não me deixa esquecer.

A luz brilhante do sol atravessa as cortinas empoeiradas e quase parece zombeteira. Aperto os olhos, a enxaqueca piorando ao apontar meus olhos cansados para a janela suja.

Está frio lá fora, mas parece que hoje não seremos atormentadas pela habitual previsão de chuva.

O fantasma no céu é realmente um demônio. Por que mais ela faria de um dia horrível tão brilhante e ensolarado?

Hoje é o Abate, e a casa já parece estar se enchendo de conversa.

Para piorar as coisas, meu corpo não parece tão quebrado quanto pensei que estaria. Minha alma? Completamente despedaçada. Mas, pelo menos, posso peidar sem sentir que vou desmaiar, certo?

Errado. Se eu mal pudesse me mexer, poderia ter uma desculpa para não participar do Abate.

Apesar da surra que meu corpo levou três dias atrás com a punição por ter falhado no teste prático, minhas feridas estão cicatrizando, então mentir para ela sobre meu bem-estar físico, quando as outras garotas ainda terão que participar… me faz sentir uma covarde.

Então, obrigada, Deus, pelas pequenas bênçãos da vida, e por me permitir

ver outro dia e expelir os gases corretamente. Amém pra caralho, vadia.

Phoebe, Bethany e Gloria foram estupradas junto comigo. Jillian manteve a cabeça baixa ao passar por nós, mas Sydney riu descaradamente na nossa cara, e tudo o que eu queria fazer era agarrar seu cabelo e arrastá-la para baixo naquele chão sujo ao nosso lado. Era *sua* culpa eu estar naquele chão para começar, homens nus se amontoando ao meu redor, comigo já ferida pela sua façanha com Francesca.

Tudo em que conseguia pensar enquanto éramos passadas de homem para homem era o quanto eu a odiava. Odiava sua superioridade e a odiava por me sabotar.

Foi a única coisa que me fez aguentar os toques de dedos sujos e invasões violentas de homens que não eram a minha sombra.

Em seguida, Rio me carregou para minha cama, minhas pernas fisicamente incapazes de me apoiar do abuso que meu corpo sofreu. Ele não conseguia olhar para mim. Não quando não fez nada enquanto os homens me roubavam, então ele pegou a garota quebrada e a levou para a cama – só porque Francesca exigiu isso.

Mas ele falou comigo. Ele me contou sobre o chupa-cabra, um ser mítico que, segundo rumores, aterroriza Porto Rico. Contou que, quando era jovem, estava brincando com sua irmãzinha quando jura que o viu. Uma grotesca criatura cinza com asas, que voou antes que ele pudesse piscar.

Não sei por que me contou essa história. Talvez para me distrair, mas acho que funcionou. Ele me deu um monstro que não parecia real, ao invés de focar nos monstros que eram.

— Levante-se. — O tapa forte que segue as palavras duras me assusta, e grito de surpresa e dor. Nem a tinha ouvido entrar, apesar de seus saltos barulhentos. Ela já deve ter comprado novos.

Olho para cima para encontrar Francesca me observando, uma carranca estragando seus lábios rosados. Parece desapontada comigo, e odeio o quão pequena isso me faz sentir.

Abro a boca, mas som algum sai. O que eu deveria fazer? Pedir desculpas?

Depois de me abusar com o salto quebrado e eu ter sido coletivamente agredida pelos amigos de Rocco, ela não suportou olhar para mim por um dia inteiro. Ontem, finalmente consegui convencê-la de que foi Sydney quem destruiu suas coisas.

Ela não se desculpou. Nem pareceu arrependida. Mas trancou Sydney em um porão velho da propriedade durante todo o dia, e quase me envergonha admitir o

quanto acalmou minha alma ouvi-la gritando para ser solta. Já estou mudando, e a antiga Addie está irreconhecível.

Eu nunca quis machucar ninguém, até agora. Nunca senti vontade de pegar uma faca e rasgar a garganta de alguém de orelha a orelha.

Estou vibrando com isso, mas Sydney não é a única na extremidade receptora. Estou chateada com cada pessoa nesta casa, exceto pelas outras garotas inocentes.

Especialmente com Francesca e cada homem que roubou um pedaço da minha alma naquela noite. Um pedaço que acredito que nem Zade será capaz de me devolver.

Sempre haverá lugares vagos onde minha inocência costumava residir.

— Prepare-se no quarto da beleza. Nossos convidados estarão aqui em breve. — Seus olhos piscam pelo meu corpo maliciosamente. — Fique apresentável — ela acrescenta, as palavras cravando na minha pele como uma agulha antes de se virar e sair, seus saltos ecoando contra o piso de madeira.

Rangendo os dentes, é preciso um esforço monumental para não gritar. De raiva, dor e pura frustração.

Em vez disso, forço meu corpo espancado a se mover, saio da cama irregular e caminho em direção ao quarto da beleza.

Vozes masculinas vêm de baixo, e o som faz meu coração voar para minha garganta. Eu me esforço para engolir quando me deparo com Phoebe no limiar.

No segundo em que nossos olhos se encontram, nós duas desviamos o olhar. Incapaz de nos conectar por algo que ambas sofremos. Vergonha. Culpa. Tristeza. Todas estão no corredor ao entrarmos no quarto.

Bethany e Gloria escolhem roupas em um cabideiro que Francesca deve ter colocado para nós. Em vez de roupas reveladoras, vestimentas quentes estão penduradas na haste de metal. Acho que não seria ideal cinco garotas correrem por suas vidas com uma tanga enfiada na bunda e borlas penduradas em seus mamilos no clima congelante.

Jillian está sentada em uma penteadeira, passando corretivo na esperança de encobrir as olheiras que cercam a parte de baixo de seus olhos. Fazemos contato visual por um instante, mas o seu olhar imediatamente se afasta. Não a via desde o nosso castigo – aparentemente, estava doente e perdeu as últimas aulas.

Um enxame de abelhas furiosas sobe pela minha garganta, e não consigo impedir que a amargura incontrolável tome conta, apoderando-se do meu coração e transformando-o em um fantoche de destruição em massa.

Ela dormiu naquela noite? Ouvindo três garotas gritando de dor e implorando

para que parassem? Implorando e implorando e implorando.

Por favor.

Por favor, pare!

Por favor, eu estou te implorando!

Por favor… por favor… por favor…

Ela se cansou dessas palavras? Soa engraçado para ela agora? Quando uma palavra é dita tantas vezes, que nem se parece mais com uma. Parece algo sem sentido – um som composto de afinação e tons sem qualquer significado real. Uma construção que os humanos formaram para comunicar seus desejos e necessidades. Mas o que as palavras importam quando ninguém ouve, porra?

Seus olhos encontram os meus novamente, um brilho sobre a superfície deles. E aí está. Vergonha. Culpa. Tristeza.

Ela saiu ilesa, e parece que a culpa de sobrevivente tem roído suas entranhas nos últimos dias.

Eu me acalmo, me repreendendo por descontar minha raiva em alguém que não merece. Jillian está apenas tentando sobreviver, como o resto de nós. Nada disso é sua culpa.

Então, Sydney entra, toda alta e poderosa, e minha raiva injustificada em relação à Jillian se redireciona para a pessoa que realmente a merece. Ela age como se não tivesse passado um dia inteiro gritando em um porão.

Mordendo a língua, ando até a penteadeira ao lado de Jillian, meus movimentos mecânicos. Meus ossos parecem dobradiças enferrujadas quando pego uma esponja rosa-choque e corretivo. Vou precisar de toneladas para esconder o sofrimento, mas eu me acomodo e coloco algumas gotas para começar.

Minha mão treme enquanto aplico em meu rosto produtos químicos que servem para esconder minha dor. Bethany e Phoebe conversam baixinho ao fundo, sussurros cheios de medo e conforto.

Garotas más, más.

Considero ouvir a conversa, mas estou distraída quando Sydney começa a tirar suas roupas até ficar nua. Jillian e eu temos uma visão clara dela através de nossos espelhos de maquiagem. Nós duas nos detemos, as mãos suspensas no ar enquanto observamos a garota desequilibrada atrás de nós, agora mexendo nas roupas no cabideiro.

Os sussurros de Bethany e Phoebe diminuem e logo a sala inteira está perturbadoramente arrebatada por ela.

Não posso deixar de encará-la enquanto ela cantarola, tira uma camisa do

cabide e a observa como se fosse uma garota normal, fazendo compras em uma butique refinada. Totalmente despreocupada com os olhos queimando sua pele exposta.

Forçando minha atenção para longe, olho para Jillian. Ela agora olha fixamente para si mesma, provavelmente tentando evitar a forma nua de Sydney refletida no espelho.

— Você tem algum conselho? — pergunto, minha voz fraca e rouca de todos os gritos.

Eu a vejo congelar com o canto do meu olho. Ela se recompõe e, então, retoma a aplicar seu corretivo, limpando a garganta.

— Cubra seus rastros — ela diz baixinho, seu sotaque russo proeminente. Tem uma bela voz, e os amigos de Rocco concordam. — E corra apenas quando necessário. Não se trata do quão longe você pode chegar; trata-se de garantir que nunca encontrem você. Pode correr por horas e sempre os levará direto para você.

—Não podem te pegar se não souberem onde você está — murmuro em voz alta. As palavras saem roucas e quebradas, mas não me incomodo em tentar repetir. — E as armadilhas?

— Contei a distância entre eles o melhor que pude. Estão a cerca de dez metros de distância entre si, aproximadamente. São uniformes, então os caçadores sabem como evitá-las.

Mordo o lábio.

— Obrigada por me ajudar.

Ela me olha.

— Não mencione.

Literalmente, ou nós duas estaremos em apuros.

Em seguida, ficamos em silêncio. Ela não oferece nenhum consolo, mas não é algo que eu gostaria dela. Ou de qualquer um.

Vinte e cinco minutos mais tarde, estamos todas vestidas com jeans e blusas de manga comprida. Não farão praticamente nada para nos proteger dos elementos e, certamente, não de qualquer ponta de flecha de metal que mergulhe em nossos corpos a uma velocidade vertiginosa. No entanto, considerando que vamos correr cheias de adrenalina, são o suficiente para manter nossos corpos aquecidos.

Os saltos de Francesca ressoam enquanto ela sobe os degraus, e meu sistema se inunda com pânico e qualquer controle que eu mantinha, escorrega. Tão facilmente… como se meus dedos estivessem cobertos de graxa.

— Estão prontas? — Sua voz é como um soco nos rins. Eu a observo através do espelho, seus olhos examinando cada uma de nós, estalando a língua quando nos considera suficientemente apresentáveis.

— Vamos lá. Hora de comer e, então, vamos repassar lições sobre como agir corretamente esta noite. Quando a noite cair, o Abate começará e, se você passar, em seguida será obrigada a se misturar com nossos convidados.

Olhares de pânico são trocados. Até surpresa passa pelo olhar de Sydney.

Bethany levanta uma mão trêmula, pedindo permissão para falar.

— Você está dizendo que temos que participar do Abate… no escuro? — pergunta ela, hesitante.

Francesca ergue uma sobrancelha.

— Foi o que eu disse.

Então, ela se vira e sai, claramente esperando que a sigamos. Devagar, nós a seguimos, mas não antes de olharmos umas para as outras com a mesma expressão de desespero.

Estamos fodidas. Estamos todas fodidas.



Fila única, senhoras. Devemos estar em uma fila uniforme para cumprimentar seus estupradores em potencial. Cause uma boa impressão, e talvez sejam gentis *quando te estuprarem.*

Explosões de gargalhadas barulhentas e vozes graves apertam minha garganta. Parece que meu coração tenta fugir, rompendo sua gaiola dourada e abrindo caminho para fora do cativeiro.

Jesus, acho que vou desmaiar.

Minhas pernas vacilam e minha mão segura o corrimão, segurando-o com tanta força, que os nós dos meus dedos estão brancos. E essa é a única coisa que me impede de avançar.

— Controle-se — Jillian sussurra asperamente às minhas costas.

— Diz a garota que não foi punida por isso três dias atrás — retruco.

Ela se aquieta. Foi rude da minha parte. Mas, porra, não há um manual sobre como reconfigurar meu cérebro para não ter medo e ficar calmo. Estou quase hiperventilando quando chegamos ao patamar e entramos na sala de estar em que os caçadores esperam.

Esses homens não combinam com aqui.

Esta casa está em ruínas e, não importa quão limpa ou arrumada esteja, ainda

parece lixo. E há cinco homens de pé no meio da sala, vestindo ternos Armani, relógios Rolex incrustados de diamantes e submersos em uma mortalha de perfume caro que custa mais que meu carro.

A conversa entre eles cessa ao se virarem para nós, e percebo que as diferentes cores de olhos parecem iguais, todos sem vida.

— Francesca — alguém chama, pronunciando seu nome com carinho. — Você tem um monte de coisas bonitas aqui.

O homem tem cabelos loiros curtos e claros, olhos azuis e um bronzeado profundo para complementar seu corpo tonificado. Ele deve passar os dias descansando em seu iate, provavelmente com uma supermodelo em um biquíni vermelho minúsculo, que felizmente não tem consciência do gosto de seu *sugar daddy* por caçar mulheres inocentes por esporte.

Sortuda.

Seus olhos deslizam para os meus e travam, seu sorriso se alargando enquanto os outros três resmungam em concordância. Eu deveria parecer mansa e submissa, mas demoro muitos segundos para baixar meu olhar para o chão de madeira brilhante. Uma cortesia, de verdade. Tivemos que fazer este lugar parecer apresentável, e adicionar uma camada de óleo aparentemente realiza esse feito.

Sentindo o ardor de seu olhar acariciando minha pele macia, agora estou certa de que fui muito lenta. Uma faísca de adrenalina acende em meu sangue, piorando minha náusea. Sem sombra de dúvida, sei que vai ser ele a me caçar hoje.

— Aquela com o cabelo laranja, a boceta dela combina, ou ela arruinou a combinação por tingir dessa cor? — outro pergunta, e tenho que cerrar os dentes para não responder. Phoebe treme ao meu lado enquanto Francesca confirma a informação incrivelmente pessoal, sua voz calma e agradável.

Cadela nojenta.

— Gosto dela — ele diz. Meu olhar pisca para ele, notando suas sobrancelhas pretas espessas, olhos minúsculos e barriga. — Seu cabelo ficará lindo enrolado no meu punho quando estiver chupando meu pau.

Um nó se forma na minha garganta, e eu me arrisco, enganchando meu dedo mindinho no dela e apertando brevemente. Estamos imprensadas uma na outra com força suficiente para que a ação rápida passe despercebida.

— Claro, Ben — Francesca responde agradavelmente. O homem, Ben, praticamente espuma pela boca enquanto seus olhos frios aquecem com maldade. Algo que temos em comum neste momento: coisas nefastas e malignas

passando por nossas mentes.

— E eu acho que quero aquela — o homem loiro intervém, inclinando a cabeça para mim. Seu olhar abrasador não se moveu, fazendo com que o suor escorra pela minha espinha e o vômito viaje até minha garganta.

— Você tem certeza, Xavier? — pergunta Francesca. — Ela não está elegível, ainda. Ainda tem que se curar bastante. — Meu coração bate no fundo quando percebo que ele é o homem importante de quem ela nos falou, Xavier Delano. E é claro que está me mirando, porra.

Deus? Por que sempre atraio os lobos grandes e maus?

Ele lambe os lábios, um sorriso torto se formando.

— Nunca tive tanta certeza sobre algo em minha vida. Estou certo de que vou ter um gostinho dela em breve. Seja esta noite… ou outra hora.

Sinto meu rosto perder a cor, e está cada vez mais difícil evitar explodir pedaços sobre seus sapatos Armani de pele de cobra. Ele então definitivamente combinaria com o lugar.

Os homens restantes escolhem seus alvos e, logo, Francesca está nos guiando para fora pela porta e de volta para a floresta densa. Grilos tagarelam, e o vento cortante devasta nossas estaturas frágeis. Se não estivéssemos tão tensas, nos curvaríamos como borracha sob as fortes rajadas.

Uma enorme fogueira se enfurece logo atrás da casa, dezenas de pessoas amontoadas ao seu redor, embrulhadas em roupas quentes e com bebidas nas mãos. Há, também, várias TVs grandes colocadas esporadicamente pelo espaço. De acordo com Francesca, os caçadores usarão câmeras corporais, proporcionando entretenimento e prazer visual aos demais convidados.

Minha respiração se intensifica quando encaro as árvores sem fim, sombras tremeluzindo pelo fogo atrás de nós. O cheiro de medo emana de nós seis ao nos alinharmos, e começo a suar frio. Minhas botas afundam na lama, sugando meus pés na terra gelada. Parte de mim deseja desesperadamente que fosse piche, me concedendo a sorte de ficar presa aqui.

Já sou atormentada com memórias de correr por esses bosques e chegar tão perto da vitória, apenas para Sydney aparecer atrás de uma árvore, os lábios curvados em um sorriso maligno e cheirando à malevolência.

E se ela fizer isso de novo? Acho que vou matá-la se o fizer. Arranco a flecha do meu corpo e enfio nela.

Atrás de nós, os homens preparam suas bestas, o tinido de metal enquanto os carregam com flechas friccionando meus nervos em frangalhos. Arriscando uma espiada para trás, meus olhos se arregalam quando vejo um capacete colocado

sobre seus olhos.

Óculos de visão noturna.

Filhos da puta. Tudo sobre este estúpido jogo de merda é manipulado.

— Tudo bem, senhoras — Francesca começa. — Vamos repassar as regras brevemente. Terão uma vantagem de dez minutos. Vocês são obrigadas a permanecer no interior do labirinto. Se for pega fora dele, resultará em morte imediata. Eles vão atirar para matar, não para mutilar. No final do labirinto, há uma área aberta. Se você chegar ao local, será imediatamente considerada salva e nenhum dano lhe acontecerá. Se ainda estiver dentro do labirinto, mas não tiver sido atingida e o tempo alocado se esgotar, você também será considerada salva, e nenhum dano lhe acontecerá. Está entendido?

Nenhuma de nós fala, e nossa falta de protesto é resposta suficiente.

— Como dizem em *Jogos Vorazes:* que a sorte sempre esteja a seu favor? — um macho interrompe, e soa como Xavier.

Uma rodada de risadas segue a piada ruim, mas, antes que minha falta de autocontrole possa me causar problemas, ele grita:

— Corram!

Partimos, correndo pela floresta com cuidado, cautelosas com as armadilhas. Cordas estarão esticadas entre dois objetos ao nível dos pés e, se tropeçarmos, ficaremos amarradas, alvos fáceis para a colheita. Paredes de galhos estão empilhadas a cada um de nossos lados, barreiras improvisadas para nos confinar a um labirinto. Não só redireciona nosso foco para sair, em vez de ficarmos escondidas, mas, também, para nos desorientar e incitar o pânico.

E, porra! Funciona.

Paro e corro para trás de um tronco, meu coração batendo acelerado. As paredes do labirinto são espaçadas, permitindo muitas árvores entre si.

Não faz sentido cobrir meus rastros até este ponto; é daqui em diante que importa. Rasgo por entre folhagens e ramos, procurando por um galho. Meus dedos já estão vermelhos e rígidos de frio, mas quase não os sinto, com a adrenalina correndo pelo meu sistema.

Na calada da noite, leva muito tempo para encontrar um galho adequado com folhas, quebradiças como são e, ainda mais, para fazer o que estou fazendo.

Após o conselho de Jillian, vasculhei meu cérebro por todas as maneiras como poderia encobrir meus rastros sem ter que parar e borrá-los literalmente enquanto corro. Decidi criar uma vassoura às minhas costas, usando um cinto que roubei do salão de beleza para mantê-la no lugar.

Ela disse que ganhar distância não é tão importante, mas quero realizar as duas

coisas. Chegar o mais longe que puder e sem deixar vestígios. Suponho que algo de bom saia da experiência: aprender exatamente como vou escapar quando chegar a hora.

Agarro o galho com folhas, coloco-o na parte inferior das costas e uso o cinto de cetim para prendê-lo a mim, amarrando o tecido em vários nós apertados. E, então, começo a andar rapidamente, girando minha cabeça para frente e para trás para evitar trombar em uma árvore e garantir que o galho esteja fazendo seu trabalho.

Está muito escuro para dizer com certeza, mas parece que está, e isso é bom o suficiente para mim.

Então eu ando, contando meus passos e levantando meu galho cuidadosamente sobre o arame quando as alcanço. Meu ritmo é rápido, mas constante, segurando o cinto com força para ter uma segurança extra com uma mão e mantendo a outra à minha frente, evitando que eu esbarre em qualquer coisa que a natureza tenha a oferecer.

Corro de uma árvore para outra, mantendo-me escondida o tempo todo. Vários minutos depois, chego a um beco sem saída e, com o canto do olho, vejo um flash laranja escuro à minha esquerda. Phoebe.

Claro, ela não sabe como cobrir seus rastros enquanto corre. E, por mais perigoso que seja estar perto dela agora, eu me recuso a manter minha boca fechada e permitir que outra mulher falhe.

— Phoebe! — chamo, mantendo minha voz o mais baixa possível.

Ela derrapa e se vira para mim, respirando pesadamente. Não consigo ver muito de suas feições, mas imagino que seu rosto combina com o meu. Em pânico, e os olhos dilatados de medo.

— Cubra seus rastros. Você os está trazendo direto para você — digo a ela em um sussurro e saio na direção oposta. Não sei se ela vai ouvir, embora eu saiba que pode ser tarde demais. Ela já os trouxe até aqui e, para garantir minha própria sobrevivência, preciso me afastar.

O galho se arrastando atrás de mim faz barulho, então me forço a desacelerar, contando meus trinta passos e ficando de olho em qualquer fio. Estou quase sem fôlego, desejando que minha frequência cardíaca diminua. Devo ter colocado distância suficiente entre nós duas agora.

Então, quando eu me viro e vejo Phoebe correndo para mim, enlouqueço.

— O que você está fazendo?! — exclamo, tentando manter a voz baixa, apenas fazendo com que desafine.

— Por favor, deixe-me ficar com você — ela implora, nenhum galho em suas

mãos para cobrir seus rastros. Nem se deu ao trabalho de *tentar.*

— O que diabos há errado com você? Não! Você vai me matar — estalo, o peito bombeando enquanto meus olhos jogam *pinball*, procurando por qualquer movimento na escuridão. Tenho quase certeza de que nossos dez minutos de vantagem já se passaram. Eles têm óculos de visão noturna e nós, não. O que significa que podem estar em qualquer lugar.

Sua mão pálida agarra meu braço e me puxa para perto, a unhas cravando na minha pele. Agora que posso vê-la claramente, ela parece desesperada.

— Por favor, não posso deixá-los fazer aquilo comigo novamente. Deixe-me ir com você, *por favor*!

Tento arrancar minha mão, mas seu aperto fica mais forte, e ela se recusa a soltar.

—Não vou deixar você ir! Eu vou com você.

Merda. Isso é o que eu ganho por não ser como Sydney e de bom grado assistir às outras falharem.

— Ok, porra. Você pode vir, apenas me solte. — Assobio, finalmente libertando meu braço de suas garras desesperadas. Decidindo em uma fração de segundo, corro de volta pelo caminho que viemos em cerca de seis metros, giro meu galho para a minha frente e começo a limpar seus rastros, andando para trás até alcançá-la mais uma vez.

— Fique diante de mim e corra o mais rápido que puder — exijo. — E não faça nada para nos matar. Não mais do que você já fez.

Ela estremece com minhas palavras duras, mas não sinto remorso. Estou chateada porque minha gentileza provavelmente acabou de me render uma flechada nas costas, e ainda mais irritada por não conseguir chutar a sua bunda e abandoná-la.

Eu me beneficiaria disso; não seria, porém, capaz de viver comigo mesma. É toda a razão pela qual gritei para ela em primeiro lugar. Ela é jovem, desesperada e aterrorizada e estou apresentando uma boa performance ao fingir que sei o que estou fazendo. Claro que ela vai se agarrar a mim.

Felizmente, Phoebe me ouve desta vez, mantendo-se à minha frente enquanto corremos. Meu galho está atrás de mim, limpando nossos rastros. O suor cobre quase cada centímetro da minha pele, escorrendo pela testa e costas, irritando os pontos na minha pele. Nuvens saem da minha boca e tenho um momento insano de pânico ao me perguntar se meu mau hálito deixará um rastro de cheiro.

Por várias vezes, andamos em círculos, e posso jurar que já passamos pela mesma porra de árvore três vezes. Estou ficando frustrada e cansada, então paro

e peço a Phoebe que encontre uma grande árvore atrás da qual se esconder. Encontro uma, a vários metros a sudoeste, dela que fornece uma visão clara do espaço entre as duas árvores.

Estou ofegante, desesperada por oxigênio e à beira de vomitar. Preciso recuperar o fôlego, e estou ficando paranoica com a possibilidade de que, mesmo que não possam ver nossas pegadas, serão capazes de nos ouvir.

— Fique quieta — sussurro, mesmo que eu esteja lutando para consegui-lo eu mesma. Meu corpo não se importa em ficar em silêncio. Tudo em que se concentra é apenas em sugar avidamente o precioso ar, não importando o custo.

Divido meu foco entre recuperar o fôlego e ouvir qualquer passo. Uma coruja pia e uma brisa fria e suave flui pela floresta. Um contraste tão gritante com a situação sombria e perigosa… Acho que deveria haver música de Michael Myers tocando ao fundo.

O farfalhar de um arbusto próximo quase faz meu coração voar para fora da garganta, mas, então, um coelho surge e sai correndo. Assim que eu puxo o músculo de volta para onde ele pertence, uma voz chama.

— Ruivinha.

Porra. Não sei se foi um bom palpite, ou se meu galho não conseguiu esconder as duas pegadas, mas o perseguidor de Phoebe nos alcançou. Olhos redondos colidem com os meus, e sei que minhas íris estão dilatadas de medo tanto quanto as dela.

— O que fazemos? — murmura ela silenciosamente, e balanço minha cabeça, perdida. Eu não *sei* o que nós fazemos. Não tenho ideia de onde ele está exatamente, mas, se até mesmo um cotovelo sair de trás de uma árvore, ele será imediatamente capaz de identificá-lo.

Conta se eu for atingida pela flecha de outra pessoa? Tenho certeza de que ainda serei punida, mesmo não sendo o alvo pretendido.

— Ruuuuivinhaaa — Ben grita novamente. Arrisco uma olhada ao redor do tronco da árvore e vejo uma sombra se mover cerca de seis metros atrás de nós.

Porra. Perto demais.

Se ficarmos em silêncio, podemos ter sorte, e ele vai andar para outra direção. Poderia pensar que seguimos uma trilha diferente e nos permitirá colocar distância entre nós. Mas agora, ao menor som, ele poderia se concentrar em nós. Não é seguro para nenhuma respirar.

Não que eu possa respirar de qualquer maneira.

Phoebe cobre o nariz e a boca com a mão, fechando os olhos com força, as lágrimas se amontoando em seus cílios e brilhando ao luar. Se ela ainda não

estiver, vai começar a ter um ataque de pânico. E, na minha experiência, eles raramente são silenciosos.

Coloco meu dedo trêmulo em meus lábios, uma lágrima minha se libertando. Minha visão fica embaçada ao encarar a possibilidade muito real de ser atingida por uma flecha e, a seguir, ser brutalmente estuprada por causa disso. Mais uma vez.

Mas ela não consegue se segurar, e um pequeno gemido escapa de sua mão. Meu coração para e, quase em câmera lenta, ouço vários passos em nossa direção.

— Foi você, ruivinha? — ele diz em um tom abafado, como se estivesse sussurrando em nossos ouvidos.

Merda, Addie, pense. O que Zade faria?

Ele seria um herói fodido; isso é o que ele faria. Zade não estaria interessado em se salvar, apenas em salvar todos os outros. Então, o que ele quer que *eu* faça?

Salvar a mim mesma. Ele iria querer que eu me salvasse. Mas o Abate não foi projetado para a presa escapar em segurança.

Antes que eu possa decidir, os olhos de Phoebe se arregalam em discos redondos, e ela parece se afastar, seu corpo começando a emergir do outro lado. Lentamente, levanta a mão trêmula e aponta para trás de mim.

Meu coração para e, por um momento, estou paralisada. Meu cérebro mais uma vez se divide em dois: metade em pânico porque ela não está mais escondida, e a outra metade congelada de terror, porque tem a porra de alguém atrás de mim.

Sei, sem sombra de dúvidas, que é Xavier. Ele me encontrou.

As folhas são amassadas e um galho se quebra à minha direita. Minha cabeça gira naquela direção, e mal vejo o brilho de uma besta cintilando sob os raios de luar.

E, então o tempo acelera, me dando um tapa na cara enquanto duas flechas disparam em nossa direção ao mesmo tempo. Uma de Ben e a outra, de trás de mim.

O ar assobia e meu corpo se move puramente por instinto, abaixando e desviando em direção à árvore à minha esquerda. A flecha voa entre a minha árvore e a que estou mirando, e um *baque* me faz parar. Meros centímetros separam a ponta da flecha agora empalada na casca e meu rosto.

Meus olhos se arregalam e eu grito. Olho para cima e percebo que o primeiro tiro em direção à Phoebe também falhou. Não teremos essa sorte novamente. E

só temos cerca de dezessete segundos para fugir.

… três, quatro, cinco…

— Phoebe, corra!

Nós duas lutamos, chutando sujeira e folhas sob nossas botas ao decolarmos, nossas pernas bombeando e amassando a folhagem.

— Pule! — grito, minha mente lutando para acompanhar nossos passos. Mal levanto o galho preso a mim, e nós duas pulamos sobre o arame, chegando incrivelmente perto de acertá-lo.

Nossos passos ruidosos ressoam pelo chão da floresta. Não há como nos escondermos agora. Apenas escapamos de uma ponta de flecha prateada. Os caminhos que tomamos são estratégicos apenas no sentido de despistá-los, em vez de tentar encontrar a saída.

Desviamos de mais algumas armadilhas e, depois de vários minutos, ouço os passos de Phoebe parando de repente. Eu derrapo, virando-me para vê-la curvada sobre sua cintura, ofegando tão intensamente que quase engasga. Seu rosto está tão brilhante quanto seu cabelo, e seus olhos parecem aflitos.

—Não consigo continuar correndo — ela sussurra, e então engasga. — Não consigo.

— Não, não, você consegue! Vamos, Phoebe, você consegue.

Ela balança a cabeça novamente, e não posso deixar de dar um passo para trás quando vejo uma sombra se lançar para o lado a cerca de dez metros de distância. Um grito sai da minha garganta quando a flecha sai voando, perfurando Phoebe direto na parte posterior do ombro.

Ela cai de cara, um lamento agonizante seguindo. Gemendo, ela consegue se levantar e passar por mim. Confusa, eu a acompanho e paro, derrapando novamente quando ela passa por cima do arame, cai no chão e se prende ao fio.

— Addie, *vá,* porra! — ela grita, sua voz quebrando com o esforço. Meu rosto se contorce e lágrimas caem sobre minhas pálpebras, tanto de negação quanto de culpa. No entanto, uma flecha cortando o tempo e o espaço me faz mergulhar à frente, outra chegando a poucos centímetros da minha cabeça.

Minhas mãos agarram o chão frio para me impulsionar para frente, quase batendo o rosto novamente em minha busca para voltar a ficar de pé.

Corra, ratinha. Eles estão vindo atrás de você.

Eu corro cerca de quatro metros e meio antes que um estalo alto ecoe no vento quebradiço. Ofegante, viro a cabeça a tempo de ver uma corda se torcendo no tornozelo de Ben, fazendo-o voar direto para o ar. Sua besta cai de suas mãos, batendo no chão ao lado de Phoebe.

Minha boca cai aberta, uma risada de choque tilintando enquanto os gritos de fúria de Ben enchem o ar, debatendo-se como uma minhoca em um anzol ao se balançar lá de cima. Mesmo a centenas de metros de distância, você conseguiria ouvir os suspiros de choque e indignação vindos da casa.

Phoebe deve ter esperado até que Ben se aproximasse dela e soltado o fio quando ele estava na mira.

— Deixe-me descer agora! — Ben grita e, embora as sombras escondam seu rosto, sei que está vermelho-cereja. — Eu vou te *matar* por isso.

E ele vai. Eu sei disso.

Phoebe também sabe.

Nossos olhos se colidem por um momento, e então seu olhar se abaixa lentamente para a besta.

— Phoebe… — eu alerto.

— Estou morta, de qualquer maneira — diz ela, tomando a besta em suas mãos, e tropeçando ao recarregá-la. Olhando ao redor nervosamente, eu me posiciono atrás de uma árvore, cautelosa sobre outra flecha voando em minha direção.

Preciso correr – tipo, dez segundos atrás, mas não consigo me afastar.

— Não faça isso, garotinha — Xavier fala das profundezas das árvores. Eu me eriço, lutando contra a necessidade de correr e ficar ao lado de Phoebe. Nenhuma de nós pode vê-lo, mas sua atenção parece focada na garota carregando uma arma perigosa, com o desejo de matar na ponta dos dedos.

— Socorro! Porra, me ajude! — Ben grita, se contorcendo ferozmente, mas não chegando a lugar nenhum. Está suspenso acima de um anjo mortal, e sua flecha não mostrará misericórdia aos ímpios.

— Maldição, Xavier, PEGUE-A! PEGUE-A…

Ela ignora os dois, mira e no instante em que puxa o gatilho, outra flecha voa e mergulha em seu outro ombro.

Ela berra, o grito ecoa, mas sua própria flecha acerta o alvo, cravando-se diretamente no topo do crânio de Ben e matando-o instantaneamente, o resto de sua frase silenciada por uma ponta de metal.

Cobrindo minha boca, vejo o sangue escorrer como uma cachoeira diretamente sobre ela, mas está muito ocupada, rindo loucamente, para perceber.

Mais uma vez, ela encontra meu olhar arregalado. Tantas palavras sobem à ponta da língua, nenhuma delas suficiente. Arrepios percorrem pela minha pele, e tudo que quero fazer é lhe dizer o quão orgulhosa estou. Como ela é admirável e corajosa. Nós duas sabemos que ela não vai sobreviver à noite, mas essa foi a

sua escolha.

— Vá — murmura. Com um último olhar demorado, eu me retiro, esperando para que ela possa enxergar em meus olhos tudo o que não pude dizer.

— Pode correr, garotinha. Mas você não pode escapar de mim — Xavier grita, sua ameaça me seguindo enquanto corro pelo labirinto. A distração de Phoebe me deu a vantagem que precisava para fugir.

Determinação toma conta de mim, e impulsiono minhas pernas o mais forte que posso. Continuo a ziguezaguear pelo labirinto, prendendo a respiração, enquanto outro apito perfura o ar e uma flecha se crava em um tronco a apenas trinta centímetros de distância.

Esses homens podem ser habilidosos na caça, mas o que não sabem é que fui caçada por um homem muito mais assustador. Já fui uma ratinha presa em uma armadilha antes, assustada e indefesa ao ser pega entre os dentes de um predador de ponta.

Mas não sou sua ratinha, e eles não são Zade.

E eu nunca vou sucumbir a eles.

CAPÍTULO 15
O DIAMANTE



Consegui despistá-lo.

Não só isso, mas consegui sair do labirinto, estou salva.

Nenhum mal lhe acontecerá.

Mentiras, mas vou aceitá-las por enquanto.

Eu não parei por aí, no entanto. Corri tão fundo na floresta que estou completamente perdida, nem mesmo um sussurro de vida humana. Isso me lembra tanto o Casarão Parsons, que faz meu peito doer. Não ajuda que eu esteja respirando tão pesadamente, que me engasgo com o oxigênio a cada inspiração. Estou à beira de vomitar e desmaiar, embora meu corpo não consiga decidir o que fazer primeiro.

Sentindo-me confiante o suficiente de que não sabem onde estou, arranco o galho da minha cintura, me inclino pesadamente contra uma árvore e deslizo para baixo, minhas pernas incapazes de me segurar por mais tempo.

Meus olhos começam a fechar, mas luto contra o desejo porque, apesar de considerada salva, isso realmente não existe neste mundo. Xavier poderia tropeçar em mim e tirar vantagem de estarmos sozinhos. Meus gritos não seriam ouvidos e, mesmo que fossem, ninguém daria a mínima.

Limpando o suor dos meus olhos, olho ao meu redor. A princípio, não vejo nada além de árvores. Mas então, ao longe, vislumbro metal brilhando ao luar.

Um vinco se forma entre minhas sobrancelhas e minha curiosidade se desperta. Eu me permito mais um minuto para recuperar o fôlego, antes de me forçar a ficar de pé e correr em direção ao objeto estranho enquanto verifico periodicamente por cima do ombro, para ter certeza de que ninguém está atrás de mim.

À medida que me aproximo, o objeto torna-se identificável e perco o fôlego novamente ao perceber o que é.

É um trem abandonado. Uma enorme fileira de vagões se estende pela área

arborizada em todas as direções, o metal enferrujado e corroído pela natureza. Meu coração bate forte e a empolgação floresce.

Fuga.

Essa é a única palavra que me vem à mente quando olho para esse trem abandonado. Ainda não sei como, mas sei que poderia me abrigar quando finalmente deixar este lugar.

Verificando por cima do ombro mais uma vez e não vendo ninguém, me aproximo do trem e passo minhas mãos sobre o metal frio. Tanto, que quero asilar aqui, em vez de voltar para aquela casa. Não tenho ideia se sabem da localização do trem, mas não será difícil encontrá-lo com o dispositivo de rastreamento na minha nuca.

Se este trem vai me oferecer alguma coisa, preciso utilizá-lo quando não puderem me rastrear.

Uma buzina alta rompe o silêncio, fazendo com que animais se espalhem e um ganido escape, meu coração saltando pela garganta. Respirando pesadamente, espio por cima do ombro, ouvindo vozes chamando, anunciando o fim do Abate.

Estarão procurando por mim, e estou tentada a tirar o dispositivo de rastreamento com um galho afiado e fugir de qualquer maneira, mas o medo me impede. Há muitos fatores contra mim.

Seja esperta, ratinha.

Volto na direção de onde vim, agora paranoica de que me encontrem perto do trem e descubram, se ainda não soubessem. Não quero arriscar se não sabem.

Depois de vários minutos de corrida, vejo um vislumbre de cabelo preto e uma estatura feminina antes de desaparecer atrás de uma árvore.

— Ei! — chamo, esperando que, quem quer que seja, saiba o caminho de volta.

A pessoa emerge do outro lado da árvore, e percebo que é Jillian.

Ela me olha, os olhos arregalados e respirando pesadamente. Não parece muito pior do que eu, o que é honestamente um alívio.

— Você conseguiu — diz ela com suavidade. Nós nos encontramos no meio do caminho, e seus olhos me verificam de cima a baixo, provavelmente procurando por ferimentos.

— Sim — respondo, ainda sem fôlego. Até o treinamento de Zade, eu nunca tinha exercido tanta energia em toda a minha vida.

— Você sabe como voltar? — pergunto.

Ela olha ao redor.

— Acho que sim. Senão, eles virão nos buscar.

Concordo com a cabeça e começamos a andar.

— Você já tinha passado pelo Abate antes? — pergunto.

Ela parece ter muito conhecimento para ser sua primeira vez.

— Não, só se passa por isso uma vez — responde ela.

— Exceto se você for Sydney — murmuro, embora esteja aliviada em saber que nunca terei que fazer isso de novo.

Jillian bufa.

— Isso é verdade. Ela já conhece o labirinto como a palma de sua mão.

— Foi ela quem te ensinou a passar por isso?

Ela balança a cabeça.

— Quando cheguei, eu era ainda mais combativa que você. Francesca me considerava um risco muito grande para me colocar no Abate até que ela pudesse me consertar, então vi as outras garotas passarem por isso primeiro. Aprendi muito com elas. — Ela faz uma pausa. — E, também, testemunhei tudo o que acontecia depois. Olha, você precisa se preparar para…

Uma risada profunda e estrondosa interrompe o que ela ia dizer. Jillian e eu vacilamos e nos voltamos para o som. Xavier emerge de trás de uma árvore, e meu pobre coração esgotado acelera mais uma vez.

— Bem, diamante, acho que você provou que eu estava errado desta vez. — Ele ri, seus olhos varrendo meu corpo para cima e para baixo de uma forma predatória.

Por mais que infle a masculinidade deles nos pegar durante o Abate, também significa que somos consideradas indignas de sermos leiloadas. E isso significa que estão autorizados a distribuir nossa punição apenas para esta noite. Então, embora escapar de Xavier possa ter irritado seu ego, ainda é uma conquista.

Porque, agora, ele pode me comprar.

Engolindo nervosamente, digo:

— Acho que sim.

Ele franze os lábios e acena com a cabeça, então inclina o queixo na direção que precisamos ir.

— Eu ficaria feliz em acompanhá-las, senhoras, se não se importarem — oferece ele, sua voz se aprofundando.

Jillian e eu nos entreolhamos, mas, no final, acenamos com a cabeça. O que mais diríamos, porra?

Não, vá embora, você está com piolhos.

Se fosse assim tão fácil…

Ele nos direciona para fora do labirinto para que possamos evitar as

armadilhas. Leva trinta e cinco longos e cansativos minutos para voltar para a casa. Trinta e cinco minutos de silêncio desconfortável, conversa forçada e a expectativa de me comprar.

Jillian e eu estamos exaustas, ambas tropeçando várias vezes em nossas pernas trêmulas e nervos à flor da pele.

Ao alcançarmos a casa, Francesca está parada na linha das árvores, com as mãos entrelaçadas enquanto observa os caçadores e as presas emergirem. Parece um pouco desequilibrada, provavelmente porque uma de suas garotas matou alguém, mas, quando seus olhos encontram os meus, eles me checam rapidamente, verificando se há ferimentos. Um sorriso sutil inclina os cantos de seus lábios rosados quando não vê nenhum, alegria iluminando seus olhos. Ela pode ter uma morte em suas mãos, mas o diamante ainda brilha, eu acho.

Fico feliz em ser útil, cadela.

Phoebe já está encostada nos fundos da casa, sangue escorrendo de suas feridas e manchando seu traseiro. Já removeram as flechas e estão trabalhando para estancar o sangramento. Isso me surpreende tanto quanto me assusta, considerando que ela matou um homem esta noite. Eu havia pensado que ela nunca conseguiria sair da floresta viva.

Está pálida e parece delirar de dor, mas há uma serenidade em seu rosto que eu nunca havia visto antes. Ela me forçou a salvá-la, então se virou e me salvou.

Tudo o que quero fazer é abraçá-la forte e lhe dizer que tudo vai ficar bem. Não porque qualquer uma de nós acredite que ela vai sobreviver, mas porque, uma vez que ela se for, estará em um lugar melhor do que está agora.

Sydney sai correndo da floresta, nem uma gota de sangue à vista. Admito estar decepcionada. Felizmente, Gloria segue logo atrás, orgulho brilhando em seus olhos enquanto caminha em minha direção, desta vez ilesa. Começo a sorrir, mas aquele pequeno momento de euforia desaparece rapidamente quando um homem grande surge com Bethany pendurada no ombro, uma flecha nas costas. Meus olhos se arregalam de horror, enojada ao ver a flecha alojada profundamente em sua espinha, sangue encharcando tanto ela quanto o homem que a carrega.

É preciso um esforço monumental para manter as lágrimas sob controle, mas me recuso a desviar a cabeça para longe. Ela não merece que nenhuma de nós ignore sua dor. Outro homem pega Phoebe e, juntos, levam Bethany e ela embora.

Meu lábio treme, e eu rapidamente o chupo entre os dentes e mordo, antes que Francesca possa ver. Não sei como Zade se manteve firme em situações como esta. Talvez, porque ele tinha a garantia de que poderia matá-los, e eu… porra,

estou tão indefesa.

Tento manter meu rosto sem qualquer emoção, mas não sei quanto sucesso tenho já que estou assistindo a duas garotas serem levadas para um destino pior que a morte.

Sydney vem ficar ao meu lado, propositalmente esbarrando no meu ombro, e Jillian e Gloria se posicionam à minha outra lateral. Francesca se vira para nós, uma mistura de orgulho e exaustão brilhando em seu rosto maquiado.

— Apenas duas, que notícia maravilhosa! — diz ela, chegando a bater palmas como uma pequena lontra-marinha, embora sem o carisma. Eu me pergunto se ela também será punida pelo que Phoebe fez.

Adoraria ser eu a fazê-lo. Pegaria uma daquelas flechas e apunhalaria no seu olho.

— Como recompensa, vocês, senhoras, poderão escolher o jantar esta noite. O que quiserem! Até McDonald's! Apesar dessas coisas seres *horríveis* para seus corpos, só desta vez não deve fazer mal.

Minha boca se abre, mas a fúria sufoca minhas palavras com mais força do que um espartilho vitoriano. No final, estou satisfeita, porque apenas veneno teria saído da minha boca.

Sobrevivemos ao Abate e ganhamos a porra de um *McDonald's* como recompensa? É muito idiota para ser real.

Sydney me salva, pulando para cima e para baixo animadamente.

— Meu favorito! — exclama ela, quase estourando meus tímpanos. Recuo com o tom, achatando meus lábios e me esforçando para engolir as palavras venenosas.

Estou *tremendo*.

— Parece bom, Francesca. As batatas fritas são sempre as melhores — Gloria diz, sua voz firme. Um olhar, e posso ver que ela e Jillian estão tensas, lutando para manter suas expressões agradáveis.

— Maravilhoso, vamos entrar e limpá-las, meninas. Haverá celebrações esta noite, e vocês deverão socializar com os convidados. Causem uma boa impressão e sejam respeitosas, pois eles podem ser potenciais compradores.

Ela gira em um pé e sai, com a tácita expectativa padrão de que vamos segui-la. Sydney pula atrás dela, mas não antes de lançar um olhar insano por cima do ombro, transformando meu sangue em gelo.

O que quer que essa porra de olhar signifique, não é bom.

Nada que envolva Sydney é bom.



— Chupe a barriga com mais força — Francesca estala às minhas costas.

— Estou tentando — ofego, bem quando ela puxa as cordas pela trigésima vez. Comi McDonald's. Mas é claro que não caiu bem, porque *quando* é que McDonald's fez alguém se sentir melhor depois de comer? E, agora, Francesca está concentrada em me fazer vomitar.

— Acho que está apertado o suficiente — gemo.

Tenho certeza de que ouço uma costela estalar em resposta. É cruel que eu esteja sendo forçada a usar um espartilho com este vestido, mas os homens que operam as redes de tráfico humano são tão estereotipados quanto os homens que justificam a agressão sexual com as roupas das garotas. Cinturas minúsculas são reverenciadas, mas provavelmente não tanto quanto não ter reflexo de vômito com um pau enfiado na sua garganta.

Francesca dá um nó e me ajuda a colocar o vestido pela cabeça, o mesmo que todas devemos usar. Um modelo preto e sedoso que acentua minhas curvas – minhas curvas agora muito exageradas. O material termina logo abaixo das minhas nádegas. Uma borboleta poderia bater as asas e o vestido voaria como se fosse alérgico à criatura alada.

Se eu soltar gases, *acabou.*

Francesca passa as mãos pelos meus cachos castanho-avermelhados, me observando pelo espelho. Estamos no quarto da beleza, as outras garotas se maquiando, já tendo passado pela mesma tortura.

— Você precisa fazer algo com esse cabelo. É lindo, mas esconde esse seu pescoço elegante. Tampouco cubra suas sardas quando passar maquiagem. Elas acentuam seus olhos incomuns.

Forço um sorriso, com medo de que, se eu me mover, meu estômago vai explodir pelo espartilho.

— Posso fazer alguma coisa com o meu cabelo, prendê-lo talvez — digo agradavelmente.

— Eu posso fazer isso — Sydney gorjeia atrás de mim.

Meu sorriso se desfaz, junto com meu coração. Não quero que a cadela chegue perto de mim, porque sei muito bem que vai armar alguma coisa.

Assim que abro a boca para protestar, Francesca se vira para ela e diz secamente:

— Tudo bem, mas, se você fizer alguma coisa com o cabelo dela, eu me certificarei pessoalmente para que você perca a mão.

O sorriso de Sydney só aumenta ao responder:

— Claro, eu nunca faria nada.

Francesca zomba como se não acreditasse, mas vai embora assim mesmo.

Se ela não acredita na Sydney… então *por que* está se retirando?

Cerrando a mandíbula, estreito meus olhos e cuidadosamente observo Sydney se aproximar de mim por trás. Ela encontra meu olhar através do espelho, seus olhos frios se agitando com uma emoção indecifrável.

Um sorriso secreto puxa seus lábios vermelhos para cima enquanto ela começa a pentear meu cabelo. Meus ombros estão erguidos até meus ouvidos, e a tensão entre nós aumenta.

— Há quanto tempo você está nesta casa? — pergunto, depois de alguns momentos de silêncio.

Seus dedos hábeis começam a separar mechas na lateral da minha cabeça e então, começam a trançar uma pequena mecha.

— Quatro anos — ela responde.

Ergo uma sobrancelha.

— Você evitou os leilões por todo esse tempo?

Ela sorri.

— Trabalhei duro para ser considerada instável demais para ser vendida, mas valiosa demais para ser morta. Sou boa no que faço — ela termina a frase com uma piscadela.

Eu engulo em seco, não totalmente certa de como responder a isso.

Ela me observa com malícia.

— Rio, contudo, tem me tratado tão bem ultimamente. Ele vai ao meu quarto todas as noites agora. Diz que minha boceta é a mais apertada que ele já teve.

Arqueio uma sobrancelha. Rio se recusou a nos tocar durante as aulas, e nunca o vi mostrar qualquer interesse de outra forma. Não me surpreende que esteja transando com uma das garotas se for consensual, mas estou surpresa que ela pense que eu daria a mínima.

— Se isso te faz feliz, então bom para você — digo, finalmente, em uma voz monótona.

Ela faz uma pausa.

— Você não se importa?

— Por que eu me importaria?

— Ele gosta de você.

Reviro os olhos, irritada com sua baboseira de colegial. Ela age como se fôssemos duas garotas se preparando para o baile, fofocando sobre garotos.

Interpreta bem a clássica menina malvada. Finge ser legal, mas todas as suas palavras doces e açucaradas estão misturadas com insultos salgados. Azar o dela, não estou interessada em fazer esse joguinho.

— Você tem um homem em casa, certo? Z é o nome dele? — pergunta ela, notando minha reação. Puxa meu cabelo particularmente forte, e chio em resposta.

— Não puxe — estalo. Ela apenas sorri, esperando por uma resposta à sua pergunta.

— Por que você se importa? — pergunto, minha raiva aumentando quando ela passa as mãos pelo resto do meu cabelo rudemente, puxando os nós.

— Um homem porto-riquenho sexy tem tesão por você, e você não se importa. — Ela encolhe os ombros. — Então, acho que estou curiosa sobre o homem que te faz sentir tão valiosa. Ele está procurando por você?

O Rio não tem tesão por mim, mas ignoro.

— Não temos todas alguém procurando por nós?

Ela dá de ombros.

— Não — diz simplesmente, e quase sinto uma pitada de compaixão. — Você realmente acredita que ele conseguirá salvá-la?

Aliso meus lábios, debatendo sobre responder. Se eu disser algo incriminador, ela usará contra mim imediatamente. Distorceria minhas palavras e diria à Francesca que estou tentando escapar, ou algo assim.

— Acho que todos os nossos entes queridos tentariam, pelo menos. Isso é o que as pessoas fazem quando amam você.

Espero que isso machuque.

Ela junta meu cabelo, começando a prendê-lo em um rabo de cavalo no meio da minha cabeça.

— Você acha que ele me salvaria também? — ela pergunta baixinho.

Ela mantém os olhos baixos, deixando-me incapaz de enxergar a sua expressão. Vaca manipuladora.

— Eu acho que ele salvaria todo mundo — digo. *E, depois, ele mesmo a mataria.*

Finalmente, ela me olha, um brilho nos olhos que faz meus músculos apertarem.

— Se ele fizer isso, eu ficaria feliz em chupar seu pau. Deixaria me foder na bunda também, se ele realmente quisesse.

Estreito os olhos, cerrando os dentes com tanta força, que estou perto de quebrar meus molares.

— Ele nunca tocaria você — estalo. — Nem ele deixaria *você* tocá-*lo*.

Um sorriso alegre se abre em seu rosto, e eu me estapeio internamente por dar a ela a reação que queria.

— Eu acho que ele concordaria, assim que visse o quanto eu sou melhor que você. Estou aqui há muito tempo para não saber como fazer um homem gozar em cinco segundos.

Ela molda meu cabelo em um coque bagunçado que eu provavelmente consideraria bonito se soubesse que ser tudo, menos feia, atrairia o tipo errado de atenção esta noite.

No segundo em que suas mãos se abaixam, eu me levanto calmamente e me viro para encará-la. Então, eu me pego me inspirando no manual de como ser um psicopata de Zade, agarro-a pelo pescoço, giro-a e a colido contra a penteadeira. Frascos de perfume e pincéis de maquiagem caem ao chão, e ouço um suspiro de uma das garotas atrás de mim.

Surpresa alarga seus olhos escuros quando fico cara a cara com ela.

— Continue me pressionando, Sydney. Se você me acha fraca, então a porra da sua percepção vai mudar. Eu aguentei suas merdas por todo esse tempo porque sou solidária por sua mamãe e papai não amarem você. Nem Francesca. Mas *não* serei intimidada por você e permanecerei calada.

Ela ferve de raiva, e seu verdadeiro rosto aparece por trás daquela frágil máscara de porcelana. A sala está bem-iluminada, mas, à medida que sua raiva aumenta, parece absorver as sombras dos cantos das paredes e as envolver sobre o rosto. Seu queixo está abaixado enquanto ela me olha, mas eu não estou com medo.

Já enfrentei muito pior do que ela. Tudo o que isso faz é reacender aquela emoção da qual estive sentindo falta por tanto tempo. Minha adrenalina está correndo pelo meu corpo, e com isso – com isso, sim, eu poderia me excitar.

— Você é uma *praga*, Sydney.

— E você vai morrer — murmura, e eu rio na cara dela.

— Então, eu vou te derrubar comigo, vadia.

Eu a pressiono mais na penteadeira, empurrando-a e fazendo com que mais algumas coisas caiam.

Quando viro as costas para ela, deliberadamente deixando-a saber que não estou com medo, me deparo com Gloria me observando com os olhos arregalados sob seus grandes óculos, enquanto Jillian se veste no canto, cuidando de sua própria vida.

Dou dois passos antes dos saltos de Francesca subirem os degraus e ela entrar

em nosso quarto com um sorriso no rosto. Sydney cronometrou certinho, criando um falso ataque de tosse no momento em que ouviu Francesca chegando.

E, quando ela nota Sydney esparramada contra a penteadeira, tossindo ao agarrar dramaticamente o próprio pescoço, já sei o que ela vai encenar.

— O que aconteceu? — questiona Francesca.

Sydney aponta para mim.

— Ela me sufocou! Me empurrou contra a penteadeira e me sufocou.

Os olhos de Francesca se voltam para mim, e os encontro de frente, certificando-me de manter meu rosto neutro.

Não vou entrar nessa de *"foi ela quem começou"* e me rotular como tão emocionalmente instável quanto ela.

Seus olhos castanhos me avaliam de perto, mas a adrenalina tomou conta da minha corrente sanguínea, e tudo o que posso sentir é… euforia. O calor aqueceu cada centímetro do meu corpo, afundando no meu estômago.

Se Zade estivesse aqui…

Forço esses pensamentos para longe da minha mente, antes que me levem para longe. Se eu deixasse acontecer, estaria transando com o ar, e não seria só vergonhoso pra caralho, mas também estaria no pior lugar do mundo para ficar excitada.

Depois de uma longa pausa, Francesca encontra o olhar de Sydney.

— Você provavelmente mereceu.

Sufoco o sorriso antes que possa emergir, mas *porra*, é difícil quando ela engasga alto em resposta.

— Vá para o seu quarto até que eu a chame para descer — ela ordena com aspereza.

Sydney passa correndo por mim, mas sinto sua intenção a um quilômetro de distância. Saio de seu caminho antes que ela possa trombar contra mim, o que só serve para deixá-la mais irritada. Sua cabeça gira, e o olhar que lança em minha direção antes de desaparecer é puro ódio.

Limpando a garganta, eu abaixo a cabeça. Espero que Francesca veja isso como submissão, e não como um último esforço para conter minha satisfação.

Sinto seus olhos me perfurando, e uma gota de suor se forma no meu couro cabeludo. Conhecendo a rotina, Gloria e Jillian se alinham ao meu lado, distraindo-a efetivamente.

— Esta noite é sobre se divertir, mas certifiquem-se de se comportarem como damas. Não ajam como vadias, mas sejam dóceis e complacentes. Todas têm permissão para tomar *uma* bebida esta noite. Não vou tolerar nenhuma fazendo

papel de bêbada idiota. — Ela faz uma pausa. — Deixem-me orgulhosa esta noite, meninas.

CAPÍTULO 16
O CAÇADOR



A Irmandade do Basilisco vive em um banco em um subúrbio de Portland. Obviamente abandonado, embora a placa do lado de fora do prédio ainda esteja de pé, o nome antigo em letras azuis em negrito. Toda a parede frontal foi substituída por ardósia preta, presumivelmente porque costumava ser de vidro quando era um estabelecimento.

O mais interessante é que o transformaram em um mini arranha-céu. Sei muito bem que esse banco não era assim tão bonito quando estava ativo e, com certeza, não tinha pelo menos cinco andares acima dele.

Abro a porta e trago meu cigarro uma última vez, antes de apagá-lo no chão com a bota.

Pare de jogar lixo.

Sim, querida.

Pego a bituca e a jogo em um saquinho de lixo no meu carro, o saco reciclável já cheio de filtros laranja.

Saindo do meu Mustang, bato a porta e me aproximo do prédio lentamente. O estacionamento está vazio, então presumo que os carros estejam escondidos em uma garagem em outro lugar.

Várias câmeras me observam ao me aproximar da porta da frente. Olhando para cima, encaro a lente pendurada acima da entrada diretamente e, segundos depois, a porta abre.

Dois dos quatro irmãos me esperam do outro lado. Ryker e Kace: o primeiro, com os braços cruzados e uma carranca puxando os lábios e o último, com as mãos enfiadas nos bolsos da frente e uma expressão estoica.

Ambos me observam atentamente, então coloco minhas mãos para cima.

— Eu juro que não estou aqui para roubá-los. Palavra de escoteiro — digo com um sorriso.

— Você já estaria morto se estivesse.

Deixo minhas mãos caírem, o sorriso no meu rosto aumentando. Decidindo que vou pressioná-los gradativamente, ao contrário de uma só vez, permaneço quieto.

Estamos no que costumava ser a área principal; a área dos caixas está completamente fechada. Agora, são quatro paredes mal iluminadas, com piso de madeira cinza brilhante e paredes de um azul-marinho profundo. Um único sofá de couro preto está encostado na parede à minha esquerda, e imagino que seja aqui que todos os hóspedes indesejados ou não confiáveis são examinados antes de autorizados a entrar em sua casa.

— Tem dois minutos para explicar o que diabos você quer — diz Ryker.

— Bem, porra, sem pressão, certo? — Endireito minha postura e cruzo meus braços, parecendo à vontade. — Para encurtar a história, minha garota foi sequestrada pela Society. Vendida para o comércio de peles.

— Você é o Z e não consegue encontrá-la? — desafia Kace.

Mantenho meu rosto inexpressivo quando encontro seu olhar. Seus olhos azuis são frios e inflexíveis, despreocupados em questionar minhas habilidades.

— Sou capaz de muitas coisas, Kace — digo baixinho, liberando um pouco da escuridão que apodrece no meu corpo. — Inclusive, de encontrar exatamente onde sua irmã gêmea está. Claremont Drive, não é? Suas filhas gêmeas, Kacey e Karla, já estão tão grandes. Onze anos, estou certo?

Ele rosna e dá um passo em minha direção, o primeiro sinal de emoção brilhando em seus olhos. A mão de Ryker salta e pousa em seu peito, impedindo-o de avançar.

Sigo em frente, antes que qualquer ameaça possa sair de suas bocas. Não tenho interesse na família de Kace.

— O nome dela é Adeline Reilly. Ela foi levada para a casa do Dr. Garrison para ser tratada por ferimentos causados em um acidente de carro que eles mesmos causaram. O médico tinha a propensão de levar seus pacientes para o quarto e fazer o que quisesse com eles, exceto com Addie. Ele tentou sequestrá-la, mas foi morto por um de seus raptores, Rio Sanchez. E, ao saírem de lá, desligaram toda a rede. A última coisa que eu sou é incapaz; mas, também, estou ciente de que, quanto mais pessoas procurando por ela, mais rápido a encontrarei. Sou um homem paciente, mas não quando se trata de recuperar minha garota.

Eles permanecem quietos por algumas batidas de coração, seus cérebros girando.

— Para que precisa de nós? — Ryker pergunta, finalmente.

— Você comercializa órgãos humanos — respondo. — Não é?

Ryker inclina a cabeça para o lado, contemplando minha pergunta.

— Se sabe disso, por que quer que as pessoas que estão no mercado para comprar pessoas como sua namorada te ajudem?

Dou de ombros casualmente.

— Você não vai machucá-la, e estou disposto a olhar para o outro lado enquanto isso.

Se descobrir que eles estão matando pessoas para lucrar com seus órgãos, todo o trato seria cancelado. No entanto, tenho uma forte sensação de que os rumores eram verdadeiros, e esse não é o caso.

Kace balança a cabeça, como se não pudesse acreditar no que está ouvindo.

— Você tem amplo conhecimento do funcionamento interno do comércio de peles. Tenho certeza de que sabe exatamente como rastrear um produto sendo leiloado ou negociado — continuo.

— O que ganhamos?

Abro meus braços, o sorriso arrogante de volta ao meu rosto. Estou vazio por dentro: nada além de ruído branco se instala, mas me acostumei a exteriorizar minhas expressões com a mesma facilidade com que posso deixar meu rosto neutro.

— Sou um homem de muitos talentos. Vou escrever NP, nota promissória, em um pedaço de papel, e você pode guardá-lo no bolso para quando precisar. Um único acesso. Não pode ser reutilizado. Como um cupom.

Kace estreita os olhos, olhando para mim como se eu fosse um irmãozinho implorando para brincar com ele e seus amigos.

— O que faz você pensar que teríamos alguma utilidade? — questiona secamente.

Meu ego, ele dói.

— Merdas mais loucas já aconteceram — retruco, descruzando meus braços.

Outra longa pausa, e me certifico de encontrar os olhares de ambos, nem um pouco incomodado com suas táticas de intimidação.

Ryker balança a cabeça em direção à porta, resmungando:

— Siga-me.

Kace olha para o irmão, comunicando algo com os olhos que não quero interpretar. Qualquer conversa silenciosa entre eles dura três segundos, antes que Kace ceda e siga Ryker sem discutir.

Mas não antes de lançar um olhar desconfiado por cima do ombro.

Quem te machucou, mano?

Tampouco me importo em descobrir.

Um scanner de impressão digital está embutido na maçaneta da porta, a máquina apita ao reconhecer a impressão de Ryker.

Eu os sigo pela porta, e minhas sobrancelhas se erguem. Entrei no sonho molhado de um solteiro.

A sala é gigantesca e completamente aberta, com o teto subindo pelo menos trinta metros. Toda a área é composta por tons de marrom e preto e é estruturada por apenas quatro paredes. Uma escada na extremidade direita leva a uma varanda que circunda todo o prédio, abrigando dezenas de portas e um elevador preto na parte esquerda traseira. Os quatro andares superiores também têm suas próprias varandas flutuantes, e eu me pergunto para que diabos precisam de todo esse espaço.

Risque isso – não me importo.

Ah, mas eu poderia me importar com *isso*. Um enorme cofre forte está bem à frente, a porta pintada de preto. Minha curiosidade desperta, querendo saber o que está além dela.

Assobio, impressionado e talvez até com um pouco de inveja da decoração.

— Os órgãos humanos pagam bem assim? — solto.

— Cala a boca — Kace responde, indo para um dos sofás de couro preto, onde um Daire sem camisa descansa casualmente, os joelhos bem abertos.

Dou uma olhada quando vejo uma corrente enrolada em sua mão, levando diretamente a uma coleira presa à garganta de uma garota, que se ajoelha a seus pés. Apenas uma faixa preta cobre seus seios, o resto do corpo totalmente exposto. Sua cabeça está inclinada e suas mãos repousam ordenadamente em suas coxas pálidas. Uma cortina de cabelo preto obscurece seu rosto da vista, e não consigo dizer se é intencional ou não.

Acho que Addie preferiria arrancar minhas bolas antes de se ajoelhar aos meus pés. Sorte dela, eu ficaria de joelhos aos seus pés. Também beijaria seus dedinhos do pé enquanto estivesse ali. Eventualmente, minha boca iria para entre suas pernas, mas não acho que ela se importaria com essa parte.

Daire sorri para mim, os piercings acima de sua sobrancelha brilhando com as chamas crepitantes na lareira ao seu lado. Ele não parece nem um pouco incomodado com a minha presença, embora isso não apague a centelha de desafio em seus olhos.

Slade está sentado do lado oposto, sua cabeça loira-escura se virando para me encarar por cima do sofá.

Tanta hostilidade.

— Eu concordei em ajudá-lo — Ryker anuncia, sentando-se ao lado de Daire. Ele nem olha para a garota, e presumo que já esteja acostumado com os hábitos sexuais de Daire.

— Ah, é? E o que ele fará por nós? — Slade pergunta, a pergunta dirigida a seu irmão, mas seus olhos escuros permanecem grudados em mim.

— Hum — digo, levantando um dedo para esperarem. Eu me viro até encontrar um pedaço de papel e caneta em uma mesa de canto, escrevo as letras NP e entrego a ele.

Ele encara o papel com perplexidade, voltando seu olhar para mim.

— Primeiro, não escreva na merda de outras pessoas. Em segundo lugar, você está brincando comigo, certo? Não precisamos de você.

Eu sorrio. Ele está nervoso que eu possa encontrar creme para hemorroidas em seus recibos também? Deve saber que não preciso de um pedaço de papel para me dizer em que Slade gasta seu dinheiro.

— Pode agir como se minhas habilidades não fossem beneficiar o negócio que vocês quatro conduzem, mas não vai te levar muito longe.

Ele amassa o papel e o atira ao fogo, e não posso deixar de rir em resposta. Suas atitudes não me incomodam – isso já era esperado quando um estranho entra em suas vidas fazendo exigências.

Mas eles *vão* me ajudar, querendo ou não.

— Você vai ter que me deixar saber a fonte desses rumores — Ryker interrompe. — A última coisa que queremos é que a notícia se espalhe.

— Vou indicar os fóruns em que foram postados. Você pode lidar com isso a partir daí, sim?

Ryker assente.

— São perigosos.

— Porque são verdadeiros — eu termino, já entendendo as ramificações que isso pode ter. Eles têm um processo, e é construído com base em sua reputação.

— Você confia nele? — Slade pergunta, levantando uma sobrancelha.

Ryker encolhe os ombros, despreocupado.

— Há um dele, e quatro de nós.

Meu lábio superior se estica em um meio-sorriso despreocupado. Eu me acomodo no sofá ao lado de Slade, ganhando um olhar que ignoro obedientemente. Não é difícil, pois é como um chihuahua rosnando para você.

— Então, se vocês não são caras maus, como diabos vocês traficam órgãos… educadamente?

— Nós cuidamos do processo de extração dos órgãos antes de vendê-los. Se já

morreram, compramos o corpo por um preço inflacionado, removemos os órgãos valiosos e descartamos o resto. Em seguida, vendemos os órgãos no mercado. Se estiverem vivos, nós os mandamos para casa.

Ele faz uma pausa, esperando por uma reação que não vai receber. Fico quieto e, depois de um segundo, ele continua:

— Daire é quem melhor entende o sistema de negociação. Localiza o produto e acompanha o que entra e sai do mercado — Ryker me informa. Estranhamente, estou surpreso com isso. Daire pisca para mim, os lábios ainda curvados em um sorriso.

— Slade é nosso negociador e contador. Configura os negócios, negocia preços e lida com o dinheiro. Kace remove e preserva os órgãos. E eu conduzo os negócios assim que os termos forem acordados. Nossa prioridade é interceptar humanos que estão sendo sacrificados por seus órgãos e levá-los de volta para casa.

— Mas vocês *vendem* os órgãos das pessoas? — esclareço.

— Absolutamente, mas a pessoa para quem vendemos presta um serviço às famílias em necessidade desesperada. Pessoas em listas de espera para transplantes ou aquelas que não podem pagar adequadamente com nosso sistema de saúde atual. Não importa se é por debaixo dos panos, os órgãos ainda vão para pessoas boas que os merecem. O mercado clandestino é cheio de maldades, mas nem todos nós somos assim. Só é necessário que pareçamos assim.

— Se vocês apenas extraem órgãos dos mortos, está dizendo que só vendem ossos e pele? Não parece um negócio lucrativo.

Ryker e Slade se entreolham, uma curta conversa entre eles. Arqueio uma sobrancelha, esperando pela decisão.

Slade se vira para mim.

— Kace costumava ser um agente funerário. Ele não é médico, e é por isso que vamos ao Dr. Garrison para ferimentos graves. Além de seu conhecimento mortuário, é bem versado em como colocar alguém para dormir sem dor.

— Para sempre — aponto, completando o que ele não disse.

— Sim.

Eu olho entre Ryker e Slade, estreitando meus olhos enquanto descubro o que exatamente estão tentando dizer. Daire agora acaricia o cabelo da garota, permanecendo fora de nossa conversa.

— Você ajuda em suicídios.

O olhar de Slade fica ameaçador.

— Consensualmente. São pessoas com baixa qualidade de vida. Sejam

doentes terminais, velhos e cansados, ou sofrendo de outras doenças mentais. Seja qual for o motivo, a escolha é deles e concordam em doar seus órgãos. Kace os coloca em um sono profundo, extrai os órgãos e, então, eles morrem. Totalmente indolor.

Aceno com a cabeça lentamente, revirando a informação na minha cabeça. As pessoas geralmente só se preocupam com a vida quando está dentro da barriga de uma mulher, mas param de se importar quando essa vida nasce. Faz-me pensar se as pessoas escolhem este caminho por não terem conseguido a ajuda de que precisavam.

Franzo os lábios e declaro:

— Oregon é um Estado que aprovou a Lei da Morte com Dignidade.

— As pessoas que nos procuram não são dos Estados que aprovaram essa lei. Para se qualificar para uma morte assistida por médico, você precisa comprovar sua residência aqui — explica Slade.

— E o dinheiro que recebem pelos seus órgãos… para onde vai?

— Depende da vontade deles. Às vezes, pedem para ir para a família, e nós honramos isso. Mas, na maioria dos casos, seja porque não estão em boas relações com a família ou não têm nenhuma, não se importam com o que fazemos com isso, desde que ajude alguém.

Ryker interrompe:

— É uma renda estável, e eles morrem com dignidade a que não teriam acesso de outra forma. Também nos permite manter nosso sigilo. Por mais que queiramos ser como o grande e mau Z e sair por aí matando todos os bandidos, são eles que entregam as vítimas diretamente em nossas mãos para que possamos salvá-las.

Inclino minha cabeça.

— A garotinha que foi baleada. Como aconteceu?

Sombras caem sobre os olhos de Ryker, escurecendo-os para um verde-musgo.

— Foi assim que um dos comerciantes a trouxe para nós. Ele não disse o que aconteceu, apenas que ela agora era inútil e que poderíamos vender seus órgãos, já que morreria de qualquer maneira.

Neste canto do mundo, até os mortos são valiosos.

— Se vocês o matassem, seria uma pessoa a menos capaz de roubar inocentes de suas vidas. Uma criança a menos baleada e vendida por seus órgãos.

Ryker se inclina para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos abertos.

— Nós matamos, quando podemos, e é por isso que nossa reputação de cuzões impiedosos e assassinos é importante. Mas, se todos os comerciantes do mercado

ilegal fossem mortos, levantaria suspeitas. No segundo em que acontecer, estamos fora. Não temos uma organização mundial como você, somos apenas quatro homens. Isso significa que, se nos pegarem, são milhares de vidas que *não* salvamos. Você sabe tão bem quanto eu que eles são parasitas e se reproduzem como coelhos. Acabar com alguns não faz nem cócegas nos doentes fodidos. Salvamos mais vidas dessa maneira, mas não significa que não tenhamos um quinhão de sangue em nossas mãos.

Eu aceno, franzindo os lábios.

— Justo o suficiente — concedo. — Ainda bem, agora, que vocês têm uma organização mundial à disposição. Talvez seja bom manter a próxima NP, sim? Pode até vendê-la no eBay depois, são valiosas.

Slade aperta os lábios e desvia o olhar.

— Foda-se, espertinho.

CAPÍTULO 17
O DIAMANTE



Se não fosse pela gargantilha em volta da minha garganta, eu consideraria pegar o canivete de um dos hóspedes e sair pela porta dos fundos, desaparecendo na noite. Cortaria o dispositivo de rastreamento do meu pescoço e partiria, sem me importar se não estou vestindo praticamente nada para me proteger dos elementos. Prefiro morrer sozinha, no meio da floresta, do que nas mãos de um traficante sexual.

E Francesca sabe disso. Sabe que todas nós arriscaríamos fazer isso. É por isso que simples gargantilhas de metal preto com um pingente de rubi apertam nossas gargantas no momento. Algo que ela deixou muito claro que abriga outro dispositivo de rastreamento, um que não pode ser removido sem uma chave.

A casa está envolta em distração e glamour. Tantos homens, vestidos com esmero, com centenas de milhares de dólares pingando de seus gélidos pulsos. Tantas oportunidades para escapar despercebidas, enquanto os olhos estão virados para outro lado.

Nunca entendi por que os mais doentes da humanidade se esforçam para parecer os mais bonitos. Você pode jogar glitter em uma cobra, mas a puta ainda morde.

— Você está linda — uma voz profunda sussurra no meu ouvido, às minhas costas. Eu me assusto, virando-me para encontrar Xavier, um sorriso lascivo em seu rosto.

Francesca ordenou que nos misturássemos com os homens, então estou acampando na sala de estar. Mesmo com toda a limpeza que fizemos, a casa ainda cheira a desespero. Horrores demais estão encravados nas frestas, e nenhuma limpeza jamais livrará este lugar deles.

Forço um sorriso, me afastando dele alguns centímetros e baixando meu queixo. O calor percorre todo o meu corpo, mas não do tipo bom. Mais como quando você está com mal-estar estomacal e presa no carro. O suor frio é

nauseante.

— Obrigada — digo, soltando minha voz. Seu olhar é intenso ao varrer minhas curvas lentamente, tomando seu tempo. Naturalmente, quero dar um chute nas suas bolas e correr. Só posso ficar ali parada e aceitar, no entanto. Com a postura ereta, recuso a me encolher como ele deseja. É a única forma como posso desafiá-lo para não pegar a taça de champanhe da sua mão e quebrá-la em seu próprio rosto.

Relaxe, ratinha.

Ele não me pegou esta noite, então não pode me punir. Contudo, tenho a terrível sensação de que Francesca permitirá de bom grado que este homem me toque, independentemente disso.

O que significa que preciso bancar a boazinha.

— Você foi incrível hoje, apesar da pequena distração que aquela garota vil causou — ele diz, agradavelmente. Posso dizer que está tentando inserir cordialidade em sua presença, mas é como enfiar minha mão em uma lareira que não é usada há séculos.

— Embora eu deva admitir, o Abate sempre me pareceu contraproducente — continua ele. — Mesmo que seja divertido.

Limpando a garganta suavemente, pergunto:

— Posso perguntar por quê?

Ele sorri como se visse através da fachada fina.

— Ensina você a fugir de nós. É uma tradição há séculos, mas, se me perguntar, prefiro que minhas mulheres sejam incapazes de escapar.

Aceno com a cabeça lentamente.

— Faz sentido — admito.

E, realmente, faz.

O Abate é projetado para testar nossa resistência. Entendo. Se estivermos muito fracas e quebradas, seremos pequenas coisas sem vida, resultando em substituições constantes. O Abate foi projetado para nos quebrar mentalmente, espiritualmente. Induzir terror e esperança de fuga, apenas para sermos arrastadas de volta.

No entanto, Xavier também está certo. O Abate nos ensina a correr.

Ele dá um passo para mais perto de mim, sua colônia amadeirada queimando meu nariz enquanto invade meu espaço. Quero lhe dizer para dar o fora do meu espaço pessoal, mas não consigo imaginar isso indo bem.

Por mais que eu tente, não consigo impedir que meus membros enrijeçam e que meus ombros subam um centímetro. Meus dedos se contorcem com a

necessidade de se fecharem em punhos, mas me abstenho.

— Diga-me, Adeline, você fugiria de mim se eu te fizesse minha?

Deus, sim. Eu correria até que meus pés estivessem desgastados até os ossos. Mesmo assim, eu ainda correria.

— Claro que não — respondo, mantendo a voz calma.

Ele ri, uma mistura de diversão e condescendência. Hálito quente sopra em meu rosto enquanto ele se aproxima, sua barba áspera raspando contra a concha da minha orelha.

— Você não seria capaz, mesmo se quisesse — sussurra ele. — Não seria capaz de ficar de pé. Suas pernas estariam tremendo demais de quão forte eu foderia você.

Uma mão deslizando pelo meu traseiro acompanha suas palavras. Fecho os olhos, procurando forças para não tremer sob seu toque. Para não fugir, e rezar para a Mulher-Diabo lá em cima, pedindo para que ele nunca me encontre.

— Isso soa bom, diamante? Acha que se lembraria de Z depois que eu terminasse com você?

Meus olhos se abrem, e o vermelho nubla minha visão. Desta vez, eu tremo, mas apenas de raiva.

Deus? Eu preciso de você agora. Preciso que você conceda qualquer merda de vodu que tenha na manga para que eu não mate esse homem.

Ele se inclina para trás, seu olhar frio procurando uma reação. Desvio o olhar, incapaz de manter o fogo longe dos meus olhos, e mantenho minha boca fechada com firmeza.

O que diabos ele espera que eu diga sobre isso? *Sim, mestre pedófilo, eu esqueceria tudo sobre Zade e só pensaria em você e em seu pau pequeno e insignificante.*

Saia daqui, idiota.

Ele resmunga outro som de diversão, e mordo o interior da minha bochecha até que o gosto de cobre enche minha boca. E então, eu mordo mais forte.

— Responda-me — ele dispara.

— Não — sussurro, lançando meu olhar para baixo para esconder a mentira. — Eu acho que seria muito difícil pensar em outra coisa além de você.

E o quanto eu quero te matar.

— Sim? — ele pergunta, sua voz engatando com entusiasmo.

— Sim — guincho, bem quando sua mão agarra minha bunda rudemente, me empurrando mais contra seu peito largo. Meus músculos se tensionam ainda mais ao sentir seu comprimento cavando em meu estômago. A repulsa torce

minhas entranhas, e juro que será alguma forma de justiça se eu apenas permitir que o vômito escape na cara dele.

Ele move seus quadris contra mim e, ao quase chegar ao meu limite, alguém limpa a garganta ruidosamente atrás de mim.

Xavier me libera, e dou alguns passos para longe, imediatamente arrumando meu vestido desgrenhado pelo seu toque. Quando arrisco um olhar para cima, encontro Rio de pé ao meu lado, mãos unidas atrás das costas e uma expressão neutra em seu rosto.

— Desculpe minha intromissão — diz ele, inclinando a cabeça por um momento. — Eu sou obrigado a trocar os curativos nas costas dela antes do evento. Também é hora de você ir para a sala vermelha — informa, seu tom frio, mas agradável.

Xavier endireita seu blazer, lançando-me um olhar que recuso a encontrar. Mas que queima a lateral do meu rosto quando ele inclina o queixo em reconhecimento, antes de sair. Piscando meus olhos para Rio novamente, ele acena com a cabeça para a entrada da cozinha, que leva para um banheiro nos fundos.

Ainda tremendo, sigo seus passos, esperando não estar instável demais e torcer meus tornozelos com esses saltos. Francesca provavelmente reabriria meus pontos sozinha por um erro estúpido como esse.

Mesmo depois de entrarmos no banheiro, ficamos quietos, e ele fecha a porta atrás de nós. Meus ombros relaxam um pouco, agora que estamos sozinhos.

Eu me pergunto quando Rio começou a me fazer sentir *segura*.

Mas admito, sou grata. Não é um aliado de forma alguma, mas é o menor dos meus inimigos nesta porra de casa.

— Que diabos é o quarto vermelho? — questiono.

Rio olha para mim.

— Um quarto nos fundos da casa cheio de lona e dispositivos de tortura. Tenho certeza de que você pode concluir por que apelidaram de sala vermelha — responde secamente.

Engulo.

— Eles estão… levando Phoebe e Bethany de volta para lá? — pergunto.

— Sim. É usado apenas para aquelas que falham no Abate.

Meu peito aperta e meu estômago revira. Estão fazendo coisas indescritíveis a elas agora, o que me deixa enjoada pra caralho.

— Vire-se — ele exige.

Estreito os olhos, não apreciando como está me dando ordens. Observando o

olhar no meu rosto, ele suspira e diz:

— *Por favor.*

Apertando os lábios, eu me viro.

— Afinal, por que me salvou? — pergunto baixinho, espiando por cima do ombro para vê-lo pegar o kit de primeiros socorros embaixo da pia e colocá-lo na bancada amarelada. Tenho certeza de que foram brancos em seu apogeu.

— O que te faz pensar que te salvei? — ele contra-ataca, me encarando enquanto remove bandagens e Neosporin. — Vai ter que levantar seu vestido.

Suspiro, fazendo o que ele pede. Eu sei o que fazer quando estou com ele, e esta não é a primeira vez que tenho que expor meu corpo para que possa trocar as bandagens. Ergo o vestido debaixo das minhas axilas, e sinto tristeza pelo quão insensível eu me tornei para me expor aos homens.

Estou usando um fio dental, o que equivale ao mesmo que nada, desajeitado como está. Lentamente, ele desamarra o espartilho e, com cada volta desfeita, consigo respirar com um pouco mais de facilidade. Ao cair do meu torso, respiro fundo, a felicidade quase dolorosa. Minha barriga está vermelha e marcada de como Francesca o amarrou com força.

—Terá que recolocar isso, você sabe, não é? — digo a ele.

Ele resmunga.

— Então, é melhor você ser boazinha. Eu posso apertar mais do que ela.

Um arrepio rola pela minha espinha quando seus dedos roçam contra mim, procurando a extremidade do esparadrapo, até que pega a ponta e remove as velhas bandagens da minha pele.

— Então, vai agir como se a necessidade de as trocar não tenha sido intencional? — insisto. — Você tinha acabado de trocá-las, antes da festa. O que foi apenas duas horas atrás.

— Você gostaria que eu te deixasse lá, na próxima vez? — ele rebate, seu tom tenso e um pouco impaciente.

— Não — sussurro.

— Então, aceite pelo que é e cale a boca.

Estalo minha boca, fechando-a. Desta vez, não tenho nenhum problema em obedecer às suas demandas. Independentemente de querer admitir, ele viu Xavier me tocando e interveio. Algo muito diferente do que um traficante de pessoas faria. Prefiro apenas agradecer a intrusão, em vez de questioná-lo e ele decidir nunca mais fazê-lo.

Porra, Deus sabe que esta não será a última vez que um homem vai ficar com a mão boba. E esse conhecimento faz minha pele arrepiar.

Rio é a razão pela qual estou nesta situação, para começar. Ou, pelo menos, um dos motivos. Ele desempenhou um papel enorme, e nunca vou esquecer. Mas tampouco vou apagar as pequenas gentilezas que me mostrou quando, em breve, estiver diante do cano da arma de Zade.

Não sei se poderia poupar sua vida, mas tentarei garantir que sua morte seja rápida.

Limpando a garganta, molho meus lábios secos.

— Você vai ajudar Phoebe e Bethany também?

Ele suspira.

— Eu *não posso* ajudá-las.

Rosno.

— Então, é isso? Você vai ficar parado e não fará nada enquanto duas garotas inocentes estão sendo estupradas e torturadas?

Ele não responde imediatamente, e parece que consegui atingir um nervo.

— É quem eu sou, querida. Um homem mau, muito mau, sem qualquer remorso.

Mentiroso. Se ele não sentisse remorso, não estaríamos neste banheiro agora, limpando uma ferida que não precisava.

— Por que você faz isso? — pergunto em um sussurro, assobiando quando o álcool atinge um ponto dolorido. — É pelo dinheiro?

Ele zomba.

— Não dou a mínima para o dinheiro. Não posso levá-lo comigo quando eu estiver morto, então que utilidade tem para mim?

— Então, por quê? — pressiono. Ele suspira, abrindo um novo pacote de gaze.

— Você não é a única que está sendo escravizada por pessoas poderosas — ele fala brevemente, seu tom sinalizando o fim da conversa. Mas não obedeço.

— Zade vai te matar, e você sabe disso. Então, se sabe que vai morrer de qualquer maneira, por que continuar?

Ele cola um pedaço de fita em mim com um pouco de indelicadeza, frustrado com a minha agulhada.

— *Puñeta*. Que tal você usar sua linda cabecinha e descobrir — ele estala, o sotaque se acentuando com a raiva. — Se alguém não está aqui por sua própria vontade, o que mais poderia fazê-lo ficar?

Minha expressão muda quando a compreensão surge.

— Eles estão usando alguém contra você. — Respiro. — Família?

— Minha irmãzinha — ele resmunga. — Enquanto eu for um bom menino, ela não será vendida.

Um nó se forma entre minhas sobrancelhas.

— Por que não apenas pegá-la e fugir?

— Porque eu *não posso* levá-la. Eles a pegaram e não posso chegar até ela, *compreende*? Você terminou de me interrogar, ou devo contar sobre como perdi minha virgindade também?

Fecho a boca. Ele me deu mais do que suficiente. Não é justo da minha parte continuar pressionando.

Rio termina, colocando gaze limpa sobre meus pontos.

— Estes estão prestes a sair — diz, dando um passo para trás para descartar o lixo e guardar o kit. Então, ele se curva e pega o espartilho, colocando-o em volta da minha cintura e rapidamente amarrando-o, deixando-o consideravelmente mais solto do que Francesca.

Assim que termina, solto meu vestido, ajeitando-o enquanto um silêncio constrangedor comprime o ar ao nosso redor.

— Obrigada — digo rapidamente, as palavras queimando minha língua ao sair.

Ele me olha.

— Não me agradeça ainda, *princesa*.

Ele abre a porta e sai do banheiro sem dizer mais nada, me deixando por conta própria. Meu coração bate mais rápido, não gostando de quão ameaçador isso soou. Então, sua justificativa para Xavier me acerta na lateral da cabeça.

Preciso trocar seus curativos antes do evento.

Que merda de evento? Já não estivemos em um? Este não é o *afterparty do* evento?

O pavor substitui o tutano em meus ossos e, ao sair do banheiro e voltar para a sala, percebo que o Abate foi apenas um evento preliminar. Alguns homens permanecem nos cantos da sala, bebendo e rindo, parecendo totalmente despreocupados com a vida. As garotas estão reunidas no centro, ombros erguidos e olhos baixos.

Com exceção de Sydney, é claro. Ela se veste com sua rebeldia, encontrando diretamente os olhares de todos os espectadores e mesmo sorrindo para eles.

Fico ao lado de Jillian, e mantenho minha voz o mais baixa possível ao questionar:

— O que está acontecendo?

Seus olhos piscam para mim, e noto como sua pele está cinzenta.

— A pior parte de toda a noite — sussurra de volta. A ansiedade se mistura com o pavor, fundindo-se em meu corpo até que eu não seja nada além de uma

bola de nervosismo. Era sobre isso que ela tentava me dizer para me preparar na floresta?

Assim que abro a boca para fazer mais perguntas, gritos altos chegam aos meus ouvidos. Meus dentes estalam e rangem, quando o som aumenta gradualmente. Meu coração bate intensamente, e minhas palmas estão suadas. São Phoebe e Bethany, e o que quer que esteja prestes a acontecer, é ruim.

Ruim pra caralho.

Fico nervosa e inquieta, confusa sobre o que está acontecendo, mas ainda desesperada para descobrir.

No entanto, seus gritos chegam a nós diretamente, quase dolorosos para os ouvidos. Dois homens as estão arrastando pelos cabelos, completamente nuas e ensanguentadas, quase irreconhecíveis. Uma vez que Ben está morto, quem está com Phoebe tem cabelos pretos grossos e barba, parecendo tão maligno quanto seus parceiros. E quem traz Bethany é um homem magro, mais velho, com lábios finos e óculos.

Mal consigo abafar um suspiro, incapaz de sentir qualquer coisa além de horror e pânico. Jillian e Gloria se mexem desconfortavelmente, ambas à beira das lágrimas. Sydney as observa com distanciamento frio, mesmo quando são jogadas aos nossos pés.

Phoebe e Bethany jazem ali, quase sem vida. O vômito sobe ainda mais pela minha garganta, vislumbrando as mutilações que sofreram. Tenho que desviar o olhar, fisicamente incapaz de aguentar. Membros e pele estão faltando. Pedaços de seus corpos foram cortados e completamente removidos. O sangue se acumula sob elas, a poça se alargando até começar a escorrer sob nossos pés.

— Elas são todas suas, meninas! — o homem de cabelos pretos anuncia com orgulho, arfando com o esforço e a euforia. Sangue pinta suas roupas e, enquanto os olhos de todos estão acesos de excitação, esses dois, em particular, parecem em êxtase. Muito provavelmente, por torturar duas garotas.

Suas calças ainda estão desabotoadas, camisas abertas e cabelos desgrenhados. O suor pinga da ponta do nariz do homem de cabelos pretos, enquanto o outro tem manchas em sua camisa branca.

Absorvo todos esses detalhes com os olhos arregalados, meu cérebro lento demais para processar o que está se passando.

Francesca entra um momento depois, olhando para as meninas com os lábios curvados. Então, mira seu olhar em nós, parecendo calma e serena. Ela viu tanto… fez tanto. Nada mais a perturba?

— Obrigada, cavalheiros, por trazê-las até aqui — diz Francesca, gentilmente.

Gloria quebra primeiro, virando-se e tapando a boca com a mão. Lágrimas escorrem de seus olhos enquanto se engasga sob a palma da mão. Um fogo acende nos olhos de Francesca, sua cabeça chicoteando em direção à garota tímida.

— Não se atreva a vomitar no meu chão, garotinha. Vou cortar sua língua fora — sussurra, a maquiagem craquelando com a tensão em seu rosto.

Gloria concorda com a cabeça, embora seu rosto esteja verde e ela ainda esteja à beira de perder o controle completamente. Tudo o que posso fazer é repetir para mim mesma para não vomitar e perder de vez a cabeça.

Francesca se aproxima, certificando-se de manter seus preciosos saltos longe do sangue. Ela nos encara com uma expressão ilegível.

— Vocês as levarão para fora e as libertarão de seu sofrimento.

Meus olhos se arregalam, e Sydney ri ao meu lado. É preciso esforço para não erguer minha mão e lhe dar um tapa na boca.

— O que você quer dizer? — A pergunta escapa antes que eu possa impedi-la, e sinto arrependimento instantâneo quando todos os olhos se voltam para mim.

— Significa — Francesca rosna, com os dentes cerrados —, que vocês vão acabar com a existência miserável delas. E então, vão cavar suas covas e esperar que não seja a próxima.

CAPÍTULO 18
O DIAMANTE



Meus pensamentos estão lentos, e demoro para processar suas palavras, mesmo quando Rocco e um de seus amigos atravessam a multidão de convidados e pegam as meninas em seus braços, antes de se dirigirem para a porta.

Minha boca está aberta, sem palavras e horrorizada ao observar as outras garotas lentamente começarem a segui-los.

Isso não é real.

Isso não pode ser real.

Mas, quando encontro os olhos castanho-dourados de Francesca, vazios e sem brilho, percebo que não há como escapar desse pesadelo.

— Vá — murmura ela. Piscando, meu corpo segue seu comando e se dirige para a porta. Mas não consigo sentir nada. É uma experiência extracorpórea, sou apenas capaz de me assistir passando por cada movimento. Meus pés me carregam pelos degraus da varanda e para os fundos da casa, onde a fogueira ainda arde, as chamas lambendo o ar gelado. Cintilações de luz alaranjada cruzam o céu noturno, nuvens de fumaça se enrolando no brilho alaranjado.

Convidados saem da casa atrás de mim, sua tagarelice excitada se erguendo acima do som dos grilos. O ar tem uma pulsação, vibrando com antecipação e alegria, mas está tudo errado.

Duas garotas morrerão esta noite, mas tudo o que cobre minha língua é o arrebatamento de suas gloriosas mortes.

Phoebe e Bethany são atiradas ao chão, seus gemidos aumentando com o impacto. A tensão pesa os músculos das minhas pernas, me detendo e tornando quase impossível me alinhar às outras três garotas em formação.

Estamos diante delas, várias emoções obstruindo o espaço entre nós. Resignação e entusiasmo, de Jillian e Sydney respectivamente; mas Gloria e eu nos entreolhamos, absolutamente petrificadas pelo que está por vir.

Francesca está do outro lado da fogueira, sombras profundas e de um

vermelho-vivo acentuando suas feições. Um demônio ressuscitado do Inferno.

— Essas garotas foram consideradas indignas no Abate — Francesca anuncia em voz alta. Os homens se aquietam, e imagino que seja a única vez que se sentiram inclinados a calar a boca e ouvir uma mulher falar.

— Durante séculos, continuamos essa tradição. Em nosso mundo, apenas os mais fortes podem sobreviver. Somente aqueles que podem suportar e perseverar, não importa o que joguemos em seu caminho. Essas garotas diante de vocês, *elas* são dignas de vocês. E vão provar seu valor, extinguindo aquelas que não foram boas o suficiente.

Os olhos escuros de Francesca se voltam para nós com expectativa, mas tudo o que posso fazer é observar.

Vejo Rocco avançar em nossa direção, grandes pedras nas mãos. Sydney pega a sua rapidamente, quase vibrando de prazer.

Ele me olha com expectativa, um olhar encantado em seu rosto. Relutantemente, pego uma pedra, surpresa com o quão pesada é.

Jillian e Gloria seguram as suas, mãos trêmulas curvando-se sobre a pedra dura. Uma lágrima escorre pelas bochechas de querubim de Gloria.

Notando isso, Rocco se inclina, a agarra pelas bochechas e lambe suas lágrimas; sua língua repugnante deslizando por todo o rosto dela. Ela grita em resposta, e Rocco ri sombriamente.

— Mostre-me mais uma lágrima, garotinha. Ficarei feliz em jogá-la ao lado delas.

— Não me faça fazer isso — ela implora baixinho, quase um sussurro. Seu corpo inteiro treme em suas palmas.

— Você prefere ser aquela que joga a pedra ou aquela sob a pedra? Escolha, agora.

Ela fecha os olhos e acena com a cabeça, aceitando seu destino silenciosamente.

Satisfeito, Rocco a empurra com força e se posiciona ao lado de Francesca, o peito estufado e as mãos cruzadas às costas. Como se ele fosse um soldado honrando a morte de seu companheiro.

Um buraco negro gira em meu peito, devorando qualquer coisa boa que resta dentro de mim. Olho para a dupla, o fogo em meus olhos mais feroz e brilhante do que o que está diante de mim.

Não consigo decidir qual estou mais ansiosa para matar. Ele, ou sua irmã.

Segue-se um silêncio coletivo, a energia densa e pesada. Nem mesmo um grilo canta, como se a vida selvagem também pudesse sentir a tensão.

Sydney entra em ação primeiro, erguendo o braço e acertando Phoebe em seu ombro com a pedra, diretamente sobre uma de suas feridas, uma gargalhada selvagem ecoando no ar.

Eu estremeço, meu horror crescendo enquanto ela balança ensandecida. Os gritos de Phoebe chegam aos meus ouvidos apenas alguns segundos depois e, finalmente, reajo por instinto. Empurro Sydney para o lado, ignorando seu resmungo indignado ao pousar no chão desajeitadamente, com a pedra em mãos.

Com o canto do olho, vejo Jillian e Gloria ajoelhadas, levantando as mãos e descendo a pedra sobre a cabeça de Bethany, tentando matá-la o mais rápido possível.

Adrenalina bombeia em minhas veias, e meu coração dispara. Eu rapidamente rolo Phoebe em sua lateral, distorcendo seus ferimentos extensos.

Sydney fica de joelhos e corre em direção a nós duas, com assassinato em seus olhos. Rosnando, atiro minha pedra diretamente em sua cabeça, ignorando o suspiro agudo de Francesca quando a pedra a atinge, nocauteando a cadela louca.

Voltando minha atenção para Phoebe, eu a tomo cuidadosamente em meus braços, embalando sua cabeça na junção do meu ombro e me curvando sobre ela.

— Eu não vou deixar você sofrer — sussurro em seu ouvido, desesperada e apressadamente. Uma lágrima quente se liberta, queimando um caminho pela minha bochecha. — Você me salvou, Phoebe. Você foi tão forte e corajosa, e será sempre minha heroína. Está me ouvindo?

— Eu… eu estou escutando — ela se engasga, soluços torturados saindo de seu peito. Inalando profundamente, eu me atiro para um galho na fogueira, mal sentindo as chamas lambendo minha carne.

Rocco corre em minha direção, mas é tarde demais, já estou empurrando a ponta afiada do galho profundamente em sua jugular. Phoebe convulsiona sob mim, sangue escorrendo de seu pescoço em riachos. Eu a seguro com força, mas não posso dizer o mesmo da minha alma despedaçada.

Um soluço explode da minha garganta, e pressiono minha testa contra a dela, mal sentindo o sangue encharcar a pele.

Lágrimas de tristeza e raiva percorrem minhas bochechas, e tudo que posso fazer é apenas apertá-la com mais força, balançando-nos para frente e para trás enquanto ela morre em meus braços.

— Durma, Phoebe — sussurro para ela, minha voz falhando. — Pode dormir agora.

Quase tão rápido quanto começou, ela congela. Mas não posso deixá-la ir. Choro sobre seu corpo sem vida, debatendo com o alívio por ela não estar mais

sofrendo, e o desespero por ter tido que morrer.

A filha de alguém morreu hoje.

E tudo o que posso esperar é que quem a amou me perdoe por ser quem a tirou deles.



Dois meses depois

Eu giro o tubo de batom vermelho até que esteja completamente exposto. Cuidadosamente, aplico no arco do lábio superior, tomando muito cuidado para ficar dentro das linhas.

Então, eu me movo para o meu lábio inferior antes de esfregá-los.

Encaro o meu reflexo, mal reconhecendo a pessoa me olhando. Círculos pretos cercam a parte inferior dos meus olhos, e eu me lembro de colocar corretivo extra ali, antes de me encontrar com Xavier esta noite. Ele só gosta de ver como estou exausta *depois* de me foder.

Ainda não fui colocada em leilão. Francesca diz que estou quase pronta e que, quando chegar a hora, Xavier garantirá que ele faça o lance mais alto.

É extraoficialmente oficial que será meu mestre. Por isso, Francesca permitiu que ele me visitasse uma vez por semana no mês passado.

Esta noite será a quarta que passamos juntos. Em seguida, vou me enrolar em uma bola enquanto Rio me limpa. Xavier gosta de tirar sangue e, agora que estou essencialmente reivindicada, ele tem permissão para me marcar. Dentro do razoável, diz Francesca, mas honestamente, o que há de razoável nisso tudo?

Eu seguro o batom e me pergunto se é a cor do meu sangue que excita Xavier ou a sensação de sua faca rompendo a frágil barreira de pele.

Deixo minha mão cair e encontro meus olhos caramelo no espelho.

Quando foi a última vez que sorri de verdade? Na última noite em que estive com Zade, eu acho. Há quanto tempo foi isso? Acredito que seja janeiro agora, e a última vez que o vi não foi muito depois do Satan's Affair. Perdi minhas primeiras datas comemorativas com ele. Ação de Graças e Natal e, talvez, seu aniversário, embora nem saiba quando é. Meu beijo de Ano Novo foi o pau de Xavier na minha garganta e, se eu não tinha vontade de me matar antes, agora tenho.

O que Zade disse para me fazer sorrir? Ele havia dito algo ridículo, mas não

consigo mais lembrar o que era. Eu me lembro dele rindo enquanto eu procurava por uma resposta. E me lembro dos meus lábios traidores se curvando, por mais que tentasse não rir.

Gostaria de nunca ter suprimido meus sorrisos com ele. Porque, agora, não sei se sou capaz de sorrir novamente.

Os músculos do meu rosto se contraem quando forço os cantos da minha boca para cima, esticando-a amplamente e expondo todos os meus dentes. Não importa o quanto eu tente, não alcança meus olhos mortos. É antinatural. Desajeitado.

Aterrador.

Suavizo meu rosto, contemplando como posso sorrir novamente.

— Duh, Addie — sussurro. — Você sabe como.

Ergo o batom e coloco no canto do meu lábio, passando-o pela minha bochecha, curvando-o em direção aos olhos. Em seguida, do outro lado, até que um grande sorriso vermelho esteja pintado em meu rosto.

O Coringa teve uma boa ideia, decido.

Sentindo-me um pouco melhor, tampo o tubo e o deixo rolar pelo chão. Passos pesados percorrem o corredor em direção ao meu quarto.

Meu coração acelera, e me pergunto se Francesca vai me deixar manter meu sorriso. Apenas por uma noite.

Mas, no segundo em que ela chega por trás de mim e vê o que fiz, seus olhos se arregalam. Sua mão voa para cima e bate na lateral da minha cabeça, me fazendo cair.

— O que há de errado com você? — ela sibila.

Tiro os fios de cabelo do meu rosto, observando sua expressão indignada.

— Sinto muito, Francesca — digo baixinho. — Eu só queria sorrir.

Ela bufa.

— Você precisa aguentar. Eu não preciso de outra porra de Sydney nas minhas mãos. Você está a poucas *semanas* de ser vendida, diamante. Não se atreva a estragar isso para mim.

Franzo a testa e aceno com a cabeça, me desculpando novamente. Parece engraçado com o meu rosto pintado ao contrário.

— Limpe essa merda e prepare-se. Xavier estará aqui em dez minutos.

Triste. Sem sorrisos para mim esta noite.



Uma respiração profunda e trêmula percorre meu rosto, sua excitação crescendo à medida que a mordida afiada de metal cava em minha barriga. Ele ainda não rompeu a pele, embora meus receptores de dor estejam gritando comigo como ele.

— Eu quero ver você coberta de vermelho, diamante — sussurra Xavier acima de mim, seu comprimento duro posicionado na minha entrada.

Estou coberta de vermelho. Ele fez tantos cortes ao redor do meu corpo que deixei os lençóis brancos escarlates.

Nunca é o suficiente para ele.

Um gemido sai dos meus lábios quando o sinto empurrar para dentro de mim, e meu reflexo de vômito ameaça soltar bile sobre ele. Não há nada no meu estômago. Francesca não me permite comer muito nos dias em que ele me visita. Ela diz que não quer que eu fique inchada.

— Você gosta de me sentir, não é, querida?

Fecho os olhos e concordo com a cabeça, embora seja o mais distante possível da verdade.

Ele invade meu corpo como um parasita faria, um inquilino indesejado que suga minha força vital para alimentar a sua.

A ponta afiada de sua faca finalmente rompe a pele, e sua lâmina desliza pelo meu abdômen, produzindo um ganido agudo. O sangue borbulha da ferida, e ele move os quadris mais rápido em resposta.

— Porra, isso é tão bonito — ele geme, sem fôlego.

Uma lágrima escorre pelo meu olho, e rezo para que esteja distraído demais para notar. Ele só me corta mais fundo quando eu choro.

Quer que eu me contorça sob o metal penetrante e goze com a dor enquanto ele o faz. Ele quer que eu goste, e quando vê que não, isso o deixa com raiva. Diz que eu só preciso me acostumar – só preciso me *ajustar.* Mas não sei como alguém pode se acostumar a ser cortada como um porco.

Outro grito sai dos meus lábios quando ele encontra um novo local e começa a aplicar pressão – lentamente –, como se estivesse me dando tempo para me acostumar.

Prefiro que acabe logo, mas acho que ele sabe disso.

Ele empurra mais forte, fazendo com que sua faca escorregue e me corte profundamente. Fechando meus olhos, inalo bruscamente. Xavier estremece enquanto minha alma racha.

Não acho que Xavier planeje me manter por muito tempo. Como ele poderia, quando eu eventualmente vou sangrar até a morte?

— Assim que eu te levar para casa comigo — ele ofega —, eu vou beber essa porra de sangue. Apreciá-lo a qualquer hora do dia.

Meu estômago se revolta e quase engasgo novamente. A imagem que ele pinta na minha mente é vil e perturbadora. Ele poderia muito bem se declarar um canibal ou um aspirante a vampiro.

Notando a aversão retorcida em minhas feições, ele rosna e move sua lâmina para minha garganta.

— Essa veia aqui? Um pequeno corte, e eu poderia beber de você até que não seja nada mais do que um cadáver murcho. Você quer isso?

Sim. Deus, por favor, deixe-me morrer. Aqui e agora, e eu ficarei feliz pra caralho.

— Não — sufoco, minha voz baixa com a dor. Não ousaria dizer a ele para fazê-lo porque então, não faria. Xavier nunca iria tão longe a ponto de me dar o que realmente quero. Especialmente porque sabe que não é *ele*.

— Então, me diga que você me quer — ele exige, como se ouvisse meus pensamentos.

— Eu quero você — imediatamente ecoo, embora soe oco. Ele quer reivindicar um lugar no meu coração, mas esse lugar é um vazio que nunca será capaz de preencher.

Ele rosna, ouvindo o vazio na minha voz, e se enterra dentro de mim. Contudo, se ele pensa que chega ao fundo, eu odiaria que ele visse o tamanho de Zade.

A única razão pela qual seu pau me causa dor é simplesmente porque está ligado a ele.

Com esforço para engolir, chupo meu lábio trêmulo entre os dentes. A malícia brota em seus olhos azuis, e é como vê-lo vestir um casaco preto sobre eles, a cor brilhante envolta na escuridão.

Sua mão percorre os planos do meu abdômen, parando para cavar o polegar em uma ferida e arrancar um grito da minha garganta, antes de continuar descendo. Ele gira os dedos sobre a minha carne de uma forma provocante, um sorriso maligno curvando seus lábios.

Há uma pequena esponja na minha traqueia, acumulando ódio como água e inchando até minha garganta ficar hermeticamente fechada.

Ligeiramente, ele passa pelo meu centro, seus olhos brilhando quando seus dedos encontram aquele ponto que tem meus músculos tensos.

— Oh, Deus — respiro, mais lágrimas queimando a parte de trás dos meus olhos. Odeio aquele lugar, mais uma coisa que ele sabe.

Seus olhos brilham, excitação irradiando dele.

— Diga-me novamente — ele ordena, sua voz mergulhada em pecado. Fecho os olhos, imaginando um rosto cheio de cicatrizes com olhos diabólicos e de duas cores, sorrindo para mim por debaixo do capuz.

Trabalhando para engolir, digo:

— Eu quero você.

É preciso esforço para não rachar quando o ouço gemer. Está tudo errado. Ele soa errado, ele se sente errado, ele está apenas… *errado pra caralho*. Ele sorri quando ouve e esfrega mais forte.

— Diga meu nome, diamante — ele exige.

Aperto minha mandíbula em resposta.

Eu nunca vou dizer. Nunca.

Ele está tentando desde que começou a visitar, e todo esforço foi desperdiçado.

Quando mantenho a boca firmemente fechada, ele começa a empurrar novamente enquanto continua a me estimular. Meu corpo fica tenso, uma sensação de traição se reunindo na boca do meu estômago. Ainda assim, mantenho-me em silêncio, recusando-me a abrir mão de mais do que já abri.

Xavier pensa que não lhe dei nada, mas isso não é verdade. Eu lhe dei tudo, ele simplesmente não vê valor no que tirou de mim.

A pele macia e imaculada que ele mutila.

Os fragmentos da minha sanidade que lascam a cada roçar de sua pele, e cada presságio sussurrado do dia em que serei sua.

Minha capacidade de tocar e ser tocada sem querer abrir minha garganta.

Minha dignidade, autoestima e o conforto em meu próprio corpo.

Meu maldito valor.

Tudo em vão.

Porque o que ele realmente quer é cada pedaço quebrado da minha alma, e que eu aprecie cada pedaço quebrado seu.

Mas minha alma já está comprometida, reivindicada por um homem perverso, com toda a intenção de mantê-la para si mesmo. E suponho que tenha me dado a dele em troca.

Só não tenho certeza do que diabos fazer com isso agora.

— Você dirá isso um dia, diamante. Você tem o resto de sua vida comigo — promete ele.

Minhas pernas apertam em torno de seus quadris enquanto ele me fode com mais força, curvando-se para arrastar a língua pelo meu mamilo. Cerro os dentes,

a bile subindo na minha garganta.

— Isso é meu — geme ele. — Tudo isso é meu.

Seus dentes se fecham sobre o bico abusado, mordendo até minha visão escurecer de agonia e um grito deixar minha garganta. Mesmo assim, ele não cede. Não até que o sangue vaze pelos espaços entre seus dentes, e eu prefira implorar pela faca.

Que tragédia.

Finalmente, ele me solta, uma mancha carmesim em seu lábio inferior. Seus olhos estão dilatados enquanto ele bombeia seus quadris mais rápido, suas ministrações no meu clitóris acelerando.

Gradualmente, isso me puxa para longe do fogo que atravessa o pico do meu peito. Eu inalo bruscamente, uma respiração ritmada e cheia de tristeza.

O orgasmo devasta meu corpo, e oh, olhe… *lá vai*. Outro pedaço da minha sanidade.



— Estou ficando realmente cansado de olhar para a porra do Neosporin — Rio diz às minhas costas.

Xavier acabou de sair. Ele foi particularmente brutal, cortando as cicatrizes curadas nas minhas costas, nos meus seios e abdômen. Ele vai um pouco mais longe a cada vez.

Disseram que o Abate é projetado para selecionar as que têm resistência, que podem sobreviver a qualquer coisa. Mas não tenho certeza se sobreviverei a mais uma noite com ele.

— Desculpe — murmuro, exausta demais para responder. Meus olhos estão presos nas dezenas de marcas de registro esculpidas na mesa de cabeceira, o que só me deprime mais.

— Você está desistindo, *princesa.* — Suspira ele, deixando cair o kit de primeiros socorros na cama. Ele começou a me chamar assim depois do Abate, agora soando mais como um carinho do que um insulto.

Francesca nunca o dispensou de cuidar de mim, e nenhum de nós se preocupou em parar. Isso nunca será dito em voz alta, mas acho que encontramos consolo um no outro.

— Por que você se importa? — resmungo, treinando meus olhos na parede. Ele pega algumas toalhas de papel e acaricia levemente as feridas nas minhas costas, absorvendo o sangue. Apenas começaram a sarar desde a última vez.

Acontece que Francesca não precisava se preocupar com minhas cicatrizes do acidente de carro. Tive a sorte de encontrar alguém que gosta de vê-las, e de adicionar mais algumas.

Ainda estou completamente nua, mas me acostumei a ficar nua na frente dos homens, considerando que isso acontece o tempo todo agora. Tudo porque eu moro com uma vadia psicopata.

Sydney estava particularmente chateada por eu tê-la nocauteado na noite do Abate, então, em retaliação, tentou cortar meu cabelo com uma tesoura. Felizmente, Jillian interveio, e ela só ganhou uma punição.

Desde então, ela tornou sua missão pessoal me incriminar pelas merdas mais estúpidas que inventa: desenhar nas paredes como uma criança, quebrar pratos, derrubar comida e arruinar roupas no salão de beleza.

Na maioria das vezes, acho que Francesca sabe que não fui eu, mas se cansou das brigas incessantes e agora, desconta em nós duas. Sydney está feliz em aceitar seu destino, desde que eu esteja sofrendo também.

Aceitei as punições que, porém, sempre resultam em uma noite com Rocco e seus amigos. Tentei me defender no começo, mas nunca fez diferença.

— Para sua sorte, essas precisam se curar, então sem mais noites com ele até que tenha oficialmente pago por você.

Olho para ele, surpresa. Francesca não me contou, mas estou aliviada de qualquer maneira. Às vezes, ele me dá informações que não deveria. Nunca questionei porque tenho muito medo de que ele pare, se eu perguntar. Depois que me contou sobre sua irmã, caímos em uma camaradagem fácil. Nós dois acorrentados aos nossos problemas e aceitando que um não pode ajudar o outro a sair do confinamento de metal enrolado em nossos pulsos.

Dou de ombros.

— Não faz diferença. Os outros ainda vão se divertir. Não quer dar uma chance para mim? — pergunto secamente.

Normalmente, eu ficaria horrorizada ao dizer isso a alguém, mas não sinto nada.

Rio gargalha.

— Não tenho interesse em você.

— Não? Em nenhuma das outras, também?

Lembro-me de Sydney tentando me irritar, alegando que Rio estava entrando sorrateiramente em seu quarto à noite. Não me importava na época, e não me importaria agora. Independentemente disso, tenho quase certeza de que ela estava mentindo.

Rio teve todas as oportunidades de foder comigo ou com uma das outras garotas. No entanto, eu nunca o vi colocar um dedo em alguém quando não fosse necessário. No começo, ele me deixou desconfortável deliberadamente, mas não faz isso desde que me sequestrou. Agora, age como se, na companhia de outras pessoas, eu não existisse.

Um dia, perguntei por que – por que a crueldade inicial e o silêncio em torno das pessoas e, depois ser tão diferente quando estamos sozinhos? Ele me encarou fixamente nos olhos e disse: — *Os homens nesta casa procuram fraquezas. Eu nunca quero ser a sua.*

Ele pressiona particularmente forte em um corte, tirando um silvo entre meus dentes.

— Não. Agora, cale a boca, ou vou deixar suas feridas apodrecerem.

Eu bufo, mas o deixo em paz. Suas ameaças são vazias agora, e nós dois sabemos que não tenho mais medo dele. E acho que ambos sabemos que ele também não quer que eu tenha.

— Francesca disse semanas até eu ser dele. Quantas? — pergunto, minha voz ainda rouca do meu período com o homem em questão.

— Três.

Fecho os olhos e aceno com a cabeça, cerrando os dentes quando ele limpa outro ponto dolorido.

— Novas garotas estão chegando na próxima semana — Rio continua.

— Quantas? — sussurro.

— Três. Muito espaço, agora que são só você e a *loca*.

Meu coração dói com o lembrete. Gloria e Jillian foram enviadas para o leilão há uma semana, deixando Sydney e eu sozinhas uma com a outra. Depois da noite em que fomos forçadas a acabar com a vida de Phoebe e Bethany, nosso treinamento ficou mais intenso.

Só porque fomos consideradas dignas, não significava que ainda não haveria oportunidade de falharmos. Francesca nos colocou em aulas de etiqueta extenuantes. Como nos dirigir aos nossos mestres, como falar, comer e servi-los sexualmente.

As aulas são projetadas especificamente para quebrar nossas mentes. Éramos chicoteadas, estupradas e deixadas sem comida se cometíamos erros. E, assim como na noite do Abate, fomos forçadas a punir umas às outras. Quando as duas garotas foram leiloadas, mal podíamos nos suportar.

Mesmo depois de Jillian e Gloria serem vendidas com sucesso, as lições cansativas não cessaram. As contusões desapareceram e os pontos foram

removidos, deixando duas grandes linhas brancas em minhas costas, mas Francesca não permitiu que eu e Sydney fôssemos leiloadas. E, ainda assim, não faço ideia do porquê.

Embora eu tenha sido reivindicada, Francesca ainda é obrigada a seguir o protocolo. Terei que ficar em um palco, e outros terão a chance de dar lances em mim. Apenas está garantido que Xavier vai ganhar.

É um dos homens mais ricos do mundo, segundo ele. Nem tenho certeza do que faz para viver, ou se é mesmo um cidadão do país, mas suponho que não importe.

Apesar do que o Rio pensa, nunca vou desistir. Não tenho planos de curtir o pôr do sol com Xavier, mas planejo deixá-lo me tirar daqui.

Fizeram de sua missão de me manter exausta, complacente e ignorante. Não saio dessas paredes desde o Abate. Não senti o sol aquecendo minhas bochechas ou a neve na minha língua. Estão com medo de Zade e do que ele pode fazer, então, a aposta mais segura é me manter escondida, para nunca ver a luz do dia.

Três semanas. É quando Xavier não terá escolha, a não ser me tirar desta casa e arriscar que Zade me encontre. E é aí que farei tudo o que estiver ao meu alcance para garantir que ele o faça.

Rio termina de enfaixar minhas costas antes de me virar e passar para a ferida no meu abdômen em seguida, mantendo os olhos fixos em sua tarefa. Nem mesmo uma espiada em um mamilo.

— Tente não sentir minha falta quando eu me for — murmuro, olhando para o teto, mas sem enxergá-lo.

Eu o sinto olhar para mim, antes de se concentrar em uma ferida particularmente profunda. Vai precisar de um curativo borboleta para isso.

— Vou rezar para que sua vida seja curta — ele responde finalmente. Eu sorrio, o primeiro de verdade em meses. Acontece que eu não precisava daquele batom vermelho, afinal.

Foi doce da parte dele dizer isso.

Os passos de Francesca soam pelo corredor, mas Rio e eu não nos incomodamos em nos mover, considerando que ele ainda tem algumas feridas para limpar.

Encontro seu olhar quando ela rompe a porta. Por um breve momento, ela repara no meu corpo, uma emoção ilegível em seus olhos.

Estou bonita, Francesca?

— Termine de limpá-la rapidamente, Rio. — Ele para e ergue o queixo sobre o ombro para vê-la, seu rosto em uma expressão severa. — Claire está aqui, e

quer falar com ela.

Janeiro 2022

Quando as pessoas pensam em Ano Novo, imaginam quem vão beijar quando o relógio badalar à meia-noite. No meu caso, passei a virada com os lábios de um estranho por todo o meu corpo, seu pau em lugares em que não tem o direito de estar.

Houve um momento em que senti alívio quando Francesca disse que Xavier viria visitar essa semana. Agora, depois da segunda vez em que veio me ver, não consigo imaginar o porquê. Ele é mais cruel que Rocco e seus amigos.

Eles apenas querem se aliviar, mas Xavier prolonga a minha dor até que eu esteja uma bagunça e soluçando. Odeio que ele me faça chorar. Isso me faz sentir fraca e impotente.

E pior: isso o deixa com raiva. Ele quer que eu goste do que faz comigo.

E enquanto ele afunda a faca na minha pele, me observando atentamente, antecipando o momento em que corta a carne, imagino todas as maneiras como eu poderia fazê-lo sangrar.

Essa não é a pior coisa que ele me fez. Não.

Ele não consegue ser um estuprador normal e se preocupar apenas com seu prazer. Merda, é assim que a maioria da população masculina é.

Ao invés disso, ele colocou como objetivo me fazer gozar também.

Teve sucesso. E isso me fez querer morrer.

CAPÍTULO 19
O CAÇADOR



Uma semana atrás

Rubis e esmeraldas tamborilam do corpo da mulher, presos em suas curvas com finas correntes de metal. Exceto pelas joias, está completamente nua, disponível ao olhar humilhante dos machos.

— Lance inicial, duzentos mil dólares — a voz da mulher anuncia pelo alto-falante embutido na minha cadeira de couro. Sua voz soa tão oca quanto a mulher girando no palco parece.

Esses leilões são luxuosos. A área de lance é um enorme cata-vento composto por quinze cubículos de vidro em torno de um pequeno palco no centro, proporcionando privacidade a cada licitante, enquanto competem por mulheres roubadas. O vidro é fortemente escurecido, permitindo que os licitantes vejam o palco claramente, e ainda nos mantém escondidos de quem olha. Jay e eu descobrimos que a tonalidade deles é ajustável e pode permitir que cada licitante tenha uma visão clara um do outro.

Pretendo utilizar esse recurso mais tarde.

Inalando meu cigarro, a fumaça se desenrola no espaço confinado quando aperto o botão, dando meu lance.

— Duzentos e cinquenta mil dólares — a mulher murmura logo após eu pressioná-lo.

Outra pessoa dá um lance e, antes que a oradora possa terminar, clico novamente, levando-a a anunciar o lance de trezentos mil dólares.

Ela será a quinta garota que compro esta noite. Também é a quinta garota a ser leiloada. Cada uma das garotas… elas vão embora comigo.

O pagamento é transferido da minha conta a cada venda confirmada, mas todos estarão mortos até o final da noite, e Jay o terá transferido de volta para mim. Não que eu esteja em dificuldades por isso, mas meu dinheiro nunca vai

encher os bolsos da Society.

Meu dedo pressiona o botão mais três vezes antes de confirmar a venda. Inalo novamente, um zumbido baixo vibrando sob minha pele enquanto outra garota é empurrada para o palco. Ela tropeça, mas consegue se segurar nos saltos de doze centímetros antes de cair de cara.

É uma garota tímida, com grandes olhos de corça e óculos que cobrem metade do rosto. Os outros vão competir por ela simplesmente porque parece jovem e infantil. Assim como as últimas cinco, está envolta em joias finas que custam mais do que esses homens estão dispostos a pagar pelo corpo abaixo de si.

Clique.

— Lance, cinquenta mil dólares.

— Mais três garotas depois dessa — Jay me diz, sua voz suave no meu ouvido.

Eu não falo. As salas estão grampeadas, e quero que suas mortes sejam uma surpresa.

Clique.

— Eu não acho que Addie está aqui, cara.

Eu já sabia disso, mas Jay – doce Jay – estava esperando o melhor. Não estou aqui porque pensei que Addie estaria neste palco, onde poderia comprá-la e afastá-la de todo esse mal.

Ela nunca vai ser leiloada. Claire nunca arriscaria – não comigo assistindo. Ela está muito ciente de que tenho meios para rastrear vítimas dentro do tráfico humano, o que anula o propósito de vender Addie para um comércio que eu conheço muito bem, apenas para resgatá-la de qualquer maneira.

Ela vai ser tratada de forma diferente, disso eu tenho certeza.

Já faz mais de dois meses desde que Addie se foi. A cada dia que passa, os círculos pretos sob meus olhos se aprofundam e mais irritado fico.

Eu perdi minha cabeça. Minha paciência. Minha força. Tudo. A única coisa que manipula meu corpo é pura vontade e desespero.

Onde quer que ela esteja presa, está fora da rede, e ela não foi movida, provavelmente porque sabem que eu a encontraria se fosse. Quando as meninas estão paradas em um local não revelado, é quase impossível encontrá-las no comércio de peles. Se não estão sendo negociadas pelos canais apropriados, onde são transportadas ou vendidas, não há nada para rastrear. Ela nem foi levada para a cidade. Nenhuma câmera em todo este maldito planeta viu o rosto de Addie desde que ela deixou aquele hospital.

Nem viram Rio ou Rick — duas das três pessoas que poderiam me levar até

ela. Presumo que seus sequestradores estejam onde quer que Addie esteja, mas Claire… ela sabe como se mover sob o radar. Nas poucas vezes em que consegui localizá-la, um exército a cercava e a infiltração exige planejamento, o que é impossível de fazer ao desaparecer novamente. Ela é um arenque vermelho, movendo-se de uma maneira projetada para me distrair. Tenho toda a intenção de matar Claire, mas usá-la para chegar até Addie só provou desperdiçar meu tempo e recursos.

E isso… isso simplesmente não vai funcionar.

É por isso que estou aqui esta noite, com a intenção de destruir mais uma faceta do governo das sombras. Mais importante, espero que uma dessas garotas tenha visto Addie. Jay identificou cada uma das mulheres sendo leiloadas esta noite, e várias delas são nativas do Oregon. O que significa que, se Addie ainda estiver no Estado, uma delas pode ter vindo da mesma casa que ela.

Clique.

— Lance de quatrocentos e cinquenta mil dólares.

Vendida.

Compro as próximas três garotas também e, embora eu não consiga ouvir ou ver a indignação de outros licitantes, posso discerni-la pelas guerras de lances cada vez mais competitivos à medida que cada garota é vendida. Eventualmente, todos eles se dobram, com a provável intenção de comprar uma garota de outro leilão.

Momentos após a última garota descer do palco, há uma batida suave na porta.

— Jay, tranque todas as portas do prédio e bloqueie as saídas. Ninguém sai, exceto eu — digo a ele rapidamente antes de gritar mais alto:

— Entre.

— Entendi — Jay responde, assim que Lee Morrison entra na sala. Embora não seja o dono desta casa de leilões, mantém esta máquina bem lubrificada funcionando. Seu trabalho é acompanhar os licitantes até seus quartos, certificar-se de que suas acomodações sejam satisfatórias e supervisionar as mulheres que entram e saem, garantindo que o leilão ocorra tranquilamente e sem problemas.

— Feche a porta, por favor — instruo, mantendo minhas costas para ele. Segundos depois, eu o ouço fechar.

— Senhor, para onde você gostaria que transportássemos seus ganhos? — Lee pergunta, sua voz respeitosa, mas tímida. Ele está desconfortável.

Bom.

— Meus ganhos — repito. — Você sabe que elas são seres humanos, correto? Assim como você é?

Lee limpa a garganta.

— Peço desculpas, senhor. Para onde você gostaria que transportássemos suas garotas?

— Há uma limusine estacionada na entrada dos fundos. Certifique-se de que nenhuma delas seja ferida daqui em diante.

— Sim, senhor — diz ele.

— Diga a eles agora — exijo baixinho. — No seu rádio. Diga isso a eles agora.

Ele gagueja, pego de surpresa pelo meu pedido estranho, mas, no final das contas, faz o que eu digo. Envia um rádio para que meus *ganhos* sejam transportados para a limusine ilesas e, assim que recebe a confirmação, limpa a garganta novamente.

— Isso é tudo, senhor?

— Nesse sentido, sim.

Supondo que eu terminei, ouço seus pés girarem no fino tapete preto e sua mão balançar a maçaneta quando ele a segura.

— Antes de você ir — afirmo, parando-o em seu caminho. — Você já comprou alguma garota para você?

Lee gagueja.

— Bem, aqui não, não.

— Mas em outro lugar?

Depois de um segundo, ele diz:

— Sim, claro.

Eu cantarolo evasivamente, embora sua resposta tenha meu corpo apertado de raiva.

— Senhor, posso perguntar por que… — Sua pergunta é interrompida quando eu me levanto e me viro para encará-lo. Não tenho certeza se são minhas cicatrizes, ou o olhar de raiva fria e assassina em meus olhos, mas algo em meu rosto faz suas palavras desaparecerem e seus olhos se arregalarem.

Cegamente, sua mão se estende atrás de si, procurando desesperadamente pela maçaneta da porta ao me aproximar.

Tão rápido quanto um chicote, minhas mãos o agarram pela garganta, cortando seu grito. Eu o levanto ao meu nível de altura enquanto ele chuta e arranha para soltá-lo, e encaro seus olhos dilatados.

Tudo o que vejo é meu próprio reflexo monstruoso.

Eu lhe disse que aquelas garotas eram seres humanos, mas nunca disse que eu era.

Puxando meu lábio superior sobre meus dentes, rosno para ele.

— Quantas mulheres você jogou naquele palco, apenas para serem transportadas para uma vida de miséria e sofrimento? Quantas você tomou para si, a quem fez coisas indescritíveis?

Seu rosto fica roxo e sua boca abre e fecha como um peixe, mas nenhum som escapa de sua garganta. Só aperto mais forte, apreciando a forma como suas veias saltam de sua testa. Eu me pergunto se posso fazê-las explodir.

— Vamos, Lee, eu sei que você tem esposa e filhos. Como você os encara todas as noites, sabendo que condenou pessoas, assim como elas, a um destino doentio?

Pouco antes de ele ficar inconsciente, eu o solto. Ele suga uma grande respiração enquanto eu o forço a sentar na cadeira que ocupei nas últimas duas horas. Comprando mulheres que ele orgulhosamente apresentou a mim e a outros catorze homens.

Dou um soco em seu rosto, quase nocauteando-o. Isso me dá tempo suficiente para pegar a bolsa preta que trouxe comigo, cheia de corda e fita adesiva. Claro, os dois seguranças, Beavis e Butt-Head, verificaram minha bolsa antes de me permitir entrar no prédio, mas eles apenas sorriram, supondo que os itens fossem para as garotas que eu planejava comprar.

Sorri de volta porque são idiotas, e porque vão morrer.

Rapidamente, desenterro o rolo de fita adesiva e amarro suas mãos e pés. Ele implora incansavelmente e, quando isso falha, ele cai e se contorce como uma minhoca em um anzol, mas não consigo imaginar o que acha que vai conseguir.

Em seguida, pesco minha lata de fluido de isqueiro e esguicho um pouco por todo o seu corpo. Seus olhos se arregalam, e ele luta com mais força, tentando romper a fita como se fosse o Incrível Hulk.

— Jay? Deixe-os entrar — ordeno.

— Estou nisso.

Deixando Lee para lutar um pouco, saio para encontrar vários dos meus homens entrando no prédio, se envolvendo em um tiroteio e derrubando a segurança em questão de minutos. Ninguém vai sair vivo deste leilão.

Enquanto eles cuidam dos funcionários e guardas, entro meticulosamente em cada cubículo. Jay destranca cada porta para mim, uma de cada vez, e eu entro, incapacito o estuprador sujo lá dentro, então os amarro como Lee.

No momento em que faço meu caminho por todos os quinze cubículos, um brilho de suor está cobrindo minha pele. A maioria deles era de velhos, mas havia alguns mais jovens que resistiram. Uma luta muito patética, mas uma luta

mesmo assim.

Estalando meu pescoço, libero um pouco da tensão em meus ombros.

— Todas as meninas em segurança na limusine?

— Sim, e todo mundo está morto — relata Jay.

— Faça com que Michael coloque a câmera no palco — ordeno, enquanto deslizo um cigarro e o acendo.

Ainda estou no décimo quinto cubículo, que fica, claro, do outro lado de Lee. O homem amarrado na cadeira de couro se contorce, implorando para que eu o solte. Faz-me pensar quantas crianças ou mulheres lhe pediram o mesmo.

Michael passeia pelo palco com um tripé e uma câmera na mão. Enquanto ele configura, pergunto a Jay:

— Você descobriu como tornar o vidro transparente?

— Obviamente — ele zomba.

— Vamos ver isso então, gênio.

Segundos depois, as paredes de vidro clareiam gradualmente até que todos os quinze cubículos estejam transparentes e eu esteja cercado por homens amarrados em cadeiras de couro, lutando como o inferno para se libertar e falhando.

Jay assobia.

— Droga, cara.

Parece que, de uma só vez, todos os quinze homens congelam, confusos e petrificados ao verem outros quatorze na mesma situação que eles. Até Michael faz uma pausa no palco, observando a cena ao seu redor com um sorriso no rosto. Eventualmente, vejo todas as suas cabeças se virarem para mim.

— Está vendo isso? — pergunto ao homem ao meu lado. — Quão legal é poder mostrar o destino deles.

— *Ave Maria, cheia de graça. O Senhor é convosco…*

Eu arqueio uma sobrancelha e espero pacientemente enquanto ele ora por uma salvação que nunca receberá.

— *Bendita sois Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do Vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.*

— Você acha que será salvo? — pergunto.

— Sim — diz ele com convicção.

Sorrio.

— Mais nove Ave Marias. Eu quero ouvir você dizê-las mesmo enquanto queima.

Ele começa a balançar a cabeça vigorosamente, reiniciando suas orações enquanto as lágrimas escorrem por suas bochechas.

— *Ave Maria, cheia de graça. O Senhor é convosco…*

Eu inalo uma última vez, então jogo meu cigarro aceso no homem que reza. Assim como os outros, ele está coberto de fluido de isqueiro e instantaneamente explode em chamas.

Sua oração ecoa em gritos, e me desaponta que ele não tenha conseguido nem mesmo rezar uma segunda Ave Maria antes de sucumbir à agonia.

É um homem temente a Deus, mas estou certo de que o diabo cuidará bem dele.

Deixando o merda doente para queimar, traço meu caminho para a porta próxima a Lee.

— Sentiu minha falta? — pergunto, pegando minha caixa de fósforos e acendendo um.

— Por favor, por favor, eu faço qualquer coisa! *Por favor*, não faça isso!

— Qualquer coisa?

— Sim! O que você quiser!

Eu me inclino sobre minha cintura e o prendo com um olhar diabólico.

— Você sabe o que eu quero, Lee? Eu quero que você sinta a mesma dor que sinto todos os dias. Quero que você sofra. Pode fazer isso por mim?

Ele protesta em voz alta, mas não é páreo para os gemidos de agonia que rasgam sua garganta quando eu atiro o fósforo nele, seu corpo envolto em chamas em segundos.

Mais uma vez, entro em cada uma das cabines e incendeio cada uma delas. Assim que o último corpo pega fogo, sinalizo para Michael começar a gravar através do vidro.

Ele aperta o play e a câmera começa a girar lentamente no tripé, enquanto Michael e eu saímos do prédio.

A câmera vai girar em círculos, transmitindo quinze homens queimando vivos na *dark web*. Ali mesmo, para o prazer de todos os traficantes e cuzões pedófilos. E, também, para o prazer de Claire.

A cadela também vai queimar. Marque minhas malditas palavras.



— Eu tenho que admitir, senhoras, estive em uma limusine cheia de mulheres antes, e isso… não foi assim que aconteceu — Michael anuncia em voz alta.

Ruby o repreende enquanto dou um tapa na cabeça dele, o que arranca um bufo da garota sentada ao meu lado.

Michael e eu pegamos carona com as oito garotas que foram leiloadas esta noite. Felizmente, tive a previsão de trazer uma tonelada de roupas extras.

Enquanto eu estava ocupado botando fogo em um bando de pedófilos, Ruby estava na limusine com as meninas, assegurando-lhes que estavam a salvo e indo para casa. Ainda assim, como homens, a minha presença e a de Michael lhes causavam um pouco de desconforto; as pobres desconfiadas de nossas intenções.

Certamente, Michael agindo como um idiota não ajuda.

— Na verdade, aprecio o humor — a garota ao meu lado diz, com um forte sotaque russo. — Me faz sentir menos quebrada quando as pessoas não me tratam como vidro.

— Viu? — Michael murmura indignado, ainda esfregando a nuca.

— Justo — concedo. — Mas ele ainda mereceu.

— Você os matou? — pergunta ela, olhando para mim. Ela é uma garota bonita, com longos cabelos castanhos e olhos castanhos que me lembram os de Jay. Lembro-me dela de pé no palco enquanto eu dava lances, o queixo erguido e a postura ereta.

Ela não é de se acovardar, isso está claro.

Arqueio uma sobrancelha.

— Você quer dizer as pessoas que fizeram lances em vocês?

— Além de você? Sim.

— Eu os matei — confirmo.

Ela pausa por um instante, desviando o olhar em seguida.

— Bom.

Também desvio o meu, aliviando-a do meu olhar investigativo.

— Alguém mais que você quer que eu mate?

Ela funga.

— Posso pensar em alguns.

— Que tal negociarmos, então? Eu vou matar quem você quiser se puder me dizer se viu alguém.

Eu a sinto me observando mais uma vez, então eu a encaro.

— Mostre-me ela — sussurra. Pegando meu telefone, abro a foto de autora de Addie. Meu peito aperta dolorosamente, e viro a tela para a garota russa.

— O nome dela é…

— Addie — murmura ela, e meu coração para.

— Você a conhece?

— Ela estava na casa comigo. Ainda está lá, da última vez que soube.

— Onde? — estalo, incapaz de prestar atenção ao meu tom.

—Não sei — responde ela, sua voz endurecendo. — Estamos em Oregon?

— Sim. Estamos em Jacksonville.

— Então, ela está perto. Eu estava com os olhos vendados no caminho de ida e volta para a casa, então não tenho ideia de onde fica, mas contei os minutos e não ficamos no carro por mais do que uma hora. Tudo o que posso dizer é que o nome da proprietária é Francesca, ela administra o lugar com o irmão. E fica em algum lugar no meio da floresta.

Eu respiro fundo, encontrando brevemente o olhar largo de Michael. Ouvir que Addie poderia estar a apenas uma hora de distância faz meu coração disparar. Minha paciência e disciplina saem pela janela. Meus dedos estão coçando para procurar cidades próximas e ir de casa em casa, chutando suas portas até que eu a encontre.

Parte da razão pela qual vim aqui esta noite foi na esperança de que alguém a tivesse visto. Mas, verdade seja dita, não pensei que teria essa sorte.

— Qual o seu nome? — pergunto, a voz tensa.

— Jiliana.

— Você pode me dizer… porra, ela está…

— Ela está viva — Jillian interrompe, entendendo minha necessidade de perguntar como ela está, mas saber a resposta obviamente *não é bom*. — Ela teve dificuldades com uma das garotas da casa, Sydney. Pulam na garganta uma da outra, o que as faz ser punidas.

Tremores sutis irradiam pelos meus membros, aumentando gradativamente à medida que Jillian continua:

— E ela já tem um comprador, da última vez que ouvi. Ele a tem visitado.

Aperto minha mandíbula com tanta força, que o músculo quase estoura com a pressão.

— O nome dele? — pergunto, com os dentes cerrados.

Ela fica quieta, aparentemente se esforçando para lembrar. Então uma voz tímida surge, respondendo à pergunta para ela.

— Xavier Delano — diz a voz. Jillian e eu nos voltamos para a garota de cabelo castanho curto e óculos redondos.

— Esse é o nome dele — ela reafirma. — E-eu também estava na casa com Addie.

— Obrigado…

— Gloria — ela fornece quando eu paro.

— Obrigado, Gloria. Você precisa que eu mate algum idiota também?
Ela sorri e balança a cabeça negativamente.
— Tenho sangue suficiente em minhas mãos.
Engraçado, sinto o contrário. Eu *nunca* vou ter o suficiente nas minhas.

CAPÍTULO 20
O DIAMANTE



Presente

— Merda — Rio murmura depois que Francesca sai, seus movimentos acelerando.

Minhas sobrancelhas se curvam, e meu coração acelera com sua preocupação óbvia.

— Claire? — Quem é Claire?

Ele olha para mim, e eu o vejo visivelmente desligando, como se puxando uma corda e as persianas fechando sobre seus olhos. Quem quer que seja Claire, deve ser temida.

Ignorando-me, Rio termina de me enfaixar, então agarra meu braço e me força a ficar na posição vertical. Ele caminha até minha cômoda e abre as gavetas, jogando peças aleatórias de roupas em mim.

— O que… Rio, o que diabos está errado com você? — falo, uma camisa me acertando diretamente no rosto.

— Claire é quem colocou o alvo em sua cabeça — diz ele, mantendo a voz uma oitava acima de um sussurro. Então, ele caminha até mim e me ajuda a vestir as roupas como se eu fosse uma criança, mas estou desatenta demais para impedi-lo. Meu coração bate forte, pânico circulando por todo o meu sistema.

Não tenho ideia de quem diabos é essa mulher, mas está claro que ela tem algum tipo de conexão com Zade. Essa é a única razão pela qual uma mulher aleatória colocaria um alvo na minha cabeça, certo?

No entanto, juro que conheci uma Claire antes… mas meu cérebro está muito confuso para lembrar onde e como ela era. Ou seu significado para mim ou Zade.

Ele me agarra pelos ombros, seu rosto severo.

— Tome muito cuidado com essa sua boca, *princesa*. Na verdade, mantenha

fechada.

Aperto meus lábios e concordo com a cabeça. Ultimamente, tenho estado muito cansada – muito *fraca* – para lutar. Entrei nesta casa com meu fogo aceso e, em dois meses, dedos invisíveis apagaram a chama, deixando apenas um rastro de fumaça para trás.

Tudo que eu preciso é de uma faísca, e talvez… talvez possa ser reacendida.

Meu estômago se revira de ansiedade enquanto sigo Rio pelo corredor. Uma dor surda lateja entre minhas coxas, me lembrando a cada passo do que tento desesperadamente esquecer. Algo que Xavier explicitamente visa. É também um lembrete de que Zade pode não me querer mais, algo que eu já aceitei. Nunca pensei que iria querer perder sua obsessão… mas como não poderia? Estou imunda agora.

Rio caminha à minha frente sem olhar, apertando o nó que se forma no meu estômago. Há uma fortaleza gelada em torno dele, tão sólida quanto a tensão em seus ombros. Parece que está se distanciando de mim porque estou prestes a ser enviada para a guerra e nunca mais vai me ver.

Alguns dias, eu ainda o odeio pelo que fez comigo, mas não vou mentir para mim mesma e dizer que não construímos um vínculo. Ele tem sido uma muleta emocional para mim nos últimos dois meses, e eu comecei a entendê-lo. Se ele está agindo assim, há uma razão.

E isso me deixa nervosa pra caralho.

Desço as escadas, vozes calmas subindo da sala de estar. Rocco está na cozinha, bebendo um copo d'água e me encarando com seus olhinhos redondos.

Mantenho minha cabeça baixa, observando meus pés descalços pisarem o chão sujo. Limpei há dois dias, mas Rocco e seus amigos agem como se houvesse vidro no chão e insistem em usar suas botas enlameadas pela casa.

Meus olhos se concentram em um conjunto perfeito de pegadas que seguem até a sala de estar, levando diretamente a dois pares de saltos. A recém-chegada também tem lama nos sapatos. Rude pra caralho.

Uma garganta limpa suavemente, e então levanto meu olhar. Imediatamente, me arrependo. O choque de quem vejo quase me derruba direto sobre as pegadas sujas.

Claire… Eu definitivamente já a encontrei. Ela é a esposa de Mark. O senador que tentou me sequestrar antes, e aquele que Zade assassinou cruelmente na noite do Satan’s Affair.

Lembro-me de conhecê-la na noite em que Mark nos convidou para um evento de caridade em sua casa. Ela era frágil, subjugada e parecia tão gentil.

Por que *ela* colocou um alvo na minha cabeça? Por vingança pelo marido? Tem que ser isso. Zade assassinou Mark, então agora está descontando sua raiva, me sequestrando e vendendo.

Mas, Jesus, o que há para ficar brava? O homem obviamente abusou dela.

— Olá, Adeline — Claire cumprimenta, sorrindo para mim por trás de seu batom vermelho. Ela está muito diferente da primeira vez que a conheci. Não por sua aparência – ela ainda tem cabelos ruivos brilhantes, enrolados com perfeição ao redor do rosto e uma aparência bonita, embora envelhecida.

É porque ela parece… feliz. Como se estivesse prosperando. Não parece chateada ou perturbada com a morte de seu marido.

Estou muda com surpresa e confusão, então levo um momento para dizer:

— Oi, Claire.

Ela junta as mãos com luvas pretas e dá um passo em minha direção.

— Eu sei que você provavelmente está muito confusa, minha querida — ela começa. — E eu sinto muito que você tenha sido trazida para o meio de tudo isso. — Ela acena com a mão, indicando "tudo isso" como a casa em que sou mantida em cativeiro.

Não vamos fingir que eu não teria sido levada de qualquer maneira.

Mas fico quieta, sem saber exatamente como devo responder.

Acenar com a mão e dizer *ah, merda, está tudo bem. Estou tendo a melhor época da minha vida*.

— É realmente lamentável que você tenha se envolvido com alguém como Z. Ele entrou e destruiu sua vida como um touro em uma loja de porcelana, não foi?

Sim. Sim ele fez isso.

— Acho que sim — admito.

— Ele tem causado muitos problemas para mim nos últimos tempos. Mais recentemente, assassinando gratuitamente vários compradores importantes em uma casa de leilões e roubando as meninas em sequência.

Meu coração para, enviando um arrepio pelo meu corpo. Lágrimas queimam atrás dos meus olhos, mas eu as forço de volta. Ouvir sobre Zade e o estrago que está causando é… Deus, é quase reconfortante. De certa forma, comecei a sentir as pessoas na minha vida antes de eu ser levada como fantasmas, em vez de pessoas reais e vivas. Zade, Daya, minha mãe… não sinto mais nenhuma delas como reais.

Mas Claire me contar sobre o problema que Zade está causando faz com que ele pareça real novamente. E eu não havia percebido o quanto precisava disso.

— Ele levou Jillian e Gloria? — pergunto, minha voz rouca com lágrimas não

derramadas. Meu peito está se abrindo com inúmeras emoções e, na vanguarda de todas, está o alívio.

— Sim, ele as levou. E não vou permitir que isso aconteça com você. Houve uma mudança nos planos, então pensei em aproveitar esta oportunidade para ver o precioso diamante em carne e osso mais uma vez, antes de você ser enviada. Qualquer sorte que Jillian e Gloria tenham, você não terá.

Minha garganta seca.

— Não serei leiloada?

— Claro que não, querida. Você nunca seria.

Francesca sabia disso? Desde que cheguei, ela me diz que eu seria leiloada, mas não parece surpresa com a notícia.

Quando apenas olho para Claire sem expressão, ela continua:

— Um homem muito inteligente e engenhoso se apegou a você. O que significa que ele terá a capacidade de encontrá-la assim que você pisar para fora desta propriedade.

A informação um pouco acelera meu coração, girando com uma explosão de empolgação. Obviamente, Zade sabe como encontrar pessoas. Suponho que só tenha levado tanto tempo porque estive trancada em uma casa no meio do nada por mais de dois meses. Encontrar uma pista sobre mim é, provavelmente, quase impossível, mas no segundo em que me tirarem daqui, não terão mais essa vantagem.

— Francesca me informou que um comprador de alto status colocou seus olhos em você. Então, para mantê-la escondida, faremos uma venda direta.

Minha boca se abre, e eu honestamente não tenho certeza de como me sentir. Uma venda direta lhes dará muitas oportunidades para me acobertar, mas nunca tive a intenção de me esconder.

Com o coração batendo forte, concordo com a cabeça.

— Ok — digo.

Ela sorri com condescendência, como se eu fosse uma criança concordando em ir para a cama, quando eu nunca realmente tive escolha. Suponho que essa analogia não esteja errada.

— Xavier já pagou por você e virá buscá-la em três dias. Francesca continuará a prepará-la para sua nova vida, fornecendo-lhe todo o conhecimento necessário para garantir que você e Xavier vivam felizes juntos.

Ah. Claire é tão psicótica quanto Mark.

Talvez ela seja um subproduto do abuso de Mark, talvez não. Independentemente disso, não é melhor do que o marido. Sua dor não justifica

infligir dor aos outros. Não dessa forma.

— Francesca e eu vamos repassar os detalhes. Nada com o que precise se preocupar. Eu só queria entregar as boas notícias para você eu mesma — ela continua, seus olhos brilhando com prazer. Eles são como as estrelas quando morrem. Nenhuma vida resta neles e, ainda assim, queimam com uma luz que garante que tudo em seu caminho também morra.

Eu esperava que, ao ser leiloada, pudesse fugir, ou garantir que meu rosto fosse visto em uma câmera, no mínimo. Talvez roubar um telefone e enviar uma mensagem de texto, qualquer coisa, para dar a Zade uma localização. Essas opções não serão tão fáceis agora, mas ainda não impossíveis.

Lambo meus lábios secos e rachados, e encontro as estrelas gêmeas mortas em seu crânio.

— Posso perguntar uma coisa? — pergunto com suavidade.

Seus lábios vermelhos se comprimem, mas ela concorda com a cabeça.

— Posso perguntar por quê?

Francesca sibila, mas Claire levanta a mão, silenciando-a. Só isso já é satisfatório de assistir. Ela dá alguns passos em minha direção.

— Quando alguém tão bonita como você chama nossa atenção, é difícil desviar o olhar. Normalmente, prefiro plantar alguém em sua vida. Um namorado, se possível. Alguém por quem você se apaixonaria e confiaria. Ele teria se encarregado de você, e você poderia ter algum tipo de liberdade, enquanto também traria dinheiro. No entanto, você chamou a atenção de outra pessoa primeiro e, de repente, se tornou muito mais valiosa.

Minhas sobrancelhas franzem, e é complicado de engolir. Não é difícil concluir que Claire é como Mark. Alguém que encontra mulheres e crianças e as traz para a Society. Mas o jeito como ela fala…

— Este comércio, este *mundo*… eu o possuo. Eu possuo tudo — Claire esclarece. — Eu sou a Society, querida. Eu e meus dois associados. Mark pensou que era o homem em nosso casamento, mas nunca soube que eu era quem puxava as cordas o tempo todo. Zade me fez um favor ao se livrar daquele canalha, apesar de que teria sido divertido enforcar meu marido pelas bolas. Não estou com raiva porque seu namorado matou meu marido. Estou com raiva porque ele está tentando arruinar o que trabalhei duro para construir. As pequenas e tristes vidas que todos vocês vivem são meu império. Nunca deixarei *Z* tentar tirar isso de mim. — Ela cospe o nome dele como se fosse um inseto que voou para sua boca, ira e desgosto distorcendo suas feições.

Tudo o que posso fazer é olhar para ela com total descrença. Confundida em

saber que Claire é a melhor marionetista. O presidente — merda, *todos* os líderes mundiais — são calouros comparados a ela.

Aproveitando-se do meu silêncio, ela se vira para Francesca.

— Vamos conversar, Franny. Temos algumas coisas para discutir.

Francesca sorri graciosamente para Claire.

— É claro! — Ela se vira para mim, seu sorriso diminuindo o suficiente para dizer: — Volte para o seu quarto e não saia até o jantar. — E então, volta a sorrir para Claire.

Seu rosto deve estar doendo de tanto exercício.

Assentindo, giro nos calcanhares e corro em direção às escadas. Rio está na porta da cozinha, as mãos cruzadas atrás das costas. Fazemos contato visual brevemente, mas, pela minha vida, não consigo decifrar a emoção que gira em suas írises escuras. Ele fica para trás, mas estou feliz por isso. Estar confinada ao meu quarto é exatamente o que eu preciso agora, para poder planejar adequadamente minha fuga.

Xavier estava certo sobre uma coisa, o Abate é uma faca de dois gumes. Ele me ensinou a fugir, e é exatamente isso que pretendo fazer.



Bufadas de hálito quente em meu rosto, perturbando o sono profundo em que caí. Eu me contorço, sentindo fios de cabelo fazendo cócegas no meu nariz.

Levo vários segundos para me tirar do sonho estranho que estava tendo. Com a realidade se instalando, o mesmo acontece com uma sensação de animosidade e perigo, e leva mais alguns segundos para perceber que alguém está respirando na minha cara.

Imediatamente, meus instintos disparam em alerta vermelho, adrenalina e medo inundando meu sistema.

Devagar, abro os olhos, então engasgo com um grito assustado, meus olhos girando em discos quando vejo Sydney parada acima de mim, o rosto a poucos centímetros do meu.

Seus olhos estão arregalados, um brilho psicótico neles enquanto ela me olha com um sorriso enlouquecido. Ela respira pesadamente, pequenos ruídos de excitação borbulhando de sua garganta a cada expiração.

Eu me pressiono mais fundo na cama, o coração rasgando meu peito ao lutar para encontrar minha respiração.

— Que porra é essa, Sydney? — Suspiro, tentando manter a voz baixa, mas

falhando.

Estou a segundos de liberar minha bexiga por toda a cama, meu horror crescendo enquanto ela sobe em cima de mim, seus fios loiros roçando meu rosto e bloqueando minha visão.

Meu corpo se move por instinto, eu chuto meus pés na cama, tentando ganhar tração, e me deslizo para cima, mas suas mãos envolvem minha garganta, me segurando no lugar. Ela ainda não corta meu suprimento de ar, mas entro em pânico mesmo assim, todos aqueles movimentos que aprendi com Zade sumindo.

— Eu sei o que você vai fazer — sussurra ela. Quase perco o que ela diz, com meu coração batendo alto em meus ouvidos.

— Você vai tentar escapar, e vou contar a eles — respira ela, rindo maniacamente quando me debato contra ela — e espero que matem você por isso.

Suas mãos começam a apertar ainda mais, e finalmente – *porra, finalmente* – meu treinamento surge. Atiro meu braço por entre os seus e torço meu corpo com toda a minha força, enviando-a voando para fora pela lateral da cama.

O impacto é alto, e nós duas congelamos, esperando para saber se alguém acordou. Francesca fica no andar de baixo, no lado oposto da casa, mas não significa que não podemos ser ouvidas.

Também há sempre dois ou três homens de guarda do lado de fora da casa, garantindo que nenhuma de nós tente sair correndo.

Os olhos de Sydney se estreitam, e sei que ela está prestes a atacar novamente. Minhas pernas estão emaranhadas nos cobertores, então eu reajo primeiro, liberando minhas pernas e, depois, mergulhando em direção ao pé da cama.

Ela corre para mim, envolvendo uma mão em volta do meu tornozelo e tentando me arrastar de volta. Chuto com força, e seu aperto afrouxa o suficiente para eu me libertar e sair pelo outro lado da cama.

Lentamente, ela se levanta, seu queixo abaixado ao me olhar com pura maldade, enquanto nos enfrentamos em ambos os lados da cama.

— Qual diabos é o seu problema? — sussurro.

— Eu sei o que você planejou, e não vou deixar acontecer.

É preciso esforço para evitar que meus olhos se arregalem e o olhar aflito apareça em meu rosto.

— Eu não tenho nada planejado — nego veementemente.

Ela me ignora.

— Você não pode ser tratada melhor do que o resto de nós e escapar de seu

destino — ela rosna.

— Tratada melhor? — ecoo em uma risada confusa. — Você está me causando problemas desde que cheguei aqui!

— E, ainda assim, ela ainda te ama mais — ela sussurra de volta. Balanço a cabeça, absolutamente perplexa por ela acreditar nisso. Francesca me vê como um cifrão, um bem grande. Ela não ama ninguém mais do que a si mesma.

— Talvez ela te amasse *se* você não agisse como uma puta psicótica — corto, ficando com raiva. Ela começa a circular a cama em minha direção, e percebo tardiamente que estou encurralada.

— Vou contar à Francesca sobre seus planos — diz ela, ignorando meu golpe.

— Que planos? — pergunto, fingindo ser burra e esperando que realmente não saiba porra nenhuma. Nos últimos dois meses, tenho pensado em maneiras diferentes de escapar quando for tirada daqui e, depois que Claire me pegou de surpresa ontem à noite, tive algumas ideias que poderiam funcionar agora que não serei mais leiloada. Mas Sydney está prestes a arruiná-los.

Ela aponta para o meu piso, e meu rosto cai em horror. Minha cabeça se volta para ela em estado de choque.

— Como você sabia disso?

Ela dá de ombros, um sorriso alegre curvando seus lábios. Gradativamente, uma percepção doentia se instala.

Ela era a pessoa de pé dentro da parede, me observando dormir naquela noite. Deve ter se escondido quando eu a vi, e voltou a me observar quando encontrei o diário.

Jesus, há quanto tempo ela o tem lido? E quantas vezes ela me assistiu dormir, porra?

— Como você entrou atrás da parede?

Ela encolhe os ombros, sorrindo selvagem.

— Há muitas coisas que você não sabe sobre esta casa, *diamante*. Conheço os segredos de todos, inclusive os de Francesca. Por que você acha que ela me permitiu ficar por tanto tempo?

— Que segredos?

— Como se eu fosse dizer para você — ela zomba.

Não faço ideia do que ela poderia saber sobre Francesca, mas não me importo. O que eu *sei* é que uma de nós não sairá viva deste quarto esta noite.

Se Francesca descobrir que estou planejando fugir e como, farão tudo o que estiver ao seu alcance para garantir que eu nunca fuja.

Não vai acontecer, porra.

Vão ter que me trancar em um submarino no meio do maldito oceano para me manter longe de Zade.

Estou no canto do quarto, enquanto ela está na beirada da minha cama, possivelmente sentindo a conclusão a que cheguei. Seja porque nota a determinação gravada em minha expressão, ou o fato de que eu não estou pulando da cama para escapar.

O tempo desacelera por alguns segundos, nós duas paradas. E, então, entramos em ação simultaneamente. Ela corre para mim enquanto corro em direção à minha mesa de cabeceira. Guardei algumas canetas na gaveta para o caso de ficar sem tinta, e agora são as únicas coisas que podem salvar minha vida. Não de Sydney, mas de Xavier.

Ela agarra meu cabelo assim que abro a gaveta e localizo uma delas, meus dedos enrolando ao seu redor enquanto ela me lança em direção à parede. Colido com ela dolorosamente, a parte posterior do meu punho socando cegamente para desalojá-la do meu cabelo.

Dentes afundam em meu ombro, apertando com toda a sua força. Um grito agudo escapa pelos meus lábios. Eu mordo de volta o grito que ameaça rasgar minha garganta, sentindo o sangue jorrando ao redor de seus dentes.

Cega de dor, levanto minha mão e enfio a caneta em qualquer lugar que possa alcançar, sentindo a caneta afundar na carne e nos tendões. Ela me solta com um grito estrangulado, mas, antes que possa se afastar, eu a agarro e nos derrubo no chão, não me importando mais se formos pegas.

Foda-se essa cadela.

Rolamos por alguns segundos, lutando pelo controle. Consigo ganhar apoio e me contorço em cima dela, usando uma mão para afastar suas garras e, a outra, para enfiar a caneta em seu pescoço. Minha mão desliza, a caneta escorregadia com seu sangue ao empalá-la na carne.

Suas unhas arranham meu rosto, deixando rastros pungentes, mas eles desaparecem ao fundo enquanto eu continuo a esfaqueando cegamente, conseguindo segurar a caneta escorregadia apenas por pura determinação. De novo e de novo, eu a esfaqueio, a exaustão afundando em meus ossos rapidamente, mas pura adrenalina e pânico me mantêm. Finalmente, ela amolece, o sangue se acumulando ao nosso redor.

Estou ofegante, encharcada de sangue e delirando com a adrenalina. Meu corpo está entrando em choque, e todos os meus cinco sentidos estão bloqueados, nada penetrando além da mortalha de dormência.

Apenas olho para seu corpo, agora cheio de buracos. Ela olha fixamente para

o teto, e acredito que não estejam muito diferentes de quando estava viva.

Minha porta se abre e Rio entra, correndo. Ele se detém ao ver Sydney ao chão e eu montada nela, pintada de vermelho. É… quentinho. Acho que me sinto quente.

— Porra, *princesa*. O que você fez?

Mal o ouço, apenas interpretando suas palavras pelo modo como seus lábios se movem. Aponto para ela e resmungo:

— Eu a matei.

Ele silenciosamente entra e fecha a porta, não antes de espiar para ver se mais alguém está vindo.

O clique suave é inaudível para o tufão furioso em meus ouvidos. Ele mantém seus passos leves ao dar a volta ao outro lado da cama para ver melhor. Seus lábios formam um círculo, e ele deve assobiar, mas tampouco ouço.

Tudo o que posso fazer é olhar.

— Venha aqui — ele murmura, acenando para mim. Piscando, fico de joelhos e dou um único passo antes de escorregar no sangue, mal conseguindo me segurar na cama. A mão de Rio agarra meu braço e me puxa para cima e para longe da piscina crescente.

Ele agarra meu rosto em suas palmas, seus olhos escuros procurando os meus. Então, ele me dá um tapa forte o suficiente para jogar minha cabeça para o lado. O ruído branco sangra em um som agudo, e todos os meus sentidos voltam correndo. Eu ouço, vejo, sinto o tato, o gosto e o odor de tudo.

Cobre. É a primeira coisa que meus sentidos percebem. E então, Rio segura meu rosto novamente, forçando minha concentração de volta para ele.

— Olhe para mim, *mamá*. Que porra você vai fazer agora, hein?

Abro a boca, sem palavras. Por fim, apenas digo:

— Fugir.

Ele balança a cabeça, abaixa as mãos e se afasta. Ele me encara, mas, como sempre, não consigo decifrar a emoção que se agita em suas írises.

— Eu não deveria ter dito isso — sussurro, percebendo que ele não vai deixar. Porra. A situação me atinge de uma só vez, e entro em modo de pânico.

Matei Sydney porque ela contaria sobre o meu plano de fuga e, agora, serei trancada em um submarino em algum lugar, forçada a viver minha vida junto aos peixes.

Com Rio me pegando em flagrante, qualquer chance de escapar foi para a merda completa e nunca vou dar o fora daqui. Rio não vai me deixar ir. Não tem jeito. Sua *irmã* está na linha.

— Merda — murmuro, sem me importar com minhas mãos ensanguentadas e deslizando-as pelo meu cabelo, puxando com força enquanto tento aceitar ser pega antes mesmo de sair da porra da casa. — Não posso viver com os peixes, Rio. Não gosto de tubarões.

As sobrancelhas de Rio mergulham.

— Que porra você está falando?

— Merda, merda, merda. Porra…

Murmurando algo baixinho em espanhol, ele agarra meus braços e me traz para perto.

— Por mais que eu aprecie a aula de vocabulário, preciso que cale a boca — ele interrompe. — Olhe para mim.

Olho, mas meus pensamentos estão em outro lugar.

— Você precisa me dizer como diabos escaparia. Suas duas opções são acres de floresta em que você se perderá e, provavelmente, morrerá ou caminhará por uma estrada na qual pode ser facilmente encontrada.

Deixo minhas mãos caírem e as cerro em punhos, na tentativa de diminuir o tremor. A porra do vulcão entrou em erupção, e ainda estou vibrando com os tremores secundários.

— Há um trem abandonado em algum lugar lá fora. Encontrei-o na noite do Abate. Eu iria para ele — digo. No fundo do meu cérebro, meu lado lógico está gritando para eu parar de lhe contar meus planos, caso me traia. Mas o meu outro lado quer confiar em Rio. Tanto, e só desta vez.

— E os guardas lá fora? — ele questiona, a voz baixa.

Balanço cabeça, uma lágrima se libertando.

— Eu não sei — choro. — Eu não… não tem como…

— Cala a boca, *stúpido* — ele rosna novamente, mantendo a voz baixa. — Vou descer e cuidarei dos guardas. Vou deixar a porta da frente destrancada. O que quer que decida fazer, e aonde quer que você vá, a decisão é sua.

Um vinco se forma entre minha testa, e leva vários segundos para organizar meus pensamentos dispersos de volta em uma só direção.

— Rio, você não pode — protesto. — Você não pode arriscar a vida de sua irmã por mim.

O músculo em sua mandíbula pulsa, e seus olhos escuros perfuram os meus. Não tenho ideia do que diabos ele está pensando.

Ele engole em seco.

— Eu vou descobrir algo. Acho que sei onde ela está.

Então, tudo se encaixa.

— Vamos fazer um acordo — eu me apresso a dizer. — Você me ajuda a sair daqui e Z salva sua irmã. Diga-me o nome dela e onde está, e ele a tirará de lá.

Sua boca abre e fecha e, pela primeira vez, deixei Rio sem palavras.

— Temos um acordo.

— Espere, meu dispositivo de rastreamento. Não posso sair com isso em mim.

— Vire-se — ele exige, girando o dedo. Mordendo meu lábio, faço o que ele diz, tremendo quando coloca meu cabelo para o lado.

— Como vai… — Um suspiro cortante interrompe minha pergunta quando sinto algo cortante e cravado na parte de trás do meu pescoço.

— *Jesus*, uma porra de aviso da próxima vez — cuspo, me encolhendo quando a ponta da lâmina crava na minha pele.

— Ele não está aqui, *mamá*, mas eu estou. E preciso que você pare se mexer.

Eu bufo, sentindo o líquido quente descendo pelas minhas costas pela ferida e, depois de vários segundos dolorosos, o metal sai. Ele joga o aparelho na minha cama e então se inclina, a respiração roçando a concha da minha orelha.

— Katerina Sanchez, ela tem quinze anos. Acho que ela está com uma aliciadora chamada Lillian Berez. A última vez que vi uma foto dela, foi há três meses, e estava diante de um campo de girassóis.

Ele me solta e se afasta enquanto eu me viro para encará-lo.

— Obrigada — eu digo baixinho. — Vou garantir que ela fique segura.

Ele me dá um olhar que me diz que vai descobrir uma maneira de me assombrar se eu não o fizer. Talvez ele venha para o Casarão Parsons e se junte ao resto dos fantasmas na minha casa.

— Um dos amigos de Rocco está dormindo no sofá. Fique quieta e deve ficar tudo bem. Ele está apagado por causa das drogas.

— Ok — eu concordo, sentindo uma explosão de gratidão que não tenho ideia de como expressar. Ele provavelmente vai me bater se eu tentar. Rio odeia qualquer tipo de demonstração tanto quanto atenção. E talvez seja mais porque ele se odeia.

— Diga ao seu homem para me dar uma vantagem, sim? — ele diz, recuando.

Franzo a testa.

— Corra rápido.

Lentamente, sua língua desliza ao longo de seu lábio inferior, e seu olhar vagueia sobre mim uma última vez, como se me guardasse na memória.

— Tchau, *princesa*.

— Tchau, Rio — sussurro.

E então ele sai, seus passos silenciosos.

Não perco mais um segundo. Corro para a minha cômoda – que está bem ao lado do corpo de Sydney – escorregando e deslizando no sangue que cobre meus pés. Abro as gavetas e puxo apressadamente uma camisa de manga comprida e um moletom. Pego um par de meias em seguida, dou a volta na cama, e começo a limpar a sola dos meus pés o melhor que posso no cobertor fino.

Visto minhas meias e sapatos em seguida, pego meu diário do chão e desço os degraus em silêncio.

O medo me manteve no meu quarto à noite. Isso me impediu de descer os degraus e sair pela porta da frente, sabendo que haveria alguém lá fora esperando por mim.

Ele me controlou por mais de dois meses, me manteve em conformidade e, agora, não tenho mais essa opção. Eu matei alguém e, se eu não for embora, serei a próxima. Não, rezarei por isso, mas sei que não deixariam a morte me abraçar tão facilmente.

Pego uma sacola de supermercado de baixo da pia, encolhendo toda vez que ela faz barulho. Então, encontro algumas garrafas de água no armário e uma caixa de barras de granola. Terá que ser o suficiente. Não posso levar mais peso do que isso. Em seguida, abro a gaveta e pego duas facas grandes para me proteger.

Meu plano é chegar aos trilhos e segui-los para fora daqui. Espero encontrar abrigo em um dos trailers quando precisar fazer uma pausa. Estou antecipando que presumam que peguei a estrada e concentrem seu grupo de busca naquela direção quando perceberem que desapareci.

Eles me veem como um diamante porque tenho o amor de Zade, mas não se lembram que foi isso que me forjou em uma pedra tão inquebrável. Ele me ensinou muito sobre mim mesma e quem eu realmente sou. Mas o mais importante é que ele me ensinou a perseverar.

Assim que estou saindo da cozinha, ouço um ronco alto e me detenho, meu coração acelerando. Os amigos de Rocco tendem a passar a noite aqui quando ficam muito fodidos, e imagino que seria preciso uma manada de elefantes para acordá-los. Mas não posso ter muita certeza, depende da quantidade de drogas passando por seus sistemas.

Espiando pela entrada, vejo um homem sujo deitado no sofá, a boca entreaberta. É Jerry. Ele é um dos frequentadores daqui e, também, um dos mais vingativos quando Sydney e eu recebemos punições.

Há uma pequena parte de mim tentada a se aproximar e enfiar uma de minhas facas em sua garganta, mas não consigo fazê-lo. Apesar de querer matar cada

pessoa nesta casa, não sou uma assassina impiedosa como Zade.

Pelo menos, não costumava ser. Acho que não tenho mais tanta certeza.

Com o coração na garganta, traço meu caminho em direção à porta lenta e silenciosamente, pulando quando um de seus roncos é particularmente alto e desagradável.

Estou no meio da sala quando ouço minha sacola plástica ceder, e uma das garrafas de água cai, batendo alto no chão e rolando por vários metros.

Mal contenho um suspiro, prendendo-o na ponta da língua, ao lado do batimento cardíaco errático. Meus olhos arregalados se voltam para Jerry. Seus roncos pararam, mas ainda parece estar adormecido.

Uma quantidade perigosa de adrenalina corre pela minha corrente sanguínea, e minha visão fica irregular de quão forte meu coração bate.

Seguro o fundo da sacola e vou até a garrafa de água na ponta dos pés, encolhendo-me quando o saco enruga na minha mão. Então, eu me agacho e pego a garrafa, mantendo meus movimentos lentos.

Fechando os olhos, levo vários segundos para tentar acalmar meu batimento cardíaco. Minhas mãos estão úmidas, e o suor brota ao longo do meu couro cabeludo e parte inferior das costas. Acho que nunca estive tão apavorada, e estou muito consumida para sentir qualquer tipo de emoção. Exceto… puro terror.

Expirando suavemente, eu me levanto e tento segurar o fundo da sacola, mas antes que eu possa, outra garrafa de água desliza, mais uma vez caindo ao chão.

Eu me engasgo e, como se estivesse caminhando sobre melaço, ergo a cabeça para olhar para Jerry.

Seus olhos estão bem abertos e fixados diretamente em mim.

Por várias batidas, apenas nos encaramos, suspensos no tempo.

— O que pensa que está fazendo? — ele pergunta, sentando-se e balançando as pernas sobre a borda do sofá.

Mal posso ouvir para além da batida do meu pulso, e minha visão se afunila, à beira de desmaiar de medo. Se ele chamar por Rocco ou Francesca, acabou. *Rio* estará acabado se descobrirem que ele estava envolvido. Então, sua irmã será vendida, e eu nunca sairei daqui…

Foco, ratinha.

Engolindo em seco, eu me endireito, decidindo que manter a boca fechada é minha melhor opção, por enquanto. Não tenho explicação.

— Você está tentando escapar, diamante?

Balanço a cabeça, olhos se arregalando ainda mais quando ele se levanta e

começa a caminhar em minha direção. Instintivamente, dou um passo para trás, chutando a garrafa de água caída.

— Então, você quer explicar o que diabos está fazendo?

Mais uma vez, balanço a cabeça. A única desculpa que me vem à mente é que estava levando lanches para os guardas. O que é honestamente risível, e a última coisa que eu quero que esse homem faça é rir. Ele certamente não ficaria quieto, considerando que sempre foi o mais barulhento do grupo.

Ele pausa, examinando minha forma e, no momento em que vejo a faísca em seus olhos escuros, sei exatamente o que o filho da puta planeja. Um sorriso lento e insidioso cresce em seu rosto.

— Venha aqui — ele manda.

Tudo o que posso fazer é balançar a cabeça novamente, como um brinquedo quebrado que só pode realizar um truque.

Ele rosna, estalando a mão e me agarrando pelo braço. Estremeço quando me puxa para si, meus sentidos sobrecarregados pelo odor corporal, cigarros velhos e hálito fétido.

— Você faz a porra que te disser para fazer, diamante, ou farei Rocco sair e se juntar à diversão. O que você prefere, hein? Eu ou nós dois? — ele cospe duramente, embora mantendo seu tom baixo. Parece que ele me quer para si, então vai ficar quieto por ora.

Lágrimas queimam a parte de trás dos meus olhos, e concordo com a cabeça rapidamente, esperando acalmá-lo. As drogas tendem a deixá-los irritados, e seus temperamentos são imprevisíveis.

— Boa menina — ele fala, afrouxando seu aperto. — Quero que você se vire, abaixe as calças e toque os dedos dos pés. Eu quero foder você por trás.

Minha mente dispara enquanto giro, mantendo meus movimentos lentos enquanto tento descobrir o que diabos farei. De jeito nenhum vou deixar esse idiota me estuprar de novo.

Ele me cutuca com firmeza:

— Apresse-se.

— Deixe-me colocar minha sacola no chão primeiro — sussurro, a voz trêmula. Ele murmura, mas não protesta, então eu me abaixo, habilmente pego a faca e a deslizo, esperando que meu corpo esteja escondendo o que faço.

— Porra de vadia lenta — ele amaldiçoa, ficando impaciente e puxando minha cintura, tentando remover minhas calças para mim.

Eu me endireito, o que permite que ele as desça até a metade da minha bunda antes de eu me torcer na cintura e sacar minha faca. A lâmina corta sua garganta

e seus olhos se arregalam, quase em silêncio pelo choque.

E eu entro em ação, puxando minhas calças para cima, rapidamente pegando a sacola, as idiotas garrafas de água, e deixando Jerry se engasgar com seu sangue.

O músculo do meu peito bate tão forte que dói ao correr pela varanda e descer os degraus frágeis, mal parando ao notar os dois cadáveres empilhados ao lado da escada. Os guardas… suas gargantas estão abertas.

Ofegante, dou a volta pela casa pelos fundos. Rio está longe de ser encontrado, e eu rezo a Deus que ele já tenha ido embora.

Porque ele pode ser o único a sair daqui com vida.

CAPÍTULO 21
O CAÇADOR



— Filho da puta, eu vou te foder — Daire estala de seu computador, seu queixo inclinado sobre o ombro enquanto olha para mim.

Reviro os olhos.

— Você diz isso toda vez e nunca o faz.

Não me importaria se ele tentasse. Esses homens são assassinos treinados, assim como eu, e uma boa e velha briga pode servir para liberar um pouco da tensão acumulada em meus músculos. O peso de carregar a frustração, a raiva e a ansiedade em meus ossos estão cobrando seu preço. Para aliviar um pouco o estresse, saí em algumas missões para derrubar círculos em Oregon, mas nunca é suficiente.

Eu me afasto e caminho pelo piso atrás dele. O escritório fica dentro do cofre, mas seria impossível se não fosse pela porta. Eles esvaziaram a sala e a transformaram em um porão. Logo na entrada redonda, há uma escada que leva você até o fundo, que foi expandida para passar por debaixo do térreo, onde fica a área de trabalho de Kace. Assim como o resto do banco, é pintada em marrom, creme e preto; tudo gritando dinheiro.

Então, é claro, sua decoração é o sonho molhado de um nerd de computador. Sua mesa ocupa uma parede inteira, cheia de monitores e telas de TV penduradas acima. Luzes de LED piscam coloridas ao redor da sala, destacando as bordas afiadas do rosto de Daire enquanto ele procura por seus canais novamente, verificando se Addie foi marcada em algum local.

— Você está pairando sobre mim. Posso sentir sua respiração na parte de trás do meu maldito pescoço.

Expiro com força extra, levando-o a se virar e enviar um punho voando em direção ao meu pau. Eu facilmente o evito, mas ele consegue me surpreender e pisa no meu pé, me forçando a recuar.

Touché.

— Você paira pior do que uma esposa checando por cima do ombro do marido traidor — ele corta.

— Eu diria que a esposa desprezada e eu temos razões válidas.

Ele resmunga algo baixinho, inclinando ainda mais o rosto para o computador, enquanto verifica a grade. Seu animal de estimação está ajoelhado ao nosso lado, de cabeça baixa, mas percebo um sorriso em seu rosto.

— Você descobriu de onde Jillian e Gloria vieram? — pergunto.

Daire balança a cabeça.

— Ainda não. Posso facilmente rastrear que estão mantidas em um estabelecimento de detenção, como os que você derruba, porque esses são postos de controle de onde e para onde as meninas são transportadas. Mas muitas das vítimas são levadas para aliciadoras antes de serem leiloadas, que geralmente são residências e, muitas vezes, fora da rede, para proteger os proprietários. Quem quer que seja Francesca, ela obviamente é uma aliciadora e uma que se esconde bem.

Ele tem um mapa inteiro de rotas de transporte e postos de controle e insiste em dizer que saberia se Addie fosse colocada à venda ou transportada. Há poucos lugares para listar garotas à venda na *dark web*, mesmo para aqueles vendendo seus próprios filhos com fins lucrativos, e Daire tem acesso a todos esses canais. Há também toda uma rede para os leilões, traslado de meninas de e para estabelecimentos de detenção, e outros eventos onde pessoas de alto status podem comprar mulheres e crianças, aos quais Daire também tem acesso.

Mas seria muito arriscado submeter Addie a esses procedimentos padrão. Claire é mais inteligente do que isso. Então, mudamos nosso foco para rastrear essa mulher, Francesca, mas não há casas no Estado de Oregon pertencentes a ela.

— Qual era a última localização conhecida deles antes de desaparecerem? — pergunto. Estamos restringindo nossa busca às cidades vizinhas a uma hora de carro de Jacksonville, onde o leilão foi realizado, mas, a menos que tenham câmeras dentro ou fora da casa, não temos como confirmar se Addie está dentro de alguma delas.

— Antes de ser leiloada, Gloria foi vista pela última vez entrando em um veículo em Grants Pass, e Jillian foi apanhada em Portland. Ela tem registros de prostituição, então provavelmente foi traficada antes dessa maneira.

— Esses carros são becos sem saída?

— Sim — ele confirma. — Dirigiram-se para algum lugar sem câmeras e nunca mais os vi.

— Porra — xingo, começando a perambular de novo. É a mesma provação com Xavier Delano. Conseguimos rastrear seu voo para Portland, Oregon, e um carro na cidade que o levou para os arredores, mas ele desaparece novamente depois disso. Tomaram todas as precauções para se certificarem de que não há nenhuma trilha que leve a esta casa.

Daire clica em um mapa e diz:

— Existem centenas de milhares de casas em nossas áreas-alvo. Addie tem que estar em uma delas, mas restringindo *onde* está… — ele se interrompe, seus olhos se estreitando em concentração enquanto ele murmura —… interessante.

— O quê?

— Há um antigo sistema de trens que costumava ser usado para transportar meninas perto de Grants Pass. Diz que ainda está ativo, embora a linha ferroviária esteja encerrada há décadas.

Ele entra no Google Maps e marca as coordenadas da ferrovia, então aumenta o zoom até nos mostrar uma visão 3D dela. O trem está abandonado na ferrovia, os vagões corroídos pela natureza e pela ferrugem.

Está no meio da floresta, com nada além de árvores ao seu redor. Mais uma década, e a maior parte da vida selvagem o terá tomado completamente.

— É estranho que ainda seja considerado um canal ativo — diz Daire, franzindo as sobrancelhas e os lábios.

— Existem casas por perto?

— Não custa olhar — ele responde e olha para mim. — Lembre-se, não há como confirmar legitimamente que estão mantendo garotas a menos que você invada o lugar. Meu conselho? Não faça isso.

Eu arqueio uma sobrancelha em resposta. Ele revira os olhos e se vira para o computador, percebendo que está falando com uma pessoa que acabou de invadir a casa de Mama T sem avisar para chegar até eles. O que me impede de fazer isso a mais alguém?

A resposta é: *nada*.

— Vou precisar de uma longa sessão com meu animal de estimação depois de lidar com você — ele murmura.

— De nada.

Ele sorri, mas se concentra na tela enquanto navega pela floresta. Por um longo tempo, não encontra nada. Tempo suficiente para que eu comece a andar de um lado para o outro no piso atrás dele.

— Encontrei algo — Daire anuncia, cerca de vinte minutos depois, chamando minha atenção de volta para si. Chego às suas costas e me inclino para ter uma

visão melhor.

Se o filho da puta disser que estou pairando de novo, vou roubar seu animal de estimação e largá-la em algum lugar aleatório apenas para incomodá-lo. O imbecil tem uma puta sorte por me ter tão perto.

Uma enorme casa em ruínas emerge das árvores. Parece que seu auge foi no início dos anos 1900. Ainda assim, é habitável, grande e definitivamente bem escondida.

Meu coração acelera e, pela primeira vez, sinto uma pontada de excitação.

— Onde é a localização?

— Merlin, Oregon. Apenas cerca de quinze minutos do Grants Pass, mais ou menos. — Ele pausa. — E a cerca de uma hora de Jacksonville.

No momento em que ele termina sua frase, estou quase vibrando.

Quando a foto de satélite foi tirada, apenas uma caminhonete vermelha enferrujada estava estacionada do lado de fora da casa. Pego meu laptop, procurando rapidamente a placa do carro para encontrar o proprietário.

— Rocco Bellucci — murmuro, imediatamente cavando por seu passado. — Recebeu algumas acusações por intoxicação pública, violência doméstica e agressão.

Daire dá de ombros.

— Acusações bastante padrão para noventa por cento da população masculina.

Em seguida, verifico quem é o dono da casa, o nome de Rocco aparecendo mais uma vez. Bato meus dedos no laptop, ansiedade zumbindo pelas minhas terminações nervosas. Esta casa é suspeita, mas nada indica que seja um centro de aliciamento.

Não está registrada com um nome que eu reconheça, e não há nenhuma evidência física de que garotas são mantidas ali.

Tirando meu telefone do bolso, procuro o número de Jillian. Depois de prometer que ajudaria da maneira que pudesse se eu tivesse mais perguntas sobre Addie, pedi à Ruby que lhe desse um telefone descartável.

Chama por vários longos segundos, antes de sua voz entediada e com sotaque aparecer:

— Sim?

Que pessoa fofa e calorosa ela é.

— Você mencionou antes que Francesca tinha um irmão — afirmo.

— Sim, ele é uma das pessoas que eu adoraria que você matasse — responde ela.

— Bem, qual é a porra do nome dele?

— Rocco. Não sei o sobrenome.

Meu mundo se inclina em seu eixo. A possibilidade de termos encontrado Addie é quase demais para suportar.

— Oláaaa? — Sua voz soa.

— Você foi mantida em uma casa colonial de três andares? — Eu descrevo mais alguns atributos da propriedade que podem ser reconhecidos e, quando ela não responde imediatamente, quase parto o telefone ao meio.

— É essa — diz ela, finalmente.

Porra.

— Jillian?

— Sim?

— Vou matar tanta gente por você, porra.

A última coisa que ouço é ela bufando antes de desligar o telefone, e olho para cima para encontrar os olhos redondos de Daire.

— Nós a encontramos?

— Nós a encontramos, porra! — confirmo, imediatamente puxando as coordenadas para a casa.

Levará cerca de quatro horas para chegar a Merlin de Portland, mas, primeiro, preciso me preparar. Não tenho como saber de antemão quantas pessoas ocupam a casa, então será necessário ter Jay no meu ouvido e Michael e Ruby comigo, caso haja mais garotas presas lá. Terei vários outros mercenários logo atrás se precisar de reforços.

— Z? — Eu olho para cima. — E se ela não estiver mais lá?

Meus olhos se contraem com o mero pensamento. A probabilidade é alta, mas, pelo menos, terei nas mãos as pessoas que podem me levar direto a ela.

Encontro seu olhar e, por apenas um momento, liberto a escuridão.

— Então, muitas pessoas vão morrer.



— Tenho novidades — diz Jay pelo alto-falante do carro. São seis horas da manhã e ainda está escuro como breu, o sol ainda nem chegou a tocar o horizonte. O nevoeiro denso encobre as estradas, dificultando a visão.

Estou a cinco minutos da casa de Francesca e Rocco Bellucci, Daya no banco do passageiro ao meu lado, enquanto Michael e Ruby seguem atrás de mim. É a apenas cerca de dez minutos de Rogue River, então hectares e hectares da Floresta Nacional cercam a propriedade.

Ontem à noite, consegui invadir alguns dos satélites. O governo gosta de dizer às pessoas que os satélites não estão interessados nas suas casas, mas não significa que não façam fotos de forma intermitente.

Jay os está verificando agora, mas ele não viu nenhuma imagem de Addie.

— O quê?

— Coloquei um drone sobre a casa — começa ele. — E toda a propriedade está em uma reviravolta absoluta. Há cerca de trinta homens vasculhando ao redor da propriedade neste instante. Metade está na floresta atrás da casa, e a outra metade está andando pela estrada.

Bem quando ele termina, dois SUVs pretos passam voando por mim, e vejo vários homens a pé adiante.

— Merda — murmuro, diminuindo a velocidade até parar bem ao lado de um homem. — Jay, informe a Michael o que está acontecendo e mantenha um drone sobre nós.

Baixo a janela do passageiro, e o cara se inclina sobre a cintura, olhando para Daya e para mim com impaciência.

— Tudo bem, senhor? — pergunto.

— Está tudo bem, nada com que você precise se preocupar.

— Parece que vocês estão em um grupo de busca. Precisa de ajuda? — pressiono.

— Não, apenas procurando pelo meu cachorro.

Eu arqueio uma sobrancelha, e Daya lhe dá um olhar.

— Você deve se importar muito com esse cachorro — ela comenta.

— Sim, a cadela não tem preço — retruca ele. — Agora, continue andando, tem carros atrás de você, idiota.

Mas eu já estou fechando a minha janela e acelerando com força.

— Ouviu isso, Jay? — pergunto, meu peito apertando.

— Sim. Você acha que é Addie?

Balanço a cabeça, meus pensamentos correndo mais rápido que meu carro.

— Jillian mencionou outras garotas na casa, então pode ser qualquer uma delas, mas há uma chance muito boa. Não acho que eles formariam um grupo de busca massivo como este para uma garota normal.

— Acho que é Addie. Ela é corajosa.

Mordo meu lábio, uma infinidade de emoções subindo em meu peito – excitação, medo e orgulho.

Tomo a rápida decisão de ir em direção ao trem. Não tenho ideia para onde ela foi, mas sei que é esperta demais para pegar a estrada. Possibilidades demais de

ser pega e levada de volta para a casa. Mas há uma chance de que ela tenha encontrado aquele trem e o esteja usando como guia para fora da floresta. Ou apenas buscado refúgio nele.

O telefone de Daya vibra pela milionésima vez, e ela suspira ao digitar.

— A mãe dela de novo?

— Sim — ela diz suavemente. — Ela está um desastre desde que Addie desapareceu, e acho que contou a todos os policiais do Estado sobre a história deles e sua mãe porque ainda não a encontraram.

— Ela sabe que podemos encontrá-la hoje?

Ela concorda com a cabeça.

— Sim, eu provavelmente deveria ter esperado, mas nunca vi Serena assim antes, e acho que só queria dar a ela um pouco de esperança, sabe? Já faz mais de dois meses, e acho que estava convencida de que Addie estava morta.

Desvio meu olhar para Daya.

— Ela vai ter sua filha de volta hoje. Me chame de psicopata, mas minha garota está por perto. Eu posso sentir.

Antes que Daya possa responder, a voz de Jay interrompe:

— Ah, merda.

— O quê? — eu estalo.

—Há algumas imagens de satélite de uma grande reunião na casa de cerca de dois meses atrás. Chequei para ver se havia um influxo de voos e reservas de hotel, e com certeza, havia. Quero dizer, dezenas e dezenas de homens de alto status de todo o mundo voaram para cá e ficaram em hotéis próximos. Um deles foi Xavier Delano; ele reservou um hotel a quarenta e cinco minutos de distância toda semana no mês passado.

Assim como Jillian disse, ele a visita com frequência.

— Merda — murmura Daya.

Fúria incandescente cresce em meu peito, um vulcão sempre presente pronto para entrar em erupção a qualquer segundo. E, muitas vezes, entra. Resultando em vários traficantes morrendo e alguns prédios incendiados. Tento me concentrar, senão vou ficar cego de raiva mais uma vez, e meu carro vai capotar para fora da estrada.

Chego a uma encruzilhada, minha única opção é virar à esquerda ou à direita.

— Jay, a linha ferroviária está à frente?

— Sim, a algumas centenas de metros — ele confirma, um momento depois.

— Nós vamos procurar a pé, mas tenho alguns homens de prontidão, e eu quero que você os mande para a casa apenas por precaução. Não quero que

ninguém saia.

— Entendi.

Viro à esquerda e dirijo por alguns segundos antes de encontrar uma trilha de caminhada. Há uma pequena vaga, então eu rapidamente estaciono.

— Coloque seu Bluetooth — digo à Daya, colocando o meu no meu ouvido. Michael parou ao meu lado, e nós quatro saímos dos carros.

— É Addie? — Michael pergunta imediatamente.

— Não sabemos ao certo, mas acho que é, e ela não pode estar longe.

Ruby ofega e coloca a mão sobre o coração, sempre teatral.

— Ai! Então é melhor nos apressarmos. Ela provavelmente está com tanto medo, pobre garota.

Michael acena com a cabeça, um pequeno sorriso esperançoso aparecendo em seus lábios.

— Ajude a nos direcionar para a linha de trem — digo a Jay, depois de chamá-lo pelo Bluetooth enquanto removo um cigarro do maço.

— Isso vai te matar — Jay reclama. Eu olho para cima, notando o drone parado quinze metros acima da minha cabeça. Levanto minha mão e mostro o dedo do meio. Jay ri pelo meu Bluetooth e nos diz para onde ir.

Levamos cerca de cinco minutos de caminhada rápida para encontrar o trem.

— Quantos quilômetros tem o trem?

— Este é maior do que a maioria. Cerca de dois quilômetros de comprimento. Você tem cerca de oitocentos metros à sua direita, e o resto à sua esquerda.

Viro-me para Michael:

— Você e Ruby vão para a direita, e Daya e eu vamos para a esquerda.

Ele concorda com a cabeça, já partindo na direção apontada.

— Vejo vocês em breve — diz ele, acenando com a mão, Ruby rapidamente seguindo em seu encalço.

— Ruby! — eu chamo. — Você tem uma arma, certo?

— Com certeza, eu tenho — ela grita de volta, nem mesmo olhando para trás. Sorrindo em aprovação, vou na outra direção, meus ossos tremendo com antecipação.

Voltarei para casa com minha ratinha esta noite. E, em seguida?

Vamos queimar o mundo juntos.

CAPÍTULO 22
O DIAMANTE



A ponta do meu dedo acerta uma pedra, e eu tropeço para frente, conseguindo me endireitar antes de cair de cara na terra. O frio se instalou profundamente em meus ossos, e todas as sensações em minhas mãos e pés sumiram.

Não sei por quanto tempo já estou correndo, mas contei os vagões pelos quais passei.

Doze. Apenas doze.

Ainda está escuro como breu lá fora, e uma coruja está piando em algum lugar ao longe, facilmente abafada pelo meu nome gritado.

— Diamante!

Ouvi os amigos de Rocco me chamando assim que alcancei o trem, e estou a segundos de me curvar e vomitar, o que os levaria direto para mim. Se não pelo som da minha ânsia de vômito, então pela poça que eu deixaria para trás.

Demorei um pouco para encontrar o trem novamente, tão pouco familiarizada com esses bosques. Só havia passado por eles duas vezes, e ambas através de um grande labirinto, cheio de armadilhas. Considerando que não estou pensando claramente no momento, não quis correr o risco de tropeçar em um arame, então dei a volta.

— Diiiiiiamannnnteee! — um homem chama de novo, e eu me engasgo, a adrenalina subindo ainda mais.

Suas vozes ainda estão relativamente distantes, mas não cobri os meus rastros. Não havia tempo para isso. Não faço ideia se eles sabem como segui-los – provavelmente não –, mas não importa. Francesca saberá, já que me caçou quando praticamos para o Abate.

Estou no vigésimo vagão quando tropeço novamente e, desta vez, não consigo me segurar. Tombo para a frente, aterrissando desajeitadamente de quatro, agonia surge com o impacto. Minha sacola voa, e outra garrafa de água cai para fora. Abaixando minha cabeça entre os ombros, eu me concentro para respirar.

Para dentro e para fora. Para dent… porra, não *consigo* respirar.

Meu rosto entorpecido se contorce, e um soluço sobe pela minha garganta como uma aranha pequenina.

Continue lutando, querida. Continue lutando.

Não sei mais como, Zade. Eu não sei como, porra.

Balanço a cabeça, inspirando bruscamente, trabalhando para me recompor. Outra inspiração, e eu me forço para cima, pedaços de pedra, folhas e gravetos grudados em minhas palmas.

Limpando-os, examino o vagão ao meu lado. Não parece muito diferente dos outros – branco, enferrujado e corroído –, mas há uma escada ancorada ao seu lado.

Se eu ficar aqui fora por muito mais tempo, eles me encontrarão, então preciso de um lugar para me esconder e recuperar minhas forças. Ainda estou em estado de choque, e meu corpo começa a se desligar por ele e pela adrenalina.

Limpando a meleca do nariz, recolho meus escassos pertences de novo, coloco-os em um braço, e agarro o metal frio com o outro, e começo a subir.

— A dona aranha subiu pela parede — resmungo, errando um degrau e escorregando novamente. Meu joelho bate no metal, enviando ondas de dor pela minha perna. Assobiando, termino minha escalada e subo em direção ao meio do vagão. Assim que chego à porta da escotilha, giro a alavanca e a abro, as últimas gramas da minha energia, enfim, gastas.

— Veio a chuva forte e a derrubou. — Espio dentro do vagão, não vendo nada além de plantas serpenteando pelas fendas. Posso estar entrando no meu túmulo, mas prefiro morrer aqui.

Sim, acho que este é um bom lugar para morrer.



Acordo com a sensação de algo andando pela minha perna. Eu sou instantaneamente tomada pelo pânico e me impulsiono para frente, um grito agudo na ponta da língua.

Por um momento, estou convencida de que estou de volta àquela casa, montada em Sydney com a caneta na mão.

Leva vários momentos respirando fundo para o pânico diminuir e meus arredores entrarem em foco.

Ofegante, olho para baixo, notando minhas mãos ainda cobertas de sangue, que também encharcou minha roupa, meus braços e pernas. Minha pele está

coçando e irritada, e posso senti-la descamando.

Atordoada, com frio e desconfortável, olho ao redor do vagão em que estou. Videiras crescem em meios às rachaduras, e está sujo e sufocante aqui, mas vazio. Deixei uma fresta da escotilha superior aberta, e um raio de luz da manhã entra, fornecendo iluminação suficiente para enxergar claramente.

Um gemido ressoa da minha garganta, minhas costas doendo pela posição rígida. Assim que me reajusto, faço uma pausa, notando um esquilo marrom sentado a vários metros de distância, farejando o chão e mantendo os olhos em mim.

— Ei, gracinha — sussurro, minha voz rouca de sono. Eu rio, e com absoluta fascinação, vejo-o se aproximar lentamente até que esteja a centímetros de mim.

Ele foge quando tento acariciá-lo, então recuo.

— Qual o seu nome? — sussurro, sorrindo quando ele pula na minha perna, suas garras minúsculas cavando o tecido da minha calça *jogger*.

Por vários minutos, o esquilo curioso e eu nos observamos e, pela primeira vez em meses, me sinto um pouco mais leve. Esta pequena criatura é tão pequena e insignificante para a maioria, mas vê-la limpar seu rostinho faz meus olhos se encherem de lágrimas. Estive cercada por pessoas ocas por tanto tempo, que é chocante ver algo tão vivo.

Eu fungo, limpando as marcas molhadas das minhas bochechas, apenas para serem substituídas por mais.

— Minha avó adorava observar os esquilos da janela da sacada, sabia? — digo em voz alta. — Então, vou te chamar de May. O aniversário dela foi em maio, e acho que ela adoraria você.

O esquilo faz um som, rastejando pela minha perna em direção ao pé. Eu rio quando ele mordisca a ponta do meu sapato, puxando levemente o material.

Suspiro ao ver, com o canto do olho, outro esquilo correndo em nossa direção.

— Ah, meu Deus, há dois de vocês! — eu guincho, mantendo a voz calma. May pula da minha perna e se encontra com seu companheiro. O casal corre atrás um do outro, arrancando outra risada do meu peito. Várias trepadeiras estão penduradas na lateral do trailer, indo diretamente para a escotilha.

Com carinho e tristeza, observo o casal subir as videiras e espremer seus corpinhos fofos para fora da fresta.

— Tchau, May — sussurro, a solidão se instalando em meu ser.

Em vez de deixá-la afundar suas garras em mim profundamente, eu me forço a ficar de pé, minhas costas e pernas doendo.

Não me lembro muito depois de entrar no vagão, exceto que quase torci o

tornozelo, mas devo ter adormecido logo em seguida. Considerando que há um tom azul na luz que aparece, ainda é de manhã, e não mais do que algumas horas podem ter se passado.

Não há dúvida de que ainda estão procurando por mim, e debato a decisão de continuar andando, ou esperar e torcer para que desistam de procurar na floresta. Tenho pavor de chegar ao ponto de não ter mais a proteção do trem abandonado.

Depois disso, estarei ao ar livre, com apenas duas facas de cozinha para me manter segura.

Decidindo seguir em frente, paro um momento para engolir uma barra de granola e beber meia garrafa de água, determinada a comer e beber com moderação. Eu queria jogar essas garrafas de água estúpidas por quase me fazerem ser pega, mas não tenho ideia de quanto tempo vou ficar aqui, então eu preciso delas.

Quando cheguei, não havia efetivamente pensado muito em como sairia. E, agora, realmente me arrependo dessa decisão.

Olho em volta, esperando encontrar algo que me dê um impulso, mas não há nada aqui.

Merda.

Deus? Podemos negociar, ou algo assim? Se você me ajudar a sair daqui, você tem minha permissão para tirar dez anos da minha vida. Vão me sobrar uns cinco anos com todo esse estresse, e estou satisfeita com isso.

Agora que minha mente está mais clara, posso dizer com certeza que, de fato, não quero morrer aqui.

Mas parece que vou.

Outra enxurrada de lágrimas inunda meus olhos, e minha garganta aperta.

Assim que estou prestes a começar a hiperventilar, ouço vozes do lado de fora do vagão. Inalando bruscamente, fico paralisada de terror ao ouvir duas pessoas falando.

Não consigo discernir o que estão dizendo, mas ouço o ruído distinto de um rádio.

Ah, porra, são eles.

A hiperventilação começa.

Levo a mão à boca, de repente com a paranoia de que podem me ouvir respirar através do aço espesso. Olhando para a porta da escotilha, meu coração afunda quando escuto uma voz abafada dizer:

— A escotilha parece aberta.

Absoluto terror me consome, e a única coisa que posso pensar em fazer é

pegar minhas duas facas silenciosamente, segurando uma em cada mão, e seguir em direção ao canto mais distante do vagão, onde a maioria das sombras se convergem.

Obviamente, isso não vai adiantar absolutamente nada quando abrirem a porta e olharem para dentro, mas não há literalmente mais nada que eu possa fazer. Não até que venham aqui.

O som de alguém pulando na lateral do vagão reverbera por todo o metal e ao longo do meu corpo, fazendo meu coração voar para a garganta.

Agarro as facas com força, tremendo violentamente quando ouço o homem rastejar para dentro do vagão.

— Ei! — uma voz chama, alto. O homem faz uma pausa e, com ele bem mais próximo da porta, posso ouvi-lo melhor.

— Quem diabos é você?

Não consigo escutar qual é a resposta da pessoa, mas, seja o que for, o cara não gosta.

— Que porra você acabou de dizer, cuzão? Você não tem nada que estar aqui.

A outra está mais perto agora, embora ainda não consiga entender o que ela diz.

— Eu não dou a mínima se é propriedade privada. Quem diabos é você para me questionar?

Confusa e aliviada, ouço o homem descer do trailer, presumivelmente se afastando com o intruso.

Tento ouvir para além do batimento cardíaco, alto em meus ouvidos, mas não consigo entender uma maldita palavra.

Seus gritos aumentam, embora a maior parte pareça vir do homem que chegou muito perto de me encontrar.

Apenas quando parece que está prestes a se tornar físico, fica mortalmente silencioso por um instante, seguido por um som agudo, de metal se chocando contra metal. Uma bala? Não ouvi um tiro, mas é tão difícil ouvir além do meu batimento cardíaco rugindo.

Parece que um homem diz: *Imbecil* — embora eu não possa ter certeza.

Com os olhos arregalados, encaro a escotilha, meus nervos em frangalhos ao escutar alguém pular de volta na escada do vagão.

Ah, não.

Não, não, não, não.

Ele voltou.

Um soluço sobe pela garganta, abafado pela minha mão, quando ouço o

homem se aproximar ruidosamente da escotilha.

Se ele quiser que eu saia, vai ter que vir me buscar, e não vou sem lutar de jeito nenhum.

Prefiro cortar minha garganta a voltar para aquela casa. Voltar para Xavier.

A escotilha se abre e o vômito sobe pela minha garganta. Estou à beira de desmaiar, até ver seu rosto.

Meus olhos se arregalam ainda mais, o medo rapidamente substituído por descrença.

Um olho azul tão claro, quase branco, com uma cicatriz atravessando-o diretamente. E um olho castanho tão escuro, que parece obsidiana. Ainda posso ver suas feições claramente, mesmo com o capuz preto puxado sobre sua cabeça. E, agora, o alívio absoluto está me encarando.

— Zade?

— *Porra,* amor, fique aí. Não se mova, porra.

— Ela está lá? — uma mulher pergunta urgentemente, seus passos também subindo no vagão agora. Mas estou muito cega pelo choque para prestar atenção. Zade pula para dentro um segundo depois, seu peso reverberando por todo o metal pesado.

Um gemido sai da minha garganta, quase me engasgando de alívio quando tropeço em direção a ele, caindo sobre um emaranhado de membros.

Ele me levanta em seus braços imediatamente, minhas pernas circulando sua cintura antes que ele caia de joelhos, me abraçando com tanta força que mal consigo respirar.

A descrença total me mantém em um aperto e estou arfando ao mesmo tempo em que os soluços saem da minha garganta. Torturam meu corpo tão profundamente, que meus ossos chacoalham com a força.

— Estou aqui, ratinha, estou aqui — ele canta. — Porra, você está tão gelada. — Sua voz falha, e ele nos balança, vibrações rolando através dele enquanto luta para manter a compostura.

Pedaço por pedaço, nós dois desmoronamos, as lascas caindo ao nosso redor em uma cachoeira de angústia. E só sei que, quando Zade pegar nossos pedaços espalhados e nos costurar novamente, estaremos para sempre entrelaçados.

Ele deixa beijos suaves, mas urgentes, em qualquer superfície do meu corpo ao seu alcance. Minha cabeça, bochechas, pescoço e ombros, enquanto suas mãos vagam sem pensar, aquecendo minha pele gelada, embora pareça mais que ele a está adorando.

Não sei quanto tempo ficamos assim, contudo, eventualmente, meu choro

cessa, mas Zade nunca para de me abraçar.

— Addie? — uma voz chama baixinho. Meus olhos se arregalam e minha cabeça se levanta, vendo o rosto de Daya espiando pela escotilha. Sua pele lisa e marrom-escura está molhada pelas lágrimas, e seus olhos verdes estão inundados.

— Ah, meu Deus, Daya — resmungo, mais uma vez dominada pela descrença.

— Vamos te levantar, querida — Zade insiste. — Está frio e o lugar ainda está cheio de pessoas procurando por você.

Eu fungo, limpo o nariz e concordo. Ele me ergue, e Daya agarra minhas mãos, me ajudando a deixar o vagão. Quando saio, ela imediatamente me abraça; seu aperto é quase tão forte quanto o de Zade.

— Nunca mais me deixe — ela chora, a voz trêmula e tensa. Eu aceno, à beira de desmoronar novamente.

Mas, então, uma mulher grita atrás de nós, explodindo em palavras confusas que soam muito como *ah, meu Deus, você a encontrou, ela deve estar congelando*. Ou algo assim.

Daya e eu nos afastamos para ver uma mulher ruiva e um homem que não reconheço correrem em nossa direção. Um momento depois, Zade pula para a escotilha e se levanta com facilidade.

— Você a encontrou! — a mulher grita novamente.

— Jesus, Ruby, não anuncie isso ao mundo. Ainda há pessoas procurando por ela — Zade estala.

Ela acena com a mão, despreocupada.

— Você vai pegá-los.

E ele vai. No chão, estão dois cadáveres, sangrando através do que parecem ser seus peitos.

— Como você…?

—Ele literalmente deu dois passos para o lado e atirou no peito de ambos com uma maldita bala — Daya responde por ele, olhando para mim com um olhar que diz, *ele é louco, mas também meio legal.*

Aproximando-se do trailer, Ruby acena com as mãos, indicando para eu descer até ela.

— Vamos, querida. Eu vou te aquecer.

Apenas a encaro, meu cérebro submerso em uma poça de gelatina, lento para processar o que está acontecendo. Depois que Daya me cutuca suavemente, desço as escadas, trêmula, meus pés quase escorregando nos degraus. A mulher,

que deve ser Ruby, envolve um braço ao meu redor no momento em que meus pés tocam a terra.

— Você está segura agora, querida — ela sussurra, esfregando meu bíceps para me aquecer enquanto me guia ao longo do trem abandonado.

Olho por cima do ombro e localizo Zade alguns metros atrás; seus olhos focados em mim como se estivesse convencido de que vou desaparecer se desviar o olhar por um segundo.

Estou segura agora. No entanto, ainda parece que estou no inferno.

PARTE II

21 de janeiro de 2022

Eu acho que meu corpo não está pronto para aceitar a liberdade. Não parece real. Estou esperando que alguém puxe a cortina e TAM-DAM, ainda estou presa naquela casa. Com o pinto nojento de um homem aleatório na minha cara.

Porra.

Estou livre.

Mesmo assim, eu ainda quero morrer.

Meu batom não é da mesma cor e chorei por causa disso.

CAPÍTULO 23
O CAÇADOR



— Nenhuma boa notícia? — pergunto, cruzando os braços sobre o peito.

Os lábios de Jay se apertam e ele balança a cabeça. Francesca e Rocco Bellucci não estavam em lugar algum quando meus homens chegaram à sua casa. Na verdade, a casa inteira estava vazia, exceto por um homem morto na sala, com a garganta cortada, e alguns homens empilhados do lado de fora, nos degraus da varanda. O que significa que Rio e Rick também fugiram. Suspeito que todos eles tenham ido embora no momento em que descobriram que Addie havia desaparecido, fugindo de lá antes que eu pudesse chegar até eles.

Os vermes são escorregadios, mas não vão conseguir se esconder de mim por muito tempo.

— Como Addie está indo? — Jay pergunta, preocupação gravada nas linhas de seu rosto. Ele olha por cima do meu ombro, como se pudesse vê-la da porta da frente.

É a primeira vez que ele está no Casarão Parsons, e sua linguagem corporal sugere que está pronto para dar o fora. Ele deu um passo para dentro, e a porta da frente se fechou sozinha atrás de si. Desde que Addie voltou para casa, a atividade aumentou. Sua energia tem sido sombria, e o casarão nunca teve calor, para começo de conversa.

Eu queria levá-la de volta para a minha casa, mas Addie recusou, afirmando que estivera trancada em uma prisão por tempo suficiente e não queria entrar em outra. Então, coloquei segurança pesada em torno da propriedade, usando tecnologia avançada – e ilegal – para garantir que nada passe sem meu conhecimento. O que quer que Claire tenha na manga, sabe que não há chance de chegar perto da Parsons.

Depois que a encontrei, levei-a direto para velhos amigos de confiança, Teddy Angler, e seu filho, Tanner. Teddy é um cirurgião aposentado, mas trabalha para a *Z* desde que construí a organização, recebendo todos os sobreviventes que

precisavam de cuidados. Seu filho é enfermeiro e muitas vezes ajuda, agora que Teddy está envelhecendo.

Ficamos com ele por uma semana, para que pudesse tratar as lacerações em todo o seu corpo, a ferida aberta na nuca e enchê-la com soro. Ela estava desidratada, desnutrida e devastada pelo abuso.

Eu me recusei a me afastar do que foi feito a ela, embora tudo o que quisesse fazer era voltar para fora e destruir qualquer um que habitasse aquela casa com meus malditos dentes.

Não tenho certeza se ela ainda se lembra direito de seu período com Teddy. Esteve catatônica durante toda a estadia.

Faz um mês que ela está em casa e, no começo, estávamos cercados de policiais e meios de comunicação. Os policiais solicitavam seus depoimentos e queriam informações sobre o sequestro. E, claro, como Addie é uma autora popular, chamou a atenção da mídia. Não me envergonho de ter perdido a conta de quantos paparazzi ameacei com lesões corporais por tentarem invadir a propriedade.

Eu adoraria fazer um maldito exemplo de um deles. Amarrá-lo no final da calçada, como um lembrete amigável do que acontecerá se mesmo um dedo do pé de um deles tocar o maldito limite da propriedade.

O caos se acalmou, mas deixou Addie ainda mais dentro de si mesma, e tem se confinado em seu quarto, aninhada sob seus lençóis de seda preta como se fosse alérgica ao ar externo. Nas primeiras semanas após o resgate, mal falava.

Addie, muitas vezes, alternava entre a completa desolação, em que olhava fixamente e não demonstrava nenhuma reação, ao choro inconsolável. Uma psicóloga, Dra. Maybell, veio falar com ela algumas vezes para ajudá-la a passar pelo processo, e isso tem ajudado.

Vê-la assim parte a porra do meu coração, e tudo o que eu quero é ajudá-la com os pedaços e dar-lhe algo para se agarrar.

Mas ela não se agarra a nada. Nem deixa eu me aproximar. Se chego a um pé seu, enlouquece. Absolutamente se recusa a me deixar tocá-la, e isso está me matando, porque é a única coisa que quero fazer.

Daya e Serena a têm visitado com frequência, já que Addie fica muito mais confortável com o abraço delas do que com o meu.

— Viva — respondo, embora não tenha certeza de que seja verdade. Ela está respirando, mas não está vivendo. — E, aos poucos melhorando. Ela já está falando e, às vezes, sorri e ri. Ela vai se sentir para cima, para baixo e para os lados por um longo tempo.

Encaro os sulcos profundos em minhas mãos, ainda vermelho brilhante da noite passada.

Todas as noites, ela se debate na cama, gritos saindo de sua garganta e seu corpo se debatendo. Aprendi a ter cuidado ao acordá-la. Algumas noites, ela entra em modo de ataque total. Sem enxergar enquanto me arranha, convencida de que sou um dos demônios que assombram seus pesadelos.

Durante o dia, ela volta a ser um fantasma. Embora isso também não pareça certo – os fantasmas no Casarão Parsons são mais ativos do que ela.

E, para ser franco, estou ficando cada vez mais frustrado. Não porque ela está perdida em seu trauma, mas porque não tenho a porra da ideia de como tirá-la disso.

O desamparo é um sentimento do qual me tornei íntimo. Não posso salvar todas as garotas, mas de forma alguma serei incapaz de salvar Addie, mesmo que de si mesma.

— Ela vai superar, Z — Jay garante, parecendo notar a angústia escurecendo a parte de baixo dos meus olhos.

— Eu sei que vai. Ela é a mulher mais forte que eu conheço — eu concordo.

Jay acena com a cabeça e me entrega um buquê de rosas vermelhas.

— Não quero incomodá-la agora, então dê isso a ela por mim, sim?

— Claro, obrigado, cara — digo, pegando o embrulho de sua mão. Suas unhas estão pintadas de rosa-neon hoje, e já estão descascando.

— Você verificou Katerina?

Jay assente.

— Sim, ela está como Addie agora. Não fala muito e suas emoções são instáveis. Ela é jovem demais e já passou por muita coisa.

Assim que Addie entrou no meu carro, deu dois nomes, junto com um pedido para salvar uma delas de um campo de girassóis. A irmã de Rio, Katerina Sanchez, e sua aliciadora, Lillian Berez.

Não sei por que Addie me pediu para resgatar a irmã de Rio, só que era importante para ela que eu o fizesse. Katerina é uma garota de quinze anos que foi escravizada por uma mulher má. Independentemente de quem seja seu irmão – e o quanto eu queira matá-lo –, não é responsável pelos pecados dele e precisava ser salva.

Assim que cheguei com Addie e a deixei confortável, enviei Michael e outro de meus mercenários para cuidar disso. Se não fosse por Addie, insistindo que Katerina estava próxima a um campo de girassóis, poderia ter demorado muito mais para encontrá-la, mas conseguiram localizá-la em alguns dias e tirá-la de lá.

Ao contrário de Addie, não fizeram grandes esforços para mantê-la escondida.

Agora, ela está em uma das minhas casas seguras, recebendo tratamento para seu extenso trauma.

— Seu irmão ainda está tentando se esconder?

Jay me dá uma olhada.

— Você sabe que sim. Ele ainda está no Arizona. — Quando aceno com a cabeça, ele passa o polegar por cima do ombro e diz: — Vou embora. Deixe-a saber que estou pensando nela.

Ele lança outro olhar para a sala de estar, varrendo os olhos por todos os cantos e recantos, como se um espírito fosse estar lá, o encarando.

Posso sentir os olhos nas minhas costas, mas, quem quer que sejam, não estão querendo aparecer. Jay se vira e fecha suavemente a porta atrás de si, enquanto uma corrente de ar frio passa pela minha nuca.

Ignorando o fantasma, subo as escadas para verificar minha garota. Sua mãe saiu há apenas uma hora, e ela costuma tirar sonecas depois dessas visitas.

O primeiro encontro com Serena Reilly foi… interessante. Addie nunca havia lhe contado sobre mim – o que eu já esperava, considerando que o relacionamento delas estava em frangalhos muito antes de eu aparecer. E, independentemente do fato de eu ter encontrado sua filha, seus sentidos de aranha formigaram, e ela sente o quão perigoso eu sou.

Ela não está errada.

Abrindo a porta, espio para dentro, encontrando Addie sentada, equilibrando seu diário no joelho enquanto rabisca nele como se não conseguisse dizer as palavras rápido o suficiente. Uma onda de alívio inunda meu sistema. Hoje parece ser um bom dia para ela – tão bom quanto é capaz de ser.

Ela não me notou, então eu me inclino contra o batente da porta, contente em observá-la escrever. As portas da varanda estão abertas, deixando entrar o ar fresco e frio. Está congelando aqui, mas ela não parece perceber.

Nos últimos dias, tem escrito nesse diário com mais frequência. Não tenho certeza de onde veio, mas é sua tábua de salvação, e parece estar ajudando-a. Dra. Maybell recomenda diários e merda parecida o tempo todo às garotas que eu resgato. Melhor do que reprimir todas essas emoções e deixá-las apodrecendo e corroê-las lentamente.

Depois de mais alguns minutos, ela pega um tubo de batom, aplica-o cegamente em seus lábios carnudos e dá um beijo no diário. Olhando para mim, ela fecha o diário, o coloca na mesa de cabeceira e pega um lenço de papel para limpar a mancha vermelha em sua boca, finalmente encontrando meus olhos.

— Vejo que você ainda é assustador — ela comenta secamente, amassando o lenço de papel e jogando-o na mesa ao lado.

Sorrio e me aproximo devagar. Ela fica visivelmente tensa, então me sento na ponta da cama e dou espaço a ela.

Sou a favor de empurrar os limites de Addie, mas não é algo que eu esteja disposto a fazer. Apesar dos meus métodos nada honrosos com ela no passado, a última coisa que quero é piorar seu trauma. Ela já passou por bastante; não precisa de outro homem egoísta tirando algo que não está disposta a dar.

Quando ela estiver pronta para me aceitar de novo, não posso prometer que não vou empurrá-la além de sua zona de conforto e me esforçar para despertar uma parte dela que tenho certeza de que sente ter perdido.

Mas isso leva tempo e confiança.

E eu sou um homem muito paciente.

— Para sempre, querida — murmuro, atirando-lhe um sorriso maroto. Parece que meu coração explode quando ela oferece um pequeno sorriso em troca.

Esse pequeno gesto me faz sentir como se ela tivesse acabado de me entregar a porra do mundo inteiro em suas pequenas palmas.

— Jay trouxe rosas para você — digo a ela, entregando-lhe o buquê. Sua mão se enrola em torno dos caules e ela inala as pétalas.

— Foi doce da parte dele. Eu deveria tê-lo conhecido… Ele é seu amigo e ajudou a salvar nossas vidas. Preciso agradecê-lo pessoalmente — ela diz, suas sobrancelhas franzidas com culpa.

Eu lhe havia dado um breve resumo do que aconteceu na noite do ritual – como Jay percebeu que a Society havia armado para mim e foi me avisar. Ele estava parado em uma van a um quarteirão de distância – caso a merda desse errado e precisássemos de uma fuga rápida –, mas quando ele chegou até mim, a bomba já havia explodido. Contudo, ainda não contei quem é a Society, e ela não parece inclinada a entrar no assunto.

Dou de ombros.

— Jay não vai a lugar nenhum, e ele entende que você ainda não está pronta para ver outras pessoas.

Ela bufa secamente.

— As pessoas soam cansativas. E, por falar em tarefas cansativas… eu preciso tomar banho — ela admite, franzindo o nariz.

— Você está fedendo — digo, meu sorriso se alargando quando ela me lança um olhar.

Com mais frequência, tenho visto seu antigo eu aparecer. Às vezes, é uma

careta para algo que eu digo, outras vezes, é um pequeno sorriso; e há momentos como agora – quando ela parece querer me dar um e dois socos na cara.

Absorvo tudo.

— Você deveria dizer que eu cheiro a flores.

— Querida, há flores por aí que cheiram à bunda. Então, com certeza, você cheira como *essas* flores.

Ela me encara por um instante; então seu rosto muda, e um sorriso completo estica seus lábios.

Porra.

Estou tão apaixonado por ela.

— Tudo bem, acho que realmente não posso discutir sobre isso, de qualquer maneira. — Ela olha para a porta que leva ao seu banheiro pessoal. — Não há câmeras lá, certo?

Arqueio uma sobrancelha, apreciando a forma como seus lábios se abrem.

— Eu não as removi.

Ela fica carrancuda.

— Por que não?

Eu sustento seu olhar, garantindo que possa ver o quão sério eu falo.

— Eu não vou monitorar você, Addie. Mas, no segundo que você me der uma razão, eu vou.

Sua sobrancelha abaixa, captando o que quero dizer.

— Eu não vou me machucar.

— Ok — digo, acreditando na sua palavra. — Vou trocar os lençóis, estarão limpos quando você terminar.

Lentamente, ela se arrasta para fora da cama, e a explosão de orgulho é incontrolável. Estou puxando a ponta do lençol de seda quando ela para na porta que leva ao banheiro, espiando por cima do ombro para mim.

— Ei, Zade?

— Sim, querida?

— Obrigada.



— Sua mãe virá aqui amanhã, só para lembrá-la.

Faz apenas alguns dias desde a última visita de Serena, mas está se esforçando para se reconectar com sua filha. Algo pelo qual estou realmente feliz, apesar do quão cansativa ela pode ser.

Addie vira para me encarar, mais uma vez uma pequena bola em sua cama. Por enquanto, ela pretende definhar, mas pretendo canalizar seu trauma para caminhos melhores e mais saudáveis quando estiver pronta.

Suas doces piscinas caramelo me olham, uma leve carranca em seu rosto. Sombras mancham a parte de baixo de seus olhos, tão escuras, que algumas de suas sardas sumiram.

— Ela tem que vir?

Dou de ombros.

— Não. Diga que não quer, e vou trancar as portas.

Ela baixa o olhar, mas não rápido o suficiente para esconder a culpa.

— Foi rude da minha parte dizer isso — admite. — Ela ainda é minha mãe.

Eu me acomodo mais ao seu lado, encostando contra a parede de pedra, com cuidado para não a tocar, embora meu corpo vibre com a necessidade.

Não nos tocamos desde que a encontrei no trem, e cada segundo parece uma facada no peito. Apaixonar-me por Adeline Reilly é um sentimento do qual sou velho amigo, mas esta é a primeira vez que me recuso a agir sobre isso.

— Fale-me sobre ela — eu digo. — Conte-me tudo sobre *você*.

Ela levanta uma sobrancelha, e eu sorrio porque é fofo.

— Quer dizer que você já não sabe tudo sobre mim?

— Claro que não, querida. Não as coisas que importam. Eu posso saber em que escola você se formou, ou onde fez faculdade antes de largar, mas não significa que eu saiba se você era feliz. Se estava sozinha ou triste. Ou se um garoto te encurralou em uma biblioteca e te deixou com medo. — Faço uma pausa, esse cenário em particular me irritando. — Se aconteceu, só preciso de um nome, isso é tudo.

Ela bufa, revirando os olhos.

Addie resistiu à conversa pós-sexo antes de ser sequestrada, com a intenção de me odiar. E, quando parou de me odiar, tivemos apenas algumas noites juntos antes de ela ser levada.

Ela se mexe, se afundando mais nos lençóis, me olhando através de cílios espessos. Meu coração aperta dolorosamente, e eu sinto um desejo incontrolável de beijar cada sarda que pontilha suas bochechas e nariz.

— Minha mãe me odeia — ela começa. — Ou talvez, ela não me odeie, mas ela nunca *gostou* de mim. Acho que é porque nunca me entendeu. Minha mãe é toda sobre ser empertigada, adequada e elegante. Participe de concursos de beleza, case-se com um homem rico e viva luxuosamente. Acho que ela só queria que eu tivesse a vida que ela não pôde ter e, quando fiz o contrário, ela se

ressentiu.

— Pelo menos, você vai acabar se casando com um homem rico — eu comento. Ela me alfineta com um olhar seco.

— Então agora eu nunca poderei me casar com você. É o propósito da minha vida desapontá-la em todas as decisões que tomo.

Arqueio uma sobrancelha.

— Não me subestime, Addie. Eu me tornaria um homem pobre só por você.

Ela balança a cabeça.

— Eu nem sei seu sobrenome. Ou seu aniversário.

Sorrio.

— Desculpe, eu não sabia que essas coisas eram tão importantes.

Ela me encara, evocando toda a ousadia das outras mulheres ao redor do mundo e inserindo-a naquele único olhar. Isso só me faz sorrir mais.

— Não estamos tendo uma conversa franca? Além disso, você continua me ameaçando com casamento. Eu não deveria saber seu sobrenome?

— Isso significa que você realmente vai levar minhas ameaças a sério e se casar comigo?

Ela suspira com resignação. Ela sabe que sim.

— É uma pergunta simples. O tipo de pergunta que qualquer um faria no primeiro encontro. Ou mesmo antes do primeiro encontro, caso o homem acabe sendo um *stalker* obsessivo que mata pessoas.

Inclino minha cabeça para trás, uma risada profunda saindo da garganta.

— Meu aniversário é em sete de setembro — digo a ela.

— Não me surpreende que você seja de Virgem. Próximo — ela pede atrevida, esperando pela minha próxima resposta. Mordo meu lábio, tentado a bater em sua bunda e dar a ela uma razão para ser atrevida.

— Meadows, querida. Nosso sobrenome é Meadows.

— *Seu.* Não se precipite. É esperado que você implore.

Não há como parar o sorriso selvagem inclinando os meus lábios.

— Eu *amo* implorar.

— Que seja, rasteje. Estávamos falando sobre minha mãe, não sobre casamento.

Fico confortável, totalmente de frente para ela, apoiando minha cabeça na mão. Seus olhos vibram quando coloco meu dedo sob seu queixo, exigindo sua total atenção. Gentilmente, ela se afasta, mas não deixo isso me incomodar. É um começo.

— Sua mãe não te odeia, Addie. Ela se odeia. E ela não se ressente de você

por não viver a vida que ela queria para si mesma, ela se ressente porque você vivia a vida que queria e ela, não.

Ela me observa, parecendo contemplar isso.

— A melhor coisa que você pode fazer é continuar vivendo essa vida, ratinha. Continue sendo uma autora de sucesso que adora filmes de terror e festivais mal-assombradas. Que ama sua Nana e o casarão gótico que herdou, e que fica animada com os fantasmas que andam pelos corredores. Você nunca teve remorso algum em ser você.

Ela franze o nariz como se estivesse enojada.

— Então, você é sábio também? — ela zomba, um som de aversão, embora haja um leve brilho em seus olhos. — Desprezível. No que você é ruim?

Meu sorriso se torna lascivo, apreciando a forma como o vermelho tinge suas bochechas.

— Eu sou muito ruim em muitas coisas. E ouvi dizer que a prática leva à perfeição.

Ela geme e me empurra, e eu rio quando ela se vira, as costas para mim. Nós dois sabemos que ela também está rindo, mas ainda não está pronta para admitir.

Tudo bem. Não tenho nada além de tempo.

18 de fevereiro de 2022

Uma vez, Sydney disse à Francesca que eu desenhei nas paredes com uma caneta permanente. A imagem era de uma pessoa palito com a cabeça arrancada. Havia uma mancha vermelha por todo o desenho, e depois descobri que Sydney estava menstruada.

Claro que eu fui culpada por isso. Francesca me fez limpar o sangue com a minha escova de dentes.

Não se preocupe, não usei mais depois disso. Rio me deu outra, escondido, e ninguém ficou sabendo. Eles acharam que estava escovando meus dentes com a mesma escova com que esfreguei o sangue.

Considerei afiar a ponta dessa escova de dentes, como se eu tivesse em uma prisão de verdade, e apunhalar Sydney nos olhos com ela. Aí sim, eu realmente desenharia nas paredes, exceto que a figura estaria sem os olhos, e seu sangue cobrindo todo a imagem.

Isso, sim, seria engraçado.

CAPÍTULO 24
O DIAMANTE



— Eu tenho uma pergunta embaraçosa — começo, e quase me arrependo de dizer qualquer coisa, quando Zade sorri com malícia para mim. Ele provavelmente pensa que vou pedir a ele para fazer algo estranho.

Esta será a primeira vez que estou planejando deixar a propriedade desde que voltei para casa, e minha ansiedade está alta. Faz pouco mais de uma semana desde que falei com Zade sobre minha mãe, e isso me fez sentir… melhor. O suficiente para levantar todos os dias, tomar banho, caminhar até o penhasco, tomar um ar fresco e simplesmente… viver.

Acho que cheguei ao ponto em que preciso me sentir humana novamente, mas há uma preocupação incômoda na minha cabeça, que me impede de senti-lo.

— Pode… você se importaria de me levar para a clínica?

Normalmente, eu mesma dirigiria, mas a ideia de ficar atrás do volante novamente me faz ter urticária. Meu carro foi destruído no acidente e, embora Zade tenha me comprado um novo, dificilmente consigo entrar nele sem ter uma crise de ansiedade. Além disso, está faltando a mancha de ketchup no teto, e sinto falta dela. Ainda não me lembro de onde veio, mas tenho certeza de que foi de uma batata frita que voou depois que passei com muita força em uma lombada.

Então, de qualquer forma, decidi que Zade me levar causaria mais aborrecimento, mas menos pânico.

Seu rosto relaxa, e acho que ele sabe o que estou pedindo.

— Claro, querida — ele concorda, acenando para a porta. — Estarei no carro.

Ele se levanta, então para e olha para mim.

— E, a propósito, nada é estranho entre nós. Se você precisar que eu arranque um pelo da sua bunda, eu faço. — Ele dá de ombros, — Ou, você sabe, tirar um pelo encravado na sua vagina.

Minha boca cai aberta, mas meus olhos se estreitam e eu cruzo meus braços.

— Quanta merda você me viu fazer quando estava sendo um esquisito?

Seu sorriso só aumenta em resposta antes que ele saia pela porta.

Eu juro que o odeio.

Mas estou grata por ele não fazer perguntas. Como se diz: *ei, eu quero fazer um teste de DSTs porque tive um monte de paus em mim* sem que pelo menos uma pessoa se sinta desconfortável? Realmente não soa certo, não importa como você o diga.

Serei eternamente grata por Francesca forçar Rocco e seus amigos a usarem camisinha, exceto pela primeira vez que Rocco me agrediu. Ela disse que seríamos inúteis se pegássemos alguma doença. Mas era inútil de qualquer maneira – eles certamente não usavam camisinha quando nos forçavam a fazer oral. Acho que isso fazia Francesca sentir que estava sendo responsável.

De acordo com Rio, houve um incidente muito antes de eu chegar, quando um dos caras transmitiu sífilis para todas as meninas. Desde então, Francesca tem sido diligente sobre serem testados se quiserem participar de nossas "lições", mas eu não confiaria em nenhum deles para realmente manter seus paus limpos.

Xavier também usava camisinha, mas houve uma ocorrência em que estourou. Mordo meu lábio, ansiedade queimando só de pensar naquela chance minúscula de eu ter engravidado mesmo assim, apesar de ter um DIU. É improvável, mas não impossível.

Meu coração aperta, imaginando o olhar de nojo no rosto de Zade ao descobrir que estou grávida com o bebê de outro homem.

Eu já o conheço bem o suficiente para saber que ele não me dirigiria um olhar desse, mas a imagem me atormenta de qualquer maneira.

Não o culparia se o fizesse. Esse desgosto é o que sinto toda vez que olho no espelho. É por isso que costumo evitá-lo a todo custo.

Vou fazer um teste de gravidez e, se tiver azar, vou me jogar do prédio em seguida.



Estou fora de casa há um total de duas horas e quarenta e sete minutos, e estou exausta. Ainda ansiosa e nauseada pela possibilidade de estar tão suja quanto me sinto.

— Parece que você precisa de sorvete — Zade anuncia, a palma da mão no volante enquanto faz uma curva à esquerda. Isso é… sexy. Assistir Zade dirigir é como preliminares.

Pior ainda: hoje ele está vestindo uma jaqueta de couro sobre o moletom, e

ainda não consegui descolar minha língua do céu da boca.

Eu pisco, a perda de sangue me deixando um pouco tonta. Pedi à médica para me testar para cada DST conhecida pelo homem – especialmente herpes, já que é uma das mais assustadoras e silenciosas –, e perdi a conta de quantos tubos de sangue extraiu. Ela olhou para o código de barras no meu pulso quase o tempo todo e, depois que a gaze estancou o sangramento, colocou um *band-aid* com carinhas sorridentes no meu braço. Eu ri e, em seguida, chorei quando o teste de gravidez deu negativo.

— Sorvete? — eu ecoo estupidamente.

— Você gosta de sorvete?

— Eu-bem, sim — gaguejo, meu cérebro lento para acompanhar a aleatoriedade.

— Qual é o seu sabor favorito?

— Chocolate com menta — respondo, observando-o fazer outra curva. Ele está indo na direção oposta a Parsons agora, e acho que vai para Lick n' Crunch, a alguns quarteirões de distância, uma loja familiar que vende o melhor sorvete em Seattle.

O pensamento de tomar sorvete com Zade é tão normal e mundano, que parece a coisa mais emocionante inventada desde o pão de forma fatiado. E assistir a Zade lamber uma casquinha de sorvete provavelmente será tão estranho quanto quente.

— Então, pasta de dente?

Eu suspiro.

— *Et tu, Bruto*? Não é *pasta de dente*. O gosto não chega nem perto disso.

Um sorriso surge em um lado da boca de Zade, e seus olhos brilham quando ele entra no estacionamento. O idiota está apenas tentando me irritar.

— É como pasta de dente — ele reafirma, embora eu não tenha certeza se realmente acredita nisso. Ele parece muito travesso, mas não posso deixar de discutir de qualquer maneira.

Desafivelo o cinto e giro em direção a ele, meus olhos se estreitando.

— Hortelã é uma iguaria, e você é apenas um simplório, incapaz de apreciá-la.

Ele ri abertamente, parando o carro no estacionamento. Hortelã não é uma iguaria – muito pelo contrário, na verdade –, mas vou insistir que é.

— Você está dizendo que preciso refinar minha paleta de alimentos?

— Obviamente — respondo, seca.

Ele se inclina para perto, o couro gemendo sob seu peso, e minha respiração falha, todos os meus sentidos invadidos pela pura intensidade que envolve este

homem. Seu cheiro me cerca, fazendo-me endurecer enquanto seus lábios mal roçam a lateral do meu queixo.

— Sua boceta é uma iguaria, querida, e eu poderia comê-la para sempre e nunca me cansaria do seu gosto. Isso é refinado o suficiente?

Um rubor sobe pelo meu pescoço, queimando um caminho para minhas bochechas, enquanto minha boca se abre em choque. Estou muito envergonhada pelo guincho traidor que sai da minha garganta, apenas fazendo com que minhas bochechas fiquem mais quentes. Ele ri, então sai do carro em um piscar de olhos. Observo os arredores, tentando localizar onde meu coração caiu.

Certamente essa é a única explicação do porquê me sinto tão vazia, agora que ele se foi. Ou o idiota levou com ele.

Suspiro.

Isso é definitivamente o que aconteceu.



O horário de verão está se aproximando, aliviando o mundo de suas garras depressivas. Algo sobre o pôr do sol antes das cinco da tarde realmente atrapalha o seu dia.

Ainda está frio lá fora, mas estamos sentados em um banco do lado de fora do Lick n' Crunch, observando as pessoas e congelando enquanto como minha sobremesa, devagar.

Zade também pegou uma casquinha de chocolate com menta para si, e ele sorriu mais largo do que o maldito Gato de Cheshire quando apenas encarei.

— Meu mundo inteiro gira em torno de você. Se você quer chocolate com menta, então é isso que eu quero também — ele disse.

— Você *gosta* mesmo?

— Eu gosto de você, isso conta?

— *Não*.

Ele apenas foi e se sentou, uma expressão satisfeita em seu rosto ao lamber o creme doce. Não pareceu enojado, e admito que passei metade do tempo tentando descobrir se ele está brincando comigo ou se realmente gosta do sabor.

Ainda não descobri qual dos dois.

Atirando-lhe um olhar estreito quando ele me pega observando e pisca de volta, eu me afasto, antes que ele possa ver o sorriso ameaçando curvar meus lábios.

As pessoas estão embrulhadas em seus casacos, movimentando-se pela rua e

entrando e saindo das lojas.

Minha atenção se fixa em uma pessoa andando pela rua, tem traços masculinos e está vestida com um volumoso vestido roxo. Então, eu realmente sorrio. Minha mãe torcia o nariz para os excêntricos de Seattle, mas sempre admirei a confiança e a capacidade de se sentirem confortáveis com quem são.

— Espero que esteja feliz — murmuro. Quando Zade me olha com curiosidade, aceno para o indivíduo de vestido roxo. — Este mundo pode ser tão cruel. Então, espero que a pessoa esteja feliz.

Zade fica quieto por um instante.

— A felicidade é passageira. Tudo o que importa é se estão vivendo a vida do jeito que querem.

— Você acredita nisso? — pergunto, encarando-o. — Que a felicidade é passageira?

Ele dá de ombros, jogando o último pedaço de sua casquinha na boca, e mastiga enquanto contempla alguma coisa.

— Absolutamente — ele diz, por fim. — Não é algo sólido, que você possa segurar. É vapor ao vento, e tudo o que você pode fazer é inalá-lo quando estiver próximo e torcer para que ele volte quando for embora.

Eu aceno, tendo que concordar com isso.

Tremendo, como o resto da minha casquinha, a brisa gelada agitando meu cabelo, fazendo os fios voarem. Zade os pega e junta o meu cabelo até que está todo nas minhas costas. Não consigo deixar de ficar tensa, embora não o impeça. Ele tira sua jaqueta de couro e a envolve em volta de mim, prendendo meu cabelo esvoaçante sob o calor pesado.

— Obrigada — sussurro, me enrolando ainda mais na jaqueta, tomada pela emoção, por um motivo que não consigo explicar. Sua jaqueta cheira a couro, especiarias e uma pitada de fumaça e, ao inalar sua fragrância reconfortante, lágrimas queimam a parte de trás dos meus olhos.

Talvez porque, neste momento, eu me sinta melhor do que me sentia em tanto tempo, que me faz querer chorar.

Ele me dá um sorriso suave, seus orbes incompatíveis brilhantes. Mesmo a cicatriz que corta seu olho claro não pode tirar o quão em paz parece se sentir agora.

— De nada, querida.

Meu coração bate forte, e finalmente reconheço por que me sinto tão emocionada.

Voltando-me para observar a cidade, inclino minha cabeça em seu ombro e

inspiro profundamente.

Essa felicidade pode ser passageira, mas nunca tive tanta certeza de que voltará.

2 de março de 2022

Quando fui sequestrada, eu esperava que tirassem muito de mim. Primeiro, minha sanidade. O que definitivamente conseguiram.

Mas o que eu não esperava que tirassem de mim era minha capacidade de ser tocada por Zade. Eu quero dizer, não me entenda errado, faz sentido. Mas a única coisa a que eu nunca seria capaz de resistir era o toque de Zade.

E agora, quero atear fogo em mim mesma todas as vezes em que ele me toca.

Não é justo da minha parte. Apenas não quero ser tocada. Faz toda a porra da minha pele formigar. Simplesmente pensar nisso me lembra de todas as mãos sujas que tocaram meu corpo inteiro.

Um dos amigos de Rocco costumava passar creme na minha pele porque estava **obcecado** com o quão macia era. Ele vinha apenas para fazer isso, e eu nem tinha que tocá-lo em troca. E tudo em que eu conseguia pensar era naquele filme com Hannibal Lecter. “Passe a loção na pele ou pegue a mangueira de novo.”

Porra, acho que o amigo de Rocco é pior. Era como receber uma massagem muito ruim de um viciado de quarenta anos que não conseguiria encontrar o clitóris nem se estivesse coberto de coca. E, mesmo assim, não encontraria.

CAPÍTULO 25
O DIAMANTE



— Posso te levar a um lugar? — Zade pergunta. Acabei de sair do chuveiro, puxando uma escova pelo meu cabelo molhado e emaranhado. Passo as cerdas através de um nó particularmente brutal, sem me importar com a forma como os fios se quebram.

— Querida, você está machucando seu cabelo. Deixe-me escová-lo.

Sentindo-me derrotada, deixo os ombros caírem, me arrasto até ele e me sento no chão entre seus joelhos abertos.

Ele pega a escova de mim e gentilmente começa a passá-la pelas mechas ensopadas, desembaraçando devagar o esfregão na minha cabeça.

É prazeroso, mas estou cansada demais para apreciar.

Mais duas semanas se passaram, e é uma batalha constante de altos e baixos. Acontece que um dos homens me transmitiu clamídia, o que só cimentou a sensação de sujeira arraigada profundamente em meus ossos.

Chorei, confessei meu diagnóstico a Zade e chorei ainda mais quando ele não me deu nada além de apoio. Fui tratada, mas aquela repulsa persistente permanece, afundando suas garras em meus tecidos.

Ele deve ter usado todas as palavras da língua inglesa para me assegurar que não sou nojenta ou que não me vê de forma diferente, mas isso não mudou como eu me vejo.

Zade estava certo. A felicidade é passageira; no entanto, nas últimas semanas, fez tudo ao seu alcance para me ajudar a manter qualquer aparência de paz.

Terminando com a escova, ele a coloca na cama e junta meu cabelo. Quase engasgo quando ele começa a trançar.

— Onde diabos você aprendeu a fazer isso? — pergunto. Estou tentada a girar como um cachorro perseguindo o próprio rabo, apenas para poder testemunhar isso.

— Ruby me ensinou — ele responde calmamente. — Houve uma jovem que

eu salvei há alguns anos, e ela não deixava ninguém a tocar, além de mim no começo. Adorava tranças no cabelo, então aprendi a fazê-las para ela. Fiquei bom pra caralho nisso, também.

Meu lábio treme, e sou forçada a chupá-lo entre os dentes para conter o soluço.

Desgraçado.

Justo quando eu acho que não posso me apaixonar por ele mais do que já me apaixonei, ele vai e faz essa merda.

Não há como negar que será um ótimo pai um dia e, embora o pensamento me assuste, não quero que ninguém, além de mim, tenha o privilégio de ver isso acontecer.

— Ah — sussurro.

— Me dê o elástico — diz ele. Levanto meu braço, e ele o puxa da minha mão e amarra a trança.

— Obrigada — murmuro, me levantando e me virando para encará-lo. Estou em uma estranha guerra interna, onde quero rastejar para o seu colo, mas o pensamento de realmente fazê-lo me faz explodir em urticária. — Para onde você queria me levar?

— Eu quero te mostrar uma coisa… alguém, também. Pensei que talvez ver isso pudesse… te ajudar.

Minhas sobrancelhas se erguem, mas concordo, curiosa sobre o que ele acha que poderia me ajudar. No que me diz respeito, sou uma causa perdida. Sem esperança. Desamparada. E todos os outros sinônimos para essas palavras, também.

Durante a viagem de quarenta e cinco minutos, Zade me conta tudo sobre como foi suspenso no ensino médio e quase não se formou. Era apenas uma brincadeira de último ano – ele bombardeou toda a escola com purpurina, e tiveram que passar o resto do ano cercados por brilhos cor-de-rosa.

Um dia desses, vou ter que fazê-lo me mostrar fotos de seu eu mais jovem. Ele diz que sempre teve heterocromia, e eu só posso imaginar o quanto as mulheres adoravam isso.

Eventualmente, paramos diante de um portão enorme, com vários guardas armados do lado de fora. Assim que avistam o carro de Zade, eles o deixam passar sem hesitação.

Nós nos dirigimos por uma longa entrada de terra, que leva ao que parece ser uma minialdeia. Há um prédio enorme e comprido no centro, com vários outros menores ao redor.

Há, também, uma estufa enorme, onde está a maior parte da atividade. Pessoas circulam, carregando cestas de frutas e legumes. Um grupo de garotas caminha lado a lado, rindo e sussurrando umas para as outras enquanto vão em direção a um dos prédios menores. Todos são crianças ou mulheres, pelo que posso ver.

— Onde estamos?

— É para cá que os sobreviventes vêm se não tiverem um lar seguro para onde voltar.

Meu olhar vai para ele, e, rapidamente, de volta para o meu entorno, observando tudo com uma perspectiva totalmente nova.

— Sério? Quantos estão aqui?

— Cento e trinta e dois sobreviventes — ele responde, e o fato de saber o número exato faz uma merda estranha ao meu coração. Uma merda a qual não consenti.

— Tem espaço para quantas pessoas?

Ele dá de ombros, estacionando do lado de fora do maior dos prédios.

— Para quantas precise. Eu possuo centenas de hectares, então, se precisar construir outro dormitório, eu o farei.

Eu pisco.

— Você realmente é muito rico, não é?

— Claro, mas isso volta para a minha organização.

Boquiaberta em admiração, eu examino a área, surpresa com o quão… pacífica ela parece.

— Essas são as únicas casas seguras que você tem?

— Não, estão por todo o país. Eventualmente, *Z* vai se expandir para outros países, e eu vou começar a construir lá, também, e oferecer um lugar seguro para os sobreviventes.

— Como você mantém isso escondido da Claire?

— Eu fiz grandes esforços para tornar impossível rastrear qualquer um dos meus ativos. Tudo está sob um pseudônimo que não se liga a mim de forma alguma. Há, também, uma concentração incrível de segurança e é uma zona de exclusão aérea para aeronaves. Este é o lugar mais seguro em que alguém poderia estar, eu me certifiquei disso.

Balanço a cabeça, sem palavras. Eu me lembro dele dizer, anteriormente, que oferece uma casa para aqueles que não tinham uma, mas ver isso apenas cimenta o quão incrível Zade realmente é. Apesar de suas tendências psicopáticas, ele faz algo que ninguém fez antes.

— Vem cá, querida. Há algumas pessoas que eu quero que conheça.

Eu franzo a testa, sem saber quem poderia ser, mas o sigo para fora do carro de qualquer maneira. Enquanto estamos andando por um caminho, vemos Ruby vindo em nossa direção, um grupo de crianças correndo atrás dela, rindo ao tentarem acompanhá-la. Quando nos vê, ela grita de emoção, acelerando seus passos.

— Oh, meu Deus, Addie, você está tão linda! — ela tagarela alto. Quando está perto o suficiente, me envolve em um abraço caloroso e, por um momento, fico atordoada demais para reagir. Eventualmente, envolvo meus braços ao seu redor, e como se não bastasse o embaraço, sinto um pouco de vontade de chorar.

Ela se afasta, tagarelando um pouco mais.

— Você veio para ficar, querida?

— Ah, não, ele está apenas me mostrando o lugar — respondo.

— Bem, você terá que visitar mais vezes. Esses garotinhos são bons para a alma.

Eu sorrio, olhando para as três meninas e um menino de pé em um círculo e balbuciando um para o outro. Acho que acredito nela. Eles são adoráveis, e posso ver como um lugar como este seria reconfortante.

— Eu acho que vou — digo, suavemente.

Ruby nos deixa passar em seguida, e Zade me direciona para dentro da estufa.

Faço uma pausa, perdendo o fôlego ao absorver tudo.

A névoa se apega ao ar, revestindo a vida vegetal com orvalho, enquanto pontos brilhantes de cor quebram o verde sem fim.

Só pode ser descrito como uma selva contida, sem os animais selvagens. Embora eu quase retraia essa afirmação quando dois garotinhos passam correndo por mim, rindo loucamente, com enormes nabos em seus pequenos punhos. Uma mulher os persegue, implorando para que parem de correr.

Zade pega minha mão e me leva para onde duas jovens cavam o solo, plantando sementes.

— Katerina Sanchez — Zade chama baixinho, e meu coração para quando a cabeça de uma garota vira para o lado, um rosto familiar, embora feminino e mais jovem, me encarando, e um dos seus olhos está permanentemente fechado.

— Ah, meu Deus — sussurro, paralisada enquanto as sobrancelhas da garota se unem, confusa sobre quem somos.

— Sim? — ela diz, cautelosamente.

Zade sorri.

— Meu nome é Zade. Ainda não tive a chance de me apresentar, mas eu… — Ele se interrompe abruptamente quando a garota remove as luvas e então, o

abraça. Embora surpreso, ele se recupera com rapidez e envolve seus longos braços ao redor dela, acariciando suas costas de modo gentil.

— Você é o responsável por me tirar de lá — ela diz em seu peito, suas palavras abafadas. — Muito. Obrigada.

Ele ri.

— Eu acho que você deveria estar agradecendo à mulher que está atrás de você. Foi ela quem me disse para ajudá-la.

Sem hesitar, a garota se vira para mim e me abraça em seguida, apertando mais forte do que eu esperava. Por mais que tente segurar as lágrimas, não consigo. Elas se soltam, e um gemido escapa enquanto eu a seguro com força.

— Foi o Rio? — ela pergunta baixinho, sua voz marejada pelas próprias lágrimas.

— Sim — assobio. Ela se afasta o suficiente para dar uma boa analisada no meu rosto, seus olhos castanho-escuros traçando minhas feições.

— Como você o conheceu?

Olho para Zade, mas ele não parece incomodado com a conversa, mesmo querendo matar o irmão dela.

— Ele… ele estava na casa em que eu estava quando fui sequestrada. — Limpo minha garganta. — Ele cuidou de mim e me ajudou a fugir.

Seu lábio treme.

— Ele não é uma pessoa muito boa — diz ela, e estou tão surpresa que rio. — Mas ele não é uma boa pessoa por ser um ótimo irmão. Ele se sacrificou muito por mim.

Eu concordo, enxugando minhas bochechas, embora seja inútil porque mais algumas lágrimas escorrem.

— Eu não acho que as pessoas sejam preto ou branco, Katerina, mas sei que o amor dele por você é.

Ela sorri e acena com a cabeça, aceitando isso facilmente.

— Eles tiraram meu olho porque ele tentou escapar de Francesca. Eu tinha dez anos, nossos pais tinham acabado de morrer no ano anterior, e ele estava preso com aquela mulher má. Ele nunca se perdoou e, embora eu não o tenha visto desde então, sei que ele fez tudo o que lhe foi pedido para que eu não me machucasse.

— E você? — pergunto. — Você foi ferida novamente?

Ela balança a cabeça, mas há uma escuridão girando em seus olhos.

— Lillian não era muito legal, mas ela não me machucava mais. — Algo me diz que, embora *ela* não fosse mais machucada, outras garotas eram.

Ela ficou presa naquela casa por pelo menos cinco anos – só posso imaginar os horrores que testemunhou.

— Katerina, posso perguntar por que eles, uh, precisavam tanto do Rio? O suficiente para usá-la como garantia?

É algo que tenho me perguntado desde que Rio me contou sobre ela. Por que eles iriam tão longe a ponto de usar sua irmã como moeda de troca para que trabalhasse para eles? Poderiam encontrar muitos homens dispostos a cumprir suas ordens, se lhes oferecessem a quantia certa de dinheiro.

Ela engole.

— Eu acho… acho que ele era o… favorito de Francesca.

Eu franzo a testa, sem ter certeza do que ela quer dizer.

— Como guarda favorito ou…

Ela balança a cabeça, apertando os lábios.

— Eu ouvi Lillian dizer coisas desagradáveis sobre eles. Sobre o quanto Francesca gostava do jeito que Rio… cuidava dela.

Minha boca se abre, a compreensão me atingindo.

— Oh.

Então, meus olhos se arregalam, outra conclusão surgindo.

— *Ah*.

Francesca estava fodendo Rio. Mas tenho a sensação de que não era mútuo. Ela o estava estuprando, independentemente de sua submissão, e parece que era bastante apegada a ele.

Meus olhos vão para Zade, sua expressão tensa. Uma tristeza avassaladora passa por mim, confundindo ainda mais meus sentimentos em relação a Rio. De certa forma, ele se tornou meu amigo enquanto estive presa naquela casa. E, por mais de dois meses, fui forçada a fazer coisas contra minha vontade, sem nunca perceber que Francesca ordenava que ele fizesse o mesmo.

Há uma parte de mim que ainda se apega a esse ódio, mas está enfraquecendo.

Ele me sequestrou. Entregou-me para os lobos impiedosamente e permaneceu parado enquanto homens sem rosto me quebravam repetidas vezes. No entanto, ele recolheu os pedaços depois. Pegou-os em suas mãos e os carregou para o meu quarto, onde meticulosamente os encaixou de volta – por mais desleixados que estivessem.

Quero odiá-lo. Mas não sei odeio.

— Obrigada por me contar sobre isso — eu digo com suavidade.

Seu lábio inferior treme.

— Sei que perdi um olho, mas acho que Rio perdeu muito mais do que eu.

Espero que ele esteja bem e seguro, onde quer que esteja.

Eu pisco para conter as lágrimas frescas e aceno com a cabeça.

— Eu também.

Deixamos Katerina voltar para sua jardinagem, depois de prometer que eu a visitaria novamente. Sentindo meu tumulto interior, Zade se mantém quieto ao me levar para outra parte do santuário. Há duas meninas cuidando de galinheiros, recolhendo os ovos sob as galinhas.

Eu me sobressalto, me detendo quando uma delas se vira, e dou uma boa olhada em suas feições.

— Jillian — suspiro. Ela se volta ao som de seu nome, e seus olhos saltam de sua cabeça.

— Ah, meu Deus — diz ela, seu sotaque se acentuando com o choque. Ela, então, pousa a cesta de ovos de qualquer jeito e corre em minha direção.

Nós nos encontramos no meio do caminho, os braços instantaneamente se envolvendo em um abraço feroz.

Devido aos jogos mentais de Francesca, mal podíamos olhar uma para a outra quando ela e Gloria foram vendidas. Mas tudo isso desaparece imediatamente, agora que estamos livres.

Minha visão fica embaçada e, ao nos afastarmos, posso ver lágrimas também nadando em seus olhos.

— Como você está? — sufoco, rindo quando seu nariz enruga.

— Tão bem quanto poderia estar, o que não quer dizer muito — ela responde.

Eu aceno.

— O mesmo. Meio que parece uma morte lenta.

Seus lábios torcem, e ela dá de ombros, tentando parecer despreocupada.

—Também sinto isso. Tenho visto a Dra. Maybell, no entanto. E tudo isso — Ela gira o dedo, gesticulando para a fazenda —, também tem ajudado muito. Estar cercada por outras pessoas com experiências semelhantes e ter algo para me manter ocupada me impede de entrar em espiral. Antes, eu estava nas ruas, e parte de mim não queria ser resgatada, porque teria que voltar para lá. Então, isso… isso realmente me salvou.

Ela olha para Zade, claramente desconfortável com sua confissão, mas ela apenas endireita a coluna, em vez de se esconder. Compartilhar sentimentos é… difícil.

— Feliz em ajudar — Zade diz simplesmente, seu rosto suave, mas seus orbes brilhando com calor.

Ele é um assassino a sangue-frio, mas derrete facilmente sob o olhar

esperançoso de um sobrevivente. Isso o afeta tanto quanto a mim, porque quando você está presa e aterrorizada, a esperança é a primeira coisa que perde – e a mais devastadora. Então, recuperá-la… esse é um dos melhores presentes que poderíamos pedir.

Meu lábio treme, e não consigo decidir se quero abraçá-la outra vez ou me virar e dar um grande beijo em Zade. Estou incrivelmente feliz por Jillian, e parece que algumas das rachaduras na minha alma se remendam um pouco mais.

Encontramos um lugar perto de um dos currais e conversamos por uma boa hora, enquanto Zade ajuda a outra garota com as galinhas, nos deixando sozinhas. Ela me conta um pouco sobre sua vida antes de ser levada, e eu lhe conto sobre a minha. Ela me fez prometer trazer-lhe uma cópia autografada de um dos meus livros, o que honestamente quebrou meu coração tanto quanto o consertou. Sinto falta de escrever, mas sei que ainda não estou pronta para isso.

Eventualmente, deixamos Jillian com seu trabalho enquanto Zade me mostra o resto da pequena vila. Há salas de aula para as crianças, oficinas para as mais velhas e muitas atividades para dar a todos algo para alcançar. Aos adultos também são ensinados habilidades e ofícios que lhes permitirão conseguir empregos, além de lhes prover práticas para a vida e dar-lhes as ferramentas necessárias para se sustentarem.

Ninguém é obrigado a ir embora, claro; mas a última coisa que Zade quer é tirar das pessoas a sua independência. Por isso, aqueles que desejarem sair, experimentar o mundo e levar uma vida normal, podem fazê-lo.

Há, inclusive, um estábulo com cavalos, oferecendo equoterapia para os sobreviventes. E, obviamente, vários terapeutas no local, sendo a Dra. Maybell um deles.

Minha memória de quando voltei para casa é um pouco irregular, mas nunca me esqueci de seu calor. As poucas vezes em que ela visitou, ajudou mais do que eu percebi. E, em breve, pretendo vê-la novamente e com mais frequência.

Passamos horas brincando com as crianças e conversando com outros sobreviventes. Eu até conheci Sarah, a garotinha que ainda insiste muito para que Zade se torne seu pai. Seus olhos eram uma bagunça quente e pegajosa ao me observarem enquanto Sarah pulava em cima dele e, por um segundo insano, eu quase disse “sim” ali mesmo.

Ele vai ser um ótimo pai um dia, mas esse dia não é hoje. Não quando ainda estou aprendendo a juntar os cacos sem me cortar.

No momento em que volto para o carro, estou sobrecarregada de emoção. Desde ver o que Zade construiu e como é lindo pra caralho, até me encontrar

com Jillian e ouvir sobre Rio – estou uma bagunça.

— Ainda quer matá-lo? — pergunto, sem me preocupar em esclarecer. Ele sabe de quem estou falando.

— Sim — ele admite.

— Mesmo depois de conhecer sua irmã e ouvir que ele também sofreu?

Ele permanece em silêncio por um instante.

— O sofrimento de uma pessoa não justifica a dor que ela inflige a outras.

— Você está certo, mas ele tampouco teve escolha — argumento.

Zade aperta a mandíbula, saindo da vaga de estacionamento e descendo a estrada de terra.

— Querida, não há uma boa resposta para isso. Se você quer que eu o perdoe, isso nunca vai acontecer. Ele é diretamente responsável por quase matá-la em um acidente de carro, sequestrá-la e levá-la para um lugar onde foi repetidas vezes estuprada e abusada. O que você quer que eu diga, porra? Que ele é uma vítima também, e tudo está perdoado?

Fecho minha boca. Assim como as pessoas não são preto e branco, nossas emoções em relação a elas tampouco o são. Rio me causou muita dor e, independentemente da pessoa que conheci naquela casa, Zade não experienciou o mesmo. Não conheceu Rio como eu, então, a única coisa que verá é o homem que ajudou a arruinar minha vida. Não posso culpá-lo por isso. Especialmente quando acho que também não perdoaria se os papéis fossem invertidos.

— Sinto muito — digo.

Ele suspira.

— Você não tem nada para se desculpar, ratinha.

Os portões se abrem para nós, e ele sai para a estrada.

— Você pode me levar para mais um lugar? — pergunto.

— A qualquer lugar — ele responde.

Ergo meu braço, mostrando a ele o código de barras que Rio tatuou no meu pulso.

— Quero fazer uma tatuagem.

Ele sorri.

— Do meu nome?

Eu bufo.

— Continue sonhando, amigo.

14 de março de 2022

Zade tentou ao máximo me convencer de tatuar seu nome no meu pulso, mas eu lhe disse que isso é uma maldição para todos os relacionamentos. Ele até ofereceu tatuar o meu nome na sua bunda e, por mais tentada que fosse, recusei.

Ao invés disso, fiz uma rosa elaborada que cobriu completamente o código de barras, o caule rodeando o meu braço. Eu disse a Zade que tenho a minha própria rosa eterna, e estou certa de que seus olhos ficaram um pouco vítreos.

É linda e sinto como se eu estivesse dando um outro passo na direção certa.

Quase todas as mulheres e crianças na casa segura também têm códigos de barras tatuados. Alguns foram cobertos, mas a maioria, não. Algumas escolheram manter a marca como uma lembrança, assim como Zade faz com suas cicatrizes.

Outros, como eu, querem seguir adiante dessa parte de suas vidas.

E, pela primeira vez desde que estou de volta à minha casa, eu me sinto um pouco mais leve do que antes. Sinto como se fosse uma pequena cura.

CAPÍTULO 26
O DIAMANTE



Você sangra tão bonito, diamante. Como se seu corpo fosse feito para ser cortado pela minha faca.

Levo minha mão trêmula para baixo, ainda segurando a faca até os nós dos meus dedos ficarem brancos. Talvez eu não precise fazer esta salada.

Porra, eu sei que dói muito, não é, diamante? Olhe para todo esse sangue.

Minha cor favorita sempre foi vermelho e, meu Deus, você está linda coberta dele.

Uma mão roça meu ombro, e todas essas memórias ganham vida. Xavier está atrás de mim, pronto para extrair meu sangue novamente. E eu não posso deixar acontecer. Eu não vou sobreviver.

— Não! — grito, me virando e enviando a faca voando direto para seu rosto. Ele gosta de ver seu *próprio* sangue? Vou mostrar a ele o quão glorioso também fica nele.

Uma mão se fecha ao redor do meu pulso, interrompendo meu progresso, mas foda-se ele. Ele não vai me parar, não desta vez.

— Ratinha — ele sussurra, e isso confunde meu cérebro. O suficiente para o rosto de Xavier desaparecer, apenas para o de Zade surgir.

Coração acelerado e visão turva com lágrimas, minha mão se abre, a faca batendo ruidosamente contra o azulejo.

Porra, quase esfaqueei Zade no rosto. Meus olhos se arregalaram com o choque; a única coisa que sou capaz de fazer é encarar, sem saber se Zade também seria uma aparição. Ele me estuda de perto, o rosto cuidadosamente neutro ao abaixar minha mão.

— Cuidado, ratinha, esse é meu atributo mais forte.

Piscando, por fim solto:

— Nunca conte à minha mãe sobre isso.

As sobrancelhas de Zade se apertam, e sua boca abre, depois fecha, antes de se

decidir por:

— O quê?

Eu puxo o meu pulso de seu aperto, meu sangue fervendo com a adrenalina persistente e, agora, vergonha.

— O que aconteceu foi totalmente dramático e, se ela descobrir que sou como ela, eu vou morrer.

Ele pisca, diversão filtrando em suas írises de cores yin-yang.

— Você vai morrer, hein?

Eu aceno uma vez, bruscamente.

— Em absoluto sofrimento.

Sua boca se curva para cima.

— Eu não sonharia fazer isso, então.

Fungando, aceno mais uma vez e ajeito minha camisa, apenas para dar às minhas mãos algo para fazer além de esfaquear pessoas, e então me viro, abro uma gaveta e puxo outra faca.

— Bom.

Ele fica em silêncio por um instante.

— Você quer falar sobre a tentativa de assassinato que acabou de ocorrer?

— Na verdade, não — eu respondo, cortando outro pedaço de cenoura.

— Mas eu, sim.

Eu suspiro, colocando a faca para baixo e girando para encará-lo.

— Zade, acho que prefiro falar sobre minha mãe tentando me convencer de que os cintos de castidade eram a última moda quando eu tinha quatorze anos do que falar sobre tentar esfaquear você.

Outra pausa.

— Ok, então há muito o que desempacotar por aqui, e não sei por onde começar.

— Exatamente, você consegue acreditar nela? Eu disse a ela que poderia transformar o cinto de castidade em uma cerca elétrica também, então eu não teria que sofrer com isso.

Ele arqueia uma sobrancelha, lutando contra um sorriso.

— Sim, querida, nada dramático.

Eu atiro-lhe um olhar engraçado.

— Você está aqui. Por que está aqui? Precisava de algo?

— Só de você, ratinha.

Droga. Por que ele tem que dizer todas as coisas certas? Ele também sabe exatamente o que está fazendo, e o quanto eu secretamente gosto disso.

Estreito os olhos e ele segue em frente, uma ligeira curva em seu lábio enquanto fala.

— Embora eu não tenha medo da Society, no momento somos alvos fáceis e preciso resolver algumas coisas com Jay. E há algumas que preciso discutir com você, começando com quem colocou um alvo em sua cabeça.

— Claire, certo? — pergunto. Surpresa pisca em seu rosto.

— Como você sabia?

— Ela veio me visitar.

Seu rosto suaviza em uma lousa em branco, mas é uma miragem. Raiva revira sob a superfície, borbulhando para além de seu tom endurecido.

— O que ela disse?

— Praticamente, apenas me deu um tapa com a informação de que ela tem sido o grande homem por trás de tudo, o tempo todo. Estava lá porque sabia que você estava procurando por mim, e eu seria tratada de forma diferente para garantir que não me encontrasse.

Ele acena devagar.

— Eu não vou te apressar, mas, eventualmente, eu vou precisar saber se você viu alguma…

— Eu quero ajudar — interrompo. Isso não me dá ansiedade como eu pensei que daria. Em vez disso, me dá uma sensação de alívio.

Quando ele me levou ao santuário, alguns dias atrás, algo mudou em mim. Vendo todos aqueles sobreviventes melhorando, trabalhando na cura e vendo-os envoltos em todos os tipos de felicidade, algo mudou em meu peito.

Isso me fez perceber que é o que eu realmente preciso. Um objetivo, algo em que trabalhar que me faria genuinamente feliz. E agora, eu sei o que é.

— Add…

— Não me diga que não sou capaz, ou que não estou pronta. Eu tive muito tempo para pensar. E não quero ser essa vítima insuportável, ok? Não quero deixá-los ganhar, e mais importante: eu quero… não, eu *preciso* ajudar.

Ele cruza os braços.

— Ok. Como você gostaria de ajudar?

Dou de ombros.

— Vou contar tudo o que sei. E, se você sair em missões, eu quero ir.

Sua testa se franze, e seu olhar pisca sobre mim antes de retornar aos meus olhos.

— Ok — ele concorda novamente. Estou quase desconfiada de como ele está sendo agradável. Eu esperava que ele me trancasse em uma torre metafórica,

como a Rapunzel.

Observando a expressão no meu rosto, ele diz:

— Eu nunca vou tratá-la como se você fosse indefesa ou incapaz. Eu sempre soube o quão forte você é. Então, se quiser ajudar, tudo bem. Estou mais do que feliz em te levar para o passeio, querida; mas isso vem com algumas condições.

— Que condições? — pergunto, me tornando cautelosa.

— Voltaremos a treinar. Vamos continuar de onde paramos, e vou te ensinar não só como se defender, mas também como atacar. Você precisa aprender a usar uma arma de forma correta, e que Deus me ajude, Adeline, você não vai fazer merda quando estivermos no campo.

Minha boca se abre, ofendida por sua acusação.

— O que faz você pensar que eu faria algo estúpido?

Sua sobrancelha se ergue até a testa novamente.

— Você vai me dizer que confrontar seu *stalker* no meio da noite não foi estúpido?

Meus dentes se apertam. Tudo bem, talvez ele tenha um ponto aí.

— Você é corajosa. *Incrivelmente* corajosa, e uma maldita sobrevivente, e é admirável pra caralho. Não tem ideia do quanto estou orgulhoso de você. Mas também é impulsiva e reativa, e eu me recuso a perdê-la novamente, está me ouvindo? Eu não vou. O que significa que você tem que me ouvir, e não pode sair e fazer suas próprias coisas porque acha que está ajudando. Somos uma equipe, querida. Entendido?

Mordo meu lábio, refletindo sobre isso. Se aprendi alguma coisa, é que estou abaixo do esperando quando se trata deste canto do mundo.

— Eu entendo — concordo. — Eu não vou fingir que sou o lobo mau… ainda.

Seu sorriso de resposta sugere que ele *é* o lobo mau e, honestamente, tenho que concordar.

Mas não vou admitir. Sua cabeça vai explodir, e então vou precisar enfiar aquela faca em seu rosto só para estourar seu ego enorme.



— Mire na jugular, não na orelha, querida — Zade instrui, com paciência. Isso me dá nos nervos de qualquer maneira, e estou a um fio de cabelo de virar a faca contra ele. — Ajuste seus pés… — Ele gentilmente chuta um deles de volta. — Você está desequilibrada e não está segurando a faca de maneira correta.

Desde que comecei a treinar com Zade, há três semanas, melhorei, mas não

parece o suficiente. Nunca é.

Diante de mim está um manequim de borracha com inúmeras marcas de facadas, a maioria longe de onde eu deveria acertar.

Um filme de várias pessoas passa pela minha cabeça, imaginando cada uma no lugar do manequim. Ajuda na maior parte, mas então, eu congelo, lembrando-me do corpo sem vida de Sydney embaixo de mim, ou a sensação da minha faca cortando a garganta de Jerry.

Garras mergulhadas em culpa me estrangulam, e estou ficando frustrada comigo mesma. Com *ele*. Eu não sou como ele. Não posso simplesmente matar alguém e… superar isso.

Eu me viro, atirando adagas nele com os olhos em vez das mãos.

— Você é tão sem remorso pelas coisas que fez. Por quantas pessoas matou. Como você está bem com isso?

— Por que eu não estaria? — ele desafia, inclinando a cabeça com um sorriso divertido. Eu diria que ele parece um cachorrinho fofo, mas seria mentira. Ele parece uma fera cruel trancada há muito tempo e faminta. Por mim, em particular.

— Eu não sei… moral? — eu digo, como se a resposta fosse óbvia. Porque é. — Culpa? Remorso?

— As mesmas pessoas que você quer matar são os pais fundadores da moral da sociedade. Matei suas expectativas sobre mim, e então cortei suas gargantas para mostrar a eles que nunca me controlariam. Eles só responderão por seus crimes, e não tenho nenhum problema em ser o carrasco. Se você não quer fazer isso, v…

Ergo minha mão no ar, cortando-o.

— Não faça isso. Não me dê uma saída.

— Não é uma saída, é uma opção. Quero que faça o que puder, Addie. Se isso significa ficar em casa, eu te apoio. Se isso significa uma onda de assassinatos em massa, estarei ao seu lado, querida. Você ainda está tendo pesadelos com Sydney e Jerry, e carrega essa culpa por se proteger. Se você não pode aprender a aceitar isso, como vai aceitar tirar a vida de outra pessoa? Porque, acredite em mim quando eu digo, não será autodefesa daqui em diante.

— Eu não sei *como* aceitar isso, Zade. Sinto que estou justificando o assassinato.

— Assim como eu “justifiquei” perseguir você? — Ele coloca aspas no ar ao redor da palavra porque nós dois sabemos que Zade estava bem ciente do que estava fazendo e do quão errado era.

— Forçar uma arma nessa boceta e fazer você gozar em cima dela? Ou todas as outras vezes que você me disse não, e eu fiz mesmo assim? — ele atira. O rubor nas minhas bochechas se aprofunda, e meu rosto queima com a lembrança daquela arma estúpida. — Eu sabia que estava errado? Claro, eu sabia. Mas isso claramente não me impediu de fazê-lo. Você precisa descobrir *sua* moral, e com o que consegue viver. Não o que foi ensinado, mas o que sente em seu interior.

— Então, perseguir e me atacar está escrito em seu livro de moral?

— Não — diz ele, seu sorriso se alargando. — Eu fiquei obcecado por você desde o momento em que te vi. Todas aquelas emoções sombrias e distorcidas que eu sentia eram a forma mais crua de quem eu sou. Tomei a decisão de mostrar isso a você, em vez de esconder. Eu nunca afirmei ser uma boa pessoa, ratinha, e isso foi algo com que decidi que poderia viver. Assim como assassinar um bando de pedófilos e traficantes de pessoas.

— Tenho certeza de que as pessoas que você mata dizem a si mesmas a mesma coisa para ajudá-las a dormir à noite — comento secamente.

— Tenho certeza de que sim — ele concorda, dando um passo em minha direção. Minha respiração trava, mas mantenho minha posição, mesmo quando sua voz se torna pecaminosa. — E eu tenho certeza de que há muitos que afirmam ser bons e honestos, e que estariam dispostos a me matar por meus crimes contra você. Mas essa é a diferença. Eu nunca fiz essas alegações.

Um rubor sobe pelo meu rosto, aquecendo minhas bochechas sob seu olhar intenso.

— Você faz parecer tão fácil ser apenas… ruim.

— Tive muita prática.

Ele teve, o que levanta mais questões. Pressiono meus lábios, meu pulso batendo de forma irregular, reunindo coragem para fazer a pergunta na ponta da minha língua. Tenho medo do que pode acontecer quando o fizer.

Expliquei a Zade anteriormente que levaria tempo para me acostumar com algumas coisas sobre ele. E, agora que passei pelo que passei… todos esses velhos sentimentos estão ressurgindo. Não o ódio ou o desejo de fugir, mas aceitar e entender suas contradições e sua moral distorcida.

— Então, o que está te impedindo? — eu me apresso em perguntar.

Inclinando a cabeça, ele espera.

— De me foder — digo, sem rodeios. — Você não parou antes. O que está parando agora?

Ele fica em silêncio por alguns segundos.

— Porque eu não seria capaz de viver comigo mesmo — ele murmura,

olhando para mim pensativo. — Haveria uma reação muito diferente desta vez; você já sabe disso.

Cruzo meus braços, inclinando o quadril.

— Será que haveria?

— Sim — diz ele, com firmeza. — Acha que se eu te prendesse no chão, lutaria comigo no começo só para acabar esmagando sua boceta na minha cara porque despertei algo em você? Ou você acha que lutaria como se sua vida dependesse disso, apenas para acabar mentalmente se recuperando do trauma?

Eu engulo em seco, a verdade tem gosto de sujeira na minha língua.

— Você nunca vai me ouvir dizer que sou um bom homem. Ou gentil. Ou até mesmo honroso. Há muito pouco disso em mim, e a verdade é que nunca esteve realmente aqui para começar. Nasci com a alma obscura e boas intenções. E há uma diferença entre aqueles que são desnecessariamente maus e aqueles que fazem coisas ruins esperando que algo bom resulte disso. Vou deixar você decidir por si mesma qual eu sou.

Não espera que eu responda – tenho a nítida sensação de que ele quer que eu pense sobre isso primeiro.

Ele dá um passo em minha direção, e meus músculos instantaneamente endurecem. É quando percebo que não preciso pensar sobre isso. O trauma tem um aperto forte em mim, mas tudo que eu quero que ele faça é me segurar mais forte.

— Você também quer a resposta simples? — ele pergunta, sua voz se aprofundando, fazendo meu pulso disparar. — É porque eu te amo, Adeline Reilly. E sei que você me ama de volta. Quando eu estiver dentro de você, não estará pensando em mais nada além de como me levar mais fundo. O único medo que você sentirá será de um deus te enviando para o céu cedo demais.

Meu coração derrapa e para contra minha caixa torácica, cedendo completamente. Meus joelhos serão os próximos, o que seria muito embaraçoso.

Ele sorri, seu olhar se tornando predatório.

— Esse não será o único medo que vou incutir em você.

Devagar, ele começa a me circular enquanto permaneço congelada. Seu calor pressiona minhas costas, e sua respiração aquece a lateral do meu pescoço. Meus instintos de luta ou fuga estão entrando em ação, e meu controle sobre eles está escorregando.

— Você sempre será a ratinha, e eu sempre vou caçar você. Vou esperar com paciência até que esteja pronta para que eu a toque; mas não se engane, Adeline, ainda vai doer quando eu fizer isso.

Um calafrio me percorre com suas palavras sinistras, mais frias do que os fantasmas que assombram este casarão. Antes, isso poderia ter me assustado. Ainda mais, depois de ser caçada pelo mais cruel da humanidade, deveria estar cansada disso.

No entanto, não sinto nada além de uma pequena emoção e… conforto. De alguma forma, Zade conseguiu distorcer nosso jogo de gato e rato. Agora, encontro consolo no conhecimento de que ele sempre me encontrará. E saber disso… apesar de ainda não estar pronta para ele, me faz querer correr.

Só para ele me pegar.

Com a tensão poluindo o ar, ele pega minha mão, nos gira e aponta a faca para o manequim.

— Pare de imaginar todas as pessoas que você quer matar e imagine as pessoas que você matou. Recrie aquela noite na sua cabeça. Repita várias vezes até que enfiar a faca em seus pescoços pareça libertador.

Leva muito tempo para puxar minha cabeça para longe do predador atrás de mim, mas eventualmente, consigo.

No momento em que a noite se repete na minha cabeça, quero me enrolar. Lembrando como mergulhei aquela caneta no corpo de Sydney até que a vida foi extinta de seus olhos. Ou passando minha faca no pescoço de Jerry e vendo seus olhos saltarem de sua cabeça.

Eu estava me protegendo. No entanto, ainda carrego suas mortes em meus ombros como se fossem inocentes.

Pela próxima hora, continuo me esforçando. Estou frustrada comigo mesma e me isolando para descobrir *por que* me sinto culpada, principalmente por Sydney. É porque ela também era uma vítima? Foi forçada a fazer as mesmas coisas que eu, suportando a brutalidade do tráfico sexual, que finalmente a levou a um surto psicótico.

Repetidamente, reviro isso na minha cabeça até ouvir um clique.

Sydney pode ter sido perturbada, mas estava quebrada da mesma forma. Ela merecia minha empatia, mas isso não a isenta de suas ações. Não lhe dá o direito de ferir outras pessoas. E não significa que eu estava errada por acabar com a sua vida.

Contudo, Jerry, Claire, Xavier e todos os outros que decidiram que eu não era nada mais que um objeto, não merecem nada de mim além do que já roubaram. Não minha empatia, remorso ou culpa. Não foi minha escolha ter sido estuprada e brutalizada, mas *é* minha decisão cortar suas gargantas por isso.

À medida que chego à segunda hora, passar pelos movimentos com Zade

torna-se natural. Deslizar a faca no pescoço do manequim é exatamente como ele disse que seria. Libertador.

Outros podem acreditar que nunca é bom tirar uma vida, sob quaisquer circunstâncias. Nós não somos o juiz. Por um lado, eu também poderia até ter acreditado nisso. Mas então, fiquei cara a cara com o verdadeiro mal. Pessoas que não são humanas, mas *coisas* vis que continuarão a destruir este mundo e tudo de bom que o habita.

Agora, percebo que escolher olhar para o outro lado e deixar *Deus lidar com isso* é uma porra de uma desculpa. É permitir que o mal continue a viver porque acreditam que a vida após a morte é mais assustadora.

Se é tão assustador, por que esperar para mandá-los para lá?

Agora, eu percebo que é egoísta. Eles estão com muito medo de chegar ao céu para tolerar o assassinato, mesmo que salve a vida de mulheres e crianças inocentes.

Isso não os torna igualmente maus?

Condenar aqueles que são capazes de ser o carrasco não os torna pessoas melhores. Isso os torna compatíveis.

Quando a terceira hora passa, estou ofegante, o suor escorre pelo meu rosto e pelas costas, e me sinto revigorada.

Quando encaro Zade novamente, parece que o enxergo a partir de um conjunto diferente de lentes. Eu me pergunto se ele também me vê de forma diferente, e se será capaz de deixar de lado quem eu costumava ser e amar a pessoa que me tornei.



— Adeline, eu sinto como se esta casa estivesse sobrecarregando sua saúde mental — mamãe anuncia com determinação, limpando fiapos imaginários em seus jeans Calvin Klein. Não é muito comum que eu a veja em qualquer outra coisa que não seja um vestido, saia ou terninho.

Eu me sinto tão especial.

— Por que diz isso? — pergunto, a voz monótona e desinteressada. Estou balançando na cadeira de Gigi, observando a paisagem sombria. Está chovendo hoje, e as janelas estão embaçadas por causa da chuva. Inclino a cabeça, bastante certa de que vejo uma marca de mão se formando na janela.

Além da mão assustadora, me sentar aqui traz de volta uma sensação de conforto e nostalgia. Em que uma versão diferente de mim olharia pela janela,

minha sombra espreitando na escuridão e me observando. Em que eu detestava cada segundo disso, mas guerrearia com o fato de não saber se odiava porque estava com medo ou se odiava porque gostava.

— Querida, você viu os círculos sob seus olhos? É difícil não notar. São muito escuros. E no seu aniversário, ainda.

Esta é a minha mãe sendo doce. Cuidando. Preocupando-se. E, francamente, é exaustivo pra caralho. Ela está se esforçando mais para… eu não sei – consertar as coisas comigo ou algo assim –, desde que voltei para casa. É claro que meu pai não tem interesse em se juntar aos seus esforços, mas não consigo me importar.

O sequestro de sua filha deve tê-la feito perceber uma ou duas coisas sobre o estado de nosso relacionamento e como completamente em ruínas estava… *está*. De quem é a culpa – tenho certeza de que ela teria uma resposta diferente dependendo de seu humor.

Mas ela está tentando. Portanto, é justo que eu tente não a expulsar de casa. No meu aniversário. Já estou exausta, e parece que minhas olheiras estão aparecendo agora.

Zade me acordou, meu quarto coberto de rosas e uma linda faca preta com tecido roxo ao longo do cabo. Estou ficando melhor manuseá-las, mas é um trabalho em andamento, e seu presente foi uma prova de sua fé em mim.

Então, Daya quis fazer um brunch, e agora mamãe está aqui e estou pronta para uma soneca. Estar com as pessoas ainda é cansativo.

— O corretivo resolve.

— Talvez você devesse ficar comigo novamente. Afaste-se desse… *pagão*… — Eu bufo, o que então se transforma em uma risada completa. Algo sobre minha mãe chamar Zade de pagão é apenas… bem, engraçado. Verdade, mas engraçado.

Minha mãe está boquiaberta, como se eu tivesse dito a ela que vou raspar minha cabeça e viver o resto da minha vida em uma van fumando narguilé.

Não soa tão ruim, na verdade. Exceto, talvez, pela parte careca.

Mordo meu lábio para segurar o riso, sorrindo enquanto ela só fica mais irritada.

— Não vejo como ficar com um criminoso é engraçado — ela murmura, virando-se com um olhar afrontado em seu rosto.

— E se *eu for* a criminosa? — questiono.

Ela suspira.

— Adeline, se ele te coagiu a fazer alguma coisa…

Reviro os olhos.

— Ele não me obrigou a fazer nada, mãe, calma. E eu estou bem. Sério. Passei por algo traumático, obviamente, e dormir nem sempre é fácil para mim.

Ela se mexe no sofá de couro, preparando-se para dizer mais alguma coisa, mas eu a interrompo:

— E eu estou bem aqui. No Casarão Parsons.

Sua boca se fecha, uma carranca puxando seus lábios pintados de rosa. Eu suspiro, uma pontada de culpa me acertando no peito.

— Mãe, aprecio sua preocupação, aprecio verdadeiramente. Mas vai demorar um pouco para eu me reajustar e voltar ao normal. — *Normal*. Dizer a palavra é como engolir um punhado de pregos enferrujados. Nunca serei normal. Acho que nunca fui.

E, se alguém pode atestar, seria minha mãe, a mulher que me chamou de aberração a maior parte da minha vida.

Ela fica quieta por um momento, encarando o azulejo xadrez e perdida em qualquer furacão que esteja passando por seu crânio e pronto para sair de sua boca. Sempre senti como se as tempestades passassem pela sua cabeça, já que suas palavras sempre foram destrutivas pra caralho.

— Por que você não me contou sobre ele? — ela pergunta, baixinho. Ergue a cabeça para olhar para mim, seus olhos azuis cristalinos revirando com dor. Não consigo decidir se a visão aprofunda ainda mais a culpa ou se me deixa com raiva.

— Porque você nunca me fez sentir segura o suficiente para lhe dizer qualquer coisa — respondo sem rodeios.

Sua garganta funciona, engolindo aquela pílula amarga.

— Por que… por que você precisa se sentir segura para me contar sobre ele, Addie? — ela pergunta, suas sobrancelhas esculpidas apertando. — Quero dizer, se ele fosse… normal, não deveria ter sido grande coisa. Se ele fosse alguém que você conheceu em uma livraria, ou em um de seus eventos, ou mesmo em um supermercado. — Ela pausa. — Por que você precisava se sentir segura?

Mordo meus lábios e volto para a janela.

— Addie, ele te machucou?

Meu pescoço quase se quebra com a rapidez com que me viro para ela.

— Não — digo com firmeza, embora não seja totalmente verdade.

Ele me machucou? Sim, mas não como ela pensa. Ele nunca colocaria um dedo em mim por raiva. O tipo de dor que Zade inflige é pouco ortodoxo e, embora sempre tenha havido uma parte de mim que gostasse, ainda dói.

No entanto, eu a desejo de qualquer maneira.

— Então, por quê?

Eu suspiro, debatendo sobre o quanto deveria dizer. Ele mata pessoas para viver? Isso é demais para ela. Ele me perseguiu? Ela nunca conseguiria viver com isso, não importa o quão culpada se sinta.

Então, apenas me conformo com a verdade. A parte que não o anuncia como um psicopata com um problema de apego.

— Ele salva mulheres e crianças do tráfico humano, mãe. Ele se envolve profundamente com esse canto escuro do mundo.

Ela puxa uma respiração afiada, sua coluna se endireitando e seus olhos se arregalando com indignação.

— Ele é a razão pela qual você foi sequestrada?

— Não — eu estalo. — Ele não é o porquê, e você precisa se lembrar de que ele me *salvou*. Eu não estaria aqui, não estaria viva, se não fosse por ele.

Ela balança a cabeça em confusão e pergunta:

— Então por que você foi sequestrada? Se ele está envolvido com as mesmas pessoas?

Dou de ombros, fingindo uma indiferença que não sinto.

— Houve muitos fatores, mas nenhum deles foi obra dele. Isso é tudo o que importa.

Ela suspira, um som de frustração e aceitação.

— Ele é perigoso?

— Sim — admito. — Mas não para mim. Ele me ama; e, não só isso: ele me ama por quem eu sou. *Ele* nunca quis me mudar.

Ela se encolhe com a alfinetada, mas se abstém de se defender desta vez.

— Só porque ele te ama não significa que ele seja bom para você — diz ela, com determinação.

Franzo meus lábios, considerando isso por um momento.

— O que é bom para mim então, mãe? Você sabe melhor, certo? Um cara de verdade, que seja advogado ou médico?

— Não seja obtusa — ela corta. — Que tal alguém como um policial, que só carrega uma arma porque está…

— Protegendo as pessoas — interrompo. — Porque você acha que eles protegem as pessoas. Você realmente quer entrar nesse debate agora? E você não diria que Zade está fazendo o mesmo? Ao resgatar pessoas inocentes de serem sequestradas e escravizadas?

Ela aperta os lábios, claramente ainda em desacordo, mas não querendo

continuar discutindo. É a primeira vez, mas não espero que dure.

Desta vez, sou eu quem suspira. Eu me jogo de volta na cadeira.

— Eu não quero brigar por ele com você, porque isso não vai mudar nada. Eu o conheço melhor do que você jamais conhecerá e, se quiser odiá-lo, tudo bem. Mas faça isso onde eu não tenha que ouvir uma palavra — digo cansada, mas resoluta.

Estou exausta demais para continuar brigando com ela. É tudo o que fazemos, e ficou velho mais de uma década atrás.

— Tudo bem — ela bufa, irritada e arrependida. — Deixe-me levá-la para um jantar agradável para seu aniversário, pelo menos. Podemos fazer isso? Não falaremos sobre o seu namorado.

Eu a encaro, e o aperto no meu peito diminui um pouco. Sorrindo, concordo com a cabeça.

— Tudo bem. Deixe-me me trocar.

Eu me levanto e sigo em direção às escadas quando ela grita:

— Não se esqueça do corretivo, querida. Você precisa dele

7 de abril de 2022

Eu acho que minha mãe percebeu que eu estava ansiosa por estar fora de casa de novo. No meio do jantar, ela finalmente rompeu o silêncio e fez um comentário sobre eu começar a tomar medicação, e eu disse a ela que preferiria fumar maconha.

Claro, ela quebrou sua promessa e perguntou se Zade era quem me fornecia a "marijuana". Eu disse que EU era a traficante, alto o suficiente para o garçom ouvir, então ela passou a mastigar a comida com mais força que o necessário durante o jantar inteiro, irritada e envergonhada pelas minhas gracinhas.

Eu me diverti demais. Eventualmente, ela percebeu e relutante, riu comigo quando o garçom me passou seu número do celular na nota fiscal.

Ela acha que ele quer sexo, e eu acho que ele só quer maconha de graça.

Bem, talvez sexo, também. Mas, definitivamente, maconha de graça.

De qualquer modo, foi bom rir e tenho a sensação de que minha mãe vai me deixar sair ilesa de muitas merdas só para me ver sorrir de novo.

E o fato que ela está fazendo esse esforço... me faz sorrir.

CAPÍTULO 27
O DIAMANTE



O som dos saltos de Francesca ricocheteia contra o teto, enviando meu coração para a garganta. Daya olha para cima, incomodada com o som, mas acostumada com as travessuras do Casarão Parsons.

Eu, por outro lado, estou tendo um silencioso ataque cardíaco. Tenho ouvido esses passos agudos desde que cheguei à casa e, embora não sejam realmente os de Francesca, acho que os perversos fantasmas desta casa sabem que assombram meus pesadelos e gostam de trazê-los à vida.

Enrolo minhas mãos em punhos apertados para diminuir o tremor, forçando meu cérebro a encontrar algo para me distrair.

— Talvez eu devesse me tornar freira — anuncio, fazendo com que Daya congele o que estava fazendo. Ela enchia um copo de vinho tinto, o que parece… estranho. Como se eu não devesse estar aqui tomando vinho quando matei pessoas e escapei do tráfico sexual.

Estamos sentadas na ilha da minha cozinha, e não posso deixar de aproveitar a nostalgia. Fiquei fora por dois meses e meio, mas parecem anos. É estranho, mas também é bom. Estar aqui, com ela novamente, bebendo como se o tempo não tivesse passado.

Daya pisca, desconcertada com minha declaração, e desliza o copo para mim.

— Eu te amo, mas você não duraria nem um dia.

— Grossa — murmuro, tomando um gole do vinho. Eu me encolho, o gosto amargo invadindo minhas papilas gustativas. Gosto do meu vinho doce, mas é o que Daya tinha na geladeira.

— Você quer se tornar freira porque não pode tolerar o toque em geral, ou o toque de um homem?

Observo minha cutícula.

— Homem, o que está sendo muito difícil no treinamento. Ele tem que me tocar e, toda vez que ele me toca, entro em pânico, então oscilar entre congelar

ou ficar irracional.

Depois que Zade e eu concordamos em derrubar a Society juntos, há um mês, senti algo mudar dentro do meu peito. Nasceu um propósito, o que me faz sair da cama todas as manhãs e treinar.

Mas não é uma solução mágica para tudo. Olho para Zade e sinto tudo o que senti depois de ceder a ele. O magnetismo, a conexão e o amor. Ele me deu o espaço de que desesperadamente preciso, mesmo que eu possa ver que isso o está matando por dentro. Enquanto me sinto culpada toda vez que me afasto, também sinto alívio.

Mas agora sinto outras coisas, coisas que sei que não têm nada a ver com ele, mas com sexo. Pensar sobre isso me faz querer vomitar, e há esse medo enraizado em mim de que, toda vez em que Zade me mostra qualquer afeição, acho que vá levar a sexo.

Isso desempenhou um papel tão importante em nosso relacionamento antes de eu ser sequestrada; é difícil treinar meu cérebro para imaginar que vai ser diferente. Zade é um paquerador e, embora tenha feito muitos comentários sexuais, não fez uma única tentativa de me seduzir.

— E, então, eu fico com raiva — continuo, franzindo a testa para o meu Merlot. — Eu explodo com ele e digo coisas horríveis, e ele simplesmente aceita.

— Garota, vai demorar um pouco para você superar o trauma. Você está com TEPT, como qualquer um estaria. Não se apresse.

— Acho que seria mais fácil se eu não estivesse apaixonada por ele — admito, circulando meu dedo ao redor do vidro. Cria um som suave, calmante para a turbulência na minha cabeça.

— Ainda sinto atração, sabe? Toda vez que ele me toca, eu *quero* aproveitar. Mas simplesmente não consigo. E ele nem fez nenhum avanço. Nada sexual, mas é para onde minha cabeça vai imediatamente, e então estou de volta naquela casa com Xavier.

— Você falou com Zade sobre ele?

Tomo outro gole de Merlot antes de responder:

— Sim. Depois que concordamos em trabalhar juntos, nos sentamos e contei tudo a ele. Bem… nem *tudo*. Não os detalhes horríveis. Mas ele sabe os pontos principais de tudo o que passei, e explicou como me encontrou. Falou sobre alguma irmandade e me contou tudo sobre Max.

Uma tristeza brilha em seus olhos cinza-esverdeados e percebo que ela está ansiosa porque começa a mexer em seu piercing no nariz.

— Sim, ele… me salvou também. De Luke.

Eu me aproximo e agarro a mão dela, apertando com força. Zade me contou o que aconteceu com Daya, mas eu estava esperando que ela me dissesse primeiro. Se tem algo que compreendo é não querer reviver certas coisas.

Todas nós sofremos de maneiras muito diferentes, mas a fonte da nossa dor é a mesma.

A Society. Claire.

Daya foi a isca para me tirar do Casarão Parsons para que Rio e Rick pudessem me sequestrar. Claro, foi Luke quem a colocou no inferno, mas nada disso teria acontecido se não fosse Claire fazendo Max acreditar que Zade havia matado seu pai e, em seguida, colocando um alvo na minha cabeça. Um que Max imediatamente aceitou, devido à raiva e à intenção de se vingar.

— Sinto muito, Daya. Sinto muito que ele tenha feito isso a você. — Minha voz falha na última palavra, uma onda inesperada de lágrimas borrando minha visão.

Daya cobre o rosto, tentando conter as próprias lágrimas.

— Droga, Addie — ela interrompe. — Não se atreva a me fazer chorar.

Mas é tarde demais, um soluço sai de sua garganta no fim da frase. Puxo minha cadeira para mais perto dela e a trago para um abraço; meus próprios demônios que se danem. Seus braços circundam minha cintura, e nós duas soltamos as lágrimas.

A dor jorra pelas rachaduras ao nos abraçarmos, como dois pilares caindo simultaneamente, incapazes de ficar de pé sem o apoio um do outro.

No momento em que nos separamos, meleca está escorrendo pelo meu rosto manchado e vermelho, e sei que o rímel corre pelas minhas bochechas. Ela tem baba na bochecha e círculos de maquiagem ao redor dos olhos. Com o quão vermelhos já estão, juntamente com sua pele marrom-escura, seus olhos cinza-esverdeados são quase surpreendentes.

Independentemente disso, nós duas parecemos ridículas, e caímos na gargalhada, que se transforma em outra rodada de lágrimas. No final, nenhuma de nós poderia dizer se estamos rindo ou chorando, mas é bom de qualquer maneira.

— Minha cabeça está doendo agora — resmungo, enxugando minhas lágrimas escuras, pego um lenço de papel e assoo o nariz ruidosamente.

— Beba mais vinho, vai piorar; mas, pelo menos, você vai ficar tonta.

Eu rio, tomando um gole enquanto ela também assoa o nariz.

— Onde está Zade, a propósito? — ela pergunta.

— Eu não sei, na verdade. Após a nossa sessão de treinamento, ele sumiu, dizendo que tinha que cuidar de alguma coisa. Ele não disse do que se tratava, e eu estava muito suada e mentalmente exausta para me importar naquele momento.

Nós duas damos de ombros. Ele poderia ter percebido que estamos sem papel higiênico e precisávamos comprar mais, que eu saiba. Acho que se fosse algo importante, teria dito.

Durante a próxima hora, Daya e eu terminamos a garrafa de Merlot e estou agradavelmente tonta. Também decido que vou ter que ter muito cuidado com a bebida a partir de agora. Parece um pouco boa *demais*, e me recuso a usá-la como muleta.

Prefiro lidar com meu trauma de maneira saudável. Você sabe, assassinando Claire com minhas próprias mãos.

Estamos rindo de um vídeo estúpido que alguém postou nas redes sociais quando a porta da frente se abre e duas vozes surgem.

Uma é de Zade. A outra é de uma menina.

Nossos olhos verdes e caramelo se encontram em uma colisão de confusão, e *que merda é essa*.

Com uma ligeira oscilação, eu me levanto e caminho em direção à porta da frente. Então, me viro de volta, correndo para a minha amiga quando vejo quem Zade trouxe para casa.

— Daya, há uma garota louca na casa. Corra.

— O quê? — ela pergunta, alarme em seu tom.

— Não me chame de louca! — a garota grita da frente da casa, e eu faço uma careta. Nunca tive o prazer de conhecê-la, e estava satisfeita em viver a vida sem ele.

Meus ombros se levantam, eu lentamente giro e observo Zade se aproximar de mim, parecendo exausto e irritado. Às suas costas está a garota assassina que se escondia atrás das paredes em Satan's Affair.

Sibel.

— Querida, temos uma visita.

Olhando para a garota, me mexo desconfortavelmente, sem saber como responder.

Limpando a garganta, eu me contento com um:

— Posso ver.

Sibel olha para Daya e para mim com um largo sorriso no rosto. A última vez em que a vi, estava vestida de boneca, com maquiagem que fazia parecer que seu

rosto de porcelana estava rachado.

Ainda que seu cabelo castanho-chocolate esteja preso em tranças, seu rosto está sem maquiagem de boneca. Ela seria linda se o desequilíbrio em seus olhos não fosse tão perturbador. Parece exatamente como na TV depois de ter sido presa por assassinar quatro políticos.

Com Zade.

Exceto que ele nunca foi pego por esses assassinatos.

— Senhoras, esta é Sibby — Zade apresenta, cansado, acenando com a mão para ela antes de vir para o meu lado. Fico tensa quando ele se aproxima, dividindo minha atenção entre observar o espaço entre Zade e eu de perto, enquanto mantenho um olho na garota louca.

Os quatro homens que ela assassinou nem sequer começam a arranhar a superfície do número de pessoas que ela matou. Por cinco anos, ela se escondeu naquela feira mal-assombrada e fez uma farra. Quem quer que ela considerasse como o mal encarnado foi morto de maneiras muito horríveis.

Já tive bastante experiência com garotas assassinas, e realmente não quero mais nenhuma.

Ela acena animadamente com a mão para nós, empolgação brilhando em seus olhos castanhos. Então, ela os aponta para a minha casa, lentamente analisando o Casarão Parsons.

— Uau — respira —, é assustador aqui. É tão perfeito. — Sua cabeça se vira de volta para mim, e não estou orgulhosa da vacilada não tão sutil. — Espero que você não se importe que eu e meus capangas fiquemos um pouco — diz ela.

— Tem mais? — pergunto a Zade, virando-me para ele com as sobrancelhas franzidas. Ele suspira.

— Algumas pessoas dizem que não são reais, mas são — explica Sibel, não parecendo nem um pouco envergonhada de admitir que vê pessoas que outros não podem ver.

Zade encontra meu olhar, um sorriso no rosto.

— Sibby é louca — diz ele.

Ela bate o pé, lançando um olhar para ele.

— Eu não sou louca, Zade. Só porque *você* não pode ver o que eu vejo, não significa que *eu* seja a esquisita.

Inclino minha cabeça, completamente perplexa por ela estar aqui. A última vez que soube, ela estava trancada em uma ala psiquiátrica, aguardando julgamento.

— Ela escapou — Zade esclarece, notando a confusão no meu rosto.

— Ah — eu digo, porque não tenho ideia do que mais dizer.

— Isso é bom? — Daya intervém, parecendo em dúvida se isso é efetivamente bom.

Zade suspira pela milionésima vez.

— Sibby está na lista dos mais procurados. Ela resolveu o problema com as próprias mãos — Zade faz uma pausa para enviar um olhar mordaz em sua direção — e fugiu da ala psiquiátrica. Considerando que ela assumiu a culpa por algo que nós dois fizemos, senti que era justo dar a ela um lugar para ficar. *Temporariamente.*

Ela concorda com a cabeça uma vez, como se Zade tivesse resumido perfeitamente toda a sua história de vida.

— Vou levá-la de volta para a minha casa. Eu não estava esperando que você a deixasse ficar aqui…

— Mas é tão assustador aqui! — ela exclama, como se isso fosse uma boa razão para ficar. E bem… meio que é.

— …então, vou levá-la em breve. Eu só queria que você a conhecesse apropriadamente, já que eu estou — ele para, olhando para ela —, preso com ela — finaliza, virando-se para olhar para mim. — Eu definitivamente estou preso a ela.

Sibel franze a testa, abrindo a boca para dizer algo, mas Daya a interrompe:

— Uh, espere um segundo, *como assim* ela resolveu o assunto com as próprias mãos? — questiona, enviando a Sibel um olhar desconfiado.

— Eu matei minha terapeuta — ela responde, seu sorriso sumindo. — Não queria matá-la. Ela cheirava a pinheiros, então não era um demônio. A primeira e última pessoa que eu machuquei que não merecia, prometo.

Minha boca cai aberta.

— Zade — sussurro, meu desconforto crescendo. Sibel me olha, notando meu medo crescente.

— Por favor, não tenha medo de mim. Você cheira como as flores mais maravilhosas. Eu *nunca* te machucaria.

— Ela não vai te machucar, querida — Zade tranquiliza, baixinho. Inclino a cabeça para encontrar sua expressão, olhos de cores diferentes e cheios de sinceridade.

— Teria discutido isso com você primeiro, se eu tivesse alguma ideia de que isso ia acontecer — ele jura. — Estava indo me encontrar com Jay, quando a notícia de que Sibby havia escapado foi divulgada. Ela estava escondida na área. Helicópteros e toda aquela merda em todos os lugares. Fui procurá-la e a

encontrei tentando entrar no esgoto. Foi uma decisão tomada em uma fração de segundo.

— Ok — digo, oferecendo um sorriso apertado para que ele saiba que não estou com raiva. Apesar da presença de Sibel ser um pouco desconcertante, entendo por que Zade tomou essa decisão.

Ela assumiu toda a culpa pelo que ambos fizeram e nunca o delatou. É algo que poucas pessoas fariam, especialmente quando não lhe devem nada. E isso eu posso respeitar.

Sibel ergue uma faca cor-de-rosa.

— E ele pegou minha faca de volta! A polícia a tinha como a arma do crime e Zade a pegou para mim.

— Ela estava literalmente enlouquecendo com isso, e não me deu muita escolha — ele esclarece, secamente.

Ela dá de ombros, satisfeita em ter sua faca de volta, independentemente de como aconteceu.

Eu a encaro e penso em uma ideia que surgiu na minha cabeça, um pouco hesitante, mas decidindo que seria mais fácil para Zade estar apenas em um lugar. Ele praticamente se mudou para a minha casa, o que tem sido estranhamente reconfortante. A parte egoísta de mim não quer desistir disso.

— Há muito espaço aqui. Sibel pode ficar.

Ela gane alto, pulando na ponta dos pés e batendo palmas como uma garotinha. A reação me faz sentir um pouco melhor, só porque é um pouco fofo.

— Meus amigos me chamam de Sibby — diz ela e, com base no olhar ansioso em seu rosto, parece que ela espera que eu a considere como uma.

— Ou matadora de demônios — Zade interrompe. Ela o prende com um olhar atrevido em resposta.

— Ok, Sibby. Bem-vinda à casa.

Seus olhos escuros se voltam para mim, puro deleite irradiando deles. Um largo sorriso toma conta de seu rosto, retomando seus pulinhos mais uma vez, o que alivia um pouco mais a minha preocupação.

— Addie, você não precisa fazer isso.

Aceno com a mão.

— Está tudo bem. Ela disse que não vai nos machucar e, se você confia nela, é o suficiente para mim.

Ele parece querer me beijar, o que me deixa um pouco nervosa, mas rapidamente suaviza sua expressão e me oferece um sorriso simples e agradecido.

— No segundo em que você quiser que ela vá embora, ela estará fora daqui. Sem perguntas. — Enquanto Sibby não parece muito emocionada ao ouvir isso, com base em como para de pular e olha para ele, Zade claramente não dá a mínima.

Concordo com a cabeça, o último resquício da minha tensão sumindo.

— Sibby já é muito boa em lutar. Em parte, porque ela…

—*Não sou* louca — ela corta, estreitando os olhos.

Zade lhe lança um olhar que diz, *sim, tudo bem, e eu sou Jackie Chan.*

— Independentemente disso, ela consegue lutar. Poderia ajudá-la com o treinamento.

Meu coração amolece, ouvindo o que ele diz.

Você não suporta meu toque, então aqui está alguém que pode te dar o que não posso.

— Obrigada — sussurro. Agora, mais do que nunca, estou frustrada comigo mesma. Vou aceitar a oferta porque reconheço que não vai mudar da noite para o dia. Mas prometo me esforçar mais, para poder dar a Zade o que ele merece, também.

Tudo de mim.



Zade coloca uma bolsa de gelo em meus ombros, e eu gemo por causa da temperatura congelante e de como é bom. O treinamento tem afetado meu corpo, mas da melhor maneira possível. Estou mais forte do que nunca, e o sentimento é viciante.

Desde que Sibby chegou, há algumas semanas, só melhorei. Ela é menor e se move com uma rapidez que mesmo Zade não possui, e ela é muito mais imprevisível.

Estivemos sentados ao redor da ilha da minha cozinha nas últimas horas, trabalhando em como tirar Claire do esconderijo. Não só todos na casa de Francesca desapareceram, mas ela, também. E, agora que Zade me tem, não há nada neste mundo que o impeça de encontrá-la.

Zade acredita que a melhor maneira de localizá-la seja através de seu advogado, Jimmy Lynch. Ele trabalha para Claire e seu falecido marido há vinte e sete anos, tornando-o um amigo de confiança.

Ele também tem um gosto por crianças.

Na semana passada, Zade conseguiu invadir seu telefone, e notou a grande quantidade de pornografia infantil que ele baixou. Então, Zade começou a

colocar anúncios nos sites de pornografia infantil que Jimmy usa, esperando que mordesse a isca. Sem surpresa, ele o fez, tanto em seu telefone quanto em seu laptop, por um período de três dias.

Claro que Zade projetou o vírus; então, sem o conhecimento de Jimmy, foi lançado em seus dispositivos assim que clicou no anúncio. Em segundos, Zade conseguiu se infiltrar em seu sistema e instalar o *spyware* neles.

A partir daí, observou as interações de e-mail entre ele e Claire. Embora possa tentar implementar um vírus no computador de Claire através de um e-mail publicitário, ela é muito inteligente para isso, então a única outra opção de Zade é manipulá-la para colocar um drive em seu computador, que conterá o vírus. E a melhor maneira de fazermos isso é criando um grande processo contra ela. É uma prática comum os advogados transmitirem informações por meio de drives, especialmente se houver uma grande quantidade de evidências empilhadas contra eles.

Infelizmente para Claire, desde que ela se escondeu, demitiu muitos funcionários que trabalhavam em sua propriedade. Equipe de limpeza, dois *chefs* e um jardineiro. Evidentemente, ela não tem planos de voltar para sua mansão, ou de mantê-la.

Zade passou a última semana contatando esses funcionários, perguntando sobre suas experiências e, finalmente, incentivando-os a processar Claire por assédio no local de trabalho e agressão.

Em troca, Zade oferecerá sua proteção e dinheiro. Felizmente, todos concordaram. Porque, honestamente, sua falta de segurança e recursos era a única coisa que mantinha qualquer um deles em silêncio. Mark assediou sexualmente muitas funcionárias e ameaçou prejudicá-las e suas famílias se elas denunciassem. E Claire era fisicamente abusiva e propensa à violência quando algo não atingia seus padrões.

Eles já entraram com os processos, então, amanhã, colocaremos o segundo passo do plano em ação, substituindo os drives de Jimmy pelos de Zade.

Uma vez que Zade tenha acesso ao laptop de Claire, vai dedicar seu tempo a observá-la. Enquanto isso, nos concentraremos em nosso outro objetivo.

— Francesca e Rocco são cobrinhas viscosas — Daya nos informa, ira em seu olhar enquanto seus dedos voam sobre o teclado. — E Xavier é um covarde.

Daya está nos ajudando a rastrear meus captores – e estupradores –, enquanto Jay continua focado em Claire.

— A imagem de satélite mostrou uma caminhonete vermelha na garagem, cujo proprietário é Rocco. Esse veículo não foi visto em nenhum lugar? — Zade

pergunta, adicionando cheddar ralado extra no macarrão com queijo, antes de colocar a caçarola de volta ao forno para ficar crocante. Vê-lo fazendo algo tão doméstico é… estranho.

Nunca pensei que veria um *stalker* e assassino profissional usando luvas de cozinha, mas aqui estamos… Tudo o que ele precisa é de um avental, e eu estaria convencida de que caí na toca do coelho e bati minha cabeça em uma raiz de árvore.

Merda, acho que isso já aconteceu porque agora tudo que posso imaginar é Zade em nada *além de* um avental. Isso… não deveria ser atraente, mas é.

— Encontramos a caminhonete abandonada no norte da Califórnia. A partir daí, perdemos o rastro — responde Daya, me salvando de viajar por aquela estrada perigosa, sem mesmo saber. Tenho a sensação de que a fantasia só ficaria mais estranha.

— Nenhuma câmera de rua por perto? — pergunto.

— Não — ela responde, com ênfase no "ão". — Eles não conseguiram ficar tanto tempo fora do radar por pura sorte. Eles sabem como evitar câmeras. Imagino que o carro para o qual trocaram também já tenha sido abandonado.

Zade acena com a cabeça, mantendo-se em silêncio ao processar a informação. Consigo ver suas engrenagens internas girando daqui.

— Já que estamos supondo que estão dirigindo, procure nas câmeras em postos de gasolina na área ao redor, para começar. Vai levar tempo, mas verifique quem você considerar suspeito. É possível que fiquem escondidos no carro e usem alguém aleatório para encher o tanque e pagar. Vou pedir a mais alguns dos meus homens para ajudá-la. E, embora, eles provavelmente estejam pagando apenas em dinheiro, não faz mal verificar se também usaram cartões de crédito.

— Francesca eventualmente vai ter que usar o banheiro — interfiro. — Quero dizer, eu não consigo vê-la de cócoras na beira da estrada, ou usando um penico. Portanto, o reconhecimento facial seria valioso.

— Seria — Zade concorda, me lançando um pequeno sorriso. Eu luto contra o orgulho que quer florescer em todo o meu corpo. Minha feminista interior não precisa da aprovação de nenhum homem.

— Você pode configurar um bot de reconhecimento facial que te alertará se alguma câmera detectá-la. Seja de restaurantes, lojas ou postos de gasolina. No entanto, não podemos contar com isso, porque, embora Francesca seja a mais provável de aparecer em público, também tem a vantagem de se disfarçar melhor do que os homens. O reconhecimento facial é avançado, mas não é infalível.

Inclino minha cabeça de um lado para o outro, em um gesto de *você tem um ponto.*

— Se alguém sabe como usar maquiagem, é ela — admito. Ela tem muita prática em trazer os mortos à vida – com seu próprio rosto e com as garotas que mantinha em cativeiro.

As mãos de Daya continuam a voar, seguindo as instruções de Zade sem hesitação.

Sibby está com o queixo em uma mão, e tamborila os dedos na mesa com a outra, claramente entediada. Seus interesses estão mais na ação do que no aspecto do planejamento.

— Vou rastrear Xavier Delano — diz Zade, lançando um olhar carregado em minha direção. — Devemos ser capazes de encontrá-lo facilmente. Tenho uma boa sensação de que ele não é tão inteligente em cobrir seus rastros quanto os outros.

— Isso seria muito egoísta da parte dele. Não é como se ele não soubesse que eu estava… uh, *com* Z… ou que seja. — Zade sorri sobre o meu tropeço. Reviro os olhos, com a intenção de ignorá-lo, mas Daya me trai e bufa, lançando seu olhar para mim com diversão.

Idiotas.

Todos eles.

— Cale a boca — eu estalo. — Não sei como rotular isso.

— Amigo de foda? — Daya oferece, mas não soa muito bem. A sobrancelha levantada na testa de Zade me diz que ele sente o mesmo.

— Amante! — Sibby diz alegremente.

Meu lábio se curva em desgosto. Odeio esse rótulo.

— Ah, admirador — diz Daya, estalando os dedos como se tivesse acertado o prego na cabeça.

— Um amor verdadeiro — Sibby suspira com melancolia. Ela olha para o lado, parecendo ouvir alguma coisa antes de revirar os olhos. — Ok, *cinco* amores verdadeiros.

Meus olhos revezam entre as duas idiotas enquanto elas continuam a jogar palavras que podem definir o meu relacionamento com Zade.

— Que tal apenas *stalker*? —interrompo secamente.

— Vamos, querida, não era assim que me chamava quando estava gritan…

— Cale a boca, ou eu vou começar a gritar os nomes de outros homens, e eu prometo que não preciso do seu pau perto de mim para fazer isso.

O desafio brilha em seus olhos, sinalizando que esta conversa está

rapidamente mudando de direção.

— Você realmente quer causar extinção em massa para esses nomes? Fale os nomes gemendo, ratinha, eu te desafio. Qualquer um que você escolher, nem um único homem com esse nome existirá mais. Que tal começarmos com Chad? Definitivamente, podemos viver sem os Chads no mundo.

Minha boca se abre.

— Isso é tão… excessivo.

Ele dá de ombros, virando-se para tirar o macarrão com queijo do forno.

— Não muda nada.

Meus olhos arregalados se voltam para os de Daya, os dela igualmente arredondados. Eu lhe lanço um olhar que diz *você vê com o que eu tenho que lidar?* e ela retorna, *boa sorte, Irmã Susie.*

Olho para Sibby e a encontro encarando o nada, sussurrando para um de seus capangas sobre maneiras anti-higiênicas de usar os picolés no freezer.

Oh, meu Deus. Estou vivendo com nada além de psicopatas.

Eu sabia disso, mas porra.

Ei, Deus? Importa-se de enviar algum remédio para corrigir seu grosseiro mau uso dessas duas almas dementes?

Balançando a cabeça, me viro para Zade, que agora serve o macarrão com queijo em pratos para nós, junto com os bifes que assou na grelha. Algo que fiquei surpresa ao saber: Zade sabe cozinhar.

— Quanto tempo você acha que vai demorar para localizar Xavier?

— Depende de quão acessível ele é. Eu posso encontrá-lo em uma hora, mas, se ele estiver em uma ilha remota, com um exército ao seu redor, levará tempo para chegar até ele. Tenha em mente que este homem é estupidamente rico e não tem nada melhor para gastar seu dinheiro, então isso é totalmente possível.

Eu inclino minha cabeça em curiosidade.

— Mais rico que você?

— Absolutamente. Não tenho interesse em reter mais do que o necessário. O dinheiro é uma ilusão, e uma poderosa. Transforma os homens em idiotas sem espinhas, sem nenhuma consideração real pela vida humana, exceto pela sua própria. Xavier usará seu dinheiro para se proteger. Especialmente porque ele é uma vadiazinha e, bem… — Ele olha para mim com um sorriso selvagem. — Eu sou assustador pra caralho.

Ele serve o jantar, deixando-me por último. Os pelos da minha nuca se arrepiam quando ele se dirige a mim; meu corpo se aquecendo ao se aproximar ainda mais. Ele se amontoa acima de mim quando coloca meu prato na mesa, o

calor que irradia dele afundando sob minha pele. Então, ele se inclina, e meu cérebro entra em curto-circuito. Não consigo decidir se quero abraçar a escuridão ou fugir dela.

Sua respiração é quente em meu ouvido ao sussurrar:

— Não só sou assustador, querida, mas estou muito, muito bravo. E, quando estou com raiva, eu os faço implorar para ir para o inferno.

Um arrepio percorre minha espinha e se espalha pelo meu corpo como a Peste Negra. Inclino minha cabeça para ele, encontrando seu olhar. Meu coração acelerado sobe à garganta, criando um pulso errático em meu pescoço, e uma tensão palpável circula no espaço entre nós.

Contra meu melhor julgamento, meus olhos deslizam para sua boca, espessando a tensão. Ele desliza a língua pelo lábio deliberadamente e, como um ímã, meu olhar se prende ao ato lento e pecaminoso.

No momento em que forço meus olhos de volta para os seus, minha boca está aberta e meus pulmões, privados de oxigênio.

— Eu odeio cortar este belo momento, mas Sibby está tirando a roupa.

A voz de Daya me tira de qualquer transe em que Zade havia me prendido, e quase violentamente, minha cabeça chicoteia em direção à Sibby.

É claro que ela está no processo de tirar sua meia-calça verde-neon.

— Sibby! — grito exasperada. — Pare de tirar a roupa, não estamos tendo uma maldita orgia!

28 de abril de 2022

Sem querer ser dramática, mas prefiro ver Rocco matar uma prostituta novamente do que escutar Sibby fazendo sexo com seus capangas. Eu acho que isso me incomoda porque ela é tão livre com sexo, e eu... não. Não mais.

Acho que isso me lembra que estou quebrada pra caralho.

Talvez, porque eu estava em uma casa onde as pessoas matavam prostitutas.

A mulher acidentalmente afundou os dentes no pau dele. Esse foi o motivo da sua morte. Estávamos tendo outra aula e, desta vez, tínhamos que aprender como agradar nossos mestres com outras mulheres. Tínhamos que aprender "trabalho em equipe".

Eles sempre traziam prostitutas para as aulas, mas essa estava assustada. Ela viu o que estava acontecendo, e não conseguia evitar ranger os dentes.

A mulher estava fazendo um boquete em Rocco em um minuto e, no outro, seus dentes estavam literalmente na porra do chão. Ele a socou tão forte, que dois de seus dentes da frente caíram. Claro, OBVIAMENTE, sangue escorreu da boca dela, e caiu um pouco nele, o que o irritou ainda mais.

Então, ele sacou a arma e atirou na cabeça dela.

Ele iria nos fazer enterrar o corpo, mas Francesca interveio e disse que não podíamos ter bolhas nas mãos.

Que legal da parte dela.

CAPÍTULO 28
O CAÇADOR



Eu aperto a ponte do meu nariz e me pergunto quanto Tylenol será necessário para matar uma dor de cabeça induzida por Sibby.

Ela está, atualmente, em uma porra de uma discussão.

Com seu maldito eu.

— Mortis, eu *te disse*, a polícia está me procurando em todos os lugares. Não podemos sair para passear ou passar algum tempo sozinhos. Estamos presos!

Ela se aquieta, ouvindo o que quer que seu namorado imaginário lhe diga.

Um som descontente sai de sua garganta.

— Também sinto falta dessas coisas, mas é assim que as coisas têm que ser. Timmy, pare de tentar tirar minhas roupas na frente de Zade!

— Se você fizer isso, vou literalmente perder a cabeça — estalo, atirando-lhe um olhar assassino. Já estou a dois segundos de perdê-la de qualquer maneira. Seus olhos saltam para os meus, arregalados de inocência.

— Não é *minha* culpa! — grita. Ela aponta o dedo para um local aleatório, presumivelmente onde acha que o culpado esteja. — É dele.

Resmungando, esfrego minhas mãos no meu rosto com força. Toda a discussão começou porque Sibby queria ser a pessoa a plantar os drives USB no escritório de Jimmy Lynch. Eu a lembrei que ela não podia ser vista, e a conversa tomou outro rumo.

Aparentemente, seus capangas queriam ir a uma porra de sex shop a poucos quarteirões do escritório de Jimmy. Eu disse que não, e aqui estamos.

Vê-la em seu elemento, acreditando plenamente que seus capangas são reais, apesar das pessoas dizerem que não são, é tão fascinante quanto triste.

Eu sei que a infância dela foi horrível – tanto que ela criou pessoas para lhe fazerem companhia e ajudá-la a passar por algo incrivelmente difícil. Uma jovem que não conhece nada além de um culto diabólico, vagando por uma cidade estranha sem rumo, sozinha.

Seu cérebro estava se protegendo, e os capangas nasceram.

— Está frio lá fora hoje. Podemos embrulhar você em roupas de inverno, e ninguém vai notar — raciocino com ela. — Mas você *não* pode ir a nenhum outro lugar. Sem desvios. Sem paradas. Nada. A menos que queira voltar para a ala psiquiátrica.

Ela olha para longe.

— Ouviu isso, Mortis? Então, não tente me convencer a ser malcriada. Vou ser presa de novo e você nunca mais me verá, pelo resto da vida.

Ele deve ter concordado, porque ela se vira para mim, um sorriso satisfeito no rosto.

— Estamos todos de acordo. Não se preocupe comigo, Zade. Pode confiar em mim.

— Sabe o quê? Acredito em você, matadora de demônios.

Seu sorriso de resposta ilumina o rosto inteiro. E percebo que Sibby é uma linda garota.

Espero que ela encontre algo real um dia.



— Você está ridícula pra caralho — declaro secamente, analisando-a com um olhar crítico.

Ela me encara como se eu a tivesse ferido pessoalmente.

— Por quê? — pergunta, baixando o olhar para sua roupa.

Ela parece uma porra de um Cheetos puff, mas em rosa-neon. Está envolta em várias camadas de roupas, com uma jaqueta bufante três tamanhos maiores, terminando em seus tornozelos e mal escondendo as botas de chuva amarelas de bolinhas. Para completar, está fazendo sua maquiagem novamente; no entanto, ela se esquivou do visual de boneca quebrada. Acho que era uma ferida ainda muito fresca. Felizmente, Addie lhe tem ensinado como aplicar de forma correta, e não estaria tão ruim, se não fosse pela monstruosidade da porra da roupa.

Eu permiti que Sibby fizesse algumas compras on-line logo depois de ter chegado, mas acontece que ela não tem ideia do seu tamanho e nem de como se vestir.

Ela só usava as roupas que seu pai lhe dava e as fantasias guardadas nas casas de Satan's Affair. Assim, apenas pediu um monte de merda aleatória em qualquer tamanho, a maioria mal ajustada.

Sibby é pequena. Sua estatura só chega a cerca de 1,52 m, e tem muita pouca

carne em seus ossos. Addie me olha, arrependimento em nossos rostos por não a monitorar enquanto fazia compras.

— Todo mundo vai, literalmente, notar você. Você deveria se misturar, não se destacar como um dedo inchado.

Suas sobrancelhas apertam.

— Você está dizendo que me pareço com o dedo de alguém?

Addie morde o lábio.

— Vamos trocar as jaquetas. Você pode usar a minha, Sibby.

Sibby resmunga, mas acaba trocando. Addie veste a rosa-choque e a fecha, a jaqueta não lhe cai melhor. O sorriso que desliza pelo meu rosto é quase esbofeteado no segundo em que Addie o vê.

Ela aponta um dedo para mim, o material balançando com o movimento.

— Eu vou te foder.

— É fofo, querida — digo, sorrindo ainda mais quando ela estreita os olhos, me dando um olhar que promete morte e destruição.

Eu adoraria vê-la tentar.

Pego um gorro preto e deslizo sobre a cabeça de Sibby e, em seguida, enrolo um lenço preto grosso em volta do pescoço para ajudar a esconder a metade inferior de seu rosto, sentindo-me como um pai vestindo seu filho.

Apesar de seu status de procurada, ela é a menos reconhecível, além de Daya. E, por mais, que eu preferisse a melhor amiga de Addie, Sibby estava muito animada em ser útil. Está presa na mansão há um mês, e ficando ainda mais louca do que já é.

Era vital tirá-la de casa, antes que dissesse “foda-se” e transasse abertamente com seus capangas imaginários na mesa da sala de jantar. Já havia chegado perto disso, e Addie e eu ficamos profundamente traumatizados pelo evento.

Eu lhe entrego um dispositivo Bluetooth e a instruo sobre como usá-lo, suspirando quando pergunta se seus capangas também podem ter. Ela afirma que ficarão preocupados se não conseguirem ouvir o que está acontecendo.

— Você sabe que nem todos podem vir, certo? — eu lembro. Ela torce os lábios e assente.

— Mortis e Jackal virão desta vez. Então, só eles precisam de um.

Eu a satisfaço e entrego mais dois, que prontamente passa para o ar vazio, os dispositivos caindo no chão. Vou ter que pegá-los quando ela não estiver olhando.

Quando sorri, satisfeita, vou para a câmera do corpo, prendendo-a em seu casaco e ajustando para ter certeza de que está em um bom ângulo.

— Não toque nisso. Preciso ver tudo o que você fizer. Estarei no seu ouvido, te guiando, então ouça tudo o que eu digo — falo para ela com firmeza.

Ela acena com a mão e ri.

— Eu sei. Você não precisa se preocupar, Zade. Prometo que não vou fugir.

— Ou matar alguém — Addie resmunga ao meu lado.

Sibby olha para Addie.

— Se um demônio estiver por perto, eu o deixarei ir. Posso sacrificar um ou dois se significar eliminar o maior de todos.

Bom o suficiente para mim. Desde que ela me escute.

Quando ela está pronta para ir, Addie se enfia no banco do passageiro ao meu lado, e nos dirigimos para o escritório de Jimmy, forçados a estacionar a alguns quarteirões de distância. Sibby terá que andar pelo resto do caminho, e esta é a parte que mais me preocupa. Ela está embrulhada e quase irreconhecível sob todo o material, mas Sibby é definitivamente… singular.

Algo que prova de imediato ao saltar do banco de trás, bater a porta e começar a pular pela calçada como um maldito palhaço.

Eu gemo, girando meu laptop para mim e ligando a transmissão ao vivo de sua câmera corporal. Addie se inclina sobre mim para ter uma visão melhor da tela, me envolvendo em sua doce fragrância de jasmim. Inalo profundamente, tentado a dar uma mordida nela, só porque ela tem um cheiro divino.

Em breve. Farei isso em breve.

Seu rosto está contorcido em uma mistura de diversão e preocupação.

Preocupação com a missão, ou preocupação com o estado mental de Sibby, é difícil dizer.

Addie amoleceu em relação à Sibby, contudo. Embora ainda cautelosa – o que é a coisa mais inteligente a se fazer –, acho que vê Sibby por quem realmente é. Uma garota perdida, em busca de amor e amizade. Mesmo quando está falando com seus capangas ou irritada sem razão por eu ter comido o último Pop Tart – Pop Tarts que *eu* comprei, a propósito – ela é gentil, incrivelmente leal e muito engraçada.

Ainda não sei o que diabos vamos fazer com ela, mas vou descobrir depois que cuidarmos de Claire.

Sibby ainda está pulando pela 5ª Avenida, recebendo olhares que vão desde *vejo essa merda todos os dias* até *estou tão cansada de ver essa merda todos os dias*. Ela não está nem um pouco incomodada com a atenção negativa.

Acho que está acostumada.

Finalmente, ela chega ao quarteirão onde o escritório de Jimmy está. Em vez

de seguir em frente, ela vira à direita e segue por uma rua lateral, para poder chegar ao escritório pela entrada dos fundos.

Não há muito tráfego de pedestres daquele lado, tornando um pouco menos provável que ela seja pega.

Ao chegar à porta, ela faz uma pausa, esperando meu sinal. Para um adolescente rebelde, Jimmy tem ótimos sistemas de alarme, mas, para mim, é como passar por um biscoito salgado. Seu sistema de defesa desmorona sob meus dedos e, em dez segundos, dou sinal verde para Sibby.

Ela se curva e começa a arrombar a fechadura, fazendo um trabalho rápido e abrindo a porta momentos depois.

O prédio de escritórios não é muito grande, e já tenho as plantas no meu computador.

— Vire à esquerda — comando quando ela chega a um beco sem saída. Ela faz o que peço, percorrendo um pequeno corredor antes de chegar à área da recepcionista.

A bancada de madeira desagradavelmente grande bem no meio da sala está vazia, o nome de Jimmy exibido na frente. No caso de alguém estar perdido e não ter certeza sobre onde está, eu acho.

O lugar é extravagante. Piso de azulejos brancos brilhantes, paredes acinzentadas e plantas colocadas ao redor da sala para dar vida a ela.

— Passe pela mesa. Você vê aquela porta com o nome de Jimmy na placa? Esse é o escritório dele.

— O nome dele não está por todo o prédio? — ela reclama. Addie bufa ao meu lado, ouvindo a pergunta com seu próprio fone de ouvido Bluetooth.

Sibby sacode a porta, mas descobre que está trancada e não há fechadura na maçaneta.

— Dê-me um segundo — digo, abrindo meu programa para verificar o sistema de segurança dentro do prédio. Ele possui uma fechadura automatizada na porta, que só pode ser aberta pelo aplicativo de telefone.

Reviro os olhos. Esse tipo de merda é tão brega – e um desperdício de dinheiro. Sistemas de segurança sofisticados como este parecem avançados, mas, na verdade, é incrivelmente fácil invadir o aplicativo e destrancar a porta.

Patético, mas me beneficia muito.

— Está aberta — confirmo.

Rapidamente, ela entra na sala e fecha a porta atrás de si.

— É seguro acender uma luz? — pergunta ela, sua voz um pouco abafada pelo lenço.

— Sim, mas use a lanterna que eu te dei — digo. O escritório fica na parte de trás do prédio, mas nunca se sabe.

Ele está em um jantar com alguns colegas no momento, e a caminho de apagar devido ao uísque superfaturado. Tenho Daya de olho nele, enquanto garanto que Sibby não terá surpresas desagradáveis. Basta apenas um funcionário aparecer porque esqueceu alguma coisa.

Ela acende a lanterna, exibindo o escritório ostensivo de Jimmy.

— Sério que ele tem o nome gravado em sua própria mesa? — Addie pergunta ao meu lado, seu tom seco.

— Talvez ele seja um chefe proativo e tenha lembretes em todos os lugares, caso alguém tenha Alzheimer precoce e esqueça seu nome.

— Acho que seria uma bênção se eu tivesse que trabalhar para ele.

Sibby viaja mais para dentro do escritório, olhando para os vários arquivos.

— Onde ele guarda os drives? — pergunta ela. Outra bufada de Addie.

— Pen drive — corrijo, embora eu nem tenha certeza porque me incomodo. Eu disse a ela como são chamados um milhão de vezes, e ela ainda os chama assim.

— Podem estar na mesa. Tem o nome dele, caso você esteja confusa sobre onde está.

— Eu não estou confusa, boba — Sibby ri.

Addie e eu olhamos um para o outro, sorrisos em nossos rostos. O sarcasmo se perde nela, às vezes.

Observamos Sibby se aproximar de sua mesa, a madeira de cerejeira brilhando, sem uma partícula de poeira à vista.

Cada coisa tem seu próprio lugar sobre ela, organizada ordenadamente e posicionada em linhas retas. Ou Jimmy, ou seu serviço de limpeza tem TOC.

Ela puxa a gaveta de cima, gemendo de um jeito dramático quando emperra.

— Ele tranca as próprias gavetas? — choraminga ela.

— Apenas abra a fechadura — digo a ela calmamente, rezando para que não faça birra e comece a esfaquear a cadeira de couro do computador com o abridor de cartas.

Suspirando, ela vasculha o bolso da jaqueta antes de tirar seu kit e começar a trabalhar, resmungando para si mesma o tempo todo.

Leva quinze segundos para destrancá-lo, e estou tentado a perguntar se foi tão ruim quanto fez parecer. Mas prefiro não arriscar que fique com raiva. Houve alguns pratos quebrados no último mês – desnecessariamente. Não tem ideia de como regular suas emoções, mas é algo que tenho trabalhado com ela.

Ao abrir, ela encontra uma cesta de drives e começa a substitui-los pelos meus, enfiando os dele no bolso do casaco. Mais tarde, vou plugá-los em um laptop sobressalente, para ver se há algo de valor.

Ao meu lado, Addie abre o zíper da jaqueta e quase a arranca, com um brilho de suor na testa. Ela me olha e depois cruza os braços.

— Não pare por minha conta, ratinha.

— Sinto que você está deixando o carro quente de propósito — ela resmunga, estendendo a mão para diminuir o aquecedor.

— Se quisesse tirar suas roupas, eu mesmo as tiraria.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Você está dizendo que não quer tirar no momento? — ela desafia.

As extremidades da minha boca se curvam, e certifico-me de manter meu olhar lento e ardente ao deslizá-lo por seu corpo. Se ela acha que o carro a está superaquecendo, eu vou lhe mostrar o quão quente posso deixá-la com um olhar.

Ela cora brilhantemente, vermelho manchando suas bochechas enquanto se move, aquelas coxas grossas apertando. Meu pau endurece dolorosamente no meu jeans, imaginando-as ao redor da minha cabeça. Ela gosta de tentar me sufocar entre elas, mas eu morreria de bom grado entre suas coxas.

— Pare de ser inapropriado — ela retruca, seus olhos cor de caramelo arregalados.

Ela é tão linda, que dói. Especialmente quando está com raiva.

— Impossível — murmuro, mas a deixo em paz por enquanto, voltando minha atenção para a tela.

Sibby coloca a cesta de drives de volta na gaveta, fecha-a devagar e volta a trancá-la com suas picaretas. Em seguida, ela se dirige para a porta.

— Precisa de mais alguma coisa? — ela pergunta. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ela rosna: — Jackal, pare de mexer nas coisas. Você vai nos colocar em apuros.

— Sibby, foco — eu estalo.

— Desculpe — ela murmura, mas não antes de sibilar outra exigência para Jackal. Nada está realmente sendo mexido, mas, se Sibby acredita que está, pode tentar consertar e então estragar alguma coisa.

É vital que Jimmy não perceba que alguém esteve em seu escritório, ainda mais por estar tão arrumado. Ele pode ficar paranoico e desistir de usar qualquer um dos pen drives.

Vou limpar completamente as câmeras, mas você não consegue limpar provas físicas tão facilmente.

— Você foi muito bem, Sibby. Saia da sala. Não toque em mais nada.

— Não fui eu quem tocou nas coisas… *sim*, estou falando com você, Jackal. Você é o único agindo como um idiota.

Addie reprime um sorriso e decido que, embora Sibby seja uma completa dor de cabeça, ela é boa para Addie. Ela faz com que todos nos sintamos um pouco mais… normais.

Sibby sai do prédio sem problemas, até virar a esquina e colidir diretamente contra peito de alguém.

A câmera corporal cai, e apenas a calçada pode ser vista.

— Sibby? — pergunto, minha frequência cardíaca acelerando um pouco. Seu rosto está estampado em todo o país. Agências de notícias, mídias sociais e assim por diante. Se essa pessoa reconhecê-la, estamos fodidos.

— Ah, merda — diz o cara, sua voz baixa. — Você está bem, senhorita?

— Isso realmente doeu — Sibby resmunga. — Você cheira como uma árvore de baga, então vou deixá-lo passar.

— Ah, não — Addie sussurra. — Sibby, não pode dizer coisas assim. Todos sabem que você associa suas vítimas a cheiros.

Sibby se aquieta, o que nos permite ouvir a resposta do homem.

— Que coisa estranha de se dizer.

— Eu sou uma excêntrica — Sibby diz, com uma risada tensa. Com base no grunhido e som de babados, ele deve estar ajudando.

— Obrigada por me ajudar — diz ela, uma pitada de nervosismo em seu tom.

— Sim, claro. Acho que devo olhar por onde ando da próxima vez — ele responde tranquilamente. Um pouco da ansiedade que toma meu peito diminui, até que eu o ouço falar novamente.

— Ei, eu te conheço de algum lugar?

— Não, eu sou nova na cidade — Sibby diz. Sua voz enrijecendo.

— Fique calma — Addie diz suavemente.

— Cara, você parece tão familiar. Você não tem família por aqui?

— Sou da Costa Leste, bobo. Mas eu tenho que ir, até mais!

— Não se apresse — eu lhe digo.

— Ele ainda está me encarando — ela informa, a respiração acelerada. — Mortis provavelmente assustou-o. As pessoas não gostam deles fora das casas mal-assombradas. Não estão acostumados com a maquiagem e tudo mais.

— Tenho certeza de que Mortis está ok — garante Addie, olhando com atenção para o computador, embora a câmera tenha sido deixada para trás.

Felizmente, ela leva apenas mais alguns instantes para chegar ao carro. Abre a

porta e quase mergulha no banco de trás com um suspiro aliviado.

Não perco tempo saindo do estacionamento. Por vários minutos tensos, tudo fica quieto. Mas, ao estilo típico de Seattle, estamos no meio do trânsito e chegar a alguns quarteirões de distância leva mais tempo do que eu gostaria. Assim que Addie solta um suspiro aliviado, convencida de que estamos livres, um carro de polícia toca as sirenes a alguns quarteirões abaixo, seguido por luzes piscando.

— Merda — murmuro, certo de que somos o alvo. Nós dois estamos presos entre os carros, mas os outros veículos já começam a abrir caminho para deixar a polícia passar.

Aquele homem a reconheceu, porra. Ele deve ter chamado a polícia assim que ela saiu. E, para o nosso azar, um oficial estava perto pra caralho.

— Eles podem não saber em que carro ela entrou — garante Addie, mas sua voz trai seu nervosismo.

Assim que as palavras saem de sua boca, a voz do policial ecoa no alto-falante, nomeando minha marca e modelo e exigindo que eu pare.

— Ok, esqueça isso — diz ela, seu tom cheio de medo. Eu olho para ela, notando como aperta as coxas novamente, seus mamilos endurecendo sob sua camisa de manga comprida. O medo é palpável em seu rosto, suor escorrendo ao longo da linha do cabelo.

Seu corpo responde ao medo como o metal responde à eletricidade. Quando ela está à mercê das correntes, ganha vida.

Eu sorrio, mas mantenho minha boca fechada, considerando que Sibby está no banco de trás, e tenho um policial prestes a morder minha bunda. Preciso me concentrar, e tenho a sensação de que Addie vai testar minha disciplina.

Não é a primeira vez que participo de uma perseguição de carro, mas é a primeira vez que tenho que me preocupar com a vida de outra pessoa além da minha durante uma.

— Segurem-se, senhoras — digo. O carro da polícia corre na minha direção, continuando a gritar exigências pelo alto-falante.

Levo um segundo para olhar para os dois lados, antes de fazer uma curva em U com meu carro e sair em alta velocidade.

O carro da polícia rapidamente segue o exemplo, quase batendo no tráfego que se aproxima e errando um SUV por pouco.

— Ele já é uma merda nisso — comenta Sibby, completamente virada enquanto observa nosso perseguidor pela janela de trás.

— Eu também já estive em uma perseguição de carro, sabia?

— Sim — digo, rangendo os dentes ao fazer uma volta um pouco rápida

demais. Meu Mustang se inclina para um lado, antes de voltar a se apoiar nas quatro rodas, fazendo Addie se engasgar e cravar as unhas no assento de couro, seguido por um pequeno gemido em sua garganta.

Isso… isso é realmente o Inferno. Se estivéssemos sozinhos, eu dirigiria com uma mão e tomaria a dela na outra. Estou tentado a fazê-lo de qualquer maneira, mas sei que Addie não gostaria que a pequena matadora de demônios testemunhasse isso.

Eu endireito o carro e faço outra curva em uma rua lateral. Em breve, toda a cidade estará inundada com carros de polícia, com minha marca, modelo e placa transmitidos em seus rádios.

Tenho uma janela pequena demais não só para despistá-los, mas para voltar para a casa de Addie antes que eu seja visto novamente.

— Não terminou muito bem — compartilha Sibby, sem se incomodar com nossa situação atual.

— A minha também não — Addie grita.

— Você está segura comigo, ratinha — digo, minha atenção presa em um carro de polícia correndo por uma rua lateral em nossa direção.

Minha corrente sanguínea está se afogando em adrenalina, mas meus músculos estão lânguidos e soltos enquanto passo pelo trânsito e faço curvas estranhas. Em poucos minutos, vários oficiais estão vindo para mim de todas as direções.

Chamo por Jay várias vezes, mas ele não responde.

Assim que me preparo para levar os policiais direto para sua casa, ele entra no alto-falante.

— Eu saio para cagar por cinco minutos, e você está em uma perseguição de carro em alta velocidade quando eu volto — diz ele com exasperação.

— Um homem esbarrou em Sibby na saída e a reconheceu. Chamou a polícia e aqui estamos.

Ouço uma enxurrada de sirenes de todas as direções, e o couro do banco geme sob as unhas de Addie, seu peito arfando. Seus olhos estão dilatados de medo e olhando em todas as direções.

— Eu tenho um drone rastreando vocês agora — diz ele. —Vou te dizer para onde virar.

Ela se mexe novamente, esfregando as coxas e fazendo pequenos ruídos guturais.

Porra.

— Addie, querida — digo, olhando em sua direção.

— Sim? — ela resmunga, seus olhos arregalados, fixos na estrada.

— Eu vou precisar que você pare de me distrair.

Sua boca se abre, e ela encontra meu olhar vacilante, metade da minha atenção na estrada, a outra na minha garota.

— Eu não estou fazendo nada — ela insiste, mas suas bochechas coradas e mamilos duros dizem o contrário.

Sibby coloca a cabeça entre os assentos, girando a cabeça entre nós.

— Meus capangas já estão desconfortáveis aqui do jeito que está — diz ela, nos dando um mau-olhado. — Se você for fazer coisas sujas, certifique-se de que todos nós possamos participar.

Addie cobre o rosto vermelho.

— Ah, meu Deus, Sibby. Em primeiro lugar, não estamos fazendo nada. Em segundo lugar, mesmo se estivéssemos, você *não* estaria se juntando a nós.

Sibby parece ofendida com essa notícia quando faço outra curva acentuada. Jay me diz para virar à esquerda um segundo depois, o que faz o carro derrapar novamente.

— Bem, isso não foi muito legal — observa Sibby.

— Sibby, nem todo mundo gosta de fazer sexo grupal como você — disparo, sem acreditar que estamos tendo essa conversa agora.

Sua cabeça chicoteia para mim, seus olhos castanhos arregalados.

— Sério? Por quê? É muito divertido!

Addie balança a cabeça.

— Talvez para *você*. Zade já tem uma longa lista de cabeças para arrancar por terem me visto nua.

— Certo — concordo distraidamente, ouvindo outra orientação de Jay. As sirenes começam a desaparecer, à medida que ganho cada vez mais distância entre nós.

Até que um vem de uma rua lateral correndo, quase atingindo a traseira do meu Mustang.

Eu rosno:

— Jay. Um aviso da próxima vez?

— Merda, desculpe, meu irmão veio perguntar se eu poderia pedir pizza.

Jesus Cristo.

— Zade, você realmente deveria considerar deixar Addie explorar.

— Ei, matadora de demônios? — indico. — Eu vou precisar que você fique quieta agora.

Ela bufa, mas finalmente volta ao seu assento. Eu ainda a ouço sussurrar:

— Ele é um idiota possessivo. Estou feliz que vocês gostem de me compartilhar.

Addie abafa um sorriso, mordendo o lábio, quase me distraindo o suficiente para voar para uma vala. É isso. Farei essa merda sozinho de agora em diante.

Tenho minha namorada se contorcendo ao meu lado, e um cachorro no cio no banco de trás, que está testando minha paciência. Juro por Deus, se ela fizer algum avanço sobre Addie, vou chutar sua bunda.

Outro carro de polícia vem correndo, quinze metros na minha frente, quase colidindo com o tráfego. Eles corrigem a direção antes de virem direto para mim. Estão tentando me enganar, me fazendo pensar que não vão me alcançar. Eles gostam de fazer isso para forçar as pessoas a agirem. Mas o idiota não percebe que há uma rua lateral se aproximando, e eu tenho um controle muito bom sobre este carro.

— Você vê a rua?

— Sim.

— Uma vez que você descer aquela estrada, vire à direita e duas à esquerda logo depois. Você deve despistar todos depois disso.

A mão de Addie se estende, agarrando meu braço enquanto suas costas pressionam mais fundo no assento como se isso fosse salvá-la.

— Zade — ela geme, seus olhos arregalados.

— Estou no controle, querida — asseguro gentilmente. Piso no freio e giro o volante para o lado, encaixando com perfeição meu Mustang no beco estreito. O carro balança um pouco, mas recupero o controle facilmente. Segundos depois, o carro da polícia bate na lateral de um prédio, falhando em realizar o que acabei de fazer.

Em seguida, sigo as instruções de Jay e faço as curvas que me indicou. Assim como ele havia dito, despisto todos eles. Esperando que os helicópteros cheguem a qualquer momento, piso no acelerador. O Casarão Parsons fica a dez minutos, mas chego lá em três. Irão procurar meu carro, mas, felizmente, posso guardar meu Mustang sob as árvores até que seja seguro me livrar dele.

Eu paro bruscamente logo após a linha das árvores, forçando Addie e Sibby a se segurarem para não serem lançadas para frente.

O silêncio se instala, interrompido periodicamente pela respiração pesada de Addie. O sol mergulha abaixo da baía, a luz se afogando lentamente sob a superfície.

— Nós morremos? — ela chia.

Sibby se inclina para frente mais uma vez.

— Bobinha. Se você ainda está respirando, significa que está viva. — Ela fareja alto. — E você ainda cheira tão bonito como sempre.

Os olhos arregalados de Addie vão para ela, choque clareando a cor de seu rosto. Se o calor não estivesse saindo dela em ondas e transformando meu pau em granito, eu riria.

— Sibby, saia do veículo, por favor — digo a ela severamente. Ela revira os olhos, mas me ouve, conduzindo seus homens imaginários para fora do carro antes de fechar a porta.

— Vocês estão seguros? — Jay pergunta pelo telefone.

— Nós estamos bem — digo. — Obrigado, cara. Eu te ligo em breve.

Encerrando a ligação antes que ele possa dizer outra palavra, eu fixo meu olhar em Addie. Ela parece enrijecer ainda mais sob o meu olhar, e eu estaria mentindo se dissesse que isso não me excita.

Sem desviar os olhos, encontro a alavanca na lateral do meu assento e a aciono, permitindo que eu deslize para trás. Ela pula, o couro macio gemendo sob seus dedos, enquanto seu olhar salta ao redor. Provavelmente, determinando o quão rápido ela pode sair do carro antes que eu ataque.

A tensão é incrivelmente espessa, e meu pau está pressionando contra o zíper do meu jeans. Dói pra caralho, mas dou as boas-vindas à dor.

— Venha aqui — eu ordeno de forma brusca.

— Zade… — Sua voz rouca desaparece, a incerteza manchando sua decisão. Ela oscila entre ouvir meu comando e correr dele.

Porra, espero que ela corra. Deus sabe o quanto eu amo persegui-la.

Ela deve se lembrar disso, porque engole e, com movimentos instáveis, rasteja para o meu colo. Mechas de seu cabelo castanho-avermelhado caem sobre meus ombros e peito enquanto ela se ajusta, se acomodando em minhas coxas. Sei que ela pode me sentir entre suas pernas, o que é comprovado pela inspiração afiada.

Por enquanto, mantenho minhas mãos para mim. Ela está escolhendo me tocar – se aproximar de mim – e sei que é só porque ainda está com o medo e pela adrenalina da perseguição de carro. É a mesma combinação que a levou a lutar comigo a cada passo, enquanto queimava e se contorcia sob meu toque. No segundo em que diminuir, a realidade vai bater, e ela vai voltar a se retrair em relação mim.

Quero lembrá-la de como é bom. Dar a ela algo para se agarrar quando estiver muito perdida em sua mente e não conseguir encontrar o caminho para além dos demônios que gritam com ela.

Meus dedos deslizam pela cortina de cabelo que nos esconde do mundo

exterior, fios entrelaçados em meus dedos. Aqui dentro, está escuro agora, e o ar frio de abril se infiltra pelas frestas. A água engoliu o sol, e eu me pergunto se ela vai me deixar devorá-la, também.

Ela agarra cada lado do meu assento, mais uma vez cravando suas unhas profundamente, e sinto uma onda irracional de ciúme por elas não estarem se afundando em mim.

— Mais perto, ratinha — sussurro. — Eu preciso sentir se você é real, e não apenas mais um fantasma assombrando o Casarão Parsons.

Uma exalação trêmula desliza pela minha bochecha enquanto ela relaxa seu corpo no meu até que cada centímetro dela esteja moldado a mim. Posso sentir cada batida de seu coração contra o peito, sincronizada com as minhas em uma balada de saudade e tristeza.

Uma de suas mãos libera o assento, movendo-se para o console central, em busca de algo. Minhas sobrancelhas saltam de surpresa quando ela pega um cigarro e meu isqueiro preto.

Então, ela pega minhas mãos e as coloca em seu traseiro.

— Você tem até este cigarro queimar para me tocar.

Eu sorrio, deliciando-me com seu ultimato. Ela espera que eu aperte seus seios e passe a mão em sua boceta, mas está errada. Eu não sou um adolescente carente de boceta que não tem autocontrole para saber como durar mais de trinta segundos.

Vou tocá-la em todos os lugares que não serão bons o suficiente. A parte interna das suas coxas e até onde encontram sua bunda, e sua cintura fina até as costelas e a lateral de seus seios. Quando ela não tiver nada além do gosto de cinzas na língua, vou mostrar a ela que o arrependimento tem um gosto pior.

Ela vira o queixo para a janela, mas mantém o olhar fixo em mim ao enfiar o cigarro entre os lábios e acendê-lo, a chama perigosamente perto do meu rosto. O clarão ilumina seus incomuns olhos castanho-claros, criando um efeito surpreendente sob a luz laranja tremeluzente. Sombras dançam nas linhas de seu rosto, escurecendo as sardas em suas bochechas.

Neste momento, decido que ela pode não ser real, e que enlouqueci como a bonequinha que costumava assombrar o interior das paredes.

Estou pronto para incendiar este carro inteiro, contente em vê-lo queimar ao nosso redor, se isso significa que posso olhar para ela sob o brilho ardente. A chama se apaga, nos lançando de volta à escuridão, apenas o brilho do luar me permite ver suas curvas sombreadas.

A bola vermelha brilha quando ela suga e depois exala suavemente, a fumaça

espiralando entre nós. Meus olhos estão cravados em sua boca, desesperados para ver estes lábios envoltos em mim, ao invés disso.

— Eu sou tocável, ou você vai me deixar escapar por entre seus dedos como a fumaça deste cigarro? — ela pergunta, sua voz rouca. Cada terminação nervosa acende de tão sensual que ela soa.

Em vez de me permitir responder, ela vira a mão e enfia o cigarro entre meus lábios. A queimadura da nicotina e do mentol se espalha pela minha garganta e pelo meu peito. Ela o afasta e se inclina para frente, roçando seus lábios entreabertos contra os meus.

Minhas mãos começam a se mover, sussurrando em suas costelas, fazendo com que ela estremeça enquanto eu as desço até seus quadris, apertando firmemente antes de deslizar para a parte interna de suas coxas.

Eu expiro, a fumaça trocando da minha boca para a dela antes de serpentear para cima, entre as fendas. Ela não me beija, mas permanece suspensa acima de mim e permite a menor das carícias.

Então, está recuando outra vez, inalando o cigarro mais uma vez. Para frente e para trás, ela o alterna entre nós, ocasionalmente batendo a cinza para fora da janela. Minhas mãos nunca param, embora tenha levado apenas alguns segundos antes que ela começasse a estremecer.

O ar crepita ao nosso redor, e está claro que não preciso atear fogo a este carro, quando nossa química é como dinamite e queima tudo ao nosso redor.

— Nossas bocas estão tocando o mesmo ponto — ela diz, trêmula. — Isso conta como um beijo?

— Diga-me você, ratinha. Quando eu faço você clamar por Deus, isso conta como oração?

Seu lábio inferior se curva sob seus dentes retos, e um rosnado se forma no fundo do meu peito.

— Se você está me mostrando onde morder, posso garantir que esses lábios doces serão apenas o começo.

Ela não me responde de imediato e dá outra baforada no cigarro, depois o apaga.

— Você me faria sangrar? — ela pergunta, sua voz rouca, enquanto a fumaça ondula em torno de nós.

— Se você me pedir — murmuro. — Eu preferiria vê-la coberta com meu próprio sangue, no entanto.

Minha resposta parece surpreendê-la, então aproveito e me inclino para frente, roçando meus lábios em sua mandíbula. Ela disse que eu podia tocá-la, mas

nunca limitou isso às minhas mãos.

— O que quer que aqueles homens fizeram você sentir, não é o que eu vou fazer você sentir, ratinha. Quer sua pele esteja entre meus dentes, sob minha lâmina ou sob minha língua.

Ela estremece, e mordo sua mandíbula para provar meu ponto de vista.

— Acabou — ela diz, se afastando, jogando o cigarro pela janela e fechando-a. — Não se esqueça de jogar no lixo.

A tensão se aprofunda enquanto espero que ela abra a porta e deslize do meu colo. Sentindo sua agitação, deslizo meus lábios ao longo de sua mandíbula e em direção à sua boca, até que estejam a centímetros de distância.

— Você tem até que a fumaça se dissipe para me beijar — murmuro.

Apenas uma pequena pausa passa antes que ela empurre seus lábios nos meus. Minhas mãos mergulham em seu cabelo, enrolando com força enquanto devoro seus lábios. Ela tem um gosto sublime, e a sensação de sua língua deslizando contra a minha é inebriante.

O mundo poderia desmoronar ao nosso redor, virar cinzas como o cigarro entre nossos lábios, e eu não perceberia.

Ofegos e gemidos desesperados se misturam entre meus dentes, e tudo que posso pensar é em todas as maneiras que eu poderia fazer isso durar para sempre.

Como se ouvisse meus pensamentos, ela se afasta, quase colidindo com o volante em sua pressa para fugir. Seu cabelo está espalhado pelo rosto, e ela me encara com olhos arregalados e em pânico.

Está tensa, e as cordas estão prestes a arrebentar.

— A fumaça sumiu — ela sussurra antes de abrir a porta e sair correndo, desaparecendo em um piscar de olhos.

Cerro os dentes e fecho minha mão em um punho apertado, a segundos de mandá-lo para o volante.

Rosnando, abro a porta quase que com um chute, pego a bituca de cigarro e a jogo no saco de lixo do meu carro, depois bato a porta atrás de mim. Tensão e raiva crescem em meus músculos, e alongar meu pescoço faz pouco para aliviá-la.

Apenas minha ratinha fugitiva vai atenuá-la e, nas profundezas dessa minha parte sombria, espero que ela esteja sofrendo com a minha perda tanto quanto estou sofrendo a dela.

CAPÍTULO 29
O CAÇADOR



Inclino minha cabeça para o lado, encarando o homem correndo com perplexidade.

— Por que ele corre desse jeito? — pergunto, genuinamente preocupado se Rick gosta de se prender a objetos estranhos. Talvez um tenha ficado preso porque, Jesus Cristo, *quem corre assim?*

— Isso… essa é uma boa pergunta — Jay responde pelo meu fone de ouvido, soando tão confuso quanto eu. Ele assiste através do drone pairando sobre o cara correndo desajeitadamente.

Temos rastreado Rick Boreman desde que fugiu da casa de Francesca. Ele não foi difícil de encontrar, apesar de seus melhores esforços para se manter escondido. Tenho certeza de que machucou sua pequena alma enrugada ter milhões de dólares e não ser capaz de desaparecer para uma ilha tropical com strippers e boquetes. Acho que o cara não fritou tanto o cérebro com drogas para não estar ciente do enorme alvo em suas costas.

Ele é uma das duas pessoas responsáveis por sequestrar minha garota, e isso não é algo que eu vá amenizar.

Suspiro, aponto minha arma e atiro, a bala atingindo-o na parte de trás do joelho e mandando-o para o concreto com um grito agudo.

— Maldito chupador de pau! — ele grita, sua voz soando como a de um menino de doze anos de idade. Ele até parece um garoto que acabou de aprender a xingar e faz isso a cada duas palavras, porque está tentando ser descolado.

— Você realmente quer me chamar de chupador de pau quando é isso que você tem feito nos últimos quatro anos para sobreviver? — retruco, arqueando uma sobrancelha ao me aproximar dele.

Estamos em um beco úmido, com lixo espalhado dos dois lados, caindo das lixeiras cheias. Ou, talvez, haja uma família de guaxinins lá dentro, jogando para fora a podridão indesejável. O que me faz pensar se ficariam com o corpo de

Rick depois que ele morresse.

O pavimento está molhado e frio, e uma lâmpada laranja zunindo está pendurada na entrada do beco, iluminando o suficiente para me abençoar com um rosto marcado de varíola e cabelos oleosos enfiados sob um gorro.

— Vá se foder — ele cospe, suas mãos trêmulas segurando seu joelho ensanguentado. Ou o que resta dele. Está se balançando para frente e para trás, gemendo de agonia, enquanto me encara com ódio.

Até Addie tem um olhar mais ameaçador do que isso, e ela nunca me odiou de verdade. Não como Rickety Dick aqui está prestes a fazer.

Eu me agacho e percorro meu olhar pela sua forma, dissecando-o como ossos de merda fossilizada. Os orientadores do acampamento de verão nos obrigaram a fazer isso um ano, e tudo o que eu podia sentir era um desgosto total. Ocorre o mesmo quando olho para esse homem patético.

Na época, eu não conseguia entender qual era o objetivo daquele exercício. Agora, suponho que tenha sido útil, porque Rick aqui não é diferente. Uma pilha de merda com ossos alojados dentro de si, em algum lugar; e, ao contrário da primeira vez, vou gostar de tirar cada um dele.

Um por um.

— Essa não é a parte da qual você deveria se envergonhar. É *quais* paus você está chupando. Xavier Delano te lembra algo?

Ele rosna, desviando o olhar e se recusando a responder.

Max lhe deu três milhões de dólares por sequestrar Addie. Mais da metade já se foi.

Além de seu vício em drogas, Rick tem um problema com jogo. Cavalos, especificamente. E ele também é muito ruim nisso. Qualquer dinheiro que ganha, ele aposta na porra do cavalo errado e sai sem nada no final. Para compensar seu hábito, cuidou de alguns homens ricos ao longo dos anos. Xavier sendo um deles.

— Você sabe quem eu sou?

Ele solta o que deveria ser uma risada, mas soa como uma tosse úmida.

— Eu deveria? — ele corta.

— Mirando no coração hoje, cara — eu respondo, sorrindo.

Ele rosna.

— Deixe-me adivinhar… Z. Não é de se admirar que esconda seu rosto; você é feio pra caralho.

— Não me faça chorar, Rick. Estou me divertindo muito — digo, inexpressivo.

— Isso é sobre aquele maldito diamante estúpido, não é? Você já matou Max? Porque espero vê-lo no inferno para poder chutar a bunda dele por me envolver nessa merda. — Ele ri novamente, semelhante a uma hiena. — Aquela put…

Uma onda de fúria me atinge no peito, e eu estalo minha mão e o agarro pela mandíbula, apertando até que guinche como a porra do porco que é.

— Termine essa frase, e vou arrancar sua língua com minhas próprias mãos e fazer você se engasgar com ela. E eu não chamaria minha garota de estúpida quando é você que está deitado no lixo com uma bala no joelho — eu disparo.

Ele ferve, mas guarda todos os insultos que estava pronto para vomitar. Eu diria que ele estava ficando mais esperto, se não estivesse astutamente tentando enfiar a mão no bolso de trás para pegar a faca. O cabo está completamente para fora. Alguns pensam que meu olho esquerdo é cego por causa da descoloração e da cicatriz que o atravessa, mas, mesmo que fosse, uma vovó com óculos bifocais poderia ver o que ele está fazendo.

Pacientemente, espero que ele pense que tem uma chance. Envolve os dedos ao redor do cabo e, em seguida, puxa-o do bolso e aponta em direção ao meu rosto. Eu pego seu pulso e o giro antes que ele possa piscar, a faca caindo de seu aperto.

Ele grita, os olhos arregalados de choque ao encarar sua mão flácida e inútil. Eu aperto seu rosto com mais força, sua luta renovada.

— Sério, cara? Uma porra de faca de *cozinha*? — eu pergunto, tomando a arma patética. É o que Addie costumava carregar quando tentava me odiar, e eu ria toda vez que via a faca presa em seu pequeno punho.

Addie tem o poder de me cortar. Este idiota não tem a menor chance.

Ele geme e se debate em meu aperto, balançando a cabeça rudemente, em um esforço para soltar minha mão de seu rosto.

— Me solta, porra!

— Bem, merdinha, já que você pediu com tanta gentileza, eu acho que vou — digo, liberando-o. Seus olhos se arregalam mais uma vez em surpresa, e então ele se levanta. Ou, pelo menos, tenta. Cai de volta no mesmo instante, mas não desiste. O desespero é mais potente do que um ferimento de bala no joelho.

Se o governo pudesse engarrafar essa emoção em particular, poderiam criar um exército de super-humanos. É a força motriz que cria habilidades extraordinárias.

Levantar um carro do seu filho moribundo, preso sob o pneu. Correr com a perna quebrada. Ou melhor, correr com uma rótula estourada.

Eu ergo minha arma e disparo uma bala contra seu outro joelho, enviando-o

direto para o chão. Vamos ver se ele consegue correr com os dois estourados. Ele pode até entrar no Guinness World Records como a pessoa a correr mais tempo sem joelhos.

Ele volta a gritar, repetidamente tenta se levantar e falha todas as vezes. Eu inclino minha cabeça para trás e rio pra caramba. Que pena, eu gostaria de ver a foto de Rick em um desses livros.

— Desculpe, cara, não pude evitar. Eu realmente queria atirar em você de novo.

Palavrões passam por seus dentes amarelos e lascados enquanto ele rola pelo chão, gritando a plenos pulmões.

— Você não cala a porra da boca? Alguém pode ouvir você, e então vou ter problemas — repreendo, sorrindo ainda mais quando outra sequência de palavrões sai de sua boca.

Na verdade, estamos em uma parte de merda da cidade. Ele não pode sair legalmente do país, considerando que o governo suspendeu seu passaporte por falta de pagamento de pensão alimentícia, e ele não tem mais dinheiro suficiente para comprar um falso. Então, estava tentando se esconder no mato a algumas horas de Seattle, mas está saindo pela culatra. Provavelmente, várias pessoas o ouviram gritar, mas ninguém vai ajudá-lo.

Não quando têm suas próprias atividades criminosas acontecendo e seus narizes ou veias entupidos com qualquer droga que possam encontrar. Tenho certeza de que mesmo se um cara morto estivesse caído na rua, várias pessoas passariam por cima dele e continuariam andando.

É um tipo de bairro *cuide de seus próprios assuntos.* Lugar perfeito para cometer homicídio. O tempo também está bom.

— Z, está brincando com sua comida de novo? — Jay fala com exasperação.

— O que me entregou? — pergunto, me levantando e caminhando até onde Rick está deitado no chão.

Ele tenta rastejar para longe, arrastando-se pouco a pouco com os braços. O desespero está se esgotando e a resignação, se instalando.

— Você vai queimar comigo na porra do inferno— o homenzinho triste cospe, saliva saindo de sua boca. — Apenas espere, porra.

Eu suspiro melancolicamente, arregaçando cada uma das minhas mangas.

— Espero que sim, Rick. Dessa forma, posso torturá-lo lá, também.

Chuto a lateral de seu abdômen até que ele role de costas, o que resta de suas rótulas sangrando profusamente.

Ele está flácido, agora orando pela morte, em vez de tentar escapar dela.

Mesmo se sobrevivesse, que tipo de vida teria sem a porra dos joelhos? O cara é baixinho, não pode perder mais centímetros.

Agachando-me novamente, levanto seu queixo e pressiono a ponta afiada da faca em sua garganta. Ele não luta, apenas fervilhando de raiva com o Anjo da Morte que segura sua lâmina.

— Últimas palavras?

— Eu… — Corto seu pescoço, rasgando mais do que apenas sua resposta.

— Eu não me importo, de verdade — digo, seus olhos se arregalando de surpresa e abrindo a boca quando começa a engasgar com seu próprio sangue.

— Ugh, você pode silenciar seu fone de ouvido? Eu posso ouvi-lo se engasgando daqui — Jay geme em meu ouvido. Reviro os olhos e o ignoro, continuando a observar sua garganta.

A faca é mais cega do que a vida sexual de uma vovó, e atravessar músculos e ossos leva muito mais tempo do que eu gostaria.

Eventualmente, removo sua cabeça do corpo, meu braço doendo com o esforço. Seu sangue me cobre como óleo, e sinto que acabei de sair do set de filmagem de *Carrie*.

Depois de jogar sua cabeça em cima de seu peito, limpo minhas mãos nos meus jeans; em seguida, enfio no bolso do meu moletom e puxo um cigarro. Estralo o pescoço para eliminar a tensão, acendo o cigarro e inalo profundamente. O tabaco enche meus pulmões, me acalmando instantaneamente.

Inalo a morte para apagar o desejo de criá-la.

— Rio reservou um voo para a Grécia — Jay me informa. Ele tem pulado por todo o país desde que Addie escapou e, assim como Rick, o que tem na conta bancária não é suficiente para fabricar um novo pseudônimo, o que significa que é facilmente rastreável. E, se eu posso encontrá-lo, Claire também pode.

Ele está com o tempo contado, independentemente de quem chegar a ele primeiro. Pessoalmente, eu gostaria de ser o único a enfiar minha faca na sua garganta, mas uma ratinha em particular me impede de fazê-lo.

Ela não disse em voz alta, mas não quer Rio morto. O que me irrita mais é que não posso culpá-la *inteiramente.* Formou um vínculo de trauma com ele e, por mais isso me irrite, também me alegro por ela ter tido alguém meio que cuidando dela naquela casa.

Não apaga o fato de que ela estava lá por sua causa. Ele pode tê-la ajudado a escapar e limpado suas feridas, mas ainda ajudou a destruí-la primeiro. Só porque você toma o tempo para juntar os pedaços depois de quebrar um prato, não significa que não seja sua culpa ele ter quebrado.

Dessa forma, portanto, ele deve morrer.

Exalando uma espessa nuvem de fumaça, removo um pequeno recipiente de fluido de isqueiro do meu bolso em seguida.

— Continue de olho em outras inteligências que o estejam rastreando, especialmente Claire. Mande um dos meus mercenários segui-lo também. Tenho certeza de que ele tem um grande alvo nas costas, e precisaremos lidar com os outros — eu ordeno a Jay. — Só tenhamos em mente que eu serei o único a colocar uma bala em seu cérebro.

— Ok — ele murmura, e o som de teclas clicando surge, fazendo meu olho se contorcer de irritação. Tão. Detestável.

— Divirta-se em sua… aventura.

Eu grunho, o fone de ouvido clicando para indicar que a chamada terminou. Então, eu destampo o fluido de isqueiro e encharco o corpo de Rick e sua cabeça decepada.

Dando mais uma profunda tragada, primeiro, eu atiro o cigarro sobre seu cadáver, dando um passo para trás enquanto ele explode em chamas.

— A viagem para o Inferno vai ser difícil, Rickety Dick. Divirta-se em *sua* aventura.

CAPÍTULO 30
O DIAMANTE



Um mês depois

— Francesca, por acaso, tem cabelo loiro curto? — Daya pergunta, invadindo a sala de estar com seu laptop na mão.

— Não — respondo, suor escorrendo em meus olhos. Sibby baixa a mão, que estava fechada em um punho e pronta para se dirigir direto ao meu rosto.

Esfrego os olhos, sentindo o calor me pressionando, agora que não estou mais distraída com a banshee gritona que gosta de me usar como saco de pancadas.

— Bem, ela tem agora.

Meus olhos se iluminam, esquecendo com quanto calor e exausta estou.

— Você a encontrou?

— Com certeza, eu a encontrei. Foi a porra de um acidente esquisito. A câmera de um antigo restaurante a pegou em uma pequena cidade na Carolina do Sul, cerca de oito horas atrás. Ela estava caminhando para o banheiro e uma garçonete colidiu com ela. Seus óculos de sol saíram voando, e bam…

No segundo em que as palavras saem da boca de Daya, o punho de Sibby voa para o meu estômago.

Eu tombo, o oxigênio arrancado dos meus pulmões enquanto a dor explode em todo o meu abdômen.

Meus olhos saltam da cabeça, e apenas um chiado escapa.

— Que porra, Sibby? — Daya grita.

— Nós não terminamos de treinar. — Sibby dá de ombros. — Nunca se engane, pensando que está segura, mesmo que cheire a flores bonitas. Você esqueceu que eu mato pessoas?

Eu tusso, curvada ao virar minha cabeça e encarar a bruxa malvada.

Ela ri e se afasta, satisfeita por ter me ensinado uma lição valiosa para o dia.

— Eu vou matá-la — ofego, me endireitando e atirando outra rodada de

adagas com o olhar para o corredor por onde ela desapareceu. Outra tosse sai da minha garganta. — Depois que eu recuperar o fôlego, no entanto — digo, caindo exausta no azulejo xadrez.

Tenho treinado com ela e Zade todos os dias, o dia todo. Entre os dois, eu ficaria feliz em tomar o caminho de um covarde e envenená-los durante o sono, só para que uma garota possa ter um pouco de paz e sossego.

No entanto, não posso mentir e dizer que não estou lentamente me tornando durona.

O último mês foi cheio de altos e baixos. Zade foi forçado a comprar um carro novo, já que o seu não só foi identificado no Satan's Affair quando Sibby foi pega, mas, desta vez, como um carro de fuga para ela.

Felizmente, Zade nunca coloca nada em seu nome, então ainda não conseguiram identificá-lo. Independentemente disso, dirigi-lo não é mais seguro e, por um segundo, pensei que ele faria um memorial para a maldita coisa.

Os pen drives que Sibby roubou de Jimmy foram inúteis, e como ela foi pega do lado de fora de seu escritório, a paranoia tomou conta dele, e ele destruiu tudo.

Normalmente, poderia ser atribuído ao acaso ela estar do lado de fora de seu prédio, mas Claire está bem ciente da conexão entre Sibby e Zade, considerando que seu marido foi uma das vítimas, o que significa que Jimmy também está.

Então, assim que todos os seus dispositivos foram apagados e descartados, incluindo os pen drives, Zade viu isso acontecer, porém, e enviou um de seus mercenários para a casa de Jimmy para plantar pen drives extras em seu escritório na casa.

Compensou.

Duas semanas atrás, Zade recebeu um alerta de que Claire havia conectado uma das unidades ao seu laptop. Todos os seus funcionários anteriores estão no meio de processos contra ela, e é seguro dizer que o cabelo de Jimmy ficou dois tons mais branco. Não há expectativa de que eles ganhem, mas Zade fez questão de compensá-los pelo tempo e esforço. Agora, todos têm empregos estáveis e estão protegidos de Claire.

Desde então, nosso tempo foi gasto decodificando suas mensagens e extraindo o máximo de informações possíveis sobre seus negócios. Conseguimos descobrir sua localização, em uma ilha remota do outro lado do mundo. Estamos analisando a melhor maneira de tirá-la de lá, mas Zade quer obter o máximo de informações sobre a Society antes de matá-la.

Foi assustador saber que a influência de Claire é muito mais profunda do que

imaginávamos. Ela tem as mãos em *tudo*. Instituições de caridade, centenas de milhares de organizações e empresas, bancos, grandes farmacêuticas e indústrias médicas, o sistema judicial e, claro, todo o maldito governo. Levará *anos* para desfazer todo o dano que ela causou e apagar sua influência.

— Eu vou ajudar a matá-la — diz Daya, sentando-se ao meu lado e cruzando as pernas. — Mas primeiro, Francesca. Então, depois que ela e a garçonete colidiram, Francesca teve um enorme surto e deu um tapa na mulher. As autoridades foram chamadas, mas Rocco abriu caminho para fora da lanchonete e entrou no Chevy Impala marrom enferrujado. Eles decolaram e consegui rastreá-los até o motel em que estão hospedados.

— Puta merda — respiro, os olhos arregalados —, você os encontrou, porra.

Ela sorri.

— Hora do show, querida.



Estou nervosa pra caralho.

Limpo as mãos úmidas no meu jeans, respirando fundo para acalmar meus nervos.

Você consegue fazer isso, digo a mim mesma, e imediatamente volto minha atenção para a Mulher Diabo lá em cima.

Certo, Deus? Diga-me que estou certa.

Zade e eu embarcamos em seu jato particular vinte e quatro horas depois de descobrirmos onde Francesca e Rocco estão escondidos. Como ele tem mercenários em todos os Estados, mandou um deles preparar um carro para nós no aeroporto e, uma hora depois, estou do lado de fora da sua porta.

E um pouco em pânico.

O motel em que estou na frente parece ter saído direto de *Bates Motel*. Degradado e de propriedade de um *serial killer*.

Os irmãos ficaram aqui nas últimas três noites, e a parte vingativa de mim está muito feliz com isso. Minha antiga aliciadora sempre viveu na imundície, mas andava por aí como se estivesse pingando dinheiro e classe. Ela não queria nada mais do que viver luxuosamente, mas foi forçada a ficar em uma casa de merda com seu irmão, por exigência de Claire.

A localização da casa era perfeita para esconder garotas e receber o Abate, então Claire não permitiria que ela se mudasse para algum lugar melhor – algo que Francesca reclamava com frequência. Então, em vez disso, ela gastou todo o

seu dinheiro em um guarda-roupa para dar a ilusão de que estava prosperando.

E este… este é o fundo do poço quando se trata de sujeira.

Assim como a cadela merece.

— Serviço de quarto! — chamo, batendo os nós dos dedos na porta vermelha.

Gritos podem ser ouvidos de dentro, mas não são mais altos do que o caso de violência doméstica duas portas abaixo.

Nem é mais alto do que o casal chapado três portas adiante, gemidos e grunhidos altos vindos de seu quarto.

— Vá embora! — Francesca chama do outro lado, seguida por um tapa carnudo.

— Sua vadia estúpida, é por isso que estamos nesta situação! Você não pode manter suas malditas mãos para si mesma!

— Ah, é irônico vindo de você — ela sibila de volta. — E todas as minhas garotas, hein? Acha que elas diriam que você manteve as mãos para si mesmo?

— Cale a boca agora, ou eu vou te matar.

— Faça isso! — ela grita. — Perdemos tudo de qualquer maneira, Rocco. Não temos notícias de Claire há quase um mês, exceto para saber que não podemos deixar o maldito país. Estamos ficando sem dinheiro porque não podemos acessar nossos cartões, estou cansada dessa peruca idiota, e este motel tem baratas!

Minha mão está suspensa no ar, pronta para bater novamente, mas devo admitir que a festinha de autocomiseração me divertiu.

— Serviço de quarto! — chamo novamente, sorrindo quando Francesca grita alto em resposta.

Sibby ficaria orgulhosa.

O som revelador de seus saltos batendo em direção à porta apaga o sorriso do meu rosto. Por um momento, esqueço de respirar ao ser transportada de volta para aquela casa, temendo cada passo que soava no chão de madeira.

A porta se abre, me tirando dos meus pesadelos, apenas para se materializarem diante de mim.

Ela está com raiva, respirando pesadamente como um touro com os olhos arregalados, fixos em mim.

— Ei, Francesca. Sentiu minha falta? — pergunto, forçando um largo sorriso no meu rosto. Vê-la me afeta muito mais do que eu esperava, mas não minimiza a raiva assassina que sinto por ela.

Muito pelo contrário, só aumenta.

Rocco vem atrás dela, sua papada balançando ao andar. Francesca está

congelada na porta, um olhar aflito em seu rosto, enquanto eu permaneço igualmente paralisada.

Respire, Addie. Eles não podem mais te machucar.

— Você deve estar de brincadeira — diz Rocco, tirando Francesca e eu do olhar travado em que nos encontramos.

Ela vai bater a porta, mas jogo meu ombro contra a madeira, que reverbera no batente.

Zade pegou EpiPen e os encheu com pequenas doses de anestésico para mim. Rapidamente, eu pego um deles do meu bolso da frente e enfio na lateral de seu pescoço, antes que suas unhas tenham a chance de arranhar meu rosto.

Francesca cai bem quando Rocco me atinge como um jogador de futebol americano, seu corpo me esmagando contra a parede e tirando o ar dos meus pulmões. Minha cabeça se choca, e eu aprendo da maneira mais difícil que as paredes são de concreto. Estrelas explodem em meus olhos, e tudo o que posso fazer é afastar cegamente as mãos de Rocco até tirá-las da minha visão. Consigo acertar um golpe na garganta de Rocco – um fraco – e deslizo sob seu braço. Ele se engasga e tosse, dando-me tempo suficiente para recuperar meu rumo.

A última vez em que ele me estuprou foi, também, a última vez em que me viu indefesa.

Rosnando, ele se vira, balançando o braço ao fazê-lo, mirando meu rosto. Eu me abaixo e dou um chute em seu estômago, pegando-o de surpresa. Antes que ele possa se recuperar, eu chuto mais uma vez. Desta, entre as pernas.

Ele grita, os olhos esbugalhados e tombando de dor. Eu pego a outra caneta e enfio em seu pescoço, seus gemidos logo desaparecem até estar tudo em silêncio.

Rock'n'roll toca alto em um vizinho, e o outro tem a TV ligada no canal de notícias. Felizmente, nenhum deles parece inclinado a nos verificar.

Ofegante, me viro para encontrar Zade encostado no batente da porta, braços cruzados e um sorriso no rosto. Uma mistura de calor e orgulho rodopiam em seus olhos de duas cores, e não posso deixar de me sentir no topo da porra do mundo.

— Bom trabalho, ratinha — elogia ele, sua voz profunda e suave como manteiga.

— Não quis participar?

Ele sorri.

— Minha garota tinha tudo sob controle.

Meu peito incha. Ter o amor de Zade parece um sonho, mas ter sua confiança

parece um sonho se tornando realidade.

— Obrigada — respiro, uma gota de suor escorrendo pelas minhas costas. Eu planto minhas mãos em meus quadris, olhando para a dupla desmaiada no chão.

Parecem pesados.

Tirando a poeira das minhas mãos, vou em direção a ele e acaricio seu peito, dizendo:

— Vou deixar você carregá-los.

O grunhido de resposta de Zade acelera meus passos, um sorriso genuíno florescendo em meu rosto. Quando olho para trás, sua cabeça está virada sobre o ombro, e ele me olha como se tivesse planos para mim mais tarde.

Ele não vai realmente colocá-los em prática, mas não vou mentir e dizer que a ideia não soa um pouco intrigante.

Depois de verificar se há transeuntes, Zade rapidamente arrasta Rocco para o banco de trás e Francesca para o porta-malas.

Ainda estarão apagados por um tempo, mas ele nos apressa de volta ao aeroporto de qualquer maneira.

Felizmente, eles não acordam até a metade do voo para casa, e nós os apagamos novamente, antes que possam ser uma dor de cabeça para qualquer um de nós.

Já passa da meia-noite quando chegamos à mansão gótica, as gárgulas em ambos os lados do telhado nos encarando.

Imagino que aprovariam o que fazemos se estivessem vivas.

Desta vez, ajudo Zade. Ele leva Rocco e eu tiro Francesca do porta-malas. Eu a deixo cair acidentalmente, o que faz Zade dar uma risada enquanto leva Rocco pelos degraus da varanda e pela porta da frente.

Felizmente, Francesca é magra. Era obcecada por sua imagem e comia como um coelho. Curvando-me, eu a levanto pelos braços e a jogo por cima do meu ombro, e então, rapidamente, faço o meu caminho para o casarão.

O peso que perdi durante meu cativeiro foi recuperado com músculos. Não só estou de volta a um peso saudável, mas estou em melhor forma do que nunca. Tonificada em todos os lugares certos, músculos revestindo meus braços e pernas, e até minha bunda arredondada.

Na maioria dos dias, ainda luto para me olhar no espelho e ver algo bonito, como eu costumava ver. Não por causa da minha aparência, mas por como eu me sinto. Aos meus olhos, meu corpo está manchado com marcas de mãos sujas, e nenhuma limpeza pesada vai me libertar delas.

Deixo Francesca cair ao chão, sua cabeça batendo no ladrilho quadriculado.

Suor cobre meu couro cabeludo, e tomo um momento para recuperar o fôlego.

Francesca e Rocco vão supor que Zade vai rapidamente torturá-los e matá-los. Mas é aí que se enganam. Tenho planos muito maiores em mente. Não apenas para eles, mas para Xavier Delano, também.

Ele está se escondendo em sua ilha particular, com um miniexército ao seu redor, mas Zade ficou sabendo que tem uma viagem a Los Angeles planejada no final do mês. A ilha não fica longe da Costa Oeste, e será um voo de apenas duas horas, mas ainda é impossível esconder um grande jato preto do controle de tráfego aéreo. Não, a menos que ele queira arriscar voar direto para outro avião e se estatelar em vários pedaços.

Seria vergonhoso pra caralho.

Então, até colocarmos as mãos em Xavier, Francesca e Rocco vão passar tempo com os fantasmas do porão. Estava finalizado quando reformei o Casarão Parsons, mas ainda é assustador pra caralho lá embaixo.

Quando Sibby vê nossos recém-chegados, ela pula para cima e para baixo animadamente.

— Eles certamente cheiram à podridão — ela grita, curvando o lábio em desgosto. Apontando para Rocco, diz: — Esse cheira a ovos podres. E a outra cheira à abóbora podre.

Os meus olhos e os de Zade se chocam, uma expressão de *que porra* em nossos rostos.

— Abóbora? — murmura ele em confusão. Dou de ombros, exausta demais para dar a mínima. A maior parte do dia foi gasta viajando, e estou pronta para dormir.

— Sibby, pegue as pernas dela. Vamos carregá-la juntas — peço.

Ela se vira e fala com um de seus capangas.

— Vocês vão tirar o fedor deles de mim mais tarde.

— Ah, meu Deus — digo, voltando meu olhar para Zade. — Eu vou ter que lavar a banheira amanhã.

Ele balança a cabeça, parecendo incomodado.

— Use água benta. Muita água benta.

29 de maio de 2022

Eu estou apaixonada por Zade.

Me sinto bem em escrever isso, considerando que sou muito covarde par dizer na cara dele. Não porque estou preocupada que ele não retribua. Estou bem confiante dessa parte, na verdade.

Mas quero ser capaz de dizer isso quando eu não estiver mais pensando em outra pessoa. Ok, é nojento. Eu **não** penso nos meus estupradores dessa forma. Isso me fez parecer como se estivesse ansiando por eles ou algo do tipo.

Sério, eu os odeio. Eu odeio todos eles. E eles não me deixam em paz. Todas as vezes que fecho os olhos, estão ali.

E como eu poderia dizer “eu te amo” quando, no segundo seguinte, vou me lembrar de outro homem dentro de mim?

Isso é fodido. **Eu estou** fodida.

CAPÍTULO 31
O DIAMANTE



Eu odeio turbulência.

Assim que começo a passar meu batom vermelho nos lábios, o avião balança, e o carmesim está agora na minha maldita bochecha.

Bufando, pego a caixa de lenço umedecido da minha bagagem de mão e limpo.

Xavier voou para Los Angeles ontem à noite, então estamos no jato particular de Zade e na metade do caminho. Temos informações de que estará um clube underground exclusivo hoje à noite, então parecermos ricos é fundamental. Estou ansiosa por rever Xavier, então decidi ocupar meu tempo de voo me preparando, em vez de me afogar na ansiedade e suar por toda a maquiagem.

Isso me faz pensar se Xavier já se sentiu assim. Sua arrogância é uma prova do quão obtuso ele é. Passou vários meses sem ter notícias de Z e acha que está seguro o suficiente para sair do esconderijo por um fim de semana.

Sinceramente, acho coerente. Se ele pensava que poderia me comprar e me manter como sua escrava sexual pessoal sem que Zade o encontrasse, certamente seria confiante o suficiente para entrar em um clube e pensar que voltaria por vontade própria.

O clube que vai frequentar é voltado para aqueles com desejos obscuros. De acordo com a pesquisa de Zade, todas as mulheres estão lá por vontade própria, o que nos permitirá focar apenas em Xavier.

Isso não é nada menos que uma bênção. Seria muito mais difícil, para nós dois, entrarmos em um lugar onde as mulheres são traficadas ou abusadas e não derrubar o prédio inteiro.

E, honestamente, eu ficaria preocupada com Zade, se fosse o caso.

Ele efetivamente incendiou o mundo para me encontrar, e não parou, desde então. Rastreou os amigos de Rocco e vários dos convidados que compareceram ao Abate e mandou todos para seis pés abaixo da terra. Bem, tecnicamente, eles

agora são poeira ao vento.

Entre treinar e me vigiar, caçar Claire, Xavier, meus captores – e qualquer um que tenha pisado naquela casa –, não sei como ele tem algum espaço para pensar.

Tentou derrubar mais alguns leilões também, mas tracei um limite e exigi que ele trouxesse seus outros mercenários para ocupar seu lugar nesse meio tempo. Não demorou muito para convencê-lo, o que só provou o quão exausto estava.

Ele é uma máquina e, ultimamente, tenho tido que coagi-lo com sessões de amassos para fazê-lo relaxar. Desde a perseguição de carro, o idiota conseguiu me viciar em seus lábios, e não posso nem ficar brava por ser a única coisa que parece nos manter sãos.

— Você está linda — uma voz profunda de barítono diz atrás de mim. Eu me viro para encontrar Zade encostado no batente da porta da minissuíte, me observando como se eu fosse um copo do melhor uísque, um que ele mataria por apenas um gole.

— Obrigada — murmuro, passando as mãos nervosamente pelo meu vestido. É vermelho-sangue sem alças, acaba bem abaixo da curva da minha bunda de um lado e, em seguida, afunila para baixo, a seda fluindo para o meu tornozelo.

Isso me lembra o vestido que usei quando ele me levou para a propriedade de Mark, no ano passado. Tenho certeza de que nunca vou olhar para um vestido vermelho e não pensar no que ele fez comigo naquele cinema.

Especialmente agora, quando ele está rondando em minha direção com minha lâmina preta e roxa e uma alça na mão, acompanhado por um brilho diabólico em seus olhos.

Estou usando saltos pretos de doze centímetros, mas, ainda assim, me sinto como uma garotinha ao lado de Zade. Ele deve estar perto de dois metros.

— Não se esqueça disso — diz ele, segurando a faca e a alça de renda. — Você não está indo desprotegida.

— Não sonharia com isso — murmuro, extasiada por ele. Meu coração vai para a garganta quando ele se abaixa diante de mim.

— O que você está fazendo? — sussurro, observando seus longos dedos alcançarem e agarrarem meu tornozelo. Seu toque parece elétrico, minha perna se contorcendo com a sensação de sua pele lentamente roçando a minha. Prendo a respiração, meu coração acelera enquanto sua mão desaparece sob a seda e viaja mais para cima.

— Colocando a coroa na minha rainha — ele canta.

— O que quer dizer? — murmuro distraidamente, arrepiando com as correntes elétricas que viajam pela minha perna.

— Uma coroa simboliza poder. É isso que esta faca é para você.

Estou tremendo, e o calor líquido se acumula no meu ventre. Algo a que ainda estou me acostumando a sentir novamente, sempre que Zade é corajoso o suficiente para me tocar.

Ficou mais ousado no mês passado, roçando-se em mim sempre que pode, e aproveitando qualquer desculpa para me tocar, seus dedos sempre demorando mais do que o necessário. À noite, quando estou perdida em um pesadelo, deixo que me segure por um tempo, me sentindo mais segura com ele do que na minha própria pele.

Às vezes, nesses momentos, ele deixa beijos suaves ao longo do meu queixo, nunca levando demais adiante, mas me familiarizando com a sensação de seu carinho. Cada vez mais, eu o desejo e procuro. E, ultimamente, comecei a sentir que não é o bastante. Como se eu precisasse de mais.

Sentindo minha excitação crescente, ele vira a cabeça e dá um beijo suave no meu joelho, me espiando através de cílios grossos e negros. Meus dentes prendem meu lábio inferior entre eles, e seus olhos brilham em retorno.

Baixando seu olhar ardente, ele puxa o material do meu vestido para o lado, ambas as pernas agora à mostra. Eu decidi abrir mão da calcinha com este vestido, a seda fina demais para esconder o contorno da lingerie. Se ele levantasse o material mais um centímetro, seria capaz de ver entre minhas coxas.

Suas narinas se dilatam, e sinto meu rosto ficar quente, enrubescendo ainda mais quando ele se inclina para mais perto.

Eu posso sentir seu cheiro.

Algo que ele me contou há muito tempo, quando me disse para correr e me esconder no Casarão Parsons, prometendo uma punição se me encontrasse.

Tenho a sensação de que ele pode me cheirar agora, e o quanto meu corpo chora por ele.

— Levante sua perna, amor — ele ordena rudemente, a voz rouca de desejo. Eu escuto, observando-o enrolar a tira de renda em volta do meu pé e levá-la à parte superior da minha coxa, os nós dos dedos chegando perigosamente perto do meu centro.

— Você se lembra de como usar isso? — pergunta ele, revirando a lâmina em seus dedos hábeis. Apesar dos meus melhores esforços, não consigo entender por que essa foi uma das coisas mais quentes que já o vi fazer.

— Aham — guincho. É preciso esforço para arrastar meus olhos além da lâmina rodopiante para encontrar seu olhar. Há uma pitada de desafio que serpenteia em suas piscinas incompatíveis, e eu me sinto subindo para enfrentá-

lo. — *Você* sabe como usar?

Nunca vou saber por que eu o instigo, mesmo quando a cautela permanece por trás da nuvem de luxúria.

O sorriso que curva seus lábios é perverso, fazendo meu corpo corar. Estou superaquecendo, e ele mal me tocou.

Não tenho certeza do que ele pretende fazer, mas a expressão em seu rosto me diz que vai ser algo nefasto.

— Você não pode me cortar com isso — digo seriamente. Por um momento, vejo um lampejo de raiva em seus olhos, desaparecendo antes que o fogo possa se espalhar. E eu sei que ele entende o raciocínio por trás do meu pedido. Houve várias noites em que confessei as coisas que eram feitas a mim naquela casa, incluindo o fetiche de Xavier em me cortar enquanto me estuprava.

Por um momento, entro em pânico, temendo que ele pare devido ao lembrete de que outros homens usaram meu corpo. Tensa, espero pelo seu desgosto. Eu não o culparia se ele sentisse repulsa por mim, mas rasgaria meu coração de qualquer maneira.

Em vez disso, ele vira a lâmina até segurar a ponta afiada em sua mão. Então, desliza o cabo pela minha coxa, gentil e provocante. O medo começa a se dissipar, o alívio encharcando meus ossos. Mas mesmo isso desaparece rapidamente quando o cabo acaricia minha boceta, apenas o sussurro de um toque.

Agora, não sinto nada além de antecipação e aquela cautela persistente.

A turbulência balança o avião novamente, uma representação física de como meu coração se sente.

— Sabia que recuperar algo que foi roubado de você pode ajudar com o trauma? — ele pergunta.

— Sim — murmuro.

— E, se algo te machucou antes, dar um novo significado pode ajudar.

Seus olhos se erguem, atentamente focados em mim.

— Você quer que eu lhe mostre um novo significado para esta faca?

Eu hesito, mas concordo com a cabeça. Um tipo diferente de medo está tomando conta do meu corpo… o tipo que sempre me atraiu. E do qual eu senti tanta falta.

— Levante seu vestido — ele exige, sua voz profunda e rouca. Rapidamente, eu faço o que ele diz, juntando o material apenas alto o suficiente para descobrir o ápice das minhas coxas.

Suas narinas se dilatam, e ele aperta a mandíbula antes de ordenar:

— Agora, coloque sua mão em volta da minha.

Franzindo minhas sobrancelhas, faço o que ele diz, agarrando a mão que segura com firmeza a lâmina.

— Não gostaria de cortar essas suas lindas mãos. Por isso, você vai me guiar.

Balanço cabeça, sentindo-me começando a recuar.

— Eu não vou te tocar — ele promete. — Você está no controle, ratinha. Só estou aqui para proteger sua mão. Em vez de permitir que esta faca lhe cause dor, use-a para dar prazer a si mesma.

Minha garganta se contrai, e eu tenho o desejo mais forte de fugir. Mas esse sentimento é o que me mantém imóvel. Não quero que Xavier vença. Que assombre minha vida tão terrivelmente, que um objeto inanimado tenha o poder de me controlar.

Acenando com a cabeça, guio sua mão para cima, minha respiração engatando quando o cabo desliza ao longo da minha fenda.

Zade observa meus movimentos de perto, seus dentes cerrados e o músculo em sua mandíbula pulsando. O sangue começa a escorrer por seu pulso e, por razões que não consigo explicar, aperto sua mão com mais força, provocando mais rastros de sangue. Ele rosna fundo em seu peito, mas não me impede.

Mordo meu lábio, um gemido se libertando ao inseri-la lentamente dentro de mim, minhas pernas tremendo.

Normalmente, não acho que eu poderia ter prazer em me foder com um cabo de faca. Mas usar a mão de Zade para fazer isso adiciona uma camada de prazer que eu não seria capaz de encontrar sozinha. Ver seu sangue, em vez do meu próprio, pingar de nossas mãos me faz algo que não consigo explicar.

Minha respiração se intensifica quando deslizo o cabo dentro de mim ao máximo, os dedos de Zade pressionados contra minha carne. Um gemido ressoa profundamente em seu peito, mas ele mantém sua promessa, a mão nem mesmo se contorcendo contra a minha.

— Diga-me como é a sensação — ele murmura, fascinado pela visão de mim puxando nossas mãos para baixo apenas para trazê-las de volta, provocando um choque de satisfação.

— T-tão bom — sussurro em torno de um gemido, meus olhos palpitando enquanto continuo, encontrando um ritmo que ameaça me fazer esquecer meu próprio nome.

— Vá mais devagar — ele pede, sua mão flexionando sob a minha. Eu me forço a ouvir, mantendo o ritmo gradual e prolongando o prazer.

— Agora, observe a si mesma. Veja como você fica bonita quando se fode.

Com a boca aberta e o peito arfando, olho para baixo entre minhas coxas lisas, a euforia aumentando com a visão.

— Vê como está pingando em nossas mãos, querida?

Ambas as nossas mãos estão cobertas de sangue, minha excitação misturando-se e esculpindo caminhos através do carmesim que mancha nossa pele.

Meu abdômen se contrai, um orgasmo crescendo em meu ventre.

— Sim — gemo.

— Sabe o que eu vejo? Eu vejo o quão forte sua boceta está apertando a faca — ele rosna, o rosto tenso com a necessidade. — Como se estivesse implorando para ser preenchida.

— Você gostaria que fosse o seu pau em vez disso? — ofego, apreciando a forma como seus olhos lampejam. Absolutamente amando que ele só possa sonhar em me foder, forçado a assistir um cabo de faca fazê-lo. Uma onda de poder flui através de mim, e não consigo conter o sorriso.

Seus olhos se erguem para os meus, algo perigoso rodopiando em suas íris. Meu interior lateja, o orgasmo subindo. Mas eu não o temo, tenho pena dele.

— Dói saber que você não pode me tocar? — pergunto, outro gemido escapando ao atingir aquele ponto dentro de mim. — A dor corta mais fundo do que esta faca?

— Sim — ele confessa, seu tom baixo e sombrio.

— Você não pode ter isso — provoco. Ele me olha atentamente, entendendo o que estou fazendo e não gostando. No entanto, ele nunca me desobedeceria, sabendo que a confiança que depositei nele seria estilhaçada.

Respeitar dói pra caralho quando suas mãos estão atadas.

Enfio a faca mais fundo e mais rápido, alcançando o pico, e decido que dar a ele um gostinho vai aprofundar a agonia.

Tudo que preciso é de um empurrãozinho, mas, desta vez, não sou eu quem vai implorar para que ele me deixe gozar.

Ele é quem vai implorar a *mim*.

— Você quer me lamber, Zade? — pergunto, nossos olhares ameaçando se cruzar. — Estou tão pronta para gozar.

Ele baixa o olhar para nossas mãos, mostrando os dentes pela restrição.

— Sim — ele se engasga.

— Diga “por favor”.

Um movimento de seu olhar perigoso e uma curva selvagem em seus lábios prometem retaliação, mas ele não hesita.

— Por favor, ratinha.

— Uma lambida — permito. — Faça valer a pena.

Dando-me um último olhar ponderado, ele se inclina para frente, e eu estremeço quando sinto seu hálito quente soprar sobre meu núcleo.

E então, sua língua desliza em meu clitóris, lenta e firme. Ele geme ao meu redor, e não consigo mais segurar. Eu me estilhaço ao redor dele, gritando enquanto meu mundo se desfaz. Minha mão livre voa para o seu cabelo, agarrando algo para me segurar enquanto meus joelhos cedem.

Ele rapidamente se levanta, me pegando e me segurando contra si, nossas mãos pressionadas firmemente contra minha boceta enquanto eu surfo nas ondas.

Pressiono a testa em seu peito, apertando meus olhos fechados enquanto os restos do orgasmo desaparecem lentamente.

Ambas as suas mãos envolvem meu rosto antes de deslizarem pelos meus cabelos, puxando minha cabeça para trás e empurrando sua boca contra minha bochecha.

— Dê-me eles — ele exige bruscamente.

Com tremores secundários ainda atacando meus nervos, eu o deixo entrar, virando minha boca para a dele. Seus lábios capturam os meus imediatamente, rivalizando com o prazer que irradia entre minhas coxas.

Ele me beija profundamente, soltando um gemido curto e rouco antes de se afastar, apenas para roçar os lábios na minha orelha. A surpresa me deixa imóvel quando ele enfia a mão no bolso, tira uma rosa e a coloca atrás da minha orelha.

— Um dia, vai se sentir segura comigo novamente — ele sussurra, sua voz perigosamente suave. — E, quando esse dia chegar, é melhor você rezar para que eu esteja me sentindo generoso.



No segundo em que entro no clube, *Supple*, parece que uma entidade sinistra estende a mão e se envolve em mim.

Uma meia-máscara preta cravejada repousa sobre meus olhos, escondendo a metade superior do meu rosto. Embora não sejam obrigatórias neste clube, mais participantes do que não as usam, preferindo manter suas identidades anônimas. O que se traduz em manter suas reputações intactas.

Um baixo pesado vibra o mármore preto e dourado que se estende pelo piso principal, com duas pilastras de cada lado e um palco rodeado de assentos adiante.

Em vez da típica balada, música lenta e pesada, a mulher no palco executando uma dança sensual sob a batida densa. Ela veste um conjunto de lingerie preto, com um vestido de malha incrustado de diamantes por cima. Uma máscara vermelha cobre seu rosto, cabelos escuros caindo ao redor dele em ondas.

Por vários momentos, permaneço em transe. Suas curvas ágeis rolam e se movem ao som da música com perfeita precisão, atraindo espectadores como mariposas para uma chama crepitante.

Esta mantém as roupas, mas nem precisa se despir para realizar a dança mais sexy que eu já testemunhei.

— Foco, querida — Zade sussurra do Bluetooth no meu ouvido. Sua voz é profunda e grave, enviando um arrepio na minha espinha. Muito provavelmente por me ver observá-la. Ele invadiu as câmeras em todos os cantos da sala e, mesmo através de imagens granuladas, deve ter visto como eu estava extasiada.

Sinto minhas bochechas corarem, espalhando até o topo da minha barriga. Este lugar já está afundando suas garras em mim, e mal passei pela porta da frente.

— Ela é uma boa dançarina — me defendo, recusando a ficar envergonhada por apreciar a beleza de outra mulher.

— Não percebi — ele responde.

Estranhamente, eu acredito nele, e algo sobre isso aprofunda o calor girando no meu estômago.

Várias pessoas se alinham nas banquetas, embora a sala esteja longe de estar lotada. Noto um assento vazio no meio do bar esquerdo, então vou direto para ele.

Preciso de uma bebida antes de descer as escadas, onde toda a verdadeira devassidão acontece, de acordo com Zade.

O barman é um jovem vestido de terno e gravata borboleta, com um elegante colete preto. Seu cabelo preto brilhante está penteado para trás, e apenas um bigode fino cobre seu lábio superior. Ele me lembra como Edgar Allan Poe teria sido em sua juventude.

— O que posso preparar para você, senhorita? — ele pergunta educadamente, seus olhos escuros fixos nos meus.

— Um martíni, por favor — respondo.

Ele desliza a bebida para mim alguns minutos depois, aceitando meu dinheiro com um sorriso agradável. Felizmente, ele não tenta se envolver em conversa fiada e se concentra em seu bar e nos outros clientes.

De modo sutil, vislumbro ao redor enquanto bebo meu martíni, a queimação

do álcool se arrastando pela minha garganta e acalmando meus nervos. Não posso deixar de sentir que estou sendo observada, embora suponha que esse seja o propósito deste lugar. Aparentemente, voyeurismo e exibicionismo são comuns aqui. Há tantos lugares para ir para se ter privacidade, mas a maioria dos clientes não se dá ao trabalho.

Não é exatamente desconfortável, apenas enervante. Isso me faz pensar o que a mulher no palco deve sentir, com tantos pares de olhos traçando cada curva sua. Faz ela se sentir bem? Ou ela desliga o peso dos olhares das pessoas e se perde na música?

Terminando minha bebida, deslizo o copo e escorrego do banco antes que fique tentada a pedir outro. Por mais que eu queira sucumbir ao agradável zumbido que algumas bebidas trazem, quero estar com meu juízo completo ao lidar com Xavier.

Eu me preparei para revê-lo, tanto quanto seria capaz em tão pouco tempo, mas não estou delirando o suficiente para acreditar que ele não vá abrir velhas feridas em questão de segundos. Mas sou mais forte do que era e nunca mais vou sangrar por ele.

Assim que eu descer as escadas, Zade me seguirá. Mesmo que confie em mim para cuidar de mim mesma, ainda se recusa a me deixar sozinha.

Não posso negar que sua presença me dá força e, ao enfrentar um de meus agressores, vou aceitar o máximo que puder.

Soltando uma expiração lenta, encontro a cortina que leva ao andar de baixo, onde homens e mulheres entram e saem. Abaixando minha cabeça, sigo atrás de um casal, suas mãos vagando um sobre o outro a cada passo.

O cheiro de sexo permeia o ar quando emerjo de outra entrada com cortinas.

Aqui embaixo, um número significativo de corpos ocupa o espaço – pelo menos metade deles em algum estado de nudez. Várias mulheres exibem os seios para que outros toquem e beijem. Alguns homens têm as mãos sob vestidos ou nas calças de outro homem.

Nada é fora dos limites aqui, e tenho que me lembrar que é consensual. Não é como quando eu e as outras garotas fomos punidas juntas, uma sala cheia de corpos nus, mas várias de nós sem querer.

Por um momento, paro para absorver tudo. Familiarizo-me com o sexo que se arrasta ao longo da borda da perversidade inata, mas que traz nada menos que prazer e desejo. Para *todos* os envolvidos.

Sinceramente, estou com inveja. Sinto falta da liberdade e do meu conforto com o sexo. Mesmo quando um homem perigoso e imponente me forçou, meu

corpo ainda cantou por isso, mesmo que minha cabeça gritasse o contrário. Agora, pensar nisso é como tomar uma droga forte e ficar chapada demais. É uma sensação estressante porque o controle é inatingível, e torna-se uma batalha constante de se convencer a não entrar em pânico.

Forçando meus ombros a relaxarem, olho ao redor da sala, procurando por alguém que se pareça com Xavier. A maioria está usando meias-máscaras, deixando suas bocas descobertas para… propósitos.

Coração batendo forte, passo pelos corpos, procurando por ele e não encontrando nada.

Quinze minutos se passam até que Zade se pronuncie:

— Encontrei. Ele está no corredor, nas salas de visualização.

Vejo o corredor à minha esquerda, engolindo em seco quando percebo o quão escuro e pouco convidativo parece. Prendendo a respiração, passo por corpos se contorcendo, me esquivando de algumas mãos errantes.

Meu coração martela no meu peito quando adentro o corredor. Luzes vermelhas de néon revestem o teto de ambos os lados, iluminando o espaço na cor que representa a devassidão. De certa forma, me lembra uma casa mal-assombrada, mas, em vez de gritos de terror, são gritos de prazer.

— Você consegue, Addie — Zade encoraja, a voz suave. Ele deve ser capaz de ouvir minha respiração pesada. A transpiração cobre minha testa e minha nuca ao entrar em uma sala que pensei que só veria em filmes.

Há três enormes janelas de vidro em cada parede à minha volta. Atrás de cada uma há um quarto, um casal em vários estágios do sexo. Em frente, uma mulher está de quatro enquanto um homem atrás dela chicoteia sua bunda com uma bengala.

O casal à minha esquerda está trocando sexo oral. O homem está com a mulher em seus braços, virada de cabeça para baixo. Eu inclino minha cabeça, um pouco curiosa sobre o quão difícil seria fazer isso.

À minha direita, a mulher está acorrentada à cama, contorcendo-se enquanto um homem de terno de couro a chicoteia.

Deve haver alto-falantes nas salas, porque seus gemidos são tão altos quanto seriam se eu estivesse ao seu lado.

Vários voyeurs estão dentro e fora dos quartos, observando os casais enquanto se tocam sutilmente ou à pessoa consigo.

Eu me movo, apreensiva, começando a me sentir fora do meu elemento.

— Chegando, querida — Zade avisa, mas eu mal o ouço. Estou tão hipnotizada pelo que acontece diante de mim, que não noto a pessoa se

aproximando, não até que sua voz esteja no meu ouvido.

— Qual deles te intriga mais?

Eu me assusto, incapaz de conter o sobressalto. Meu coração bate no meu peito, e meu estômago vibra de medo.

Reconheceria sua voz em qualquer lugar. Eu a ouço com tanta frequência em meus pesadelos; temo que nunca a esquecerei.

Xavier está ao meu lado, as mãos casualmente nos bolsos enquanto observa. Metade de seu rosto está coberto por uma máscara preta com um diamante prateado pintado sobre um olho.

— Sinto muito por assustá-la — ele murmura, o sorriso em seu rosto indicando que não está arrependido.

Ele ainda não me reconheceu. Estou usando uma peruca castanho-escuro para ajudar a esconder minha identidade, mas imagino que ele descobrirá quem sou no momento em que me ouvir falar. Minha voz mais rouca sempre foi facilmente identificável.

A presença de Xavier é sufocante, e levo vários segundos para desviar meu olhar, lutando para estabilizar meu coração.

Engolindo nervosamente, encaro o casal bem à frente, onde agora o homem está fodendo a mulher por trás, vergões vermelhos brilhantes em sua bunda e coxas. Suas mãos estão algemadas atrás das costas enquanto o homem usa suas mãos fechadas como âncora. Seus gritos são agudos de prazer e, mais uma vez, sinto uma pontada de inveja.

— Tímida demais? — ele pergunta. Rolando meus lábios manchados de vermelho, eu concordo, esperando que isso o satisfaça.

Não seja tímida, diamante, deixe-me ver o quão bem você chupa um pau.

Eu aperto meus olhos fechados, inclinando meu rosto para longe, para que não veja o quanto tenho que lutar para me recompor.

— Estou bem atrás de você, querida — Zade sussurra. Não me viro para olhar, mas eu o sinto de qualquer maneira. Ele é uma força muito mais intensa do que o homem ao meu lado.

Relaxo instantaneamente. Zade pode ser Hades, mas o deus sombrio nunca foi conhecido por se curvar para ninguém além de sua mulher. Isso me dá uma pequena dose de poder, o suficiente para reacender minha confiança.

Xavier não pode mais me machucar. Não pode me tocar, me cortar ou me usar. Ele é uma alma lamentável posando como um ser poderoso. Em breve, vou lembrá-lo de que é apenas um homem, e eu sou a ceifadora forjada sob suas próprias mãos.

— Eu posso te ajudar a relaxar, se quiser — Xavier sugere ao meu lado, sua voz se aprofundando. — Há quartos privados à sua esquerda.

— Ok — concordo, baixinho.

Ele pega minha mão, o toque de sua pele enviando um calafrio por todo o meu corpo. Eu havia esquecido como ele parece estar morto. Ele me puxa em direção a um conjunto duplo de portas no canto da sala. Sutilmente, olho de volta para Zade, encontrando-o com uma máscara inteira. Toda preta com pontos geométricos, uma expressão dramática e um corte no olho. Seus olhos yin-yang estão escondidos, apenas poços sem fundo onde deveriam estar.

É certo que ele parece aterrorizante. E eu estaria mentindo se dissesse que não provoca algo no meu ventre, afundando entre minhas coxas.

Afastando-me, concentro-me em Xavier nos conduzindo para um corredor repleto de portas pretas. Está um silêncio mortal aqui.

— Quartos à prova de som — esclarece Xavier, olhando para mim com um sorriso malicioso no rosto.

Eu mordo meu lábio, os nervos à flor da pele enquanto ele nos leva para uma sala privada. As paredes brancas são tingidas de azul pelas luzes LED que cercam o teto. Uma única cama preta está no meio, com algemas na cabeceira e no estribo. E uma cômoda está ao lado, provavelmente cheia de diferentes tipos de brinquedos.

— Devo me preocupar que esses quartos sejam à prova de som, Xavier? — pergunto, não mais preocupada com ele reconhecendo minha voz.

Ele lentamente vira a cabeça para mim, seus olhos azuis se arregalando em surpresa. Mesmo sob a máscara, não consegue esconder sua reação.

— Vejo que meu diamante voltou para mim — ele diz lentamente, seus lábios se curvando em um sorriso. Seus olhos perpassam o meu corpo, tomando seu tempo ao me analisar sem pressa, detendo-se na tatuagem de rosa em meu antebraço.

— Meu Deus, você está fantástica. Deve ser por isso que não reconheci você de imediato. — Seus olhos vão para o meu cabelo. — E seu cabelo está mais escuro. Não posso dizer que sou fã.

— Estou verdadeiramente magoada — respondo secamente.

Raiva pisca em suas íris. Essa reação torna impossível de conter o sorriso.

Ele acena com a cabeça, aparentemente para si mesmo.

— Eu suspeito que tenha voltado para me matar.

Inclino a cabeça.

— Você acha que eu poderia? — questiono, embora não esteja nem um pouco

interessada em sua aprovação.

Ele ri, jogando a cabeça para trás e expondo sua garganta. Um golpe na jugular. É tudo que preciso. Mas não quero matar Xavier.

Não esta noite.

Sua risada diminui e, se eu estivesse respirando mais alto, não teria ouvido o clique sutil atrás de mim.

Eu me viro, meu coração se apertando quando puxo a maçaneta, descobrindo que ele trancou a porta. O que significa que é automatizada.

— Sou um bom amigo do proprietário daqui — explica Xavier sombriamente. — Se queremos um pouco mais de tempo com as meninas do que elas estão dispostas a dar, temos… meios para fazê-las ficar um pouco mais.

Encaro Xavier novamente, notando sua mão no bolso. Ele deve ter algum tipo de botão ali para acionar as fechaduras.

Meu pulso está martelando, mas forço meu queixo para o alto, exalando uma confiança que estou tendo dificuldade para sentir.

Isso… não era algo que Zade, ou eu, sabíamos. Uma das maiores regras deste clube é não ter fechaduras para oferecer segurança e conforto às mulheres. Parece que o dono é um bastardo viscoso e sabe como disfarçar. Faz-me pensar quantas mulheres ficaram presas nestes quartos, e como foram mantidas em silêncio. A reputação do *Supple* é impecável, o que significa que suas táticas de intimidação são eficazes.

— Você trancou as portas — digo em voz alta, para que Zade possa me ouvir.

— Que porra você acabou de dizer, querida? — Sua voz chega um segundo depois, e apenas sei que está correndo em direção à minha porta.

A fim de proteger a intimidade de quem usa quartos privados, não permitem câmeras aqui. E, surpreendentemente, não há sequer uma câmera obscura escondida na sala, como Zade teria pensado. O que significa que agora que estou trancada aqui, não poderá ver nada que acontecer.

A adrenalina bombeia no meu sistema e o pavor se acumula no meu intestino.

Posso estar mais forte do que eu era, mas não significa que o TEPT não me tenha mais pela garganta. O trauma não é algo que simplesmente *poof!* Estou melhorando, mas é um trabalho em andamento, e tenho o pressentimento doentio de que Xavier vai me chutar de volta para aquele lugar escuro do qual levei semanas para sair.

Ele é o bicho-papão nos meus pesadelos. O rosto que não consigo tirar da cabeça. As coisas que ele me fez passar foram muito piores do que qualquer uma das coisas que Rocco e seus amigos me fizeram. O que ele me fez foi pessoal pra

caralho.

Eu não era apenas mais um corpo sendo passado de homem para homem. Eu era uma posse, com a qual ele passava seu doce tempo. Ele estendia meu sofrimento ao máximo que podia, e esses são os momentos que mais me assombram.

Implorei por uma morte que ele nunca me concederia, dando-lhe poder sobre uma vida que nunca foi dele.

Mas eu me recuso a me acovardar agora. Eu me recuso a dar a ele qualquer controle sobre mim novamente. Esta noite, vou recuperar esse poder e fazê-lo desejar que tivesse enfiado a faca na porra da minha garganta.

A maçaneta chacoalha às minhas costas, atraindo a atenção de Xavier. Aproveito a oportunidade para enfiar o punho diretamente em seu nariz em um movimento rápido.

Sua cabeça salta para trás, olhos esbugalhados de surpresa. Antes que ele possa se recuperar, o estou atacando, dando outro soco em seu estômago e, depois, em sua têmpora.

Ele ruge, seu braço chicoteando e me acertando na lateral da cabeça, o anel de ouro em seu dedo cortando minha bochecha. Sangue escorre de seu nariz quando me aborda, um rosnado em seu rosto.

Nós colidimos contra a porta bruscamente, esvaziando o ar dos meus pulmões. Então, ele me agarra pelo bíceps e me lança com toda sua força, pura raiva em seu rosto.

Eu voo para o chão, gritando ao cair desajeitadamente sobre meu ombro, minha têmpora se chocando ao chão de ladrilhos. Estrelas explodem na minha visão, abafando a voz agora em pânico de Zade no meu ouvido.

Ele deve ter Jay trabalhando para destrancar as portas, e não vai demorar muito para descobrir como, mas tudo o que Xavier precisa é de um segundo para me matar.

Através da visão turva, vejo o punho de Xavier voar em direção ao meu rosto. Instintivamente, rolo para fora do caminho, fazendo com que sua mão atinja chão duro. Ele grita, sacudindo-a para se livrar da dor.

Cerrando os dentes, chuto minha perna, mas ele consegue me pegar pelo tornozelo e me arrastar em sua direção.

Seu rosto está contorcido com fúria animalesca. Sangue pinga do nariz quebrado, escorrendo entre seus dentes à mostra.

Eu luto contra ele, chutando com toda a minha força, conseguindo desalojar sua mão o suficiente para enfiar meu pé em seu rosto.

Ele se vira bem na hora, meu calcanhar apenas cortando sua têmpora.

— Puta — ele rosna, agarrando minhas pernas novamente e subindo em cima de mim. Eu me debato violentamente, apenas ajudando-o a me rolar de bruços e prender minhas mãos às minhas laterais com os joelhos. Ele rasga meu vestido e, por um momento, perco o controle e entro em pânico. Um grito sai da minha garganta quando ele levanta meu vestido pela minha bunda.

Não importa o quanto eu lute, ele só me aperta mais forte entre suas coxas, e meus esforços são inúteis.

O barulho de sua fivela é o que me tira do transe.

Nunca mais permitirei que esse filho da puta coloque seu pau em qualquer lugar perto de mim.

Ofegando pesadamente, paro de me mover e deito meu rosto no azulejo frio.

Ele ri, acreditando que eu tenha desistido, como em todas as outras vezes. Eu costumava ficar lá e apenas aceitar, sabendo que lutar só iria piorar.

— Aí está, diamante. Essa é uma boa…

Rosnando, eu me inclino contra ele, pegando-o desprevenido e fazendo-o cair para frente. Então, levo minha cabeça para trás, batendo em seu nariz.

Ele solta um gemido agonizante, seu aperto em mim afrouxando. Contorcendo, dirijo meu punho à sua traqueia.

Seus olhos quase saltam das órbitas, os gritos se esgotam ao lutar por oxigênio. Bem neste momento, a porta se abre, o som estrondoso.

Zade entra, a fúria em seu rosto tão potente, que todas as suas características distinguíveis se perdem nela.

— Zade, não o mate — grito, um tipo diferente de pânico brotando quando ele agarra Xavier pelas costas do blazer e o ergue como se estivesse segurando um maldito gato pela nuca.

Ele o agarra com força o suficiente para reabrir o corte em sua mão, o sangue começando a escorrer pelo pulso.

— Zade! — berro, correndo em direção a eles quando o vejo deslizar a arma da parte de trás de suas calças, um silenciador já aparafusado. Ele não me ouve, então faço a única coisa que consigo pensar e seguro o cano de sua arma, girando-a em minha direção.

Sua cabeça se vira para mim, os olhos arregalados em uma mistura de raiva e descrença.

— Não. O. Mate.

Respirando pesadamente, ele rosna e puxa a arma do meu aperto, empurrando-a de volta em suas calças. Ele soca a lateral da cabeça de Xavier, nocauteando-o.

Apesar de agora ser um peso morto nas mãos de Zade, ele ainda o tem como se fosse leve como uma pena.

Está ocupado demais me encarando e mostrando os dentes.

— Se fizer isso de novo, ratinha, eu vou dobrar você sobre meu joelho e usar esse cano na sua bunda apertada. Você entendeu?

Faço uma careta e concordo com a cabeça, percebendo agora o quão perto ele chegou de atirar em mim. Mesmo que fosse minha culpa, ele nunca se perdoaria.

— Bata em mim, me soque, chute minhas malditas bolas. Mas *não* aponte minha arma para si mesma.

Aceno com a cabeça novamente, a realidade começando a me alcançar, agora que não estou mais sob ataque. A voz de Zade se torna um sussurro distante, e luto com a visão do túnel, lentamente estreitando minha visão.

Meu sistema está travando, e eu me esforço para manter a sanidade.

Xavier tentou me estuprar. Ele chegou perto de ter sucesso.

Abra essas pernas, diamante.

Você é tão rosa. Mal posso esperar para deixá-la vermelha com sangue.

Jay deve dizer algo a Zade, porque ele rapidamente derruba Xavier, sua cabeça batendo no ladrilho com um som alto, e desliza a máscara de volta sobre o rosto.

Seguranças entram correndo na sala um momento depois, distraindo-o antes que ele possa ver o quão em pânico estou. Dois homens vestindo ternos de três peças apontam suas armas diretamente para nós.

— Larguem suas armas! — um deles grita. Zade ergue as mãos, e as minhas fazem o mesmo por instinto.

— Não há necessidade de gritar, cavalheiros. Eu estava simplesmente salvando minha garota de ser agredida por esse homem aqui.

Os dois guardas olham para um Xavier inconsciente, mas não parecem inclinados a baixar suas armas.

— É Xavier Delano? — um deles pergunta, tentando dar uma boa olhada nele.

— Não — Zade mente. O rosto de Xavier ainda está coberto, mas, se ele vem aqui com bastante frequência, pode ser reconhecido por seu cabelo ou estatura. Às vezes, algo tão simples quanto as mãos podem ser facilmente identificadas se você os conhecer bem o suficiente.

Sei que eu poderia reconhecer aquelas mãos a uma milha de distância…

Os guardas adentram mais o quarto, tentando obter uma visão melhor de Xavier. Meu coração bate tão forte, que meu peito dói, e minha visão está escurecendo.

Estou em espiral, e o conhecimento de que isso poderia resultar comigo levando um tiro não é suficiente para me estabilizar.

— P-por favor — sussurro. — Ele estava tentando me machucar.

Os seguranças se entreolham e abaixam suas armas, parecendo um pouco preocupados com minhas palavras distorcidas. Não importará no final. Xavier é muito importante, e eles não vão nos deixar ir.

— Addie — Zade sussurra e, a princípio, não tenho certeza do que ele está tentando transmitir, mas, então, ele levanta o queixo, como se me dissesse para *continuar.*

Distraia-os. É isso que ele quer.

A despeito da tensão que reveste seus músculos e como ele está andando em minha direção, está pronto para dizer foda-se e correr para mim. Ele pode ver que estou quebrando, e está preso entre me confortar e nos tirar daqui com vida.

Eu abaixo meu queixo em reconhecimento. Não é difícil quando estou prestes a perder a cabeça de qualquer maneira. As lágrimas em meus olhos transbordam e meu lábio treme. Deixo escapar um grito, seguro meu cabelo em minhas mãos e puxo.

— E-ele estava t-tentando me e-estuprar — soluço.

— Ei, ei, ei, está tudo bem. Vamos resolver isso.

Solto um grito e bato a cabeça, e os seguranças ficam tão surpresos com minha explosão que largam as armas. Seus olhos arregalados se voltam um para o outro e têm uma conversa silenciosa, um perguntando, *o que diabos fazemos, mano?* e o outro respondendo, *eu não sei, ela está pirando.*

— Ei, hã, apenas relaxe, tudo bem? — o primeiro segurança diz, suas palavras são a coisa menos calmante que já ouvi. Então, ele se vira para seu parceiro: — Chame reforços.

Mas há uma bala voando pelo crânio do segundo guarda antes que o primeiro possa terminar completamente sua demanda.

Em meros segundos, Zade sacou sua arma e atirou nele; o silenciador atarraxado na ponta mantém seu crime silencioso.

Os olhos do primeiro guarda se arregalam, lutando para mirar, mas uma bala atravessa sua testa em seguida. Sua cabeça cai para trás e ele vai ao chão, ao lado de seu parceiro.

Zade não perde tempo. Ele pega Xavier e o joga por cima do ombro, toma minha mão e me puxa atrás de si.

— Vamos, querida. E, quando entrarmos em nosso avião, eu estarei te abraçando.

Não me lembro se respondi quando Zade me arrasta para o final do corredor. Ele murmura sob sua respiração, provavelmente ordenando que Jay faça alguma coisa, mas os gritos na minha cabeça abafam suas palavras.

Meu corpo se move em puro piloto automático. Não me lembro como ele nos tirou de lá. Não me lembro do voo de três horas para casa. Não me lembro de nada além do peso de Xavier em cima de mim, o barulho de sua fivela soando na minha cabeça

31 de maio de 2022

Quando Xavier acabava comigo, ele me acariciava. Sim, estranho pra caralho.

Enquanto fazia isso, ele me dizia que Zade eventualmente deixaria de amar. Dizia que homens como Zade não podiam suportar a ideia de outro homem tocando o que era seu. Por um tempo, eu acreditei.

Ele não estava errado, mas também estava.

Ele subestimou a obsessão de Zade, e eu nunca estive mais agradecida por isso.

Deus, há algo de errado comigo.

Eu acho que seria mais estranho se eu estivesse normal a essa altura, certo?

CAPÍTULO 32
O DIAMANTE



Estou chocada pra caralho, como um velho aparelho de ar-condicionado em seu final.

Acabamos de chegar em casa. Zade está no porão cuidando de Xavier, e estou desesperadamente agarrada ao meu último resquício de sanidade. A inquietação se acumula em meus ossos e me sinto como um animal, confinada em minha própria jaula.

Com o coração batendo forte, fecho a porta do quarto atrás de mim e então caminho pelo assoalho, passando as mãos pelo cabelo e puxando com força – uma tentativa patética de acalmar a ansiedade.

Não se preocupe, diamante, vou fazer isso bem devagar para você. Eu quero que você sinta cada centímetro de mim.

Não, eu não quero.

Lágrimas se acumulam em meus olhos, e eu balanço minha cabeça, tentando me livrar daquela fodida voz demoníaca.

Devo ter esquecido de trancar a maldita porta, porque, minutos depois, Zade irrompe e a fecha com força, um incêndio em seus olhos.

— Precisamos conversar, Adeline. Eu já deixei você processar isso por mais de quatro horas. Preciso que fale comigo.

A histeria está me consumindo, e o que ele não consegue entender? Eu não quero ouvir suas malditas *palavras*, nem quero dar a ele as minhas. Há muitos delas na minha cabeça, e estou me afogando nelas.

Girando para longe, corro para as portas da minha varanda. Não tenho ideia do que fazer quando chegar lá – talvez apenas me jogar por cima do corrimão e acabar com tudo –, mas seu braço se enrola na minha cintura e me vira de volta.

No segundo em que meus pés tocam o chão, eu me livro de seu aperto e me viro para encará-lo.

— Pare com isso — estalo. — Apenas me deixe em paz, Zade.

— Quantas vezes você vai fugir até aprender que não pode escapar de mim? — ele rosna, entrando no meu espaço pessoal, antes que eu possa respirar novamente.

Dou um passo para trás, recuando de sua intensidade. Ele não me solta, porém, recuando até que eu esteja pressionada contra a parede.

— Quantas vezes vai precisar para você perceber que eu não *quero* ser pega — rosno, minha própria raiva aumentando. Nem tenho certeza do que estou com raiva, só de que estou brava porque ele está bravo.

Deixe-me sentir cada centímetro deste doce corpo, diamante. Porra, é tão gostoso com você. Também é gostoso comigo, querida?

— Você está se afogando, Addie. Apenas me deixe ajudá-la.

Estreito meus olhos, minha boca se afinando em uma linha reta.

— Estou bem! — argumento acaloradamente, ficando na defensiva, porque ele está certo.

Eu estou me afogando. E a parte mais assustadora é que não sinto necessidade de respirar.

— Você não está bem. E sabe de uma coisa? Nem eu. Não estou nada bem.

Sua mão treme quando ele escova uma mecha de cabelo para atrás da minha orelha.

O homem que carrega tanta força, um pilar de pedra, apesar das tentativas implacáveis para derrubá-lo. Mas a questão é que pedra ainda desmorona. Ainda quebra, lasca e racha. Mesmo ainda de pé, sempre haverá pedaços faltando.

Aqui está ele, diante de mim, desmoronando enquanto discutimos.

— Eu sonho com todas as maneiras que vou fazê-los sofrer — sussurra ele. — Eu sonho com o sangue deles nas minhas mãos, entre meus dentes. Vou matar cada um deles por você, ratinha, e vou me alegrar pra caralho com isso.

Olho para ele, meu lábio tremendo enquanto eu me forço a manter as emoções controladas. No começo, eu sentia tudo enquanto estava presa naquela casa. E então, eu não sentia mais nada.

E agora, estou com uma pilha de pedaços quebrados em minhas mãos onde meu coração deveria estar, e não sei como consertá-lo sem me cortar ainda mais.

— Eu não preciso de você, Zade. Eu não preciso que você faça nada por mim.

Ele agarra a parte de trás do meu pescoço e me puxa para perto.

— Veja, isso é o que não vamos fazer, Adeline — ele fala, mostrando os dentes. — Nós não vamos agir como se você fosse durona a ponto de não precisar mais de mim. Porque, você quer saber uma coisa, querida? Existem muito poucos homens neste mundo capazes de me matar. E *eu* preciso pra

caralho de *você*… Você entende?

Eu cerro os dentes, me recusando a responder.

— Você acha que precisar de mim de alguma forma te faz fraca?

— Não faz? — estalo.

— Não, querida, isso te faz forte. — Ele se abaixa, colocando seu rosto diretamente na frente do meu. — Eu posso possuir cada respiração em seu corpo, mas não se engane, Adeline, você possui as minhas, também. Eu sou seu para comandar. Para dobrar e quebrar. Para moldar e manipular. Você acha que isso me faz fraco? Ou você acha que eu sou forte o suficiente para admitir que, mesmo que meu corpo possa viver fisicamente sem você, eu nunca teria minha alma de volta?

Sua mão desliza pelo meu cabelo e empunha os fios com força.

— Sem você, eu vou quebrar. Mas com você, eu sou indestrutível.

Eu inalo uma respiração afiada e aperto minha mandíbula contra as diferentes reações que circulam dentro de mim.

Mas o mais importante – e pior – é fazer tudo ao meu alcance para afastar esse homem de mim.

Minha pele se arrepia sob seu toque elétrico. Essas faíscas que costumavam parecer tão divinas, agora parecem espinhos cortando minha carne.

— Cada homem que colocou os olhos em você enquanto estava naquela casa vai morrer uma morte lenta. Eu já matei tantos… e ainda não é suficiente.

Ele me puxa para si, e fico tensa quando ele se envolve em mim.

Tantos homens fizeram o mesmo. Suor encharcando a minha pele enquanto tomavam meu corpo, suas peles deslizando pela minha. Deslizando para dentro de mim. Sobre mim. Ao meu redor.

Como eu posso sentir que ele é meu lar, minha segurança, e ainda me fazer sentir como se estivesse sendo enterrada viva?

Seus lábios sussurram na minha bochecha, e o pânico floresce. Minha respiração fica mais agitada, e meus pulmões se contraem quando sua outra mão se ergue para me tocar. Estremeço quando as memórias passam pelos meus olhos. Rostos, *tantos* rostos. Sorrindo enquanto tiravam algo de mim.

Sussurrando palavras sujas de suas fodidas bocas podres.

Uma garota tão bonita.

Você vai ficar tão bonita com esses lábios em volta do meu pau.

Porra, eu poderia gozar apenas por tocar você.

Essas tetas são perfeitas, quanto você pagou por elas?

Eu não consigo me controlar. Eu preciso de você agora.

Eu não consigo me controlar.

Não consigo controlar meu…

— Me solta — sussurro.

Ele congela, sua boca posicionada sobre minha bochecha.

— Pare… pare de *me tocar,* porra.

Eu o ouço engolir.

— É como me pedir para cortar a porra do meu próprio coração.

— Se eu posso viver sem um, você também pode — rebato.

Ele é uma pedra sólida enquanto processa minhas palavras. E tudo que quero fazer é quebrá-lo. Fazê-lo desmoronar sob meus punhos.

Lentamente, ele se afasta, seus olhos de duas cores sustentando os meus.

O que ele vê quando olha para mim?

Ele vê a raiva se agitando sob a superfície? Como olhar para a boca de um vulcão para ver como é o interior. Vermelho. Tanto vermelho.

É assim que é o interior de cada humano, mas não estou mais cheia de sangue. Apenas fogo.

— Você pensa neles quando eu te toco? — ele pergunta, sua voz ficando seca.

Esse fogo sobe, crescendo na boca do meu estômago e alcançando meu peito como lava.

Quem deu a ele o *direito* de me tocar? Quem dá a alguém o maldito direito?

O tremor aumenta até que meus ossos estão chacoalhando e meus dentes batem.

Fogo.

Eu me movo sem pensar, minha mão envolvendo a arma enfiada no cós de sua calça jeans e puxando-a para fora. No segundo que percebe o que fiz, ele se afasta, levantando as mãos em sinal de rendição.

Eu aponto a arma direto para a porra da sua cabeça, e tudo o que quero fazer é explodi-la. Tudo o que quero ver é o seu cérebro explodir sob a bala.

Porque não estou olhando para o rosto do homem que amo.

Eu não o vejo de jeito nenhum.

Tudo o que vejo é um homem sem rosto, tentando tirar o que quer de mim sem minha permissão.

E eu quero que ele *queime* por isso.

Lágrimas se acumulam em meus olhos, minha visão turva. A arma vibra com a força com que minha mão treme, mas ele está perto o suficiente para eu acertar. Se a bala atingir sua cabeça, garganta ou peito, não me importo.

— Ratinha — sussurra ele. Eu aperto meus olhos fechados, forçando o doce

sussurro para fora da minha cabeça. Não quero ouvi-lo. Não quero que se misture com as outras vozes.

Tantas vozes.

Porra, você é tão apertada. Tem certeza de que já fodeu antes?

Shh, não chore, diamante, só vai doer por um segundo.

Mal posso esperar para ouvir você gritar.

Deixe-me ver esse sangue, querida. Mostre-me o quanto eu te rasgo com meu pau.

— Você não é diferente, ok? — pergunto, minha voz falhando. — Você se forçou sobre mim antes, lembra? Tirou algo de mim… *roubou* de mim. O que te faz tão diferente, hein?

Meus olhos queimam com as lágrimas que brotam. E, em segundos, elas se derramam, escorrendo pelas minhas bochechas.

— Essas memórias mantêm você acordada à noite? — ele pergunta, sua voz suave. — Elas atormentam você?

Ele arreganha os dentes, sua própria ira lampejando em seus olhos.

— Você pensa no meu toque como algo além de uma porra de uma dádiva de Deus?

— Agora eu penso! — grito, empurrando a arma para ele. Eu puxo uma respiração afiada enquanto um soluço rasteja pela minha garganta.

Ele balança a cabeça lentamente, a raiva escurecendo em seus olhos. No fundo, eu sei a verdade. Sei que ele não está bravo comigo.

Ele está com raiva porque está impotente.

Sem esperança.

Uma maldita causa perdida.

Porque eu nunca mais serei a mesma. E ele sabe disso.

Mas o que ele não sabe é o que isso significa para ele. *Para nós.*

O soluço escapa, mas a raiva persiste.

Lentamente, ele se aproxima de mim como se estivesse se aproximando de um animal assustado com dentes cruéis. Seus olhos não se desviam dos meus ao avançar, e estou tão perto de escorregar de volta para o domínio paralisante que ele tem sobre mim. E então, ele está bem diante de mim novamente, pressionando a testa no cano da arma.

— Isso faz você se sentir poderosa? — ele murmura.

Outro soluço se liberta, mas não abaixo a arma.

— Isso faz você se sentir viva novamente?

Eu faço uma careta, mas não consigo reunir coragem para responder. Não

consigo articular o que me faz sentir – só sei que me faz sentir *alguma coisa*.

— O que você esqueceu é que o coração batendo dentro do seu peito não é seu — ele rosna. — É *meu*. E, se meu coração parou de funcionar, então puxe o gatilho, ratinha. Mate o resto de mim. Não sou nada se não for a razão pela qual você respira.

Eu quebro e fecho os olhos contra a torrente de lágrimas, mas é como colocar um pedaço de papel sobre um cano estourado.

Meu rosto se contorce enquanto pura agonia me consome.

— Eu não quero mais sentir — sufoco, mal conseguindo dizer as palavras antes de um soluço angustiante explodir pelos meus lábios.

— Deixe-me… *porra*, Addie, apenas me deixe te abraçar — ele fala, sua voz embargada.

Ele arranca a arma da minha mão e a joga na cama, e então estou sendo arrastada em seus braços, sem peso, enquanto ele me levanta contra seu peito sólido.

Abro a boca e grito. Eu grito e grito, até minha voz falhar sob a pressão. Até que eu temo que minha garganta seja rasgada pela força.

Quero rastejar para fora do meu corpo tão desesperadamente. Só para poder escapar desse sentimento.

Não. O que eu quero é aquela arma de volta na minha mão para que eu mesma possa mirar em mim.

Um último grito sai da minha garganta, este tão cheio de dor, que deixa Zade de joelhos.

E, finalmente, o pilar desmorona.

O som bruto diminui, desaparecendo em um grito rouco.

Eu respiro fundo, enchendo meus pulmões com um oxigênio que não quero, mas estou muito perdida em minha dor para gritar como desejo.

O aperto de Zade se intensifica dolorosamente, estremecendo seu corpo enquanto ao se agarra a mim. Ele enfia o rosto no meu pescoço e apenas… escuta.

Ouve seu coração se partindo dentro do meu peito.

As vozes na minha cabeça se amplificam, e arranho meu crânio, desesperada para tirá-las. Mas suas mãos me param, agarrando-as e prendendo-as entre nossos peitos.

— Eles não estão mais aqui — ele sussurra irregularmente. — Ouça a minha voz em vez disso, querida.

Eu balanço minha cabeça, mas ele continua falando de qualquer maneira. Ele

me conta sobre a primeira vez que me viu e como eu parecia insegura em uma sala cheia de pessoas. Diz que eu parecia estar presa em uma caixa de vidro, e todo mundo do lado de fora me observava como um animal de zoológico. Então, ele fala sobre a primeira vez que o confrontei. Como corri para fora da minha porta gritando como uma banshee, fogo em meus olhos e cuspindo veneno pela língua. Ele se lembra de como ficou totalmente atordoado com minha coragem e de como se apaixonou profundamente naquele único instante.

— Eu vi a mulher que mal suportava estar em sua própria pele, e a mulher confortável em um casarão gótico, em casa consigo mesma e com os fantasmas que a assombram. Eu amei as duas versões de você e amo quem você é agora, alguém cheia de força e vulnerabilidade. Ainda assim, você carrega fogo em seu coração, e isso nunca vai mudar. Eles nunca vão tirar isso de você, Adeline.

Suas palavras só me fazem chorar mais, mas, assim como ele prometeu, aos poucos afugenta as vozes.

Uma quantidade indescritível de tempo se passa antes que eu finalmente me acalme o bastante para formar uma frase.

— Às vezes, eu não sei se serei capaz de tolerar totalmente o seu toque — confesso, em um sussurro quebrado.

— Você está bem com isso? — ele contra-ataca. — É assim que quer viver sua vida? Temendo o toque de um homem, do *meu* toque?

Eu quero viver assim? Parte de mim quer se refugiar e não deixar outro homem colocar as mãos em mim pelo resto da minha vida. Não quero ver as imagens passarem pela minha mente toda vez que sentir pele deslizar contra a minha.

Mas, então, há outra parte de mim que se enfurece e se chicoteia contra essa noção. A mesma parte que me permitiu usar sua mão e o cabo da faca como uma libertação. Não quero que esses homens tirem mais de mim do que já tiraram.

Porque, se eu fizer isso, nunca vão parar. Continuarei entregando cada pedaço de mim, até que não reste nada além de um contorno de giz.

— Eu não sei como… ficar bem com isso.

— Nem mesmo com sua própria mão? — ele pergunta. Ele se afasta, gentilmente me apoiando no chão. — Você recuperou o poder com aquela faca. Agora, você pode recuperar isso quando se trata de toque físico. Deixe-me te mostrar.

Minhas sobrancelhas franzem enquanto eu o observo com os olhos inchados em confusão.

Seu olhar brilhante se afasta do meu rosto, e não preciso de um espelho para

saber que minha pele está vermelha e lágrimas secas mancham minhas bochechas.

Estendendo a mão sobre mim, ele pega uma rosa na mesa de cabeceira, girando a haste em seus dedos. Os espinhos cortam sua pele e pequenas gotas de sangue brotam.

— Você não cortou os espinhos — sussurro.

— Eu tenho protegido você de se machucar, mas às vezes, abraçar a dor é a única maneira de superá-la. Tire o vestido — ele ordena baixinho. Eu pisco e abro minha boca, mas ele me interrompe, — Apenas confie em mim, Adeline. Não vou fazer nada que você não queira.

Eu apenas olho para ele, meu coração acelera enquanto suas expectativas enunciadas permanecem entre nós.

Engolindo em seco, alcanço atrás de mim e abro meu vestido às cegas, deixando a metade de cima cair pelos meus braços. Rapidamente, embaralho o material pelo meu corpo, antes que possa pensar no que estou fazendo. O que ele está me obrigando a fazer.

— Boa menina — ele sussurra. — Seu sutiã também, Addie. Tire tudo.

Eu balanço minha cabeça, os restos das vozes começando a se elevar novamente.

— Não pense agora. Apenas faça o que eu digo.

Mordendo meu lábio, eu tiro meu sutiã sem alças e o jogo para o lado.

— Boa menina — ele elogia. Seus olhos permanecem firmemente fixos nos meus. Eu espero que eles desviem, mas eles resistem.

Um diamante tão bonito, olhe para…

— Não pense, Adeline.

Fecho os olhos, sacudindo os pensamentos da minha cabeça.

Meu peito está muito apertado e o pânico começa a se instalar novamente.

— Zade…

— Shh — ele silencia. Ele se senta no chão, reclinando-se no estrado da cama e abrindo as pernas. Meus músculos se contraem até eu vibrar com a necessidade de fugir.

— Sente-se aqui — diz ele com firmeza, indicando o espaço entre as suas pernas.

Hesitando, levo alguns segundos para ganhar coragem para ouvi-lo e rastejar em direção a ele. Olho para qualquer lugar, menos para o seu rosto. Se eu o vir, posso recuar.

— Vire-se de costas para mim.

Não há como parar o olhar de alívio antes de me virar e me acomodar entre suas coxas grossas.

Ainda estou tensa, mas posso respirar um pouco mais facilmente desta forma.

— Eu vou inclinar você de volta para mim — ele avisa. Mordendo meu lábio, aceno com a cabeça, permitindo que sua mão venha ao redor do meu corpo e pressione meu peito, me guiando a me inclinar para trás.

É como tentar dobrar uma colher de metal. É preciso esforço, mas, eventualmente, eu descanso contra seu peito. Seu calor penetra minha pele, como o sol brilhando em seu rosto no primeiro dia quente da primavera, depois de um inverno longo e frio.

— É isso, querida. Relaxe.

Demora várias inspirações até que o nó formado em minha garganta se dissipe.

— Respire — ele sussurra.

Eu o faço. Tento, pelo menos.

O oxigênio ofega para fora de mim como um motor velho. A cada ingestão, parece que inalando produtos químicos. Tudo queima. Tudo está apertado demais.

— Pegue isso — ele orienta, segurando a rosa em sua mão enfaixada. Pequenos rastros de sangue deslizam por seu pulso, e algo sobre isso é calmante, assim como quando ele cortou a mão na faca para me dar prazer.

Ver alguém sangrar não me faz sentir tão sozinha.

Pego a rosa, um espinho imediatamente espetando minha pele, mas mal o sinto. Não com toda a minha atenção no calor de seu corpo pressionando minhas costas.

— Posso tocar suas coxas, querida? — pergunta ele, seu tom abafado e profundo. Outro aceno de cabeça, e suas mãos grandes estão lentamente separando minhas coxas. Todo o meu foco se concentra no movimento, e o terror torna excessivo. Formigamento floresce nas pontas dos meus dedos, e sei que muito em breve, eles viajarão pelos meus membros até que eu não possa mais senti-los.

— Relaxe — ele acalma. — Eu vou te fazer uma pergunta, e quero que pense muito sobre isso, ok?

Inalando profundamente, seguro por alguns segundos antes de soltar. E, então, eu aceno, tentando me acalmar.

— O que faz você se sentir poderosa, Addie? É segurar aquela arma em sua mão? Apontando na minha cabeça e sabendo que poderia tirar minha vida?

As lágrimas aumentam, seguidas por um toque de culpa.

— Eu sinto…

— Eu não quero suas desculpas ou culpa, Adeline. Eu quero que você me diga a verdade. O que segurar uma arma na minha cabeça fez você sentir?

Apertando meus lábios, eu aquieto a vergonha e olho além dela. O que isso me fez sentir?

Isso me fez sentir… no controle. Eu estava segurando a vida de outra pessoa em minhas mãos, e era minha decisão e só minha se eu puxasse o gatilho. Eu segurava algo precioso. Algo irreversível. E era tudo… *meu.*

— Isso me fez sentir poderosa — eu admito.

— E como é o poder? — ele pergunta, sua voz se aprofundando enquanto uma de suas mãos trilha até meu pescoço, evitando meus seios. Seu toque é sensual, mas… seguro. — Deixe-me sentir você aqui.

Sua mão desliza lentamente pela coluna da minha garganta, dando-me tempo para rejeitá-lo. Quando eu não digo nada, ele agarra a parte de baixo da minha mandíbula, forçando meu queixo para cima enquanto ele puxa minha cabeça para trás contra seu peito. Meu olhar trava no teto branco enquanto a ansiedade rasteja pelo meu corpo.

— Foco, Adeline. Como é o poder?

Eu libero outra respiração trêmula e falo antes que possa pensar muito sobre isso:

— Me faz sentir bem.

— Bom — ele murmura. — Eu quero que você pense sobre esse sentimento. Em sua mente, segure essa arma para quem você quiser. Para mim. Para qualquer um dos homens que te machucou. Tudo o que fizer você se sentir bem.

Fecho os olhos e a primeira pessoa que me vem à mente é Xavier. Ele está ajoelhado diante de mim, implorando por sua vida. Ainda posso sentir o metal pesado na minha mão, mas, ao contrário de apenas alguns minutos antes, minha mão está perfeitamente imóvel. Nenhum tremor violento atormenta meu corpo enquanto seguro a vida de Xavier em minhas mãos.

Eu pressiono a arma em sua cabeça, saboreando as súplicas que saem de seus lábios. E eu puxo esse maldito gatilho.

— Agora sinta entre suas pernas — Zade sussurra, sentindo como minha respiração se intensificou por um motivo totalmente diferente.

Devagar, minha mão desce, passando entre as minhas pernas. A umidade se acumula em meus dedos, e estou tão surpresa com a revelação, que esqueço todo o resto. Por apenas um momento, me deleito com o fato de estar excitada.

Minha respiração vacila e a vergonha se infiltra, mas Zade também sente isso. Com minha garganta ainda presa em sua mão, ele vira a cabeça até que seus lábios rocem a concha da minha orelha.

O hálito quente desliza pela lateral do meu rosto enquanto ele sussurra grosseiramente:

— Você sabe o quão duro meu pau fica quando penso em todas as maneiras que vou torturar lentamente os homens que te machucaram?

Abro a boca, mas nenhum som escapa. Eles evaporam na minha língua quando Zade empurra seu quadril em minhas costas, a evidência de suas palavras cavando na minha coluna.

Isso deveria me repelir. Mas não o faz. E eu me agarro a esse sentimento enquanto está ali. Não me importo se é totalmente errado, é muito melhor do que a agonia constante.

Fecho a boca e aceno com a cabeça, concordando com os pensamentos enquanto a vergonha retrocede.

— Eu vou tocar sua mão agora — ele sussurra.

Ele mantém minha garganta em seu aperto, enquanto sua mão livre se estende e envolve a minha, a rosa ainda apertada em meu punho. Ele aperta com força, forçando os espinhos afiados a espetarem minha mão.

Inalo bruscamente, assobiando entre os dentes antes de cerrá-los contra a dor. E, então, ele guia nossas mãos para baixo até que as pétalas macias rocem minha boceta.

Meus olhos fecham enquanto ele desliza as pétalas para cima e para baixo, cobrindo a rosa com a minha excitação. Sinto o sangue subindo para minhas bochechas quando ele a ergue novamente e me apresenta a flor pingando.

— Zade…

Sangue escorre pelo meu braço enquanto ele liberta minha garganta para pegar minha outra mão e trazê-la para a rosa, conduzindo meus dedos pelas pétalas.

— Você sente como essas pétalas são macias e molhadas? — ele sussurra. Lambendo meus lábios, assinto com a cabeça. — Isso é o que eu sinto sempre que estou dentro de você.

Porra, você sente como…

— Agarre-se a essa sensação de poder, querida. Não desista dela.

Eu fico tensa novamente; meus músculos contraídos. Estremecendo, empurro a voz intrusiva e a substituo pela imagem de mim apontando uma arma para a cabeça deles. Firme e calma ao puxar o gatilho.

Relaxo enquanto ele guia meus dedos médio e anelar para o centro da rosa,

como faria se fosse minha boceta.

A dor que atravessa minha mão desaparece quando um prazer profundo toma conta. Pela primeira vez em muito tempo, sinto a sensualidade e o erotismo ao continuar a empurrar meus dedos para dentro e para fora da rosa, os próprios dedos de Zade segurando os meus.

Sinto a pressão crescendo em meu centro, desesperada por algum tipo de liberação. Diferentes rostos passam pela minha mente, como um rolo de filme, todos encontrando a mesma morte. A pressão entre minhas pernas aumenta e aumenta, até que eu tenha certeza de que apenas um toque dos meus dedos me levaria ao limite.

— Zade — imploro, embora não saiba o que estou pedindo.

— Diga-me do que você precisa — diz ele, continuando nossos movimentos com a rosa.

— Eu… me toque.

— Não pare de sentir esta rosa — ele ordena suavemente. Eu concordo, meu abdômen apertando quando ele alcança entre minhas pernas.

O toque mais suave de seus dedos quase faz meus olhos revirarem. Pressiono para dentro e para fora da rosa enquanto seu dedo médio pressiona meu clitóris e começa a circular o local inchado.

Minhas costas arqueiam e não consigo deter o gemido agudo que escapa enquanto a satisfação crua rola através de mim.

Eu me forço a sentir Zade – a sentir que um homem está me tocando. Fazendo-me sentir prazer. E que estou aproveitando cada segundo disso. E, então, eu afasto aqueles outros homens da minha mente, pensando apenas naquele que me envolve.

Não quero gozar com as imagens dos monstros depravados que roubaram tanto de mim, mesmo que eu esteja explodindo suas cabeças. Quero ver apenas o homem que me deu tudo. Uma fera que dobrou minha vontade de sucumbir a ele, mas me mostrou o verdadeiro significado do amor e da devoção.

— Zade — gemo quando o orgasmo chega. Eu o ouço assobiar entre os dentes ao circular meu clitóris com mais velocidade. Ele ainda tem a outra mão em volta da minha, a haste apertada no meu agarre. Ele flexiona o punho, forçando os espinhos afiados mais fundo em minha carne. A dor se mescla com o prazer inebriante e um grito rouco escapa.

Riachos de sangue continuam descendo pelo meu braço, pingando do meu cotovelo até o meu estômago. Eu olho para baixo, observando os fluxos de vermelho apontando para onde Zade me toca.

Minha boca se abre, a euforia escalando ao observá-lo. Sua mão é enorme, com dedos longos e veias grossas que parecem pulsar enquanto ele esfrega meu clitóris.

É tão erótico que não aguento mais. Grito quando finalmente deixo ir, o orgasmo me atingindo com tanta força, que quase caio do chão com seu poder.

Zade rosna, segurando minha boceta enquanto eu monto nas ondas, meus quadris rebolando contra sua mão e seu nome enche o ar ao nosso redor.

Eu o sinto tensionando sob mim, mas estou perdida demais para me importar. Estou desesperada demais para que essa sensação nunca acabe.

Nós dois largamos a rosa simultaneamente, e eu não paro para considerar o que estou fazendo quando alcanço o rosto de Zade com as duas mãos e guio seus lábios para os meus.

Um estrondo profundo vibra em seu peito, e ele mais uma vez agarra a parte de baixo da minha mandíbula, concedendo um ângulo melhor a nós dois ao me devorar.

Sua língua chicoteia contra a minha, me saboreando até meus lábios ficarem machucados e em carne viva, e o orgasmo há muito desapareceu.

No entanto, a felicidade permanece. Pela primeira vez em meses, aqueles homens perversos não atormentaram meus pensamentos. Não ouço suas vozes. Suas risadas e suas piadas cruéis.

E, por isso, sinto meu corpo muito mais leve.

Finalmente, ele se afasta, e tudo o que posso fazer é olhar para ele com admiração – a pessoa responsável por afugentar os monstros na minha mente.

Eles vão voltar, mas Zade tampouco vai a lugar algum.

— Obrigada — sussurro.

Ele fecha os olhos e roça seus lábios contra os meus suavemente.

— Você estará sempre segura comigo, ratinha. Sempre.

Sentindo-me revigorada, eu me viro em seus braços e puxo seu blazer, os botões voando enquanto seus olhos aquecidos se erguem para encontrar os meus, sua língua lentamente passando pelo lábio inferior. Vermelho mancha sua bochecha pela minha mão ensanguentada, e a visão quase faz meus olhos revirarem.

Ele parece tão selvagem, e acho que meus ovários estão explodindo. Ele vai me engravidar só com essa imagem.

— Tem certeza de que quer ir adiante? — ele pergunta, sua voz pingando com pecado.

— É o que eu quero — digo suavemente, embora trêmula.

Ele se levanta e o material desliza por seus braços. Então, pego sua camisa de botão até que seu abdômen fique exposto, junto com as tatuagens escuras pintadas em sua carne. Pressiono minhas mãos sobre seu estômago duro, sangue manchando sua pele, eu a empurro mais para cima, mas ele me impede.

— Não se empurre demais. Isso não era sobre mim.

Quando ele se inclina para frente, coloco minha mão em seu peito e o empurro para trás com firmeza. Seus olhos de duas cores se arregalam em surpresa.

— Deixe-me tentar, Zade. Eu não vou te foder ainda. Eu só quero tocar você.

CAPÍTULO 33
O DIAMANTE



Nunca havia visto Zade indeciso antes. Não até agora, enquanto analisa a minha expressão para determinar se ele deve me deixar tocá-lo.

Então, como um monstro rasgando carne, sua besta assume. Ele me agarra pelo queixo, aproximando meu rosto do dele.

— Você acha que está pronta para mim? Vamos ver até onde você está disposta a ir para me agradar.

Ele me levanta de cima dele, me colocando de lado, então se levanta, parando para me observar com uma expressão ilegível. Seu rosto como um mármore frio.

Afastando-se, ele caminha até uma cadeira preta alguns metros diante de mim. Nas noites em que não consegue dormir, ele se senta ali, esperando e observando o surgimento de um pesadelo – sempre me observando.

Ao lado da cadeira há uma mesinha, onde está um copo e uma garrafa de uísque. Ele se serve três dedos e, depois, se recosta na cadeira, afastando os joelhos, o braço relaxado ao lado do corpo, e o copo preso pelas pontas dos dedos.

Ele me olha, tomando um gole do uísque antes de retomar sua posição.

— Rasteje para mim — ele ordena, sua voz tão áspera quanto rocha, mas tão atraente quanto o uísque com especiarias que engoliu. — Mostre-me o quão bonita você é implorando de joelhos pelo meu pau.

Meu estômago aperta com o calor, e sinto minhas coxas ficando mais escorregadias.

Tomo a decisão em uma fração de segundo e pego a rosa, a coloco entre meus dentes, deleitando-me com as pequenas picadas dos espinhos em meus lábios.

O cobre floresce em minha língua enquanto eu obedeço às suas ordens, rastejando de quatro com sua preciosa rosa na minha boca, quadris e seios balançando sensualmente.

Seus olhos se iluminam e suas narinas se dilatam. A fachada fria que ele

mantém desliza, e o desejo cru aparece pelas rachaduras.

Quando o alcanço, me ajoelho e coloco a rosa sobre meu colo.

— Isso foi bonito o suficiente para você?

Ele ri e termina seu uísque, colocando o copo sobre a mesa.

— Você é linda pra caralho; eu quero arrancar os olhos daqueles que têm o privilégio de olhar para você — ele murmura, lambendo os lábios de forma predatória.

Ele se inclina o suficiente para puxar a camisa sobre a cabeça, expondo-se completamente. Minha boca se enche de água ao vê-lo, e sinto minha pele corar de novo pelo quão pecaminosamente delicioso ele parece.

Algo sobre pele bronzeada coberta de tatuagens pretas… Jesus Cristo; obrigada, Mulher Diabo, por inventar um homem como Zade.

Meus olhos se mantêm na cicatriz em seu abdômen, e decido que quero ser tão forte quanto Zade. Um homem que enfrentou a morte com um sorriso no rosto inúmeras vezes, apenas para se virar e fazê-lo novamente. De novo, e de novo.

Gentilmente, deslizo meus dedos pela marca vermelha de mão em seu estômago, intoxicada pela visão dele se contorcendo sob minha palma. A tensão se condensa até parecer que estou vagando pela lava.

Meu queixo está em sua mão novamente em segundos, seu polegar esfregando os pontos de sangue ao longo dos meus lábios.

— Eu quero ver esse sangue em todo o meu pau — ele murmura. — Tire meu cinto.

Atendendo ao seu comando, o metal tensiona enquanto meus dedos habilmente desfazem a fivela, e as memórias vêm à tona dele envolvendo este cinto em volta do meu pescoço enquanto fodia minha boca.

Quero isso de novo, mas sei que ainda não estou pronta.

Ele solta minha mandíbula enquanto eu trabalho rapidamente com seu botão e zíper, deliciando-me com o som dos dentes de metal se abrindo para mim. Seu pau salta livre antes que eu termine de abrir e, desta vez, minha boca seca.

De alguma forma, havia esquecido como seu tamanho é intimidador.

Lambendo meus lábios, agarro a rosa, abro meus joelhos e deslizo as pétalas macias pela minha fenda novamente, mais uma vez encharcando-as com minha excitação.

Ele me observa atentamente ao me sentar e arrastar a haste em seu quadril lentamente, os espinhos afiados espetando sua carne sensível. Ele sibila entre os dentes, os olhos brilhando ferozmente.

Prendendo meu lábio com sangue entre os dentes, arrasto as pétalas ao longo

do cume de seu pau, deliciando-me com a forma como seu estômago se contrai. Veias se projetam de seu comprimento, e eu as sigo até a ponta com a flor, cobrindo-o com a minha umidade.

— Addie — ele avisa quando deslizo para suas bolas, fazendo-o ficar tenso. Meus lábios se curvam maliciosamente ao me inclinar para frente, e dou um beijo suave em seu pau, encarando-o sob meus cílios com um olhar sensual.

Ele rosna, e sua paciência se esgota. Agarra meu cabelo e se inclina para frente, suas palavras afiadas ressoando em meu ouvido:

— Você quer trocar de lugar e me fazer implorar de joelhos? Esperei tanto tempo para sentir sua boca em volta do meu pau, ratinha, e eu faria coisas terríveis por você se fosse preciso.

— Paciência, querido — sussurro, minha boceta latejando enquanto ele geme. Ele se torna tão maleável a partir de um simples apelido carinhoso e, mais uma vez, essa sensação de poder explode.

Achatando minha palma em seu peito, eu o empurro para trás, seu corpo tenso. Mantendo nossos olhares fixos, minha língua vai para fora e lambo a ponta de seu pau, observando seus lábios se curvarem em um rosnado e seus olhos brilharem. Ele nunca parece humano quando está dentro de mim.

Eu me concentro nele, bloqueando as vozes, antes que elas possam realmente entrar, e me prendendo à visão de Zade derretendo como gelo embaixo de mim. Essa visão me dá o controle de que preciso desesperadamente, e percebo que é muito mais fácil ficar no presente quando tenho algo para saborear: Zade à minha mercê.

Eu o tomo mais fundo em minha boca, deslizando minha língua ao longo do comprimento, o que tira dele a mistura de um gemido e um rosnado.

Seus dedos deslizam em meu cabelo, tecendo entre os fios e segurando firme. Gemidos saem pelos seus lábios, me estimulando. Eu o tomo ainda mais fundo, até que a ponta atinja o fundo da minha garganta. Mesmo assim, não desisto, mantendo-me ali até que lágrimas escorram dos meus olhos.

Por alguns momentos, eu seguro até não poder mais, me engasgando um pouco e recuando até que ele se liberte, um rastro de saliva tingida de vermelho grudando no meu lábio inferior.

Assim como ele queria, o sangue da minha boca está espalhado pelo seu comprimento, e um pensamento doentio passa pela minha mente.

Eu entendo por que Xavier gostava tanto disso.

— Continue chupando — ele sibila, me puxando para fora da minha mente. Inalando fundo, prendo a respiração ao engolir mais uma vez, lágrimas brotando

em meus olhos pelo tamanho dele.

Sua mão agarra a minha nuca para me manter imóvel enquanto ele bombeia seus quadris, um rosnado retumbando do fundo de seu peito.

Minha boceta pulsa em resposta e, vergonhosamente, quase quero chorar. Estava convencida de que ficaria quebrada para sempre, que nunca seria capaz de tocar ou ser tocada. Mas dar prazer a Zade não me faz sentir fraca e desamparada como pensei que faria. Vê-lo se perder em minha boca me faz sentir como uma rainha sentada em seu trono.

Ele precisa tanto de mim neste momento e saber que posso privá-lo disso… minhas coxas se contraem para reduzir a dor que cresce entre elas.

Ele fode minha boca selvagemente, saliva escorrendo pelos meus lábios, mas uso minha mão para espalhar para cima e para baixo em seu comprimento, seus dentes rangendo em resposta.

Eu subo para respirar, rastros de saliva conectando seu pau à minha boca.

— Mostre essa língua para mim, querida.

Faço o que ele diz sem pensar, vislumbrando-o através dos meus cílios molhados.

— Que garota boa pra caralho — ele rosna. Ele agarra a base de seu pau e bate na minha língua algumas vezes, suas sobrancelhas franzidas e a boca entreaberta.

Uma besta e um deus se entrelaçaram, formando algo absolutamente antinatural.

E eu percebo que nunca precisei ter medo de seu toque. Foram *homens* que me contaminaram, e Zade nunca foi um homem.

Eu puxo contra seu aperto no meu cabelo, mas ele resiste, empunhando os fios com mais insistência. Ele ergue a outra mão e arrasta os polegares grosseiramente pela parte inferior dos meus olhos, espalhando rímel nas minhas bochechas.

Seu peito vibra, e sua voz é gutural quando diz:

— Você parece uma puta tão bonita para mim.

Um lampejo de raiva acende dentro de mim, e ele apenas sorri em resposta. Ele puxa minha cabeça para mais perto de si. A ponta de seu pau roça meus seios, e seus olhos abaixam, uma faísca queimando em seu olhar. No momento em que volta o olhar para mim, sei exatamente o que ele está pensando.

— Você nunca foi uma prostituta para aqueles homens, ratinha. Sabe por quê?

— Por quê? — sussurro.

— Porque eles nunca possuíram qualquer parte de você. Eles tomaram o que

não possuíam. Isso não faz de você uma prostituta; isso faz de você uma sobrevivente.

Lágrimas nublam meus olhos. Eu os abaixo para disfarçar a fraqueza, mas ele levanta minha cabeça, recusando-se a me deixar esconder.

Um sorriso diabólico curva seus lábios para cima.

— Mas você é *minha* puta. Você é meu tudo, e você se torna muito mais a cada dia que passa. Eu possuo cada parte fodida de você, Adeline. Mesmo quando gritou e chorou que não me queria, nunca poderia me deixar ir. Todas as noites em que você ficou na sua janela, me deixando te observar. Me confrontando, ao invés de correr, e me instigando, mesmo sabendo o que aconteceria. E, quando você corria, só usava a boca para tentar fugir. Você gravitou para mim, assim como fiz com você. E isso é algo que nenhum outro homem jamais terá.

Ele tem razão. Eu nunca agi apropriadamente com ele me perseguindo.

Não há como negar o quão contraditório é agredir e perseguir uma mulher quando está tentando salvar outras da mesma coisa. Também não há como negar que, apesar disso tudo, há uma parte distorcida de mim que sempre gostou. Nunca foi sobre meu corpo sucumbir a ele, mas minha alma, também.

Xavier queria de mim o que só Zade poderia realizar. Ele queria que meu corpo revelasse uma verdade oculta e mostrasse a ele que nossa conexão era mais profunda do que carne na carne. E, quando a única verdade que encontrou foi que eu nunca o desejaria, ficou furioso e desesperado.

Essa era uma verdade que só Zade poderia revelar.

Desejo atraído por desejo – sua escuridão pela minha. Eu estava fugindo disso enquanto ele estava me forçando a ver quem eu realmente sou.

Zade e eu não fazemos sentido para o mundo exterior. Quase nem na minha própria cabeça. No entanto, está sendo difícil me importar. Nunca vou justificar o que Zade fez comigo, mas eu o perdoo. Não só isso, eu o aceito.

Ele me disse anteriormente que queria que eu me apaixonasse pelas partes mais sombrias dele, e eu me apaixonei.

Cada pedaço fodido dele.

Sentindo a determinação, ele sacode minha cabeça novamente.

— Cuspa no meu pau, querida. Deixe-o bom e molhado para mim.

Mantendo meus olhos fixos nos dele, coloco minha língua para fora, deixando a saliva acumular antes de pingar da ponta e direto para seu pau.

— Pode ficar mais molhado, não pode, gatinho? — digo timidamente, ecoando de volta para ele suas palavras do nosso primeiro encontro.

Ele sorri, e o ato condena minha alma. Erguendo a mão, ele pressiona meu lábio inferior asperamente.

— Continue assim, ratinha. Esta língua afiada não é a única coisa capaz de me molhar. Eu poderia gozar só de pensar no meu pau coberto com seu sangue.

Eu mordo meu lábio, uma injeção de medo pulsando pelo meu sistema diante do seu tom perigoso. Um arrepio percorre minha espinha, atingindo cada vértebra no caminho para baixo.

É glorioso pra caralho.

Esfrego minha saliva para cima e para baixo em seu comprimento, os gemidos são grosseiros. Seu olhar abaixa, sua boca se abrindo enquanto me encara, como se estivesse rezando para eu desafiá-lo.

— Boa menina — ele diz lentamente. — Agora, incline-se para frente e coloque meu pau entre esses seus lindos peitos.

Mordendo meu lábio, faço o que ele pede, olhando para ele sedutoramente. Ele pode estar cuspindo suas exigências, mas ainda está sob minha mercê. E isso é comprovado pela forma como sua cabeça se inclina para trás e um gemido atravessa sua garganta, seu pomo de adão para cima e para baixo.

Ele sucumbe a mim como o Titanic fez com o oceano. Indestrutível – inafundável – para todos, menos para mim. Eu sou o mar revolto que o conquistou e o afundou de joelhos, e ele foi incapaz de me deter.

Ele empurra seus quadris para cima, e eu o aperto mais forte entre meus seios, inclinando meu queixo para baixo para deixar outro rastro de saliva escorregar da minha língua.

A visão de seu pau subindo entre eles faz minha boceta latejar, excitação se espalhando pelas minhas coxas. Um gemido me escapa, trazendo seu olhar de volta para mim.

— Isso está deixando sua boceta molhada? — Ele range os dentes, pontuando-o com um impulso brusco. — Gemendo como uma prostituta enquanto me observa foder seus peitos. Faz você desejar que fosse sua boceta ao invés disso?

— Sim — confesso, fascinada pela expressão feroz em seu rosto. Meu coração acelera, mas confio em Zade. Confio que ele sabe até onde me empurrar.

— Esfregue seu clitóris, quero que goze comigo — ele ordena, afastando minhas mãos dos meus seios e substituindo-as pelas suas, apertando-os firmemente ao redor de seu comprimento.

Baixando a mão, eu rodo o dedo em meu clitóris, estremecendo e impulsionando meus quadris contra minha mão com mais força.

Minha cabeça começa a tombar para trás, os olhos revirando ao esfregar mais

rápido. A mão de Zade dá um tapa forte na lateral do meu peito, e eu abaixo minha cabeça em resposta com um ganido.

— Olhos em mim, ratinha.

Ele empurra seus quadris em movimentos rápidos e curtos, e eu apenas assisto, intoxicada pela visão de um deus se desfazendo.

— Porra, Addie. Esses peitos vão ser cobertos pelo meu esperma. Você está pronta para mim, querida?

Eu aceno com a cabeça freneticamente, minha voz presa sob os gemidos que saem da minha boca.

Seu aperto torna-se doloroso, mas é quase imperceptível quando meu ventre está se contraindo, e estou tão perto de gozar pela segunda vez esta noite.

Seus quadris vacilam e, então, ele está gritando, falando meu nome enquanto fluxos de sua semente pintam minha pele. Eu chego ao limite no mesmo instante, estremecendo violentamente e me esfregando desordenadamente contra minha mão.

Mais e mais, caio nas profundezas de sua depravação e descubro que nunca quero sair.

Leva vários momentos para minha visão focar e o êxtase recuar. Estou sem fôlego e corada quando volto ao normal. Ele estende a mão, agarrando-me por baixo dos braços e me levantando para seu colo.

Então, ele estende a mão e pega sua camisa do chão para me limpar.

Uma expressão satisfeita relaxa seu rosto, arrancando um pequeno sorriso. Até que olho para seu peito, vendo algo que eu não havia notado antes.

— O que é isso? — pergunto, minha voz estrangulada com o choque. Ele enrola a camisa e a joga para o lado, então trava o olhar no meu.

— Um lembrete — ele responde.

Tento engolir, as palavras ficam presas na minha garganta como pão seco.

— O que você fez? — coaxo. Queima meus dedos percorrê-los pela sua cicatriz mais recente, como se ele mesmo tivesse se marcado e a carne ainda estivesse fervendo.

Olhando para mim está uma rosa lúgubre marcando a pele diretamente sobre seu coração, cortada sobre a antiga cicatriz. Uma maldita rosa. Ele esculpiu um símbolo de seu amor por mim em seu peito.

— Por quê?

Seu olhar me queima com tantas emoções diferentes rodopiando nas piscinas incompatíveis. Arrependimento. Vergonha. Culpa. Fúria. Tudo isso enquanto me observa como se eu fosse uma miragem desaparecendo, e ele não soubesse como

me deixar ir.

— Eu te disse que não me escondo dos meus fracassos — diz ele, suavemente. — O que aconteceu com você foi um fracasso meu. E serve como um lembrete diário.

Eu balanço minha cabeça, sem palavras. Abro a boca várias vezes, mas nada sai.

— Zade — digo finalmente. — Não foi sua culpa.

— Talvez não de forma direta, mas não me isenta de responsabilidade. Max te vendeu por causa da animosidade entre nós, e eu deveria tê-lo matado quando começou a te atormentar. Esse foi meu primeiro erro e, por causa disso, você foi sequestrada.

Seus punhos se fecham e o músculo de sua mandíbula lateja contra sua pele. A qualquer segundo agora, pode estourar.

— E esse foi o meu segundo erro — ele murmura. — Minha proteção não foi boa o suficiente. Não posso estar sempre ao seu lado, nós dois sabemos disso, mas foi muito fácil para eles te levarem. Não vou cometer esse erro novamente.

Sua mão desliza pelas mechas do meu cabelo antes de escovar suavemente a parte de trás do meu pescoço.

— Eu não me importo se precisar incendiar este mundo até que não haja mais ninguém além de você e eu. O mundo vai queimar ao nosso redor, e viverei alegre no caos com você, contanto que a única pessoa perigosa para você seja eu.

Cerrando meus dentes, eu cavo minha unha na rosa. Ele sibila, mas não me impede.

— Pare de se culpar pelas outras pessoas serem fodidas na cabeça. *Você* não colocou um alvo na minha cabeça. *Você* não me vendeu em nome da vingança e do dinheiro. E *você* não me sequestrou e me vendeu para o tráfico sexual. O que você fez foi me encontrar e me salvar.

Eu enterro minha unha com mais força, uma lua crescente e sangrenta se formando sobre a rosa.

— Você me resgatou, e nunca vou esquecer isso. E a única maneira de retribuir é salvando a mim mesma. Ficando mais forte e não deixando o que aqueles fodidos doentios fizeram comigo controlar minha vida. Eu posso ter rachado, mas não me despedaçaram. Minha rosa ainda tem espinhos, Zade. Você me entende?

Antes que ele possa responder, eu me inclino para frente e coleto as gotas de sangue com a língua. Então, eu lentamente lambo meus lábios, espalhando o carmesim ao redor da minha boca como batom.

Seus olhos se concentram no movimento, seu peito arfando.

— Eu queria saber o gosto de alguém sangrando por mim — sussurro.

Ele cerra os dentes, pressionando a mandíbula.

— Eu sempre vou sangrar por você — ele sussurra antes de agarrar meu queixo em sua mão e conectar seus lábios suavemente aos meus, lambendo o sangue dos meus lábios.

— Você ainda é minha ratinha indefesa, mas apenas quando se trata da minha irresistível destreza — ele diz ao se afastar, me agraciando com um sorriso.

Fecho os olhos, uma risada escapando da minha boca. Uma única lágrima escorre, emoções subindo pela garganta. As emoções felizes estão de volta, e espero em Deus que permaneçam por um tempo, desta vez.

— Você é um idiota.

— Não, querida, eu sou apenas o masoquista que não se cansa de sua beleza, mesmo quando você tira sangue. — Ele vislumbra as minúsculas gotas que brotam de onde enterrei minha unha em sua pele.

Franzo meus lábios.

— Acho que eu sou a idiota, então.

2 de junho de 2022

A primeira vez que vi uma rosa sem os espinhos ao lado de um copo vazio de uísque, eu estava com vergonha de admitir que chorei. Ele sempre as deixa por aí, mesmo agora.

É melancólico, e uma parte minha deseja com todas as forças que pudéssemos voltar no tempo, quando eu era apenas uma garota normal, e a pior coisa a me acontecer havia sido ganhar a atenção de uma sombra enigmática.

A nova Addie reviraria os olhos para a antiga Addie, zombaria de suas reclamações sobre um *stalker*, porque o pior ainda estaria por vir.

Houve várias vezes em que, deitada naquela cama encaroçada na casa de Francesca, eu chorava porque meus problemas nunca mais seriam tão simples. Chorava por haver perdido aquela garota que tirava fotos nuas simplesmente porque adorava o seu corpo. A garota que ria livremente, escrevia palavras que comoviam as pessoas, e andava pela vida nunca olhando sobre o ombro.

Eu a quero de volta.

Porque agora mal posso me olhar no espelho. É difícil rir novamente.

Não escrevi uma maldita palavra desde que estou em casa. De qualquer forma, não para um livro.

E estou com medo. Com tanto medo dessa liberdade ser tirada de mim tão facilmente como na primeira vez.

CAPÍTULO 34
O DIAMANTE



— Toque em volta das rosas, bolso cheio de flores — Sibby canta alto, pulando em torno dos três corpos se contorcendo amarrados em suas cadeiras. — Cinzas, cinzas, todos nós caímos! — ela grita, chutando o encosto da cadeira de Rocco na última palavra. Ela grita tão alto que até eu pulo.

Solto um suspiro de sofrimento. Ela está cantando o dia todo, provocando-os a ponto de Francesca realmente se sujar.

Eu admito, isso foi muito engraçado.

Zade a deixou se divertir e obter o máximo de informação possível dos três – *depois* que ela cruzou os dedos e jurou não os matar. Sem surpresa, Sibby provou ser tão habilidosa com a tortura psicológica quanto com a física. Ela os fez querer morrer sem sequer ter que tocá-los.

Tenho a sensação de que é em parte por causa de seu canto atroz, mas não vou dizer isso a ela.

Na semana passada, ela recebeu nomes de pessoas que participaram do Abate todos os anos – sejam eles espectadores ou participantes – os outros traficantes que compraram garotas e, claro, qualquer informação que Francesca e Xavier tenham sobre Claire.

— Rio Sanchez — Sibby canta. — Ainda não vai me dizer onde ele está?

Francesca revira os olhos, encenando uma atitude para esconder o quão assustada ela está com uma garota circulando-a como um tubarão faminto.

Não está funcionando.

Sibby é assustadora.

— Eu já te disse isso, não sei onde ele está. Ele ajudou *ela* escapar, e então fugiu. Isso é tudo o que sei e, francamente, eu o entregaria com prazer a você porque também o quero morto! — ela diz, sua voz terminando em um grito frustrado. Ela está vermelha e ofegante. Raiva, dor e frustração gravadas nas linhas duras de seu rosto. A maquiagem velha está rachada e borrada,

envelhecendo-a dez anos.

Ela vai morrer com acne *por* todo o rosto e eu acho uma justiça poética nisso.

Eu mordo os lábios, tentando ignorar a dor aguda no centro do meu peito. Sempre que penso no Rio e no que vai acontecer quando Zade finalmente colocar as mãos nele… eu meio que quero chorar.

Meus sentimentos em relação a ele são complicados, e não tenho certeza se vou realmente entendê-los. Ainda mais agora que conheci sua irmã e descobri que a vadia malvada diante de mim o estava forçando a fazer muito mais por ela do que eu pensava inicialmente.

Eu disse que não me sentiria culpada quando Zade o pegasse. Mas, então, ele me salvou. E agora, não posso dizer que vou parar Zade…, mas também não posso dizer que não vou sentir nada.

— Você o quer morto porque ele ajudou o diamante a escapar, ou por que ele te traiu e quebrou o seu pequeno coração gelado? — pergunto.

Seus olhos cospem fogo enquanto ela me encara.

— Ele não era nada mais do que uma boa foda — ela ferve.

Inclino-me pela cintura, estreitando os olhos.

— Você teve que ameaçar matar a irmã dele toda vez que você queria que ele te fodesse?

Rocco bufa, e a cabeça de Francesca vira para ele em ofensa. Ele está pálido, suado e aparentemente cansado, mas a malícia em seus olhos é inconfundível.

— Ela parou de ameaçar depois dos primeiros dois anos, e acho que é só porque ele se cansou de ouvir isso.

— Cala a porra da boca! — ela grita, seu rosto ficando com um tom medonho de roxo. Não combina muito bem com a tez dela.

— Não! Estamos nessa porra de situação por *sua causa*! — ele grita de volta. — Porque você não conseguiu controlar aquela putinha estúpida e se recusou a se livrar dela. E agora olhe!

O lábio inferior de Francesca treme.

— Sydney valia…

— Ela não valia merda nenhuma! — ele ruge.

— Ela valia!

— Ou ela estava guardando os seus segredos — eu interrompo secamente. A cabeça de Francesca vira para mim tão rápido que ela quase faz um favor a si mesma e a quebra.

— O que ela te disse? — ela exige, sua voz embargada e olhos selvagens.

Eu dou de ombros com indiferença, não revelando nada. Sydney não me disse

nada, mas Francesca não precisa saber disso.

— Sydney sabia? — Rocco pergunta com raiva.

Os olhos de Francesca se arregalam e ela se vira para Rocco com desespero.

— Ela descobriu… eu-eu não sei como. Mas ela ameaçou contar à Claire se eu permitisse que ela fosse leiloada. Ela se comportava mal porque era a única coisa que a mantinha na casa e nosso segredo seguro.

Minhas sobrancelhas franzem, tentando decifrar o que exatamente Sydney sabia.

— Por que você simplesmente não a matou? — Rocco rosna com os dentes cerrados.

— Claire não me permitiria! Ela me forçou a lidar com isso como uma punição por não conseguir controlar Sydney — Francesca chora, quase implorando para seu irmão.

Rocco desvia o olhar.

— É por isso que você parou de deixar as pessoas transarem com elas?

Agora, estou realmente confusa. Sibby e eu nos entreolhamos, e ela deve notar minha expressão porque se aproxima e fica no rosto de Francesca.

— Diga-me o que você estava fazendo — ela exige. — Não gosto de ficar de fora.

Francesca rosna, mas rapidamente se encolhe quando Sibby leva a faca rosa ao seu olho e ameaça:

— Vou arrancar isso e fazer você mastigá-lo.

Nojento.

— Estávamos ganhando dinheiro debaixo da mesa. As pessoas nos pagavam por uma noite com uma das garotas. Também estávamos ganhando um bom dinheiro, mas Sydney descobriu e usou contra mim.

Minhas sobrancelhas se erguem, surpresa por sua ousadia de lucrar com as garotas pelas costas de Claire, mas não totalmente porque… bem, estamos falando da porra de Francesca e Rocco.

Até Xavier assobia e olha para eles com um sorriso torto. Ele está tão exausto quanto os outros dois.

— Coisa corajosa de se fazer. Claire teria matado você lentamente se descobrisse.

Rocco zomba.

— Deveria ter nos poupado toda a porra da dor de cabeça e deixá-la fazer — ele cospe. — Ela já estava louca por causa daquele maldito culto. Você achou que Claire ia realmente acreditar nela? —Ele termina sua pergunta com uma

risada condescendente. Xavier dá de ombros em um *você me pegou aí* enquanto Francesca apenas fica boquiaberta para ele.

Nenhum deles percebe a garota congelada diante deles, sua coluna ereta e choque pintado em seu rosto.

— Que culto? — Sibby finalmente interrompe.

A boca de Francesca se abre, depois se fecha.

— Eu não sei — ela zomba. — Tudo o que sei é que uma garota matou o líder, e todo o culto se desfez depois disso. Vagaram sem rumo porque não sabiam que porra fazer com eles mesmos.

Meus olhos se arregalam gradualmente enquanto ela fala.

Não é possível.

— Como Sydney chegou a Washington? — pergunto.

— De que outra forma? Ela era uma sem-teto e pega nas ruas por um traficante e enviada para mim para ser treinada — ela responde, seu tom mergulhado em veneno. — Sou uma das melhores do *mundo*, e ela era um caso difícil. Eu estava trabalhando nela — ela cospe a última parte para Rocco, lançando um olhar desdenhoso em sua direção.

— Sibby, você a conhecia?

Ela se vira para mim, uma carranca puxando seus lábios.

— Como ela se parecia?

— Cabelo loiro, olhos castanhos. Dois dentes da frente estavam tortos. Ela tinha uma pinta no canto da boca também.

Ela tenta engolir, mas acena com a cabeça.

— Sim, eu a conhecia. Ela era minha irmã. Quero dizer, todas as crianças eram meus irmãos. Papai era o único autorizado a engravidar alguém… — Ela para, aparentemente estupefata.

Isso… na verdade, faz muito sentido – Sibby e Sydney vindo do mesmo culto. Agora que penso nisso, seus maneirismos são muito semelhantes. Bizarro, assustador, e sua maturidade atrofiada. Ambas são psicopatas assassinas, mas pelo menos, Sibby tem um coração de ouro, enquanto o de Sydney era cinza.

Sua expressão se fecha, e ela me olha com toda a seriedade do mundo.

— Ela tentou te matar? Foi ela que continuou machucando você?

Apertando meus lábios, eu aceno.

— Sinto muito, Addie. É minha culpa que ela acabou lá.

Franzindo a testa, eu digo:

— Sibby, não foi sua culpa.

— Foi — ela insiste. — Ela não tinha para onde ir porque eu matei o papai.

Todos eles foram deixados sozinhos. Ela nunca teria…

Eu agarro sua mão, apertando-a com força.

— Sibby, você não poderia saber que algo assim aconteceria. Você fez um favor a todos matando aquele homem. Ele era um demônio, lembra?

Seu lábio treme, mas ela assente.

— Sydney também era, e ela provavelmente cheirava a ovo podre. Estou feliz que você a matou.

Eu dou um beijo em sua bochecha, esperando livrá-la de qualquer culpa remanescente.

— Vá para cima. Você foi muito bem, e nós temos tudo o que precisávamos. Só tenho mais uma pergunta a fazer.

Ela sorri e pula as escadas, a tristeza esquecida.

Eu viro meu olhar em Francesca.

— O que aconteceu com Molly?

Suas sobrancelhas apertam com confusão, então eu esclareço:

— Ela era uma prisioneira em 2008. Ela escreveu em um diário, e eu encontrei dentro das tábuas do piso do meu quarto. Comecei a escrever nele também. Na verdade, é por isso que Sydney ia me matar. Eu estava planejando fugir, e ela descobriu lendo aquele diário.

Sua expressão azeda, e eu quase posso ver as memórias passando em seu olhar.

— Ela escapou. A primeira e última garota a fugir… até você — ela diz, murmurando a última parte com miséria.

Um sorriso curva meus lábios, e orgulho enche minhas veias.

Por Molly e por mim.

— Obrigada. — Batendo palmas, faço os três se assustarem, ofereço um sorriso enorme. — Está na hora.

Os olhos castanho-dourados de Francesca se arregalaram de confusão e medo. Não muito tempo atrás, estávamos em situações opostas. Afogando-me em desamparo e tristeza, imaginando como isso poderia estar acontecendo comigo. Lá estava ela, olhando para mim com a mesma expressão que eu uso agora.

Ela não me mostrou misericórdia. E eu retribuirei esse favor dez vezes pior.

Talvez ela se importasse, mas não o suficiente para me salvar dela mesma.

— Na hora? — ela ecoa, sua voz embargada.

Meu sorriso aumenta ainda mais, não me preocupando em esconder o quão vingativa eu me sinto.

— Para o Abate — forneço, minha voz mergulhada em mel e açúcar. — E

você, minha querida, é a presa.



Síndrome dos impostores – algo com o qual muitos autores lidam de tempos em tempos. Quando realizamos algo que nunca pensamos ser possível, coisas com as quais sempre sonhamos, esses são muitas vezes os momentos mais difíceis de lidar.

Eu mereço isso?

É semelhante ao que Francesca, Xavier e Rocco parecem agora – olhando para a linha das árvores diante do casarão Parsons, sentindo-se como um impostor em sua própria vida.

Em vez da incapacidade de aceitar suas realizações, eles são incapazes de aceitar seu destino.

Eu sou realmente tão vil, tão malvado, que mereço ser caçado como um maldito animal?

Eu poderia responder isso, mas prefiro mostrar a eles.

Zade e Sibby estão de cada lado de mim, uma besta pendurada frouxamente em suas mãos, o metal frio e brilhante idêntico ao meu. O peso parece familiar. Eu tenho praticado para este exato momento.

Meu batimento cardíaco pulsa em meus ouvidos, abafando o choro incessante de Francesca. Estamos atrás deles, o ar fresco saturado de antecipação.

— Você sabe — digo em voz alta, fazendo-a vacilar. — Você teria me dado uma surra se eu tivesse chorado.

Ela balança a cabeça, recusando-se a responder. Sua cabeça está inclinada para baixo, uma mecha de cabelo pegajoso caindo sobre seus ombros e revelando o quanto ela está se deteriorando. Seus ossos estão proeminentes em sua pele, cutucando a camiseta surrada que ela usa.

Xavier e Rocco estão ao lado dela com os ombros retos, segurando firmemente a fachada de que são fortes e corajosos.

Homens tão viris, eles são.

Eu gostaria de ver se essa ideologia se mantém firme quando eles estiverem correndo por suas vidas ou se eles vão morrer em uma poça de mijo e arrependimento.

— Vocês três têm mais sorte do que eu. Não há labirinto ou armadilhas aqui para vocês. Apenas a ponta afiada de nossas flechas.

— E se você não puder nos encontrar? Então, nós fugimos e você está fodido

— Xavier retruca pomposamente. Ele deve se sentir tão inteligente agora.

Eu sorrio.

— Você não vai escapar.

Ele levanta o queixo, ansioso para provar que estou errada.

— Você colocou várias regras na minha vez, mas eu só estou te dando uma. Você não poderá escapar para a garagem. Há vários guardas armados por todo o caminho. Se você quiser ir, vá até o fim e encontre a estrada.

Ele endurece, e meu sorriso aumenta. Xavier pensou que poderia cortar à esquerda, correr seis metros, sair para a minha garagem e escapar por ali. Se eles tornaram isso difícil para mim, o mínimo que posso fazer é retribuir o favor.

— Qual você acha que é mais gostoso? — Sibby pergunta, pulando na ponta dos pés com excitação e inquietação.

Eu enrolo meu lábio em desgosto, enrugando meu nariz.

— Não seja grosseira. Não somos canibais.

Sibby zomba.

— Eu nunca mancharia meu corpo com carne de demônio. *Nós* não vamos comê-los, mas os abutres vão.

— Ela tem jeito com as palavras — Zade diz secamente, um tom de diversão em seu tom.

Isso ela tem.

— Lembre-se, Sibby, *não* atire para matar. Encontre-a e traga-a para um de nós quando ela estiver caída — lembro.

Ela resmunga em resposta, mas não discute. Eu quero testemunhar todas as suas mortes, então, assim como o Abate, nós vamos matá-los juntos.

— Preparados? — falo. Os ombros de Francesca tremem com os soluços, mas não ligo para ela.

Xavier e Rocco não respondem verbalmente, mas seus corpos se contraem.

— Corram — Zade ordena, rindo quando Francesca decola e imediatamente tropeça em seus pés, quase batendo de cara no chão de terra.

Sibby ri, seus pulos aumentando. Ela caçará Francesca, Zade estará atrás de Rocco, e Xavier… é meu.

Zade queria alinhá-los e testar se ele poderia atirar uma flecha na cabeça dos três ao mesmo tempo, mas eu queria que eles tivessem a mesma experiência que eles forçaram pela minha garganta. Eu queria que eles sofressem como eu sofri. Engasgassem-se com a amargura de ter sua vida nas mãos de outra pessoa, apenas para tê-la jogada no chão e pisoteada.

Apenas um monstro pode criar outro monstro. E isso é exatamente quem eu

me tornei.

Sibby sai correndo atrás de Francesca, uma canção de ninar ecoando pela floresta. Zade dá um passo à frente, então faz uma pausa para olhar para mim, apenas parte da cicatriz cortando seu olho branco e o lado de sua boca visível sob o capuz preto.

— Você parece absolutamente divina vestida como um lobo, mas não pense que eu não vou arrancá-los de seu corpo no segundo que ele estiver morto. Aproveite sua caça, ratinha. Você não será o único predador à solta.

O calor se espalha por todo o meu estômago, caindo assim como seus olhos, me dando um último olhar aquecido antes de virar e sair atrás de Rocco.

Contei a ele algumas das coisas que o adorável irmão de Francesca fez comigo. Quando o último suspiro deixar seu corpo, ele não terá uma gota de sangue dentro dele. E pela primeira vez, não me envergonho de encontrar prazer na morte de outra pessoa.

Mordendo meu lábio, eu vou para a floresta. A temperatura cai enquanto, em silêncio, eu faço meu caminho, a folhagem se esmagando sob meus pés. Uma emoção aguda está zunindo por todo o meu corpo, mantenho meu ritmo rápido, mas constante.

Xavier está confiante de que vai escapar, mas com a profundidade dessas florestas, estamos confiantes de que nenhum deles encontrará o caminho antes de os alcançarmos.

O vento soprando através das folhas, pássaros cantando e os bichos farfalhando no mato desaparecem quando meu foco se aguça no que eu preciso ouvir – galhos estalando, o barulho das folhas sob passos e respiração pesada.

Há uma impressão clara de sua bota à minha esquerda, então eu me viro e sigo suas pegadas.

Cerca de quinze minutos tensos se passam, e eu alterno entre uma corrida constante e uma caminhada. Não há paredes de labirinto mantendo-os confinados em uma área, então será fácil para eles se perderem.

Xavier acredita que pode encontrar a saída, mas levaria horas, e isso sem andar em círculos.

Um guincho alto e repentino me assusta, enviando pássaros voando dos galhos, seguidos por cacarejos malignos. Parece o grito de Francesca, e se ela ainda não foi atingida, chegou muito perto disso.

Eu expiro trêmula, meu coração acelerado e suor acumulando na base da minha espinha.

Outro grito de Francesca, o final silenciado abruptamente – presumivelmente

Sibby a silenciou de alguma forma. Naquele único momento, destinado a ficar escondido sob seu grito, um galho se quebrou.

Minha cabeça vira na direção, para a esquerda, onde vejo um flash de uma mão antes que ela desapareça atrás de um tronco de árvore. Ele está cerca de dez metros à minha frente.

Apertando minha mandíbula, eu levanto minha besta e miro. No segundo em que ele sair daquela árvore, não importa em que direção ele vá, eu terei um tiro perfeito.

Ele se sente como uma mosca presa na teia de aranha? Preso onde ele está enquanto a viúva negra espreita de longe.

É emocionante. A sensação inebriante pulsando entre minhas coxas, fazendo minhas bochechas corarem e minhas pálpebras descerem.

Meu foco se aguça até que o medo de Xavier é tudo que posso ver, cheirar e provar. Quão desamparado ele deve se sentir, sabendo que seu fim está se aproximando.

— Qual a sensação? — pergunto, alto o suficiente para ele ouvir.

Ao longe, outro grito soa, desta vez de Rocco. Mas eles estão tão longe, que mal penetra a mortalha que envolve ele e eu.

Ele não responde, possivelmente esperando que eu não saiba exatamente onde ele está. Como se cada respiração dele não pudesse ser sentida através das cordas da minha teia.

— O medo te faz querer vomitar? — persisto, dando outro passo silencioso. Um pedaço de seu cotovelo aparece, e eu sorrio. — Seu coração está batendo tão forte que parece que vai sair da sua garganta?

O vento aumenta, chicoteando meu cabelo e criando galhos tortos com os fios castanho-avermelhados.

Quando eles voltam para baixo, eu inalo profundamente.

— Você sente o cheiro, Xavier?

Ele se mexe, seu cotovelo desaparecendo e algumas folhas esmagando sob seus pés.

— Cheira à morte.

Uma quietude se instala sobre nós. Tão grosso que até os pássaros se aquietam. E, então, ele está pulando da árvore. Meu dedo está a milissegundos de pressionar o gatilho quando ele gira abruptamente, indo na direção oposta, tentando me fazer disparar a flecha prematuramente.

Embora não tenha funcionado, isso me tirou do equilíbrio, e demorei um segundo a mais para atirar antes que ele se lançasse atrás de outra árvore.

Eu disparo a flecha assim que ele desaparece, um grito assustado perfurando meus ouvidos. Não paro para ver se o acertei. Imediatamente, pego uma flecha da aljava nas minhas costas e começo a recarregar. Coração acelerado, mantenho minhas mãos firmes enquanto ele corre novamente.

Não tenha pressa, Addie. Mantenha-se firme.

No segundo em que minha besta é recarregada, corro atrás dele, encontrando um rastro de sangue pontilhado em suas pegadas.

O desespero nubla seu julgamento, e ele sai mancando de uma árvore para outra com um tronco enorme, sua perna se arrastando. Minha flecha está saindo de sua panturrilha, sangue borbulhando da ferida enquanto ele corre. Mirando mais uma vez, respiro fundo e depois solto, pressionando o gatilho enquanto faço isso.

A flecha corta o ar quente do verão e se aloja no centro de suas costas. Um grito penetrante, e ele está caindo de cara no chão.

Meu sangue aquece e meu coração canta com seus gemidos agonizantes. Pregos cravados no chão de terra, ele se arrasta para frente, tentando escapar… para onde? Não há para onde ir, exceto para o inferno.

— Alguém ajude! — grita ele, a plenos pulmões, sua voz falhando no final.

— Porra, isso é embaraçoso — digo, me aproximando dele. Eu chuto sua perna ferida quando me aproximo, sorrindo quando ele me xinga, sangue manchando sua boca.

Agachada ao lado dele, eu inclino minha cabeça, observando seu estado lamentável. Seu cabelo loiro está encharcado de suor, as gotas de suor escorrendo pelo seu rosto vermelho. E aqueles olhos azul-bebê brilhantes – os mesmos que me viram chorar e sangrar embaixo dele – estão tão cheios de raiva e dor, que são quase pretos.

— Coelho bobo, eu te disse que você não poderia escapar de mim.

Eu ouço folhas sendo pisadas à distância junto com o que soa como alguém xingando e lutando, lentamente se aproximando enquanto Xavier cospe mais palavrões em mim que enviariam minha mãe para uma sepultura precoce. Os insultos passam por mim, apesar do quanto ele tenta me machucar. Ele já fez o seu pior quando eu era a única indefesa e impotente.

Agora, ele não é nada.

Um grunhido profundo soa atrás de mim, desviando minha atenção. Zade se aproxima de nós, arrastando pelo colarinho um Rocco cuspindo loucamente, salpicado de sangue da cabeça aos pés. Com o capuz preto puxado, o queixo inclinado para baixo e os olhos de duas cores fixos em mim, perco todas as

funções cognitivas.

Um deus sombrio que encarna a destruição e a morte, mas nunca me senti tão apaixonada.

Rocco não é um homem pequeno, mas Zade o arrasta como se não pesasse absolutamente nada. Ele o joga no chão, ganhando algumas palavras desagradáveis, que ele obedientemente ignora.

— Ele não pode correr?

— Flecha na espinha — ele corta.

Minha boca seca quando ele se aproxima, incapaz de fazer qualquer outra coisa além de vê-lo se curvar, me agarrar pela garganta e esmagar sua boca na minha.

Milissegundos.

Isso é o tempo que levo para responder por quão insignificante é o momento. Ele abre meus lábios com a língua, me provando completamente e tirando um gemido embaraçoso da minha garganta.

Ele se afasta, apenas para agarrar meu cabelo e puxar minha cabeça para trás até que eu não tenha escolha a não ser olhá-lo nos olhos.

— Um bom homem lamentaria ter corrompido algo tão puro.

— Você nunca foi um bom homem — sussurro, reiterando as palavras exatas que ele me disse tantas vezes antes.

— Não — ele concorda. — Mas eu sempre fui seu.

Engolindo em seco, abro a boca para responder, mas a mão de Zade está soltando meu pescoço e se movendo para o lado antes que eu possa piscar. Ofegante, eu me viro para encontrar Zade segurando a ponta de uma flecha a centímetros do meu rosto, sangue escorrendo por seu braço.

Xavier luta para empurrar a flecha em minha direção, mas sem sucesso. Minha boca se abre com o choque, lenta para processar o que diabos acabou de acontecer.

Enquanto eu estava distraída, Xavier arrancou a flecha de sua panturrilha e tentou me apunhalar com ela. Zade viu isso chegando, apesar de seu olhar nunca deixar o meu.

— Jesus, porra — respiro. — Isso não foi legal, cara.

Se Xavier tivesse me matado antes que eu o matasse, eu aceitaria a morte com prazer. E se Zade tentasse me ressuscitar, eu bateria o pé e me recusaria a voltar. Como eu poderia me olhar nos olhos depois daquele fracasso épico?

Zade arranca a flecha do alcance de Xavier, fúria obscura emanando dele. Sua mão não será nada além de fiapos de carne e osso se continuar assim. Ele ainda

está se recuperando do corte da faca, mas ele não mostra nenhuma indicação de que está com dor.

Os dentes de Xavier estão à mostra tanto de agonia quanto de frustração, e posso ver que ele está pronto para atacar novamente.

Eu pego a flecha do aperto de Zade, e usando a ponta afiada, eu a encaixo sob o queixo de Xavier, forçando-o a olhar para mim.

— Olhe para todo esse sangue — falo, ecoando suas próprias palavras com um sorriso sarcástico.

Zade se reposiciona, agachando-se atrás de mim, os joelhos de cada lado enquanto pressiona minhas costas. Os olhos de Xavier vagam por cima do meu ombro, ódio girando neles.

Minha respiração engasga, estremecendo com a sensação da mão de Zade deslizando pela minha barriga, depois mais para baixo, as pontas de seus dedos rompendo o cós da minha legging.

Xavier acompanha o movimento, seu rosto se avermelhando enquanto a mão de Zade vai mais para baixo.

— O que você está fazendo? — sussurro, embora a resposta seja óbvia. Isso é tão errado, mas minha boceta pulsa quando seus dedos roçam meu clitóris.

— Quando você roubou dela, você sabia que o único em quem ela pensava era em mim? — questiona ele, ignorando minha pergunta. Eu mordo meu lábio, excitação fluindo entre minhas coxas enquanto ele continua a tocar suavemente.

Xavier rosna, mas não lhe dá uma resposta.

— Eu quero te mostrar o porquê — Zade sussurra, sua voz profunda é sombria e pecaminosa.

Seu toque se torna mais firme, e um gemido baixo escapa. Fecho os olhos, envergonhada por isso, embora Xavier não consiga ver nada além do contorno da mão de Zade.

— Não seja tímida — Zade murmura em meu ouvido. — Mostre a ele por que ele nunca teve chance contra mim.

Eu expiro uma respiração trêmula, incapaz de conter o gemido sem fôlego, meus olhos se abrindo e depois se fechando novamente com o prazer tomando conta do meu corpo. Ele habilmente esfrega meu clitóris, e logo minha cabeça está caindo para trás em seu ombro.

— Zade — eu gemo, minhas coxas começando a tremer.

— Pare com isso — ladra Xavier, sua voz dolorida por mais razões do que a flecha perfurando sua espinha.

— Você está com raiva porque ela nunca gemeu seu nome? — desafia Zade.

Ele está certo, eu nunca fiz, apesar do quanto Xavier tentou. — Ela clamou por Deus? — pressiona ele.

— Sim — Xavier cospe, e *porra,* estou desmoronando. Eu empurro contra a mão de Zade, remexendo os quadris sem pensar, a felicidade corroendo todo o meu ser.

— Bom — diz ele, um sorriso em sua voz. — Isso significa que ela estava gemendo por *mim.*

— Oh, meu Deus, Zade — eu soluço, o orgasmo crescendo, formando uma ponta afiada exatamente onde seus dedos estão esfregando.

— É isso, querida — ele ronrona. — Mostre a ele para quem você estava realmente clamando.

— Zade! — eu grito, estilhaçando-me em milhões de pedaços enquanto minha alma se liberta, atirando para longe nos céus. É então que percebo que não pertenço lá, não quando meu deus sombrio está me puxando para um mundo de pecado e prazer, me fazendo gozar enquanto segura uma flecha na garganta do meu estuprador.

Estamos todos fodidos de qualquer maneira, forçados a viver fora dos portões do céu. Acho que gosto mais de viver na escuridão ao lado da minha sombra.

Zade desliza a mão para fora da minha legging, segurando minha boceta sobre o tecido enquanto eu navego as ondas de euforia.

Lentamente, eu desço, minha visão irregular enquanto a clareza gradualmente ressurge.

Ofegante, eu olho para baixo para encontrar Xavier fervendo, seus olhos vidrados enquanto ele me encara.

Por que ele parece tão traído quando ele nunca possuiu nada além dos meus pesadelos?

— Você é uma prostituta — ele cospe com raiva. Zade se levanta, sua presença se aproximando, a segundos de assumir o controle e enviar Xavier para a vida após a morte. Eu reposiciono a ponta da flecha contra seu pescoço, uma gota de sangue se formando sob a ponta.

— E o que faz você pensar que sua opinião sobre mim significa alguma coisa? — pergunto.

Antes que ele possa responder, um grito alto o interrompe, cheio de dor e frustração.

— Porra de cadela psicopata!

Essa seria Francesca.

Com as pernas trêmulas, eu me levanto e me viro para encontrar Sibby

arrastando o corpo agitado de Francesca em nossa direção, seu rosto vermelho e suado contorcido de aborrecimento. Zade começa a ir até ela, mas faz uma pausa e aponta para Xavier.

— Se eu ouvir você chamá-la de qualquer nome mais uma vez, vou cortar a porra da sua língua. Acredite em mim quando digo que você não seria o primeiro.

Minhas sobrancelhas apertam.

— Quem foi o primeiro?

Zade apenas sorri, então corre até Sibby e assume, aliviando-a do peso de Francesca e carregando a mulher guinchando pelo resto do caminho, uma flecha saindo de sua bunda.

Ainda estou um pouco presa à coisa da língua, mas decido que não quero saber de qualquer maneira. A ignorância é uma bênção e toda essa merda.

— Onde estão seus capangas? — pergunto, levantando minha voz acima dos gritos de Francesca. Pelo olhar azedo no rosto de Sibby, estou supondo que ela não estava imaginando um deles arrastando Francesca.

— Eu disse para eles ficarem para trás. Eles estavam discutindo um com o outro o dia todo, e isso estava me deixando *louca*. Eu precisava de uma pausa daqueles idiotas.

Zade deixa Francesca ao lado de Rocco, seu grito aumenta quando ela pousa em cima da flecha. A madeira se parte, embora a ponta da flecha ainda esteja profundamente alojada no músculo e no osso.

Então, Zade se aproxima de Xavier, os olhos do ferido se arregalando de medo.

— Não seja tímido, venha se deitar com seus amigos — diz Zade, agarrando Xavier pela frente de sua camisa e arrastando-o para deitar do outro lado de Rocco.

Seus gemidos agonizantes, xingamentos e insultos se misturam e, Jesus Cristo, deve estar tão irritante.

Eu me aproximo deles, olhando para o trio patético de estupradores. Uma parte de mim deseja que Rio estivesse aqui para que ele pudesse assistir ao meu lado Francesca morrer. Quem sabe o quão profundamente ele sofreu nas mãos dela? Como Sydney, sua dor não justifica a dor que infligiu aos outros, mas sei que não foi menos significativa que a minha.

— Vergonhoso — cuspo, a repulsa engrossando na boca do meu estômago. — Quantas garotas estiveram em seu lugar agora enquanto você comemorava e se divertia com o tormento delas?

— Vá se foder! — Francesca grita, saliva voando de sua boca. — Você acha que é melhor do que nós? Eu vou te ver na porra do inferno, e quando eu fizer…

— Você vai o quê? — interrompo, rindo quando ela olha para mim. Eu me agacho, colocando meu rosto bem na frente do dela. — Me torturar lá também? Você nunca será mais forte do que eu, Francesca, e quer saber por quê? Eu sobrevivi a você, mas você não vai sobreviver *a mim*.

Eu puxo um presente especial que estava queimando na parte de trás do meu bolso e o apresento a ela. Um salto, que eu quebrei de um de seus sapatos.

— Engasgue com isso, vadia.

Ela abre a boca para xingar, gritar – o que seja – e eu aproveito, enfiando o calcanhar em sua garganta, sorrindo quando seus olhos saltam da cabeça. Ela convulsiona, engasgando com isso, mas eu já estou de pé e me movendo para Xavier.

— Divirta-se, Sibby.

Sibby sorri enquanto se ajoelha, e então rasteja sob o corpo de Francesca. Levantando sua faca rosa acima de sua cabeça, ela a mergulha no peito da mulher que está morrendo lentamente.

— Não, não, não, espere, espere, foi tudo ela… — Rocco começa, então abruptamente termina quando Zade enfia a faca diretamente na lateral de sua boca. Entrando por uma bochecha e saindo pela outra, a lâmina ficando presa entre seus dentes.

Rocco grita, sangue escorrendo rapidamente de sua boca aberta. Eu sorrio e volto minha atenção para Xavier. Ele parece prestes a desmaiar, embora eu não possa dizer se é por causa de seus ferimentos ou porque ele é um covarde enfrentando as consequências de suas próprias ações.

Provavelmente, o último.

— Apenas… me mate — ele lamenta. — Eu imploro se for preciso.

— Você quer que eu lhe conceda misericórdia? Era isso que era, toda vez que você me cortava? Você teve misericórdia de mim quando me estuprou? Pagou dinheiro e tentou me comprar como se eu fosse um maldito objeto para que você pudesse me atormentar pelo resto da minha vida miserável?

Ele gagueja, suor escorrendo pelo rosto, ficando cada vez mais desesperado e em pânico. Especialmente quando Sibby começa a remover membros, e Zade a arrancar os olhos de Rocco.

— E-eu sinto muito…

— Eu não quero suas desculpas, Xavier. Eu quero o seu sofrimento.

Antes que ele possa abrir a boca e vomitar mais súplicas inúteis, eu pego duas

lâminas extras da minha tira da coxa, e uma de cada vez, impulsiono cada mão e enfio uma faca nele completamente, prendendo-as na terra.

Olhos arregalados, seus gritos se misturam com os de Rocco, e agora sim, isso é… um som lindo.

Eu não me incomodo em remover suas calças. Eu apenas levanto minha faca e a enfio em sua pélvis, carmesim instantaneamente manchando sua calça cáqui suja. Eu continuo esfaqueando até que toda a sua virilha esteja devastada, e eu esteja ofegante.

Agora, ele realmente está a segundos de desmaiar, então eu o agarro pelos cabelos, forço seus olhos nos meus e enfio minha lâmina direto em sua garganta.

Seus olhos se arregalam em descrença quando ele começa a engasgar, o vermelho escorrendo da ferida e descendo pela frente de sua camisa.

Eu me inclino, o mais perto possível de seu rosto, garantindo que eu seja a última coisa que ele verá.

4 de junho de 2022

A primeira vez que Xavier me provocou um orgasmo, eu gemi o nome de Zade. Ele me bateu tão forte, que eu pensei que tinha ficado cega. Eu chorei quando gozei porque parecia como se eu estivesse traindo Zade, mesmo que fosse ele que estivesse imaginando entre minhas pernas. Não muda o fato que não era. Então eu chorei, e chorei mais um pouco quando Xavier me bateu.

Eu me senti tão fraca nesse momento.

Fraca. Pra. Caralho.

Eu nunca mais quero sentir isso.

É vergonha admitir que eu gostei de matá-lo? Isso soa muito terrível de se dizer.

Eu deveria sentir vergonha disso, não deveria? Mas eu não estou. Zade realmente me corrompeu, e eu não estou nem arrependida disso. Eu me sinto muito mais forte agora. Muito mais capaz.

Agora que eu cometi o maior pecado no mundo, isso me faz sentir mais confiante. Como se eu não precisasse mais olhar por trás do meu ombro.

Porque se eu descobrir alguém atrás de mim, eu posso matá-lo. E isso... me faz me sentir bem.

Bem. Pra. Caralho.

CAPÍTULO 35
O CAÇADOR



Normalmente, quando termino de assassinar alguém, sinto toda a tensão sair do meu corpo. Às vezes pode ser um afrodisíaco. É tão raro não estar tenso que quando meus músculos ficam soltos e lânguidos, é como a porra de um orgasmo. Outra razão pela qual eu sou viciado em Addie e todas as maneiras que eu derreto sob seus dedos.

Mas desta vez, estou apenas irritado pra caralho. Sibby fez o que sempre faz e foi longe demais. Ela decidiu que seria divertido jogar frisbee com partes do corpo ou algo assim, então passamos uma hora sozinhos tentando localizar cada pedaço de Francesca para que pudéssemos enterrá-los.

No momento em que eu peguei todos os dez dedos dela, eu não me importava mais. Não ajudou que Sibby decidiu ter uma orgia imaginária logo depois, forçando Addie e eu a sairmos até que ela terminasse. Literalmente.

E, claro, durante as duas horas que levou para cavar e enterrar os corpos, ela se sentiu inclinada a me contar cada detalhe sórdido do que seus capangas fizeram com ela. Ou melhor, o que ela fez consigo mesma.

Deixei-a falar e desliguei as partes que não me importava de ouvir. Sibby nunca teve amigos de verdade antes, e apesar do quanto eu não quero ouvir como ela estava em um estado de frenesi, eu me recuso a dar um exemplo ruim de amizade ao silenciá-la.

Suspirando, subo os degraus cansado, meus movimentos pesados e letárgicos. Estou coberto de sujeira e sangue, e provavelmente algumas outras coisas que não quero saber.

Quando entro no quarto de Addie, encontro vapor saindo das profundezas de seu banheiro. Eu rolo minha cabeça para trás, imediatamente dominado por imagens dela de pé sob o chuveiro, a água escorrendo por suas curvas nuas. Meu pau endurece instantaneamente, a tensão em meus músculos tornando-os como

pedra.

Empurrando a porta devagar, fico surpreso ao vê-la em pé na frente do espelho, os olhos traçando sua pele nua. Há uma carranca puxando para baixo em seus lábios, e ela olha para seu reflexo com uma mistura de aversão e curiosidade.

Ela fica tensa, ouvindo minha intrusão, mas não tira os olhos de si mesma. Ela está completamente nua, e a visão quase me deixa de joelhos.

Tanto por adoração quanto por tristeza.

Duas cicatrizes longas e irregulares cortam suas costas. A visão delas me deixa visceralmente irritado, e reacende meu desejo de matar o homem que as causou. Lembro-me vividamente de ver o Dr. Garrison costurar aquelas feridas através da filmagem da câmera.

Aprender a aceitar minhas próprias cicatrizes foi um processo que enfrentei sozinho. Mas Addie nunca mais enfrentará nada sozinha. Em breve, passarei minha língua por cada uma e mostrarei a ela que ela ainda é linda com ou sem elas.

As cicatrizes servem apenas como lembretes do que sobrevivemos, não do que nos matou.

Sangue e sujeira cobrem sua pele pálida, descamando de seu corpo e caindo no chão de pedra aquecido. Ela passa a mão em sua barriga lisa, atraindo meus olhos para seus dedos. Lentamente, me aproximo até que o que ela está fazendo fique mais claro. Como dedilhando uma corda em um violão, suas unhas arranham uma pequena cicatriz branca.

— Eu esperava que isso desaparecesse — ela murmura, mantendo a voz baixa na tentativa de esconder a oscilação. — Elas são mais trágicas quando é outra memória esculpida dolorosamente em sua pele.

Ela lança seu olhar para mim.

— Eu odeio *elas*.

Eu cerro os dentes, a fúria crescendo em meu peito. Eu adoraria ter matado Xavier. Tomar meu tempo com ele como eu fiz com Max. Mas não era minha vingança. Embora a satisfação de fazê-la gozar diante dele seja algo que eu apreciarei.

— Toda vez que eu olho para elas, eu penso nele — continua ela, em um tom abafado. — Eu não quero olhar para o meu corpo e ver mais ninguém além de mim e você.

Eu fico em silêncio e puxo meu moletom e camiseta sobre minha cabeça de uma só vez. Ela nem sequer olha na minha direção, muito perdida nas memórias

que lhe deram aquelas cicatrizes.

— Elas ainda doem, querida? — pergunto, desabotoando meu cinto e jeans antes de removê-los também.

No momento em que ela responde, eu me despi completamente.

— Às vezes — ela sussurra. — Às vezes, elas queimam. Como se a lâmina nunca parasse de cortar minha pele.

Eu murmuro em resposta, a raiva continuando a subir no meu peito. Assim como a água fervendo em uma panela, ela vai borbulhar até que tudo que eu toco queime comigo.

— Às vezes — ela começa de novo, sua voz rouca —, eu me pergunto como você ainda pode me querer.

Eu encontro seu olhar através do espelho enquanto me aproximo dela por trás. Aquele lábio inferior carnudo encontra seu caminho entre os dentes, e o medo brilha em seus olhos cor de caramelo.

Isso me lembra aqueles momentos em que eu era um estranho, e ela era uma obsessão que eu só conhecia de longe. Tantas vezes, aquele mesmo olhar cruzou seus olhos. Quando ela viu minhas rosas ou quando eu fiquei parado do lado de fora de sua janela. Ainda mais quando ela estava se contorcendo sob minhas mãos, arqueando-se ao meu toque enquanto me implorava para ir.

Isso satisfazia a parte escura dentro de mim reservada apenas para a mulher parada na frente de um espelho, imaginando o quão forte ela realmente é.

Eu ansiava por ela além das boas intenções, moral e fazer o que é certo. Eu a queria tanto que me livrei desse pressuposto para torná-la minha.

E se ela acha que uma mente sombria e cicatrizes que marcam sua carne me impediriam, ela ainda não entende o quão profundamente eu a desejo.

Eu pressiono em suas costas, o calor de nossos corpos se transferindo um para o outro. Ela parece um pedaço do céu que nunca terei a honra de ver, mas sempre preferi encontrar o paraíso nas profundezas do corpo de Addie.

Minha mão desliza pela coluna de sua garganta, encorajando-a a inclinar a cabeça para trás contra o meu ombro, a boca entreaberta.

— Eu tenho te seguido por muitas vidas, Adeline. Minha alma precisa tanto de você que me tornei uma sombra, destinada a caçá-la por toda a eternidade.

Seus olhos vibram, e um pequeno gemido escapa, quase se contorcendo com a promessa de assombrar sua alma.

Ela foi *feita* para mim.

— Se você acha que as cicatrizes vão me afastar, então você não viu o quão cruel eu posso ser — digo.

Sua respiração engasga, e aquelas esferas caramelo giram, piscando com apreensão enquanto focam em mim. Seu pulso bate descontroladamente sob minha mão, e eu quero afundar meus malditos dentes nele para que eu possa provar o quanto eu a assusto.

Eu rosno, deixando a escuridão em minha alma sangrar e derramar em sua pele, manchando qualquer inocência que tenha sobrado nela. Aqueles homens tiraram isso de mim, e eu não deixarei que eles tenham mais dela.

Com minha mão livre, eu afasto a dela e traço a cicatriz que ela estava cutucando, ganhando um pequeno suspiro de sua garganta.

— Estas se tornarão minhas também. Vou colocar uma lâmina em cima de cada uma e reivindicá-las como minhas. A única coisa que você verá quando olhar para elas sou eu — rosno, minha mão flexionando ao redor de sua garganta.

— Você não faria — ela sussurra, desafio acendendo em sua íris.

Eu sorrio maliciosamente, deliciando-me com a visão de seu medo se aprofundando. Assim como seus mamilos apertam, e sua excitação permeia o ar fumegante.

— É isso — sussurro, logo antes de aumentar meu aperto até que seu suprimento de ar seja cortado — tema *a mim*, ratinha. Não os fodidos doentes que não têm direito sobre nenhuma parte de você.

Então, meu outro punho voa para cima, quebrando o espelho. Ela se encolhe em meu aperto, suas unhas marcando minha carne enquanto eu pego um pedaço de vidro e apresento a ela.

Relaxando meu aperto, ela avidamente suga oxigênio enquanto mantém os olhos fixos no caco de vidro. Ela está tremendo, e eu pressiono meus quadris em sua bunda empinada, gemendo quando ela só treme mais forte.

— Mostre o primeiro — ordeno.

Estou dando a ela uma escolha. Eu posso estar assustando-a, mas ela sabe como sair do meu domínio. Ela sabe como virar a arma para mim em vez disso.

Ela sabe como lutar comigo.

Puxando uma respiração irregular, ela aponta o dedo para o estômago.

Deliberadamente, movo minha mão para o local, observando-a de perto pelo espelho quebrado. Seu olhar está travado no vidro, inalando bruscamente quando eu o pressiono em sua pele, diretamente sobre a cicatriz.

Faço uma pausa, dando-lhe uma última chance de recuar, mas ela vira os lábios para o meu pescoço, seu hálito quente soprando em minha pele.

Então, eu pressiono o caco em sua velha cicatriz, rosnando quando ela abre a

boca e aperta os dentes na minha garganta, mordendo sem restrição.

Acabou assim que começou, e ela me libera instantaneamente, o peito arfando. Não é profundo, apenas o suficiente para tirar sangue.

A escuridão lambe as bordas da minha visão enquanto sucumbi à besta dentro de mim.

— O próximo. — Eu mal reconheço minha própria voz, mas é uma em que ela confia porque espia pelo espelho e aponta para outra em seu quadril.

Mais uma vez, eu corto enquanto ela morde. Repetidas vezes até que sua parte da frente esteja coberta de cortes e ela esteja tremendo. Então, eu a giro e a levanto na pia, embalando-a no meu peito enquanto eu corto as cicatrizes em suas costas até que ela fique manchada de sangue, e meu pescoço e ombros estejam marcados com mordidas.

Nós dois estamos respirando pesadamente, cheios de luxúria, agonia e uma inquietação que nos coloca no limite.

Ela está tremendo sob minhas mãos, e seus olhos são como maçãs carameladas vitrificadas, devido às endorfinas correndo por seu sistema. Eu solto o vidro, esfregando cada polegar sobre uma ferida, intoxicado pelo assobio agudo de entre os dentes.

— Algo sobre o jeito que eu te amo parece trágico? — pergunto, roçando meus lábios em sua mandíbula.

— Sim — choraminga ela. — Mas só porque um dia isso vai acabar.

Um rosnado sai da minha garganta, e eu agarro seu cabelo, jogando sua cabeça para trás e forçando-a a ver a verdade.

— Você e eu nunca terminaremos, ratinha. Mesmo quando estivermos a dois metros de profundidade, e nossos ossos virarem pó, vou assombrar sua alma até que anseie para se livrar de mim. E então, eu vou te abraçar mais forte.

Seu lábio treme, lutando contra meu aperto em seu cabelo para se pressionar contra mim, seus mamilos endurecidos roçando meu peito.

— Eu nunca irei querer me livrar de você, Zade. Não nesta vida, e não em todas as que vierem depois.

Addie agarra cada lado do meu rosto e esmaga seus lábios nos meus, suas unhas raspando contra a barba por fazer nas minhas bochechas.

Ela me segura como se estivesse caindo, mas não tenho interesse em pegá-la. Eu sempre cairei com ela, perseguindo-a mesmo na morte.

Suas pernas se prendem em torno de meus quadris, então eu a pego, minhas mãos deslizando contra sua pele lisa, e a carrego para a banheira com pés de garra. Ela se afasta apenas uma polegada, seus dentes rangendo e arrancando um

sorriso de mim. Ela está esfregando sua boceta contra o meu pau, escorregando e deslizando de quão encharcada ela está.

Cuidadosamente, entro na banheira e nos abaixo nela, tingindo de vermelho a porcelana com manchas de impressões digitais e gotas frescas.

Mostrando meus dentes, eu gemo quando ela remexe contra meu pau, ameaçando arrancar a sanidade da minha cabeça como um monstro faz com um coração em um filme de terror brega.

Antes que eu me perca completamente, eu me aproximo e agarro o chuveiro de mão que fica ao lado da torneira. Então, ligo a água quente no máximo, testando a temperatura até ficar confortável.

— Zade — ela implora, perdida em delírio. Addie só sentiu dor com uma faca, e agora ela está experimentando o quão cataclísmico pode ser quando feito corretamente.

De agora em diante, a única faca que ela vai ver é a minha, e ela vai me implorar por isso.

Eu troco a água para o chuveiro, antes de me inclinar para trás e borrifar sobre seu corpo. Ela sibila, inclinando a cabeça para trás e continuando a mover os quadris em movimentos lentos.

Seus gemidos roucos preenchem o espaço, ricocheteando em pedra e porcelana, e grudando em mim como cera quente. Sangue tingido a água de vermelho escorre sobre suas curvas antes de rodar pelo ralo.

Eu viro a água para mim em seguida e me livro do sangue e sujeira da atividade de hoje. No momento em que termino, eu a encontro olhando para mim, um calor em seus olhos que me tira o fôlego.

— Olhe para suas novas cicatrizes — exijo bruscamente. Demora alguns segundos antes que ela arraste seu olhar do meu para seu corpo. As feridas ainda estão sangrando, a água quente não permite que o sangue coagule. — O que você vê?

Deslizando a mão sobre a mesma cicatriz em seu estômago, ela exala trêmula.

— Você.

Eu me inclino, enroscando o meu dedo sob seu queixo e levantando seus olhos de volta para os meus.

— Um dia, em breve, ratinha, você não poderá ver mais nada. Eu serei o único vilão da sua história e o único que tem o poder de fazer você gritar.

No momento em que a última palavra sai da minha língua, viro o chuveiro para sua boceta, o spray poderoso diretamente em seu clitóris.

Ela estremece, um suspiro rapidamente se transformando em um grito. Suas

mãos agarram cada lado da banheira e, mais uma vez, sua cabeça cai para trás. Mas desta vez, ela grita, assim como eu disse que faria.

— É isso, querida. Você é linda pra caralho quando geme pra mim — falo, rangendo meus dentes enquanto ela incontrolavelmente se remexe contra mim. Eu me inclino e enrolo um braço em volta da cintura dela, o prazer crescendo na base da minha coluna muito rapidamente. Eu a levanto de cima de mim apenas uma polegada, mas ela mal percebe.

— Oh, meu Deus, Zade — ela geme. Eu capturo seu mamilo na minha boca, girando minha língua sobre o pico antes de morder. Seus gemidos ficam mais agudos, e suas garras marcam meus ombros.

O sangue continua a escorrer de suas feridas, pintando seu corpo de vermelho. Um anjo da morte é o que ela é, ajoelhada acima de mim com sangue em suas mãos que nunca será lavada.

Ela é a perfeição absoluta, e eu nunca vou me cansar de mostrar a ela o quanto eu a adoro.

— Eu vou… — Eu afasto o chuveiro, e desta vez quando ela grita, é de frustração. Suas unhas picam minha pele, criando raivosas luas crescentes. Eu cerro os dentes, a dor se transformando em prazer intenso.

— Como você consegue o que quer, Adeline? — eu estalo. — Suplique, e só então eu vou deixar você gozar em todo o meu pau.

— Por favor, Zade, por favor — ela implora desesperadamente. Sem fôlego.

Eu balanço minha cabeça, negando-a.

— Por favor, o que, querida? Não posso responder às suas orações se não souber o que são.

— Deixe-me gozar — sussurra ela. — Por favor, gozar.

— Uma menina tão boazinha — murmuro, movendo o spray de volta para o seu clitóris. Seus olhos reviram, e dentro de momentos, ela está desmoronando contra mim, se esfregando no meu pau, e explodindo em cima de mim enquanto eu continuo estimulando seu clitóris com o spray. Ela recita o meu nome como se fosse uma Ave Maria, e a única maneira de ser perdoada.

Ela afasta minha mão quando se torna demais, aliviando-se da água. Eu me inclino para frente e toco na alavanca, então ela volta para a torneira. Largando o chuveiro, eu me sento novamente, sem me preocupar em tampar o ralo.

Ela ainda está ofegante, os tremores secundários rolando por ela e fazendo com que ela se contorça sobre mim como um robô com defeito.

Sua boceta está pairando a poucos centímetros acima do meu pau, e eu estou quase cego com a necessidade de me afundar tão profundamente dentro dela,

mas eu consigo me controlar. Eu poderia fazer isso com tanta facilidade, especialmente enquanto ela ainda está se recuperando.

A vontade de machucar. De danificar e causar dor, dobrar e quebrar – sempre estará lá. Eu sempre vou querer rasgar Addie em pedaços para meu próprio prazer doentio, mas isso não nega minha necessidade de protegê-la. De valorizá-la e segurá-la como se ela fosse a rosa de plástico que minha mãe me deu.

Estou apaixonado pra caralho por ela, e enquanto meu amor é brutal e implacável, também é carinhoso. Escolher quando ser gentil e quando deixar ir sempre será uma batalha difícil.

E este é um daqueles momentos em que preciso domar a fera. Por mais que isso faça meu pau querer cair de dor.

Addie vira os olhos para mim, me espiando quase timidamente sob seus cílios grossos. As pontas de seu cabelo úmido estão grudadas em seu corpo molhado, moldando em torno de seus seios redondos e sobre suas costelas. Gotas de água lentamente descem por cada parte dela, e eu não consigo decidir qual lamber primeiro.

Porra. Eu realmente, realmente não quero ser gentil agora. Eu quero envergonhar o diabo.

— Vire-se — digo a ela, a voz firme e rouca. Ela balança a cabeça lentamente, em seguida, abaixa-se no meu pau, forçando-o a deitar-se contra o meu estômago. Então, ela começa a deslizar para cima e para baixo no meu comprimento, envolvendo-me em seu calor úmido.

Um rosnado sai da minha garganta, e meus quadris se levantam como uma ameaça.

— Não me teste, Adeline.

— Você não vai me foder — ela fala devagar, seus lábios rosados se curvando em um sorriso.

— Não tenha tanta certeza disso. Eu posso fazer muitas coisas, mas resistir à sua doce boceta dificilmente é uma delas.

— Você sabe que eu não te perdoaria — diz ela, um brilho perverso em seus olhos.

Rosnando, eu a agarro pela garganta e a trago para perto.

— Seu ódio sempre teve gosto de céu, ratinha. Se eu tiver que passar o resto da minha vida de joelhos, então usarei minha boca para mais do que apenas implorar por seu perdão. — Eu sorrio sinistramente, e sua respiração falha. — Quando eu terminar, você estará ajoelhada ao meu lado.

Ela balança a cabeça, recusando-se a recuar. A pequena prostituta rebola seus

quadris, deslizando sua boceta até a ponta, depois para a base novamente, puxando minhas bolas para cima. Seus olhos vibram enquanto ela esfrega seu clitóris contra mim, sem se importar com o quão precariamente sua vida paira sobre a faca.

— Apenas fique assim — ela sussurra, repetindo o movimento de novo e de novo até que estou perto de quebrar seu pescoço como um palito de dente.

Minhas terminações nervosas se inflamam e meu corpo fica dormente de prazer. Não estou mais consciente de como estou apertando seu pescoço com força do que estou da vida se esvaindo da garota se esfregando em mim. Eu vou morrer se ela parar, mas há todas as chances de ela morrer antes que eu possa terminar.

Está custando muito manter meus quadris parados. Sua pequena mão envolve meu pulso, e é então que percebo que cada veia do meu corpo está evidente na minha pele.

Com força, ela empurra meus ombros para trás até que eu estou batendo na parte de trás da banheira de porcelana, arrancando minha mão de sua garganta. Ela puxa uma respiração profunda, mas não para de se esfregar contra mim.

Minhas mãos se movem para seus quadris redondos, e não há como me impedir de puxá-la ainda mais contra mim, controlando seu movimento e estabelecendo um ritmo próprio.

O prazer está se acumulando na base da minha coluna, e sinto cada músculo do meu corpo apertar enquanto me aproximo do orgasmo.

É quando estou perdido no prazer que sou dominado facilmente. Ela se levanta de joelhos, longe do meu pau pulsante, e justamente quando eu estava me preparando para explodir.

Instantaneamente, sou tomado por uma frustração que nunca senti em minha vida.

— Eu juro por *Deus*, Adeline, se você não se sentar *agora, porra*… — Ela bate a mão na minha boca, e ela poderia muito bem ter enfiado um para-raios na minha bunda de tão chocado que estou.

— Shh, querido — ela sussurra, um leve sorriso curvando seus lábios.

Porra.

Ela ganhou.

E ela já sabe disso, movendo-se para envolver a base do meu pau com a mão e puxar para cima. Todas as palavras morrem na minha língua, completamente esquecidas enquanto ela se abaixa suavemente até que a ponta esteja rompendo sua entrada.

Sua voz treme quando ela diz:

— Eu estou no controle, Zade. Você não. Eu.

Ela solta a mão, os olhos fixos em mim, um fogo feroz tão quente que parecem poças líquidas de uísque.

Meu favorito.

Eu cerro meus dentes, os ossos frágeis em minhas gengivas ameaçando se desfazer enquanto ela se abaixa ainda mais até que seu calor apertado consuma a ponta do meu pau. A lateral do meu punho se quebra na banheira, quase desequilibrada de quão incrível ela se sente.

— *Porra,* Addie…

Inclinando-se para frente, ela planta ambas as mãos em meus quadris, pressionando com firmeza. Seus braços empurram seus seios juntos, e se eu não estivesse tão perto de entrar em erupção, eu os teria entre meus dentes.

— Não se mova — ela suspira, sem fôlego e rouca de desejo.

Eu posso sentir as chamas saindo dos meus olhos enquanto olho para ela. Eu sou aço endurecido e poderia quebrar diamantes em meu pau, mas meu controle sempre foi inexistente com ela.

Esta é a pior tortura que um homem pode suportar, mas terei prazer em sofrer se isso significar ter um centímetro dela em volta de mim.

— Não deixe esse controle escapar de seus dedos porque se isso acontecer, eu *serei* responsável por cada uma de minhas ações. Eu vou te foder tão profundamente, você vai chorar para eu parar, e eu não vou, Adeline. Você vai ter que me matar antes que isso aconteça, e eu vou morrer sem um pingo de remorso.

Eles sempre dizem que os olhos são janelas para a alma, e porra se não for verdade porque eu posso ver o medo invadindo seu corpo. No entanto, ela ainda gosta tanto quanto costumava quando eu era apenas uma sombra na noite.

Sua boceta aperta, e eu sinto sua excitação escorrendo pelo meu comprimento, tirando um rosnado profundo e gutural do meu peito.

A água quente se acumula no nível das minhas coxas, espirrando quando ela se reajusta para se equilibrar melhor.

Eu assobio quando ela mexe seus quadris, suas unhas afundando nos meus lados.

— Mais forte — eu ordeno. Eu preciso da dor para me aterrar. Eu preciso disso para me manter são. Se eu não sentir nada além dela, vou perder completamente a cabeça. — Cave suas unhas com mais força.

Ela ouve, e eu estremeço com as picadas afiadas. É apenas o suficiente para

me impedir de gozar dentro dela.

Muito levemente, ela mexe sua bunda, seus movimentos são escassos e mal permitindo que sua boceta engula mais do que uma polegada de mim. No entanto, isso faz meus olhos se fecharem.

Uma de suas mãos se move para envolver a base do meu pau, mas eu a paro. Se ela me tocar, estou acabado.

Eu circulo meu dedo e polegar ao redor da base para estabilizá-lo, e então uso minha outra mão para esfregar seu clitóris em pequenos círculos. Ela não me tem o suficiente dentro para gozar. Mas mesmo que tivesse, ela precisou de estímulo na maioria das vezes.

Um gemido longo e desigual se espalha em meu peito.

— Porra, eu preciso sentir essa boceta. Eu preciso sentir isso envolvendo tudo. Cada parte de você é minha, ratinha, e você nunca vai se sentir inteira novamente sem mim dentro de você.

— Isso é… isso é o máximo que posso ir agora, Zade. Eu não posso fazer mais — ela diz, quase implorando para que eu entenda.

— Tome o máximo que puder, querida. Dê-me toda a sua dor.

Com a mão de volta no meu quadril ao lado da outra, ela crava as unhas de novo. Eu gemo com os dentes cerrados, felicidade nublando minha visão. Ainda há muito de mim, mas não vou forçá-la a tomar mais.

— Você está indo tão bem, querida. E você está linda pra caralho. Mal posso esperar para ver como você vai ficar quando me colocar por inteiro.

Seus dentes rangem novamente, um gemido escapando.

— Tão orgulhoso de você — murmuro, intoxicado pela visão de sua doce boceta suspensa acima de mim, mesmo quando ela está permitindo tão pouco do meu pau dentro dela.

— Zade — ela implora, a voz rouca.

— Eu senti falta de ver você encharcar meu pau — eu falo, mordendo meu lábio para segurar outro gemido. Ela estremece com minhas palavras, sua excitação descendo até meus dedos em volta do meu pau. Eu circulo seu clitóris mais rápido, provocando um calafrio dela. — Eu senti falta de quão forte sua boceta aperta ao meu redor. Como você se molda tão facilmente ao meu redor.

Ela acena com a cabeça, perdida no prazer como eu. Seus olhos se fecham enquanto seu ritmo se torna instável, mudando seu foco para esfregar contra a minha mão.

— Não é o suficiente, é? — sussurro, observando suas sobrancelhas franzirem. Ela morde o lábio, e mesmo com os olhos fechados, eu sei que ela

está lutando consigo mesma. Lutando contra o instinto de se sentar por inteiro.

Ela quer. Porra, eu posso ver o quanto ela quer. Ainda assim, ela resiste.

— Você precisa mais de mim, mas você não vai se permitir tê-lo. Então, você terá que se contentar com meu esperma enchendo você em vez disso.

Sua boca se abre, um gemido rouco rolando de sua língua e descendo pela minha espinha. Eu posso senti-la bem no limite, desesperada para gozar.

— Você tem cinco segundos, Adeline, ou eu vou te foder de qualquer maneira.

Essa faísca de medo é suficiente para mandá-la direto pelo penhasco. Ela perde o controle, suas coxas estremecendo e os olhos se fechando. Um grito rouco ecoa pelo banheiro, mas não sei dizer a quem pertence.

Eu rapidamente a sigo até a borda, relâmpagos descendo pela minha espinha e me roubando todo o sentido. Ela aperta ao meu redor com tanta força que quase impede o esperma de transbordar do meu pau.

Se é assim que o céu parece, só lamento não ter feito nada para merecer.

Uma quantidade impossível de tempo se passa antes que nós dois desmoronemos, sem fôlego e movidos por correntes elétricas.

Sua bochecha repousa contra o meu peito, fios de cabelo molhados caindo em minha pele como chocolate, e eu só sei que ela pode sentir meu batimento cardíaco acelerado ricocheteando entre seus dentes.

Meus dedos mergulham em seus cabelos emaranhados, e eu envolvo meu outro braço firmemente ao redor dela. Por vários minutos, ficamos assim, recuperando o fôlego e perdendo tudo de novo a cada toque.

Eventualmente, eu a convenço a se virar. Ela abraça os joelhos enquanto eu espremo xampu em minhas mãos e lavo seu cabelo, aliviando qualquer tensão persistente em seus músculos.

Conto a ela sobre a primeira pessoa que matei, e ela me conta sobre a dela. Uma garota chamada Phoebe, que ajudou a salvar a vida de Addie, apenas para ser forçada a levar a dela em troca. Ela chora ao falar da garota de cabelo ruivo flamejante e do medo que ela carregava em seus ossos, exceto quando realmente importava. No final, ela incorporou as chamas que pairavam sobre seus ombros.

Eu enxaguo o sabonete, suas lágrimas seguindo a espuma pelo ralo enquanto ela chora, sua cabeça inclinada com tristeza.

Então, eu a carrego para fora da banheira e a coloco no balcão, segurando sua boca aberta enquanto escovo seus dentes. Eu beijo cada lágrima e a lembro que ela sempre carregará Phoebe com ela, e essas chamas agora são dela também.

CAPÍTULO 36
O DIAMANTE



— O desaparecimento de Xavier virou notícia nacional — Daya me diz ao telefone.

— Eles têm alguma ideia de quem fez isso? — pergunto, massageando o músculo do meu ombro. Meu corpo inteiro dói por causa da sessão de treinamento com Sibby, e estou quase pronta para desmoronar no chão e ficar lá para sempre.

Eu daria um bom fertilizante, e trepadeiras de rosas poderiam crescer de minha caixa torácica enquanto eu me tornava um com a terra novamente.

Zade provavelmente me chamaria de dramática por pensar isso.

— Tudo o que eles têm para trabalhar é o desastre no *Supple*. Claro, seus rostos estavam escondidos, o que ajuda.

— Eu estava usando uma peruca também — digo.

— Eles não serão capazes de identificar você. Pelo menos, o público não saberá, mas tenho certeza de que Claire saberá que foram vocês dois.

— Mas eles não podem provar isso.

— Eles não precisam. Ela controla todo o governo e todas as abelhas operárias que o administram. Incluindo a força policial, federais, todos eles.

Eu mordo meu lábio, cavando o ponto no meu ombro com mais força.

— E daí, você acha que o rosto de Zade vai acabar no noticiário da noite?

Ela fica quieta por um instante.

— Ou o seu.

Meu coração despenca, batendo fortemente na boca do meu estômago. Claire atribuir o assassinato a mim seria realmente conveniente. Isso destruirá absolutamente qualquer reputação que eu tenha como autora, mas isso não seria o pior. Eles poderiam apresentar queixa, fabricar provas contra mim e me condenar. E eu não iria para a cadeia, mas voltaria para as mãos de Claire.

Porra.

— Zade não vai deixar nada acontecer com você, Addie — garante Daya. — Não entre em pânico. Nós vamos descobrir o que fazer, e tenho certeza de que isso é algo que ele teria planejado.

Embora ela não possa me ver, eu aceno com a cabeça. Faz pouco para acalmar meu coração acelerado.

— Talvez eu não devesse…

— Addie, não seja uma daquelas em que você só sente muito por ter sido pega. Lamente porque isso não se encaixa bem em sua alma, se é realmente assim que você se sente. Para ser honesta, não sinto nada por acabar com a vida de Luke, então acho que estamos ambos na lista de merda de Deus ou algo assim. Independentemente disso, o que estamos fazendo com Claire? É enorme. Maior do que você ou eu. E vai salvar muitas vidas.

Eu aceno com a cabeça novamente, apertando meus olhos bem fechados.

— Eu sei, você está certa. Não me arrependo do que fiz. — Eu solto uma respiração pesada. — Eu simplesmente não sei o que vai acontecer e estou com medo.

— Nós vamos ficar bem. Lembre-se de quem você tem ao seu lado.

Eu sinto um toque afastar minha mão do meu ombro antes de substituí-la pela dele, enfiando seu polegar naquele nó persistente.

Minha mão abaixa, e uma mistura de dor e prazer irrompe de onde seus dedos habilidosos trabalham meus músculos.

— Eu me lembro — murmuro, segurando um gemido na minha garganta quando ele atinge um ponto particularmente doloroso. — Obrigada, Daya. Eu te ligo mais tarde, ok?

No segundo em que desligamos, solto o gemido. Achei que se Daya ouvisse isso, poderia perturbá-la. Sua outra mão se junta ao ataque, extraindo mais sons de prazer. Dói, mas de forma tão boa.

— Daya deu a notícia? — pergunta ele, baixinho em um timbre profundo.

— Sim — respondo com uma voz rachada.

— Nada…

— Vai acontecer comigo, eu sei — interrompo. — Mas, às vezes, as coisas não saem como o planejado.

Ele me incentiva a virar, e eu faço com um suspiro cansado. Sua cicatriz se enruga com seu sorriso divertido, observando o olhar atrevido no meu rosto.

— Você vai querer ligar no noticiário às oito horas, então.

Minhas sobrancelhas se unem, e uma carranca curva meus lábios para baixo.

— O que você fez?

— Ainda não fiz, mas vou fazer. — Ele aperta meu nariz, e eu gaguejo em resposta, afastando sua mão com um tapa. Seu sorriso aumenta, tomando conta de seu rosto cheio de cicatrizes e iluminando seus olhos yin-yang.

Jesus, seu sorriso é perigoso pra caramba. Isso facilmente para o meu coração.

— Oito horas, ratinha. Vai ferir meus sentimentos se você perder.



— Você não pode sentar aí, Addie! Você estará sentada bem no colo de Baine. E ele é terrivelmente ossudo, então não ficará muito confortável.

Minha bunda está no ar, suspensa sobre meu sofá de couro quando ela me para.

— Uhm, tudo bem — suspiro, um pouco cansada de evitar minha própria maldita mobília porque os amigos imaginários de Sibby estão sentados nela. Eles não podem ficar de pé? Não é como se suas pernas invisíveis fossem se cansar.

Eu me endireito e Sibby engasga alto, me fazendo pular e quase deixar cair meu vinho.

— O quê? — pergunto, alarmada, procurando no sofá por uma aranha ou algo assim. Eles não me assustam, mas Sibby tende a se transformar em uma criança quando os insetos aparecem.

— Eu sinto muito, Addie. Baine agarrou sua bunda. Baine, não *faça* isso! Zade vai te matar, você sabe não? Ele dá um nó nas bolas quando as pessoas a tocam.

— Bolas em um nó? — murmuro, confusa e totalmente exausta. Levanto o polegar por cima do ombro desajeitadamente quando ela continua a repreender Baine.

— Eu vou para cá — murmuro, apenas um pouco perturbada. Ligo a TV e mudo para o Canal 8. Eles estão falando sobre Xavier de novo, e eu imediatamente começo a suar, esperando que minha foto apareça como uma suspeita.

Acho que se fosse, a polícia já teria vindo bater aqui, mas minha ansiedade sai do controle mesmo assim.

Tomando um grande gole de vinho, olho para a hora no meu celular e noto que são 19h59. Se eu conheço Zade, o que quer que ele esteja prestes a fazer, isso será pontual. Oito em ponto, até o segundo.

Tomo outro gole, revirando os olhos quando a mão de Sibby desliza por sua coxa, empurrando para cima seu vestido preto de bolinhas, e então começa a

bater em sua própria mão, gritando com Mortis por tentar dar em cima dela na minha frente. Ela está ficando melhor em manter as atividades sexuais para si mesma.

Meu coração pula uma batida quando a imagem do repórter na TV começa a tremer e depois se transforma em estática antes de ser cortada. Eu suspiro quando uma foto de um homem substitui o repórter, seu capuz preto puxado sobre a cabeça e o rosto coberto com uma máscara preta familiar com uma carranca dramática e um corte no olho.

De jeito nenhum.

Lentamente, eu me levanto, minha boca aberta enquanto me aproximo da TV.

— *Saudações, compatriotas americanos* — Zade começa, minhas sobrancelhas saltando quando ouço o quão anormalmente profunda sua voz é. Ele alterou. — *À luz do desaparecimento do magnata do petróleo, Xavier Delano, esta é uma mensagem para a força policial, todos os funcionários do governo e, como sempre, o povo deste país.*

Zade cruza as mãos com luvas pretas, ficando confortável.

— *Xavier Delano estava comprando mulheres jovens para serem escravas sexuais de traficantes de seres humanos, depois as assassinando quando ficava entediado. Eu liberei todas as evidências disso on-line. Na foto acima estão várias mulheres que ele comprou, torturou, estuprou e matou. Lembre-se de seus nomes. Eu me lembro. Em homenagem a todas as mulheres que perderam a vida para este homem, resolvi o assunto com minhas próprias mãos. Xavier Delano não está desaparecido. Ele está morto.*

Zade se inclina para frente e inclina a cabeça. Uma estranheza pulsa através das ondas de rádio emitidas pela tela. Perigo visceral irradia através dos meus ossos quando olho para os buracos sem fundo onde seus olhos estão escondidos. Eu estremeço, deliciando-me com a sensação disso.

— *Ele não é o primeiro a sofrer as consequências de suas ações e não será o último. Eu sou Z, e estou observando. Ninguém está seguro. Especialmente, não aqueles que me traíram.*

Seu vídeo desaparece, cortando para o rosto pálido e relaxado do repórter.

Um barulho alto me tira do efeito hipnotizante no qual me perdi. Viro a cabeça na direção de Sibby para vê-la enfiando um punhado de pipoca na boca. Ela deve sentir meu olhar porque para no meio da mastigação, com as bochechas cheias, e me olha com olhos arregalados e inocentes.

— O quê?

— Ele assumiu a responsabilidade por tudo — digo, atordoada.

Sibby pisca, parecendo confusa.

— Bem, é claro que ele fez. Quero dizer, ele não estava inteiramente mentindo, mas Zade faria qualquer coisa para protegê-la. — Ela inclina a cabeça. — Você duvidou mesmo dele?

Partes da boca se abrem.

— Acho que não estava esperando… isso.

Sibby dá de ombros, mal engolindo antes de encher a boca novamente.

— Foi inteligente.

Foi. Ninguém vai acreditar que uma garota da cidade, que também é uma autora popular e respeitada, assassinou Xavier por causa de *Z.* Eles pareceriam estúpidos se tentassem me culpar ainda. Além disso, todos sabem que sou vítima de tráfico sexual. Eles poderiam tentar fingir que eu buscava vingança, mas então teriam que lidar com o estresse adicional de Zade liderando um protesto por um sobrevivente ser condenado injustamente. Sem mencionar que Zade, literalmente, nunca os deixaria me levar para a cadeia. Ele me esconderia e assumiria a culpa por isso também. E mais uma vez, as pessoas estariam torcendo por Zade invés do governo, o que é a última coisa que Claire quer.

Merda. Zade estragou todos os planos que Claire poderia ter, e tudo para me proteger.

— Oh! — Sibby grita, me fazendo pular outra vez. — Você deveria escrever um livro sobre isso. Seus leitores iriam desmaiar com o cara grande e assustador vindo em seu socorro e depois assassinando seu agressor.

Ela não está errada. Até *eu estou* desmaiando.

Mas estou mentalmente esgotada para escrever. Eu mendigo energia para postar pequenas atualizações de vez em quando antes de sair de novo, exausta demais para ler os comentários. Meu assistente pessoal tem interceptado todas as mensagens e perguntas até que eu esteja pronta para voltar à minha carreira novamente. Eu acho que não serei capaz de me concentrar verdadeiramente em escrever até que Claire esteja morta.

— Você se incomodou por ele ter levado o crédito? — pergunta Sibby, interpretando mal meu silêncio.

Eu ri.

— Eu não me importo com a glória.

— Então por que você está tão tensa?

Porque meu sangue se transformou em lava líquida. Deus me ajude se Sibby estiver por perto quando eu vir Zade, porque não tenho certeza se serei capaz de me impedir de atacá-lo, e Deus sabe que a estranha bonequinha não sairia da sala

de bom grado.

Uma infinidade de emoções está correndo solta em meu corpo, e na dianteira de tudo isso está a minha necessidade de agradecer a ele. E há tantas fodidas maneiras que eu quero agradecer a ele.

Vê-lo na tela, com sua voz profunda e máscara negra, colocando-se sob fogo para me proteger – tudo que eu conseguia pensar era o quanto eu o amo. E o quanto eu preciso mostrar isso a ele. O quanto eu preciso *dizer* isso a ele.

Zade sofrerá pouca ou nenhuma consequência por matar Xavier, pelo menos não do público. Ele não precisa do apoio do povo para continuar fazendo o que faz. É apenas algo que *Z* sempre teve, independentemente. E se as pessoas escolherem mudar suas alianças porque ele tirou um predador das ruas, não importa.

No grande esquema de sacrifícios que Zade fez por mim, esse não foi um grande. No entanto, isso significa o mundo para mim de qualquer maneira.

O que estamos fazendo é muito maior do que escrever livros, mas ainda assim teria me devastado perder uma carreira que amo tanto. Seria como perder mais um pedaço de mim, e já tenho tão pouco restando.

— Oh… — Sibby diz suavemente, percebendo. — Você quer fodê-lo. Eu entendo agora.

Minhas bochechas queimam, mas não nego. Porque ela está certa. Minhas coxas estão apertadas, e aquela sensação inebriante familiar está girando no fundo do meu estômago.

Não vou mentir e dizer que observá-lo agora não me excitou. Meu sangue está pegando fogo, e estou quase vibrando de desejo. Foi… bem, foi quente pra caralho. O que mais eu posso dizer?

Sibby geme, sentando-se com um olhar carrancudo.

— Por que vocês podem fazer sexo barulhento e *eu* não posso?

Eu me viro para ela, olhos arregalados e uma expressão que diz, *você está de sacanagem?*

— Porque você tenta fazer isso na frente de todo mundo, Sibby.

Ela bate de costas no sofá com um bufo, enfiando com tristeza um punhado de pipoca em sua boca.

— Não é minha culpa que vocês são chatos.

Eu reviro os olhos. Zade e eu somos muitas coisas, mas chatos *não é* uma delas.

5 de junho de 2022

Eu nunca disse a um homem que eu o amava. Nunca. Porque eu odeio fazer isso. Não importa que eu nunca estive apaixonada por alguém antes de Zade. Mas, mesmo na escola, quando eu era uma garotinha, eu não senti isso. Você sabe, quando você acha que os ama, mas você nem sabe o que é amor.

Algo sempre me segurava.

Eu ainda não quero dizer isso, mas só porque eu estou com medo.

Aí está, eu não sei, construir um relacionamento, eu acho? E eu nem sei o porquê. Eu sei como Zade se sente sobre mim. Eu sei como ele se sente sobre mim no primeiro recado que ele me deixou, ainda sim, eu estou suando como um rato de academia.

Talvez porque eu não sei COMO dizer isso.

Porra, é isso. Eu apenas devo fazer quando ele passar pelas portas? Ou beijá-lo primeiro? Eu devo dar um discurso?

Foda-se isso.

Foda-se aquilo.

Eu apenas quero dizer isso quando ele menos esperar.

E então correr pra caralho.

CAPÍTULO 37
O DIAMANTE



Eu sou um acumulado de energia nervosa quando Zade entra pela porta do meu quarto. Entre os passos indo e vindo pelo corredor, e minha expectativa de ver Zade, não consegui dormir.

É bem depois da meia-noite agora, e eu estava deitada na cama com nada além de uma camisola preta, me preparando para sua chegada.

Rolando, eu o vejo fechar a porta e começar a se arrastar em direção ao banheiro, enxofre, sangue e fumaça permeando o ar. As portas da minha varanda estão abertas, permitindo a brisa fresca e o brilho da lua.

Eu me sento e ligo as arandelas penduradas acima da minha cama, me sentindo como uma daquelas mulheres sentadas em um quarto escuro como breu, acendendo uma única lâmpada quando o marido traidor entra sorrateiramente pela porta.

O pensamento de traição de Zade é risível, no entanto. Isso sempre será uma coisa com a qual eu nunca teria que me preocupar.

Ele faz uma pausa, inclinando o queixo por cima do ombro para mim.

— É aqui que agimos como um casal, e eu pergunto onde você esteve e por que está chegando em casa tão tarde? — provoco levemente.

As luzes irradiam um brilho amarelo suave, criando um efeito melancólico quando ele coloca a mão sobre o ombro e puxa o moletom sobre a cabeça pelo pescoço, puxando junto a camiseta branca.

Eu mordo meu lábio, meus olhos devorando suas costas musculosas e tatuadas, e braços enormes.

— Claro, querida — diz ele baixinho. — Mas nós dois sabemos que meu pau pertence apenas a você.

— Bom, então você sabe que eu posso removê-lo de seu corpo se eu quiser. Já que é meu e tudo mais.

Ele se vira com um sorriso, nem um pouco preocupado.

Eu cruzo meus braços porque isso foi um insulto. Eu estou muito fodona agora.

— Fiquei preso porque o cara que eu perseguia estava no meio de um aeroporto tentando pegar um voo.

— Como você o pegou sem que ninguém percebesse?

— Emboscada enquanto ele estava mijando. Então, tinha que esvaziar uma mala para enfiar seu corpo.

Eu pisco. Isso parece interessante.

Antes, eu o chamava de perturbado. Doente. Psicótico. Quero dizer, ele ainda *é* todas essas coisas. Mas já não me repugna como antes. Ou talvez isso nunca tenha acontecido, e eu estava mentindo para mim mesma.

Eu faço muito isso.

— Quem era? — pergunto.

— Algum homem que Jillian me pediu para matar. Costumava ser seu padrasto e abusava dela quando criança — explica ele, tirando as botas e colocando-as ordenadamente no canto da sala.

Não fiquei surpresa ao descobrir que Zade é meticuloso. Ele não parece ser do tipo que deixa sua calcinha suja no meio do quarto por uma semana, ou pratos sujos na pia.

— Bom — murmuro, feliz por ele poder fazer isso por ela. — Ele é o único que você matou esta noite?

— Sim — ele responde simplesmente, arqueando uma sobrancelha.

Concordo com a cabeça e lambo meus lábios secos, nervosa por abordar esse assunto.

— Então, Rio ainda está fugindo de você?

Zade olha para mim.

— Eu sei onde ele está, Addie — responde ele, se aproximando de mim, vestindo nada além de seu jeans preto e cinto.

Meu coração para, mas eu me esforço para manter meu rosto em branco.

— Você não quer *ele* morto — ele afirma, sentando na beirada da cadeira ao lado da cama. Tenho certeza de que teremos que limpar isso, ele está todo coberto de sangue.

— Por que você t…

— Não minta para mim — ele corta severamente, olhando para a frente. Seu olho claro voa em minha direção antes de retornar à parede preta. — Eu vejo seu rosto sempre que sua morte iminente é mencionada, mas você sempre mantém sua linda boca fechada. Conheço sua localização há algum tempo, mas decidi

que vou esperar para matá-lo até você abrir a boca e me dizer o que realmente quer.

Eu estou nervosa. Quase como se ele tivesse me pegado traindo, e tivesse que confessar. Não é nada disso, mas sinto que fui ruim de qualquer maneira.

— Eu não sei o que eu sinto — admito, pressionando minhas costas na pedra fria. — Ele me machucou. Muitas vezes. Mas não do jeito que você pensa.

— Ele não estuprou você — Zade fornece.

— Não… ele não fez. Mas ele testemunhou isso acontecer com os outros homens e não impediu. Mas então… ele não poderia ter impedido.

— Claro que ele poderia — argumenta Zade. — Você acha que eu ficaria parado e assistiria?

— Ainda que…

— Não. A resposta é não, independentemente do cenário. Se eu estivesse desarmado e tivesse cinco armas apontadas para mim, eu ainda não ficaria parado vendo você, ou qualquer uma daquelas outras garotas, passar pelo que você passou. E entendo que sua irmã foi usada como garantia, mas ele poderia ter pedido a minha ajuda.

Eu franzo a testa. Eu realmente não tinha pensado nisso. Rio estava muito ciente de quem ele estava enfrentando desde o início. Então, por que ele não traiu aqueles que mantinham sua irmã como refém e fez com que Z o ajudasse?

— Você está certo — eu aquiesço suavemente. — Independentemente de suas escolhas, ainda é difícil esquecer o quanto ele me ajudou. Quando Sydney estava tentando me incriminar, havia momentos em que ele assumia a culpa, e Rocco batia nele por isso. Ele pode não ter sido capaz de intervir todas as vezes, mas fez o que pôde em uma situação em que se sentiu preso.

Zade fica quieto, então eu continuo:

— Francesca o fez cuidar dos meus ferimentos do acidente de carro, já que eram culpa dele. Mas então, comecei a me machucar com os homens e, eventualmente, Xavier, e ele cuidou disso também. Eu… não sei como explicar. Mas ele meio que se tornou meu amigo. Ele foi um pouco cruel no começo com o Dr. Garrison, mas ele nunca olhou para mim como… Ele era o único homem naquela casa que não me sexualizava, e eu acho que no final, ele era meu porto seguro. Ele me machucou, Zade, mas também me protegeu.

O músculo em sua mandíbula estala, mas não posso dizer o que está em sua mente. Ele leva alguns momentos, mas, eventualmente, vira a cabeça para mim com uma expressão vazia.

— Você quer que eu poupe a vida dele? — pergunta ele, a voz monótona.

Abro a boca, mas nenhuma palavra consegue sair.

— Eu não sei — respondo com honestidade. — Eu realmente não sei.

— O que falamos antes? Decida com o que você pode e com o que não pode viver. Você pode viver sabendo que eu matei Rio, ou não?

Eu franzo a testa, olhando para minhas mãos enquanto pondero isso. Estive cutucando uma unha sem nem perceber, há uma gota de sangue na lateral do meu polegar.

— Você faria isso? — questiono, olhando para ele. — Se eu pedisse, você pouparia a vida dele?

— Sim — ele responde. — Eu mataria por você, eu *matei* por você, mas também abaixaria uma arma e nunca mais a pegaria se você me pedisse. As distâncias que eu faria por você são aterrorizantes, ratinha. Tão facilmente, você poderia me destruir, e eu me deitaria e aceitaria isso. Eu não me importo se eu viver ou morrer, contanto que seja tudo para você.

— Não diga isso — sussurro.

— Eu não minto, Adeline, e não vou começar agora. Me conta. Você quer que eu poupe a vida dele?

— Sim — respondo depois de algumas batidas de coração. — Quero que o Rio viva com suas próprias escolhas. Se ele se arrepende das decisões que tomou ou não, quero que ele viva com isso. E não quero que nenhum de nós seja responsável por tirar o irmão de Katerina.

Zade abaixa a cabeça, mas assente. E o amor que estava quase explodindo da minha língua quando o vi na TV está de volta, embora nunca tenha ido embora.

Eu rastejo para fora da cama e me ajoelho entre suas coxas abertas, agarrando seu rosto em minhas mãos e beijando seus lábios suavemente.

— Obrigada — digo. — Não apenas por isso, mas por mais cedo também. Assumindo a culpa pela morte de Xavier.

— Eu não disse que faria qualquer coisa por você? — pergunta ele, virando a cabeça para beijar minha palma antes de soltar meus dedos e se levantar.

— Eu preciso tomar banho. Durma, querida.

Eu abro minha boca, mas ele está fechando a porta do banheiro atrás dele antes que eu possa processar sua saída, me deixando ajoelhada no chão e me sentindo um pouco desanimada.

Meu coração se aperta, a culpa roendo minhas entranhas por pedir a ele para poupar Rio. Eu me pergunto se devo mudar minha decisão. Embora, para ser honesta comigo mesmo, acho que lamentaria a morte dele. E eu nunca seria capaz de olhar Katerina nos olhos novamente, apesar do que seu irmão me fez

passar.

Estou sentada na cama, pensando no que fazer quando Zade emerge, vapor saindo do banheiro atrás dele. Ele não veste nada além de uma toalha preta, frouxamente envolta na cintura e prestes a escorregar.

Minha boca enche de água com a visão, e eu fico tão aquecida que meu sangue ferve até que eu não tenha nada além de vapores saindo das veias.

Nunca haverá outro que se pareça com ele – nunca outro que seja parecido com ele. E há uma pequena parte de mim que está aterrorizada em contemplar o dia em que Zade morrer. Embora eu tenha muito a dizer se ele bater as botas antes de completar noventa.

O imbecil teve que penar para me ter, agora ele tem que sofrer uma longa vida comigo.

Eu nunca vou entender como os humanos temem a morte quando o tempo é muito mais assustador. Basicamente, isso nos leva à morte porque é a única coisa que realmente nos torna mortais. Estamos presos em uma ilusão sem saída.

Porra, eu realmente quero cair fora disso.

Quando ele me vê, faz uma breve pausa antes de suspirar.

— Você ainda está acordada.

— E você está se escondendo de mim — retruco.

Ele ri sem humor.

— Eu sou um perseguidor, querida. Eu sempre me escondi de você.

— Pare com isso — eu estalo.

— O que você quer, Adeline? — pergunta ele bruscamente, sua frustração aumentando.

— Droga, Zade, eu quero *você*. Lamento que o Rio vá viver, ok? Jesus, é uma das poucas coisas sobre as quais você me deixou ter poder, e você está me fazendo sentir culpada… — Minha voz desaparece quando ele se aproxima de mim, o medo obstruindo minha garganta.

Em segundos, ele está de pé diante de mim, segurando meu queixo em sua mão, e me puxando para cima até que meus joelhos mal tocam a cama. Eu grito, agarrando seu braço, mas ele não cede.

— Você adora fingir que é tão indefesa, como uma ratinha presa em uma armadilha. Se é isso que você quer ser, posso lhe mostrar o que realmente significa ser impotente. Eu posso te mostrar o que significa ser *eu*.

Meus olhos se arregalam com perplexidade, minhas unhas cavando mais fundo.

— Você?! — eu ecoo, horrorizada com sua implicação.

— Sim, eu! — grita ele. — Eu não tenho nenhum maldito controle quando se trata de você. Perdi isso quando a vi naquela livraria e nunca mais o recuperei. Você acha que eu perseguindo você era ter o controle? Me deleitando com o seu corpo apesar de seus gritos? Você acha que estou na porra do controle bem agora? — ele rosna, balançando minha cabeça para enfatizar seu ponto.

Seus olhos estão em chamas, dilatados com fúria e algo tão potente que me queima viva.

— Você mesma disse, eu poderia usar seu corpo para meu próprio prazer, mas qual é a coisa que eu nunca poderia tirar de você? Qual é a coisa que eu mais queria de você, Adeline?

— Meu amor — eu choro, lágrimas brotando e transbordando.

— Isso mesmo. Seu amor. A única coisa que eu sempre precisei de você. *Você* é a única com o poder, e você nunca soube o que diabos fazer com ele.

Demora vários momentos, mas lentamente, eu percebo. Suas palavras finalmente se processam através do crânio grosso com o qual Deus me amaldiçoou.

Zade cedeu a cada um de seus instintos mais sombrios porque nunca teve o controle para se conter. Ele tomou, tomou e tomou porque era a única coisa que ele *podia* tomar. Mas isso nunca o tornou poderoso, o fez indefeso.

Até agora, nunca consegui entender isso quando ele sempre fazia o que queria. Perseguiu-me, tocou-me, *fodeu*-me sempre que queria. Não importando quantos protestos saíram dos meus lábios, ou quantas vezes eu lutei com ele.

Ele me perseguiu quando eu corria, me puxou para perto quando eu o empurrei, mas me adoraria aos meus pés se eu pedisse.

E eu agora entendo o porquê. Não se pode exercer o poder se não se tem controle sobre ele.

— Fico feliz em ver você finalmente assumir o trono — murmura ele, frustração irradiando de seus olhos incompatíveis.

Eu balanço minha cabeça, retraindo minhas unhas de seu braço e gentilmente tirando seus dedos do meu queixo. Ele me libera, transbordando de energia.

— Eu não estou assumindo o trono, Zade. Você *é* o trono. Você sempre foi meu pilar de força, e sinto muito por ter demorado tanto para vê-lo.

Seu olhar procura o meu com desespero, procurando por qualquer indício de mentira. Seria como encontrar uma bomba ativa. No segundo em que descobrisse, isso o faria em pedaços.

Lentamente, eu me levanto da cama, afastando-o de mim até que eu esteja de pé. Ele não me dá muito espaço, mas eu não quero.

Meu coração bate forte, e eu deixo cair meus olhos, observando minha mão subir para encontrar sua carne aquecida. Isso quase queima ao toque, e eu nunca quis ser tão consumida pelo fogo.

As pontas dos meus dedos roçam em seus músculos definidos, belas tatuagens e as cicatrizes brancas cortando várias partes de seu torso. Meus joelhos enfraquecem enquanto eu me concentro principalmente no dragão subindo em seu peito.

Deus, se aquela criatura não encarna o homem que está diante de mim, eu não sei o que faz. Um dragão cuspidor de fogo capaz de me mandar para o alto.

Achatando a palma da mão em seu estômago, eu o afasto, quase fascinada pela forma como ele cede sem resistência.

— Tire isso — ordeno, olhando para sua toalha, minha voz tremendo de desejo. Ele olha para mim, seu silêncio alto e caótico enquanto ele atende ao meu comando.

Eu trabalho para engolir enquanto ele lenta e metodicamente desenrola a toalha, me provocando enquanto mantém seus olhos de duas cores fixos em mim.

Parece que uma galáxia inteira está girando no meu estômago. Há um buraco negro, devorando todo o sentido e razão. Um sol enviando chamas solares chicoteando por todo o meu corpo, me aquecendo de dentro para fora e afundando até o ápice das minhas coxas, e uma supernova, à beira de explodir.

Ele solta o nó, a toalha caindo no chão com um *baque baixinho*.

Porra!

Seu pau está duro, a ponta avermelhada e as veias proeminentes, e isso quase me deixa de joelhos com uma oração na minha língua. Ele é glorioso pra caralho, e meu coração aperta com o lembrete de que esse homem – não, esse *deus* – é meu.

Ele se endireita, e eu tento dizer a mim mesma para ir devagar.

Aprecie, Addie. Saboreie-o.

Mas não consigo evitar que meus olhos gananciosos devorem a extensão de seu físico, demorando-se especificamente abaixo de sua cintura.

Eu não esqueci o quão aterrorizante é o pau de Zade. No entanto, toda vez, parece um soco no peito vê-lo em carne e osso, sabendo que ele tem que encaixar isso dentro de mim.

Minha boca saliva quando me lembro da queimação dele me esticando e como ele tem que se persuadir para dentro de mim. Porra, é como ser viciada na dor de fazer uma tatuagem. A cada mordida da agulha você quer fugir, mas você fica

porque o resultado é pura felicidade.

Dando-me um olhar carregado, ele caminha até a cômoda e tira algo da gaveta. Jesus, seu traseiro é quase tão delicioso quanto a frente. Meus pulmões se fecham e não estou mais respirando.

O som do metal é o que finalmente tira minha atenção de seu corpo. Ele está avançando em minha direção, segurando algemas pretas, e a visão faz meu coração pular como uma pedra na superfície de um lago.

Eu dou um grande passo para trás. A maioria dos homens faz uma pausa quando vê hesitação, mas Zade não vacila quando se aproxima de mim.

— O que você fará com isso? — pergunto, alarme crescendo no meu peito.

— Não se preocupe, querida, estes são para mim.

Encontrando seu olhar, estou instantaneamente acalmada. Uma série de emoções rodopiam em suas piscinas pretas e brancas. Desejo, amor e intenção perversa. Mas ele está tão calmo, e é isso que me faz sentir calma.

Franzindo a testa, vejo-o estender as algemas e a chave para mim, mas não as pego ainda.

— O que você está planejando? — pergunto, olhando para ele.

— Eu não te disse antes que você não precisa de um policial para me algemar? Eu disse que deixaria você fazer o que quiser comigo, e é isso que estou fazendo.

Não sei por que estou tão surpresa ao ouvir isso. Ele deixou claro que eu detenho o poder, mas vê-lo entregar isso fisicamente para mim ainda é chocante.

Lambendo meus lábios, eu hesitantemente os agarro e coloco a chave na mesa de cabeceira. No segundo que faço, ele se vira mais uma vez, me mostrando o polvo enorme tatuado nas costas, os tentáculos se desenrolando até os ombros e pescoço.

Algumas noites, eu traço cada linha enquanto ele dorme, me familiarizando com a sensação de sua pele quando ele não está exigindo isso de mim.

Assim como naquelas noites, eu escovo meus dedos sobre os detalhes finos do polvo, maravilhando-me com o talento que elaborou esta peça.

Os músculos de suas costas ondulam com o meu toque, e não posso deixar de me sentir revigorada pelo efeito que tenho sobre ele.

Apreciando sua reação, eu o provoco. Arrastando as pontas dos meus dedos levemente pelas costas, braços e mãos. Arrepios sobem em sua pele, e eu seguro um sorriso. Acho que nunca vi esse homem ter algo tão trivial quanto *arrepios*. É uma reação humana normal, mas quando Zade já agiu como algo menos do que uma divindade?

Eu aperto as algemas em torno de seus pulsos, inalando fortemente quando ele

se vira novamente e fica diante de mim. Perséfone aprisionando Hades – é muito doce para não salivar.

— Você vai me deixar fazer o que eu quiser com você? — reitero, hesitante em acreditar. Vendo-o tão… indefeso, meu cérebro não consegue processar isso.

Seus olhos escurecem, e seu sorriso surge.

— Você sempre foi um ateu à minha palavra. Você é incapaz de acreditar em algo que não pode ver e não tem fé porque está cega para o que está bem na sua frente. Sou seu para comandar, sempre fui. Você só precisa ver para finalmente acreditar.

Limpando a garganta, sussurro:

— Sente-se na cama.

Sem hesitar, ele dá um passo para trás e se senta, mantendo as pernas abertas. Meus olhos gravitam entre eles, e meu coração palpita como as asas de um beija-flor, igualmente paralisado e intimidado.

Forçando-me a me concentrar, agarro a parte inferior da minha camisola e a puxo sobre minha cabeça, mantendo meu ritmo lento e torturante. Zade murmura sua aprovação no fundo do peito, e isso me dá um impulso de coragem. O suficiente para deslizar minha calcinha pelas minhas coxas e sair delas.

Nunca há uma maneira sexy de fazer isso, mas do jeito que os olhos de Zade comem avidamente meu corpo, parece que acabei de fazer um truque altamente habilidoso em um poste de stripper. Na realidade, eu quebraria meu pescoço tentando isso.

— Suba na cama e ajoelhe-se — digo a ele, inclinando meu queixo para direcioná-lo. Ele sorri, mas faz o que eu digo, subindo na cama com a graça de uma pantera. Ele se senta sobre os calcanhares com os joelhos abertos e, mais do que tudo, quero tirar uma foto dele para que eu possa ver quando estivermos velhos e grisalhos e nenhum de nós for mais capaz de fazer sexo.

Faixas de luar e o brilho suave das arandelas acentuam os planos duros de seu peito e abdômen, destacando cada músculo contra sua pele.

Somente o diabo pode manejar as sombras ao redor de seu corpo com tal divindade. Um diabo e um Deus – duas forças opostas que compõem um ser contraditório.

Lambendo meus lábios com antecipação, eu rastejo para a cama e depois para o seu colo, mantendo minha boceta suspensa sobre a ponta de seu pau.

Seus lábios sussurram na coluna do meu pescoço, e eu coloco minhas mãos em seus ombros não apenas para me equilibrar, mas para mantê-lo controlado.

Meu núcleo pulsa quando um estrondo profundo vibra em minhas mãos,

aumentando enquanto deliberadamente escovo meus mamilos endurecidos contra seu rosto. Bem quando ele vai morder, eu me afasto, aumentando os tremores sacudindo seu corpo.

Sua cabeça inclina para trás até que nossos olhos se chocam. Eu estremeço com a luxúria desencadeada em seu olhar. Ele olha para mim como se estivesse apenas ganhando tempo. Fazendo minha vontade por enquanto até o segundo que eu destravar essas algemas.

Em um piscar de olhos, ele vai estalar, atacando como uma víbora. Minha garganta em suas mãos e meu coração entre seus dentes.

Sinto o medo pulsando em meu clitóris, elevando minha frequência cardíaca a níveis perigosos.

— Você acha que está quebrada agora, Adeline? Espere até que você me liberte desse confinamento — ele ameaça, o timbre profundo de sua voz alinhado com vidro afiado. — Vou foder você até que cada um de seus ossos se quebre debaixo de mim. Uma ratinha indefesa, para eu moldar e manipular.

Ele está deliberadamente tentando me assustar, sabendo o quanto meu corpo canta pelo terror que ele instiga em mim.

Instintivamente, quero fugir de suas promessas aterrorizantes e da trepidação assustadora de que ele fará exatamente isso. Eu também quero desafiá-lo para que ele possa fazer exatamente isso.

Meu coração bate contra minha caixa torácica, mas eu não quebro o contato visual. Mordendo meu lábio, estendo a mão e agarro seu comprimento, deliciando-me com a forma como seu lábio superior se curva em um rosnado.

E então, muito lentamente, eu deslizo a ponta ao longo da minha fenda, molhando-o antes de me abaixar pouco a pouco, até que não haja discernimento de qual de nós está tremendo.

Eu me inclino para frente e envolvo meus braços ao redor de seu pescoço, moldando minhas curvas suaves em suas linhas duras, e lentamente o manipulo para dentro de mim. Parece exatamente como eu me lembrava – a queimação quando ele me esticava, mas a felicidade insaciável que acompanha isso.

Meus demônios estão fazendo cócegas na parte de trás do meu cérebro, implorando para serem deixados para causar estragos na minha sanidade. Arrastar-me deste momento precioso em que recupero algo que me foi roubado. Então, concentro cada grama de minha atenção no homem abaixo de mim.

Sua respiração rareando, o terremoto em construção atormentando seu corpo e as veias pulsando em seu pescoço enquanto ele luta para ficar parado.

Eu encosto meus lábios contra a concha de sua orelha, aquela sensação

inebriante de poder subindo pela minha garganta e saindo da minha língua.

— Você quer ver com que facilidade eu posso quebrar você? — murmuro timidamente.

Ele grunhe quando eu volto a me abaixar, mais da metade de seu pau enterrado dentro de mim. Parece muito, mas não é suficiente. Nunca é o bastante. Mesmo quando estou cheia até a borda, quero mais.

Eu não espero que ele responda, o nervosismo me comendo viva, mesmo que isso pareça certo. Tão certo pra caralho.

— Eu te amo, Zade. Às vezes, eu mal aguento, porra — digo, minha voz rouca e irregular. — Mas foi a única coisa que me manteve viva. Você me salvou. Mesmo quando estávamos separados, você me salvou. E espero por Deus que você nunca pare de me caçar.

Sua cabeça cai para trás, os olhos para o teto, e ele fica imóvel debaixo de mim, tão sólido quanto as paredes de pedra do Casarão Parsons.

— Solte-me, Adeline — diz ele com firmeza e mal reconheço sua voz.

Eu me abaixo o resto do caminho, sentando-me completamente em seu comprimento. A pedra racha, e seu peito ondula com uma inspiração afiada.

— Deixe-me ir — ele fala novamente. Eu balanço minha cabeça, embora ele não esteja olhando para mim. Seu pomo de adão balança enquanto ele engole.

Eu sei o que ele está pedindo. Solte as algemas. Ele poderia sair delas se quisesse. E o fato de que ele está esperando até que eu faça isso diz muito.

Tenho a forte sensação de que, apesar do que Zade pensa, ele tem mais controle do que acredita. Mas no segundo em que o metal cair de seus pulsos, isso se dissipará. Agora que dei tudo a ele, vou experimentar Zade verdadeiramente em seu estado mais desequilibrado.

Nunca houve dúvida de que ele atacaria no momento em que se soltasse, mas agora ele é um animal faminto com carne fresca do lado de fora de sua jaula.

— Eu não vou fazer isso.

Porra, eu posso aproveitar enquanto ainda estou inteira.

Minha boca se abre enquanto balanço contra ele, permitindo que meus olhos vagueiem e minha cabeça incline para trás, a euforia cresce onde estamos conectados.

Gemidos baixos e desiguais enchem o ar, estou tão perdida em montar seu pau e como é bom usar seu corpo para meu próprio prazer que quando seu hálito quente sopra em meu pescoço, é como acordar de um sonho febril e não lembrar onde estou.

— Espero que você esteja gostando disso, querida — ele retumba em meu

ouvido. — Espero que você se divirta com a sensação de sua linda boceta intacta e sua pele imaculada.

Minha respiração falha, seu tom mais escuro do que um buraco negro engolindo as estrelas no céu. Nenhuma luz escapa – nem neles, nem em Zade.

Eu me movimento contra ele mais forte, rangendo os dentes enquanto suas palavras mordazes comem minha bravura. O suor cobre nossos corpos por razões totalmente diferentes. É preciso esforço para conter sua fera, enquanto a minha está solta e fora de controle.

— Você não me assusta — minto, tremendo quando movo meus quadris para a direita, a ponta de seu pau relando naquele ponto perfeito.

— Que pena — ele murmura, beliscando a carne sensível na junção da minha clavícula, fazendo meu corpo tremer mais uma vez. — Adoro quando você é uma ratinha assustada, se debatendo sob minha pata e desesperada para fugir.

— Isso faz você se sentir poderoso? — pergunto com os dentes cerrados, repetindo uma pergunta que ele me fez não muito tempo atrás. Um orgasmo está crescendo no meu ventre, destruindo meu controle enquanto meus movimentos ficam acelerados.

— Claro que sim — murmura ele, sua voz profunda sombria e perversa, nossos gemidos se entrelaçando quando eu rebolo meus quadris. — Quando você está na palma das minhas mãos, é a única vez que sinto que vale a pena salvar este mundo.

Ofegante, eu me movo mais rápido, perseguindo o orgasmo ao meu alcance.

— Você gosta de usar meu pau para fazer você gozar, não é, querida? Lembre-se disso sempre que achar que não precisa de mim. Nada fará sua boceta se sentir melhor do que eu. E olha, eu nem preciso tentar.

Minha visão fica embaçada, e eu me abaixo entre nós, esfregando o meu clitóris enquanto rebolo em seu pau até que eu finalmente alcance o pico.

Parece que minha alma é rasgada em pedaços em questão de segundos. Um grito sai da minha garganta, embora eu não possa ouvi-lo. Não quando diferentes partes do meu ser estão espalhadas em centenas de milhares de dimensões diferentes.

Não há noção de tempo ou espaço, apenas cores e uma sensação de conclusão. Como se eu tivesse sido montada errado antes, e agora que estou quebrada, essas peças foram costuradas da maneira correta.

É viciante pra caralho, e quando eu desço, o Casarão Parsons reaparecendo, eu quero voltar. Para onde quer que eu fui, quero voltar.

O queixo de Zade está abaixado, parecendo derrotado de certa forma. Isso me

enerva tanto que eu movo os quadris e pego a chave que está na mesa de cabeceira. Bem quando eu vou sair de cima dele, ele levanta a cabeça apenas uma polegada.

— Não — ele avisa.

Incerta de onde sua cabeça está perdida, eu escuto e estico a mão ao redor dele, tateando para encontrar o buraco da fechadura. Finalmente, a chave entra, mas hesito em girá-la.

Há uma sensação iminente de mau presságio. Eu sei que ele vai atacar, mas… não é saber exatamente o que ele vai fazer que me enerva.

— Zade…

— O que há de errado, Adeline? — provoca ele sombriamente, os olhos ainda para baixo. — Vire a chave — ele sussurra.

Porra, isso é aterrorizante.

— Eu não sei se quero — admito.

— Você prefere que eu me liberte? Ou você escolhe isso, ou eu tomo a decisão por você.

Então, o que ele está dizendo é que eu só tenho a ilusão de uma escolha. Que porra de cavalheiro.

Trabalhando para engolir, prendo a respiração e giro a chave. O metal estala, e no segundo seguinte, sua mão está enrolada na parte de baixo da minha mandíbula, me levantando de seu pau e no ar.

Eu grito quando sou jogada na cama, dedos rígidos cavando em meu pescoço enquanto ele se encaixa entre as minhas pernas e levanta uma no alto de seu quadril. Sem mais aviso, ele se dirige para dentro de mim até que não haja mais nada dele para dar.

— Diga de novo — exige ele. — Eu quero que você me olhe na porra dos meus olhos e diga de novo.

Ele entra em mim mais uma vez, arrancando um soluço da minha garganta.

Minha garganta seca, as palavras mal saindo. Mas olho em seus olhos selvagens, encontrando um universo inteiro dentro, e digo:

— Eu te amo. E você tirou tudo de mim.

Sua cabeça cai entre seus ombros, deslizando seu olhar pelo meu corpo até onde ele me estica, contemplando minhas palavras. E, então, ele olha para mim sob sobrancelhas grossas, um brilho perverso em seu olhar. Como se tirar tudo de mim fosse tudo o que ele sempre quis.

Ele parece… Deus, ele parece assustador pra caralho. Como um homem sedento de vingança, e ele finalmente conseguiu isso.

Uma respiração trêmula escorre pela minha garganta enquanto ele mergulha profundamente dentro de mim outra vez, uma ameaça direta para destruir tudo o que resta de mim.

— Você tomou todo o meu coração e alma e minha capacidade de amar outro. Às vezes, eu te odeio por isso — digo a ele, minha voz trêmula. Ele inclina o queixo para cima, agora olhando para mim, um sorriso se estendendo por seu rosto, enrugando a cicatriz em sua bochecha.

Eu sigo em frente, o coração batendo forte enquanto ele se esfrega contra mim, gostando de me ver lutar para dizer as palavras.

— Às vezes, eu gostaria de nunca ter conhecido você. Porque agora que eu tenho, agora que estou apaixonada por você, nunca serei capaz de criar outro você. Você disse que eu iria sangrar antes que isso acontecesse, e você estava certo. E eu te odeio por isso.

Zade cantarola, lambendo os lábios como se tivesse comido algo delicioso. Sua mão desliza até minha bochecha, passando o polegar no meu lábio inferior.

— Eu nunca vou me cansar de ouvir você dizer que me ama, e se você parar, eu vou colocar fios na porra dos seus lábios e fazer você dizer isso.

Então, ele se inclina mais perto até que sua respiração se espalhe em minhas bochechas e sussurra:

— Mas eu não acredito em você.

Minha boca cai aberta, e minhas sobrancelhas franzem.

— Você está…

Ele me cala com seu pau, entrando em mim novamente com um impulso de seus quadris.

— Perdi de vista a minha fé. Eu preciso ver.

Eu estreito os olhos, contemplando o que mais ele poderia querer de mim.

Ele esfrega meu lábio com mais força.

— Você diz tantas coisas que não quer dizer, querida. A verdade está na ponta dos dedos e nas curvas suaves do seu corpo. Nas lágrimas que você chora tão lindamente por mim, e quão forte você goza para mim. Mostre-me a verdade.

Por vários segundos, estou sem saber como fazer isso. Então, me dou conta, e ele deve ver a realização em meus olhos porque ele sorri novamente, olhando para mim com diversão.

O olhar me irrita como se ele pensasse que eu simplesmente vou ficar de joelhos para ele e recitar poesia ou alguma merda. O desafio queima no meu peito enquanto meus olhos vão para a minha mesa de cabeceira.

Seguindo meu olhar, ele ergue uma sobrancelha e se vira para mim, captando

meus pensamentos sem ter que dizer nada.

Eu sangrei por Zade, mas apenas para substituir as marcas de outro homem.

Logo depois que fui levada, ele esculpiu uma rosa sobre seu coração. E agora… quero que ele faça o mesmo comigo.

Ele se inclina e pega a faca da mesa de cabeceira.

— É isso que você quer? — pergunta ele, girando a faca até que a luz brilhe.

— Sim — digo, embora eu não pareça nem um pouco confiante.

— E o que você quer que eu faça com isso? Faça cortes em você de novo?

Eu balanço minha cabeça, estendendo a mão para roçar as pontas dos meus dedos na rosa irregular em seu peito.

— Eu quero isso — admito. Agarrando seu pulso, eu guio sua mão, segurando a faca bem acima do meu peito. A diversão anterior desaparece de seus olhos, substituída por algo escuro e traiçoeiro.

— Eu quero um igual ao seu — digo, rebolando meus quadris para lembrá-lo de que isso é real.

Ele fica tenso, as veias em seu braço e pescoço pulsando. Ele está me estudando de perto, e estou começando a perder a coragem.

— Por favor, Zade — imploro baixinho.

Fechando os olhos, ele respira fundo e, no momento em que os abre, sua fera assumiu o controle.

— Esfregue seu clitóris, querida — ele comanda. Faço o que ele diz, estendendo a mão entre nós e encontrando o botãozinho sensível e começo a circulá-lo levemente. Minhas pálpebras vibram, prazer agudo subindo e roubando minha respiração. Eu sinto minha boceta apertar ao redor dele, pulsando com desejo enquanto meu toque fica mais firme.

Ele rosna, rolando os quadris para que eu possa sentir o quanto estou cheia dele.

Uma de suas mãos desliza por baixo de mim, segurando minha nuca com firmeza enquanto ele se inclina para perto, posicionando a ponta da faca bem acima do meu coração.

Ele está olhando para mim sob seus cílios, esperando minha reação. Eu só lhe dou um gemido rouco como resposta, me esfregando contra ele. Já estive à mercê da dor de Zade antes, e foi uma das experiências mais eufóricas da minha vida.

— Eu não vou parar — ele me avisa.

— Eu não estou com medo de você — respondo, gemendo enquanto um orgasmo se forma.

— Tantas mentiras — sussurra ele, logo antes de pressionar a lâmina e começar a cortar.

Eu puxo uma respiração afiada, a dor queimando no meu peito. Lenta e metodicamente, ele começa a empurrar dentro e fora de mim, mantendo seus movimentos suaves para que ele possa cortar de forma limpa.

Este não é um corte curto como da última vez, mas um longo e contínuo. É quase cegante, então esfrego meu clitóris com mais força, gemendo do misto de prazer e agonia devastando meu corpo.

Parece que uma rosa cheia de gasolina está penetrando na minha pele, e está pegando fogo constantemente sob seu toque.

— Vou esculpir um jardim de cicatrizes em sua carne, ratinha. Somente minha dor os trará à vida. — Eu inclino minha cabeça para trás, gemendo com a picada afiada de sua faca. — Eles só vão crescer sob meu toque.

Eu aperto meus olhos fechados, e sua voz corta bruscamente.

— Olhe para mim, Adeline. Eu quero que me veja marcar você como minha.

Embora seja uma luta, eu forço meus olhos a abrirem, intercalando entre a rosa macabra sendo gravada em minha pele e seus olhos brilhantes e incompatíveis.

— Você está fazendo um trabalho tão bom, querida — sussurra ele, me dando um olhar rápido. O suor se forma ao longo do meu cabelo enquanto as duas sensações diferentes lutam em minhas terminações nervosas.

— Você está indo tão bem pra caralho — ele geme, mordendo o lábio enquanto o sangue borbulha e escorre da ferida, acumulando-se na minha garganta e nos lençóis debaixo de mim.

Minha respiração trava quando seu pau atinge aquele ponto dentro de mim, enviando meus olhos rolando para a parte de trás da minha cabeça. Eu arqueio contra a faca e giro meus dedos, mais rápido, sem me importar com o quão grotesca a rosa vai ficar.

Nada sobre o nosso amor é bonito. Está cheio de linhas irregulares, pedaços lascados e bordas afiadas. Dói pra caralho, mas não é uma obra-prima se não te fez sangrar por isso.

Ele xinga, a lâmina cortando minha pele mais rápido.

— Não se atreva a gozar ainda, Adeline. Não até que eu diga a você.

Eu não escuto, continuando a perseguir isso apesar de seu aviso. Nada mais importa agora, exceto gozar em seu pau com a faca no meu peito.

Ele rosna, a mão em volta do meu pescoço deslizando para cima e agarrando meu cabelo com tanta força que eu grito. Depois de mais alguns momentos, ele

puxa a faca, a agonia ainda atravessando a rosa ensanguentada.

Estou tão perto. Bem no precipício.

Mas, então, ele puxa minha cabeça mais para trás, me forçando a me curvar para fora da cama. Segundos depois, a ponta afiada da faca está pressionando minha jugular, e a voz perigosamente suave de Zade está enchendo meu ouvido.

— Eu posso, tão facilmente, cortar sua garganta. E quanto mais forte você gozar, mais rápido seu sangue vai drenar do seu corpo — ele fala devagar.

Meus dedos param, um tipo diferente de agonia roubando minha respiração enquanto forço o orgasmo de volta para baixo.

— Você não goza até que eu mande — ele repete, sua voz cortante e áspera como uma lixa. Apesar de sua ameaça, ele me fode com mais força, pressionando seu peito no meu e ganhando um grito de dor em resposta.

Sua respiração aumenta, a ponta afiada mordendo a carne sensível do meu pescoço. Com cada impulso, ele sacode meu corpo e o faz raspar contra minha pele.

— Zade, por favor — eu choro. — Está bom pra caralho. Eu preciso tanto disso.

Ele inala bruscamente, e então ele está arremessando a faca do outro lado da sala, o som dela se chocando contra o meu espelho de maquiagem engolido pelos meus gritos agudos.

Sua mão vem ao redor da minha garganta, a boca ainda pressionada no meu ouvido.

— Diga de novo — ele exige, acelerando o movimento.

Eu mordo meu lábio até sentir o gosto de cobre, lutando para me segurar – para não explodir ao redor dele. Estou em uma batalha perdida, e eu *sou* uma mentirosa. Estou apavorada com o que Zade vai fazer – o suficiente para continuar lutando contra esse controle. No entanto, eu sei que se eu soltar, vou receber sua punição de forma tão caótica quanto fiz com a ponta de sua faca.

— Eu te amo — engasgo, as palavras mal saindo da minha língua antes que sua mão esteja apertando, prendendo o oxigênio em meus pulmões.

— Uma garota tão boazinha. Eu quero ensopar esses lençóis com seu gozo tão profundamente quanto seu sangue, você me entende?

Minha boca se abre, mas nenhum som escapa. Ele está segurando minha garganta com muita força para permitir que um único decibel passe.

A escuridão lambe as bordas da minha visão, me provocando enquanto se arrasta lentamente. A pressão na minha cabeça aumenta e sinto como meu rosto está vermelho. O pânico se desenrola no meu estômago, no redemoinho de

felicidade e agonia. É uma batalha precisar que ele pare e preferir que ele estale meu pescoço se ele o fizer.

Eu estou agarrando seu braço, e quando meus olhos começam a virar, ele libera minha garganta bem quando um orgasmo me atinge.

A combinação do sangue escorrendo da minha cabeça a uma velocidade vertiginosa e o orgasmo de quebrar a terra me reduz ao delírio. Minha boceta aperta em torno dele com tanta força, que eu o sinto se esforçar para afundar em mim.

— Zade! — grito através de uma garganta devastada, rouca e rachada, meus braços em volta do pescoço dele, desesperada para segurar alguma coisa, e precisando disso para me aterrar enquanto sou despedaçada.

Meus ouvidos zumbem quando meu corpo se curva completamente para fora da cama, a euforia torcendo minhas entranhas para eu processar qualquer coisa.

Ele se recusa a parar, me fodendo com mais força mesmo enquanto eu me debato em seu aperto. Suas mãos agarram meus quadris com uma força contundente, e se eu pudesse ver além da imagem de Deus olhando nos meus olhos, me perguntando se eu estou pronta para voltar para casa, eu encontraria um homem desequilibrado de joelhos perguntando se ele pode gozar também.

Lágrimas brotam em meus olhos, e meu rosto se contorce com um grito impotente enquanto meu corpo é devastado. Todas essas sensações… é demais.

— Oh, meu Deus, por favor, eu não posso mais!

Eu sinto seu punho bater no colchão ao lado da minha cabeça com um rosnado gutural, e sua língua desliza ao longo da minha bochecha, lambendo as lágrimas.

— Olhos em mim quando você está rogando para mim — ele estala. Eu balanço minha cabeça, mais lágrimas derramando. — Porra, você é tão linda quando chora por mim. Você acha que eu vou parar agora? Eu quero beber suas malditas lágrimas como se fossem o sangue de Cristo.

Eu balanço minha cabeça, um apelo silencioso para que ele pare. Mas ele se recusa, e eu me pergunto quanto tempo mais posso aguentar antes de desmaiar.

— Eu também sou sua salvação? — Eu sufoco, mal conseguindo dizer as palavras antes que um soluço se liberte.

— Você sempre seria aquela que me salvaria, ratinha. — Ele estremece, e eu sinto seu corpo apertando quando ele se aproxima de seu fim. Está vindo para mim também, e estou com medo do que será de mim quando acontecer.

Ele me fode mais rápido, deslizando a mão entre nossos corpos e deslizando os dedos contra meu clitóris, e desta vez, não vejo nada. Minha boca se abre em um grito quase silencioso, e ele ruge, fornecendo o som de ambos à deriva em

nossa própria dizimação.

Ele para, mas meus quadris têm vontade própria, remexendo contra ele enquanto nós dois somos reduzidos a cinzas.

Lembra-te que és pó e ao pó voltarás.

O tempo deixa de existir, e quando nós dois recuperamos a clareza, estamos ofegantes e tremendo com os tremores secundários. Minhas bochechas estão molhadas de lágrimas, ainda escorrendo dos meus olhos enquanto tento recuperar o fôlego. Mas não posso. Não com os soluços torturando minha garganta machucada.

Zade passa o braço em volta do meu pescoço, me segurando contra ele com força enquanto nós dois tentamos voltar de… o que diabos isso foi.

— Eu também te amo — murmura ele.

Todos os dias, chegamos um pouco mais perto da morte – nossos corpos se deteriorando um pouco mais. E se é assim que é morrer, então eu nunca quero sentir outra coisa.

CAPÍTULO 38
O CAÇADOR



Está quieto.

Muito quieto.

O relógio tiquetaqueia ao fundo, e um par de passos metódicos estala acima de mim. Vem e vai.

Tique, Tique, Tique, Tique.

No entanto, é silencioso. *Claire* está em silêncio.

Ela tomou precauções após minha aparição na televisão quatro dias atrás e travou todos os seus dispositivos na mesma noite.

Eu sabia que era uma possibilidade que Claire levasse minha ameaça a esse nível – era uma variável que eu seria estúpido se não considerasse. Mas se isso significava evitar que Addie fosse acusada de assassinato, o que poderia ter levado a outra tentativa de sequestro uma vez sob custódia policial, era um risco que eu estava disposto a correr. Eu poderia tê-la levado a algum lugar onde ninguém a encontraria, mas isso a tiraria de qualquer aparência de vida normal. Não que ela tenha uma agora, mas pelo menos temos uma chance de recuperá-la assim que encerrar meus assuntos com a Claire.

Eu esperava que a cadela ruiva fosse orgulhosa demais para considerar descartar seus dispositivos, mas suponho que Claire não estaria onde está se fosse uma idiota.

Nós triplicamos a segurança ao redor do Casarão Parsons, garantindo que nenhum maldito pássaro passe pelos perímetros sem que eu saiba. Enquanto isso, estamos trabalhando para obter um sinal novamente da Claire. Agora que sabemos exatamente onde ela está, posso fazer com que um dos meus homens chegue o mais perto possível de sua ilha. Então, enviaríamos um drone que pode enviar um EMP viral para a localização dela. Isso enviará um vírus para qualquer tecnologia dentro da área dela, e então poderíamos decifrar quais dispositivos são valiosos a partir daí. Levará alguns dias para colocar alguém lá fora e dentro

do alcance, e há muito que ela pode preparar no tempo em que estiver fora da rede.

Tique, tique, tique, tique.

Eu mexo meu pescoço, os músculos estalando e gemendo.

Ela ainda não fez nenhum movimento. Mas isso não por muito tempo. A cadela é reativa. Sua cabeça é do tamanho desta mansão, e tão escura quanto o interior dela.

Os passos param, como se ouvissem meus pensamentos e se ofendessem com a ideia. Tomo um gole do meu uísque, desafiando o idiota a me desafiar. Estou no limite o suficiente para lutar contra o ar, e vencer também.

Depois de alguns momentos, os passos recomeçam, e eu solto uma risada sem humor.

Seja qual for o fantasma, está tão inquieto quanto os ossos do meu corpo. Talvez seja um reflexo direto de como me sinto. Uma manifestação ou alguma merda. Casarão Parsons está cheio de energia, e eu não ficaria surpreso se pudesse ser tão facilmente manipulado.

Eu engulo o resto do líquido do meu copo, assobiando com a queimadura. O relógio continua a marcar, aproximando-se da marca das três da manhã.

Cheguei em casa algumas horas atrás depois de desmanchar uma rede. Este tinha vítimas tão jovens quanto recém-nascidos, e eu ainda não consegui dormir. Estou muito cheio de raiva e com a certeza de que Claire tem algo planejado.

Dedos fantasmas de pavor estão subindo pela minha espinha como uma aranha, apertando meus ombros a cada rastejar. Seja o que for, vai me irritar pra caralho. Pode me chamar de vidente.

Tique, tique, tique, tique.

Pegando meu telefone, eu ligo para Jay, balançando minha perna enquanto chama.

— Você me odeia. — Essa é a sua resposta grogue.

— Algo está errado — digo, procurando no meu bolso para pegar meus cigarros.

— O que aconteceu? — pergunta ele, soando mais alerta. Eu balanço minha cabeça, lutando para colocar em palavras.

— Ainda não sei. Está tranquilo em torno do Casarão Parsons. Nenhum sinal de alguém. Mas isso é muito óbvio.

Jay fica em silêncio por um momento.

— Eu suponho que isso seja sobre Claire. O que ela poderia fazer?

— Quem sabe, porra — resmungo, irritado comigo mesmo, e enfiando a ponta

do cigarro entre os lábios com fúria. — A vaca vai pensar em algo criativo, tenho certeza.

Ele boceja.

— Você falou com Addie sobre isso? Você não poderia tê-la acordado para falar sobre seus sentimentos e depois me ligar quando souber que algo está realmente errado?

Cabeça de merda.

— Ela está dormindo.

— *Eu* estava dormindo.

— Ela também foi para a cama com raiva porque discutiu com a mãe sobre tomar remédios ou algo assim. Eu não queria perturbá-la.

Tenho certeza de que a mãe dela estava tentando convencer Addie a *me dar* remédios. Antipsicóticos, para ser exato. Eu ri, e Addie prontamente concordou com a mãe.

Em resposta, eu a virei no meu rosto e comi sua boceta até que ela estava montando minha língua até esquecer tudo. A pequena mentirosa me ama do jeito que sou.

Ele suspira.

— Você tem sorte que eu entendo a ira de uma mulher desprezada. — Ele faz uma pausa. — E um homem, se estou sendo totalmente transparente.

Eu reviro os olhos. Idiota. Ele entende isso tão bem porque seus lances são apenas isso, e eles não gostam disso. Mas ele para de fodê-los? Claro que não.

— Tenho certeza de que ambas vão superar isso — Jay aplaca. — Pelo que ouvi, elas se amam. Elas só têm uma maneira divertida de mostrar isso. Ou reconhecer isso.

Eu acendo o isqueiro, prestes a acender meu maldito cigarro, e assim que a chama acende, o mesmo acontece com a proverbial lâmpada na minha cabeça. Meu coração para.

— Merda, Jay, verifique a casa dos pais de Addie — corto, chamuscando a ponta e inalando profundamente.

Ele faz uma pausa.

— Você não acha que Claire tentaria algo com eles, acha?

— Quem mais ela iria atrás? Eu não tenho família, mas Addie tem, e não seria difícil descobrir que sua mãe tem nos visitado com frequência.

Eu ouço lençóis farfalhando e, em seguida, o zumbido de seu computador ligando. Esse pavor agora me estrangula, e sinto com cada fibra do meu ser que algo vai dar errado.

Onde está a porra do meu laptop?

Não perto de mim.

— Jay — incito, ficando impaciente enquanto dou outra tragada, meu joelho quicando inquieto.

— Estou procurando — ele murmura. Alguns segundos depois, ele amaldiçoa: — Merda, eles têm uma câmera Nest. Alguém apareceu cerca de trinta minutos atrás.

Porra. Eu voo para fora da cadeira, quase derrubando-a no chão quadriculado.

— Os pais dela não têm câmeras dentro de casa, então não consigo ver o que está acontecendo — ele diz com a voz tensa.

Eu já apaguei meu cigarro na pia e estou correndo em direção às escadas, murmurando algumas palavras no caminho.

— Envie um drone para ficar de olho do lado de fora. Estou indo para lá — ordeno, girando em torno do corrimão e subindo os degraus de dois em dois.

— Enviando um agora.

— Obrigado — digo, desligando a chamada enquanto eu voo pelo corredor e pela porta do quarto de Addie. Ela está de costas, enrolada em uma bola, e dormindo profundamente. As portas da varanda estão abertas, permitindo uma brisa fresca. Ela tende a ficar com calor por causa de seus pesadelos, então essas portas estão sempre abertas.

Eu corro para ela, não me incomodando em me manter em silêncio.

— Addie — eu chamo, cutucando-a suavemente. Eu odeio acordá-la quando ela parece estar tendo um momento de paz enquanto dorme, mas ela me mataria se descobrisse que algo estava errado com seus pais, e eu saí para lidar com isso sem dizer a ela.

Seus olhos se abrem, sobrancelhas franzidas quando ela acorda.

— O quê? — ela resmunga, preparando-se para jogar os lençóis sobre a cabeça. Eu agarro seu pulso, apertando com força para que ela entenda a gravidade.

Ela congela, seus olhos agora se abrem para me encarar.

— O que aconteceu? — pergunta ela em pânico enquanto se senta.

Porra. Ela está nua, e esse fato dificilmente me distrai, isso é o quão forte meus alarmes internos estão tocando.

— Vista-se. Nós estamos indo para a casa dos seus pais — ordeno, me afastando dela e indo em direção à sua cômoda.

— O quê? Por quê? O que está acontecendo?

Eu balanço minha cabeça.

— Eu tinha um mau pressentimento de que Claire estava tramando algo, então pedi para Jay verificar a casa deles. Alguém invadiu cerca de meia hora atrás.

Ela está se levantando da cama e ao meu lado em segundos, afastando minhas mãos e pegando as roupas que ela precisa.

— Por que ela iria atrás dos meus pais? — pergunta ela, puxando as roupas freneticamente.

— Porque fora eu e Daya, é a única outra maneira de chegar até você. Não houve comunicação, o que significa que eles podem não ter feito nada drástico ainda.

Ela balança a cabeça, o pânico puxando suas sobrancelhas para cima.

— Eu não entendo. Eu não entendo por que ela está atrás de mim assim.

Eu pego uma das minhas armas de sua cômoda, verifico o clipe e coloco na parte de trás do meu jeans. A faca que eu dei a ela no seu aniversário está lá embaixo, mas vou pegar armas extras para ela.

— Neste ponto, é apenas pessoal, baby. Eu sou a maior ameaça para a organização dela, e você é o maior pagamento que ela verá na vida dela. Você a tornará mais rica do que qualquer humano tem o direito de ser e me deixará de joelhos.

— Xavier já pagou por mim, e agora ele está morto. Então, ela está tentando ganhar o dobro de dinheiro comigo — ela retruca.

Ela corre para seus tênis jogados a esmo ao pé de sua cama.

— Ela não pode pensar que isso vai funcionar. Ela acha que eu sou tão estúpida para me deparar com a mesma situação duas vezes?

— Não é sobre quão inteligente você é, é sobre quão desesperada você está. E se ela pegar seus pais e usá-los como garantia, você ficará desesperada o suficiente para fazer qualquer coisa.

Addie bufa, batendo o pé para passar o sapato pelo calcanhar.

— Eu nunca permitirei me tornar como Rio — ela murmura.

Prefiro chegar ao céu antes que isso aconteça.

— O que diabos ela vai fazer de qualquer maneira? — ela pergunta em voz alta, embora soe retórica. Ela se vira para mim, seus olhos castanho-claros afiados. — A cadela estúpida vai tentar me fazer trocar minha vida pela deles, estou certa?

— Provavelmente — admito, seguindo-a para fora da porta do quarto. No momento em que saímos, parece que as paredes abrem os olhos, nos observando correr pelo corredor escuro. Addie passa pelas figuras sombrias rastejando pelo chão, sem prestar atenção nelas.

— Devemos acordar Sibby?

Abro a boca, mas então, como se tivesse saído direto de um filme de Rob Zombie, ela sai pela porta do quarto perto da escada, cobrindo a boca enquanto boceja. Suas tranças estão tortas, e sua camisola roxa está pendurada em um ombro.

Ela aperta os olhos, olhando para nós com confusão. Addie para de repente, dá uma olhada em Sibby, e então diz:

— Vista-se, rápido. Você pode se divertir um pouco esta noite.

Qualquer que seja a fadiga que estava se agarrando a ela, some em questão de segundos. Seus olhos se arregalam de excitação.

— Meus capangas podem vir também?

Eu suspiro.

— Apenas dois irão caber, e somente se eles não atrapalharem. — Eles são imaginários, mas os idiotas de alguma forma ainda causam problemas. Ela volta para o quarto, gritando.

— Me dê dois segundos! — ela grita lá de dentro, mas Addie já está batendo seus pezinhos escada abaixo como um maratonista.

— Não se esqueça de suas facas e armas, ratinha — chamo atrás dela. — E, Sibby… limite suas facas e armas.

Eu ouço um suspiro dramático da sala, mas eu a ignoro, colocando meu Bluetooth no ouvido.

Em dois minutos, estamos empilhados no meu carro e partindo em direção à casa dos pais dela. É uma distância de uma hora, mas estou determinado a chegar lá na metade do tempo.



Dez minutos no carro, e os homens estavam arrastando os pais de Addie para fora da casa. Jay tomou uma decisão em uma fração de segundo e abateu o carro. O drone que ele está usando é de um tipo especial, equipado com balas e altamente ilegal.

Os homens levaram os pais dela de volta para dentro e estão esperando nossa chegada. Há um pequeno risco de eles matarem os dois antes de chegarmos lá, mas isso seria totalmente estúpido.

Se os pais dela estiverem mortos, não haverá vantagem. E se eles tentassem escapar, Jay os derrubaria. De qualquer forma, eles perdem.

— Eles sabem que estamos aqui — lembro a Addie enquanto eu estaciono na

garagem.

Apesar da desaprovação de Serena pelo Casarão Parsons, viver em uma casa isolada está em seu sangue. Ela não mora nos subúrbios como eu imaginava, mas em uma bela casa atrás de um bosque de árvores e longe da estrada. Não é distante da civilização como o Casarão, mas também não é fácil de encontrar.

— Você não acha que os mataram, acha?

— Não, querida — digo a ela com sinceridade. — Se fizeram, eles sabem que se eu não os matar, Claire com certeza o faria. Ela perderia sua influência.

Addie morde o lábio inferior entre os dentes quando paro. A casa está escura, e as árvores ao redor balançam ao vento, os galhos lançando sombras tortas em toda a casa, exalando uma sensação sinistra. É uma grande casa branca de três andares com uma enorme janela no centro superior, mostrando a silhueta de um candelabro.

Ligo para Jay e ele atende de imediato.

— Fique de olho na casa e certifique-se de que ninguém mais entre — ordeno.

— Já estou nisso, chefe — diz ele, o toque de seu teclado após sua confirmação.

Eu me viro para Addie e pergunto:

— Você está pronta?

Ela me dá um único olhar antes de abrir a porta e sair, respondendo silenciosamente à minha pergunta. Sibby corre atrás dela enquanto desligo o carro e sigo atrás delas.

Os quadris de Addie balançam com raiva enquanto ela meio que corre em direção à porta da frente.

Eu encurto a distância em alguns passos longos, agarrando seu braço e puxando-a de volta. Seu pescoço quase estala de quão forte ela chicoteia a cabeça para me encarar.

— Não entre correndo de forma descuidada.

Arrancando seu braço do meu aperto, ela zomba de mim.

— Eu não sou uma idiota — ela retruca. Eu sorrio e levanto minhas mãos em rendição. Se esta não fosse sua mãe em perigo, eu a dobraria e a foderia até que ela ficasse estúpida.

— Desculpe, amor. Continue.

Deixando-me para trás, ela corre até a entrada, então, como se estivesse em câmera lenta em um filme, seus movimentos se tornam graduais e suaves quando ela alcança a porta da frente.

Girando a maçaneta, ela abre a porta com cuidado, a escuridão vazando das

profundezas do vestíbulo enquanto sua outra mão segura a faca amarrada em sua coxa, preparando-se para alguém pular e atacar. Ninguém faz, o silêncio é ensurdecedor. Pisando mais para dentro, seus olhos examinam todas as direções. Quando é considerado livre para entrar, ela acena para Sibby e eu atrás dela.

Eu mordo meu lábio, saboreando a visão dela no comando. Minha garota é forte e capaz, e eu seguirei seu comando com prazer.

A escuridão nos engole inteiros enquanto eu fecho a porta atrás de mim, sem fazer barulho. É tão quieto que você pode ouvir um peido de rato. Addie desaparece na escuridão enquanto se move para dentro da casa. Não posso ver muito, mas posso sentir tudo.

O frio coagindo os arrepios em minha carne, o calor movendo-se pelos canos e olhos observando cada movimento meu. Eles vêm de todas as direções e de lugar nenhum. No entanto, eles são tão reais quanto os dedos fantasmagóricos que sinto roçando minha pele no Casarão Parsons.

Felizmente, Sibby entende a situação e contém sua vertigem. Ela está acostumada a rastejar pelas casas, mas sempre teve a proteção das paredes. Em Satan's Affair, *ela* era os olhos arrepiantes.

Talvez agora ela entenda aquela sensação de saber que alguém está te observando e quer te fazer mal, mas nunca saber onde está até que esteja bem na sua cara.

Viajamos por um longo corredor, passando por retratos de Addie envelhecendo gradualmente até a adolescência. Em um dia comum, eu pararia e olharia para suas fotos de infância, fantasiando sobre as versões infantis de mim mesmo se apaixonando por ela se eu a tivesse visto na época. Algo me diz que eu ficaria extasiado por ela, não importa quão jovens fôssemos.

Agora, é tão estranho aqui que aqueles olhos sorridentes nas fotos parecem sinistros. Como se as diferentes versões de Addie estivessem rindo de nós porque sabem do perigo que nos espera. Eu quero rir de volta porque *eu* era o perigo que a esperava.

Emergimos em uma cozinha, encontrando a ampla área livre. Ela começa a ir para a esquerda, mas um leve som arrastado surge da nossa direita. Ela congela e olha para mim. Eu aceno para o barulho. Por mais que ela queira encontrar sua mãe, não podemos deixar homens perigosos para trás.

Assentindo, ela se vira e vai em direção ao barulho.

— Cuidado onde pisa — Addie sussurra um momento depois. Mantendo um olho nos pés de Sibby, suas botas afundando no tapete macio.

É uma grande sala de estar, com uma enorme tela de TV montada na parede à

nossa direita e sofás macios ao redor, junto com uma poltrona reclinável. Imagino que é onde o pai dela fica sentado, gritando com qualquer time de futebol que joga na tela.

Sua imagem desaparece quando uma pessoa diferente a substitui, um corpo emergindo da escuridão como um demônio invocado por seu mestre.

Addie e Sibby o avistam ao mesmo tempo que eu, seus corpos eriçados brevemente pela bizarrice antes de todos entrarmos em ação. Addie corre em direção ao cara, mas eu sinto outra pessoa atrás de mim, e eu vislumbro metal logo antes de pegar Sibby por uma de suas tranças e puxá-la para fora do caminho de uma faca voadora que estava a centímetros de empalá-la na cabeça.

Um sopro de ar quente na minha nuca um mero segundo antes de eu me virar, deslizando minha arma da parte de trás do meu jeans e mirando no culpado que jogou a faca. Eu disparo um tiro, acertando a pessoa na garganta e mal desviando de outra faca no rosto, pegando seu cabo logo antes que se conectasse com a pele. Minhas cicatrizes deixam Addie quente e disposta, então eu não me importaria se ele conseguisse.

O silenciador produz o menor dos sons, mais silencioso do que o homem agora convulsionando no chão, engasgando com seu próprio sangue. Virando, encontro Addie brigando com a primeira pessoa. Assim que eu entro para ajudar, ela dá um uppercut no cara, sua lâmina mergulhando pela boca dele e entrando em seu cérebro.

Depois que ela arranca a faca de sua cabeça, ele cai no chão, morto antes de atingir o tapete arruinado.

Porra, essa é minha garota.

Sibby olha ao redor, e pelo que posso ver, ela está fazendo beicinho. Seus lábios estão franzidos, desapontados por ela não ter participado da ação.

— Haverá mais — asseguro baixinho, meu coração batendo com a adrenalina no meu sistema. É como a morfina bombeando em minhas veias, me dando uma alta que as drogas nunca poderiam imitar.

Addie me encara com olhos arredondados e sua mão pingando sangue. Seu peito arfa, e daqui, posso sentir o cheiro de sua excitação.

Um desejo animalesco está começando a tomar conta. Eu quero jogá-la no chão e fodê-la na poça de sangue. Mas sua mãe está em algum lugar nesta casa, provavelmente ferida e sendo mantida refém.

Dando um passo para trás, eu mergulho meu queixo em aprovação, sentindo o quão feroz meu olhar é. Ela trabalha para engolir, virando-se e examinando a sala para se distrair da energia engrossando entre nós.

Afastando-me da minha ratinha assassina, ando em frente e verifico cada canto do cômodo, encontrando uma pequena escada no canto de trás. Eu espio os degraus, não vendo nada além de um preto sem fim.

— Esse é o meu quarto — ela sussurra atrás de mim. Virando minha cabeça, eu a espio por cima do meu ombro.

— Acho que vou ficar de fora por enquanto — respondo, minha voz rouca. — Vá verificar se não há ninguém lá em cima. Rápido.

— Precisamos encontrar…

— Addie — eu rosno. — Se não limparmos a casa, eles podem ficar à espreita até você se distrair e matá-la. Então, por favor, verifique a porra do quarto, querida.

Fechando a boca, ela faz o que eu digo, mantendo um amplo espaço enquanto passa por mim. Ela leva apenas um minuto antes que esteja descendo as escadas.

— Claro — ela respira. — Vamos verificar o quarto deles agora, por favor. Fica do outro lado da cozinha.

— Depois de você — falo lentamente. Ela passa correndo por mim, nos levando de volta pela maldita sala de estar, depois em direção às escadas na parte de trás da cozinha, logo antes da sala de jantar.

Com os pés leves, ela sobe os degraus, Sibby e eu nos aproximamos. Eles estão todos cientes da nossa presença, mas andar por aí como elefantes só ajudará a ocultar onde estão escondidos.

O andar superior é um grande círculo em torno da escada, o candelabro monstruoso pendurado diretamente acima. Os diamantes pendurados na vistosa luminária brilham ao luar que atravessa a enorme janela.

O ar está mais espesso aqui, pesando sobre meus ombros como se o próprio Deus estivesse tentando me segurar.

Alguém está aqui em cima, mas não está visível. Ainda não, pelo menos. Um sentimento sinistro corre pelos meus ossos, o suficiente para eu dar um passo à frente e empurrar Addie atrás de mim. Vou colocar fita adesiva na boca dela se ela tentar argumentar. Não importa o quão capaz ela seja, sempre a protegerei.

Mas ela não discute, indicando que sente isso também. Meu peito aperta enquanto olho em volta, esperando o inevitável.

Leva apenas mais alguns segundos. Um laser vermelho brilhante atravessa a janela, pousando diretamente no meu peito.

— Zade, abaixa! — Jay grita pelo meu fone de ouvido.

— Merda — xingo antes de mergulhar diretamente sob Addie e Sibby, derrubando as duas no chão e quase nos mandando de volta escada abaixo. A

janela se estilhaça e sinto o calor da bala deslizar pelo meu braço, arrancando um pedaço do meu bíceps com ela.

Vidro afiado chove sobre nós, pequenos pedaços picando minhas bochechas e mãos. Addie e Sibby cobrem suas cabeças, tentando se proteger da enxurrada de pequenos cacos.

— Porra, estão bem? — pergunto com os dentes cerrados.

— Está tudo bem — Addie geme, seguida pela confirmação irada de Sibby.

— O filho da puta estava protegendo seu corpo com alguma coisa, os sensores infravermelhos no drone não estava captando até que ele se reposicionou — Jay explica, então murmurando: — Provavelmente, usou a porra de isopor.

Antes que eu possa dizer a ele, uma rajada de fogo ilumina o céu, então rapidamente desaparece.

O sniper acabou de ser alvejado.

— Ele está morto — ele anuncia em meu ouvido, soltando um suspiro, mas logo começa a entrar em pânico novamente. — Por favor, me diga que todos estão vivos. Vocês estão todos vivos, certo? — ele pergunta repetidas vezes.

— Estamos todos bem. Mas pode haver mais — digo. — Vamos ficar longe das janelas o melhor que pudermos. Mantenha-me atualizado sobre qualquer movimento.

Outro suspiro de alívio.

— Manterei.

Sibby rosna, balançando embaixo de Addie, que está segurando meu braço ferido e olhando por cima dele, seus dedos cobertos com meu sangue. Eu verifico a ferida. É superficial.

— Você está bem, querido? — ela pergunta baixinho, sua voz trêmula. Não seria preciso nada menos que um incinerador para me derreter, exceto quando se trata de Addie. Então, eu sou um caso perdido.

Eu coloco um beijo em sua testa.

— Estou bem, ratinha. Vamos nos mexer — digo.

— Eu realmente quero esfaquear alguém agora — Sibby interrompe, saindo de baixo de Addie. Deve ter vidro cortando-a, mas ela não parece notar quando está muito ocupada gritando consigo mesma. — Mortis, *mexa-se!* Pare de se agarrar a mim como uma sanguessuga, estou bem. Zade foi quem levou a bala, estúpido. — Em sua tentativa de se desvincular de seu amigo imaginário, ela acaba me chutando na cabeça.

Viu? Os idiotas sempre causam problemas.

— Sibby — eu assobio com os dentes cerrados.

— O quê? Não é minha culpa — ela zomba, nem um pouco arrependida.

Gemendo, saio de cima de Addie e me sento.

— Levante-se. Precisamos nos afastar da janela. — Eu me levanto e ajudo as meninas a se levantarem, uma delas agora de péssimo humor. Seu temperamento só vai continuar a subir até que ela esfaqueie alguém, e minha dor de cabeça só vai piorar até que isso aconteça.

Elas afastam o vidro de seus corpos e, com o luar se derramando no quarto, noto pequenos cortes em seus rostos.

— Qual é o quarto da sua mãe? — pergunto, mantendo minha voz baixa e pegando alguns fragmentos de vidro do traseiro de Addie que ela não tirou. Sibby está enfiando a bunda para fora e a limpando, mas em sua cabeça, um de seus capangas a está ajudando.

— Primeira porta à esquerda — ela responde.

— Sibby, eu quero que você vá e verifique os outros quartos — digo a ela. Me surpreendendo, ela não reclama e vai embora, provavelmente rezando para que alguém a desafie. *Estou* orando para que alguém o faça.

O vidro estala sob minhas botas enquanto eu me pressiono na parede, deslizando ao longo dela até chegar à porta com Addie seguindo minha liderança.

Eu abro a porta, me dobrando para o caso de mais balas voarem.

— Fique aqui por agora — ordeno, não dando a ela tempo para discutir. Segurando minha arma, entro no quarto. Está escuro como breu aqui, e eu gostaria de ter pensado em trazer meus óculos de visão noturna.

Esforçando os ouvidos, escuto qualquer barulho, mas não ouço nada. Nem mesmo o som da respiração.

À medida que meus olhos se ajustam, a cama fica mais clara. Vazio, exceto pelos lençóis amarrotados e travesseiros tortos. Um abajur foi derrubado da mesa de cabeceira, de cabeça para baixo com o fio arrancado da parede. Deve ter havido uma luta para tirá-los da cama.

Solto um suspiro lento, continuando a escanear meus olhos sobre cada centímetro do quarto, tentando identificar qualquer figura de pé nas sombras ou deitada no chão.

— Eles não estão aqui — falo baixinho.

Addie entra sorrateiramente no quarto atrás de mim, seus passos leves e seu corpo pronto para a ameaça. Ela está tão longe da garota que corria de cabeça em situações, sem ao menos pensar. Ela é uma assassina treinada agora, e porra se isso não deixa meu peito apertado de orgulho.

Eu nunca quis mudar Addie. Apesar de sua impulsividade e tendências estupidamente corajosas serem perigosas, era isso que a tornava tão fascinante. Mas as circunstâncias tiraram isso das minhas mãos e, embora eu ainda precisasse da minha garota corajosa, não havia mais espaço para ações impensadas.

Não há nada impensado sobre como Addie se move agora, e meu fascínio por ela só aumentou. Todas aquelas ameaças inúteis que ela costumava fazer sobre me matar ou me machucar, ela poderia torná-las realidade agora.

Porra. Sim.

— Onde você acha que eles poderiam estar? — sussurra ela, trazendo-me de volta para a situação em questão. Eu me repreenderia por me distrair com ela se soubesse que isso mudaria alguma coisa, mas não vai. Morrer com Addie em minha mente é a única forma que eu quero sair de qualquer maneira.

Eu balanço minha cabeça.

— Não sei. Mas se houver pessoas na casa, isso significa que eles provavelmente ainda estão na casa também.

Addie caminha até a cama, pressionando a mão nos lençóis.

— Está frio, então eles foram embora tem pelo menos um minuto. — Virando-se para mim, ela decide com resignação e pavor: — Acho que precisamos verificar o porão. — Seu corpo está rígido e seus ombros tensos.

— O que há de errado com o porão?

Ela encolhe um ombro.

— É assustador lá embaixo? — ela diz, embora soe como uma pergunta.

— Você gosta de assustador.

Ela parece fazer uma pausa para pensar, e então relaxa, balançando a cabeça.

— Sim você está certo. Eu gosto de assustador. Vamos lá.

Sibby emerge de um dos quartos assim que saímos do quarto dos pais de Addie, parecendo mais frustrada.

— Ninguém está aqui em cima. Eu olhei todos os cômodos — ela diz com decepção.

— Porão — interrompo. — Eles podem estar lá embaixo.

Addie nos leva de volta escada abaixo e em direção à porta do porão na sala de jantar.

— Se estiverem lá embaixo, eles vão ouvir nossos passos e saber que estamos chegando — murmuro, mais uma vez empurrando Addie atrás de mim. É melhor se eu levar um tiro para que ela possa lidar com seus pais.

A porta se abre, e é como olhar para um enorme buraco negro no chão.

— Qual é o tamanho do porão?

— Muito grande. Não está terminado — ela responde em um sussurro. — Há quartos lá embaixo também.

Devagar, desço as escadas e minha visão é completamente engolida. Há um calafrio e outro peso de pavor vem daqui de baixo, como uma deusa do mal me chamando para seu covil. Uma porra de boas-vindas calorosas.

No canto mais distante do porão, uma pequena lasca de luz brilha das profundezas do que parece ser um corredor.

Aquele poço de pavor se amplia, consumindo minhas entranhas até que tudo que sinto é a morte.

Addie e Sibby estão ao meu lado, e embora eu não possa ver seus rostos, posso sentir sua inquietação.

— Estamos na sala, naquele corredor é o lado inacabado — Addie me informa, sua voz quase um sussurro.

Assim que dou um passo, o brilho se extingue como se apagassem as luzes. Eu congelo, meus olhos começando a se ajustar.

Não apagaram as luzes. Alguém está parado na entrada do corredor. Eles estão imóveis, mas eu sinto seus olhos perfurando onde estamos. Minha mão aperta minha arma, e eu a levanto, devagar, preparando-me para atacarem. Então, eles lentamente recuam e desaparecem no corredor, o brilho tomando seu lugar mais uma vez.

Meu coração bate descontroladamente no meu peito. Merda, isso é bizarro. Até eu posso admitir isso.

Sibby zomba.

— Passei muito tempo em casas assombradas, ninguém é mais assustador do que eu. Deixe-me ir primeiro.

Eu dou de ombros, decidindo que Sibby fodendo com eles não faria mal.

— Divirta-se — murmuro, deixando cair minha arma uma polegada, embora me recuse a relaxar. Poderia haver mais à espreita por aqui.

Ela ri alto, o som sinistro, antes de cantar suavemente uma canção de ninar enquanto se dirige para o corredor. Não posso ter certeza, mas se conheço Sibby, tenho certeza de que ela está pulando enquanto anda para lá.

Eu agarro a mão de Addie, levando-a para onde a bonequinha está agora na entrada, seu pequeno corpo realçado pela luz.

Sua faca rosa está em sua mão, e ela enfia a ponta na parede ao lado dela. Então, com sua canção de ninar ficando mais alta, ela caminha lentamente pelo corredor, arrastando sua faca.

Addie se encolhe, mas não posso dizer se é porque Serena vai ficar chateada com isso ou se é porque Sibby é tão assustadora quanto ela prometeu.

Ambas são assustadoras.

Vozes surgem da sala em que estão, parecendo nervosas e um pouco zangadas.

— Não se aproxime — avisa uma voz profunda. Sibby faz uma pausa, interrompendo abruptamente sua canção de ninar, e inclina a cabeça.

— Isso não foi muito legal — sussurra, seu tom infantil enviando calafrios na minha espinha. — Eu apenas quero brincar.

— Eu vou explodir sua cabeça, vadia — ele grita. Um homem grande preenche a porta no final do corredor, e eu rapidamente levo Addie para fora de vista antes que ele nos veja. Eu me pressiono contra a parede e espio ao virar da esquina.

Se ele tentar alguma coisa, serei eu a explodir cabeças.

Ele é corpulento e alto, com uma cabeça careca, tatuagens pretas cobrindo sua pele pálida e uma barba espessa em torno de seus lábios finos. Uma arma está em sua mão, apontada diretamente para Sibby. Mas ela não parece nem um pouco assustada.

Choramingos abafados são emitidos da sala, masculinos e femininos, e os sons me relaxam um pouco. Eles podem estar feridos e definitivamente assustados, mas também estão vivos. Isso é tudo o que importa agora.

— Meus capangas não vão deixar isso acontecer — diz ela. Não faço ideia de onde ela imagina que esteja seu harém, mas aquela que está intimidando o homem armado agora é ela.

O que é admirável quando ela não tem nem um metro e meio.

— Solte a faca — ele ordena a ela. Suspirando, Sibby escuta, sua faca batendo na parede.

— Você pode muito bem me dizer para me despir em seguida, se você vai me tirar as coisas. — Ela faz beicinho. Agarrando a barra de sua camisa, ela começa a puxá-la para cima, fazendo exatamente isso.

Os olhos do homem se arregalam, e sua arma cai enquanto ele observa Sibby tirar a camisa. Graças a Deus, ela está usando um sutiã.

Eu balanço minha cabeça. Seus métodos são realmente estranhos, mas ainda eficazes. Ela joga a camisa no homem, fazendo-o recuar. Dentro desse pequeno acréscimo de tempo, ela pega outra faca amarrada à coxa e a chicoteia no homem, a ponta da faca é alojada em seu olho direto.

Os gemidos se transformam em gritos de horror quando o homem vira o rosto primeiro, caindo como um saco de areia. Seu peso cai sobre a faca, atravessando

completamente seu crânio.

Agarrando rapidamente a faca e a camisa do chão, ela a veste e pula o resto do caminho para dentro do quarto, passando por cima de sua vítima em convulsão.

— Vamos — digo, pegando a mão de Addie e correndo para o quarto atrás de Sibby, tentando evitar a bagunça no chão.

Serena e seu marido, William, estão presos a duas cadeiras no centro da sala, com fita adesiva na boca. Uma única lâmpada pende sobre eles, iluminando os dois homens de cada lado, cada um segurando uma arma na cabeça.

Os intrusos estão tensos, nervosos agora que Sibby atirou uma faca no olho de seu parceiro morto.

— Mãe… pai… — Addie sussurra, e sinto seu corpo eriçar com a necessidade de correr para eles.

Os olhos de Serena estão úmidos e injetados, borrados com rímel preto. Seu cabelo loiro está despenteado e seu pijama de seda está rasgado na gola. William se contorce ao lado dela, suando profusamente. Seu cabelo grisalho está emaranhado em sua cabeça, e sua camiseta branca está encharcada. Um corte marca sua bochecha, e uma contusão já está começando a se formar ao redor de seu olho.

— Você chegou aqui mais rápido do que eu esperava, depois que seu amigo fodeu com nosso carro — diz o intruso à minha esquerda, sua arma cravada na têmpora de Serena. Ele tem profundos cabelos pretos que caem em torno de suas orelhas, emaranhados e oleosos, e um nariz enorme e adunco com uma cicatriz atravessando-o.

O outro é um homem baixo e loiro com cara de bebê, que parece estar fora de seu elemento.

— Eu estava ansioso para me divertir com eles um pouco mais. Talvez ver se a mamãe também tem uma boceta de ouro. — Seu dedo enrola em torno de uma mecha de cabelo de Serena, e ela se afasta com um grito abafado.

— Não a toque, porra — Addie estala. O homem apenas sorri.

— Eu queria transformá-los em uma bela exibição para você também — ele continua, ignorando-a. Ele dá de ombros, tentando parecer indiferente. — Eu suponho que você faria uma exposição melhor. Imagine Z pendurado naquela grande janela na frente da casa, assim como você fez com o médico. Quão poético isso seria.

— Eu adoraria brincar de artesanato com você — murmuro, puxando meu canivete do meu moletom e abrindo-o, o zíper de metal perdido nos gritos reprimidos de Serena.

O homem engatilha a arma em resposta, sua ameaça clara.

— Você a mata, e acaba com a única coisa que mantém minha bala fora de seu cérebro — aviso.

— Oh, mamãe é a favorita, eu vejo. Bem, então podemos viver sem o pai, não podemos?

Sua arma gira para o pai de Addie, que agora tem duas armas pressionadas contra sua cabeça. As intenções do homem são claras: matar um só vai cimentar a necessidade de Addie de se trocar para salvar o único vivo restante.

— Você faz isso, então não haverá diamante algum. — Meu olhar se fixa em Addie, meu coração para bruscamente quando a vejo segurando a faca em sua própria garganta.

Oh, infernos, não.

CAPÍTULO 39
O DIAMANTE



Eu enfio a lâmina na minha pele até sentir um beliscão, sangue lentamente saindo da ferida. Os olhos de Zade o seguem, seus olhos brilhando com fúria.

O homem de cabelo oleoso devolve a arma para minha mãe, com um sorriso espertinho no rosto.

— Touché, diamante. — Ele inclina o queixo para seu parceiro, que ainda está segurando sua arma para meu pai. — Agarre-a. — Então, ele se dirige a Zade e Sibby: — Vocês dois baixem todas as armas e as chutem para longe.

O homem com cara de bebê se aproxima de mim, e dou um grande passo para trás.

— Você não pode me tocar. Não até que eu saiba que você não vai machucar nenhum deles.

Seus olhos se estreitam, mas então eles voam por cima do meu ombro, e um momento depois, eu sinto o perigo atrás de mim.

— Porra, Addie, mexa-se! — Zade grita, mas é tarde demais.

Uma arma pressiona a parte de trás da minha cabeça, me distraindo por tempo suficiente para que seu braço dê a volta e pegue minha faca, jogando-a para o lado.

Concreto enche meus ossos, meu corpo se transformando em pedra enquanto ele envolve seu braço em volta do meu pescoço e me puxa de volta para ele, movendo sua arma para minha têmpora.

— Você esqueceu de verificar o sótão — o novo intruso sussurra em meu ouvido. Ele tira o braço da minha garganta e desliza a mão pelo meu cóccix e pelas minhas coxas, verificando se há armas, e depois as joga no chão quando as localiza. Ele aperta minha bunda para uma medida extra de segurança, e eu não consigo conter o rosnado de escapar.

Oh, sim. Ele vai morrer.

A tensão irradia de Zade, seu olhar assassino rastreando a mão errante do

homem. Aposto que ele está imaginando todas as maneiras de removê-la de seu corpo, assim como fez com a de Arch. Sibby está parada, seus olhos saltando em todas as direções, provavelmente calculando a rapidez com que ela pode matar um deles antes que sua arma dispare.

— Melhor ter cuidado — murmura Zade, seus olhos cravados no homem que me segura. — Esse diamante tem bordas afiadas.

O rosto de bebê vira sua arma para Zade.

— Cala a boca. Vocês dois ficam contra a parede.

Zade sorri, levantando as mãos em falsa rendição, mas o olhar em seus olhos é mortal.

No entanto, Sibby se recusa a ceder, então o homem corre em direção a ela e a agarra pelo braço, tentando arrastá-la para lá ele mesmo. Ela enlouquece, arranhando-o e causando uma briga enorme.

Preso na parte de dentro da minha manga está uma arma caneta – uma pequena arma útil que Zade me deu. Eu a coloquei lá para uma situação exatamente como esta, deliberadamente mantendo-a fora de qualquer ponto aparente para se esconder uma arma. Só tem uma bala, mas será suficiente.

O caos distrai todos os homens o suficiente para tirar a arma da minha manga sem que nenhum deles perceba.

O suor escorre pelo meu cabelo e, embora a adrenalina esteja correndo solta no meu sistema, a calma toma conta de mim.

Apressadamente, miro no homem de cabelos oleosos e clico no botão da caneta, a bala sai da pequena arma e atravessa o seu cérebro, matando-o imediatamente.

A total surpresa é tempo suficiente para eu tirar a arma apontada para a minha cabeça, os reflexos do meu captor lerdos enquanto ele dispara um tiro em meus pés, quase acertando meus dedos. A bala ricocheteia, e eu acho que ouço alguém ofegar, mas já me virei e estou mandando meu punho voando em seu rosto.

Meu pai está gritando através da fita em sua boca, mas não posso olhar agora. Meu oponente tira uma faca do bolso e a aponta para o meu rosto.

Retrocedendo bem a tempo, a lâmina corta o ar a uma polegada do meu nariz. Agarrando sua mão ao redor do cabo, eu a puxo de volta, seu pulso quebrando com a força.

Ele grita, largando a faca. Antes que eu possa acertar outro soco, este em sua garganta, sua cabeça cai para trás, um buraco agora no centro de sua testa.

Eu me viro com os olhos arregalados, encontrando Zade guardando sua arma.

— Desculpe, amor. Ele tocou na sua bunda, portanto, eu precisava matá-lo.

Um grito penetrante me distrai, atraindo meus olhos para Sibby esfaqueando alegremente o homem embaixo dela, enquanto meu pai se contorce como um verme em um anzol. Seu olhar vai e volta da garota psicótica a seus pés para sua esposa.

Meus olhos se arregalam quando dou uma boa olhada em minha mãe. Sua cabeça está caída, o queixo enfiado no peito e o sangue encharcando sua camisa.

— Oh, meu Deus — eu lamento, correndo até ela. Zade a alcança primeiro, pressionando os dedos contra sua garganta para sentir o pulso.

— Ela está viva — ele respira. — Mas seu pulso está fraco. Ela precisa de um médico agora.

Lágrimas imediatamente brotam em meus olhos, e o pânico transforma meu cérebro em mingau. Abro minha boca, membros congelados e olhos arregalados fixos em minha mãe moribunda.

— Adeline — Zade late, e meus olhos saltam para ele. — Foco, querida. Eu preciso que você venha aqui e coloque pressão na ferida.

Por fim, destravando meus músculos, eu faço o que ele diz e pressiono as duas mãos contra o peito dela. O carmesim borbulha entre meus dedos, cobrindo minha pele em segundos.

Distintamente, vejo Zade desatando suas amarras e depois as do meu pai. Há um comando afiado dizendo à Sibby para parar de se esfregar no homem morto embaixo dela, então Zade falando com Jay pelo fone de ouvido, mas tudo é abafado depois disso.

Há muito sangue correndo em meus ouvidos. Muita ansiedade me comendo viva de dentro para fora.

— Mãe — digo trêmula. Os braços de papai a envolvem, levantando suavemente sua cabeça e chamando seu nome. Lágrimas estão escorrendo por suas bochechas coradas, e é então que percebo que meu próprio rosto está molhado.

— Serena, ei, querida, olhe para mim — papai insiste, mas seus olhos permanecem fechados.

— Eu preciso levantá-la — diz Zade.

— Não toque nela! — papai grita, indo dar um tapa nos braços de Zade. — Precisamos chamar uma ambulância.

— Pai! — exclamo, puxando a mão para detê-lo. — Pare, ele está tentando ajudar.

— Eu serei mais rápido que uma ambulância, eu prometo a você — garante Zade, olhando nos olhos do meu pai. Papai é um seguidor de regras. Ele segue à

risca. E mesmo com suas manias, ele entende que Zade não a está levando para o hospital apenas porque ele é mais rápido, mas porque todos nós cometemos um crime, e ele não quer que eles saibam.

O que significa que também não vamos a um hospital de verdade.

Apertando os dentes, papai solta Zade e o deixa pegar minha mãe, a cabeça dela caindo em seu peito enquanto ele se levanta.

— Todo mundo entra no carro. Vamos, *agora,* Sibby.

Subimos os degraus do porão, atravessamos a casa e entramos no carro de Zade – tudo um borrão. Deixo papai sentar-se no banco do passageiro enquanto minha mãe está no meu colo e de Sibby. Continuo pressionando seu peito, sussurrando para ela permanecer viva.

Zade ainda deve ter Jay na linha porque ele diz:

— Ligue para Teddy e avise que estamos a caminho. Ferimento de arma de fogo no peito.

— Deixe-me adivinhar, você tem alguma história inventada, hein? — Papai salta do banco da frente enquanto Zade sai da garagem e vai para a estrada. Ele dirige o carro com facilidade, apesar da velocidade enervante em que estamos viajando.

— Bem, não, não realmente — Zade responde, nem um pouco perturbado pela raiva do meu pai. — Não vamos à polícia. E vamos a um cirurgião, com experiência real…

— Nós não vamos para o hospital?! — meu pai explode, sua voz ensurdecedora. Eu me encolho, o coração batendo forte. Eu disse a Zade antes que meu pai não era parte integrante da minha vida. Ele sempre ficava em segundo plano, ali, mas não realmente – como o fantasma de Gigi em Parsons Manor.

Mas houve algumas vezes na minha infância em que ele levantou a voz, e a cada vez, os pássaros se espalhavam de seus galhos e minhas costas se curvavam na tentativa de me diminuir.

Ele é um homem simples, mas também pode ser assustador.

— Não, senhor — Zade responde, de maneira casual. Nada o intimida, e se eu não tivesse dado uma olhada de perto, pensaria que ele tem bolas de aço penduradas entre as pernas.

— Eu não me importo com quem diabos você é, é melhor você virar este carro e nos levar para o HOSPITAL, PORRA! — ele grita, seu rosto ficando cada vez mais vermelho, mesmo no escuro do carro.

— Levante sua voz para mim mais uma vez, porra — Zade ameaça, sua voz se

aprofundando —, eu garanto a você que posso nocautear sua bunda sem nem mesmo desviar este carro. — Meu pai recua, olhos esbugalhados de choque.

— Pai — interrompo antes que ele acabe levando um tiro, minha voz suave, mas severa. — Eu nunca a deixaria morrer, e você sabe disso. Por favor, apenas confie em nós.

Seu olhar queima através de mim, mas não desvio o olhar, meu corpo inteiro começando a tremer com a mistura de adrenalina, choque e pânico.

Zombando, ele se vira, murmurando:

— Eu não posso acreditar nessa merda. Adeline, em que porra você se envolveu?

Eu franzo a testa.

— Eu nem fiz nada, pai.

Ele se vira para mim com incredulidade.

— Você acha que eu não vi vocês três matarem aqueles homens a sangue-frio? A maluca…

— Não me chame de louca! — Sibby grita ao meu lado, me fazendo estremecer, o tom machucando meus ouvidos. Faço uma pausa, notando o quão maníaca ela parece agora. Seu peito está hiperventilando, e seus olhos castanhos são selvagens, como se ela fosse um tigre encurralado em uma pequena jaula.

Papai deve ver isso também, porque ele dirige seu olhar para mim.

— Não sente aqui e aja como se você fosse a filha que eu criei — grita ele. — Você acabou de matar alguém.

— Ele ia matar a mamãe — defendo, incrédula que ele está me repreendendo agora. Ele está em choque e com raiva, e descontando em mim.

Ele cerra os dentes, mostrando-os para mim enquanto cospe:

— Se ela morrer, será tudo culpa sua. Aquela bala a atingiu por sua causa!

Suas palavras parecem uma bala própria, me acertando bem no peito e tirando o ar dos meus pulmões.

— O quê? — sufoco.

— Quando você estava brigando com aquele cara, e a arma disparou — ele fala, seu rosto ficando vermelho. Ele me encara como… como se eu fosse um monstro. — A bala ricocheteou e atingiu sua mãe.

Minha boca se abre, sem palavras. Lembro-me de ricochetear, mas nunca vi para onde foi, distraída com o homem com quem eu estava lutando.

Onda após onda de culpa bate em mim, e porra… isso *é* minha culpa. Eu pisco, minha visão embaça com uma nova onda de lágrimas. É como se meu peito estivesse se abrindo, meu coração se derramando ao lado do da minha mãe.

— Não foi ela que puxou o gatilho — Zade corta, me defendendo.

Bufando, ele se vira e olha pela janela, vibrando de fúria.

— Isso é culpa sua também — ele acusa sarcasticamente, direcionando-o para Zade. — Vocês dois. Nada disso teria acontecido se não fosse por seu namorado criminoso, Adeline.

Zade vira a cabeça para o meu pai, o volante de couro gemendo sob seus punhos apertados, e por um momento, estou convencida de que ele vai quebrá-lo completamente ao meio.

— Eu acho que é melhor você calar sua boca de agora em diante, ou então, eu farei isso por você. Como você deixou claro, não sou um bom homem e me importo muito com a forma como você fala com a Addie. Aquele homem estava apontando uma maldita arma para a cabeça da *sua* filha. Isso não é culpa de ninguém, mas das pessoas que invadiram sua casa.

Papai encontra seu olhar, palavras na ponta da língua. No final, ele balança a cabeça e se vira para olhar pela janela novamente, satisfeito com onde seus dedos acusadores estão apontando.

O carro cai em um silêncio pesado, nós quatro em conflito por diferentes razões.

Olho para minha mãe, um soluço subindo pela minha garganta enquanto observo seu rosto pálido. Minhas lágrimas pingam em suas bochechas, mas não me atrevo a remover minhas mãos do ferimento para enxugá-las.

— Sinto muito, mãe. Eu não quero viver esta vida sem você, então fique comigo, ok?



Por mais que eu tente, meu PTSD está começando a ressurgir quando Zade nos leva para uma garagem dentro de vinte minutos, dirigindo até uma cabana de madeira com um brilho amarelo quente emitindo das janelas. Eu reconheço esta cabana – um pouco.

Zade me trouxe aqui logo depois que me encontrou, e mal me lembro de nada sobre este lugar ou Teddy, só que tanto a casa quanto o médico eram calorosos e convidativos. Ao contrário das memórias de um médico diferente que atualmente está elevando minha pressão arterial.

— Esta é a casa de Teddy? — pergunto, minhas mãos dormentes.

Flashbacks de acordar em um hospital improvisado, um velho com olhos azuis pálidos e um sorriso perturbado sob o bigode espesso inclinado sobre mim, me

pedindo para ir com ele. Meu coração bate descontroladamente, e parece que está quebrando minha caixa torácica com a força.

No segundo em que o carro para, Sibby está saindo do carro como se estivesse presa debaixo d'água sem ar. Ela sai correndo para algum lugar, resmungando sobre ter que deixar seus capangas para trás. Nenhum de nós tem a capacidade mental de se preocupar com ela neste segundo.

— Sim. Eu sei que você pode não se lembrar muito, mas o nome dele é Teddy Angler, e seu filho é Tanner. Eles são bons amigos meus — responde ele, desligando o carro e correndo para a porta dos fundos.

— Mantenha a pressão no peito dela — Zade instrui. Rápida e cuidadosamente, ele desliza minha mãe para fora do meu colo, embalando-a contra seu peito enquanto eu mantenho minhas mãos firmes plantadas no ferimento. Juntos, corremos até a porta da frente assim que ela se abre.

Dois homens nos conduzem, papai logo atrás. O calor e o conforto da casa são familiares, mas ainda chocantes para o meu sistema.

Reconheço os dois homens. O mais velho é Teddy, e o mais novo – embora ainda com quarenta e poucos anos – é Tanner.

Eles nos levam pelo corredor em frente e em um quarto com uma cama de hospital, suporte para soro e várias outras máquinas.

O pânico ressurge, e não estou mais no quarto de hospital de Teddy Angler, mas no do Dr. Garrison. Ele está diante de mim, implorando para que eu vá com ele, um olhar enlouquecido em seus olhos azuis leitosos. Metade de sua cabeça se foi, explodida pela bala de Rio, e seu cérebro despedaçado exposto.

Não, não, *não.* Eu não quero ir. Eu não quero…

— *Adeline* — Zade chama rudemente, me sacudindo até que o Dr. Garrison desapareça, substituído por olhos preocupados de cores distintas. — Você está aqui comigo, ratinha. Ninguém vai tirar você de mim.

Eu pisco, visão turva e peito apertado com pânico.

— Sinto muito — sussurro, frustração começando a filtrar ao lado de um milhão de outras malditas emoções que mal posso conter.

— Não sinta, querida. Venha sentar-se e deixe-os operar. Sua mãe vai conseguir, ok?

— Foi isso que Teddy disse? — pergunto, espiando por trás do ombro de Zade, mas não consigo ver muito por trás da estatura maior de Teddy e Tanner do outro lado. Papai está sentado no canto da sala, olhando para mamãe com uma expressão contraída.

— Ele não falou muito, o que é uma coisa boa. Se ele está operando, então há

uma chance.

Assentindo com a cabeça, deixo que ele me leve de volta para uma pequena sala de estar cheia de sofás xadrez verde e azul-marinho, um tapete de pele de urso e uma cabeça de veado acima da lareira marrom, um fogo furioso dentro. O piso, as paredes e os móveis são feitos de madeira polida, dando à casa uma sensação acolhedora e descontraída.

Eu desabo no sofá e começo a deixar cair minha cabeça em minhas mãos, mas imediatamente me afasto, lembrando que elas estão cobertas de sangue seco. Olho ao redor, esperando não estar arruinando o sofá de Teddy, e sento no chão.

Então, lembro que Sibby ainda está ausente, e minha cabeça está girando ao redor.

— Para onde Sibby foi? — questiono, limpando meu nariz escorrendo. Honestamente, de todas as coisas, o constrangimento é o mais baixo na lista de coisas que eu deveria estar sentindo. E algo me diz que Zade me viu em situações muito mais ridículas enquanto me perseguia, então bolhas de melecas são a menor das minhas preocupações.

Zade se senta ao meu lado, me puxando em seu peito e me envolvendo em seus braços. Por mais agradável que pareça, sou incapaz de relaxar. Milhares de insetos estão rastejando sob a superfície da minha pele, enchendo meu crânio com o zumbido de suas asas.

— Vou ver como ela está daqui a pouco. Não havia espaço no carro para seus capangas, e eles ficaram para trás. Eu acho que isso a está assustando. Eles não estavam lá quando ela foi levada para o hospital psiquiátrico, e ela provavelmente está sentindo algum tipo de ansiedade de separação agora.

Eu aceno com a cabeça. Seus capangas são tão reais para ela quanto Zade está sentado ao meu lado. Não é tão fácil como fazê-los fazer *puf* ou conjurá-los diante dela sempre que ela quiser. Ela os vê como pessoas reais, então ela tem que entender quando eles aparecem.

Eventualmente, eles voltarão para ela, e ela provavelmente verá dois homens vestidos de monstros andando pela calçada em direção a ela.

— Ele estava certo — sussurro. — Foi minha culpa que ela foi baleada.

— Você não disparou a arma, nem apontou pessoalmente aquela bala para sua mãe. Não foi sua culpa.

Eu me afasto de seus braços, me sentindo desconfortável em minha própria pele. Não importa que eu não tenha puxado o gatilho, eu ainda o causei quando empurrei o braço dele para baixo.

Sentindo meu tumulto interior, Zade vira o pescoço, estalando os músculos.

Sentado para a frente, ele apoia os cotovelos nos joelhos abertos e junta as mãos.

Meus olhos travam neles, traçando as veias que os atravessam. Essas mãos mataram tantos e protegeram muitos também. Como ele compartimenta seus pecados de suas boas ações?

— Se você fosse eu, você se sentiria culpado? — questiono, minha voz rouca das lágrimas.

Ele lança seu olhar para baixo, contemplando isso.

— Você me viu assumir a responsabilidade por uma morte que não causei. Quando eu derrubei uma rede, e aquela garotinha foi baleada e morta logo antes de eu entrar no prédio. Ou quando você foi sequestrada e eu deveria estar protegendo você… é difícil não levar para o lado pessoal. Sentir esse peso é o que a torna humana. Mas há uma diferença entre sentir a dor de outra pessoa e se culpar porque outra pessoa a machucou.

Ele levanta o olhar, a intensidade brilhando em seus olhos me queima de dentro para fora.

— A rosa esculpida no meu peito é a prova de que nunca é tão simples. Às vezes, me apego a essa culpa porque não me sinto diferente. Mas isso não significa que não vou lembrá-la todos os dias que a culpa que você carrega não é digna de você.

Fecho os olhos, uma tentativa fraca de conter outra onda de lágrimas. Um soluço sai da minha garganta, e eu cubro minha boca para contê-lo, mas isso não é eficaz.

— Ela estava tentando construir um relacionamento comigo — gaguejo. — E eu… eu estava dificultando isso.

Zade pega minha mão e me puxa para ele, e embora eu não me sinta merecedora do conforto, eu a pego, permitindo que penetre em meus ossos enquanto eu choro em seu peito.

Já tive prazer em matar antes, mas isso não significa que sou sem coração. E tudo o que posso pensar agora é o quão pacífico deve ser estar vazio.



— Addie, acorde.

Uma mão puxa suavemente meu braço, me tirando de um sono inquieto. Abro meus olhos turvos, secos e irritados pelas lágrimas.

— Ela está bem? — pergunto, ainda não totalmente acordada, olhando ao redor para ver meu pai cansado sentado no outro sofá, seu rosto franzido.

Zade, Teddy e Tanner estão diante de mim, e eu me sinto um pouco como se estivessem avaliando um paciente pelo jeito que estão me encarando.

Teddy e seu filho parecem quase idênticos. Ambos com olhos verdes suaves, linhas de riso e queixo quadrado. A única diferença é que Teddy tem cabelos mais grisalhos e mais rugas. Ao contrário do Dr. Garrison, sua presença é reconfortante, apesar das palavras que saem de sua boca.

— Ela ainda não está fora de perigo — Teddy responde gentilmente. — A bala por pouco não atingiu seu coração, mas felizmente passou direto e não atingiu órgãos vitais. Ela perdeu muito sangue e ainda corre o risco de infecção. Ela vai ficar desacordada por algum tempo, mas quero que todos saibam que são mais do que bem-vindos para ficarem aqui. — explica ele, lançando um olhar para papai.

Eu aceno, embora encontre pouco alívio. Ela está viva, mas isso pode mudar facilmente.

— Eu preciso doar sangue a ela ou algo assim? — pergunto, minha garganta tão seca quanto meus olhos.

— Tudo bem, querida. Seu pai é compatível e gentilmente forneceu um pouco, e tenho alguns sacos de O negativo armazenados, se precisar.

Assentindo novamente, eu me levanto.

— Eu posso vê-la?

— Claro — ele concorda, levantando o braço para me direcionar para frente.

— Vou checar Sibby — Zade diz, apontando por cima do ombro.

Franzindo a testa, pergunto:

— Há quanto tempo? — Não me lembro por quanto tempo chorei até que finalmente adormeci nos braços de Zade.

— Apenas cerca de três horas. Ela ainda está sentada na porta esperando por seus capangas.

Assentindo, eu me viro e vou para o quarto, com o coração na garganta. E quando abro a porta e a vejo deitada tão quieta e pálida, quase engasgo.

A máquina ao lado dela emite um bipe, sua frequência cardíaca estável por enquanto. Já há uma cadeira ao lado dela, presumivelmente onde meu pai estava sentado. Ele ficou no quarto com ela o tempo todo, e eu me sinto um pouco culpada por isso também. Eu deveria ter ficado com eles.

Mas mesmo agora, estar aqui está ameaçando me mandar de volta para aquele lugar com o Dr. Garrison. Eu deslizo minhas mãos pelo meu cabelo, agarrando os fios com força em um esforço para me aterrar. Para me manter presente.

Estou segura. Zade está do lado de fora. E não há um médico malvado

tentando me sequestrar.

Soltando um suspiro, sento-me na poltrona e agarro a mão da minha mãe. Está fria ao toque, mas ela se sente… viva. Não fria e rígida como um cadáver, o que me traz um pouco de conforto.

— Você quer saber o que realmente é uma merda? — começo suavemente. — Quando cheguei em casa, houve algumas vezes que você me pediu para falar sobre o que eu passei, e eu nunca consegui encontrar as palavras para descrever o terror de acordar com homens te mantendo como refém, ameaçando matá-la. O não saber se você vai viver ou morrer. Eu disse que você não entenderia. Mas suponho que você saiba como é isso agora, hein? E então, você tentaria me explicar o terror *que* sentiu quando eu fui embora e o não saber se eu viveria ou morreria. E você disse que eu nunca entenderia isso também… Mas isso também não é mais verdade, não é?

Meus olhos começam a arder outra vez, e solto sua mão para esfregá-los com as palmas das minhas mãos, silenciosamente me ameaçando a me manter sob controle. Estou cansada de chorar. É exaustivo pra caralho.

Uma vez que eu sinto que tenho um pouco de controle, eu deixo as mãos caírem e agarro a mão dela novamente.

— Estou segurando sua mão, mas você ainda está longe. E eu não sei se você vai acordar. Então, sinto isso agora. E isso… isso realmente é uma merda.

Eu fungo, esfregando a ponta do meu polegar contra a mão dela, não tenho certeza se estou confortando a ela ou a mim mesma neste momento.

— Papai me odeia agora também. Então é isso — sussurro. — Eu juntei os trapos com um criminoso.

Eu solto uma risada fraca.

— *Eu sou* uma criminosa. E suponho que essa seja a única coisa pela qual Zade é responsável. Transformar-me em uma assassina treinada. Mas você sabe o quê? Eu gosto disso. Eu gosto de poder me proteger agora. E eu gosto de não me sentir mais tão fraca. Isso faz de mim uma pessoa má?

Faço uma pausa, franzindo a testa.

— Não responda a isso. Você vai me pedir para parar. E você vai me dizer que quer a velha Addie de volta. Mas ela se foi, mãe. E eu sei que papai desaprova a minha nova versão, mas espero que um dia vocês dois reaprendam a amar quem eu me tornei.

Uma única lágrima se desprende, e eu amaldiçoo a gota por me trair. Eu rapidamente a limpo, voltando a fungar.

— Eu vou entender se você não puder. Às vezes, eu luto para me amar

também. Mas você sabe a única pessoa que vai? Quem sempre vai me amar incondicionalmente? É meu namorado criminoso. E você não acha que isso é admirável?

Eu sorrio sem humor.

— Eu acho que é justo se tentarmos, no entanto. Você decidiu que quando eu voltasse para casa, eu valia a pena amar mesmo eu sendo apenas uma concha vazia. Acho que você pode aprender a me amar como alguém feroz e forte, certo? Então, agora, eu quero que você volte para casa, e qualquer versão de si mesma que você acordar para ser, e qualquer versão que você desenvolver, eu vou te amar também.

28 de junho de 2022

Eu sempre fui bem indiferente em relação ao meu pai. Ao crescer, ele não brincava comigo, ou mesmo conversava. Minha mãe tomava todas as decisões de como me criar. Ele nunca pareceu realmente incomodado comigo, mas também não estava interessado.

Eu acho que parei de ligar quando eu tinha por volta dos cinco.

Última coisa que sinto agora é indiferença. Se estou sendo honesta, eu acho que meio que o odeio. Zade me provocou depois por ter problemas com o papai, e eu nunca senti que isso era aplicado a mim. Mas suponho que faça agora. Porque, agora eu o odeio pra caralho.

Ele não me deixa ver minha mãe.

Ele nunca ligou para nada durante toda a minha vida, mas agora, de repente ele importa com o que estou fazendo da vida. Agora, ele se importa que eu não estou no bom caminho e tem a coragem de agir como se "Ele" não tivesse me criado dessa forma. Ele não me criou de maneira nenhuma.

Ligar não estava funcionando então eu fui na casa deles hoje, e estava devidamente trancada.

Também foi a primeira vez que eu dirigi depois do meu acidente de carro, eu chorei o caminho inteiro. Eu estava surpresa que não me envolvi em outro acidente. Isso seria uma merda considerando que eu roubei o carro do Zade.

Eu não estava pronta para entrar no meu ainda, e ver que a mancha de ketchup não está mais lá.

CAPÍTULO 40
O DIAMANTE



— Deixe-me falar com ela — exijo pelo telefone, mergulhando minha mão trêmula pelo meu cabelo.

— Addie, estou cansado de ter essa conversa. É melhor você dar algum espaço para sua mãe agora — papai responde, parecendo exausto.

— Então, vamos parar com isso! — grito.

Nós só estamos conversando por um maldito minuto, e é culpa dele que não deu o telefone para minha mãe. Eu tentei todos os dias desde que ela voltou para casa, e ele não cedeu. Eu até cheguei a dirigir até lá, mas ele não me deixou entrar.

Teddy a manteve por mais de uma semana, monitorando-a e cuidando lentamente de sua saúde.

Ela estava desacordada quase o tempo todo. E das poucas vezes que ela acordou, acho que ela não se lembrava de muito. Ela estava confusa e desorientada, e com muita dor.

Papai, Zade e eu ficamos ao lado dela a semana inteira, enquanto Sibby foi para casa com seus capangas. Levaram quatro horas para reaparecer, e no segundo em que o fizeram, ela estava de volta ao seu antigo eu. Tenho certeza de que eles fizeram muitas orgias enquanto estávamos fora.

Assim que Teddy sentiu que mamãe estava estável e poderia se recuperar em casa, Zade nos levou de volta para a casa deles. Sua equipe cuidou dos corpos e chegou a restaurar a casa ao seu estado anterior. Acho que papai ficou abalado quando entrou, e parecia que nada tinha acontecido.

Ele deixou Zade e eu ajudarmos a mamãe a se acomodar na cama e logo nos expulsou. Isso foi há cinco dias, e ele ainda não me deixa ver ou falar com ela.

Meu único alívio é que ele deixará Daya entrar, pensando que ela foi removida da minha vida criminosa ou algo assim. Mas agora, não tenho certeza se ele ainda vai permitir isso.

— Por quê? Ela mesma disse isso ou é uma decisão *que você está* tomando?

— Eu sei o que é melhor para a porra da minha esposa — retruca ele, sua raiva aumentando. Mas eu não me encolho como normalmente faria. Eu disse à mamãe que essa versão minha havia desaparecido, e era a verdade.

— Então, o que você está dizendo é que eu não sou boa para ela — concluo, minha voz tremendo de raiva. Meu punho se curva, e a vontade de mandá-lo voando para a parede quase me supera.

— Você e aquele seu namorado — papai corrige. — Eu concordei em não ir à polícia sobre toda essa situação. Mas isso não significa que vou permitir que vocês dois estejam na vida dela se for isso que vai acontecer. Se você quer se foder e se tornar uma criminosa, tudo bem, mas não nos envolva nisso.

O telefone desliga um segundo depois, e eu estouro. Soltando um grito frustrado, eu envio meu telefone voando pela sala, bem quando Zade passa pela porta.

Ele para, os olhos rastreando o telefone enquanto ele bate na parede de pedra e cai no chão em pedaços.

— Você quer que eu vá sequestrá-la? — oferece ele.

Eu viro minha cabeça para ele, minha raiva se aprofundando.

— Ele não está me deixando vê-la porque somos criminosos. E sua solução é… cometer outro crime?

— Bem, quando você coloca assim.

Rosnando, eu me afasto dele e corro em direção à varanda, precisando fugir.

O vento quente chicoteia meu cabelo no segundo em que saio, enviando os fios voando ao redor do meu rosto. Isso apenas encarna como me sinto, como Medusa com uma coroa de cobras raivosas.

Não é justo, mas está ficando cada vez mais difícil olhar para Zade e não o culpar também. Estou começando a voltar para aquela parte amarga e odiosa de mim mesma que estava convencida de que minha vida não seria um show de merda se Zade não entrasse nela.

E como Medusa, porque estou sendo punida injustamente, quero punir todos os outros em retaliação.

Sinto Zade atrás de mim antes de ouvi-lo. Sempre tão silencioso, sempre se aproximando de mim.

— Seu pai está sendo um idiota, Addie, mas ela vai se recuperar, e ele não será capaz de mantê-la longe de você — Zade assegura baixinho.

E se ele entrar na cabeça dela até lá? Convencê-la de que sou ruim para ela, e então ela decidir que não valho a pena amar, afinal.

E eles sempre se sentirão assim enquanto eu estiver com Zade. Eles sempre o verão como uma má escolha, e enquanto eu estiver com ele, eles não me permitirão entrar em suas vidas.

Apenas quando eu tenho a chance de ter um relacionamento real com minha mãe, isso é arrancado de mim. É como condensar toda a minha infância em um dia e me fazer revivê-la.

— Talvez você devesse ir — murmuro.

Um segundo se passa antes que ele fale lentamente:

— Você quer repetir isso para mim, ratinha?

Cerrando os dentes, eu repito:

— Você precisa ir embora.

Eu disse à minha mãe que Zade sempre me amaria incondicionalmente, mas esse amor foi o que quase a matou. Ele mesmo disse isso – Claire me quer tanto por causa dele. Por causa do quanto eu significo para ele.

Aceitar seu amor foi difícil, mas aprendi a estar bem com isso quando eu era a única em perigo. Agora, não sei mais se é assim. Meus pais podem ser idiotas, mas vale a pena sacrificar suas vidas por essa merda?

Eu mantenho meus olhos fixos na água brilhando na tarde iluminada, mas seu silêncio é tão poderoso que invade todos os meus cinco sentidos. Todos os seis, para ser honesta. Porque eu posso sentir como ele está furioso.

— Você acha que isso vai resolver todos os seus problemas, não é? — Ele ri.

Eu me viro.

— Talvez sim. Você pode matar Claire e todos os lacaios dela, e eu finalmente poderei viver em paz.

Ele ergue uma sobrancelha, e seus olhos nunca lhe serviram melhor até este momento. Um tão gelado, e o outro tão cheio de escuridão – duas partes perigosas dele refletindo em mim.

— Isso está ficando velho, Adeline.

Eu recuo.

— Por que, você está bravo que não pode me deixar obcecada por você a ponto de eu precisar de você ao meu lado a cada maldito segundo do dia? Ou você não pode…

— O que, querida? Eu não posso o quê? Fazer você me amar? Se importar comigo? Ou é que eu faço você sentir todas essas coisas quando você não quer?

Ele fica cara a cara comigo, a raiva tensionando suas cicatrizes e amplificando a escuridão gelada naqueles olhos yin-yang.

Você já ficou cara a cara com um urso chateado? Olhou nos olhos da besta

enquanto ela fervia? A maioria não vive para falar sobre isso.

— Você acha que eu vou acreditar em suas pequenas mentiras? Como se eu possuísse um pingo de insegurança — ele termina essa última declaração com uma risada, e isso mexe com meus nervos. Sinto meu rosto se iluminar enquanto meus olhos escurecem.

Ele está rindo de mim, e eu quero machucá-lo. Não com meus punhos, mas com minhas palavras. Eu quero que ele me odeie para que ele entenda como é odiar tanto alguém, mas ainda assim desejar.

Pela primeira vez, eu quero que ele sinta o que *eu* senti, porra, quando ele forçou seu caminho em minha vida.

— Não, mas vai te incomodar quando você descobrir que todos os seus esforços foram desperdiçados. — Seu sorriso escorrega, e sinto minha primeira dose de vitória. Eu dou um passo para ele, apreciando a maneira como ele endurece. — Todo aquele tempo gasto, usando meu corpo contra mim em nome do amor, apenas para nunca me fazer amar você.

Desta vez, quando ele sorri, não há um pingo de diversão. É feroz e fala de um homem preso com uma corda no pescoço, diante da decisão de se enforcar e salvar sua amada do mesmo destino ou jogá-la na forca.

Ele vai me machucar de volta para se proteger? Ou ele vai ficar parado aqui e aceitar isso?

— Ah, é? — ele desafia. — Professar seu amor e me implorar para esculpir uma rosa em seu peito foi por diversão?

Ele mostra os dentes, e meus pulmões se contraem.

— Você ficou tão boa em escrever livros que não sabe mais a diferença entre a realidade e sua imaginação?

Eu estreito os olhos.

— A síndrome de Estocolmo é real. Uma reação humana a alguém constantemente ameaçado. Faz sentido enganar nossos cérebros para pensar que amamos a pessoa. Se ao menos tornar mais fácil tolerá-los.

Ele ergue uma sobrancelha, não impressionado. E esse ato ainda é tão emocionante como sempre foi.

— Isso é bom? É bom me punir por algo que seu pai está fazendo? — ele pergunta, sua voz profunda apenas um sussurro. Essa pequena dose de vitória se transforma em uma poça e, em seguida, uma inundação quando a dor atravessa seus olhos.

Ele já me odeia? Ele sente como o amor verdadeiro realmente é?

Você não pode realmente amar alguém se você nunca a odiou. Dois lados de

uma faca de dois gumes, e ambos cortam profundamente.

— Parece que finalmente estou me libertando — eu cuspo.

Ele acena devagar, seu olhar penetrante avaliando.

— E você disse que não tinha problemas com o papai — ele reflete, afastando-se de mim. Faz meu coração pular, vê-lo se afastar.

A inundação da vitória fez sua onda através do meu corpo, e agora a maré está puxando para trás, e estou começando a sentir as ramificações.

Ele dá mais um passo para longe e inclina seu corpo em direção às portas. Uma cratera se formou, enchendo-se de um oceano que nos divide. É engraçado como isso é o mais longe que me senti dele, mesmo quando centenas de quilômetros nos separavam.

Uma semente de pânico brota, mas talvez seja apenas adrenalina. Porque do jeito que Zade me olha agora, parece que ele vai escolher a si mesmo. Ele vai atacar, e eu serei aquela a ficar pendurada na forca.

— Por favor, querida, corra livre então. Mostre-me até onde você chega antes de perceber que está apenas fugindo de si mesma. Quanto tempo você vai durar quando eu possuo tudo o que lhe dá vida?

Meu peito aperta, mas eu rio, zombando dele enquanto ele zomba de mim.

— Você não possui nada além de um demônio em seu corpo.

Ele me ignora.

— Seu coração, sua alma e sua própria respiração. Corra, ratinha. Desta vez, ninguém estará perseguindo você.

Suas últimas palavras me sufocam, e então ele caminha pelo meu quarto e sai pela porta, fechando-a atrás dele.

Merda. Eu respiro fundo, mas só chio quando meus pulmões se recusam a funcionar. *Merda, merda, merda*.

Eu me viro e trabalho para continuar respirando, mas parece que estou apertando ainda mais meus pulmões, reduzindo-os a minúsculos fios de metal que cortam minhas entranhas a cada inspiração.

Pare com isso, Addie. Esta é a decisão certa.

É, realmente?

Você está protegendo sua família.

Então por que parece que eu alienei minha alma do meu corpo? Empurrei-a para fora como se não pertencesse lá.

Você não precisa dele para sobreviver, Addie.

Não, eu não preciso. Provei que isso é verdade durante os meses em que fui forçada a não fazer nada *além de* sobreviver. Eu posso viver sem Zade.

Mas isso não significa que não vai doer. Isso não significa que eu não vou viver sem um grande pedaço de mim faltando. Como perder um membro, eu sempre o sentiria, mesmo quando ele não fosse mais parte de mim. Isso me deixa fraca? Dependente?

Ou apenas alguém loucamente apaixonada.

Merda.

Eu ando pela varanda, o pânico forçando meu corpo a um estado de mau funcionamento. Para frente e para trás, gritando comigo mesma para correr atrás dele, e o medo virando meu corpo de volta.

Ele poderia me rejeitar. Eu fui insensível e uma completa idiota quando ele destruiu o mundo para voltar para mim. E o que eu fiz? Empurrei-o para longe.

Porra. Eu fui de me culpar, para culpar a única pessoa que fez tudo por mim.

Eu congelo por um instante, e então me agacho, sentindo como se uma escavadeira tivesse acabado de passar por mim.

— Addie, sua *idiota do caralho* — rosno para mim mesmo.

Meus pais teriam sido sequestrados e, possivelmente, torturados se não fosse por ele. Ele sabia que Claire ia aprontar alguma coisa, então ele verificou se eles estavam seguros, e nos levou até lá antes que pudessem pegá-los. Quem sabe o que Claire teria feito com eles? Não acredito nem por um segundo que eles teriam ficado ilesos.

Porra, ele os salvou, assim como fez por mim e por centenas de outros.

Tão idiota.

Finalmente, minhas marchas mudam para o piloto automático e corro em direção à porta. Vai ser como aqueles filmes românticos bregas, garanto a mim mesma. Vou abrir a porta e ele estará do outro lado, esperando por mim, porque ele sabia muito bem que eu estava blefando.

Mas quando abro a porta, coração na boca e um pedido de desculpas na língua, descubro que ele não está esperando por mim. Ele se foi.

Eu esvazio, e minha esperança se esvai como hélio saindo de um balão cansado.

Não, foda-se isso. A última coisa em que Zade e eu estamos é em um filme da Hallmark.

Saio da sala, pelo corredor, e sigo em direção aos degraus. Meus pés me levam para baixo rápido demais e, na minha pressa, quase caio de cara no ladrilho quadriculado, o corrimão mal me salvando. Eu cheguei a cinco centímetros de ter que confrontar Zade com meus dentes da frente lascados, e isso teria sido totalmente embaraçoso.

Como merda de carma instantâneo que só Deus me azararia.

A porta da frente bate de forma detestável contra o batente, e antes que eu possa ser aniquilada por uma madeira que provavelmente pesa mais do que eu, desço a varanda.

Lá. Apenas uma sugestão das costas de Zade permanece antes que ele desapareça no emaranhado de árvores.

— Ei! — grito, correndo atrás dele. Chego perto o suficiente para ver seu queixo cair sobre o ombro, apenas um momento antes de ele sair correndo.

Eu suspiro, ofendida pela pura audácia deste homem.

— Ah, seu *idiota.*

Você mereceu isso.

— Cala a boca — murmuro para mim mesma. Eu saio atrás dele, e eu só sei que ele está tendo um prazer doentio em inverter os papéis e me fazer correr atrás dele.

Ele está me dando uma prova do meu próprio remédio, e tem gosto de bunda.

Fiquei mais rápido com todas as corridas que fiz nos últimos meses e minha resistência se fortaleceu. Mas ainda não sou páreo para Zade. Suas longas pernas comem o chão de terra mais rápido do que as minhas, e fico frustrada à medida que a distância entre nós aumenta.

Logo, ele desaparece completamente, e eu desacelero até parar, ofegante e à beira das lágrimas.

Eu giro em círculos, mas rapidamente paro com isso quando só serve para ficar tonta. Por vários minutos, eu me afundo em minha miséria enquanto recupero o fôlego. Lágrimas cobrem os cantos dos meus olhos, e a única pessoa que eu tenho que culpar sou eu mesma.

Posso estar um pouco quebrada agora, mas isso não justifica meu comportamento em relação a Zade.

Assim que me viro para encontrar o caminho de volta para o Casarão Parsons, um galho se quebra atrás de mim.

Uma sensação sinistra arrepia os cabelos da minha nuca, e meu estômago se aperta. Girando ao redor, um grito assustado sai da minha garganta quando Zade está bem ali.

O choque me paralisa, e antes que eu possa dizer uma palavra, ele está me agarrando pela garganta, me levantando e me jogando contra uma árvore bem ao meu lado.

Eu grito, desorientada e agora sem fôlego enquanto ele suga o oxigênio dos meus pulmões, apertando até que eu tenha certeza de que ele vai quebrar meu

pescoço. Apesar de minhas unhas arranharem sua mão, ele não cede. Em vez disso, ele me levanta mais alto e, em desespero, eu chuto minhas pernas e as enrolo em sua cintura, curvando minhas costas para aliviar um pouco a pressão.

Meu corpo quase faz os movimentos para desalojar sua mão da minha garganta, mas eu paro. O que quer que ele tenha a dizer, o que ele planeja fazer, eu mereço.

Francamente, não *quero* escapar dele.

Ele está respirando pesadamente, e mesmo em meio ao pânico, eu sei que é puramente de excitação. Sua boca se afasta apenas uma polegada da minha, sua pasta de dente mentolada se misturando com couro, especiarias e uma pitada de fumaça, os aromas intoxicantes nublando meus sentidos. Gradualmente, sua mão aperta e o instinto começa a assumir o controle. Eu me debato contra ele, mas ele só pressiona mais forte em mim.

— O que há de errado, querida? Não se cansou da primeira vez e voltou para mais?

Eu dou um tapa nele, minha visão começando a escurecer, e eu não preciso de um espelho para ver que meu rosto está vermelho-tomate e a segundos de ficar roxo. Finalmente, seu aperto afrouxa, e eu sugo o ar, embora ele não retire a mão.

— Fodido, *idiota* — sufoco, e *sim*, eu vejo a hipocrisia, mas foda-se de qualquer maneira.

Ele mal me dá um momento para respirar, então está ameaçando me roubar o ar mais uma vez. Seu aperto não é tão forte, deixando um pouco de espaço na minha traqueia que me permite inalar.

— Vamos, ratinha, você sabe que eu só respondo a dois nomes — ele provoca. — Deixe-me ouvir você dizer meu nome. Parece muito mais doce quando você não consegue respirar.

— Zade — rosno, mas ele balança a cabeça.

— Uh-uh — ele responde, a voz mergulhada em doce veneno. — Eu quero que você me chame pelo meu outro nome, Adeline.

Lágrimas de frustração se acumulam em meus olhos, uma se libertando e deslizando pelos meus cílios. Ele rastreia a gota, um sorriso selvagem aparecendo em seus lábios antes que a ponta de sua língua saia e lamba a gota salgada do meu rosto.

Eu cerro meus dentes, orgulho crescendo, alimentado pela raiva por este homem insuportável. Quando Zade e eu estamos felizes, é fácil esquecer o quanto ele gosta de me ver sofrer. E eu me pergunto se é por isso que eu ataquei

sem pensar. Talvez uma parte minha goste do jeito que ele me faz sofrer também.

Ele desliza a ponta da língua pelo lado da minha bochecha e para o meu ouvido, deixando um rastro molhado em seu caminho antes de sussurros escuros aquecerem minha pele.

— Se você me fizer dizer de novo, vou amarrá-la a esta árvore até que os pássaros estejam prontos para comer.

— *Deus* — mordo, minha voz rouca pela tensão —, você está feliz agora?

Ele arreganha os dentes, e percebo que o medo que ele instiga em mim provavelmente me comerá viva antes que os pássaros tivessem a chance.

— Nem mesmo perto, porra — ele sibila. — Acho que gosto muito da ideia de amarrá-la a esta árvore, os pássaros se banqueteando com a ratinha indefesa.

O terror desliza pela minha garganta apertada e desce até o meu estômago, se transformando em uma sensação inebriante que queima e queima até meus olhos caírem em um estado semicerrado.

— Me puna, então. Eu mereço isso — eu falo.

Eu *quero que* ele faça isso.

Enquanto ele estiver aqui, me tocando, me machucando, é melhor do que ele ser outro fantasma assombrando o Casarão Parsons.

— Ou o gatinho está com muito medo do rato?

Ele inclina a cabeça para trás, uma risada saindo de sua garganta e enviando calafrios pela minha espinha. Malvada. Foi uma risada maligna, e minha excitação aumenta.

De repente, ele me solta e se afasta, mal me dando tempo para me segurar. Assim que eu me endireito, ele levanta o queixo.

— Você veio aqui para pedir perdão?

— Sim — sussurro. — Eu estou…

— Tira a roupa — ordena, cortando meu pedido de desculpas.

Mordendo de volta uma réplica, eu obedeço, e tiro as peças de roupa do meu corpo até ficar nua. Está quente lá fora, mas tremo sob seus olhos em chamas.

Meus mamilos endurecem sob seu olhar errante, fazendo com que suas narinas se alarguem. Suprimindo o desejo de me cobrir, eu me inclino para trás contra a árvore, outro arrepio torturando meu corpo pela casca áspera.

Lambendo os lábios, ele olha para mim como um falcão olharia para um rato. Predatória e cheia de intenção. Lentamente, seus longos dedos desfazem a fivela do cinto, antes de puxá-lo para fora das alças de seu jeans preto.

Uma pedra se forma na minha garganta, mas não me incomodo em engoli-la

porque sei que ela voltará tão rápido quanto se foi. Especialmente quando ele caminha em minha direção, e depois atrás da árvore. O tronco não é grande de forma alguma, então assim que eu vou virar minha cabeça, sua mão vem por trás de mim e agarra meu queixo, forçando-o a ficar reto.

— Vire para frente, Adeline — ele ordena, sua voz profunda cheia de advertência.

Sua mão recua, e meu coração bate de forma irregular, fazendo minha respiração soluçar. O peso da antecipação é sufocante, e quando finalmente vejo seu cinto aparecer, não posso deixar de recuar.

Ele passa pela minha garganta e ao redor do tronco antes de apertar, o couro gemendo com a força. Meus olhos se arregalam, meu precioso suprimento de ar é cortado pela terceira vez quando ele volta a apertar a fivela. O filho da puta usou seu cinto para me prender na árvore.

Ele sai de trás de mim e me encara mais uma vez, seu olhar diabólico absorvendo sua obra-prima.

— Você está fodido na cabeça — digo a ele, e então tusso quando o couro cava na minha pele.

Ele cantarola para mim.

— Você usa palavras bonitas como facas afiadas, e eu acho que você se apegou a me ver com cicatrizes. Eles deixam sua boceta molhada, querida?

Eu levanto meu queixo, decidindo tomar um caminho diferente e seguir com a verdade pela primeira vez.

— Sim — admito, com a maior firmeza que consigo.

Ele olha para mim, suas piscinas incompatíveis tão intensas quanto o vento frio devastando meu corpo. A cicatriz pálida cortando seu olho branco se destaca orgulhosamente entre a carne lisa.

Dói olhar para ele.

Seu olhar se estreita, e ele se aproxima de mim até que eu possa sentir o calor feliz irradiando de seu corpo.

— Eu não quis dizer o que eu disse — sussurro antes que ele possa dizer as palavras que estão descansando em sua língua. — Eu sinto muito.

Ele faz uma pausa, e meu desconforto cresce à medida que seu olhar se intensifica.

— Eu não lhe dei nada além de honestidade, e você continua a mentir para mim. Esta é outra tentativa de me trazer de volta apenas para me expulsar de novo?

Eu engulo, minha garganta mais seca do que a casca da árvore cavando nas

minhas costas.

— Não — digo, e meu lábio treme com a vergonha queimando a parte de trás dos meus olhos. — Você tem razão. Eu… não há desculpa para o que eu disse. Eu não quero que você vá embora. E eu amo você.

— Isso é o você diz — murmura. Ele inclina a cabeça e reflete em voz alta: — Ainda assim, você tentou voltar atrás. Você me deu algo precioso e depois tentou arrancá-lo.

Eu balancei minha cabeça, desespero entupindo minha garganta.

— Eu não vou fazer isso nunca mais — juro, outra lágrima queimando um rastro pela minha bochecha fria. Ele prende sua atenção, e vejo seus olhos se concentrarem nele, rastreando-o até escorrer do meu queixo.

Quando ele olha para mim mais uma vez, me ocorre que isso não é apenas um castigo. Este será um teste para provar o meu amor. Para provar que quero dizer isso quando digo.

— Você me cortou porque sabe que sangrarei de bom grado por você. Então, agora eu quero ver você sangrar por mim.

Eu abro minha boca, preparada para dizer a ele que eu já fiz isso, mas antes que eu possa, ele se curva e pega um galho longo e retorcido do chão, segurando-o em sua mão. O que quer que eu fosse dizer, dá uma cambalhota de volta na minha garganta, e meu coração para no meu peito.

— O que você vai fazer? — pergunto hesitante, olhando para o galho como se ele estivesse segurando uma arma.

Apague isso, já fiz isso antes. Eu sobrevivi a isso antes.

Ele responde à minha pergunta levantando o braço para trás e me dando um tapa na coxa com o galho. Por um feliz segundo, estou chocada demais para sentir qualquer coisa, mas então a dor aguda e penetrante me envolve, e tudo que posso fazer é soltar um grito estrangulado. Eu olho para minha coxa em descrença, um vergão vermelho irritado já saindo da minha pele.

Meu peito arfa, observando uma linha de sangue escorrer da ferida antes de descer pela minha coxa.

Eu olho para ele, boca aberta, olhos arregalados e total perplexidade no meu rosto.

— Você me chicoteou — sussurro, incapaz de dizer qualquer coisa além do óbvio.

Ele se agacha, olhando atentamente para os pequenos filetes de sangue manchando minha coxa. Levantando a mão, seus dedos deslizam sobre a ferida, e eu assobio em resposta.

Ele olha para mim através de cílios grossos e pretos, e se eu não estivesse amarrada a uma árvore, eu desmaiaria com a intensidade crua em seu rosto.

— Você não está disposta a sangrar por mim?

Eu mordo meu lábio trêmulo. Eu o cortei profundamente, uma ferida invisível que o deixará com cicatrizes tão permanentes quanto as marcas em seu corpo. Alguns dias, quando estou perdida em minha própria cabeça, esqueço o quanto Zade ama intensamente.

— Dar meu coração para você foi algo que eu rezei para nunca fazer — sussurro. — Mas você sempre foi um deus, e eu não percebi que minhas súplicas estavam indo direto para suas mãos. No entanto, elas sempre ficaram sem resposta.

Vendo-o agora, ajoelhado diante de mim, entendo o porquê. O dia em que entreguei meu amor a ele foi a primeira vez que um deus caiu de joelhos, inclinou a cabeça e orou. Ele orou porque eu lhe dei a única coisa que ele nunca poderia controlar, e ele nunca iria queria perdê-la.

Minha visão turva, e eu luto para manter as lágrimas sob controle.

— Vou sangrar por você, Zade. Eu sempre vou sangrar por você.

Seus olhos se fecham, e ele baixa o olhar antes que eu possa decifrar a emoção neles.

Lentamente, ele se levanta e, quando levanta as pálpebras, não vejo nada além do meu próprio reflexo. Eu me preparo, mas isso faz pouco para o relâmpago que queima minha carne quando o galho pousa no meu estômago.

Respirando pela dor, imploro:

— Deixe-me ver suas cicatrizes.

Surpreendentemente, ele me concede esse pequeno pedido e tira o capuz da cabeça.

Eu mergulho o olhar em seu torso nu e libero uma expiração trêmula. Onde ele me acertou é quase exatamente o mesmo lugar que a cicatriz em seu estômago. Através da visão turva, eu o vejo erguer o braço, acertando outro golpe para espelhar seu ferimento no peito, reabrindo a rosa não curada sobre meu coração.

Eu disse a ele para esculpir aquela rosa em minha pele porque eu queria suportar a dor que suportamos juntos. Quando ele ataca novamente, replicando mais uma marca, eu percebo que ele está me dando sua dor – compartilhando comigo.

Firmemente, a queimadura de cada ferida transcende até que eu sinta cada batida de agonia no ápice das minhas coxas. O sangue cobre meu corpo,

pintando minha carne em um mosaico de dor e prazer. Com cada golpe, meu clitóris pulsa, e eu fico mais molhada e mais quente. Estou ofegante no momento em que ele deixa cair o galho, minhas pernas tremendo e ameaçando ceder debaixo de mim.

Seu próprio peito arfa e seu jeans de cintura baixa só define o quão duro ele está.

Um estrondo profundo sai de sua garganta enquanto seu olhar devora a obra de arte que ele criou no meu corpo. Minha pele é a tela para liberar sua dor, e estou feliz em aceitar cada golpe de raiva.

— Eu sempre quis amar você. Mas acho que odiar você tem o mesmo gosto agridoce.

— Por favor — sussurro, incapaz de dizer qualquer outra coisa.

Estou em seus braços um momento depois, o cinto em volta da minha garganta prendendo minha respiração. Mas eu não me importo – mal noto – quando tudo que posso sentir é o deslizar de sua pele contra a minha. Ele pega o cinto e me levanta mais alto em seus braços, erguendo a alça de couro comigo para acomodar minha nova posição. Minhas pernas envolvem firmemente em torno de sua cintura, e eu remexo meus quadris, estremecendo com a sensação de seu pau duro deslizando contra minha boceta, a aspereza de seu jeans apenas aumentando o prazer.

Suas mãos deslizam sobre as marcas, provocando um assobio agudo. Um som rapidamente engolido por seus lábios. Minhas costas arqueiam, felicidade subindo pela minha espinha enquanto ele me devora, sua língua traçando a costura dos meus lábios antes de mergulhar, explorando minha boca enquanto suas mãos fazem isso em meu corpo.

Cada toque dói, embora alimente o crescente fogo selvagem sob minha pele. Desesperadamente, eu puxo seu jeans, o zíper mal se soltando antes que seu pau saia dos limites.

Minha mão envolve seu comprimento, provocando um estremecimento nele que não tem nada a ver com o vento ainda devastando Seattle. Ele é quente ao toque e tão duro pra caralho que sinto uma pitada de desconforto.

Mas o deus das trevas não se importa se eu vacilar. Ele agarra a parte de trás dos meus joelhos e força minhas pernas a se separarem, libertando-o do meu aperto. Ajoelhando-se diante de mim, ele coloca cada uma das minhas pernas sobre seus ombros e arrasta sua boca contra a parte interna da minha coxa.

Eu puxo uma respiração quando seus lábios deslizam perto de um vergão, a dor queimando brilhantemente enquanto seus dentes afundam em minha carne.

O sangue infiltra entre seus dentes, e eu grito quando a agonia começa a me dominar.

Finalmente, ele me solta, uma marca de mordida perfeita impressa ao lado do vergão, pontilhada de saliva.

— Acho que poderia comer você viva, Adeline. Consumir cada pedacinho seu enquanto você grita embaixo de mim. E mesmo na morte, você ainda me torturaria. Eu morreria de fome porque nada mais se compararia a você.

— Você nunca será capaz de viver sem mim, Zade — respiro. — Se você é minha morte, então eu sou a porra da sua salvação.

Ele sorri com humor, a inclinação de seus lábios é perigosa enquanto ele os arrasta pela minha coxa e em direção à minha boceta dolorida. Estou encharcada, e o mais leve toque de sua língua me fará voar alto.

— Você é — concorda ele. — Você é a única coisa que eu preciso para sobreviver. Eu te seguirei até a vida após a morte, ratinha. E, então, como você vai escapar de mim? Não há para onde correr depois que você for arrastada para o inferno.

Sua boca se fecha sobre meu clitóris antes que eu possa pensar em responder. Minha cabeça cai para trás com o prazer explosivo que irrompe sob sua língua habilidosa.

Eu grito, meus olhos rolando enquanto ele trabalha em mim com tanta precisão; é como se eu não passasse de um violino que canta para ele quando ele me acaricia assim.

A maneira como eu grito por ele pode ser nada menos que arte.

Assim como prometeu, ele me devora. Mordendo e chupando até eu implorar por misericórdia, então me lambendo até que não existam outras palavras além do nome dele na minha língua.

Minhas coxas apertam em torno de sua cabeça enquanto eu, inconscientemente, me aperto contra ele sem pensar. Estou escalando uma montanha, e quanto mais alto estou, mais difícil é respirar. Que pequeno truque sujo – para me enganar em perigo. Quando eu chegar ao pico, não haverá mais ar, e essa subida terá sido apenas para o céu.

Suas mãos roçam minhas coxas machucadas, espalhando carmesim na minha pele e despertando uma dor aguda.

Sua língua entra em mim, enviando meu corpo despencando daquela montanha e minha alma para o paraíso. Um grito rasga minha garganta apertada, rouca e tensa enquanto eu me esfrego contra ele, prendendo-o entre minhas coxas e roubando-lhe o oxigênio.

Abrindo minhas pernas, ele me agarra sob meus joelhos e me levanta um pouco mais alto enquanto se levanta, aliviando um pouco da pressão na minha garganta. Eu coloco minhas mãos em seus ombros largos, me equilibrando.

Minha excitação brilha em seus lábios largos, queixo e desce pela coluna de seu pescoço. Lentamente, ele desliza a língua para fora, lambendo-a como um pobre homem provando uma iguaria pela primeira vez.

Ele cantarola, satisfeito com o meu gosto. Meu estômago aperta em resposta ao olhar quase enlouquecido em seus olhos.

Moldando seu corpo quente contra mim, estremeço ao sentir sua pele pressionada na minha. Eu nunca poderia negar o quão bom Zade se sente, mesmo quando eu estou desesperada para isso.

— Enrole suas pernas em volta de mim — ele ordena rudemente, seu tom abafado. Ele remove os braços de debaixo das minhas coxas e eu os circulo firmemente ao redor de sua cintura.

Uma mão desliza para fora da minha coxa, enquanto ele ancora a outra na árvore ao lado da minha cabeça, sustentando nosso peso. Sua cabeça está abaixada, o nariz deslizando ao longo da coluna do meu pescoço.

— Eu sou muito viciado em você para te deixar ir — murmura ele. Meus olhos se fecham, outra dose de alívio me atingindo direto no coração. — Mas não sei como fazer você ficar — ele continua, seu tom escurecendo. Minhas sobrancelhas se juntam, sentindo uma sensação de perigo iminente no horizonte.

— Eu vou…

Seu queixo se inclina até que sua boca esteja bem perto da minha orelha.

— Eu não acredito em você — sussurra ele, me cortando.

Ele disse a mesma coisa para mim apenas algumas semanas atrás, e eu pedi a ele para esculpir uma rosa em meu peito para provar meu amor. Mas então, tentei mandá-lo embora, e não sei como vou provar a mim mesmo novamente.

Meu coração bate forte, e luto por uma maneira de convencê-lo. Eu não tenho exatamente um grande histórico – eu sei disso. Afastar Zade e fugir dele sempre foi tão fácil para mim.

Muito fácil, se estou sendo honesta. Mas deixá-lo escapar por entre meus dedos, isso é algo que eu nunca fui capaz de realizar.

— Eu sabia que você ia fazer isso comigo, ratinha. Eu sempre soube que chegaria a isso — diz ele suavemente.

Eu sou uma massa de confusão e pavor de bater o coração.

— O que você está…

Antes que eu possa terminar, ele inclina meus quadris para cima apenas o

suficiente para me alinhar em seu pau, dirigindo-se dentro de mim no mesmo momento. Apesar de estar excitada, nunca se está o suficiente preparada para o tamanho dele.

Minhas costas se curvam, o cinto de couro aperta minha garganta como refém assim que um grito estrangulado é liberado, rapidamente levado pelo vento.

Zade joga a cabeça para trás, um rosnado profundo crescendo em seu peito. Ele me pressiona profundamente na árvore, agarrando meu quadril em um aperto que deixará marcas, afundando seu pau cada vez mais fundo até que eu sou incapaz de aguentar mais dele.

Solto outro grito sufocado, sensações se desenrolando de onde nos conectamos e por todo o meu ser. A casca áspera crava na minha pele, mas eu mal noto quando ele está invadindo meu corpo tão completamente.

A mão segurando meu quadril desliza até meu estômago, seus dedos cavando em minha pele.

— Será que estar inchada com meu filho faria você ficar? — pergunta ele sombriamente, então geme como se estivesse dominado pela felicidade do pensamento.

Minha boca se abre, minha atenção dividida entre suas palavras quase ameaçadoras e a maneira como ele está se movendo dentro de mim.

— Uh. — Uma pequena resposta, mas que soou mais como um gemido. — Talvez um dia? — grito, quase tossindo quando o cinto aperta minha traqueia.

Ele se retira para a ponta, então se empurra completamente dentro de mim, sua pélvis se esfregando na minha. Eu engasgo, e meus olhos quase rolam de quão cheia eu estou.

A respiração quente dele em meu ouvido, e parece um aviso.

— Eu não estava pedindo permissão, querida. Você ficaria ou fugiria com meu filho?

Estou tão desorientada por sua linha de questionamento; demoro um momento para raciocinar. Meu coração para, e eu suspiro tanto por sua implicação quanto por ele se esfregando contra mim novamente, sua pélvis estimulando meu clitóris do jeito certo.

— Você… eu tenho um DIU — digo. Seria difícil falsificar isso. Não a menos que ele puxasse fisicamente do meu corpo.

— Você tem? — murmura ele, sua voz profunda baixa e desafiadora. Ele coloca a questão de uma maneira que sugere que ele sabe a resposta para essa pergunta melhor do que eu.

Minhas unhas cravam em seus ombros, e quando a compreensão começa a

aparecer, eu o empurro. Claro, ele resiste contra mim, uma fortaleza de aço que nem mesmo uma bomba nuclear poderia desmoronar.

— Você não fez — estalo.

— Você dorme tão pesadamente, às vezes — responde ele, pressionando mais fundo em mim enquanto eu tento empurrá-lo de volta. Ele desliza para fora antes de entrar em mim mais uma vez, desenhando uma mistura entre um gemido e um suspiro enfurecido.

— Zade — aviso, a voz tremendo.

Ele geme contra mim, agora constantemente me fodendo.

— Isso vai fazer você ficar? — questiona outra vez. Eu viro minha cabeça, direcionando meu olhar para ele, apesar do ciclone de prazer rodando no fundo do meu estômago. Observando minha expressão, o filho da puta tem a audácia de sorrir.

— Você não está perguntando se um bebê vai me fazer ficar. Você está perguntando se eu ficaria se você me forçasse a uma gravidez — respondo.

A mão que sustenta nosso peso contra a árvore desliza para baixo até se apoiar na alça do cinto, fazendo com que ela se aperte e corte meu suprimento de ar.

Eu me engasgo, mas ele não desiste. Seus olhos são selvagens, e agora, eu me pergunto como minhas palavras podem afetá-lo tão profundamente.

Ele faz as piores coisas às vezes, e ainda assim aqui estou, enrolada em torno dele mesmo quando ele me ameaça.

— Ainda valho a pena amar, ratinha? — pergunta ele com os dentes cerrados.

Eu tento engolir, mas fica preso na minha garganta.

Porra, o idiota realmente traz à tona o pior de si mesmo. E ele faz isso sem nenhum remorso, expondo todas aquelas partes escuras em uma bandeja de prata, me desafiando se eu vou aceitar ou não.

A escuridão lambe as bordas da minha visão, mas lhe dou a verdade. Eu aceno com a cabeça, respondendo a ambas as suas perguntas. Ele vale a pena amar. E eu ficaria.

Ele afrouxa o cinto, e eu tusso, sugando o ar desesperadamente, embora seja inútil. Qualquer oxigênio que coletei em meus pulmões é expulso de mim quando ele aumenta o ritmo, a mão no meu estômago deslizando para baixo até que seu polegar alcance meu clitóris, circulando o ponto até meus olhos rolarem.

Não estou pronta para ter filhos. Eu nunca estive pronta para qualquer coisa que Zade jogue em meu caminho. No entanto, isso não me impede de encontrar seus impulsos, um orgasmo se formando na minha barriga.

— Você nunca vai escapar de mim, ratinha. Você acha que alguém poderia

fazer sua boceta gotejar do jeito que eu faço?

Ele inclina os quadris, atingindo aquele ponto dentro de mim que me faz apertar ao redor dele. Eu balanço minha cabeça, incapaz de falar. A única coisa que posso fazer é agarrá-lo, raspando minhas unhas em suas costas, fazendo cortes profundos e vermelhos em sua pele como ele fez com a minha.

Rosnando fundo em seu peito, ele range os dentes.

— Eu te desafio, Adeline. Negue que meu nome não esteja gravado em cada estrela que você vê quando eu faço você gozar, e vou te mostrar que um deus pode criá-los tão facilmente quanto ele pode destruí-los.

O nó no meu estômago aperta até o ponto de ruptura, e meus gemidos se transformam em gritos roucos quando ele me fode brutalmente contra a árvore, continuando a circular meu clitóris com o polegar. O cinto em volta da minha garganta penetra na minha pele, confinando minha traqueia apenas o suficiente para enviar sangue correndo para o meu rosto.

— Só você — murmuro, as palavras perdidas dentro dos sons de prazer rasgando meus lábios.

— É isso, Adeline. Agora tome meu gozo como uma boa garotinha.

Minhas costas se curvam e eu estouro, gritando com a força do orgasmo que me rasga. Eu me sinto apertando em torno dele, seu pau atravessando minha boceta apertada com uma força que rivaliza com o prazer que me consome.

Minha visão se apaga como o sol atrás da lua durante um eclipse solar. Sua escuridão devora minha luz, e decido que estou contente em viver nas sombras.

Sua palma bate ao lado da minha cabeça, e com um impulso final, ele explode com um rosnado profundo. Esfregando seus quadris contra os meus, ele se esvazia dentro de mim, xingando baixinho até que a última gota seja arrancada dele.

Vários minutos se passam, e nós dois voltamos lentamente e recuperamos o fôlego. Bem, *ele está* recuperando o fôlego. Ainda estou lutando pelo meu devido ao cinto em volta da minha garganta.

Ele sorri quando nota como meu rosto está vermelho – posso senti-lo queimando sob seu olhar. Alcançando ao redor, ele solta a fivela, e o cinto cai um segundo depois.

Minha caixa torácica se projeta de quão profundamente eu inalo, sentindo como se estivesse respirando pela primeira vez depois de me afogar por tanto tempo.

Foi assim que uma vez descrevi como era o amor de Zade, e nunca foi tão verdadeiro até agora.

Enquanto ainda estou puxando o precioso oxigênio, ele segura minha mandíbula entre os dedos e força meu olhar para o dele.

— Nunca mais, Adeline. Eu poderia aceitar você me afastando quando você ainda estava descobrindo o que sentia por mim. Mas não mais. Essa foi sua última vez. Entendeu?

Eu aceno, a vergonha reacendendo.

— Sim, nunca mais. Me desculpe — resmungo, envolvendo meus braços firmemente ao redor de seu pescoço. — Mas eu espero que você saiba que eu sempre vou fugir de você. Eu gosto do jeito que você me persegue.

Ele morde o lábio, o calor em seus olhos queimando. Inclinando-me para frente, eu o beijo suavemente, rezando para que ele possa sentir o quanto eu quero dizer isso.

Sua mão mergulha no meu cabelo, amplificando a doçura para algo mais selvagem. Mas muito cedo, ele está se afastando. Eu vou atrás dele, roubando mais um antes que ele me coloque no chão, me apoiando enquanto minhas pernas se acostumam a segurar meu peso. Elas tremem ferozmente, e eu só sei que o ego do idiota está crescendo novamente.

— Precisa de uma cadeira de rodas, querida?

Eu fungo e murmuro:

— Não — ofendida por sua babaquice —, elas estão apenas cansadas de você me fazer correr.

Ele ri, sabendo muito bem como isso é mentira. Mas eu sorrio de volta, e percebo que gosto do jeito que Zade ri tanto quanto gosto do jeito que ele me pune.

— Como elas vão se sentir quando você estiver grávida de nove meses e eu estiver correndo atrás de você?

Eu aperto meus lábios, mas sorrio com vitória quando percebo que nem estou ovulando. Quando digo isso, ele apenas sorri.

— Eu não tirei seu DIU — ele diz, se abaixando para pegar nossas roupas.

Minha boca cai aberta.

— Então, que porra foi tudo isso?

Ele dá de ombros, ainda sorrindo enquanto veste a calça jeans e olha para o telefone antes de guardá-lo novamente.

— Quero dizer, não me entenda mal, estou aliviada pra caralho. Mas que merda, Zade?

— Eu precisava ter certeza de que você está cem por cento nisso comigo. Um bebê é a única coisa que pode ligar permanentemente sua vida à minha.

Legalmente, pelo menos. Eticamente… bem, eu sempre estarei em sua vida, quer você saiba que estou ou não.

Balançando a cabeça, puxo meu jeans para cima do meu corpo, o tecido grosso esfregando dolorosamente contra os vergões nas minhas pernas. Minha camisa não se sente muito melhor.

— Sim, tanto faz — murmuro. — Você é um idiota.

Ele ri, aceitando essa afirmação sem nem mesmo uma pitada de vergonha. Ele se vira para voltar para o Casarão Parsons, mas eu agarro sua mão, virando-o de volta para mim.

— Chega de mentiras — digo. — De qualquer um de nós.

— Querida, eu nunca menti. Eu nunca disse que tirei seu DIU.

— Você ainda me fez acreditar que fez — argumento.

Ele sorri com malícia para mim, um lado de seus lábios se inclinando.

— Quando eu engravidar você, você vai saber — ele promete, embora soe como outra ameaça. — Você vai me ver tirar o DIU do seu corpo eu mesmo.

Isso… estranhamente me faz sentir melhor.

E eu preciso de terapia.

Eu suspiro e falo:

— Você sempre vai ser um idiota, não é?

— E o fato de eu ser um idiota sempre vai deixar sua boceta molhada. Vamos voltar. Jay tentou ligar e pode ter algo a ver com Claire.

CAPÍTULO 41
O CAÇADOR



Estou surpreso ao encontrar Jay sentado no sofá ao lado de Daya, ambos digitando em seus computadores. Ele pulou cerca de três metros quando entramos, ainda claramente assustado com a mansão.

— Qual fantasma fodeu com você? — pergunto, sorrindo.

— Cara, eu juro por Deus, eu estava mijando e algo *soprou* no meu *pescoço*. Eu estava apenas esperando que ele tentasse agarrar minhas coisas.

Daya olha para mim, uma expressão divertida no rosto.

— Eu disse a ele para vir falar comigo quando fosse para o sótão. Ainda estou brava com Addie por isso.

Os olhos de Addie se arregalam.

— Foi *uma vez!* — ela defende. — E nada aconteceu com você — ela termina em um murmúrio, se jogando no sofá em frente a ela. Eu me sento ao lado de Addie enquanto Sibby rosna e bate uma gaveta na cozinha, brava com alguma coisa. Novamente.

— Perdi a paz de espírito. Foi o que aconteceu comigo — retruca Daya. — Aquele demônio poderia ter se apegado a mim, e então eu o teria trazido para casa e vivido em tormento pelo resto da minha vida.

— Você poderia culpá-lo? Você é o pacote completo — Addie diz, sorrindo quando Daya estreita os olhos.

— Bajular-me só funciona às vezes.

— Está funcionando agora?

— Um pouco.

— Vocês viram minha faca rosa? — Sibby grita da cozinha, abrindo e fechando freneticamente gavetas e armários.

Passei a me importar profundamente com Sibby, como uma irmã caçula irritante e psicótica. Mas porra, vou ter que encontrar uma casa e um emprego para ela. Dar a ela um propósito na vida além de me irritar.

— Você perguntou ao Jackal? — pergunto, arqueando uma sobrancelha quando ela olha para mim com os olhos apertados. Ela sabe muito bem que estou me referindo ao momento em que ela sentiu a necessidade de compartilhar com todos que Jackal fodeu sua bunda com sua faca. Como se alguém quisesse saber disso.

— Ele só usou isso em mim *uma* vez, e acho que me lembraria de ter uma faca enfiada no meu…

— Talvez você tenha deixado cair em algum lugar do seu quarto — Addie interrompe com urgência.

Ela bufa.

— Eu já verifiquei lá, mas vou olhar de novo — murmura ela, marchando em direção às escadas com uma carranca. A única outra coisa capaz de deixá-la em parafuso, fora perder seus capangas, é perder aquela faca.

Jay limpa a garganta, as bochechas vermelhas enquanto seu olhar pisca para Sibby, parcialmente intrigado e parcialmente perturbado.

— Acho que sei quem são os parceiros de Claire agora, finalmente — Jay anuncia, afastando o assunto dos fantasmas e sendo fodido com facas por pessoas imaginárias.

Minhas sobrancelhas se unem de surpresa.

— Sim?

Concluímos que, se conseguirmos encontrar seus parceiros, será muito mais fácil tirar Claire de sua pequena e confortável ilha.

Estou pronto para dizer foda-se e bombardeá-lo. Eu poderia conseguir os recursos, mas levaria muito tempo. E por mais tentado que eu esteja em reunir o máximo de pessoas que eu puder na organização *Z* e invadir sua ilha, ela tem um pequeno exército lá, e não estou disposto a sacrificar tantas vidas valiosas pela cadela.

Não quando posso sacrificar a vida de seus parceiros.

— Como você sabe, ela está se comunicando com duas fontes, mas seus endereços IP não eram rastreáveis e as identidades ocultas. Mas o envio do drone foi bem-sucedido, e acabei de receber informações de que ela reservou um voo para essas mesmas duas pessoas visitá-la. Seus nomes estavam no registro de voo — ele me diz, puxando as informações e girando seu laptop para me mostrar.

Gary Lawson e Jeffrey Shelton.

— Ambos são lobistas — acrescenta Daya.

— Apropriado — murmuro, olhando para as fotos dos dois homens na tela de

Jay.

Velhos típicos de aparência assustadora que ficam excitados por crianças pequenas e tornam os americanos tão miseráveis quanto possível enquanto vivem luxuosamente.

— Quando são os voos?

Jay sorri, seus olhos castanhos brilhando de excitação.

— Amanhã. Eles estão partindo de um aeroporto particular em Los Angeles.

Eu me viro para Addie e noto um pequeno galho saindo de seu cabelo, junto com pedaços de casca de árvore, terra e uma pequena folha. Há também pequenas manchas de sangue que estão começando a encharcar sua camiseta azul, embora ela esteja tentando o seu melhor para escondê-las. Pior de tudo, já há uma contusão profunda se formando ao redor de sua garganta, e eu seria um maldito mentiroso se dissesse que isso não deixou meu pau duro de novo.

É preciso esforço para conter meu sorriso. Ela parece completamente devastada e está tentando parecer como se não estivesse.

Olhando para mim, ela me lança um olhar que diz, *cale a boca, ou então*. O sorriso começa a escapar.

Uma ratinha tão assustadora.

Mas só desta vez, eu vou obedecer.

O que é realmente difícil de fazer quando Daya está olhando para ela também, sobrancelhas levantadas. Addie apenas aperta os lábios, e tenho a sensação de que elas vão discutir em detalhes o quão íntima ela se tornou com o que a natureza tem a oferecer.

— Isso nos dá tempo suficiente para interceptar o voo deles.

Addie inclina a cabeça para o lado, curiosa.

— O que você está planejando fazer?

Agora, eu deixo o sorriso solto, a selvageria sangrando.

— Eu sei exatamente como vamos fazê-la vir até nós.

Suas sobrancelhas franzem em curiosidade.

— Que é exatamente como?

Eu treino meu olhar em Jay, e embora ele pareça tão curioso, ele também parece cauteloso. O cabeça de merda nunca aprova meus planos. O que é estúpido porque sempre são incríveis.

— Gary Lawson e Jeffrey Shelton vão entrar em um confronto com Z. E adivinha quem perderá?

— Eles — Addie adivinha com confiança.

— Não, querida. *Eu.*



Addie salta na ponta dos pés, energia nervosa irradiando dela em ondas. Ela está inquieta desde que chegamos ao aeroporto algumas horas atrás. Voamos para LA o mais rápido que pudemos, apenas para nos dar tempo de planejar e nos preparar. Agora, estamos esperando no jato particular na pista de pouso, e ela começou a se transformar no Diabo da Tasmânia de Looney Tunes.

— Por que você não se senta? Eles são confortáveis pra caralho — sugiro.

Para enfatizar meu ponto, eu chuto meus pés para cima na mesinha de madeira marrom na minha frente e me recosto.

— Como você pode estar tão relaxado agora? — pergunta, mas ela está olhando para o assento como se talvez não doesse se sua bunda sentasse nele por apenas um segundo.

— Esta é a coisa menos emocionante que já fiz enquanto estava no trabalho.

Ela arqueia uma sobrancelha, e se eu não soubesse melhor, eu pensaria que ela ficou ofendida.

— Bem, isso é rude pra caralho — diz ela. Definitivamente ofendida. Eu sorrio.

— Você gostaria de ir até o banco da frente e foder ao lado do piloto morto? — pergunto, muito interessado em qual será a resposta dela.

Ela sempre me surpreende.

Assim que ela abre a boca, vozes distantes surgem, distraindo-a como um cachorro avistando um gato.

Droga. Vou ter que arrancar essa resposta dela mais tarde.

As vozes se aproximam, e ela instantaneamente se levanta, rolando os ombros para liberar a tensão que os revestia. Ela ainda não se acostumou a fazer missões, e sua ansiedade persiste, apesar de ser capaz de lutar. Há alguns dias em que ela passa por minhas defesas e bate na minha bunda. Mas do jeito que ela está agora, é como se ela estivesse prestes a comparecer perante um juiz e ser condenada à prisão perpétua ou algo assim.

— Não se subestime, Adeline — falo preguiçosamente, meus músculos lânguidos e relaxados. Eles geralmente estão quando o sangue está prestes a derramar por todas as minhas mãos.

— Eu não faço — ela defende. — Eles são homens velhos e flácidos. Seus guardas de segurança…

— São meus homens — termino. A boca de Addie forma um O.

— Seu cão sorrateiro — sussurra ela, um sorriso inclinando seus lábios carnudos. Aqueles orbes de caramelo me encaram com um brilho divertido.

Nós dois ficamos quietos enquanto os dois homens e seus respectivos guardas se aproximam dos degraus e começam a subir, o metal ressoando sob seu peso.

— Ela vai ter que voltar para o estado eventualmente — um deles murmura, parecendo irritado.

A primeira pessoa que rompe a entrada é Michael, e eu quase rio quando ele tira a arma do coldre e aponta para mim.

Jeff e Gary seguem atrás, com outro dos meus homens, Baron, na retaguarda.

— O que está acontecendo aqui? — Gary exclama, os dois velhos parando e recuando no momento em que nos avistam.

Eu levanto a mão em um gesto de olá.

— Vim me entregar, Gary. Por que mais eu estaria aqui?

— Vire o seu… do que diabos você está falando? Quem é você?

— Ah, sinto muito — digo, sorrindo. Eu alcanço o assento ao meu lado, pego minha máscara e a coloco sobre o meu rosto. — Que tal agora?

É cômico a rapidez com que eles empalidecem e seus olhos se arregalam, reconhecendo a máscara pela minha aparição na televisão.

Jogando-a para o lado, provoco:

— Você gostou da minha apresentação? Eu estava muito nervoso.

Gary gagueja, sem saber como responder. Eu me levanto, e eles imediatamente se afastam, dois idiotas desajeitados que esbarram em Baron na tentativa de criar distância, mas o mercenário é como uma parede de tijolos.

Jeff se vira para Michael, seu rosto agora começando a ficar vermelho.

— Por que você não está atirando nele? Atire nele!

Michael apenas olha para ele sem expressão, fazendo com que seu rosto fique roxo. Então, ele abaixa a arma, sorrindo quando Jeff começa a gaguejar de forma incoerente.

— Vejo que você ficou confortável atrás da cortina de fumaça — observo. — Contente em gritar demandas e seguro que ninguém sabe quem você é.

— Preguiçoso — Addie acrescenta. Seu corpo está relaxado agora, e no lugar de sua postura cheia de ansiedade, ela é um felino suave, suas garras estendidas e prontas para cortar algumas gargantas.

A presa torna-se o predador.

Ela é a criatura mais linda que eu já vi.

Gary dirige seu olhar para ela, lasers disparando de seus olhos, mas se ele

espera que isso a intimide, ele está redondamente enganado.

— E quem diabos é você?

Ela se vira para mim, um sorriso bobo no rosto.

— Eu realmente queria dizer algo brega aqui. Seu pior pesadelo — ela zomba, os olhos arregalados comicamente enquanto ela encara Gary.

Ele rosna para ela, claramente sem graça. Eu, por outro lado, estou sorrindo como um idiota.

Ela acena com a mão.

— Não, eu sou o diamante que todos vocês gostam tanto. Estou meio ofendida por você não me reconhecer. Especialmente porque vocês estavam me perseguindo.

O rosto de Jeff se fecha, a clareza aparecendo agora que ele percebeu quem ela é.

— Foi uma ideia brilhante de Claire ir atrás dos meus pais, mas vocês tiveram alguma coisa a ver com isso também? — Addie pergunta, uma escuridão deslizando sobre suas feições. Foi-se o humor leve.

Gary não consegue nem esconder o triunfo doentio em seu rosto. Addie percebe o olhar imediatamente e, sem dizer mais nada, levanta a arma e atira na rótula dele, sem expressão.

Os olhos do velho saltam e ele cai no chão em um ataque de gritos e sangue. Jeff esbarra em Baron novamente, suor brilhando em sua careca enquanto ele olha para seu parceiro com uma tez pálida.

— Sua puta do caralho! — Gary exclama. A raiva lambe meus nervos, então eu atiro em seu outro joelho, provocando mais um grito de dor de sua garganta. Michael e Baron balançam a cabeça, olhando para o par como se fossem as pessoas mais idiotas vivas.

Eu teria que concordar.

— Agora, vamos ter que carregar você, Gary. Você é um incômodo. Então, aqui está como vai ser. Você vai vir conosco, e nós vamos voltar para Seattle e para um local agradável e isolado onde eu vou ser amarrado e amordaçado. Talvez eu deixe minha garota dar alguns socos em mim também. Addie aqui também será amarrada, mas ninguém tocará nela.

Mesmo em seu estado, Gary olha para mim com incredulidade.

— Então, você vai ligar para Claire e avisá-la que você capturou Z e o diamante. Dirá a ela para vir até você agora que fomos presos.

— Por que diabos faríamos isso? — pergunta Jeff, seu rosto se contorcendo de uma mistura de emoções.

— Eu acho que é hora de Claire sair para brincar, não é? Ela está se escondendo há tempo suficiente.

Jeff e Gary se entreolham, o último suando rios de suor em seu rosto vermelho em chamas pela agonia.

— Eu não quero fazer parte do seu esquema — Jeff começa, mas eu levanto a mão, cortando qualquer merda inútil que estava prestes a sair de sua boca.

— Aqui esta a coisa, Jeffrey. Você não tem uma porra de escolha.



Jeffrey ainda acha que tem escolha.

O voo inteiro e a viagem até o local em Seattle, ele defende seu caso. Foi tudo ideia de Claire. Eles apenas endossam seus empreendimentos comerciais e a ajudam com logística e dinheiro.

Blá-blá-blá.

Até que Addie rasteja do banco do passageiro para trás e pressiona a arma em seu joelho e ele finalmente cala a boca, estalando suas dentaduras tão firmemente juntas, que elas podem nunca mais se abrirem.

Michael nos leva a uma destilaria de vinho abandonada e corroída pela natureza. Isso me lembra o Casarão Parsons, quase. Colorido com trepadeiras crescidas, enfiando-se na lateral das paredes de pedra cinzenta. E um prédio solitário em um campo de uvas e grama verde alta.

A van sai do caminho de terra irregular, quase engolida pela vida vegetal que a cerca. Gary está no chão, segurando os joelhos ensanguentados, ficando mais pálido a cada solavanco. Baron amarrou seus joelhos para estancar o sangramento, mas ele parece prestes a desmaiar. Quando isso acontecer, ele não viverá muito mais tempo.

Se ele morrer, tudo bem. Nós só precisamos de um deles de qualquer maneira.

Michael estaciona a van do lado de fora do prédio e desce, indo na nossa frente para arrombar as portas de tábuas, enquanto Baron me ajuda a carregar o corpo inútil de Gary para fora da van.

O interior da destilaria é tão assustador quanto o exterior. As videiras também tomaram as paredes internas. As ervas daninhas atravessam a fundação rachada, seus próprios caules se estendendo pelo chão.

É um enorme espaço aberto, alguns dos maquinários deixados aqui, enferrujados e cheios de marcas. Canos expostos são enfiados no teto, e alguns deles estão começando a quebrar e cair.

Eu arrasto Gary para o lado e o posiciono diretamente sob um cano pendurado, deixando Jesus decidir se ele quer enviar aquele pedaço de metal pesado para baixo em sua cabeça. Se ele me irritar o suficiente, eu posso até mesmo derrubá-lo. Eu o deixo cair cruelmente, ignorando suas maldições enquanto Baron escolta Jeff para dentro, fazendo-o ficar ao lado de seu parceiro aleijado.

Addie está carregando três cadeiras de metal com várias cordas enroladas nos braços. Eu me ofereceria para ajudar, mas ela tiraria minhas bolas para isso. Eu as entregaria com prazer de qualquer maneira.

Ela cresceu tanto em sua força e independência desde que sobreviveu ao tráfico, e há momentos em que meu peito dói fisicamente tanto pelo orgulho quanto pela necessidade de fodê-la.

Ela olha para mim, um sorriso carnal em seu rosto enquanto abaixa as cadeiras e as abre. Eu caminho em direção a ela, deliciando-me com a forma como seu pequeno corpo aperta com a necessidade. Um círculo preto e azul mancha sua garganta, e toda vez que o vejo, a fera presa em minhas costelas se debate.

— Se eu não soubesse melhor, eu pensaria que você está animada para me machucar — murmuro, desejo queimando enquanto vejo seus quadris redondos balançarem.

— Você vai ser o gatinho indefeso — murmura ela, sorrindo ainda mais quando eu lhe dou um olhar sombrio.

— Você ainda vai pensar assim quando estiver presa entre meus dentes? — Eu a agarro pela garganta e a trago para perto, seus olhos cor de caramelo dilatando com luxúria.

Eu escovo meus lábios ao lado de sua boca, extraindo uma exalação estremecida.

— Só fiquei impotente quando me apaixonei por você. E você pode ter todo o poder sobre mim, ratinha, mas eu nunca estive indefeso. Não confunda minha falta de controle com fraqueza. Todas as maneiras que eu machuquei você sempre foram intencionais.

Ela reprime um sorriso logo antes de seu punho recuar e aterrissar diretamente na lateral da minha bochecha. Minha visão escurece por um breve momento, e então meu equilíbrio oscila quando ela me gira e me empurra de volta para a cadeira de metal.

Meu peso quase o faz cair para trás, mas seu pé fixa a cadeira entre minhas pernas, me impedindo de cair, mas chegando *muito* perto de esmagar meu pau.

Parece que meus ossos estão rachando devido ao monstro dentro de mim,

lutando para sair, e um rosnado sai dos meus lábios. Assim que eu vou atacar, ela está me agarrando pela garganta, me empurrando de volta para baixo e subindo em cima de mim, montando minha cintura com suas coxas grossas.

Minhas mãos pousam em seus quadris e apertam enquanto ela se inclina para frente.

— Não confunda minha submissão com fraqueza, querido — ela respira em meu ouvido, a voz rouca de desejo. — Todas as maneiras que eu vou te machucar serão intencionais.

Antes que eu possa começar a formar as ameaças subindo pela minha garganta, seus lábios estão colidindo com os meus, não apenas silenciando minhas promessas sombrias, mas completamente rasgando-as em pedaços.

Sua boca se move sobre a minha selvagemente, e estou perdido no jeito que ela me comanda. Eu poderia virar isso tão facilmente, mas eu amo pra caralho me curvar para a pequena deusa sombria.

Agarrando minhas mãos, ela as força atrás da cadeira, prendendo-as juntas.

Uma dor aguda perfura meu lábio inferior, seus dentes afundando na carne macia e tirando sangue. Antes que eu possa responder, ela se afasta e olha meu rosto com orgulho.

É só então que percebo que a corda está bem presa em volta dos meus pulsos. Se eu não estivesse a segundos de rasgar sua garganta e fodê-la cegamente, eu ficaria impressionado.

— Olho roxo e lábio sangrando. Eu acho que chutei sua bunda o suficiente por enquanto. — Ela dá um tapa firme na minha bochecha em um *bom trabalho, campeão* antes de levantar e se acomodar na cadeira ao meu lado.

Tudo o que posso fazer é olhar para ela e fantasiar sobre as maneiras que vou puni-la por isso mais tarde. Mas ainda assim, meu pau está mais duro que granito porque essa foi uma das coisas mais quentes que eu já experimentei na minha vida. Toda vez que eu acho que nunca estive tão duro, ela vai e prova que estou errado.

Sentindo meus pensamentos insidiosos, ela revira os ombros, fingindo tédio.

Addie sempre foi uma corredora – especialmente da verdade.

— Se você terminou com suas preliminares, vamos terminar isso, sim? — Michael diz, parado ao lado de um Jeff de rosto vermelho com os braços cruzados e um olhar entediado no rosto também. O inútil também é mentiroso e provavelmente arrumou suas partes enquanto eu estava distraído.

Gary ainda está gemendo no chão, e Jeff se move desconfortavelmente ao lado dele, os olhos saltando para todos os outros lugares, evitando meu olhar.

Respirando fundo, tento me concentrar na situação.

— Não parece que atingimos as artérias femorais, então ele vai ter uma morte muito lenta. Vamos deixá-lo sofrer lá no canto por enquanto.

Michael acena com a cabeça, pega Jeff pelo braço e o puxa na nossa frente.

— Me amarre, Baron — Addie diz ao meu mercenário, que está encostado na parede à minha direita. Ela está sorrindo porque sabe muito bem como isso soou sugestivo.

— Você está tentando me matar? — pergunta Baron, sua voz profunda de barítono ficando mais alta.

Addie revira os olhos.

— Eu não vou deixar *ele* te matar.

Ela não deveria ter tanta certeza sobre isso. Mas mantenho minha boca fechada e meu olhar afiado quando ele cede, sabendo que ele ou Michael são as únicas opções para amarrá-la, considerando que ela já amarrou minhas mãos.

Baron faz um trabalho rápido na corda, afastando-se antes que eu encontre uma razão para cortar suas mãos. Quem estou enganando? Eu não preciso de um motivo.

Michael se vira para Jeff.

— Dê-me seu telefone — ele exige, então rudemente pega o aparelho da mão do velho no segundo que ele o puxa do bolso.

— Tudo bem, crianças, parece que suas bundas acabaram de ser chutadas por dois velhos que se cansam só de levantar seus pauzinhos para mijar.

Ele poderia ter dito, *digam X,* e teria o mesmo resultado.

Eu olho para ele, e Addie vira a cabeça, apertando os olhos como se estivesse com vergonha de tirar uma foto.

— Faça um pouco instável com um ângulo de merda, e *voilà*, uma foto típica tirada por um degenerado — diz Michael, sorrindo em vitória depois que ele tira a foto. Então, ele vira o telefone para Jeff.

— O que você diria se tirasse uma foto assim?

Jeff olha para a imagem.

— Que desperdiçamos dinheiro com todos aqueles idiotas estúpidos e deveríamos ter feito isso sozinhos desde o início — ele cospe. Uma vez que percebe que a mensagem de Michael parece autêntica, literalmente tirando as palavras de sua boca, seus olhos escurecem de raiva.

Os dedos de Michael voam sobre o teclado, murmurando as palavras em voz alta enquanto ele as digita apenas para irritar Jeff. Então ele faz uma pausa e olha para o velho com um sorriso satisfeito.

— Ei, como você soletra “estúpido”?

Uma veia pulsa na testa de Jeff, dando a Michael um olhar de *você está brincando comigo?* Michael apenas olha, com a intenção de fazê-lo soletrar a palavra. Rosnando, ele cospe cada letra com os dentes cerrados.

Quando termina de digitar, Michael lhe dá um tapa na parte de trás do ombro e diz:

— Obrigado, cara. Estaria perdido sem você.

Addie ri, e agora eu vou ter que cortar Michael também, só por fazer minha garota rir.

— Z foi oficialmente capturado — ele anuncia, clicando no botão Enviar com triunfo. — E agora esperamos.

— Espero que você não seja estúpido o suficiente para dizer à Claire que eles chutaram nossas bundas — digo a Michael, acenando para Jeff.

Ele acena com a mão.

— Não se preocupe, princesa, ela saberá que foi preciso todo o exército para derrubar o lobo mau. Sua reputação não será manchada.

— Não estou preocupado com minha reputação. Simplesmente não é *crível*.

CAPÍTULO 42
O DIAMANTE



Meu equilíbrio oscila enquanto meus pés balançam sobre o penhasco. Estou sentada na beirada e apenas esperando que a terra ceda abaixo de mim e me jogue contra as rochas abaixo.

Estou me equilibrando no limite da vida e da morte, e a emoção que isso me dá é inegável. Meu coração está no meu estômago, e mesmo que fosse preciso colocar minha cabeça entre as minhas pernas para eu cair sobre a borda, parece uma polegada à frente, e minha vida está acabada.

Eu amo isso.

O sol começa a mergulhar no céu de algodão-doce, uma bela variedade de cores se estendendo em minha direção. Não tenho certeza se é a beleza diante de mim ou meu jogo precário com a morte que me faz sentir viva.

Embora ambos tenham o poder de me fazer sentir insignificante.

— Então eu vejo que hoje é o dia em que nós dois morremos — Zade anuncia atrás de mim, me fazendo pular.

— Por que nós dois morreríamos?

Pergunta estúpida. Eu sei o que ele vai dizer no momento em que a última palavra sair da minha boca.

— Porque se você cair, eu vou atrás de você.

— Claire ficaria feliz com isso — digo, chutando meus pés contra a rocha. — Sua morte seria a melhor coisa que poderia acontecer com ela.

Para surpresa de ninguém, ela fez um milhão de perguntas antes de acreditar que Jeff e Gary realmente capturaram Zade e eu. Ele teve que explicar como encontrou Z. A caminho de Los Angeles, eles receberam informações de que Zade viria atrás de uma casa de leilões em Washington, então eles rapidamente armaram um golpe e o capturaram. Claro, eu vim correndo quando descobri que ele estava sendo feito refém, e *voilà,* Z e o diamante foram capturados.

Quando ela quis fazer uma ligação do FaceTime, podíamos ver a intenção nos

olhos de Jeff a um quilômetro de distância. No segundo em que ela ligou para ele, ele planejou nos expor. Mas Zade já havia previsto isso. Não é difícil supor que o velhote tentaria nos enganar. Ele é tão previsível quanto estúpido.

Todo mundo tem uma fraqueza. Um ponto fraco como na parte de trás da cabeça de um bebê. Acerte aquele ponto com força suficiente, e eles estão acabados.

De todas as pessoas – sua esposa, filhos e amante – sua mãe foi o catalisador. Engraçado que ele é um filhinho da mamãe quando as mulheres são a coisa número um que ele não respeita.

Bernadette Shelton está quase em seu leito de morte de qualquer maneira, mas depois que um dos mercenários de Zade tirou uma foto comovente dela deitada na cama com oxigênio e sua arma apontada para o tanque, Jeff decidiu agir corretamente. Ele não sabe que Zade quase chutou a bunda de seu funcionário por isso e o forçou a deixar para ela um arranjo de flores para o susto, mas a ameaça funcionou, mesmo assim.

Zade orientou Jeff na história, ele então respondeu às perguntas de Claire, e ela decidiu que era legítimo o suficiente sair de sua ilha aconchegante.

Missão cumprida.

O voo dela duraria dezesseis horas, então voltamos para o Casarão Parsons para dormir enquanto Zade colocou uma equipe vigiando Jeff na destilaria. Gary… bem, ele morreu. Ele era inútil com suas rótulas estouradas, então Michael finalmente o tirou de sua miséria.

— Querida, se você me quer morto, eu vou te dar a faca para enfiar no meu peito. Mandar nós dois para o penhasco seria um pouco exagerado.

— E eu pensei que minha mãe era a dramática — murmuro.

Minhas costas ainda estão viradas para ele, mas eu juro que posso ouvir o filho da puta sorrindo.

— Você está certa, *você é* a sensata.

Idiota.

— Você quer me dizer por que está aqui?

— Não consegui dormir. Estava ouvindo os passos de novo — admito.

— Parece que eles estão manifestando seus medos — diz ele. Sua presença se aproxima de mim, e eu o sinto agachar ao meu lado. Se o chão abaixo de mim não estava sendo testado antes, definitivamente está com o peso dele.

— O que os passos te lembram? — questiona ele suavemente, sua voz sussurrando na concha do meu ouvido.

— Minha falta de liberdade — digo, olhando para a baía. — Eles me lembram

de como eu estava presa. Toda vez que eu ouvia seus saltos vindo em minha direção, algo terrível sempre se seguia, e nunca havia escapatória. Houve uma vez em que os ouvi e tentei arrancar todos os pregos da janela para poder me jogar para fora. Nem se importava se isso me matasse. Tudo o que consegui foi quebrar *minhas* unhas em vez disso.

Suas mãos pousam em meus quadris, e ele está me puxando para trás, me pressionando em seu peito duro.

— Então, se sentar na beira deste penhasco faz você se sentir livre?

— Sim — digo, virando minha cabeça para olhar para ele. Seus olhos brilham à luz do sol, e eu não posso dizer o que é mais perigoso: a beira deste penhasco ou o jeito que Zade olha para mim. — E isso me faz sentir viva.

Sua mão vem ao redor da minha garganta, inclinando meu queixo ainda mais para trás. Seus lábios carnudos roçam nos meus, provocando um formigamento por todo o meu corpo.

— É a promessa de morte que faz você se sentir viva, ratinha?

— Sim — sussurro, eletricidade dançando entre nossas bocas.

— Então, nós dois provaremos o céu juntos — murmura ele.

Ele me beija de forma suave, e eu sinto cada segundo em minha alma.

Afastando-se, ele fala:

— Olhe para mim, querida.

Mordendo meu lábio, eu giro e me inclino para trás em minhas mãos, dobrando meus joelhos e separando-os.

Seus olhos caem, viajando pelas curvas do meu corpo, enviando calafrios pela minha espinha. Ele me olha como se quisesse me rasgar com os dentes, e não acho que o impediria se tentasse.

Minha respiração falha quando sua mão desliza sob minha camiseta, e eu estremeço com a sensação de sua pele na minha. Lentamente, ele levanta o tecido até que sou forçada a me inclinar para frente para que ele possa removê-lo.

Eu tremo, a brisa sussurrando em minha carne aquecida.

— Você confia em mim? — pergunta ele.

— Sim — respondo sem hesitação.

Ele coloca a mão no meu peito e me empurra com força. Eu suspiro, convencida de que estou prestes a cair do penhasco, mas ele me pega. Estou deitada de costas, e apenas minha cabeça pende sobre a borda, mas isso não acalma o pânico absoluto que circula por todo o meu sistema.

Eu levanto minha cabeça, olhando para ele com os olhos arregalados, meu

coração acelerado.

— Jesus — respiro. Ele sorri, alcança debaixo de mim e desabotoa meu sutiã, meus mamilos endurecendo imediatamente sob a brisa fresca.

Então, ele paira sobre mim, seu calor penetrando em minha carne enquanto ele arrasta seus lábios sobre minha mandíbula e pelo meu pescoço.

— Ele não é aquele para quem você deveria estar rezando — ele murmura sombriamente, enviando arrepios na minha espinha. — Só eu serei sua salvação.

Seus dedos agarram o cós da minha legging e a puxam para baixo, removendo minha calcinha com ela. Está quente e abafado aqui fora, mas uma semana inteira de chuva colocou uma névoa fria no ar, fazendo minha pele ficar arrepiada.

— Cabeça para baixo — ele ordena.

Engolindo nervosamente, eu faço o que ele diz, e estou sobrecarregada tanto pela vertigem quanto pelo medo. A adrenalina no meu sistema se torna mais potente, e meu coração bate de forma irregular.

Seus lábios sussurram em meu peito, nas curvas dos meus seios e nos meus mamilos. Sua língua desliza, lambendo um dos picos endurecidos antes que sua boca quente se feche sobre ele e chupe com força.

Eu gemo e arqueio para ele, o movimento fazendo minha cabeça deslizar mais para baixo, e eu quase pulo para fora da minha pele. Ele ri sombriamente, liberando meu mamilo, em seguida, viajando pelo meu corpo.

Meu coração está quase saindo pela garganta, mas posso sentir minhas coxas ficando escorregadias com a emoção. Especialmente quando ele as separa lentamente, beliscando minha pele sensível enquanto desce em direção ao meu centro.

No momento em que seu hálito quente sopra em minha boceta, minhas pernas estão tremendo e doendo com a mordida de seus dentes afiados.

Ele coloca um beijo suave no meu clitóris, e eu pulo novamente quando seus dedos deslizam pela minha abertura, coletando minha excitação em seus dedos.

— Venha aqui — ele ordena. Eu levanto minha cabeça, tonta de ver o mundo de cabeça para baixo. Ele abre minha boca e coloca os dedos na minha língua. Instintivamente, eu chupo, e as narinas de Zade se dilatam.

— É assim o gosto da liberdade. Eu quero que você tenha isso em sua língua enquanto você vê a noite cair, e eu te mostro como sua vida é absoluta.

Seus dedos recuam, e ele rela no meu queixo, indicando que eu abaixe a cabeça novamente. Eu faço, minha visão turva.

A emoção entope minha garganta, prendendo o sabor na minha boca enquanto

ele volta para minha boceta. Eu tremo quando sua língua desliza lentamente pela minha fenda, me lambendo e gemendo enquanto o faz.

— A porra do nirvana — ele ronrona, mergulhando sua língua dentro de mim antes de subir para o meu clitóris.

Eu suspiro quando ele suga com força, o pôr do sol borrando e minhas pálpebras vibrando quando ele começa a acariciar o ponto sensível. Minhas costas arqueiam, embora desta vez, eu esteja preparada para a pequena queda e a forma como ela rouba minha respiração.

Minhas mãos se curvam, agarrando a grama e puxando rudemente quando ele atinge um ponto que tem um gemido agudo explodindo da minha garganta.

— Zade — imploro.

Seus dedos voltam a se unir à sua boca, dois deles mergulhando dentro de mim e se curvando, e eu esfrego meus quadris em seu rosto com tanta força que sinto meu corpo alguns centímetros abaixo da borda do penhasco. Outro som explode da minha garganta, cantando com a emoção aguda que faz meu coração parecer que vai entrar em combustão.

Sua mão livre pousa no meu quadril, me segurando no lugar enquanto ele devora minha boceta, lambendo tudo o que tenho a oferecer como se ele fosse um prisioneiro no corredor da morte, e este é o sabor final de libertação.

Há um sorriso puxando os cantos dos meus lábios, lágrimas nos meus olhos e gemidos saindo da ponta da minha língua enquanto eu olho para o pôr do sol, encontrando o que eu estava procurando. Um orgasmo se instala no meu ventre, aguçado com a sensação da minha perigosa existência de estar por um fio.

Sua língua acaricia meu clitóris habilmente, e é preciso pouco esforço para me mandar para cima. Meus olhos se fecham, e um grito ricocheteia nas rochas irregulares e na água. Parece que estou logo atrás, rolando sobre as pontas afiadas e nas profundezas de um oceano no qual me afogaria de bom grado.

Parece horas antes do meu corpo se acalmar, e assim que eu faço, ele está me arrastando em direção a ele e me virando de bruços. Desorientada, sou incapaz de resistir quando ele me puxa pelos quadris, me colocando de joelhos com a cabeça ainda abaixada e olhando por cima do penhasco.

Ofegante, eu me agarro firmemente na borda, meus dedos cavando na terra e na rocha enquanto ele desce sobre mim, empurrando meu queixo para longe dele. Minhas coxas se esticam com o esforço para não cair para frente.

Seu pau nu desliza entre a fenda da minha bunda, mas parece que ele está me provocando com uma bala revestida de doce. Sob a deliciosa ilusão há um juramento ameaçador capaz de me destruir.

Agarrando meu cabelo, ele inclina minha cabeça um pouco para trás, me dando uma visão completa do cenário.

— Você já encontrou a absolvição, querida? Ou você precisa do meu pau para dar a você?

Suas palavras sombrias enviam um calafrio na minha espinha, e eu estremeço de como é requintado.

— A vida nunca poderia ser completa sem você — gemo.

Um rosnado profundo e retumbante chega aos meus ouvidos antes que ele puxe os quadris para trás e afunde dentro de mim, apenas entrando alguns centímetros antes que se torne demais. Eu grito, a queimação de seu tamanho me fazendo fechar os olhos.

Porra, ele precisa de uma maldita cirurgia de redução de pênis.

Eu sinto seu sorriso em resposta como se estivesse ouvindo meus pensamentos, e estou a segundos de nos jogar do penhasco só para irritá-lo.

— Você torna isso tão bom pra caralho, Adeline — ronrona ele no meu ouvido, seu tom diabólico. — Eu nunca vou me cansar da sensação de sua boceta sucumbindo a mim, e como você grita pra caralho quando isso acontece.

Na deixa, um gemido agudo sai da minha garganta enquanto ele avança mais, meu corpo sucumbindo a ele assim como ele disse.

— Continue assistindo — diz ele pecaminosamente. Forçando meus olhos a abrirem, eu observo o sol começar a subir na água, lançando o mundo em um brilho vermelho profundo.

Ele trabalha dentro de mim, bombeando para dentro e para fora devagar até que ele esteja completamente sentado, confirmando minhas próprias palavras.

Estou tão cheia dele, e nunca me senti mais completa.

— Você está procurando por vida dentro daquele pôr do sol, mas eu procuro a morte entre suas coxas — murmura ele, sua voz profunda rouca de desejo.

Retirando-se para a ponta, ele empurra dentro de mim com força, e eu grito tanto pela felicidade quanto pelo terror de ser empurrada para a borda.

Mas ele não cede e continua a me foder, testando a força da terra abaixo de nós com cada golpe. Ele mantém sua mão firmemente enrolada no meu cabelo, me trazendo de volta toda vez que seus quadris me empurram para frente.

Eu troco entre olhar para a água e olhar para as rochas implacáveis que parecem se aproximar cada vez mais.

Minha visão escurece com o prazer agudo que irradia entre minhas coxas, e os sons que saem da minha garganta são incontroláveis.

— Oh, meu Deus — soluço, e ele impulsiona dentro de mim com tanta força,

meus dentes estalam com a força.

— Você não vai encontrar Deus no sol quando ele já está dentro de você — ele rosna, alcançando debaixo de mim para encontrar meu clitóris e dedilhando com habilidade enquanto atinge aquele ponto perfeito dentro de mim, abusando implacavelmente até eu explodir, meu corpo ficando mole, de quão poderosamente eu gozo para ele.

— Zade! — grito, e não me importo mais se eu viver, desde que esse sentimento nunca morra.

Ele range os dentes, me fodendo selvagemente até encontrar a morte que procurava. Um rugido sai de sua garganta e ele entra tão profundamente em mim que nós dois quase encontramos nosso fim no fundo do penhasco.

Nós assombraríamos o Casarão Parsons juntos, e é inegável o quanto eu amo como isso soa.



— Você tem uma testa espetacular, meu amigo — diz Zade, uma nuvem de fumaça rodopiando das profundezas de sua boca. Jeff está amarrado a uma cadeira de metal, e Zade está sentado à sua frente, fumando um cigarro com uma mão e jogando uma bolinha na testa com a outra.

— Onde diabos você conseguiu a bola? — pergunto, balançando minha cabeça enquanto ela ricocheteia no rosto muito vermelho de Jeff e volta para a mão de Zade.

Nosso cativo não é um campista feliz. Ele está fervendo de raiva de Zade, seu corpo inteiro tremendo de quão bravo ele está.

Ele encolhe os ombros evasivamente.

— Eu encontrei.

Ok. Que seja.

O som de pneus esmagando a sujeira e as folhas de grama me distrai, e meu coração para com adrenalina e antecipação.

— Claire está aqui — anuncio. Zade apenas quica a bola em resposta, sua postura relaxada como sempre.

Há pelo menos cinquenta homens cercando a área, todos escondidos da vista. Se a merda der errado, temos muitos reforços.

— Jay, ela tem um batalhão com ela? — Zade pergunta a ele, o chip Bluetooth em seu ouvido como sempre. Ele provavelmente vai morrer com ele lá. — Três? Alguém é tímida — ele murmura.

— Três carros? — esclareço, minha ansiedade piorando. O suor se forma no meu couro cabeludo, e não posso dizer se estou nervosa que vai haver um tiroteio completo ou se estou nervosa para ver Claire.

A preparação para o confronto é o que deixa meus nervos em parafuso. A antecipação do que vai acontecer. Quem vai se machucar ou morrer. No entanto, no meio do caos, encontro paz, como se estivesse no olho de um furacão.

Eu simplesmente odeio a calmaria antes da tempestade.

— Você achou que ela viria sozinha? — corta Jeff, olhando para mim como se eu fosse estúpido. Estreito meus olhos, tentada a arrancar a bola das mãos de Zade e quicar em sua testa. Então, quem pareceria estúpido?

Sentindo minha linha de pensamento, Zade joga a bola de seu rosto sem desviar o olhar de mim, caindo de volta em sua mão perfeitamente, seu sorriso se aprofundando.

— Obrigada. — Eu olho para Jeff. — Da próxima vez, vai ser uma bala.

De forma inteligente, ele mantém a boca fechada. Eu estava torcendo para que ele não o fizesse.

Zade e eu nos levantamos quando as portas do carro se fecham, a bola verde caindo de sua mão e rolando para longe, substituída por uma arma. Minha própria arma está na minha mão, meu coração batendo forte enquanto esperamos Claire entrar.

Vários momentos estressantes depois, as enormes portas se abrem, uma comitiva entrando primeiro, armas levantadas. Claro, quando eles nos avistam, congelam, esperando ordens do demônio ruivo na parte de trás, lentamente rompendo seus guardas.

— Exatamente como esperado, Jeffrey. Você achou mesmo que estava sendo convincente? — A voz musical de Claire soa, finalmente saindo de trás do grupo. Eles se aglomeram ao redor dela, desconfortáveis com ela sendo exposta de qualquer maneira.

Assim como ela aparentemente não era estúpida o suficiente para acreditar que Jeff nos capturou, ela também não acreditaria que não temos o lugar cercado por nossos próprios homens.

Será uma batalha cuja bala voa mais rápido. Ou cujo objetivo é o mais verdadeiro.

Meus ombros estão tensos enquanto olho para a vadia má que é responsável por tantas almas perdidas e quebradas. Seu cabelo vermelho brilhante está perfeitamente enrolado em torno de sua cabeça, com batom combinando e delineador preto espalhado sobre suas pálpebras. Ela veste um terninho todo

branco, o que é uma mensagem em si. Ela espera sair deste prédio com suas roupas tão imaculadas quanto quando entrou. Sem sangue derramado – pelo menos não o dela.

Sem chance.

Uma raiva assassina surge – não porque ela me raptou e quase me vendeu para um homem mau, mas porque ela foi atrás de minha mãe.

Acho que devo agradecê-la pela terapia gratuita para meus problemas de mãe. Eu não tenho certeza de onde estamos agora, mas o que sei é que há um desejo de consertar nosso relacionamento que não existia antes de Claire virar meu mundo e fodê-lo.

— Adorável ver vocês dois de novo — comenta ela, seu tom elegante, como se estivéssemos dando um passeio em um jardim, segurando nossas pequenas xícaras de chá e biscoitos.

Puta. Não há nada de elegante nela nem na maneira como ela faz negócios.

— Por que você veio se sabia que era uma armadilha? — pergunto.

— Isso não vai acabar em derramamento de sangue, minha querida. Acho que está na hora de resolvermos isso. *Z* provou ser engenhoso, assim como eu. Em vez de… brigar um com o outro, acho que podemos chegar a um acordo.

Eu treino meu olhar em Zade, que tem a sobrancelha arqueada, mas uma expressão vazia.

Encarando Claire, eu me pergunto se isso é uma tentativa de tirar um alvo de um dos homens mais perigosos do mundo das costas dela. Ela está certa – ela *é* engenhosa. A bruxa tem um governo inteiro à sua disposição. Mas ela é tão fraca quanto o escudo que se esconde atrás. Forçada a usar os outros para se proteger porque é incapaz de fazer isso sozinha.

Ela só tem o cérebro por trás da operação, mas não a força. Considerando que Zade… Zade tem músculos *e* cérebro.

Claire sabe que não poderia se esconder naquela ilha para sempre, não mais do que pode escapar da ira de Zade. Ela está encurralada e sabe que Zade seria difícil de matar. Ela encontrou um rival à altura, e a única saída é com uma pechincha.

— Vamos sentar, sim?

— Vamos — Zade murmura, virando as costas para pegar o encosto da cadeira em que Jeff está sentado, literalmente o joga para fora dela, e faz sinal para que eu me sente como se ele estivesse puxando meu assento em um restaurante requintado. Claire pega o outro na minha frente, o corpo amarrado de Jeffrey entre nós.

Seu rosto ficou com um tom preocupante de roxo de raiva e vergonha. Claire mal olha em sua direção, virando os olhos para um de seus homens e ordenando:

— Descarte-o.

Segundos depois, uma bala atravessa o cérebro de Jeff e sai do outro lado. Ele está morto antes de sua cabeça bater no chão.

O meu olhar e do Zade se chocam, um brilho divertido em seus olhos incompatíveis quando ele pega a terceira cadeira, a vira e a coloca para trás, voltando seu olhar intenso para Claire.

Seu pulso bate em seu pescoço, e ela se esforça para engolir. Eu bufo suavemente. Se eu não soubesse melhor, parece que suas partes femininas não são mais imunes a Zade do que qualquer outra mulher de sangue vermelho. Dada a chance, ela ficaria feliz em foder Zade antes de colocar uma faca em sua garganta.

— Antes de começar, que tal estabelecermos uma confiança mútua? Todos os meus homens estão escondidos, nem uma única arma na sua garganta, então que tal você mandar seus comparsas para a porta? Eles podem ficar se precisarem e terão uma mira perfeita em mim, mas eles precisam recuar, sim?

Afinando o olhar, ela considera o pedido de Zade por um momento antes de concordar. Com relutância, seus guardas se espalham pela entrada da frente, garantindo que todos tenham uma visão perfeita de nós.

— Vamos lá, Claire. Qual é a sua proposta? — pergunta Zade, mas levanta a mão para impedi-la quando ela abre a boca. — Certifique-se de que seja boa também. Você teve minha garota sequestrada, estuprada e torturada, e sua mãe quase morta.

Seus lábios manchados de vermelho se apertam em uma linha firme, parecendo não apreciar a lembrança de todos os seus erros. Faz-me pensar como diabos ela dorme à noite. Ou talvez ela seja secretamente um réptil e não precise. Isso é mais crível neste momento.

— Vou ajudá-lo a eliminar o tráfico — diz Claire. Quando Zade e eu ficamos em silêncio, processando sua oferta, ela continua: — Embora o comércio de peles seja muito lucrativo, há algo mais que desejo.

— E o que é? — pergunta Zade, voz profunda e baixa.

— Controle absoluto sobre a população humana, é claro. Neste momento, as pessoas estão muito autoconscientes de sua existência inútil. Eu quero poder total, nós *dois* temos poder total.

Minha testa aperta, um olhar desagradável no meu rosto.

— Para fazer o quê? — pergunta ele. — O que exatamente você pretende

fazer com esse poder?

— Criar uma nova era, é claro. Podemos fazer o que quisermos. Poderíamos tornar suas vidas úteis, dar-lhes um propósito real.

— E qual seria esse propósito? — interrompo. — Ser robôs sem mente que serviriam a você?

— O sofrimento acabaria — retruca ela, virando seus olhos verdes glaciais para mim. Realmente não há alma ali. — E este planeta prosperaria. Se os humanos tivessem lei e ordem reais, poderíamos fazer muitas coisas. Acabar com a fome no mundo, fechar a lacuna entre pobres e ricos e diminuir a pobreza e a falta de moradia.

Eu balanço minha cabeça.

— Você está tentando fazer com que tirar o livre arbítrio das pessoas pareça virtuoso.

— É — retruca ela.

Eu pisco, confusa.

— Estamos em um filme? Não tem como você estar falando sério. — Virando-me para Zade, eu o encontro olhando para Claire, distraidamente esfregando os dedos, seu cérebro girando. — Ela está falando sério, não está?

Ele ergue uma sobrancelha.

— Parece que sim.

Mais do que tudo, eu adoraria saber o que ele está pensando. Isso é algo que você só vê nos cinemas ou livros. Alguma merda da nova ordem mundial que parece tão fora do reino das possibilidades, as pessoas a transformam em ficção para entretenimento. Eu literalmente escrevi livros como este.

— Você está trocando uma forma de escravidão por outra — diz ele finalmente.

— Estou trocando o sofrimento humano por um mundo novo e melhor — argumenta. — A tecnologia que você poderia criar nos levaria a uma era inteiramente nova. — Ela volta sua atenção para mim, e eu percebo que ela *é* uma porra de um réptil. Ela é uma maldita cobra. — Ninguém jamais sofreria com o que você sofreu novamente. Não há mais crianças sacrificadas. Não há mais mulheres vendidas. Eu desmontaria tudo.

— O que está impedindo você de fazer isso agora? — defendo. — O que está impedindo você de tentar assumir o controle?

— Zade — ela responde simplesmente, virando-se para se dirigir a ele. — Você tem sido um espinho desde que criou sua organização e decidiu destruir tudo pelo que trabalhei duro. E admito, você é muito bom nisso, e é por isso que

quero formar uma aliança, trabalhemos juntos, não um contra o outro. Eu vou te dar o que você quer tanto e, em troca, você me ajuda com o que eu quero.

— Fala comigo como se eu fosse estúpido, Claire — Zade diz secamente. — Você quer que eu pare de expor o governo? Não, você quer mais do que isso. Você quer que eu crie algum tipo de tecnologia para implantar no cérebro das pessoas e transformá-las em robôs de verdade? Colocar isso onde eles não conseguiriam lutar?

Ela levanta as sobrancelhas, um sorriso se formando.

— Agora, isso é uma ideia. Eu posso criar um novo mundo com leis e consequências por quebrá-las. Sua tecnologia pode nos fazer avançar e facilitar a aplicação dessas leis. Poderíamos forçar as pessoas a andar em linha reta, onde quer que a desenhássemos. Mas tirando sua capacidade de pensar por si mesmos? Meu Deus, isso seria maravilhoso.

Seus olhos brilham de excitação.

— Você poderia fazer isso?

Eu só posso olhar para ela, totalmente sem palavras. Acabar com o tráfico de pessoas parece um sonho? Absolutamente. Mas em troca de alguma ideia fantástica para arrancar o livre arbítrio das pessoas e transformá-las em zumbis.

Eu nem tenho certeza do que ela faria com todos eles, mas não me importo de saber. Eu quero a mesma coisa que Zade sempre quis. Erradicar o comércio de pele. Mas esse desejo nunca veio com expectativas irreais.

— A tecnologia pode fazer qualquer coisa. Sua única limitação é seu criador — diz Zade.

Ela sorri, e vejo algo brilhar em seus olhos que ela roubou de tantos. De mim.

Esperança.

Mas isso não pertence a *ela* – pertence às almas que ela é responsável por quebrar.

— Você vê? Nós podemos fazer qualquer coisa — diz ela. — Eu acredito que você não tem limitações.

O olhar de Zade escurece, e o aperto no meu peito diminui.

— Você está certa, Claire. Eu não tenho.

Ela interpreta completamente mal o significado dele porque seu sorriso só se alarga, muito cega pelas possibilidades de ver o que está esperando.

— Você já tem poder — eu a lembro. — Você é um governo paralelo que controla todo o país. Ainda mais agora com seus parceiros mortos. Isso não é suficiente para você? Agora você quer dominar o mundo?

Ela se inclina para frente, arreganhando os dentes enquanto sussurra:

— Talvez seu cérebro insignificante seja…

— Você sabe qual é o seu problema? — interrompe Zade. — Você não sabe nada sobre formar uma aliança. Você realmente acha que insultá-la vai te levar a algum lugar? — Zade se levanta, e embora eu possa ver Claire lutando consigo mesma, ela força a coluna ereta. Seus guarda-costas miram, mas Zade se move como se estivesse envolto em uma armadura à prova de balas.

Meu coração acelera, adrenalina vem à tona porque o idiota não *tem*, na verdade, uma armadura à prova de balas, e se uma bala chegar perto dele, eu vou perder a cabeça.

— Desprezar aqueles que te apoiam não é inteligente. Você não leu os livros de história? Usar o medo para exigir respeito é uma construção frágil. Não dura porque ninguém pode confiar em você, e a primeira oportunidade que eles têm de te trair, eles aproveitam. *Z* não é feito de medo, Claire. É construído sobre o desejo mútuo de matar pessoas como você. E sabe de uma coisa? Minha organização confia em mim para fazer isso.

Seus olhos se arregalam, sentindo a desgraça que se aproxima antes que aconteça. Uma linha de bombas é plantada na frente da destilaria, logo abaixo de onde os homens de Claire estão. Em segundos, os explosivos detonam, criando uma explosão ensurdecedora.

A força da explosão nos faz recuar um ou dois passos, e cubro meu rosto enquanto os destroços voam ao nosso redor. Nós nos certificamos de que a bomba não fosse tão poderosa a ponto de fazer o prédio desabar ao nosso redor, mas o suficiente para explodir alguém – ou vários *alguém* – em pedaços.

Alguns de seus guardas que estavam nos arredores se contorcem, sem membros, mas ainda vivos e prontos para saírem em uma explosão de glória. Eles são mortos a tiros antes que possam levantar suas armas para Zade e para mim, sua equipe atrás de nós e se escondendo nas profundezas da destilaria.

Zade agarra Claire pela garganta e a levanta no ar, um rosnado ultrapassando seu rosto. Seus olhos se arregalam enquanto o fogo se enfurece atrás dela, lavando-a no brilho em que sua alma será consumida para sempre.

— Você fez meu mundo desabar ao meu redor assim, lembra? Detonando bombas e depois tirando Addie de mim. Como se sente, Claire? Ter chegado tão perto de ter sucesso, apenas para sua alma ser arrancada?

Ela chuta as pernas desesperadamente, tentando e falhando em ganhar algum tipo de apoio para aliviar o estrangulamento que Zade a colocou. Agarrando sua pele, ela deixa rastros tão vermelhos quanto a tinta em suas unhas.

— Você gostaria de fazer as honras, querida? — pergunta ele, olhando por

cima do ombro para mim com olhos tão brilhantes quanto o fogo diante de nós. Algo profundo e carnal treme em meu estômago, e não posso negar a excitação vibrando em minha corrente sanguínea mais do que Zade pode.

— Sim. — Sorrio, me aproximando do par. Ele se reajusta, segurando Claire pela nuca e mantendo-a no lugar, apesar de seus esforços desesperados para fugir. Agarrando minha faca preta e roxa com força, eu a levanto até sua garganta, pressionando até que o sangue brote sob a lâmina.

Esta mulher é responsável por cada um dos meus demônios. Eu era bastante normal antes que a Society colocasse os olhos em mim. E enquanto o medo e a adrenalina sempre faziam algo inexplicável para mim, o pensamento de matar alguém era repulsivo. Foi algo contra o qual me uni quando Zade entrou na minha vida, e mesmo quando me apaixonei por ele, era algo que eu ainda não tinha aceitado totalmente.

E agora olhe – ela está diante de sua própria criação, um anjo da morte com uma faca na garganta e intoxicado pela visão de seu sangue.

— Por favor! — ela implora estridentemente. — Nós podemos dar um jeito em alguma coisa!

— Você colhe o que planta, Claire — digo, então lentamente forço a faca em sua garganta, cortando tendões e músculos. Sangue respinga em meu rosto, mas me alegro com a sensação. Paro bem diante da jugular, querendo que sua morte seja lenta e dolorosa.

Será sua própria vida passando diante de seus olhos ou todas as que ela roubou?

Espero que eles desçam do paraíso e a arrastem pessoalmente para o inferno.

Lentamente sufocando em seu sangue, Zade a arrasta até o fogo furioso na frente da destilaria, os cadáveres de seus homens espalhados.

A luta de Claire aumenta e, mesmo em meio à morte, ela pode sentir que só vai piorar. Parando diante de labaredas, Zade agarra sua garganta sangrenta com seu punho e a levanta, olhando em seus olhos arregalados e desesperados.

— Queime, cadela — rosna, em seguida, a solta, seu corpo instantaneamente consumido em chamas.

Gritos sufocados surgem, mas os sons mal conseguem passar. Sua forma convulsiona e se debate, e eu torço o nariz com o fedor rançoso que se segue.

Ela entrou neste lugar acreditando firmemente que poderia conquistar o mundo se ela desse a Zade a única coisa pela qual ele esteve trabalhando tão duro.

Ela não sabe?

Zade é um deus.
E o único que vai conquistar este mundo é ele.

CAPÍTULO 43
O DIAMANTE



Sibby dança na sala de estar, seus pés cobertos de bolinhas girando pelo azulejo xadrez, regozijando-se com nosso tão esperado sucesso, enquanto Zade está na televisão, interrompendo outra transmissão.

Ele expôs o governo paralelo e seu controle sobre o tráfico de pessoas, roubando crianças e mulheres e vendendo-as para pessoas doentes. Nos dez minutos em que está falando, ele deu ao mundo a esperança de que o comércio sexual começaria lentamente a morrer.

— *Claire Seinburg não é a primeira a contribuir para a doença que infecta nosso mundo, nem é a última. Um por um, desinfetarei as pragas da sociedade e só assim encontraremos a paz. Eu sou Z e estou observando.*

Ele corta a transmissão, mais uma vez substituído por um repórter de olhos arregalados, uma risada nervosa tilintando de sua garganta.

— Quem vai assumir o lugar de Claire? — Daya pergunta ao meu lado, enfiando um punhado de pipoca na boca.

Eu arqueio uma sobrancelha.

— Você acha que ainda deve haver um governo paralelo? — pergunto, curiosa, pegando meu próprio punhado e enfiando na boca.

Daya dá de ombros, engolindo antes de responder.

— Claro. Eu acho que o governo definitivamente deveria ser controlado por alguém, mas não por uma pessoa que só está interessada em consertar as coisas neste mundo para seu próprio ganho. Precisamos de alguém que se preocupe com o meio ambiente e com o avanço da ciência e da medicina sem experimentação desumana e literalmente nos usando como escravos. Acho que já tivemos o suficiente dessa merda em nossa história. Este planeta precisa ser muito limpo, e as pessoas responsáveis, não? Eles não vão ser os únicos a fazê-lo.

Eu franzo meus lábios.

— Eu acho que você está certa. Só não sei quem faria isso.

— Você não acha que Zade faria?

Balançando a cabeça, mastigo alguns grãos meio estourados. Eles são a minha parte favorita de comer pipoca.

— É difícil dizer com certeza, mas acho que Zade gosta muito do que faz agora. Independentemente de quem está no poder, levará muito tempo para que o tráfico de pessoas realmente acabe. Não consigo vê-lo contente sentado atrás de uma mesa tomando decisões em vez de estar em campo e derrubá-los fisicamente.

Daya acena com a cabeça, seus olhos verdes sábios voltando para a tela, os repórteres ainda tentando recuperar o equilíbrio após a interrupção de Zade. A mídia é controlada pelo governo, o que significa que tudo que eles divulgam ao público é sancionado pelas mesmas pessoas que Zade está ameaçando destruir. Não é à toa que eles se sentem desconfortáveis quando são literalmente as bocas que nos alimentam com as besteiras de lavagem cerebral do governo.

— Eu vou fazer isso — Sibby gorjeia, completando seu anúncio com um giro de bailarina.

Daya e eu nos entreolhamos.

— Você gostaria de governar o governo? Você é mentalmente instável, Sibby — digo sem rodeios.

Ela para de girar e estreita os olhos para mim. Eu lutei demais com ela para ter medo dela legitimamente.

— Eu me importo com o mundo e limpá-lo de demônios. Você pode imaginar? — Um sorriso largo e sonhador se espalha em seu rosto. — Viver em um mundo de flores? Um grande jardim, como o planeta deveria ser.

— Viu? Instável.

Ela rosna para mim e bate o pé.

— Eu poderia fazer isso, Addie. Eu sei que tenho um temperamento, e que eu precisaria de ajuda. Mas eu poderia consertar este mundo — ela me diz com veemência.

Inclinando minha cabeça, eu realmente considero o que ela está dizendo. Os métodos de Sibby precisariam ser controlados, mas… ela é reconhecidamente a pessoa mais fanática que já conheci quando se trata de livrar o mundo do mal. Isso é realmente possível? Claro que não. Mas talvez ter alguém que acredite nisso não seja tão ruim. E com seu talento para cheirar os que estão podres, ela poderia ter uma equipe de pessoas que têm boas intenções para ajudá-la.

— O que você faria? — pergunto.

— Espere, você acha mesmo que ela poderia fazer isso? — Daya interrompe incrédula, seus olhos saltando entre Sibby e eu.

Sorrindo, eu dou de ombros.

— Ela seria melhor do que Claire. E ela não faria isso sozinha. Todo o seu propósito na vida é melhorar este mundo, não é?

Os lábios de Daya se abrem, debatendo-se por uma objeção, mas sem chegar a nenhuma. Realmente, qualquer um colocado nessa posição de poder poderia ser contestado. Não existe pessoa perfeita por aí. Sibby não está livre de pecado, mas suas intenções são puras.

Estranhamente, ela seria a menos propensa a abuso de poder ou ser influenciada negativamente.

Ela é muito… apaixonada.



Uma leve batida na porta desvia minha atenção do treinamento com Sibby. Claro, seu punho está se movendo na minha bochecha um segundo depois, quase me fazendo cair.

Ouvidos zumbindo, eu agarro o lado do meu rosto e olho para ela. Ela sorri descontroladamente para mim, e ela nem precisa abrir sua boca estúpida para eu saber o que ela vai dizer.

Nunca olhe para longe do seu oponente.

Eu aponto para ela.

— Nunca durma com os dois olhos fechados, que tal isso?

Ela ri e se dirige para os degraus enquanto eu faço meu caminho para a porta da frente, suando profusamente e minha cabeça agora latejando. Isso me irrita o suficiente para eu abrir a porta sem me preocupar em olhar quem está do lado de fora primeiro.

Meus olhos se arregalam quando encontro um homem estranho que nunca vi antes ao lado de minha mãe.

Eu fico boquiaberta para eles, surpresa demais para fazer muito mais. Como sempre, seu cabelo loiro está perfeitamente penteado com uma camada de batom rosa-claro iluminando seus lábios. E ela está me encarando, esperando que eu fale, mas eu sou incapaz.

— Ei, querida — mamãe diz, sorrindo fracamente para mim.

Finalmente me sacudindo do estupor, meu corpo se move no piloto automático.

Inclinando-me para frente, eu a envolvo no abraço mais gentil do mundo, cautelosa com sua ferida, mas tão feliz por vê-la. Lágrimas brotam dos meus olhos, borrando minha visão enquanto meus seios da face queimam pelo esforço de mantê-los afastados.

Ela dá um tapinha nas minhas costas.

— Querida, você está fedendo.

— Desculpe — digo, mas não estou nem um pouco arrependida. Piscando para conter as lágrimas, eu me afasto.

Ela torce o nariz para mim, mas fica firme em seu lugar. É um alívio quando não a vejo nem falo com ela desde o dia em que a trouxemos para casa, há mais de um mês. Parei de ligar para o meu pai, decidindo que ouvir seus insultos não seria bom para nenhum de nós.

— Por que você está aqui? Onde está o papai? E quem é você? — questiono, direcionando o último para o estranho ao lado dela.

Agora que estou olhando para ele, estou ainda mais confusa. Cabelo castanho-claro, o topo bagunçado e indisciplinado, lindos olhos azuis e um sorriso matador. Quase tão assassino quanto seu corpo. Ele não pode ser mais velho do que eu, mas ele se comporta com uma confiança refinada, algo que a maioria dos homens da minha idade não possui.

Uma sensação estranha atinge meus sentidos, embora eu não consiga discernir exatamente o quê.

Tudo que eu sei é que ele é gostoso pra caralho. O que diabos minha mãe está fazendo com ele?

— Kraven — responde com um sorriso.

— Oh, meu Deus, este é o seu namorado? — pergunto, os olhos arregalados.

— Adeline Reilly, não seja inadequada. Claro que ele não é. Ele tem ajudado a cuidar de mim enquanto eu me recupero. Agora me deixe entrar, tenho dez segundos antes de cair na sua porta e não me levantar novamente.

Vejo que está dramática como sempre.

Kraven sorri, covinhas aparecendo quando ele agarra o braço da minha mãe e a ajuda a entrar na casa e em direção ao sofá de couro vermelho. Silenciosamente, eu os observo passar, me perguntando como diabos ela convenceu meu pai a deixar outra pessoa cuidar dela até que ela se recuperasse. Especialmente alguém que se parece com… isso.

E esse pode não ser o namorado dela, mas a forma como suas bochechas ficam vermelhas, ela definitivamente é afetada por ele. Com toda a honestidade, se minha mãe acabasse com um homem mais jovem… bom para ela.

Eu ficaria orgulhosa.

Cortando esses pensamentos, fecho a porta da frente e sento em frente a ela. Sibby provavelmente está tomando banho no andar de cima, e Zade está rastreando um usuário da *dark web* que tem um talento especial para torturar crianças em um feed de vídeo ao vivo.

Quando não estou treinando com Sibby, estou trabalhando na minha nova história. Senti falta de escrever, e serviu como uma excelente fuga agora que Claire está morta. Muito em breve, terei terminado meu primeiro livro desde que voltei para casa, e acredito sinceramente que é minha melhor escrita até hoje.

— Como você está se sentindo? — pergunto a ela, olhando para Kraven.

— Irritada — ela bufa. — Seu pai está me deixando louca.

Eu aperto meus lábios, uma dor lancinante no meu peito com a lembrança dele, mas também estranhamente confortada que ela o acha tão ridículo quanto eu.

— Ele sabe que você está aqui? — pergunto.

— Mudaria alguma coisa se ele o fizesse? — retruca ela. Lá vai o nariz dela, subindo no ar com superioridade. Isso traz um sorriso ao meu rosto.

— Eu tentei ver você — murmuro.

Ela visivelmente suaviza.

— Eu sei que você fez, querida. Eu estava fraca demais para fazer muito, mas não concordei com seu pai. Independentemente do seu gosto horrível para homens, você é minha filha e sempre será.

Eu dou a ela um olhar engraçado.

— Claramente, eu não sou a única com gosto horrível para homens — digo, incisiva.

Ela faz uma pausa, e então me surpreende rindo. Agora parece que sou eu com o ferimento de bala. Quer dizer, eu sou engraçada, eu sei disso. Mas minha mãe nunca pensou assim.

— Acho que não — ela admite. — Onde está seu namorado, a propósito? Gostaria de agradecê-lo.

Minhas sobrancelhas saltam de surpresa, e agora me pergunto se Sibby me bateu com tanta força que me enviou para um universo alternativo.

— Não me dê esse olhar — ela zomba. — Ele pode ser uma má influência, mas salvou minha vida. Assim como aquele bom médico dele.

— Ele não está aqui agora, mas vou avisá-lo.

Ela balança a cabeça rigidamente, olhando para o teto quando as tábuas do piso acima rangem.

Pode ter sido Sibby, mas também pode não ter sido. Talvez seja Gigi – eu não a vejo há algum tempo. Mas essa é a diversão no Casarão Parsons. Você nunca sabe.

Movendo-me desconfortavelmente, eu abro minha boca, me preparando para outro pedido de desculpas, mas ela levanta a mão, me silenciando.

— Eu sei o que você vai dizer. Outra coisa sobre a qual seu pai atroz estava errado. Não foi sua culpa que eu levei um tiro, Adeline. Não me lembro muito do que aconteceu, e sou grata por isso. Mas o que eu sei é que aquele homem estava apontando uma arma para sua cabeça. E se levar um tiro no peito significa que minha filha não tem um no crânio e está a um metro e meio de profundidade… então valeu a pena.

Meu lábio treme, lágrimas frescas revestem minhas pálpebras. Eu mergulho meu queixo, trabalhando para recuperar minha compostura antes que eu seja reduzida a uma bagunça chorando.

— Obrigada — sussurro, minha voz apertada e rouca.

Quando encontro seu olhar, é suave e quase triste. Isso só faz meu peito doer mais.

Limpando minha garganta, eu seco minhas lágrimas, preparando-me para mudar de assunto.

— Então, uh, Kraven, por que seus pais lhe deram esse nome?

Mamãe suspira, balançando a cabeça com a minha grosseria. Qualquer que seja.

É uma pergunta válida.

Ele sorri.

— É o nome do meu pai — ele responde. Vagamente.

— Ok, Kraven Jr., para qual empresa você trabalha?

— Addie — mamãe retruca, mas eu a ignoro. Além disso, é uma pergunta válida.

— Minha mãe é uma enfermeira de saúde domiciliar e, com a permissão dos pacientes, eu acompanho às vezes para ajudar. — Ele dá de ombros, olhando para minha mãe. — Todos nos demos muito bem, então quando Serena precisa de ajuda para dar recados ou se locomover, eu dou uma mão a ela.

Mamãe sorri calorosamente.

— Sua mãe é um completo anjo, e Kraven também é uma joia. Seu pai voltou a trabalhar muito, então a mão extra foi uma grande ajuda.

Relaxando, eu aceno com a cabeça, aliviada por ela ter sido cuidada tão bem.

Normalmente, não sou uma pessoa desconfiada, mas minhas habilidades de

luta não foram a única coisa que aprimorei ao longo dos meses. Meus instintos são afiados, e embora eu não tenha necessariamente uma vibe ruim de Kraven, eu sinto que ele não é tudo o que faz parecer.

Antes que eu possa dizer outra palavra, Sibby desce as escadas, cabelo molhado do chuveiro, rosto fresco e vestindo um vestido uma camiseta azul-royal como vestido e grandes chinelos de coelho rosa nos pés.

Bem quando ela vai dizer alguma coisa, ela congela, seu corpo inteiro travando. Como se estivesse em câmera lenta, seus olhos deslizam para Kraven, se arregalando quando seus olhares se chocam.

— O que diabos você está fazendo aqui? — estala ela.

Droga. Eu sabia que havia algo de errado com ele.

Com as sobrancelhas levantadas, eu me viro para o cuidador de mamãe, encontrando-o tão surpreso quanto Sibby.

— Eu poderia te perguntar a mesma coisa, Sibel.

EPÍLOGO
O CAÇADOR



Três meses depois

— Ainda não consegue encontrá-la? — pergunto à Daya, olhando para ela enquanto pego minha salada. Eu bato meu garfo em um crouton, e o observo cair do meu prato.

Ela torce os lábios, um lampejo de culpa em seus olhos verdes.

— Não — ela admite. — Não é de admirar que ela tenha se livrado de um assassinato por tanto tempo. Ela realmente sabe como desaparecer.

Eu aceno com a cabeça, lutando para manter a frustração sob controle. Não é culpa de Daya, ou Jay, ou mesmo minha que não podemos encontrá-la. A pequena matadora de demônios sabe como se esconder – ela está fazendo isso há muito tempo para cometer o erro de ser pega uma segunda vez.

Três meses atrás, Sibby desapareceu. Não sabemos onde ela está, mas sabemos que Kraven está com ela.

Addie disse que quando Kraven veio com Serena para visitar, ela sabia que tinha algo diferente nele. E então, quando Sibby o viu, foi como ver um fantasma se materializar bem diante de seus olhos.

Eles não falaram muito, provavelmente porque Addie e Serena estavam assistindo, mas aparentemente, eles disseram tudo o que precisavam em silêncio.

Naquela noite, ela saiu enquanto Addie e eu estávamos dormindo. E não vimos nenhum deles, desde então. Kraven também desapareceu sem dizer uma palavra, e tanto a mãe dele quanto a de Addie estão muito preocupadas.

— Ela vai me dar cabelos grisalhos — murmuro, golpeando a verdura com meu garfo.

Daya brinca com a argola de ouro no nariz, os cantos dos olhos apertados enquanto ela e Addie trocam um olhar.

Enquanto Sibby é boa em se esconder, o fato de que meu programa de

reconhecimento facial não a viu em uma única câmera por toda a porra do mundo por *três meses* – as meninas presumiram que ela está morta.

Mas eu me recuso a acreditar nisso. Foda-se isso.

Eu sei que ela está lá fora; eu só gostaria de saber o que diabos ela está fazendo.

— Ela vai aparecer — Addie intervém, embora ela não pareça confiante. Ela pega sua salada e murmura: — Ela sempre sabe como nos surpreender.

Apertando meus lábios, suas palavras me lembram do pequeno segredo que tenho queimando um buraco no meu bolso de trás. Se eu esconder isso dela, não só não serei capaz de viver com isso, mas ela também ficaria magoada se descobrisse. E por mais que eu goste de causar dor em Addie, só é prazeroso quando termina com ela gozando em todo o meu rosto ou pau.

Gemendo internamente, eu mordo engulo e digo:

— Falando em surpresas.

Seus olhos cor de caramelo se erguem em confusão, e eu enfio a mão no bolso, tiro o bilhete e o jogo para ela. Franzindo a testa, ela o pega e lê rapidamente, seus olhos se arregalando enquanto ela registra o que diz.

Lentamente, seu olhar redondo deriva para mim, e eu arqueio uma sobrancelha.

— Estava no correio. Mas acho que ainda preciso ser convencido, se você me perguntar — digo a ela, referindo-me ao bilhete. Sua boca se curva para cima, e a surpresa se transforma em alívio.

E acho que posso viver com ela sendo feliz, mesmo que seja um idiota do caralho que está causando isso.



Addie se debate violentamente, sua mão chegando a poucos centímetros do meu rosto enquanto um grito de agonia sai de sua língua, seguido pelo que soa como o nome de Xavier. Minha visão escurece, e estou furioso que os monstros que poluem seus pesadelos não sejam *eu*.

Eu sou o único monstro autorizado a assombrar seus sonhos de merda.

Cerrando os dentes, agarro seu braço agitado e a rolo para o lado, de costas para mim. Enfiando o braço em seu peito, eu a puxo com força contra mim.

Sua carne nua desliza contra a minha, provocando um desejo carnal no fundo do meu peito. Vai além de reivindicá-la. Eu quero possui-la. Marcá-la. Encaixar-me tão profundamente dentro dela que não há mais Adeline Reilly fora de mim.

Eu me apoio em meu cotovelo e libero seu braço para cuspir em meus dedos e esfregar a umidade em meu pau. Respirando fundo, eu me afundo dentro dela, fechando meus olhos tanto pela queimação da fricção quanto pelo quão bem pra caralho ela se sente.

Ela acorda com um grito assustado, seu pulso vibrando em seu pescoço e sua boceta apertando em volta do meu pau. Eu mordo um gemido, muito extasiado com o olhar de pânico em seus olhos e seu tremor visível.

— Zade? — sussurra ela, a voz rouca de seus gritos.

Eu empurro meus quadris uma vez, provocando um suspiro agudo de seus lábios carnudos. Ela fica tensa, depois relaxa, moldando a curva de sua bunda mais profundamente em mim.

— Você me sente, querida? — sussurro, deslizando minha mão por seu estômago, através do vale entre seus seios e até sua garganta delicada. Seu pulso bate contra sua carne, e eu posso sentir cada batida do coração através da coluna de seu pescoço.

Ainda ofegante, ela molha os lábios antes de expirar.

— Sim. Eu sinto você.

Eu começo a cantarolar.

— Quem é o dono dessa boceta, Adeline? — pergunto sombriamente.

— Você — sussurra ela, a resposta automática.

— Boa menina! — murmuro. — O homem em sua cabeça não é o monstro, ratinha. Eu sou. Toda vez que você gritar o nome de outra pessoa, eu o substituirei pelo meu. E eu não me importo o quanto isso dói.

Eu remexo meus quadris para ela, e ela estremece contra mim, gemidos saindo de seus lábios.

O luar atravessa as portas da varanda, pintando nossos corpos em uma aura suave que só o céu pode criar. Meus olhos traçam as curvas de nossos corpos, linhas suaves que separam sua alma da minha.

Dois seres, marcados e profanados, mas parecemos uma porra de arte. Uma obra-prima que nem mesmo da Vinci poderia fazer justiça. Eu quero prendê-la na parede e mostrar a ela como é a arte quando é alimentada pela paixão.

— Quando você está com medo e mal consegue respirar, é aqui que eu estarei. Bem dentro de você. Esteja eu com você fisicamente ou em seu coração, sempre estarei aí.

Ela estremece, e eu retiro meus quadris antes de dirigir profundamente dentro dela, tirando um gemido rouco de sua garganta.

Meu controle escorrega, e eu me deixo quebrar por um momento, minha

cabeça caindo para trás, os olhos fechando, e um gemido escapando da sensação de sua boceta perfeita em volta de mim.

Maldito nirvana.

Abaixando meu queixo, traço a curva de seu pescoço pulsante com meus lábios, então mordo seu pulso como um homem possuído. Seu medo tem um gosto muito melhor do que eu imaginava.

Ela inala bruscamente, e eu deslizo minha boca até sua orelha, apaixonado pela forma como ela estremece embaixo de mim.

— Eu vou afugentar seus demônios, Adeline, e eles vão correr e se esconder porque eu sou mais assustador.

Eu empurro dentro dela profundamente para enfatizar meu ponto, ganhando um suspiro agudo. Sua mão bate no meu quadril, deslizando para trás até que suas garras cavam na minha bunda.

— Zade — sussurra ela, arqueando as costas e se esfregando em mim.

Mordendo de volta outro gemido, eu levanto sua perna e engancho meu braço sob seu joelho, mantendo meus impulsos curtos e fortes e atingindo aquele ponto doce dentro dela que faz sua boceta umedecer. Os olhos de Addie se fecham, gemidos sonolentos enchendo o quarto e dentro do meu peito, me estimulando a fodê-la mais forte e mais rápido.

Eu ancoro sua perna mais alto deslizando minha mão até sua garganta e apertando com força, provocando gemidos mais agudos com o novo ângulo. Cerro os dentes, dominada por uma chuva de emoções. Fúria. Amor. Necessidade. *Obsessão.*

À medida que eles incham e aumentam, minha mão sobe por seu pescoço e para a parte inferior de sua mandíbula.

— Olhe para mim enquanto eu arruíno você, Adeline.

Aperto mais forte, e empurro seu rosto em direção ao meu, capturando suas grandes piscinas de caramelo com as minhas.

— Você sempre será minha — rosno. — Mesmo em seus malditos pesadelos.

Um grito passa por seus lábios, mas ela não se esquiva. Não, ela encontra cada um dos meus impulsos com uma força própria.

Prazer corre pela minha espinha, reunindo-se na base e quase me cegando com êxtase.

— Oh, meu Deus, Zade, por favor — ela implora sem fôlego.

Soltando sua mandíbula, deslizo minha mão pela sua barriga até sua boceta encharcada, as pontas dos meus dedos provocando seu clitóris.

— Você implora tão bonito, ratinha — murmuro. — Mas eu quero ouvir você

gritando por misericórdia.

Eu saio dela, meu pau protestando alto, e é quase doloroso rolar para longe dela para encostar na mesa de cabeceira.

— O que você está fazendo? — ela geme, e eu só sei que sua boceta está apertando, procurando por mim.

Agarrando o que eu preciso, eu a coloco de volta em meus braços. Seu queixo repousa em seu ombro enquanto ela tenta descobrir o que estou fazendo. Ela parece divina ao luar, e isso quase me distrai.

Destampo o lubrificante, molho meu pau no líquido, cerrando os dentes enquanto o espalho pelo meu comprimento. Ainda sofrendo com a perda de sua boceta, meus quadris empurram em minha mão involuntariamente como um selvagem sem restrição.

É como eu sempre disse a ela, eu não tenho controle com ela.

— Zade — ela fala, alarmes soando no tom de sua voz.

Antes de jogar o frasco por cima do ombro, esguicho uma generosa quantidade de lubrificante em meus dedos, em seguida, deslizo-os pela fenda de sua bunda. Ela inala bruscamente enquanto eu cubro seu traseiro, e choraminga quando enfio um dedo dentro, depois outro, esticando-a e preparando-a para o que está por vir. Ela estremece, e seja de surpresa ou medo, ela é incapaz de fazer qualquer outra coisa além de respirar.

Eu tomo meu tempo esticando-a, beliscando ao longo de seus ombros e deixando mordidas de amor enquanto tiro pequenos gemidos de sua garganta. No momento em que me retiro, ela está ofegante e seus músculos estão soltos. Deslizo minha mão sob sua coxa e a levanto mais uma vez.

— Espere — respira ela. — Você é muito grande. Não sei se aguento.

— Seu corpo foi feito para mim. Então, você vai ser uma boa garota e aceitar isso.

Eu só sei que o medo está escorrendo por sua corrente sanguínea agora, e sua boceta está encharcada pra caralho em resposta. Ela está nervosa, mas mantém aqueles dentinhos brancos colados.

Garota esperta.

— Você confia em mim? — pergunto, divertido, quando seus olhos se aproximam dos meus, facas afiadas atirando deles.

— Eu confio em você com a minha vida. Mas eu confio em você para não me rasgar ao meio? Absolutamente não.

Eu sorrio, mostrando meus dentes em um sorriso selvagem.

— Você gosta da minha dor, não é, Addie?

Antes que ela possa protestar, eu posiciono a cabeça do meu pau em sua entrada apertada e gentilmente empurro. Seus olhos se abrem, a dor registrando enquanto eu a estico lentamente. Meus dedos estão trabalhando em seu clitóris, equilibrando a agonia com prazer.

— Zade — ela respira, uma guerra furiosa dentro dela. Suas unhas estão cravando na minha coxa enquanto eu passo pelo círculo apertado e me afundo lentamente dentro dela.

Gemendo, mordo seu ombro, quase vibrando com a necessidade de tanto tirar sangue quanto foder sua bunda até que ela esteja soluçando.

De alguma forma, eu me abstenho de ambos. Por mais que eu ame machucá-la, não tenho vontade de fazê-lo sem lhe dar prazer também.

Metodicamente, eu trabalho dentro dela até que não haja mais nada de mim para dar.

— Porra, querida, você faz isso tão bom pra caralho — eu louvo. — É isso, boa menina, abra para mim.

Ela agarra os lençóis e, como uma flor desabrochando sob a luz do sol, seu corpo inteiro relaxa, me aceitando dentro dela como se fosse a única coisa que lhe dá vida.

Nós dois estamos tremendo, no precipício de quebrar de quão firmemente nós estamos encaixados. Dou-lhe trinta segundos – um pequeno incremento de tempo para se ajustar. É todo o controle que possuo.

Soltando uma respiração profunda bem quando eu atinjo essa marca na minha cabeça, eu me retiro para a ponta antes de dirigir de volta para dentro dela. Ela gane, e eu circulo seu clitóris com mais força, ganhando um gemido sexy que me deixa tenso com a necessidade.

— Eu possuo cada parte de você, Adeline. E eu vou fazer você me sentir por dias quando eu terminar com você. — Eu estabeleço um ritmo constante, seu corpo como barro macio sob minhas mãos insistentes, e eu a moldo em mim até que nós dois nos tornemos um.

— Deus — ela geme, sua voz embargada de prazer.

— É isso, continue gemendo meu nome. Eu vou nos levar para casa, para o paraíso se você orar o suficiente — provoco, fodendo-a com mais força.

— Oh, Deus, assim — ela engasga, sua cabeça caindo para trás. — Bem aí, Zade.

Eu rosno, o prazer se acumulando na base da minha espinha, os sons da nossa carne batendo surgindo.

— Olhe para você, tomando meu pau como uma boa prostituta — assobio. —

Você está me apertando tão forte que é como se não suportasse me perder.

— Sim — ela choraminga, sua voz rouca e carregada de desejo.

— Sim? Você quer mais profundo?

Ela ofega, balançando a cabeça ansiosamente, e é tudo que posso fazer para não gozar dentro dela.

Eu a viro de bruços e rolo em cima dela, então levanto seus quadris até que ela esteja de joelhos. Seu suspiro fica afiado quando eu deslizo de volta para dentro de sua bunda apertada, o ângulo me permitindo fodê-la mais fundo.

— Oh, porra — sussurra ela, terminando com um grito agudo. Ela se empurra para frente, quase como se fosse se afastar, mas eu aperto seus quadris, me recusando a deixá-la escapar.

— Você aguenta, ratinha? — desafio. — Eu sei o quanto gosta de correr, mas quero ver como fica quando você permanece.

Ofegante, ela bate de volta em mim, fazendo minha cabeça retroceder da felicidade absoluta. Leva alguns segundos para recuperar meu juízo, à beira do precipício de perdê-lo completamente.

— Aí está minha boa putinha — murmuro, então começo a me mover, gradualmente acelerando meu passo, certificando-me de não a machucar.

— Zade… — ela geme, longo e alto enquanto eu a fodo mais rápido, estimulada pelo jeito que ela arqueia as costas, quase implorando por mais.

Logo, ela está encontrando meus impulsos, e o prazer que se estabeleceu na base da minha espinha aumenta. Eu me aproximo dela, uma mão segurando os fios castanho-avermelhados e dobrando sua cabeça para trás até que nossas bocas se toquem, enquanto minha outra desliza por baixo dela e encontra seu clitóris inchado, deliciando-se com a maneira como ela começa a soluçar.

O suor cobre nossa pele, e os sons vulgares derivados de onde eu a fodo duelam com os ruídos agudos da carne batendo na carne. No entanto, seus gritos se elevam acima de tudo, enchendo o quarto e se entrelaçando com meus próprios gemidos, um crescente de prazer ecoando por todo o Casarão Parsons.

Eu troco entre beijar e beliscar seus lábios e pairar sobre eles, engolindo cada sílaba que ela produz.

Ela fica tensa, e sua bunda apertada aperta em torno do meu pau enquanto ela se aproxima de seu clímax. Eu esfrego seu clitóris mais rápido, desesperadamente perseguindo-a em direção a ele para que eu possa mandar nós dois voando.

Seus olhos fecham e ela estremece como se um demônio estivesse sendo exorcizado de seu corpo. E então ela quebra. Um grito sai de sua garganta, o som

torturado sangrando meu nome.

— *Porra*, Addie!

Minha cabeça cai para trás, e um orgasmo percorre através de mim, roubando minha respiração e visão. Estou cego de quão profundamente isso me acerta, jatos de esperma enchendo-a tão completamente, que vaza por sua entrada e se acumula abaixo de nós.

Os sons que saem da minha garganta são desenfreados, minha voz rouca com o êxtase que consome tudo.

Demora vários minutos para minha visão voltar, e quando isso acontece, encontro Addie de bruços, ofegante e parecendo à beira de desmaiar.

Lutando para recuperar o fôlego, eu gentilmente saio dela e caio de costas, minha cabeça ainda nadando.

Mas me recuso a deixá-la assim, então me forço a levantar e entro no banheiro, onde pego uma pequena toalha e a molho com água morna.

Quando volto para ela, eu gentilmente a limpo, certificando-me de que não haja sangue de qualquer lugar. Eu vou ter que pegar uma pomada para ela de qualquer maneira, já que ela vai estar dolorida.

— Da próxima vez — ela murmura na cama —, estarei fugindo de você.

Eu sorrio, estendendo a mão para pegar uma rosa da mesa de cabeceira e depois enfiá-la em seu ouvido, sussurrando:

— Você sabe o quanto eu amo perseguir você, querida.

— Você é uma ameaça — ela resmunga, pegando a rosa de seu cabelo e girando a haste lisa em seus dedos. Ela se engasga quando um anel cai dela e rola na cama.

Como se fosse uma aranha, ela hesitantemente o pega, girando-o para dar uma boa olhada. É uma faixa de ouro branco em forma de videira com pequenas joias brancas incrustadas nela. O círculo se forma em uma rosa composta de rubis vermelhos brilhantes.

— Não há diamantes nele — murmuro.

Ela engole e resmunga:

— Você está propondo porque está apaixonado por mim ou porque eu te dei anal?

Eu inclino minha cabeça para trás, uma risada saindo da minha garganta. E quando eu abaixo minha cabeça novamente, um sorriso ainda no meu rosto, ela está deslizando o anel em seu dedo.

— Não responda a isso. Você vai me fazer mudar de ideia se disser que é porque está apaixonado por mim. Eu quero ser recompensada pelo anal.

Meu sorriso se alarga, e eu a rolo para mim, beijando seu ombro nu.

— Eu te amo, sabe?

— Eu sei — sussurra ela. — E eu vou me casar com você de qualquer maneira porque eu também te amo.

Eu nunca vou me cansar de ouvi-la dizer isso.

— Ei, Zade?

— Sim, querida?

— Obrigada por me trazer a felicidade.

Eu mordo meu lábio, sentindo meu peito rachar de como eu sou viciado nessa garota.

Eu estava errado.

O céu não é um lugar para onde você vai quando morre, ele está dentro da pessoa pela qual vale a pena morrer.

— Addie?

— Sim?

Eu trago minha boca perto de sua orelha, deliciando-me com o jeito que ela estremece. Já estou duro por ela novamente, minha obsessão sem limites.

— Corra, ratinha.

CARTA

Eu não sei o que você fez para convencê-lo e eu realmente não quero saber. Obrigado por salvar Katerina e a mantê-la segura. Mas foda-se por poupar minha vida.

Especialmente porque eu acho que você fez isso por puro despeito, e eu não posso te culpar por isso.

Fique segura, princesa.

Leitor,

Para uma melhor experiência, leia SATAN´S AFFAIR.

AGRADECIMENTOS



Tenho muitas pessoas para agradecer, mas sempre começo com meus leitores. Vocês são a luz da minha vida, e eu sou muito grata por cada um de vocês. Obrigada por continuarem a me apoiar, mesmo quando tenho dificuldade em entender o porquê.



Para meus alfas – May, Amanda e Tasha – vocês três provavelmente estão cansadas de mim agora. Eu reclamo muito, e reclamo sobre o quão ruim eu sou e como esses livros são horríveis, e vocês continuam a arcar com isso. Mas falando sério, não sei o que faria sem nenhuma de vocês. Provavelmente, livros ainda piores. Eu acho que eu realmente morreria sem vocês, e nunca vou encontrar as palavras no dicionário para expressar o quanto eu amo vocês. Nunca me deixem.



Um agradecimento especial a Autumn por colocar este livro nos trilhos. Você me ajudou com este livro mais do que imagina, e serei eternamente grata a você. E aos meus outros betas, obrigada por tolerarem uma versão tão ruim desses livros e ajudar a torná-los melhores.



Angie… também não sei por que diabos você me atura, mas sou gananciosa e vou ficar com você para sempre. Obrigada por ficar ao meu lado e sempre ser tão confiável, calorosa e simplesmente uma amiga fantástica. Eu te amo.



Rumi… você também está presa a mim. Obrigada por fazer um trabalho tão incrível arrumando este rascunho e tornando-o lindo.

Claro, um agradecimento especial à Cat por essas capas LINDAS, e a Chelsea por fazer as tripas ficarem bonitas.



Por último, mas não menos importante, obrigada a Victor, que praticamente administra meu cérebro e impede que essa coisa de autor quebre, falhe e depois exploda. Eu te amo.

SOBRE A AUTORA

HD Carlton cresceu em uma pequena cidade em Ohio, e sofreu por anos pelas mãos da Mãe Natureza amaldiçoando a área com todas as quatro estações no espaço de uma semana. De dia, ela faz coisas adultas chatas, à noite, ela está colocando sua imaginação em palavras enquanto seu gato sobe em cima dela. Ela publicou alguns poemas, mas agora ela se dedica a transformar a poesia em uma história. Uma história que preferencialmente apresenta mundos perversos com o pior tipo de vilões que *não* falam de si em terceira pessoa.

